NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *UPROOTED*



# Naomi Novik

# Spinning Silver

# SPINNING SILVER

## NAOMI NOVIK

Traduzido, revisado e diagramado por @chaoticslates

# CONTEÚDO


CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

# CAPÍTULO 1

A história real não é tão bonita quanto a que você ouviu.

A história real é que a filha do moleiro, com seus longos cabelos dourados, quer apanhar um lorde, um príncipe, o filho de um homem rico, então ela vai ao agiota e pede emprestado um anel e um colar e se prepara para o festival. Ela é bonita o suficiente, então o lorde, o príncipe, o filho do homem rico a notam e dançam com ela, e a jogam em um palheiro silencioso quando a dança termina, e depois ele vai para casa e se casa com a mulher rica que sua família havia escolhido para ele. Então a filha despojada do moleiro diz a todos que o agiota está aliado ao diabo, e a vila o expulsa ou talvez até o apedreja, então pelo menos ela consegue guardar as joias para um dote, e o ferreiro se casa com ela antes que o primogênito venha um pouco mais cedo.

Porque é disso que realmente se trata a história: se livrar de suas dívidas. Não é assim que eles contam, mas eu sabia. Meu pai era um agiota, veja bem.

Ele não era muito bom nisso. Se alguém não o pagou no prazo, ele tampouco mencionou isso a eles. Somente se nossos armários estivessem realmente vazios, ou nossos sapatos estivessem caindo de nossos pés e minha mãe falasse baixinho com ele depois que eu estivesse na cama, ele iria infeliz e batia em algumas portas, e fazia parecer um pedido de desculpas quando ele pedia um pouco do que deviam. E se havia dinheiro na casa e alguém pedia emprestado, ele odiava dizer não, mesmo que não tivéssemos realmente o suficiente. Então todo o dinheiro dele, a maior parte do dinheiro da minha mãe, o dote dela, ficou na casa de outras pessoas. E todos os outros gostaram das coisas assim, mesmo sabendo que deveriam

ter vergonha de si mesmos, por isso contavam a história frequentemente, e especialmente, quando eu podia ouvi-la.

O pai da minha mãe também era um agiota, mas ele era muito bom. Ele morava em Vysnia, a quarenta quilômetros de distância, pela antiga estrada comercial que se arrastava de vila em vila como uma corda cheia de pequenos nós sujos. Mamãe costumava me levar para visitas, quando ela podia usar alguns centavos para pagar alguém para nos deixar andar na parte de trás da carroça ou do trenó de um vendedor ambulante, cinco ou seis trocas ao longo do caminho. Às vezes, vislumbramos a outra estrada por entre as árvores, a que pertencia ao Staryk, brilhando como o topo do rio no inverno, quando a neve soprava clara. — Não olhe, Miryem — dizia minha mãe, mas eu sempre ficava olhando pelo canto do olho, esperando manter a visão dela por perto, porque significava uma jornada mais rápida: quem quer que estivesse dirigindo a carroça, batia nos cavalos e apressava-os até que nos afastássemos novamente.

Certa vez, ouvimos os cascos atrás de nós, saindo da estrada, um som como gelo rachando, e o motorista bateu rápido nos cavalos para colocar o carrinho atrás de uma árvore, e todos nós nos aconchegamos ali no poço da carroça entre os sacos, o braço da minha mãe em volta da minha cabeça, segurando-me para que eu não pudesse ficar tentada a dar uma olhada. Eles passaram por nós e não pararam. Era um carrinho de vendedor ambulante, coberto de potes de lata, e os cavaleiros de Staryk só vieram cavalgar em busca de ouro. Os cascos passaram tremulando, e um vento fino como uma faca soprou sobre nós, então, quando me sentei, a ponta da minha trança fina estava branca como a geada, assim como toda a manga da minha mãe onde ela se enrolava em volta de mim e de nossas costas. Mas a geada desapareceu e, assim que desapareceu, o vendedor disse à minha mãe: — Bem, isso foi descanso o suficiente, não é? — Como se ele não se lembrasse do porquê de termos parado.

— Sim — minha mãe disse, acenando com a cabeça, como se ela também não se lembrasse, e ele voltou para o banco do motorista, agarrou-se aos cavalos e nos pôs em marcha novamente. Eu era jovem o suficiente para lembrar pouca coisa depois disso, e não tinha idade para me importar tanto com o Staryk quanto com o frio comum que mordia minhas roupas e meu estômago comprimido. Eu não queria dizer nada que pudesse fazer o carrinho parar de novo, impaciente para chegar à cidade e à casa do meu avô.

Minha avó sempre tinha um vestido novo para mim, marrom liso e opaco, mas quente e bem-feito, e a cada inverno um par de sapatos de couro novos que não beliscavam meus pés e não eram remendados e rachados nas bordas. Ela me alimentava a ponto de explodir três vezes por dia, e na última noite antes de partirmos, ela sempre fazia cheesecake, que era assado e dourado por fora, e grosso, branco e quebradiço por dentro, com um pouco de sabor de maçã, e ela fazia decorações com doces passas douradas no topo. Depois que eu comia lenta e persistentemente cada última mordida de uma fatia mais larga que a palma da minha mão, ela me colocava na cama no andar de cima, no grande e aconchegante quarto onde minha mãe e suas irmãs dormiam quando meninas, na mesma estreita cama de madeira esculpida com pombas. Minha mãe sentava-se ao lado de minha avó junto à lareira e colocava a cabeça em seu ombro. Elas não falavam, mas quando eu me tornei um pouco mais velha e não adormecia imediatamente, podia ver no brilho da lareira que ambas tinham um pequeno rastro úmido de lágrimas em seus rostos.

Nós poderíamos ter ficado. Havia espaço na casa do meu avô, feito para nós. Mas sempre fomos para casa, porque amávamos meu pai. Ele era péssimo com dinheiro, mas era infinitamente mais caloroso e gentil, e tentava compensar suas falhas: passava quase todo o dia na floresta fria, à procura de comida e lenha, e quando estava dentro de casa não havia nada que ele não faria para ajudar minha mãe. Não se falava em trabalho feminino em minha casa e, quando passamos fome, ele ficava com mais fome e colocava comida de seu prato no nosso. Quando ele se sentava ao lado da lareira à noite, suas mãos estavam sempre trabalhando, talhando algum novo brinquedo para mim ou algo para minha mãe, uma decoração em uma cadeira ou uma colher de pau.

Mas o inverno era sempre longo e amargo, e todos os anos eu tinha idade suficiente para lembrar que era pior do que o anterior. Nossa cidade estava sem muros e meio sem nome; algumas pessoas disseram que se chamava Pakel, por estar perto da estrada, e quem não gostava disso, porque isso os lembrava de estar perto da estrada de Staryk, gritava e dizia que se chamava Pavys, por estar perto do rio, mas ninguém se preocupou em colocá-la em um mapa; portanto, nenhuma decisão foi tomada. Quando conversamos, todos chamamos de *cidade.* Era bem-vinda aos viajantes, um terço do caminho entre Vysnia e Minask, e um pequeno rio atravessava a estrada que ia de leste a oeste. Muitos fazendeiros traziam seus produtos de barco, então

nosso dia de mercado era movimentado. Mas esse era o limite da nossa importância. Nenhum senhor se preocupou muito conosco, e o tsar em Koron menos ainda. Eu não poderia ter lhe contado para quem o coletor de impostos trabalhava até que, em uma visita à casa de meu avô, soube acidentalmente que o duque de Vysnia estava furioso porque os recibos de nossa cidade vinham rastejando ano após ano. O frio continuava roubando a floresta cada vez mais cedo, comendo nossas colheitas.

E no ano em que completei dezesseis anos, o Staryk também chegou, durante o que deveria ter sido a última semana do outono, antes que a colheita tardia da cevada chegasse. Eles sempre vinham em busca de ouro de vez em quando; as pessoas contavam histórias de vislumbres meio lembrados e os mortos que deixaram para trás. Mas, nos últimos sete anos, à medida que os invernos pioravam, eles se tornaram mais vorazes. Ainda haviam algumas folhas agarradas às árvores quando eles saíram de sua estrada e entraram na nossa, passaram a apenas dez quilômetros de nossa vila até o rico mosteiro no final da estrada, e lá mataram uma dúzia de monges e roubaram os castiçais, e a taça de ouro, e todos os ícones pintados de dourado, e levaram aquele tesouro de ouro para qualquer reino que estivesse no fim de sua própria estrada.

O chão congelou naquela noite com a passagem deles e, todos os dias, um vento forte e constante soprava da floresta carregando turbilhões de neve ardente. Nossa casinha ficava à parte e no final da cidade, sem outras paredes próximas para compartilhar o vento, e ficávamos cada vez mais magros, famintos e tremendo. Meu pai continuava dando desculpas, evitando o trabalho que ele não podia suportar. Mas mesmo quando minha mãe finalmente o pressionou e ele tentou, ele só voltou com um punhado de moedas e disse em desculpas por elas: — É um inverno ruim. Um inverno difícil para todos — quando até mesmo eu não acreditava que eles lhe dariam uma mísera desculpa como aquela. Andei pela cidade no dia seguinte para levar nosso pão ao padeiro e ouvi mulheres que nos deviam dinheiro falando dos banquetes que planejavam cozinhar, das guloseimas que comprariam no mercado. Estava chegando no meio do inverno. Todos eles queriam ter algo de bom na mesa; algo especial para o festival, o festival deles.

Então eles mandaram meu pai embora de mãos vazias, e suas luzes brilhavam na neve e o cheiro de carne assada escapou das rachaduras enquanto eu caminhava lentamente de volta ao padeiro, para lhe dar um

centavo gasto em troca de um grosseiro pão meio queimado que não tinha sido o pão que eu fiz. Ele deu um bom pão a um de seus outros clientes e manteve um estragado para nós. Em casa, minha mãe estava fazendo sopa rala de repolho e juntando óleo de cozinha para acender a lâmpada durante a terceira noite de nossa própria comemoração, tossindo enquanto trabalhava: outro calafrio havia surgido na floresta, e ele rastejava através de cada rachadura beirando de nossa casinha degradada. Só tivemos as chamas acesas por alguns minutos antes de uma rajada que as explodiu, e meu pai disse: — Bem, talvez isso signifique que é hora de dormir — em vez de reacendê-las, porque estávamos quase sem óleo.

No oitavo dia, minha mãe estava cansada demais de tossir para sair da cama. — Ela vai ficar bem em breve — disse meu pai, evitando meus olhos. — Esse frio vai acabar logo. Já faz tanto tempo. — Ele estava cortando velas de madeira, pequenas varetas estreitas para queimar, porque usamos as últimas gotas de óleo na noite anterior. Não haveria milagre de luz em nossa casa.

Ele saiu para debaixo da neve para pegar mais lenha. Nosso estoque estava ficando baixo também. — Miryem— minha mãe disse com voz rouca, depois que ele saiu. Levei-lhe uma xícara de chá fraco com um pouco de mel, tudo o que tinha para confortá-la. Ela tomou um gole e deitou-se nos travesseiros e disse: — Quando o inverno acabar, quero que você vá à casa do meu pai. Ele o levará para a casa do meu pai.

A última vez que visitamos meu avô foi uma noite em que as irmãs de minha mãe foram jantar com seus maridos e filhos. Todas usavam vestidos feitos de lã grossa e deixaram mantos de pele na entrada e tinham anéis de ouro nas mãos e pulseiras de ouro. Eles riram e cantaram, e o quarto inteiro estava quente, embora tivesse sido inverno profundo, e comemos pão fresco, frango assado e sopa quente e dourada cheia de sabor e sal, o vapor subindo pelo meu rosto. Quando minha mãe falou, eu inalei todo o calor dessa memória com suas palavras, e ansiava por isso com minhas mãos frias enroladas em nós dolorosos. Pensei em ir lá para ficar, aquele tipo de garota, que deixa meu pai sozinho e o ouro de minha mãe para sempre nas casas dos vizinhos.

Apertei meus lábios com força e depois beijei sua testa e disse-lhe para descansar. Depois que ela adormeceu, fui para o estoque de lenha ao lado da lareira, onde meu pai guardava seu grande livro de contabilidade. Peguei e tirei a caneta gasta do suporte, misturei tinta nas cinzas da lareira e fiz uma

lista. A filha de um agiota, mesmo a filha de um ruim agiota, aprende seus números. Eu escrevi e calculei e escrevi e calculei, juros e tempo divididos por todos os pequenos pagamentos aleatórios dispersos. Meu pai tinha todos cuidadosamente escritos, tão escrupulosos com todos como ninguém mais estava com ele. E quando terminei minha lista, tirei todo o tricô da bolsa, coloquei meu xale e saí para a manhã fria.

Fui a todas as casas que nos deviam e bati nas portas deles. Era cedo, muito cedo, ainda estava escuro, porque a tosse de minha mãe havia me acordado durante a noite. Todo mundo ainda estava em casa. Então os homens abriram as portas e me encararam surpresos, e eu os olhei na cara deles e disse, fria e dura: — Eu vim para acertar sua conta.

Eles tentaram me afastar, é claro; alguns deles riram de mim. Oleg, o cocheiro com as mãos grandes, fechou-os em punhos, colocou-os nos quadris e olhou para mim enquanto sua esposa, pequena como um esquilo, mantinha a cabeça baixa sobre o fogo, lançando olhares para mim. Kajus, que havia pego emprestado duas moedas de ouro no ano anterior ao meu nascimento e fez um bom krupnik customizado que fabricava nas grandes chaleiras de cobre que comprara com o dinheiro, sorriu para mim e me pediu para entrar e me aquecer, tomar uma bebida quente. Eu recusei. Eu não queria ser aquecida. Eu estava na porta deles, trouxe a minha lista e contei quanto eles haviam emprestado, e quanto eles haviam pago, e quanto eles deviam.

Eles cuspiram e discutiram e alguns deles gritaram. Ninguém jamais gritou comigo na minha vida: minha mãe com sua voz baixa, meu pai gentil. Mas encontrei algo amargo dentro de mim, algo daquele inverno soprado em meu coração: o som da minha mãe tossindo e a lembrança da história do jeito que eles haviam contado tantas vezes na praça da vila, sobre uma garota que fez ela mesma uma rainha com o ouro de outra pessoa, e nunca pagou suas dívidas. Fiquei na porta deles e não me mexi. Meus números eram verdadeiros, e eles e eu sabíamos disso, e quando eles gritavam, eu dizia: — Você tem o dinheiro?

Eles pensaram que era uma abertura. Eles disseram que não, claro que não; eles não tinham essa quantia.

— Então você me pagará um pouco agora, e novamente toda semana, até que sua dívida seja liquidada — eu disse — e pagará juros pelo que você não pagou, se não quiser que eu o envie ao meu avô para fazer justiça para ele.

Nenhum deles viajou muito. Eles sabiam que o pai de minha mãe era rico e morava em uma grande casa em Vysnia, e emprestara dinheiro a cavaleiros e até, segundo boatos, a um senhor. Então eles me deram um pouco, de má vontade; apenas alguns centavos em algumas casas, mas cada um deles me deu alguma coisa. Também deixei que me dessem mercadorias: doze metros de pano de lã quente em vermelho escuro, um pote de óleo, duas dúzias boas de velas altas de cera de abelha branca e uma nova faca de cozinha do ferreiro. Dei a todos um valor justo – o preço que eles teriam cobrado de outra pessoa, não eu, comprando no mercado – e anotei os números na frente deles e disse que os veria na próxima semana.

No caminho para casa, parei na casa de Lyudmila. Ela não pediu dinheiro emprestado; ela poderia ter emprestado a si mesma, mas não poderia cobrar juros e, de qualquer forma, ninguém em nossa cidade seria tolo o suficiente para pedir emprestado a alguém, exceto meu pai, que os deixaria pagar como quisessem ou não. Ela abriu a porta com seu sorriso experiente: de quem hospedou viajantes durante a noite. Mas desapareceu quando ela me viu. — Bem? — Ela disse bruscamente. Ela pensou que eu tinha vindo implorar.

— Minha mãe está doente, Panova — eu disse educadamente, para que ela continuasse pensando um pouco mais e ficaria aliviada quando eu dissesse: — Vim comprar comida. Quanto custa a sopa?

Perguntei a ela o preço dos ovos depois e do pão, como se estivesse tentando encaixá-los em uma bolsa estreita, e porque ela não sabia o contrário, ela apenas me disse bruscamente os preços em vez de inflá-los duas vezes. Então ela ficou aborrecida quando finalmente contei seis centavos por uma panela de sopa quente com meia galinha e três ovos frescos, um pão macio e uma tigela de favo de mel coberto com um guardanapo. Mas ela me deu de má vontade, e eu os carreguei pelo longo caminho até a nossa casa.

Meu pai voltou para casa antes de mim; ele estava alimentando o fogo, e ele olhou preocupado quando eu entrei empurrando com meu ombro. Ele olhou para meus braços cheios de comida e lã vermelha. Coloquei minha carga no chão e o restante dos centavos e o kopek de prata no pote ao lado da lareira, onde restavam apenas algumas moedas, e dei a lista com os pagamentos escritos, e então me virei para deixar minha mãe confortável.

*

Depois disso, eu era a agiota em nossa cidade. E eu era uma boa agiota, e muitas pessoas nos deviam dinheiro; logo, a palha do nosso piso virou tábuas lisas de madeira dourada, e as rachaduras da lareira estavam cheias de argila e o telhado estava coberto de palha, e minha mãe tinha uma capa de pele para dormir embaixo ou para vestir, para manter o peito quente. Ela não gostou, e nem meu pai, que saiu e chorou baixinho para si mesmo no dia em que trouxe a capa para casa. Odeta, a esposa do padeiro, me ofereceu como pagamento integral da dívida de sua família. Era lindo, marrom escuro e claro; ela a trouxe quando se casou, feita de arminhos que seu pai caçara na floresta do boiardo.

Essa parte da história antiga acabou sendo verdadeira: você tem que ser cruel para ser um bom agiota. Mas eu estava pronta para ser tão impiedosa com nossos vizinhos quanto eles foram com meu pai. Eu não peguei os primogênitos exatamente, mas uma semana no final da primavera, quando as estradas estavam finalmente limpas novamente, saí para um dos camponeses nos campos longínquos, e ele não tinha nada para me pagar, nem mesmo um pedaço de pão extra. Gorek havia pego emprestado seis kopeks de prata, uma quantia que nunca pagaria nem mesmo se fizesse uma colheita todos os anos pelo resto de sua vida; eu não acreditava que ele tivesse mais de cinco centavos na mão ao mesmo tempo. Ele tentou me amaldiçoar para fora da casa a princípio, casualmente, como muitos deles, mas quando eu me mantive firme e lhe disse que a lei viria para ele, um verdadeiro desespero surgiu em sua voz. — Eu tenho quatro bocas para alimentar! — Ele disse. — Você não pode sugar sangue de uma pedra.

Eu deveria ter sentido pena dele, suponho. Meu pai teria, e minha mãe, mas envolta em minha frieza, eu apenas senti o perigo do momento. Se eu o perdoasse, pegasse suas desculpas, na próxima semana todos teriam uma desculpa. Eu vi tudo se desenrolando novamente a partir daí.

Então sua filha alta entrou cambaleando, um lenço sobre suas longas tranças amarelas e um jugo pesado sobre os ombros, carregando dois baldes de água, o dobro do que eu conseguia quando ia buscar água no poço. Eu disse: — Então sua filha virá trabalhar em minha casa para pagar a dívida, por meio centavo todos os dias — e voltei para casa satisfeita como um gato, e até dancei alguns passos para mim mesma na estrada, sozinha sob as árvores.

O nome dela era Wanda. Ela veio em silêncio para a casa ao amanhecer na manhã seguinte, trabalhou como um boi até o jantar e saiu em silêncio

depois; ela manteve a cabeça baixa o tempo todo. Ela era muito forte e levou quase todo o fardo das tarefas domésticas, mesmo naquele meio dia. Ela carregava água e madeira cortada, cuidava do pequeno rebanho de galinhas que agora tínhamos arranhando no quintal, esfregava o chão, a lareira e todas as panelas, e fiquei satisfeita com a minha solução.

Depois que ela foi embora, pela primeira vez na minha vida, minha mãe falou com meu pai com raiva, com culpa, como ela não fazia nem quando estava com frio e doente. — E você não se importa com o que isso faz com ela? — Eu a ouvi gritar com ele, sua voz ainda rouca, quando bati a lama dos meus sapatos no portão; sem o trabalho matinal, peguei emprestado um burro e fui até as aldeias mais distantes para coletar dinheiro de pessoas que provavelmente pensavam que nunca mais veriam alguém para buscá-lo novamente. O centeio de inverno estava chegando, e eu tinha dois sacos cheios de grãos, outros dois de lã e uma sacola das avelãs favoritas de minha mãe, mantidas frescas durante todo o inverno no frio, junto com um velho, mas bom quebra-nozes feito de ferro, para que não tivéssemos mais que descasca-las com o martelo.

— O que devo dizer a ela? — Ele chorou de volta. — O que eu devo dizer? Não, você deve morrer de fome; não, você deve congelar e usar trapos?

— Se você tivesse a frieza de fazer isso sozinho, poderia também ser frio o suficiente para deixá-la fazer isso — disse minha mãe. — Nossa filha, Josef!

Naquela noite, meu pai tentou me dizer algo em voz baixa, tropeçando nas palavras: já fiz o suficiente, não era meu trabalho, amanhã ficaria em casa. Não levantei os olhos das cascas das avelãs e não respondi, segurando o frio sob as minhas costelas. Pensei na voz rouca da minha mãe, e não nas palavras que ela havia dito. Depois de um tempo, ele parou. A frieza em mim o encontrou e o levou de volta, exatamente como quando ele a conhecera na aldeia, pedindo o que era devido.

# CAPÍTULO 2

Papai costumava dizer que estava indo para o agiota. Ele ganhava dinheiro para um novo arado, ou para comprar alguns porcos, ou uma vaca leiteira. Eu realmente não sabia o que era dinheiro. Nosso chalé ficava longe da cidade e pagávamos impostos em sacos de grãos. Papai fez parecer mágica, mas mamãe fez parecer perigoso: — Não vá, Gorek — dizia ela: — Sempre há problemas onde há dinheiro devido, mais cedo ou mais tarde — Então, papai gritava com ela para cuidar de seus próprios negócios e lhe dava um tapa, mas ele não iria.

Ele foi quando eu tinha onze anos. Outro bebê tinha vindo e ido à noite e mamãe estava doente. Não precisávamos de outro bebê. Já tínhamos Sergey e Stepon e os quatro mortos no chão perto da árvore branca. Papai sempre enterrava os bebês lá, mesmo que o chão fosse difícil de escavar, porque ele não queria poupar o plantio. Ele não podia plantar nada muito perto da árvore branca de qualquer maneira. Ela comeria qualquer coisa ao seu redor. As mudas de centeio brotavam e, em uma manhã fria, todas estavam murchas e a árvore branca tinha mais algumas folhas brancas. E ele não poderia tirá-la. Era toda branca, por isso pertencia ao Staryk. Se ele cortasse, eles viriam e o matariam. Então, tudo o que podíamos plantar eram os bebês mortos.

Depois que papai voltou furioso e suando de enterrar o novo bebê morto, ele disse em voz alta: — Sua mãe precisa de remédios. Eu estou indo para o agiota. — Nos entreolhamos, eu e Sergey e Stepon. Eles eram pequenos, assustados demais para dizer qualquer coisa, e mamãe estava doente demais para dizer qualquer coisa. Também não disse nada. Mamãe ainda estava

deitada na cama e havia sangue e ela estava quente e vermelha. Ela não disse nada quando falei com ela, apenas tossiu. Eu queria que papai trouxesse magia de volta, e a fizesse sair da cama e ficar bem novamente.

Então ele foi. Ele bebeu dois kopeks na cidade e perdeu dois jogos antes de voltar para casa com o médico. O médico pegou os dois últimos kopeks e me deu um pouco de pó para misturar com água quente e dar à mamãe. Não parou a febre. Três dias depois, eu estava tentando lhe dar um pouco de água para beber. Ela estava tossindo novamente. — Mamãe, eu tenho água — eu disse. Ela não abriu os olhos. Ela colocou a mão grande na minha cabeça, estranha, solta e pesada, e então ela morreu. Eu fiquei com ela o resto do dia até papai chegar em casa, vindo dos campos. Ele olhou para ela silenciosamente e então me disse: — Troque a palha — Ele pegou o corpo dela por cima do ombro como um saco batatas e a levou para a árvore branca e a enterrou ao lado dos bebês mortos.

O agiota veio alguns meses depois e pediu o dinheiro de volta. Eu o deixei entrar quando ele veio. Eu sabia que ele era um servo do diabo, mas não tinha medo dele. Ele era muito estreito, mãos, corpo e rosto. Mamãe tinha um símbolo pregado na parede, talhado em um galho fino. Ele parecia assim. Sua voz estava quieta. Dei-lhe uma xícara de chá e um pedaço de pão, porque me lembrava que mamãe sempre dava às pessoas algo para comer se elas fossem à casa.

Quando papai chegou em casa, ele expulsou o agiota de casa. Então ele me bateu cinco vezes com o cinto por deixá-lo entrar, e por lhe dar comida. — O que ele queria vindo aqui? Você não pode conseguir sangue de uma pedra — ele disse, colocando o cinto de volta. Eu mantive meu rosto no avental de minha mãe até parar de chorar.

Ele disse a mesma coisa quando o cobrador de impostos veio à nossa casa, mas ele apenas disse isso baixinho. O coletor de impostos sempre vinha no dia em que trazíamos a última colheita de grãos, inverno e primavera. Eu não sabia como ele sempre sabia, mas ele sabia. Depois que ele saiu, o imposto foi pago. O que ele não levou, foi para nós vivermos. Nunca houve muito. No inverno, mamãe costumava dizer a papai: — Vamos comer isso em novembro e aquilo em dezembro — e apontava isso e aquilo até que tudo estivesse dividido até a primavera. Mas mamãe não estava mais lá. Então papai levou uma das cabras para a cidade. Naquela noite, ele voltou muito tarde e bêbado. Estávamos dormindo na casa ao lado do forno e ele tropeçou em Stepon quando entrou. Stepon chorou e então

papai ficou com raiva, tirou o cinto e bateu em todos nós até saímos de casa. A mamãe cabra parou de dar leite e ficamos sem comida no final do inverno. Tivemos que cavar sob a neve por bolotas velhas até a primavera.

Mas no inverno seguinte, quando o cobrador de impostos chegou, papai levou um saco de grãos para a cidade de qualquer maneira. Todos fomos dormir no galpão com as cabras. Sergey e Stepon estavam bem, mas papai me bateu no dia seguinte da mesma maneira, quando ele estava sóbrio, porque seu jantar não estava pronto quando ele voltou para casa. Então, no ano seguinte, esperei na casa até ver papai descendo a estrada. Papai tinha uma lanterna que balançava em grandes círculos porque estava muito bêbado. Coloquei a comida quente em uma tigela sobre a mesa e saí correndo. Já estava escuro, mas eu não peguei uma vela porque não queria que papai me visse sair.

Eu pretendia ir para o galpão, mas fiquei olhando para trás para ver se papai estava vindo atrás de mim. Sua lanterna estava balançando dentro da casa, olhando as janelas, procurando por mim. Mas então ele parou de se mover, então ele colocou sobre a mesa. Então eu pensei que estava segura. Comecei a olhar para onde estava andando, mas não conseguia enxergar no escuro, porque estava olhando as janelas brilhantes e não estava no caminho para o galpão. Eu estava na neve profunda. Não havia som das cabras nem dos porcos. Foi uma noite escura.

Pensei que eu iria chegar à cerca ou estrada mais cedo ou mais tarde. Continuei andando com as mãos estendidas para pegar a cerca, mas não cheguei a ela. Estava escuro e primeiro tive medo, depois só estava com frio e depois também estava ficando com sono. Meus dedos estavam dormentes. A neve estava entrando nas fendas entre a casca tecida dos meus sapatos.

Então, à minha frente, havia uma luz. Eu fui em direção a ela. Eu estava perto da árvore branca. Seus galhos eram estreitos e todas as folhas brancas ainda estavam nele, mesmo que fosse inverno. O vento os soprava e eles faziam barulho como alguém sussurrando muito quieto para ouvir. Do outro lado da árvore havia uma estrada larga, muito lisa como gelo e brilhante. Eu sabia que era a estrada Staryk. Mas era tão bonita, e eu ainda me sentia muito estranha, com frio e com sono. Não me lembrava de ter medo. Eu fui caminhar sobre ela.

Os túmulos estavam seguidos embaixo da árvore. Havia uma pedra plana no topo de cada uma. Mamãe os tirara do rio para os outros. Eu tinha conseguido um para ela e o último bebê. Os deles eram menores que os

outros porque eu ainda não podia carregar uma pedra tão grande quanto a mamãe. Quando pisei sobre a fileira de pedras para ir para a estrada, um galho da árvore me bateu nos ombros. Eu caí com força. Toda a minha respiração estava nocauteada. O vento soprou as folhas brancas e eu as ouvi dizer: *Corra para casa, Wanda!* Então eu não estava mais com sono, e tinha tanto medo de me levantar e correr de volta para casa. Eu pude ver um longo caminho, porque a lanterna ainda estava nas janelas. Papai já estava roncando em sua cama.

*

Um ano depois, Jakob, nosso vizinho, veio à casa e pediu a meu pai por mim. Ele queria que papai também lhe desse uma cabra, então papai expulsou-o de casa, dizendo: — Virgem, saudável, com costas fortes e ele quer uma cabra de mim!

Eu trabalhei muito depois disso. Tomei o máximo de trabalho de papai que pude. Eu não queria criar uma fileira de bebês mortos e morrer. Mas eu fiquei alta e meu cabelo era amarelo e longo e meus seios cresceram. Mais dois homens me pediram nos próximos dois anos. O último que eu não conhecia. Ele veio do outro lado da cidade, a 10 quilômetros de distância. Ele até ofereceu o preço de noiva de um porco. Mas meu trabalho duro deixou papai ganancioso até então, e ele disse três porcos. O homem cuspiu no chão e saiu da casa.

Mas as colheitas estavam indo muito mal. A neve derreteu mais tarde todos os anos na primavera e chegou mais cedo no outono. Depois que o coletor de impostos tomou sua parte, não havia muito para beber. Eu havia aprendido a esconder comida em alguns lugares, para não ficarmos tão mal no inverno como no primeiro ano, mas Sergey, Stepon e eu estávamos ficando maiores. No ano em que eu tinha dezesseis anos, após a colheita da primavera, papai voltou da cidade apenas meio bêbado e azedo. Ele não me bateu, mas olhou para mim como se eu fosse um dos porcos, me pesando na cabeça — Você virá ao mercado comigo na próxima semana — ele me disse.

No dia seguinte, fui à árvore branca. Eu fiquei longe desde aquela noite em que vi a estrada Staryk, mas naquele dia esperei até o sol nascer. Então eu disse que estava indo buscar água, mas fui para a árvore. Ajoelhei-me sob os galhos e disse: —Me ajude, mamãe.

Dois dias depois, a filha do agiota chegou em casa. Ela era como o pai, um galho magro com cabelos castanhos escuros e bochechas finas. Ela não chegava a altura do ombro de papai, mas ficou em frente à porta e jogou uma longa sombra na casa e disse que teria a lei sobre ele se ele não lhe devolvesse o dinheiro. Ele gritou com ela, mas ela não estava com medo. Quando ele terminou de dizer a ela que não havia como tirar sangue de uma pedra e de lhe mostrar o armário vazio, ela disse: — Sua filha virá trabalhar para mim, então, em pagamento de sua dívida.

Quando ela se foi, voltei para a árvore branca e disse: — Obrigada, mamãe — e entre as raízes, enterrei uma maçã, uma maçã inteira, embora estivesse com tanta fome que pudesse comê-la com todas as sementes. Acima da minha cabeça, a árvore exibia uma flor branca muito pequena.

Fui à casa do agiota na manhã seguinte. Eu tinha medo de ir à cidade sozinha, mas era melhor do que ir ao mercado com papai. Eu realmente não precisava ir à cidade de qualquer maneira: a casa deles foi a primeira a sair da floresta. Era grande, com dois quartos e um piso de tábuas de madeira com cheiro fresco. A esposa do agiota estava na cama no quarto dos fundos. Ela estava doente e tossindo. Isso fez meus ombros apertarem e difícil de escutar.

A filha do agiota se chama Miryem. Naquela manhã, ela colocou uma panela de sopa, enchendo o chalé com um cheiro que fez meu estômago vazio apertar como um nó. Então ela pegou a massa subindo no canto com ela e saiu. Ela voltou no final da tarde com o rosto duro, sapatos empoeirados e um pedaço de pão marrom escuro fresco dos fornos da padaria, um balde de leite e um prato de manteiga e um saco sobre os ombros cheio de maçãs. Ela colocou os pratos na mesa e colocou um para mim, o que eu não esperava. O agiota disse um feitiço sobre o pão quando nos sentamos, mas eu comi de qualquer maneira. O sabor era bom.

Tentei fazer o máximo que pude, para que eles quisessem que eu voltasse. Antes de eu sair de casa, a esposa do agiota me disse com sua voz rouca: — Você vai me dizer seu nome? — Depois de um momento eu disse a ela. Ela disse: — Obrigado, Wanda. Você tem sido uma ótima ajuda — Depois que saí de casa, ouvi-a dizer que havia feito tanto trabalho que certamente a dívida seria paga em breve. Parei para ouvir do lado de fora da janela.

Miryem disse: — Ele pegou emprestados seis kopeks! Com meio centavo por dia, ela estará pagando quatro anos. Não tente me dizer que não é um

salário justo quando ela janta conosco.

Quatro anos! Meu coração estava feliz como pássaros.

# CAPÍTULO 3

As rajadas de neve e a tosse de minha mãe continuaram voltando por muito tempo na primavera, mas por fim, os dias esquentaram e, ao mesmo tempo, a tosse finalmente foi embora, afogada em sopa, mel e descanso. Assim que ela conseguiu falar novamente, ela me disse: — Miryem, na próxima semana, iremos ver meu pai.

Eu sabia que era desespero, tentando me libertar do meu trabalho. Eu não queria ir embora, mas eu queria ver minha avó e mostrar a ela que sua filha não estava dormindo gelada e congelada, que sua neta não era mais uma mendiga; eu queria visitá-la sem vê-la chorar, pelo menos uma vez. Fiz minhas rondas uma última vez e disse a todos que deixassem seus pagamentos em nossa casa enquanto eu estivesse fora. Eu disse a Wanda que ainda tinha que vir todos os dias, e alimentar as galinhas e pegar o jantar do meu pai, limpar a casa e o quintal. Ela assentiu silenciosamente e não discutiu.

E então nos dirigimos para a casa do meu avô, mas desta vez contratei Oleg para nos levar por todo o caminho com seus bons cavalos e sua carroça confortável, amontoada de palha e cobertores e sinos no arnês, com a capa de pele espalhada por tudo contra o vento. Minha avó ficou surpresa ao nos encontrar quando chegamos na casa e minha mãe abraçou-a, silenciosa e escondendo o rosto. — Bem, entre e se aqueça — disse minha avó, olhando para a carroça e nossos bons vestidos novos de lã vermelha, enfeitados com pele de coelho e um botão dourado no meu pescoço que saíra do peito do tecelão.

Ela me mandou levar água quente para o meu avô no escritório dele, para poder conversar com minha mãe sozinha. Meu avô raramente fazia mais do

que grunhir comigo e me olhar de cima a baixo com desaprovação nos vestidos que minha avó havia comprado. Não sei como sabia o que ele pensava do meu pai, porque não me lembro de ele ter dito uma palavra sobre isso, mas eu sabia.

Ele me olhou dessa vez, sob as sobrancelhas eriçadas e franziu a testa. — Pele agora? E ouro?

Devo dizer que fui adequadamente educada e sabia que não devia responder ao meu avô, mas já estava com raiva porque minha mãe estava chateada e minha avó não estava satisfeita, e agora por ele ter me criticado, ele de todas as pessoas. — Por que eu não deveria ter isso, em vez de alguém que comprou com o dinheiro do meu pai? — eu disse.

Meu avô ficou tão surpreso quanto você esperaria se sua neta falasse assim com você, mas então ele ouviu o que eu havia dito e franziu o cenho para mim novamente. — Seu pai comprou para você, então?

Lealdade e amor me impediram de abrir a minha boca ali, e eu baixei meus olhos e silenciosamente terminei de derramar a água quente no samovar e trocar o chá. Meu avô não me impediu de ir embora, mas na manhã seguinte ele sabia a história toda de alguma maneira, que eu havia assumido o trabalho de meu pai e, de repente, ele ficou satisfeito comigo, como nunca ficou antes e como ninguém jamais ficou.

Suas outras duas filhas haviam se casado melhor que minha mãe, com homens ricos da cidade com bons negócios, mas nenhuma delas havia lhe dado um neto que queria assumir seus negócios. Na cidade, havia o suficiente do meu povo para que pudéssemos ser outra coisa senão um banqueiro ou um fazendeiro que cultivava sua própria comida. As pessoas da cidade estavam mais dispostas a comprar nossos produtos, e havia um mercado próspero em nosso bairro atrás do nosso muro.

— Não é adequado para uma garota — minha avó tentou, mas meu avô bufou.

— O ouro não conhece a mão que o segura — disse ele, e franziu a testa para mim, mas de uma maneira satisfeita. — Você vai precisar de empregados — ele me disse. — Para começar, um bom homem ou mulher forte e simples, que não se importa de trabalhar para um judeu, consegue encontrar um?

— Sim — eu disse, pensando em Wanda: ela já estava acostumada a vir, e em nossa cidade não havia muitas outras chances de a filha de um fazendeiro pobre ganhar um salário.

— Bom. Não vá mais você mesma conseguir o dinheiro — disse ele. — Envie o criado e, se os clientes quiserem discutir, eles terão que vir à sua casa. Pegue uma mesa, para que você possa sentar atrás dela enquanto eles ficam de pé.

Fiz que sim com a cabeça e, quando voltamos para casa, ele me deu uma bolsa cheia de moedas de um centavo, no valor de cinco kopeks, para emprestar para cidades próximas à nossa que não tinham dinheiro próprio. Quando chegamos em casa, perguntei à meu pai se Wanda tinha vindo enquanto eu estava fora. Ele olhou para mim com tristeza, seus olhos profundos e tristes, mesmo que não estivéssemos passando fome há meses, e ele disse calmamente: — Sim. Eu disse a ela que não precisava, mas ela veio todos os dias.

Satisfeita, falei com ela naquele dia depois que ela terminou seu trabalho. Seu pai era um homem grande, e ela também era alta e de ombros largos, grandes mãos quadradas tornadas vermelhas com o trabalho, as unhas aparadas, o rosto sujo e os longos cabelos amarelos escondidos sob um lenço, opaco, silencioso e parecido com de um boi. — Quero mais tempo para manter as contas — eu disse — Eu preciso que alguém dê uma volta e colete dinheiro para mim. Se você aceitar o trabalho, pagarei um centavo por dia, em vez de metade.

Ela ficou ali por um longo momento, como se não tivesse certeza tinha me entendido. — A dívida do meu pai seria liquidada mais cedo — disse ela finalmente, como se estivesse se assegurando.

— Quando tiver acabado, vou continuar lhe pagando — eu disse, meio imprudente. Mas se Wanda fizesse minha coleta, eu poderia percorrer as aldeias vizinhas e fazer novos empréstimos. Queria emprestar aquele pequeno lago de prata que meu avô me dera e fixar um fluxo de centavos no rio.

Wanda ficou em silêncio de novo, então disse: — Você vai me dar uma moeda?

— Sim — eu disse. — Bem?

Ela assentiu e eu assenti de volta. Não ofereci um aperto de mãos; ninguém apertaria a mão de um judeu e, de qualquer maneira, eu sabia que seria mentira se o fizessem. Se Wanda não cumprisse a barganha, eu pararia de pagar; essa era uma garantia melhor do que qualquer outra que eu pudesse ter.

*

Papai estava com raiva e mal-humorado desde que fui trabalhar na casa do agiota. Ele não podia me vender para ninguém, e eu não estava em casa para trabalhar, e ainda não tínhamos muito para comer. Ele gritou mais e balançou a mão com mais força. Stepon e Sergey passaram a maior parte do tempo com as cabras. Abaixei-me o máximo que pude e peguei o resto em silêncio. Fechei minha boca contando. Se quatro anos teriam liquidado a dívida do meu pai, a meio centavo, então dois anos o fariam agora. Então, dois anos eram seis kopeks. E eu poderia trabalhar por mais dois anos antes que meu pai pensasse que a dívida foi paga. Eu teria seis kopeks. Seis kopeks de prata por minha conta.

Eu apenas uma vez havia vislumbrado tanto dinheiro, meu pai havia deixado duas moedas deslizarem brilhando na mão aberta do médico. Talvez se ele não tivesse bebido e apostado nos outros quatro, teria sido suficiente.

Eu não me importava em ir às casas de estranhos, bater e pedir dinheiro a eles. Não era eu perguntando, era Miryem, e era o dinheiro dela, e ela daria um pouco pra mim. De pé nas suas varandas eu podia ver lá dentro, móveis bonitos, fogueiras quentes. Ninguém em suas casas tossia — Estou aqui pelo agiota — eu disse e disse a eles o quanto eles deviam, e não disse nada quando eles tentavam me dizer que o número estava errado. Em algumas casas, alguém dizia que não podia pagar, e eu contava que eles precisavam ir falar com ela na casa dela se não quisessem que ela enviasse para a lei. Então eles me deram alguma coisa, afinal, estavam mentindo. Então, eu me importei ainda menos.

Eu carregava uma grande cesta resistente e coloquei nela tudo o que eles me deram. Miryem estava preocupada que eu iria esquecer quem deu o quê, mas não esqueci. Lembrei-me de cada moeda e de todos os bens diferentes. Ela escreveu tudo em seu grande livro preto, a caneta grossa de pena de ganso certamente arranhando sua mão sem pausa. No dia do mercado, ela separava todos os bens que não queria guardar e eu a seguia com a cesta até a cidade. Ela vendeu e trocou, até que a cesta estivesse vazia e a bolsa que carregava, cheia, transformando roupas, frutas e botões em moedas. Às vezes, ela dava outro passo primeiro: se um fazendeiro tivesse lhe dado dez novelos de lã, levaria-os a uma tecelã de sua dívida e receberia um

pagamento para transformá-lo em uma capa; então ela venderia a capa no mercado.

E no final do dia, ela derramava um lago de moedas no chão e as enrolava em papel para transformá-las em prata; um rolo de centavos do comprimento do meu dedo anelar era o mesmo que um kopek. Eu sabia por que, quando ela colocou esse rolo no mercado na próxima vez, bem cedo, encontrou um comerciante que viajara de fora da cidade, ainda montando sua tenda, e lhe daria esse rolo e ele o abriria e contaria os centavos e depois lhe devolveria um kopek de prata. As moedas de prata ela não gastou ou trocou no mercado. Ela os trouxe para casa e também os enrolou em papel, e um rolo do tamanho do meu dedo mindinho, era o mesmo que a uma moeda de ouro. Ela os guardou na bolsa de couro que seu avô lhe dera. Eu nunca via essa bolsa, exceto nos dias de mercado, e nos dias de mercado já estava em cima da mesa quando chegava, e ficava lá até depois de eu já ter ido embora. Ela não escondeu ou tirou de onde eu pudesse ver, e seu pai e sua mãe nunca a tocaram.

Não entendi como ela adivinhou quanto cada coisa valeria a pena para outra pessoa, quando ela não se importava em mantê-las. Pouco a pouco, porém, aprendi a ler os números que ela anotava em seu livro quando avaliava os pagamentos e quando ouvi os preços que ela recebia no mercado, os dois eram quase os mesmos, todas as vezes. Eu queria entender como ela fazia isso. Mas eu não perguntei. Eu sabia que ela só pensava em mim como um cavalo ou um boi, algo monótono, silencioso e forte. Eu me sentia assim, perto dela e de sua família. Eles conversaram o dia inteiro, me pareceu: conversaram, cantaram ou até discutiram. Mas nunca houve gritos ou mãos levantadas. Eles estavam sempre se tocando. A mãe colocava a mão na bochecha de Miryem ou o pai a beijava na cabeça sempre que ela passava por perto. Às vezes, quando saía da casa deles no final do dia, depois de descer a estrada, entrar nos campos e desaparecer, colocava minha mão na parte de trás da minha cabeça, minha mão que tinha crescido grande, pesada e forte, e tentei lembrar a sensação da mão de minha própria mãe.

Na minha casa havia apenas um silêncio como terra sólida. Passamos um pouco de fome o inverno todo, até eu com meu jantar extra. Eu tinha uma caminhada de dez quilômetros para fazer. Agora a primavera chegou, mas ainda estávamos com fome. Quando voltava para casa, pegava cogumelos e, se tivesse sorte, um nabo selvagem e quaisquer verduras que via. Não eram

muitos. A maioria deles não podíamos comer. Aqueles foram para as cabras. Depois, em nosso jardim, peguei algumas batatas novas, que eram maduras demais para valer a pena comer, mas as comemos de qualquer maneira. Eu iria cortar o menor pedaço com broto e o enterraria novamente. Entrei e agitei os carvões embaixo da panela que coloquei de manhã com o repolho. Colocava os pequenos pedaços de batatas com o que quer que eu tivesse encontrado. Nós comíamos sentados ao redor da mesa com a cabeça inclinada, nunca falando.

Nada crescia bem. O chão ficou duro e frio até abril, e o centeio cresceu lentamente. Quando finalmente papai foi capaz de começar a plantar feijão, uma semana depois a neve caiu novamente e matou metade das plantas. Naquela manhã, quando acordei, pensei que ainda era noite. Mas estava cinzento como pedra lá fora, e a neve caía para que não pudéssemos ver a cerca do vizinho. Papai começou a xingar e nos expulsou da cama. Todos corremos para fora para trazer as cabras, as cinco cabritinhas. Uma delas já estava morta. O resto trouxemos para casa com suas mães. Elas zurraram e mastigaram nossos cobertores e quase entraram no fogo, mas permaneceram vivas. Depois que a neve parou, desossamos o morto e salgamos a pouca carne que havia. Fiz sopa dos ossos e comemos o fígado e os pulmões. Por um dia não estávamos com fome.

Sergey poderia ter comido três vezes a sua parte. Ele estava começando a ficar grande. Eu pensei que ele estivesse caçando algumas vezes, mesmo sabendo que seria enforcado por caça furtiva, ou pior, se os estivesse tirando da floresta. Os únicos animais que podíamos tirar da floresta eram os marcados, aqueles com alguma mancha de preto ou marrom. Mas não havia quase nenhum assim, e os animais brancos, todos brancos, pertenciam aos Staryk. Eu não sabia o que eles fariam com alguém que caçasse seus animais, porque ninguém fazia isso, mas eu sabia que eles fariam alguma coisa. Você não podia pegar nada que era dos Staryk. Eles vieram e roubaram de pessoas, mas não gostavam quando alguém roubava deles.

Mas às vezes Sergey entrava e comia sem olhar para cima, sem parar, a parte toda dele, da mesma maneira que eu comia a minha. Como se soubesse que tinha comido mais do que os outros na mesa. Então eu pensei que ele estava caçando onde ninguém mais viu. Não disse a ele para não fazer isso: ele sabia. De qualquer forma, não era o mesmo em minha casa que a casa do agiota. Não pensei na palavra *amor.* O amor foi enterrado com minha mãe. Sergey e Stepon não significavam mais do que os bebês

que deixaram minha mãe doente. Eles não haviam morrido, mas, portanto, haviam dado ainda mais trabalho para ela e agora para mim. Eles comeram um pouco da comida, e eu tive que fiar a lã das cabras, tricotar e lavar as roupas. Portanto, não me preocupei muito com o que aconteceria se o Staryk fizesse algo com Sergey. Eu pensei que talvez devesse dizer a ele para me trazer os ossos para fazer sopa, mas depois pensei que, se todos comêssemos, estaríamos todos em apuros, e não valeria a pena apenas por alguns ossos quebrados que ele já tinha sugado.

Mas Stepon amava Sergey. Eu fiz Sergey cuidar dele, quando minha mãe morreu. Eu tinha onze anos e sabia fiar, e Sergey tinha apenas sete anos, então papai me deixou. Quando Sergey era grande o suficiente para ir aos campos, ele já estava acostumado a aguentar Stepon e não o empurrou de volta para mim. Stepon o seguiria, se manteria fora do caminho e traria água para eles. Ele ajudava com as cabras, e juntos eles poderiam dormir quentes fora de casa se meu pai estivesse com raiva, mesmo no inverno. Sergey o esbofeteava algumas vezes, mas não muito forte.

Então Stepon veio até mim no dia em que Sergey ficou doente. Ainda não era meio-dia. Eu estava trabalhando no jardim do agiota, cortando a cabeça dos repolhos. Ainda não estavam realmente prontos, mas naquela noite havia congelado um pouco, embora ainda estivesse no início do outono, e Miryem havia dito que era melhor trazê-los para o que seriam útil. Fiquei de olho na porta. Logo abriria e a esposa do agiota me chamaria para jantar dentro. Naquela manhã, havia uma crosta de pão velho no meio do grão para ir aos frangos, e eu o peguei e o mordi pouco a pouco, deixando-o macio na boca com goles de água do barril de chuva, frio debaixo de uma crosta de gelo, mas minha barriga ainda estava apertada. Eu estava olhando para a porta novamente quando Stepon gritou: — Wanda! — Ele estava encostado na cerca respirando grandes tragadas. — Wanda!

Quando ele gritou meu nome, eu estremeci como se papai tivesse caído nas minhas costas com um interruptor. — O que é isso? — Eu estava brava com Stepon por ter vindo. Eu não o queria lá.

— Wanda, venha — disse ele, acenando para mim. Ele nunca falava muito. Sergey o entendia sem falar, na maioria das vezes, e quando meu pai encheu nossa casa com sua voz, ele escapou disso, se pudesse. — Wanda, venha.

— Há algo errado em casa? — A esposa do agiota estava de pé na porta, com um xale ao seu redor para o frio. — Vá, Wanda. Vou dizer a Miryem

que te mandei para casa.

Eu não queria ir. Imaginei que algo tivesse acontecido com Sergey, porque era por isso que Stepon viria. Não queria desistir do meu jantar para ajudar Sergey, que nunca me ajudou. Mas não posso dizer isso à esposa do agiota. Levantei-me e saí silenciosamente pelo portão, e depois que descemos a estrada e entrei nas árvores, sacudi Stepon e disse, com raiva: — Nunca mais venha me buscar — Ele tinha apenas dez anos, ainda pequeno o suficiente para eu chacoalhar.

Mas ele só pegou minha mão e me puxou. Eu fui com ele. Não havia mais nada a fazer senão ir para casa e dizer a papai que Sergey havia se metido em problemas e isso eu não faria. Sergey não era alguém que eu amava, mas ele não contava para papai sobre mim e nem eu dele. Stepon continuava tentando correr. Comecei a sentir a pressa dele, então corria um pouco sem pensar, e então parava de correr, e ele parava para recuperar o fôlego, e então começava a ir novamente. Percorremos os dez quilômetros em apenas uma hora. Um pouco antes de chegarmos a nossa casa, ele começou a me levar para fora da estrada, para a floresta. Então comecei a ficar cautelosa. — O que aconteceu com ele? — eu exigi.

— Ele não se levanta — disse Stepon.

Sergey estava no riacho, onde às vezes tínhamos que ir buscar água no verão, se o córrego próximo secava. Ele estava deitado de lado na margem. Ele não parecia estar dormindo. Seus olhos estavam abertos, e quando eu coloquei meu dedo em seus lábios, pude sentir que ele estava respirando, mas não havia nada mexendo nele. Seus braços estavam pesados e flácidos quando tentei levantar um. Eu olhei em volta. Na metade da água ao lado dele havia um coelho branco morto, com uma corda de pelo de cabra retorcido em volta da perna. Não tinha nenhuma marcação. Havia neve por todos os caminhos e gelo rastejando para fora das margens do riacho. Então eu soube que o Staryk o havia pego caçando e levado sua alma embora.

Abaixei o braço dele novamente. Stepon olhou para mim como se achasse que eu faria algo. Mas não havia nada a fazer. O padre não viria nos ajudar aqui tão longe da cidade, e de qualquer maneira Sergey estava roubando quando ele sabia melhor. Não achei que Deus o salvaria do Staryk quando a culpa era sua.

Eu não disse nada. Stepon não disse nada, mas continuou olhando para mim, como se soubesse que eu poderia fazer alguma coisa, até que comecei a sentir em meu próprio estômago que também podia, mesmo que não

quisesse. Fechei os dentes e tentei não pensar em nada para tentar, depois tentei dar um tapa em Sergey para acorda-lo e depois jogar água fria no rosto dele, mesmo sabendo que isso não era bom. E não foi bom. Ele não se mexeu. A água escorreu por seu rosto e algumas gotas deslizaram até seus olhos e depois correram sobre eles e saíram como lágrimas, mas ele não estava chorando, ele estava deitado ali vazio como um tronco morto que apodreceu por dentro.

Stepon não olhou para Sergey. Ele me observou o tempo todo quase sem piscar. Eu queria dar um tapa nele, ou afugentá-lo com o meu galho. Que bem algum deles já me fez para eu lhes dever alguma coisa? Parei de tentar e fiquei com as mãos em punhos, e então eu disse, as palavras com gosto de velhas bolotas podres na minha boca: — Pegue as pernas dele.

Sergey ainda não era tão grande, tanto que não pudemos carregá-lo juntos. Eu o empurrei de costas e o segurei debaixo dos braços, e Stepon colocou os tornozelos de Sergey sobre seus ombros magros, e juntos o carregamos lentamente para fora da floresta, até a beira de nossos campos, até a árvore branca. Eu estava com mais raiva quando chegamos lá do que quando começamos. Caí três vezes na floresta, andando para trás com o peso dele arrastando minhas mãos, caindo sobre raízes e escorregando na lama semi-congelada. Me machuquei em uma pedra e me cobri de sujeira e bagas de veneno esmagadas, que eu teria que lavar minhas roupas. Mas não foi isso que me deixou com raiva. Eles a tinham tirado de mim, todos eles: Sergey e Stepon e o resto daqueles meninos mortos na terra. Eles levaram minha mãe. Eu nunca quis compartilhá-la com eles. Que direito eles tinham dela?

Mas eu não disse nada em voz alta. Deixei os ombros de Sergey caírem no chão perto da árvore branca, ao lado do túmulo de nossa mãe, e fiquei ali ao lado da árvore e disse: — Mamãe, Sergey está doente.

O ar estava parado e frio. Além de nós, o centeio mal se erguia em um longo campo meio verde que desaparecia, as plantas muito menores do que deveriam ter sido, e eu podia ver a fumaça da nossa casa subindo em uma linha cinza reta. Nosso pai não estava à vista. Não havia vento soprando, mas a árvore branca suspirou e seus galhos tremeram, e um pedacinho de sua casca se soltou em uma extremidade. Segurei-o e tirei do tronco, uma longa tira.

Pegamos Sergey e o carregamos o resto do caminho até o nosso riacho, e enviei Stepon até a casa para me trazer de volta um carvão quente e uma

xícara. Puxei erva seca e galhos secos e ajeitei em uma pilha, e quando Stepon chegou, acendi uma pequena fogueira e fervi um chá da casca. A água ficou cinza turva, e um cheiro parecido com terra veio do copo, e então levantamos a cabeça de Sergey e o fizemos engolir um pouco. Ele estremeceu todo como um animal que sacode moscas no verão. Dei outro gole a ele, e um terceiro, e então ele se virou e começou a vomitar, repetidas vezes, um monte de carne vermelha crua e fumegante saindo dele sobre a terra, fedida e horrível. Eu me afastei para não ficar doente também. Quando ele finalmente parou, ele se arrastou para longe da pilha, chorando um pouco.

Dei a ele água para beber e Stepon enterrou a pilha de carne crua que havia saído dele. Sergey chorou um pouco mais, ofegando. Ele parecia esquelético e magrelo, como se estivesse morrendo de fome, mas pelo menos ele estava lá novamente. Ele teve que se apoiar em mim quando nos levantamos. Fomos ao longo do riacho até a rocha onde as cabras bebiam, e elas estavam lá, pastando e resmungando nas folhas ao longo da margem. A cabra mais velha vagou até nós, os ouvidos balançando pra frente, e Sergey colocou os braços em volta do pescoço dela e pressionou o rosto contra o lado dela enquanto eu ordenhava uma xícara e dava a ele para beber.

Ele engoliu cada gota e lambeu o copo limpo, e então ele olhou para mim, cauteloso. Nosso pai prestava atenção se uma das cabras não dava tanto leite quanto ela deveria, e todos nós sofreríamos por isso, se ele não soubesse quem havia pego. Mas peguei o copo da mão de Sergey, ordenhei outro para ele e o entreguei novamente. Não sei por que fiz isso. Mas fiz, e então, pela manhã, quando meu pai apareceu nos baldes de ordenha e começou a gritar, levantei-me e disse-lhe em voz alta: — Sergey precisa de mais comida!

Meu pai me encarou, e Sergey e Stepon também. Eu também encararia se estivesse fora de mim. Depois de um momento, ele me deu um tapa e me disse para manter minha boca fechada, mas depois ele voltou, e foi o fim. Sergey, Stepon e eu estávamos de pé dentro da casa, meio esperando, mas ele não voltou. Não houve espancamento. Sergey olhou para mim e eu olhei para ele, e não dissemos nada. Depois de mais um minuto, peguei meu lenço e meu saco e saí para o trabalho. Minhas roupas ainda estavam sujas e duras com lama. Eu não teria tempo para lavá-las até o dia da lavagem.

Quando cheguei em casa ao meio-dia, Sergey trouxe a banheira de lavagem e Stepon a encheu no riacho. Eles até haviam fervido um pouco de

água para aquecer, para que as roupas fossem lavadas com facilidade. Eu olhei para ele e, do bolso, mostrei a eles os três ovos que recebi da esposa do agiota. Ela me perguntou o que tinha acontecido. Quando eu disse a ela que meu irmão estava doente com algo que ele comeu, ela disse que o melhor para um estômago ruim eram ovos crus frescos e me deu três. Eu comi um, Sergey um e meio e Stepon, a última metade. Em seguida, eles cortaram nossos próprios repolhos pequenos enquanto eu lavava minhas roupas e, quando terminei, fiz o jantar.

# CAPÍTULO 4

Durante todo esse ano frio, semeei minha prata. A primavera voltou tarde, o verão foi curto e até as hortas cresceram devagar. A neve continuava caindo bem em abril. Pessoas vieram até mim de longe, dezenas de aldeias ao redor, e pediram dinheiro emprestado para levá-las adiante. Quando voltamos a Vysnia na primavera seguinte, eu trouxe de volta a bolsa do meu avô cheia de kopeks enrolados e prontos para serem transformados em zlotek de ouro e colocados no banco, a salvo dos invasores Staryk atrás das grossas paredes do cofre e das mais grossas muralhas da cidade lá fora. Meu avô não disse nada, apenas segurou a bolsa um pouco, equilibrada na palma da mão, pesando, mas vi que ele estava orgulhoso de mim.

Meus avós não costumavam receber visitas quando estávamos visitando, exceto as irmãs de minha mãe. Eu não tinha notado antes, mas notei agora, porque de repente a casa estava cheia de pessoas vindo para tomar chá, para ficar para jantar, luzes e vestidos movimentados e vozes rindo. Eu conheci mais pessoas da cidade nessas duas semanas do que em todas as visitas anteriores. Sempre pensei vagamente em meu avô como um homem importante, mas agora o via dez vezes mais: as pessoas se dirigiam a ele formalmente como Panov Moshel, até o rabino, e à mesa, ele e vários outros homens discutiam seriamente a política do bairro, e frequentemente estabeleceriam argumentos lá, entre si, como se tivessem o direito de fazê-lo.

Não entendi por que os convidados não vieram antes. Todos eles foram gentis e alegres em me ver. — Essa pode ser a pequena Miryem? — Panova

Idin disse, sorrindo para mim e tocando minhas bochechas: ela era a esposa de um dos amigos de meu avô. Não me lembrava de tê-la conhecido antes, fazia tanto tempo — Já adulta! Certamente estaremos dançando no seu casamento em breve — Minha avó, ouvindo-a, manteve a boca contraída; minha mãe parecia ainda mais infeliz. Ela ficou em um canto da sala quando os convidados chegaram, curvou-se sobre uma camisa de linho que estava costurando para meu pai e disse apenas o suficiente para todos os visitantes para não ser politicamente educada: minha mãe, que era gentil às pessoas da nossa aldeia que tiraram comida da sua boca e que não a queriam em casa.

— Não acredito em vender a orelha de uma porca por uma bolsa de seda — disse meu avô sem rodeios, quando finalmente perguntei sobre os convidados. — Seu pai não conseguiu convencê-la, como os convidados que vêm a esta casa esperariam da minha neta, e eu jurei à sua mãe quando ela se casou com ele que eu nunca colocaria mais dinheiro no bolso dele para fracassar novamente.

Entendi então por que ele não havia convidado seus amigos ricos e por que ele não queria que minha avó comprasse vestidos para mim, como ele pensava, com botões de pele e ouro neles. Ele não tentaria fazer uma princesa, de uma filha de um moleiro, com elegância emprestadas, e dar-lhe um marido tolo o suficiente para ser enganado por isso, ou alguém que se esquivaria da barganha quando soubesse a verdade.

Isso não me deixou com raiva. Gostei mais dele por essa honestidade dura e fria, e fiquei orgulhosa de que agora ele convidou os hóspedes, e até se gabasse de mim, de como eu havia tirado uma bolsa de prata e retornado com uma de ouro. Eu gostava de sentir seus olhos em mim, me pesando como uma bolsa e ser capaz de manter minha cabeça erguida quando eles faziam isso, sentindo meu próprio valor.

Em vez disso, me encontrei ficando brava com minha mãe. Suas irmãs vieram jantar novamente, na última noite antes de sairmos, doze de nós ao redor da mesa e muitos pequeninos gritando e fazendo barulho no pátio. Minha prima Basia estava sentada ao meu lado: um ano mais velha, bonita com braços gordos e cabelos castanhos brilhantes e lustrosos e um colar e brincos de pérolas, possuída e graciosa. Ela visitou o casamenteiro há um mês e olhou para baixo com um sorriso nos olhos e nos cantos da boca quando a mãe falou sobre um jovem que elas estavam considerando: Isaac, um joalheiro como o pai e habilidoso, embora meu avô sacudiu a cabeça

um pouco cético e fez muitas perguntas sobre seus negócios. As mãos dela eram suaves e macias. Ela nunca teve que fazer um trabalho duro, e suas roupas eram finamente costuradas, bordadas lindamente com flores e pássaros cantando.

Eu não a invejava, não agora, quando eu podia comprar um avental bordado, se eu quisesse gastar meu dinheiro. Fiquei feliz por ter meu trabalho. Mas senti minha mãe apertada perto de mim, como se ela tivesse arrancacado a mão para me impedir de ver a vida de Basia e querer alguma coisa. No dia seguinte, voamos para casa na carroça sobre a crosta congelada de neve, cortando a floresta escura. Estava um frio amargo para a primavera, mas eu tinha minha própria capa de pele e três saias debaixo do vestido, e havia três cobertores dobrados ao nosso redor, aconchegantes e confortáveis. Mas o rosto da minha mãe estava cheio de miséria. Nós não falamos. — Você prefere que ainda fossemos pobres e famintos? — Disparei a ela finalmente, o silêncio entre nós era pesado no meio da floresta escura, e ela me abraçou e me beijou e disse: — Minha querida, minha querida, desculpe — chorando um pouco.

— Desculpa? — eu disse. — Estar quente em vez de frio? Ser rico e confortável? Ter uma filha que pode transformar prata em ouro? — Eu me afastei dela.

— Ver você se endurecer no gelo, para fazer isso — disse ela. Eu não respondi, apenas me escondi nas minhas vestes. Oleg falava urgentemente com os cavalos: um brilho prateado apareceu entre as árvores ao longe, a estrada Staryk aparecendo. Os cavalos trotaram com mais rapidez, mas a estrada Staryk acompanhou-nos todo o caminho de casa, brilhando entre as árvores. Eu podia sentir isso do meu lado, um brilho mais frio tentando pressionar contra mim e perfurar minha pele, mas eu não me importei. Eu era mais fria por dentro do que por fora.

*

Wanda chegou tarde à casa na manhã seguinte e, quando entrou, estava sem fôlego e com o rosto avermelhado de suor, as meias e a saia cobertas por uma crosta de neve, como se tivesse atravessado os campos forçando um novo caminho, em vez de andar na estrada da vila — Os Staryk estão na floresta. — disse ela sem levantar os olhos. Quando entramos no quintal em

frente à nossa casa, vimos a estrada Staryk ainda lá, brilhando fracamente entre as árvores, a menos de um quarto de milha de distância.

Eu nunca tinha ouvido falar da estrada tão perto da cidade. Não tínhamos um muro, mas não éramos ricos o suficiente para tentá-los. Nossos impostos eram pagos em grãos e lã, e os homens ricos trocavam sua prata por ouro atrás das muralhas da cidade e a deixavam em bancos, assim como eu. Talvez uma mulher tivesse um colar de ouro ou um anel— pensei tardiamente no botão da minha gola—mas eles não poderiam ter colhido nem um pequeno baú de joias de ouro se tivessem esmagado todas as casas ao longo da pista principal.

Um frio intenso irradiava da madeira; se você se ajoelhasse e esticasse a mão nua, podia sentir o calafrio rastejando pelo chão como se tivesse sido respirado levemente por algum gigante distante, e o ar tinha um forte cheiro de galhos de pinheiro quebrados. A floresta estava profunda na neve, mas parecia muito fria para a natureza. Olhei de volta para a cidade e vi outras pessoas em seus quintais nas casas mais próximas à nossa, olhando a estrada exatamente como estávamos. Panova Gavelyte fez uma careta para mim quando nossos olhos se encontraram, antes de voltar para sua casa, como se fosse nossa culpa.

Mas nada mais aconteceu, e o trabalho da manhã tinha que ser feito, pouco a pouco todos entramos e, quando não conseguimos ver a estrada, paramos de pensar nisso. Sentei-me com meus livros para examinar tudo o que Wanda trouxera para casa nas duas semanas que passamos. Ela pegou a cesta cheia de pão velho e grãos para as galinhas e saiu para alimentá-las e recolher os ovos. Minha mãe finalmente desistiu de fazer qualquer trabalho ao ar livre, e eu fiquei feliz: ela estava sentada à mesa aparando batatas para o nosso jantar, quente pelo fogo, e havia um pouco de cor nas bochechas, um pouco de redondeza que tinha sido devorado no inverno passado. Recusei-me a me importar com o jeito que ela olhou para mim com meus livros.

Os números estavam todos arrumados e limpos, e todas as quantias certas haviam chegado. Meu avô me perguntou sobre minha criada e se ela era boa; ele não achava que eu era tola por ter prometido pagar Wanda em dinheiro. — Um servo é fácil de fazer desonesto quando eles trazem moedas e nunca as tocam — disse ele. — Deixe-a sentir que sua fortuna aumenta com a sua.

Eu estava um pouco cautelosa com minha própria fortuna aumentando, mesmo com quatorze moedas de ouro no cofre pesado no banco do meu avô. Eu sabia que o dinheiro não era realmente do meu próprio trabalho de empréstimo; era o dote da minha mãe, voltando finalmente para nós. Meu pai havia feito um empréstimo tão rapidamente depois que se casaram, tudo foi para outros bolsos quase antes de eu nascer, e tão pouco havia sido pago de volta que cada um de nossos vizinhos por quilômetros a nossa volta ainda estava em nossa dívida. Eles arrumaram suas casas e seus celeiros, compraram gado e sementes, casaram suas filhas e criaram seus filhos no mundo. Enquanto isso, minha mãe passou fome e meu pai foi expulso de seus quintais. Eu pretendo recuperar todas as moedas e todo o interesse adicional.

Mas eu já havia reunido o dinheiro fácil. Algumas delas nunca voltariam. Alguns dos que pediram emprestado de meu pai morreram ou foram embora para tão longe que eu não tinha a direção deles. Eu já estava tendo que aceitar mais da metade dos meus pagamentos em mercadorias, trabalho ou qualquer outra coisa, e transformá-los em moedas não foi fácil. Nossa casa estava confortável agora, e tínhamos um bando de galinhas do tamanho que podíamos administrar. As pessoas também me ofereceram uma ovelha ou uma cabra, mas não sabíamos nada sobre mantê-las. Eu poderia vendê-los novamente, mas isso era difícil, e eu sabia que era melhor não dar a qualquer um dos meus devedores um centavo a menos em crédito do que a quantia total que recebi pelos produtos no mercado. Eles chamariam isso de trapaça, mesmo que fosse meu tempo gasto no trabalho de vendê-lo.

Eu estava emprestando dinheiro novo apenas para aqueles que tinham alguma esperança razoável de pagá-lo, e em quantias pequenas e cautelosas, mas isso apenas gerava um fluxo de pagamentos igualmente cauteloso, e eu não sabia quantos iriam negligenciar antes que a dívida total fosse paga. Mas, mesmo assim, olhando minhas contas com todos os montantes arrumados, decidi que começaria a pagar Wanda agora: todos os dias ela pagava meio centavo da dívida do pai, levava meio centavo para casa e tinha moedas de verdade para manter, para que ela e o pai sentissem que estava ganhando dinheiro; não seria apenas um número escrito nos meus livros.

Acabara de me convencer de que contaria a ela esta tarde, antes que ela voltasse para casa, quando a porta se abriu e ela voltou correndo com a

cesta apertada contra o peito, ainda cheia de grãos. Ela disse: — Eles estiveram fora de casa!

Eu não sabia quem ela quis dizer a princípio, mas fiquei em alarme de qualquer maneira; o rosto dela estava branco e com medo, e ela não ficou surpresa. Meu pai disse: — Mostre-me — e pegou o atiçador de ferro da lareira.

— São assaltantes? — minha mãe disse em voz baixa: meu primeiro pensamento também, assim que eu tive um. Fiquei feliz por ter retirado meu dinheiro e colocado no banco. Mas então seguimos meu pai para fora, nos fundos da casa, onde as galinhas ainda gritavam alto de decepção, esperando a comida deles, e Wanda nos mostrou as marcas. Não eram assaltantes.

As pegadas dos cascos não passavam de uma impressão superficial no alto da neve fresca. Eles não haviam rompido a crosta de gelo abaixo, mas eram muito grandes, do tamanho de cascos de cavalos, exceto tecidos como veados e com recortes pontiagudos nas extremidades da frente. Eles vieram direto para a parede da casa e então alguém desceu e olhou pela nossa janela: alguém usando botas estranhas com um dedo pontudo e comprido.

Eu não acreditava nisso, a princípio. Certamente era algo estranho, mas pensei que alguém estivesse nos pregando uma peça, como os meninos da vila que às vezes atiravam pedras em mim quando eu era pequena. Alguém veio rastejando para deixar as marcas para nos assustar, ou talvez algo ainda mais malicioso: como desculpa para um assalto que planejavam. Mas antes de abrir a boca para dizer isso, percebi que ninguém poderia fazer as marcas sem quebrar a neve, a menos que eles tivessem se inclinado de alguma maneira com uma vara do telhado. Mas o telhado não tinha marcas e as pegadas dos cascos fizeram uma longa trilha através do nosso quintal e todo o caminho de volta para a floresta, onde sob as árvores desapareciam. E quando olhei nessa direção, vi a estrada prateada brilhando entre as árvores ainda lá.

Eu não disse nada, e nem minha mãe, nem meu pai disseram nada, todos nós olhando para a floresta na estrada, e apenas Wanda disse categoricamente: — É os Staryk. — Os Staryk vieram aqui.

Mas os Staryk não pertenciam ao quintal com nossas galinhas, espiando pela janela e entrando em nosso grande quarto. Inclinei-me para olhar através de mim mesma: não havia nada para ver em cima da minha cama estreita, mas a lareira com sua pequena panela, o armário que meu pai havia

feito de presente para minha mãe, os sacos de grãos em nossa despensa. Minha casa parecia tão comum e tão simples que só tornava a ideia mais ridícula, e eu me endireitei e olhei para as pegadas novamente, meio que esperando que elas fossem embora e parassem de tornar o mundo desarrumado e absurdo.

E então meu pai pegou o atiçador, mexeu direto nas impressões e se arrastou ao longo da linha deles, arrastando-o até o limite da floresta, e depois voltou a passá-los. Ele veio até nós e disse: — Não vamos ouvir mais falar disso. Quem sabe quem fez isso, provavelmente apenas algumas crianças fazendo uma piada estúpida. Volte para suas tarefas, Wanda.

Eu olhei para ele. Eu nunca tinha ouvido meu pai parecer tão duro. Eu não sabia que ele podia falar assim. Wanda hesitou. Ela olhou para onde as impressões estavam, mas depois passou lentamente sobre a neve pisoteada e começou a alimentar as galinhas. Minha mãe estava parada em silêncio, com o xale apertado, os lábios apertados, as mãos apertadas. Ela disse: — Volte para casa, Miryem, preciso de sua ajuda com as batatas. — Segui minha mãe de volta para casa e, assim fizemos, ela olhou para a cidade. Mas todos os outros tinham ido para suas tarefas e para suas casas; ninguém ainda estava do lado de fora assistindo.

Quando estávamos lá dentro, meu pai foi até a janela em cima da minha cama com uma vara estreita da pilha de lenha e mediu seu comprimento e largura com cortes de sua faca. Depois, pegou o casaco e o machado pequeno e o chapéu e saiu, novamente, carregando o graveto. Eu o observei partir e depois olhei para minha mãe, que estava olhando para Wanda, já ocupada, varrendo o quintal.

— Miryem — minha mãe disse — acho que seria bom para seu pai ter a ajuda de um jovem. Vamos pedir ao irmão de Wanda que fique conosco à noite e pague a ele.

— Pagar alguém apenas para dormir em casa? Que bem ele faria se um dos Staryk viesse? — Eu ri quando disse em voz alta: a ideia era tão ridícula. Eu não conseguia me lembrar por que pensei que *era* tudo, menos uma piada. Tive a sensação de ter acabado de sonhar, e já estava desaparecendo.

Mas minha mãe disse bruscamente: — Não fale dessas coisas. Não quero que você diga algo assim novamente. E não fale dos Staryk com ninguém, em nenhum lugar da cidade. — Eu entendi isso menos ainda. Todo mundo estaria falando dos Staryk, com a estrada lá no bosque, e amanhã era dia de

feira. — Então você não vai — disse ela, depois que eu falei, e quando protestei que tinha mercadorias de Vysnia para levar e vender, ela me pegou pelos ombros e disse: — Miryem. Pagaremos para que o irmão de Wanda fique à noite, para que ela não diga a ninguém que os Staryk estão visitando nossa casa. E você não dirá a ninguém que eles chegaram perto.

Eu parei de discutir. Minha mãe disse suavemente: — Dois anos atrás, fora de Minask, um bando de Staryk atravessou o campo para três cidades, cidades não muito maiores que essa. Eles queimaram as igrejas e as casas dos homens ricos e pegaram todo o pouco de ouro que puderam encontrar. Mas eles passaram pela aldeia Yazuda, onde os judeus moravam, e não queimaram suas casas. Então o povo disse que os judeus fizeram um pacto com os Staryk. E agora não há judeus em Yazuda. Você entende Miryem? Você não vai falar dos Staryk chegando em nossa casa.

Não eram elfos, nem mágica, nem absurdo. Isso era algo que eu entendi muito bem. — Vou ao mercado amanhã — eu disse, depois de um momento, e quando minha mãe ia falar, continuei: — Seria estranho se eu não o fizesse. Vou vender os dois vestidos novos que comprei e falar das novas modas de Vysnia.

Minha mãe assentiu depois de um momento, acariciou minha cabeça com a mão e segurou minhas bochechas. Então nos sentamos juntas à mesa e começamos a descascar o resto das batatas. Do lado de fora, ouvi Wanda trabalhando no corte de madeira, o golpe *contínuo* do machado indo em um ritmo uniforme. Meu pai voltou depois de pouco tempo com uma braçada de galhos verdes, e passou o resto da manhã junto ao fogo, assobiando-os e encaixando-os em pequenas grades que pregava nas esquadrias de nossas janelas.

— Estávamos pensando que poderíamos contratar o irmão de Wanda para passar a noite — disse minha mãe sem tirar os olhos do tricô enquanto ele trabalhava.

— Seria bom ter um jovem por perto — meu pai concordou — Eu me preocupo sempre que temos dinheiro em casa. Enfim, eu poderia usar a ajuda. Não sou tão jovem quanto era.

— Talvez pudéssemos manter algumas cabras, afinal — eu disse — Ele poderia cuidar delas por nós.

*

Naquela manhã, depois que ela voltou, Miryem me disse: — Wanda, gostaríamos de ter um jovem aqui à noite para ajudar a cuidar da casa e tomar conta de algumas cabras que vamos pegar. Seu irmão poderia vir e nos ajudar?

Eu não respondi imediatamente. Eu queria dizer não. Eu mantive seus livros, todas aquelas duas semanas enquanto ela estava fora. Eu sozinha. Todos os dias eu andava nas minhas rondas, todos os dias para um conjunto diferente de casas, e depois voltava para a casa e preparava o jantar para cozinhar para mim e seu pai, o agiota, e me sentava à mesa e com as mãos tremendo um pouco, abria cuidadosamente o livro. O couro era tão macio sob as minhas mãos e, por dentro, cada página fina estava coberta de letras e números. Eu os virei um após o outro para encontrar as casas que visitei naquele dia. Ela tinha um número diferente na página para cada casa e, ao lado, o nome da pessoa que morava lá. Mergulhei minha caneta, limpei a ponta e mergulhei novamente, e escrevi muito lentamente e modelei cada número o melhor que pude. Depois fechei o livro novamente, limpei a caneta, coloquei ela e a tinta na prateleira. Eu fiz tudo isso sozinha.

Durante todo o verão, quando os dias eram longos e eu podia demorar um pouco, Miryem havia me ensinado a escrever os números com uma caneta. Ela me levava para fora depois do jantar e os moldava na terra com um pedaço de pau, repetidamente. Mas ela não me ensinou apenas como colocá-los no chão. Ela me ensinou como *fazê-los*, um novo número crescendo em dois e como tirar um número do outro também. Não apenas pequenos números que eu poderia fazer em minhas mãos ou contando pedras, mas grandes números. Ela me ensinou a transformar cem centavos em um kopek e vinte pratas em um zlotek de ouro, e como quebrar um pedaço de prata em centavos novamente.

Eu estava com medo no começo quando ela começou. Foram cinco dias antes de eu pegar o graveto e traçar as linhas que ela desenhara. Ela falou como se fosse comum, mas eu sabia que ela estava me ensinando mágica. Eu ainda estava com medo depois, mas não pude evitar. Aprendi a desenhar as formas mágicas na terra e, em seguida, com uma caneta velha e desgastada e cinzas misturadas com água em uma rocha lisa e, finalmente, com sua própria caneta e tinta em um pedaço de papel velho, marcado com o cinza de toda a escrita que foi feita e descorada. E no final do inverno, quando ela estava visitando, eu pude continuar os livros para ela. Eu estava começando a ler as cartas. Eu sabia os nomes em voz alta e em cada página,

dizia-os suavemente para mim e tocava as letras com o dedo e podia ver quais letras produziam cada som. Às vezes, quando eu estava errada, Miryem me parava e dizia o jeito certo. Essa foi à quantidade de mágica que ela me deu e eu não queria compartilhar.

Um ano atrás, eu *teria* dito não a ela, para guardar para mim. Mas isso foi antes de eu ter salvado Sergey do Staryk. Agora, quando chegava tarde em casa, ele preparava o jantar para mim. Ele e Stepon haviam recolhido os pelos de cabra dos arbustos e do feno, durante todo o inverno, o suficiente para que eu pudesse fazer um xale para usar quando voltasse à cidade. Ele era meu irmão.

Então eu quase disse não de qualquer maneira por medo. E se ele revelar o segredo? Era tão grande que eu mal conseguia mantê-lo dentro de mim. Todas as noites eu dormia pensando em seis kopeks de prata apertados no punho, brilhantes e frios. Fiz eles adicionando moedas de um centavo, uma a uma, desde que pude antes que o sono me levasse.

Mas depois de um momento, eu disse devagar: — O trabalho dele ajudaria a pagar a dívida mais cedo?

— Sim — disse Miryem — Todo dia você e ele ganharão dois centavos. Metade vai para a dívida até que seja paga, e eu darei metade para você. E aqui está o primeiro, por hoje.

Ela pegou um centavo limpo e redondo e o colocou brilhando na minha mão, como uma recompensa por pensar sim em vez de não. Eu olhei para ele, e então eu fechei minha mão em volta dele em um punho. — Vou falar com Sergey — eu disse.

Mas quando eu disse a ele, em um sussurro, na floresta, longe de onde papai poderia estar ouvindo, ele perguntou: — Eles só querem que eu fique na casa? Eles vão me dar *dinheiro,* apenas para ficar na casa e alimentar as cabras? Por quê?

Eu disse: — Eles têm medo de assaltantes — mas assim que as palavras chegaram, lembrei que não era verdade. Mas não conseguia me lembrar qual era a verdade.

Eu tive que me levantar e fingir estar segurando a cesta para as galinhas e andar por aí, antes que a lembrança daquela manhã voltasse à minha cabeça. Eu tinha saído e comido um pouco do pão velho, parado na esquina da casa onde eles não me viam, e as galinhas também, e então eu tinha virado a esquina e tinha visto as pegadas—

— Os Staryk — eu disse. A palavra estava fria na minha boca — Os Staryk estavam lá.

Se Miryem não tivesse me dado o centavo, não sei o que teríamos feito. Eu sabia que a dívida do meu pai não importava mais. Nenhuma lei me faria ir a uma casa onde os Staryk estavam chegando e olhando pelas janelas. Mas Sergey olhou para o centavo na minha mão e eu olhei para ele, e ele disse: — Um centavo cada, todos os dias?

— Metade disso vai para a dívida, por enquanto — eu disse — Um centavo por dia.

— Você vai ficar com esse aqui — ele disse depois de um momento — e eu ficarei com o próximo.

Eu não disse, *Vamos para a árvore branca e pedir por conselhos.* Eu era como papai então. Eu não queria ouvir a voz da mamãe dizendo: *Não vá, será problema*. Eu sabia que haveria problemas. Mas eu também sabia o que aconteceria se eu parasse de trabalhar. Se eu contasse a papai, ele diria que eu não precisava voltar nem mais um minuto para uma casa de demônios, e depois me venderia no mercado por duas cabras, para alguém que queria uma esposa com as costas fortes e sem números na cabeça dela. Eu nem valeria tanto quanto seis kopeks.

Então, em vez disso, disse a meu pai que o agiota queria que alguém ajudasse a cuidar de cabras, e que pagaria sua dívida mais rapidamente se deixasse Sergey ir com eles à noite. Ele fez uma careta e disse a Sergey: — Volte uma hora depois do nascer do sol. Quando a dívida será paga?

Sergey olhou para mim. Abri a boca e disse: — Em três anos.

Eu esperava que ele me batesse, gritar que eu era uma tola que não conseguia fazer minhas somas. Mas papai apenas rosnou — Sugadores de sangue e sanguessugas — e então ele acrescentou a Sergey: — Você dirá a eles que eles devem lhe dar café da manhã lá! Não teremos mais que tirar leite das cabras.

Então nós tinhamos três anos agora. Primeiro, havia um centavo a cada dois dias e depois um centavo a cada dia. Sergey e eu apertamos as mãos atrás da casa. Ele disse em um sussurro: — O que vamos comprar com isso?

Eu não sabia como responder. Eu não tinha pensado em comprar nada com o dinheiro. Eu só pensei em tê-lo, real em minhas mãos. Então, Sergey disse: — Se não gastarmos em algo, ele descobrirá. Ele nos fará dar a ele.

Primeiro pensei, pelo menos papai não iria querer me levar ao mercado. Se eu levasse um centavo para casa todos os dias, ele ficaria feliz em me deixar continuar trabalhando para o agiota. Mas então eu pensei nele pegando meus centavos, em ter que colocar cada um brilhante em sua mão. Pensei nele indo para a cidade e bebendo-os, jogando, nunca mais trabalhando. Ele seria feliz todos os dias. — Eu não vou — eu disse. Meu estômago queimou — Eu não vou deixar ele ter nada disso.

Mas não sabíamos o que fazer. Então eu disse: — Vamos esconder. Vamos esconder tudo. Se trabalharmos por três anos e não o gastarmos, teremos dez kopeks, cada um. Juntos, isso será um zlotek. Uma moeda de ouro. E vamos pegar Stepon e ir embora.

Para onde poderíamos ir? Eu não sabia. Mas tinha certeza de que, quando tivéssemos tanto dinheiro, poderíamos ir a qualquer lugar. Nós poderíamos fazer qualquer coisa. E Sergey assentiu; ele pensava assim também. — Onde podemos escondê-lo? — ele perguntou.

Então fomos para a árvore branca, depois de tudo, e, embaixo da pedra no túmulo de minha mãe, cavamos um buraco e colocamos o centavo nele e o cobrimos novamente com a pedra. — Mamãe — eu disse — Por favor, mantenha-o seguro para nós. — Então nos apressamos e não esperamos para ver se algo iria acontecer. Sergey também não queria ouvir mamãe nos dizer para não fazer isso.

Naquela noite, depois do jantar, ele foi à cidade, com um boné que eu atei de trapos, em volta da cabeça para manter os ouvidos quentes. Eu estava no quintal da frente, assistindo-o ir. A estrada Staryk ainda estava na floresta, brilhando. Não era como uma lâmpada, mas como estrelas em uma noite nublada. Se você tentasse olhar direito, não conseguiria vê-la. Se você desviasse o olhar, estava lá brilhando no canto do seu olho. Sergey estava se mantendo o mais longe que podia. Ele não gostava mais de ir à floresta. Ele ficou todo o caminho no acostamento da estrada da vila, ao longo da borda oposta em frente às árvores, mesmo tendo que atravessar a neve ali, e a estrada já estava cheia de coisas. Mas logo ele foi para o escuro.

De manhã, eu podia ver seus rastros ainda na neve enquanto eu caminhava para a cidade. Eu meio que desejei que ele tivesse andado na estrada para que eu não os visse, porque tinha medo de que eles parassem em algum lugar ao longo do caminho. Mas eles não fizeram. Eu os segui até a casa de Miryem, e Sergey estava lá à mesa comendo uma tigela de mingau quente com cheiro de noz. Também deixou meu estômago com

fome. Não tomamos mais café da manhã em nossa casa. Não havia comida suficiente.

— Tudo ficou quieto a noite toda — ele me disse, peguei a cesta e fui para as galinhas. Havia um pedaço inteiro de pão na cesta, o meio ainda macio. Comi e fui para as galinhas, mas elas não vieram me encontrar.

Lentamente, eu fui mais perto. Havia faixas por todo o galinheiro. O casco é como um cervo, mas grande, com garras. A pequena janela no topo, que eu fechara ontem quando saí, estava aberta como se algo tivesse colocado seu nariz. Inclinei-me e coloquei a mão dentro do galinheiro. As galinhas estavam lá, sentadas juntas, agachadas com as penas todas grossas. Havia apenas três ovos pequenos e, quando os tirei, um deles tinha uma casca cinza, cinza esbranquiçado, pálido como cinza na lareira.

Joguei o cinza na floresta o mais forte que pude e pensei em afastar as faixas e fingir que não as tinha visto. E se o agiota dissesse a Sergey que não voltasse, porque não havia mantido os Staryk longes? Talvez eles me mandassem embora também. E se eu limpasse a neve, eu mesma esqueceria os trilhos, como fiz ontem. Seria quase como se eles não estivessem lá. Fui buscar a vassoura que costumava varrer o quintal. Mas estava encostado na lateral da casa e, quando fui pegá-la, vi as marcas de botas. Havia muitas delas. O Staryk havia chegado aos fundos da casa, o mesmo com as botas pontudas, e ele andara de um lado para o outro ao longo da parede três vezes, ali mesmo onde dormiam.

# CAPÍTULO 5

O irmão de Wanda não era muito mais que um garoto: alto, largo e bruto, um cavalo meio faminto, com seus grandes ossos cutucando cotovelos e pulsos. Quando ele chegou pela primeira vez naquela noite, ele disse sem olhar para cima que seu pai o deixaria vir se lhe déssemos jantar e café da manhã, e quando ele se sentou à mesa, pude ver que Gorek não era bobo em estabelecer esses termos: ele comeu como um lobo. Poderíamos ter dobrado o salário dele, com o preço da comida indo como estava. Mas eu não disse nada, mesmo quando minha mãe lhe deu outro pedaço de pão com manteiga. Meus pais mudaram minha cama para o quarto deles e deram a Sergey um cobertor para dormir em seu lugar.

Acordei na madrugada escura. Meu pai estava entrando na sala de estar e a porta se abriu, deixando entrar uma rajada de ar cortante. Ouvi Sergey tirando a neve de suas botas e ele disse brevemente a meu pai: — Tudo está quieto.

— Volte a dormir, Miryem — minha mãe disse suavemente. — Sergey estava apenas olhando ao redor lá fora.

Abri meus olhos mais duas vezes durante a noite ao som dele saindo e a lambida afiada do ar frio, mas os fechei novamente logo depois. Nada aconteceu. Nós nos levantamos de manhã e começamos a cozinhar o kasha para o café da manhã. Sergey estava do lado de fora martelando postes no chão, para fazer uma cerca que mantivesse as cabras. A estrada Staryk ainda estava lá nas árvores, mas quando olhei pela janela, pensei que talvez estivesse um pouco mais longe. Era um dia cinzento e frio, e o sol não saiu, mas a estrada brilhava de qualquer maneira. Alguns dos meninos da vila

estavam do lado de fora da casa, passando por nossa casa, desafiando-se a tentar jogar uma pedra na estrada Staryk ou tocá-la; eu podia ouvir suas vozes alegres se provocando.

Wanda veio enquanto o irmão ainda estava à mesa comendo e saiu com a cesta para as galinhas. Ela voltou com a cesta quase vazia, apenas dois ovos, embora tivéssemos nove galinhas poedeiras agora. Ela a colocou sobre a mesa e todos nós olhamos para eles. Os ovos eram pequenos, as cascas muito brancas, e então ela disse abruptamente: — Há mais pegadas atrás da casa.

Nós fomos e olhamos para elas. Eu as reconheci quando as vi, embora já tivesse esquecido como elas eram: até que Wanda disse alguma coisa, quase esqueci que elas já estiveram lá. As botas de dedos compridos rondavam a parede dos fundos do quarto, para frente e para trás três vezes, e o animal de cascos fendidos estava parado ao lado do galinheiro, deixando marcas por toda a neve ao redor como uma raposa farejando em volta para encontrar um buraco para entrar. As galinhas estavam todas amontoadas dentro de uma única pilha de penas.

— Eu olhei, juro!— Sergey disse, mas meu pai disse: — Não importa, Sergey. — Wanda escovou o quintal e jogamos os dois ovos no estrume. O braço da minha mãe estava apertado em volta dos meus ombros quando voltamos para casa.

Sergey voltou para a fazenda de seu pai, e Wanda fez a limpeza e foi buscar água. Não esqueci as pegadas novamente, mesmo que quisesse, mas quando Wanda entrou, levantei-me e disse: — Venha, vamos ao mercado — e fui pegar meu xale, como se não houvesse nada estranho ou fora do comum no dia. Quando saímos, mantive minhas costas viradas para a floresta. O vento nos meus calcanhares era frio, enrolando os dedos sob a longa bainha do meu vestido. Não me virei para olhar e ver se o brilho prateado da estrada Staryk ainda estava lá.

Wanda carregava a cesta com todas as pequenas bugigangas que eu havia comprado em Vysnia para vender, e também os dois vestidos que eu havia comprado em uma extravagância desafiadora, porque minha mãe não me deixou comprar um para ela. Eles eram vestidos quentes e também bonitos, de lã com flores grandes brilhando ao longo da bainha, verde absorto e azul nas roupas vermelhas. Fui direto para a barraca da costureira Marya, puxei as bainhas para mostrar a ela e disse: — Veja o novo padrão que eles têm em Vysnia este ano.

Um grupo de mulheres se reuniu ao meu redor para olhá-las de uma só vez, um muro de segurança contra qualquer outra fofoca que estivesse acontecendo. Um novo padrão era mais importante para eles do que a estrada Staryk, na qual ninguém queria pensar muito. Na praça do mercado, não dava para ver. É claro que Marya me perguntou o que eu queria pelos vestidos. Eu não a respondi. Havia seis mulheres em pé ao meu redor, seus olhos no meu rosto como corvos prontos para bicar. Por um único momento perspicaz, pensei em deixar os vestidos baratos, deixando um sentimento amigável para trás, um sentimento que poderia discutir em meu favor se alguém começasse a falar da estrada Staryk e de quão perto estava da nossa casa. De repente, entendi melhor meu pai.

Respirei fundo e disse: — Não sei se posso vendê-los imediatamente. Você pode ver quanto trabalho foi feito neles e da melhor mão em Vysnia. Eles foram feitos para serem roupas de casamento, e eu paguei alto para pegá-los e trazê-los até aqui. Não posso vendê-los por menos de um zlotek, cada um.

Passei o dia inteiro no mercado em pé em um lugar, enquanto as mulheres vinham e olhavam para os vestidos no valor de um zlotek, murmurando entre si sobre o bordado, o corte, as cores vivas. Elas examinaram as costuras e concordaram com a cabeça quando eu solenemente apontei quão cuidadosos e perfeitos eram os pequenos pontos, e como você poderia dizer que eles usavam fios muito finos. Eu vendi a elas todos os outros produtos, entre as outras coisas que eu trouxe da Vysnia. Todos eles foram por mais do que eu esperava, como se também tivessem adquirido um brilho luxuoso. E no final do dia, o coletor de impostos veio, ele gostava de parar no mercado de vez em quando, apesar de ter um criado que fazia suas compras para ele, e ele me pagou dois zlotek e levou os vestidos para ele para a arca de casamento da filha.

Voltei para casa com o coração batendo forte, uma espécie de triunfo feroz na garganta, meio com medo: não sabia o que fazer comigo mesma. Eu pagara apenas um kopek por cada vestido. Minha mãe e meu pai não disseram nada quando eu coloquei os dois zlotek em cima da mesa, com todos os centavos e os três kopeks que eu também ganhei, vendendo. Meu pai suspirou um pouco, quase sem barulho. — Bem, minha filha realmente pode transformar prata em ouro — disse ele, quase impotente, e colocou a mão na minha cabeça e acariciou-a, como se estivesse arrependido em vez de orgulhoso.

Lágrimas quentes e furiosas caíram nos meus olhos, mas eu cerrei os dentes e guardei o ouro na minha bolsa, e então dei a minha mãe o pote de cerejas em conserva que havia comprado para nós como presente. Depois do jantar, ela fez um chá forte e colocou as cerejas em um prato de vidro com uma pequena colher de prata, a última parte do serviço de chá que ela havia trazido quando se casou. O resto foi para o mercado ao longo dos anos, quando estávamos com fome. Colocamos as cerejas no chá e bebemos o líquido doce e quente e depois comemos cada cereja quente e macia e deixamos dos lábios muito delicadamente os caroços nas colheres.

Wanda limpou a mesa e colocou o lenço na cabeça, preparando-se para ir, e então ela parou e olhou para cima enquanto a sala inteira escurecia. Do lado de fora das janelas, a neve caía repentinamente e, quando abrimos a porta, já estava caindo tão forte que não conseguimos ver a próxima casa na vila. Na outra direção, a estrada Staryk ainda estava visível, brilhando de alguma forma mais brilhante através da neve, e por um momento eu quase pensei ter visto algo se movendo nas árvores sobre ela.

Minha mãe disse: — Você não pode ir nesse clima. Você ficará até que pare — Wanda deu um passo para atrás e fechou a porta contra o vento com esforço.

A neve não parou no resto da tarde. Nem sequer diminuiu. Quando a noite chegou, Wanda e meu pai saíram e tiraram a neve do topo do galinheiro e das laterais, para que as galinhas não sufocassem. Nós nos aconchegamos de volta dentro de casa como galinhas em uma gaiola. O cheiro do ensopado havia desaparecido, embora o restante ainda estivesse no fundo do fogo, mantendo-se quente, e minha mãe havia colocado batatas nas cinzas para assar no jantar. O ar estava cheio de um frio intenso que deixou uma sensação aguda nas minhas narinas, sem nada quente ou vivo, nem mesmo cheiro de terra ou folhas podres. Tentei ver meus livros, costurar e depois desisti de tudo. Estava muito escuro e a luz das velas não parecia capaz de se espalhar por cima da mesa.

— Venha, não devemos ficar sentados aqui, tão monótonos — disse meu pai finalmente, enquanto todos nos sentávamos silenciosos em protuberâncias, sob casacos de pele, xales e cobertores — Vamos cantar juntos.

Wanda nos ouviu cantar e perguntou abruptamente, quando tivemos uma pausa para respirar: — Isso é magia?

Meu pai parou de cantar; minha mãe disse com firmeza: — Não, Wanda, claro que não. É um hino a Deus.

— Oh — ela disse, e nada mais, e depois disso nenhum de nós cantou mais por um tempo, e então ela disse: — Então, isso os impediria, não impediria?

Depois de um momento, meu pai disse calmamente: — Eu não sei, Wanda. Deus não nos salva do sofrimento nesta Terra. Os Staryk afligem tanto os justos quanto os pecadores, assim como doenças e tristezas.

Ele nos contou a história do livro de Jó, em seguida, de sua memória. Não era reconfortante, é claro, a menos que você gostasse do final, o que eu não gostei, mas meu pai nunca o alcançou naquele dia; ele estava exatamente onde Jó lamentava a injustiça de Deus, toda a sua família desapareceu, quando o golpe veio à porta, um baque pesado como um pau duro batendo na porta. Todos nós pulamos, e meu pai parou de falar. Todos nós ficamos em silêncio olhando para a porta. Finalmente, meu pai disse abruptamente: — Ora, Sergey não deveria ter tentado vir assim.

Ele se levantou e foi até a porta. Eu queria gritar um protesto, dizer para ele se afastar; vi Wanda se aprofundar no laço de seus cobertores com um rosto largo e cauteloso. Ela também não achava que era seu irmão. Até meu pai realmente não achou; ele levou o atiçador com ele quando foi até a porta, depois estendeu a mão esquerda e a abriu com um empurrão rápido, o atiçador erguido.

Mas não havia ninguém na porta. Nem mesmo o vento entrou. A neve havia parado tão rapidamente quanto chegara, e lá fora era apenas a escuridão da noite comum, os últimos flocos flutuando pegando a luz do fogo enquanto eles terminavam de passar à nossa porta. Olhei e me virei para olhar pela janela gradeada, em direção à floresta: a estrada Staryk havia sumido.

— O que é, Josef? — A minha mãe disse.

Meu pai ainda estava na porta, olhando para baixo. Afastei meus cobertores, levantei-me e fui para o lado dele. Não estava mais muito frio; meu xale era suficiente. Mas o caminho de nossa casa havia sido preenchido novamente, tão alto quanto meus joelhos e, mesmo sob os beirais, a neve cobria nossa velha varanda de pedra. Uma fila de pegadas de cascos veio em volta da casa pela parte de trás, e um par de pegadas compridas e pontudas foi pressionado na neve fresca diante de nossa casa.

Bem no centro da varanda, repousando levemente na superfície, havia uma pequena bolsa de couro branco fechada.

Meu pai olhou em volta. Agora podíamos ver nossos vizinhos: todas as casas haviam se tornado cogumelos brancos e agudos, com o topo de janelas amarelas iluminando a neve cobrindo as soleiras. Não havia alma em nenhum lugar da estrada, mas, enquanto assistíamos, vi movimento em uma janela, a mão de uma criança esfregando um círculo claro no vidro congelado. Rapidamente meu pai se abaixou e pegou a bolsa de couro. Ele trouxe para dentro e eu fechei a porta atrás dele.

Ele colocou a bolsa em cima da mesa. Todos nós nos reunimos e o encaramos como se fosse um carvão vivo que poderia a qualquer momento incendiar toda a casa. Era de couro, couro branco, mas não era tingido por nenhum método comum que eu já tinha ouvido falar: parecia que sempre fora branco, o tempo todo. Não havia uma costura ou ponto a ser visto de lado. Finalmente, quando ninguém mais se mexeu para tocá-lo, abri a parte superior, puxada por um cordão de seda branco, e esvaziei as moedas dentro. Seis pequenas moedas de prata, finas, planas e perfeitamente redondas, deslizaram sobre a mesa em uma pequena soando como sinos. Nossa casa estava cheia de luz quente do fogo, mas elas brilharam friamente, como se estivessem sob a lua.

— É muito gentil da parte deles nos dar um presente — disse meu pai, seco. Claro, o Staryk nunca faria uma coisa dessas. Às vezes você ouvia histórias de fadas que vinham com presentes. Às vezes, minha própria avó contava uma história que *sua* avó havia lhe contado que, quando sua avó era uma garotinha em Elkurt, no oeste, ela havia um dia encontrado uma raposa sangrando na borda da janela de seu quarto no sótão, rasgada como se por um cachorro. Ela o trouxe para dentro, cuidou da ferida e deu um pouco de água. Ele a lambeu e depois disse a ela com uma voz humana: — Você me salvou, e um dia eu retribuirei o favor — e depois pulou pela janela novamente. E quando ela era uma mulher adulta, com seus próprios filhos, um dia ela abriu a porta da cozinha arranhando e a raposa estava lá, e ela disse: — Pegue toda a sua família e todo o dinheiro que você tem em casa e vá se esconder no porão.

E ela fez o que a raposa disse e, enquanto se escondiam, ouviram do lado de fora um rugido de vozes raivosas. Homens entraram em casa, derrubando móveis e quebrando coisas acima de suas cabeças, e havia um

cheiro de fumaça espessa no ar. Mas, de alguma maneira, os homens não encontraram a porta do porão e a fumaça e o fogo não desceram.

Finalmente eles saíram novamente naquela noite e encontraram sua casa, a sinagoga e as casas de todos os vizinhos queimadas. Eles pegaram suas poucas posses restantes e correram para a extremidade do bairro e contrataram um homem com um carrinho para levá-los para o leste, e então vieram para Vysnia, onde o duque havia aberto as portas para os judeus, se chegassem com dinheiro.

Mas isso era uma história de outro país. Você não ouvia histórias como essa sobre os Staryk. Aqui, você ouvia dizer que uma vez uma estranha besta branca chegou ao celeiro de um camponês com um cavaleiro Staryk ferido, caído nas costas e com medo os camponeses o levaram para casa e cuidaram de seus ferimentos. E quando ele acordou, ele pegou sua espada e matou-os, e então se arrastou para seu cavalo e voltou para a floresta ainda pingando sangue, e a única maneira de alguém saber o que aconteceu era que a mãe tinha enviado seus dois filhos pequenos para se esconder no palheiro do celeiro e dizer-lhes para não saírem dele até que o Staryk se fosse.

Então sabíamos que os Staryk não haviam nos dado uma bolsa de prata para serem gentis. Eu não conseguia pensar no por que deles *terem* a deixado, mas ainda estava em nossa mesa, brilhando como uma mensagem que não conseguimos entender. E então minha mãe respirou fundo, olhou para mim e disse baixinho: — Eles querem que você o transforme em ouro.

Meu pai sentou-se à mesa e cobriu o rosto, mas eu sabia que a culpa era minha, conversando na floresta profunda, em um trenó conduzido sobre a neve, sobre transformar prata em ouro. O Staryk sempre quis ouro.

— Vamos pegar o dinheiro do cofre — disse minha mãe — Pelo menos nós temos.

O que eu disse foi: — Voltarei à cidade amanhã — Mas saí e parei no quintal de nossa casa na neve recém caída, com as mãos em punhos. A crosta já estava congelada, dura e sólida: daria boas viagens, viagens rápidas. Havia seis moedas de prata na sacola e eu havia guardado catorze moedas de ouro, apenas nesta última visita. Eu poderia contratar o trenó de Oleg, dirigir de volta para Vysnia e tirar seis moedas de ouro do cofre do meu avô e entregá-las ao Staryk, seis moedas de ouro para as quais eu havia trabalhado e usá-las para comprar minha segurança.

Wanda saiu com seu xale, para alimentar a nova cabra que trouxemos para casa do mercado. Sergey não tinha chegado, é claro, na tempestade, e era tarde para ela voltar para casa agora. Ela olhou para mim e entrou silenciosamente no celeiro e, quando voltou, perguntou-me abruptamente:
— Você lhes dará seu ouro?

— Não — eu disse, falando tanto com os Staryk na floresta quanto com ela — Não, eu não darei nada a eles. Eles querem prata transformada em ouro, e é isso que eu farei.

# CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, Miryem pegou a bolsa Staryk e foi à casa de Oleg e pediu que ele a levasse de volta a Vysnia. Ela não me pediu para ficar com os livros. Ela nem me lembrou de receber os pagamentos. Sua mãe a viu no portão e ficou ali por um longo tempo, segurando o xale nos ombros, mesmo depois que o trenó se foi.

Mas eu não precisava ser lembrada. Peguei a cesta e fui nas minhas rondas. Era o sexto dia do mês, então eu estava coletando na cidade hoje. Ninguém gostava de me ver chegando, mas Kajus sempre sorria para mim de qualquer maneira, como se fôssemos amigáveis, mesmo que não fôssemos. Quando eu comecei a trabalhar para Miryem, ele sempre pagava em jarros de krupnik. Miryem não gostou disso, porque vendia o mesmo krupnik no mercado todas as semanas, quente de uma chaleira no inverno, e todo mundo o comprava dele e não dela. Ela havia encontrado uma casa de hóspedes no fim da estrada onde eles a comprariam, quando ela tinha dez jarros para vender, mas isso era mais problema do que ela gostava, e ela tinha que pagar para enviá-los a eles.

Mas então ele me deu uma garrafa ruim, que parecia bem do lado de fora, mas Miryem cheirou a tampa perto do selo, e então ela a abriu, e um cheiro de folhas podres saiu. Ela olhou para ela com a boca zangada, mas depois me disse para colocar a garrafa à parte, em um canto da casa, e não dizer nada a ele. Ele me deu mais duas garrafas ruins seguidas nos próximos dois meses. Depois da terceira, ela me deu as três rolhas e me mandou de volta com elas para lhe dizer que três vezes era demais para dar errado, e ela não

aceitaria mais krupnik dele em pagamento. Então agora ele tinha que pagar em centavos. Naquele momento, ele não sorriu para mim.

Mas hoje ele sorriu. — Entre e mantenha-se aquecida! — ele disse, embora não estivesse muito frio hoje. — Você terá que esperar um pouco. Meu filho mais velho foi levar à Panova Lyudmila minha nova carga. Ele trará de volta o dinheiro. — Ele até me deu um copo de krupnik para beber. Geralmente ele tinha o dinheiro esperando, então ele não precisaria me convidar para entrar — Então Miryem está voltando para Vysnia para mais vestidos? Ela está fazendo um bom negócio! E ela tem sorte de ter você aqui em casa para cuidar da loja para ela.

— Obrigado — eu disse educadamente, largando o copo. — É um bom krupnik. — Eu pensei se ele pretendia me subornar para exigir menos. Algumas outras pessoas tentaram. Não entendi por que eles pensaram que eu faria isso. Se eu levasse menos de volta para Miryem, mentisse e dissesse a ela que não tinham mais, ela colocaria o número menor em seu livro e continuariam devendo o que não pagaram. Eles somente economizariam dinheiro se eles dissessem que eu havia roubado o dinheiro quando chegou a hora de reivindicar o pagamento da dívida e porque não me enganar, se eu os ajudara a trapacear.

— Sim, ela sabe do que se trata — continuou Kajus — Confie nela para encontrar uma garota trabalhadora para ajudá-la. Você não é apenas um rosto bonito! Ah, aqui está Lukas.

Seu filho voltou para casa, com uma caixa de jarros vazios. Ele era um pouco mais velho que Sergey, não tão alto quanto ele ou eu, mas seu rosto era redondo e havia carne nos ossos. Ele não passava fome. Ele olhou para mim, de cima a baixo, e seu pai disse: — Lukas, dê sete centavos a ela pelo agiota — Lukas contou os sete centavos na minha mão. Era mais do que eles precisavam pagar. — Eu tenho feito um bom negócio também — Kajus me disse, com uma piscadela amigável — Todo esse tempo frio! Um homem precisa de algo para aquecer a barriga. Deve ser especialmente ruim em sua fazenda — acrescentou — Não vejo seu pai na cidade há algum tempo.

— Sim — eu disse, cautelosa. Meu pai não veio porque não tínhamos nada de sobra para beber.

— Aqui — disse Kajus, entregando-me um jarro selado, pequeno, do tipo que ele vendia no mercado por alguns centavos, se você trouxesse de volta o jarro. Eu apenas olhei para ele sem tomá-lo. Eu não sabia para que era; ele

já tinha me pagado. Mas Kajus pressionou em mim novamente. — Um presente para o seu pai — disse ele — Você trará de volta o jarro quando tiver uma chance.

— Obrigado, Panov Simonis — eu disse, porque precisava. Eu não queria levar um jarro de krupnik para meu pai, para que ele pudesse ficar bêbado em casa e nos batesse, mas não vi nenhuma maneira de escapar disso. Na próxima vez em que papai chegasse à cidade, Kajus esperaria ser agradecido, e se não for espalhado por aí que eu não dei para ele, eu realmente receberia uma surra. Então eu coloquei o jarro na minha cesta.

Ninguém mais nas outras casas me convidou para por krupnik. Marya, a costureira, foi a única que me disse alguma coisa, além de me entregar o dinheiro. — Então, Miryem vai conseguir mais vestidos da Vysnia, não é? — ela disse abruptamente. Ela só me deu um único centavo. — Parece um longo caminho a percorrer, e para bens muito caros. Quem sabe se ela será capaz de vender mais alguma coisa?

— Não sei se ela trará mais vestidos, Panova — eu disse.

— Bem, ela vai se adequar a si mesma e a mais ninguém, isso é certo — disse Marya, e fechou a porta com força na minha cara.

Voltei para casa e desempacotei os pagamentos. Um dos devedores me deu uma galinha velha que parou de assentar, pronta para a panela. — Você vai querer hoje, Panova Mandelstam? — Perguntei à mãe de Miryem. — Eu posso torcer o pescoço e arrancá-lo, se você quiser.

Ela estava costurando, e quando eu perguntei, ela olhou para cima e virou a cabeça ao redor da sala como se estivesse procurando por algo que havia perdido. — Onde está Miryem? — ela me perguntou, como se tivesse esquecido, e depois balançou a cabeça e disse: — Oh, estou sendo boba. Ela voltou para Vysnia para mais vestidos.

— Sim, ela foi à Vysnia para vestidos — eu disse lentamente. Algo parecia errado para mim. Mas é claro, foi por isso que ela voltou. Todo mundo pensava assim.

— Bem, há comida suficiente em casa. Vamos salvar o frango — disse Panova Mandelstam — Coloque com as outras por enquanto e depois volte para dentro. Está na hora do jantar.

Levei a velha galinha para a gaiola e a coloquei dentro. Então fiquei olhando para a neve atrás da casa, agora profunda e sem marca, com a vassoura encostada na parede: a vassoura que eu tinha usado para varrer as pegadas do Staryk, que havia chegado na casa na noite passada e deixou

uma bolsa de prata para Miryem transformar em ouro. Estremeci e voltei para dentro para que eu pudesse esquecer novamente.

Depois do jantar, eu tive que ir. Meu pai já ficara zangado por eu não estar em casa para jantar ontem, por causa da tempestade. Mas eu varri o chão e fui olhar as galinhas e escrevi tudo no livro antes de sair. Eu dormi a noite no palete que eles fizeram para Sergey, quente e aconchegante na grande sala com o forno e os cheiros de massa, ensopado, mel e kasha. Minha casa não cheirava assim. A mãe de Miryem me deu uma xícara de leite de vaca rico e fresco com meu jantar, de um balde grande com o qual Panova Gizis havia pagado e dois centavos por dois dias, mesmo que Sergey não tivesse aparecido ontem à noite na tempestade, e um pacote para minha cesta com pão, manteiga e ovos. — Sergey não jantou nem tomou café da manhã — disse ela. Coloquei meu xale e fui, com sua gentileza pesada no meu braço.

Percorri a floresta e escondi o embrulho entre as raízes da árvore branca, e novamente enterrei os centavos. Coloquei um na minha pilha e na pilha de Sergey. Então eu fui para casa. Stepon estava lá tentando mexer uma panela de mingau que tinha ficado sólida. Havia uma forte marca vermelha em seu rosto, e ele estava estremecendo quando se moveu. Ele olhou para mim, infeliz. Então nosso pai havia dito para ele fazer o jantar ontem à noite e depois bateu nele porque ele não sabia como fazê-lo. — Sente-se e descanse — eu disse a ele — Há algo para mais tarde.

Diluí o mingau com água e cozinhei um pouco de repolho. Meu pai ficou bravo, gritando enquanto tirava as botas, porque eu não tinha negócios ficando na cidade por causa de uma pequena queda de neve, tão rapidamente, e o agiota aceitaria um dia extra de pagamento da dívida por me manter. — Vou dizer a eles — eu disse, colocando o repolho sobre a mesa rapidamente, antes que ele estivesse dentro de casa. — Panov Simonis me deu um presente para você, papai — Coloquei a garrafa de krupnik em cima da mesa. Eu pensei que eu poderia usá-lo para evitar uma surra agora, já que ele ficaria bêbado mais tarde de qualquer maneira.

— Para que Kajus está me dando presentes? — Papai disse, e ele cheirou o jarro desconfiado quando o abriu. Mas logo ele estava bebendo em grandes goles, enquanto comia metade do repolho e do mingau. O resto de nós comeu nossa parte rapidamente, sem olhar para cima.

— Vou pegar madeira agora, já que não estava em casa — eu disse. Papai não me disse para não ir. Sergey e Stepon saíram comigo e eu os levei para

a árvore branca. O pacote ainda estava lá onde eu o havia deixado e não estava congelado. Nós compartilhamos a comida e depois eles me ajudaram a colher madeira. Depois disso, Sergey desceu a estrada para a cidade. Stepon se amontoou comigo do lado de fora contra a pilha de lenha, ajudando-me a me aquecer enquanto ouvíamos através das rachaduras papai cantando alto.

Uma vez ele parou e gritou comigo. — Garota estúpida, foi longe demais — disse ele, resmungando, quando eu não respondi. — Agora o fogo está morrendo — Foi muito tempo antes de ele ir para a cama e começar a roncar. Stepon e eu estávamos com muito frio até então. Entramos na casa o mais silenciosamente possível e depositamos no fogo, para que não estivesse morto antes da manhã, e eu coloquei o kasha para cozinhar para o café da manhã. Mostrei a Stepon como fazê-lo para que ele soubesse da próxima vez. Então nos arrastamos para a cama e fomos dormir. De manhã, meu pai me bateu com seis pancadas com o cinto por ter ido longe demais, mesmo que o fogo estivesse bom e o café da manhã estivesse pronto. Eu acho que ele estava principalmente me batendo porque eu não estava lá para bater ontem à noite. Mas ele estava com dor de cabeça e estava com fome, então quando Stepon colocou uma grande tigela de kasha fumegante sobre a mesa, ele parou de me bater e sentou-se para comer. Limpei meu rosto, absorvi e me sentei ao lado dele.

*

Já era tarde quando cheguei a Vysnia no trenó de Oleg. Dormi naquela noite na casa de meu avô e, na manhã seguinte, fui ao mercado em nosso bairro e perguntei até encontrar a barraca de Isaac, o joalheiro, com quem minha prima Basia pretendia se casar. Ele era um jovem de óculos e dedos grossos, mas cuidadosos, bonito, com bons dentes e belos olhos castanhos e a barba aparada curta, para ficar de fora do trabalho. Ele estava curvado sobre uma bigorna em miniatura, martelando um disco de prata com suas minúsculas ferramentas, extremamente precisas. Fiquei olhando-o trabalhar por talvez dez minutos antes que ele suspirasse e dissesse: — Sim? — com um leve indício de resignação, como se ele esperasse que eu fosse embora, em vez de incomodá-lo a fazer qualquer negócio. Peguei minha bolsa branca e derramei as seis moedas de prata no pano preto em que ele trabalhava.

— Isso não é o suficiente para comprar qualquer coisa aqui — disse ele, sem rodeios; ele começou a voltar ao trabalho, mas depois franziu a testa um pouco e virou-se novamente. Ele pegou uma moeda e olhou atentamente para ela, virou-a entre os dedos e esfregou-a entre eles; depois, largou-a e olhou para mim. — Onde você conseguiu isso?

— Eles vieram do Staryk, se você quiser acreditar em mim — eu disse — Você pode transformá-los em alguma coisa? Uma pulseira ou um anel?

— Vou comprá-los de você — ele ofereceu.

— Não, obrigado — eu disse.

— Fazer um anel custaria a você dois zlotek — ele disse — Ou comprarei de você por cinco.

Meu coração deu um pulo: se ele comprasse de mim por cinco, isso significava que ele pensava que poderia vender o que quer que fizesse por mais. Mas não tentei barganhar o preço dele. — Eu tenho que devolver ao Staryk seis moedas de ouro, em troca — eu disse — Eu posso pagar a você um zlotek para fazer um anel para mim, ou se você quiser, pode vender o que fizer e dividiremos qualquer lucro que resta depois que o Staryk for pago — que era o que eu realmente queria; eu tinha certeza de que Isaac poderia vender uma joia melhor do que eu. — Sou prima de Basia, Miryem — acrescentei, por fim, guardando-o para o final.

— Oh — ele disse, e olhou para as seis moedas novamente e as mexeu com os dedos; finalmente ele concordou. Sentei-me em um banquinho atrás de seu balcão, e ele começou a trabalhar. Ele derreteu as moedas em um pequeno forno quente que os joalheiros dividiam, no meio de suas barracas, e depois derramou a prata líquida em um molde, um grosso feito de ferro. Quando esfriou pela metade, ele o tirou com as pontas dos dedos de couro e gravou um desenho na superfície, fantasioso, cheio de folhas e galhos.

Ele não demorou muito tempo: a prata derreteu facilmente e esfriou facilmente e pegou a pequena ponta da faca de gravação com facilidade. Quando ele terminou, ele colocou o anel em veludo preto, e nós apenas olhamos juntos em silêncio por um tempo. O padrão parecia estranhamente se mover e mudar: chamava a atenção e a segurava, e brilhava frio mesmo no sol do meio-dia. Então Isaac disse: — O duque vai comprá-lo — e enviou seu aprendiz correndo para a cidade. Um servo alto e imperioso em roupas de veludo e trança dourada voltou com o garoto, deixando claro em cada linha de sua expressão o quão irritado ele estava com a interrupção de

seu importante trabalho, qualquer que fosse, mas até ele parou de se irritar quando ele viu o anel e o segurou na palma da mão.

Ele comprou o anel por dez zlotek no local e o levou em uma caixa fechada que segurava cuidadosamente com as duas mãos. Isaac tinha dez zlotek de ouro na mão, e mesmo assim tudo o que ele e eu fizemos foi sentar e assistir o servo do duque até que ele estivesse completamente fora de vista, como se mesmo dentro da caixa o anel estivesse puxando nossos olhos para ele. O homem ficou cada vez mais distante ao longo da rua movimentada do mercado, e ainda assim não tive dificuldade em encontrá-lo na multidão. Mas finalmente ele atravessou os portões do quartel e se foi, e fomos libertados para olhar para a nossa recompensa, as dez moedas de ouro que havíamos feito de prata Staryk.

Coloquei seis deles de volta na bolsinha branca. Isaac ficou com dois—ajudaria a pagar um bom preço de noiva—e então eu levei os dois últimos para a casa do meu avô e orgulhosamente os dei a ele, para entrar no cofre com o resto do meu ouro. Ele deu um pequeno sorriso rígido para mim, cheio de satisfação, e bateu na minha testa com o dedo indicador. — Aí está minha garota inteligente — disse ele, e eu sorri de volta, tão rígida quanto satisfeita.

— Você não pretende sair tão tarde! — minha avó disse um pouco reprovadora quando eu pretendia me vestir depois do jantar: era sexta-feira.

— Eu chegarei lá antes do pôr do sol, se formos rápidos — eu disse — E Oleg estará dirigindo, não eu — Eu fiz com que ele me esperasse uma noite, em troca de perdoá-lo no seu próximo pagamento; era mais barato do que pagar um cárter da Vysnia para me levar para casa. Ele dormiu no estábulo do meu avô com o cavalo, mas não gostaria de ficar mais tempo, não sem mais pagamento, e não poderíamos ter saído até depois do pôr do sol de amanhã. De qualquer forma, os Staryk não mantiveram o Shabat, e eu não tinha certeza de como pretendia recuperá-los. Pensei que talvez tivesse que deixá-lo na porta da minha casa, para que eles levassem embora.

— Ela chegará lá a tempo — disse meu avô com determinação, acertando tudo. Então, voltei ao trenó de Oleg.

Passamos um bom tempo sobre a neve congelada, o cavalo trotando rapidamente com apenas meu peso nas costas. Ficou escuro sob as árvores, mas o sol ainda não havia se posto e estávamos perto de casa. Eu esperava que pudéssemos fazê-lo, mas então o cavalo diminuiu a velocidade, e depois parou completamente. Ele ficou parado, imóvel, com as orelhas

erguidas, ansioso, o hálito quente saindo pelas narinas. Pensei que talvez ele precisasse descansar um pouco, mas Oleg não havia dito nada a ele e ele não se mexeu para fazê-la começar a correr novamente.

— Por que estamos parando? — Eu perguntei finalmente. Oleg não me respondeu: ele se sentou no banco como se dormisse. Um vento frio subiu, murmurando contra minhas costas, rastejando sobre as bordas do trenó e contorcendo-se pelas cobertas para chegar à minha pele. Sombras azuis se estendiam sobre a neve, lançadas por uma luz fina e pálida brilhando em algum lugar atrás de mim, e quando minha respiração subiu em nuvens rápidas ao redor do meu rosto, a neve triturou: uma criatura grande, caminhando em direção ao trenó. Engoli em seco e puxei minha capa em volta de mim, e então reuni toda a coragem fria de inverno que já encontrei e me virei.

O Staryk não parecia tão terrivelmente estranho a princípio; foi isso que o tornou verdadeiramente terrível. Mas, enquanto eu olhava lentamente, seu rosto se tornou algo desumano, moldado em gelo e vidro, e seus olhos como facas de prata. Ele estava sem barba como um menino, mas seu rosto era adulto, e ele era alto, alto demais quando se aproximou e pairou sobre mim como a estátua de mármore na praça de Vysnia, esculpida em tamanho maior que a vida. Ele usava seus cabelos brancos em longas tranças. Suas roupas, assim como sua bolsa, eram todas do mesmo couro branco antinatural, e ele estava montando um cervo, maior que um cavalo de tração, com chifres ramificados doze vezes e pendurados com gotas de vidro transparentes, e quando ele estendeu a língua vermelha para lamber o focinho, os dentes eram afiados como os de um lobo.

Eu queria recuar, me esconder. Em vez disso, segurei minha capa de pele firmemente na garganta com uma mão contra o frio que escorria dele, e com a outra estendi a bolsa para ele quando ele se aproximou do trenó.

Ele fez uma pausa, me examinando com um olho azul prateado com a cabeça virada para o lado, como um pássaro me olhando. Ele estendeu a mão enluvada e pegou a bolsa, e a abriu e derramou as seis moedas de ouro na sua mão em concha, o leve tinido alto no silêncio que nos rodeava. As moedas pareciam diferentes em sua mão, quentes e brilhantes, brilhando contra o branco frio e artificial de sua luva. Ele olhou para elas e pareceu surpreso e também vagamente desapontado, como se estivesse arrependido de ter conseguido. Ele as colocou de volta na bolsa e puxou o cordão com

força em torno da luz dourada, como fechar um raio de sol, e a bolsa desapareceu sob sua longa capa.

A estrada Staryk era uma larga faixa brilhante atrás dele, logo entre as árvores. Ele virou o cervo sem dizer uma palavra, pegando aquelas seis moedas de ouro que eu havia adquirido com o meu trabalho e medo, como se fossem apenas dele, e a raiva cresceu em mim — Vou precisar de mais tempo na próxima vez, se você quiser que mais deles sejam alterados — eu o chamei, jogando minhas palavras contra o silêncio gelado e duro como uma concha ao nosso redor.

Ele virou a cabeça e olhou para mim, como se estivesse surpreso por eu ter ousado falar com ele, e então o cervo de chifre afiado deu um passo na estrada, e ele não estava mais lá; Oleg se sacudiu e estremeceu no cavalo, e nós estávamos trotando novamente. Caí de novo nos cobertores, tremendo como se o ar tivesse subitamente ficado muito mais frio; as pontas dos meus dedos onde estendi a bolsa estavam entorpecidas. Tirei minha luva e as coloquei debaixo do meu braço para aquecê-las, estremecendo quando elas tocaram minha pele. Uma nevada de plumas começou a cair ao nosso redor enquanto seguíamos o resto do caminho.

*

Notei o anel de prata na mão do meu pai naquela noite, enquanto seu dedo batia com irritação contra o lado do cálice, em tinidos constantes. Ele me mandava jantar formalmamente em sua mesa uma noite por semana; para melhorar minhas maneiras em companhia educada, ele disse. Minhas maneiras não precisavam melhorar—Magreta tinha visto isso—mas, seja qual for o verdadeiro motivo de meu pai, certamente não era para seu próprio prazer. Ele estava insatisfeito toda vez que me via, como se esperasse que eu me tornasse mais bonita, mais espirituosa e mais encantadora. Infelizmente, não. Mas eu era sua única filha com idade suficiente para se preocupar ainda, pois meus meio-irmãos ainda estavam no berçário, e meu pai não gostava de que algo que ele possuía fosse inútil.

Então, desci para jantar e realizei minhas maneiras corretas de companhia, para que Magreta não fosse punida, e quando ele tinha um cavaleiro ou boyar ou, ocasionalmente, um barão visitante à sua mesa, mantinha meus olhos modestamente abatidos e os ouvia falar de exércitos, impostos ou fronteiras e política, vislumbre de um mundo mais amplo, tão

distante dos meus estreitos quartos no andar de cima como o paraíso. Eu gostaria de pensar que tinha chance de me mudar daquele mundo algum dia; minha madrasta fez isso, sorrindo com as mãos abertas para cumprimentar nossos convidados, certificando-se de que sua mesa e sua hospitalidade se adequassem ao orgulho e aos merecimentos de cada um, cortando uma figura fina e com joias ao lado de meu pai quando fomos nos visitar, ou hospedou nobres de maior classificação. Ela colheu a verdade sobre o estado de suas propriedades de esposas, irmãs e filhas, e à noite meu pai ouvia suas opiniões e conselhos; ela tinha uma voz nos ouvidos do marido. Eu gostaria de ter uma esperança.

Mas a irritação do meu pai me disse o contrário. Eu tinha sido uma decepção para ele desde o início, pois minha mãe levou um número excessivo de anos para me produzir e logo depois abortou o filho em atraso e morreu com ele. Levou alguns anos para escolher a melhor substituta, e embora Galina tivesse feito o seu melhor, mesmo assim ele ainda não tinha nada com o que trabalhar, além de mim e dois meninos no berçário, exatamente quando todos os homens de sua corte, os que ajudaram o velho czar ao seu trono, tinham filhas prontas para se casar e filhos querendo mais beleza e graça em uma esposa do que eu poderia oferecer, ou pelo menos mais dinheiro do que meu pai ofereceria para compensar sua falta.

Quando eu era mais jovem, e ainda havia alguma chance de eu me tornar uma utilidade real, ele às vezes fazia perguntas nítidas sobre livros que eu havia lido, ou exigia que eu recitasse todos os nomes de todos os nobres em Lithvas, desde o czar até as contagens em ordem de precedência, mas ultimamente ele havia parado de se incomodar. Minha última governanta começou a ensinar suas cartas a meu irmão mais velho e, se eu tinha um livro para ler, era porque eu conseguia tirá-lo das prateleiras do térreo, em uma rara chance. E quando não havia mais ninguém na mesa dele para distraí-lo do meu silêncio e do meu rosto pálido e estreito, meu pai franzia o cenho para mim e batia os dedos na xícara.

Naquela noite, não havia convidados à mesa. O czar viria em breve para uma visita, e ninguém mais havia sido convidado por meses antes, para economizar com as despesas inevitáveis. Meu pai pretendia gastar o mínimo possível, mas mesmo assim o desperdício o deixou mais insatisfeito comigo do que o normal. Talvez tenha trazido para casa de maneira mais violenta que ele teria pouco retorno sobre mim, embora, mesmo que eu fosse bonita, ele certamente nunca seria um dos senhores que se dedicaram

a hospedar o tzar, balançando as filhas como isca e fazendo tolos de si mesmos na esperança.

O tzar não se casaria com nenhuma delas, por mais bonitas que fossem; ele se casaria com a princesa Vassilia. Ela não era mais bonita do que eu, mas seu pai era o príncipe Ulrich, que governava três cidades, não uma, e tinha dez mil soldados e a grande mina de sal nas mãos dele, então ela não precisava ser bonita para se tornar czarina. O czar já deveria ter se casado com ela, mas evidentemente preferia manter seus outros nobres esperando um pouco mais; um jogo perigoso para brincar com o orgulho de Ulrich, mas que deu ao czar uma desculpa para viajar bastante e espalhar as despesas de sua corte, em vez de oferecer a própria hospitalidade.

E meu pai teve uma filha casável, em teoria, e, portanto, poderia ser imposta. Então agora eu me tornei uma despesa além do meu valor, especialmente porque meu pai claramente nem esperava algum benefício secundário—que algum membro útil da corte do tzar pensasse em mim para um filho ou primo em algum lugar. Fiquei feliz por estar sob o aviso do tzar, que era jovem, bonito e cruel, mas gostaria de ser bonita o suficiente ou encantadora o suficiente para que pelo menos alguém quisesse se casar comigo, em vez de apenas me considerar uma cláusula adicional a qualquer dote relutante que eles pudessem arrancar de meu pai. Ou até para ter certeza de que alguém *se* casaria comigo: minha única fuga de uma vida passada entre paredes estreitas. A irritação de meu pai falou sem palavras de um destino sombrio para mim.

Mas quando seu anel bateu com um leve toque alto contra a lateral de sua xícara, observei a prata fria capturando a luz e esqueci que era impaciente. Pensei apenas em flocos de neve caindo por uma janela acesa, o silêncio do início do inverno, parado do lado de fora no jardim, em um dia em que as folhas estavam cobertas de gelo claro e brilhante. Eu até esqueci de ouvir o que ele estava dizendo para mim, até que ele disse bruscamente: — Irina, você está escutando?

Eu só tinha o refúgio da honestidade. — Perdoe-me, Pai — eu disse — Eu estive olhando seu anel. Isso é mágico?

Essa foi outra decepção de minha mãe: a mágica dela, da qual ela não teve nenhuma. Sua bisavó havia sido estuprada por um cavaleiro Staryk durante uma invasão noturna no meio do inverno, que matou seu marido, e o menino que ela deu à luz depois tinha cabelos e olhos prateados e podia atravessar nevascas e esfriar as coisas com um toque. Seus filhos também

tinham cabelos grisalhos, embora não muito do seu poder, e meu pai se casara com minha mãe com a força da lenda, com seus olhos claros e uma mecha de cabelos prateados que ondulavam na testa.

Mas sua aparência era toda a magia que ela tinha, e eu não tinha nem isso, apenas cabelos castanhos lisos e os olhos castanhos de meu pai, e eu tremia como qualquer outra pessoa no frio. No entanto, quando olhei para o anel de meu pai, senti a neve caindo. Meu pai fez uma pausa e olhou para ele em sua própria mão. Era um pouco pequeno para ele. Ele o usava acima da articulação do dedo indicador, na mão direita, e o polegar esfregou a superfície. Ele estivera tocando tudo durante a refeição, distraidamente. Depois de um momento, ele disse: — Artesanato incomum, isso é tudo — com o tom final que significava que não deveríamos discutir mais o assunto. Portanto, ele não sabia se era mágico, não conhecia nenhum poder que tinha e não se importava que mais ninguém soubesse mais do que ele.

Eu não disse mais nada e abaixei os olhos e prestei muita atenção durante o resto da refeição, enquanto ele me dizia categoricamente o que era esperado de mim durante a visita do czar—o que não era nada. Ele não queria a despesa de me comprar vários vestidos novos. Então, eu ficaria um pouco doente e ficaria lá em cima e fora do caminho, e Galina teria três vestidos novos. Ele não disse mais nada sobre o anel e também não mencionou minha distração anterior.

Fiquei feliz em ficar fora do caminho do czar, mas três vestidos novos teriam sido mais úteis para mim do que para Galina, se meu pai pretendesse começar a me oferecer em breve. Naquela noite, coloquei minha vela no parapeito da janela e observei os flocos de neve caindo sob a luz das velas enquanto Magreta escovava meu cabelo; limpando cuidadosamente os emaranhados de baixo para cima com o pente e a escova de prata que ela sempre mantinha consigo, na bolsa amarrada à cintura; então haveria dezessete pinceladas nas raízes, na medida certa, uma para cada ano que havia crescido. Ela cuidava do meu cabelo como um jardim e isso recompensava sua atenção; a essa altura já era mais longo do que eu era alta, e eu podia me sentar junto à janela enquanto ela limpava as pontas, na cadeira perto do fogo. — Magra — perguntei — Meu pai amava minha mãe?

Ela ficou tão surpresa que parou de escovar. Eu sabia que ela havia servido à minha mãe antes de eu nascer, mas nunca havia perguntado sobre ela antes. Nunca me ocorreu perguntar. Eu era tão jovem quando ela morreu

que só pensava nela como um ancestral há muito tempo. Meu pai me falou sobre ela em termos precisos, o suficiente para que eu entendesse que ela havia falhado. Ele não me fez querer saber mais.

Magreta disse: — Ora, sim, Dushenka, é claro que sim — e embora ela tivesse dito isso, mesmo que não fosse verdade, ela não hesitou primeiro, o que significava que pelo menos acreditava em suas próprias palavras. — Ele se casou com ela sem dote, não é? — ela acrescentou, porém, e então foi a minha vez de olhar em volta e me surpreender. Ele nunca me disse *isso.* Era quase inimaginável.

— Ele não fala dela como se a amasse — eu disse, descuidada por minha própria vez.

Magreta hesitou antes de dizer: — Bem, tem sua madrasta para pensar.

Eu realmente não precisava que Magreta me dissesse que o amor havia pegado meu pai como um peixe relutante e que, depois de ter escapado do anzol, ele ficou feliz em esquecer que ele já estivera nele. Certamente minha madrasta havia chegado apenas com um dote gordo de moedas de ouro, um baú pesado maior que eu, que agora repousava no fundo do tesouro embaixo da casa. Meu pai não fora pego pela segunda vez. E provavelmente ele ficou ainda mais decepcionado com minha mãe, se ela tivesse magia suficiente para encantá-lo à estupidez, mas não por mais nada.

Eu sonhei com o anel naquela noite, só que era usado por uma mulher com um cadeado de prata caindo da testa—um cadeado que combinava com o anel em sua mão. O rosto dela não ficou claro no sonho, mas ela se afastou de mim e caminhou por uma floresta de árvores brancas e prateadas. Acordei pensando não na minha mãe, mas no anel; eu queria uma chance de tocá-lo, segurá-lo.

Magreta normalmente me mantinha longe do caminho de meu pai, mas todos os dias ela me levava a um canto dos jardins para fazer exercícios de caminhada, mesmo em clima frio. Naquela manhã, entrei na parte mais antiga dos jardins, longe da casa; ainda havia uma capela negligenciada, meio enterrada sob trepadeiras sem folhas, a madeira cinza apodrecendo um pouco, pontas esculpidas como espinhos aparecendo na neve empoeirada no telhado. Magreta ficou lá embaixo, preocupada comigo, mas subi os degraus rangentes no campanário vazio para poder olhar pela janela redonda sobre o muro do jardim e ver o grande pátio onde meu pai diariamente treinava seus homens.

Esse era um dever que ele nunca negligenciou. Ele não era mais jovem, mas nascera como boyar e não como duque. Muitos anos atrás, ele matou três cavaleiros em uma única batalha de um dia e quebrou os muros de Vysnia para o pai do tzar, pelo direito de tornar a cidade sua. Ele ainda supervisionava o treinamento de seus próprios cavaleiros, e pegava garotos fortes de fazendeiros e os fazia homens de armas na cidade. Até dois arquiduques e um príncipe se dignaram a enviar seus filhos para serem adotados, porque sabiam que ele os enviaria de volta bem treinados.

Eu pensei que talvez ele tivesse tirado o anel para ensinar; nesse caso, pode estar em seu escritório em algum lugar, em sua mesa. Eu já estava fazendo planos. Magreta não me deixava entrar lá, mas eu poderia convencê-la a entrar na biblioteca ao lado e perdê-la entre as estantes de livros; eu poderia entrar e colocar minha mão nele por apenas um momento.

Mas quando eu olhei para o pátio, onde os soldados estavam caminhando sob sua voz de capataz, meu pai estava com as mãos descobertas, embora normalmente usasse luvas pesadas ou, às vezes, luvas de metal. Suas mãos estavam frouxamente atrás das costas, a esquerda segurando o pulso direito. A faixa prateada brilhava como se estivesse sob a luz do sol, embora o céu estivesse cinza escuro e a neve estivesse flutuando, tão longe do meu alcance quanto outro mundo.

*

O senhor Staryk continuou voltando à minha cabeça, mesmo depois de eu voltar para casa. Eu não me lembrava dele o tempo todo; somente nos momentos em que eu estava sozinha em algum lugar e no meio de alguma outra tarefa. Quando saí atrás da casa para cuidar das galinhas, lembrei-me das pegadas dele e fiquei feliz em ver a neve sem marcas. No galpão, alimentando as cabras sob a fraca luz do amanhecer, olhei para um canto onde havia um ancinho nas sombras e lembrei-me dele saindo das árvores escuras com suas tranças brancas e seu sorriso cruel. Quando saí para pegar um pouco de neve para a água, para fazer chá, minhas mãos esfriaram e pensei: *e se ele voltar.* Isso me deixou com raiva, porque ficar com raiva era melhor do que ficar com medo, mas depois entrei com o balde de neve e me vi irritada diante do fogo sem motivo, e minha mãe olhando para mim, intrigada.

Ela não me perguntou nada sobre o Staryk, apenas como minha avó e meu avô estavam, e se eu tive uma boa jornada, como se ela também tivesse esquecido o motivo de eu ter ido a Vysnia. Eu não tinha mais nenhuma prata prateada para fixá-la na minha cabeça, nem mesmo a bolsinha branca. Lembrei-me de ir ao mercado e lembrei-me de Isaac trabalhando, mas não conseguia ver o anel que ele havia feito em minha mente.

Mas lembrei-me o suficiente de que todas as manhãs voltava a olhar para trás da casa e, na segunda-feira, Wanda saiu para alimentar as galinhas enquanto eu ainda estava lá. Ela se juntou a mim e olhou para a superfície lisa e ininterrupta e, inesperadamente, disse: — Então você pagou a ele? Ele se foi?

Por um momento, quase disse: *quem você quer dizer,* e então me lembrei de novo, e minhas mãos se apertaram — Eu paguei a ele — eu disse, e Wanda assentiu depois de um momento, um único puxão de cabeça, como se ela entendesse que eu estava dizendo que isso era tudo que eu sabia: ele poderia voltar, ou talvez não.

Eu trouxera alguns aventais de Vysnia comigo no novo padrão bordado— aventais em vez de vestidos, para poder vendê-los por menos de um zlotek sem parecer que os vestidos eram uma trapaça. Todos eles se foram rapidamente naquele dia de mercado e os lenços que eu também comprei. Uma mulher de uma fazenda fora do país até me perguntou se eu voltaria para Vysnia em breve e se achava que poderia conseguir um bom preço por seus fios lá. Ninguém nunca tinha feito negócios comigo antes, se eles pudessem evitar, exceto comprar de mim barato e vender para mim caro; normalmente ela teria pedido a um dos carroceiros, Oleg ou Petrov, para levá-los para a cidade se não pudesse vendê-los no mercado. Mas nesses últimos anos, todas as ovelhas e cabras cresceram com peles tão grossas, nos longos invernos frios, que o preço da lã estava caindo, e elas não poderiam ter rendido muito à ela.

O dela era melhor que o habitual, macio e grosso; eu poderia dizer que ela tinha penteado, lavado e girado com cuidado. Esfreguei um fio entre meus dedos e lembrei que meu avô havia dito que ele enviaria algumas mercadorias para o sul, rio abaixo, quando a primavera chegasse: ele havia contratado uma barcaça. Ele pretendia empacotar suas mercadorias com palha, mas talvez pudesse empacotá-las com lã, e poderíamos vendê-las por mais no sul, onde não estava tão frio.

— Dê-me uma amostra e vou levá-la na próxima vez que for, e vou lhe dizer o que posso obter — foi tudo o que eu disse a ela. — Quanto você tem para vender? — Ela só tinha três malas, mas eu vi outras pessoas ouvindo enquanto conversávamos. Havia muitos no mercado que vendiam lã por um pouco de renda, ou mesmo como meio de vida, e estavam sendo pressionados pela queda dos preços; eu tinha certeza que, se voltasse ao mercado e dissesse a ela onde outros poderiam ouvir que eu poderia lhe oferecer um bom preço, muitos outros viriam em silêncio para me ver.

Quando voltei para casa do mercado naquele dia, estava decidido que eu tinha ido à Vysnia buscar mais mercadorias para vender, fazer mais negócios para mim. Havia três cabras novinhas em uma corda atrás de mim, compradas baratas por causa da queda do preço da lã, e ainda mais planos em minha mente: eu pediria ao meu avô que retirasse meus lucros da lã e me comprasse alguns vestidos do sul, em um pouco de estilo estrangeiro, para vender em Vysnia e no mercado aqui também.

Naquela noite, havia um frango assado marrom na mesa e cenouras vitrificadas com gordura, e pela primeira vez minha mãe serviu a boa comida sem parecer que cada mordida a envenenaria. Nós comemos, e depois Wanda foi para casa e nos instalamos juntos ao redor do fogo. Meu pai estava lendo para si mesmo, seus lábios se movendo silenciosamente, da nova Bíblia que eu havia comprado para ele em Vysnia; minha mãe estava rendando um pedaço de fio de seda fino, um pedaço que um dia poderia entrar em um vestido de noiva, talvez. A luz dourada brilhava em seus rostos, gentis e desgastados, e por um momento senti o mundo inteiro suspenso em felicidade, em paz, como se tivesse chegado a um lugar que nunca tinha sido capaz de imaginar antes.

A batida bateu na porta, pesada e vigorosa. — Eu atendo — eu disse, colocando minha costura de lado. Mas quando eu me levantei, meus pais nem sequer olharam para cima. Eu fiquei lá congelada no local por um momento, mas eles ainda não pareciam; minha mãe cantarolava baixinho, o gancho balançando dentro e fora do fio. Lentamente, fui até a porta e a abri, e o Staryk estava na varanda com todo o inverno atrás dele, uma nuvem rodopiante de neve que não passava pelas janelas.

Ele estendeu outra bolsa para mim, tilintando como correntes, e falou com uma voz alta e fina como o vento assobiando através dos beirais. — Desta vez, você pode ter três dias antes de eu voltar e pegar de volta — disse ele.

Eu olhei para a bolsa. Era grande e pesada com moedas, mais prata do que eu tinha em ouro, mesmo que eu esvaziasse meu cofre; muito mais. A neve estava entrando para derreter friamente contra minhas bochechas, manchando meu xale. Pensei em aceitá-lo em silêncio, em manter minha cabeça baixa e com medo. Eu *estava* com medo. Ele usava esporas nos joelhos e joias nos dedos como enormes lascas de gelo, e as vozes de todas as almas perdidas nas nevascas uivavam atrás dele. Claro que eu estava com medo.

Mas eu tinha aprendido a temer mais outras coisas: ser desprezada, reduzir um pedacinho de mim de cada vez, sorrir com ironia e tirar proveito disso. Levantei o queixo e disse, o mais friamente que pude responder: — E o que você vai me dar em troca?

Seus olhos se arregalaram e toda a cor desapareceu deles. A tempestade gritou atrás dele, e uma lança de ar frio cheia de neve e gelo soprou no meu rosto nu, uma pontada picada de alfinetes e agulhas nas minhas bochechas. Eu esperava que ele me atacasse, e ele parecia que queria; mas, em vez disso, ele me disse: — Três vezes, donzela mortal — num ritmo quase como uma música: — Três vezes você transformará prata em ouro por mim ou você mesma será transformada em gelo.

Eu já me sentia metade gelo, minhas mãos tão frias que imaginei que podia sentir meus ossos dos dedos doendo sob a carne entorpecida. Pelo menos eu estava com muito frio até para tremer. — E depois? — Eu disse e minha voz não tremia.

Ele riu de mim, alto e selvagem e disse: — E então, se você conseguir, eu a farei minha rainha — ironicamente, e jogou a bolsa aos meus pés, tocando alto. Quando olhei para trás, ele se foi, e minha mãe atrás de mim disse, lenta e lutando, como se fosse um esforço para falar: — Miryem, por que você está mantendo a porta aberta? O frio está entrando.

# CAPÍTULO 7

A bolsa que o Staryk havia deixado era dez vezes mais pesada do que a anterior, cheia de moedas brilhantes. Eu as contei, amontoando-as em torres, tentando colocar minha mente em ordem junto com elas. — Nós vamos partir — disse minha mãe, me vendo construir as torres. Eu não tinha dito a ela o que Staryk havia prometido ou ameaçado, mas ela não gostou mesmo assim: um lorde das fadas exigindo que eu lhe desse ouro. — Iremos até o meu pai, ou a algum outro lugar — Mas eu tinha certeza de que isso não era bom. Até onde teríamos que ir para fugir do inverno? Mesmo que houvesse algum país a milhares de quilômetros de distância fora de seu alcance, isso significaria subornos para atravessar cada fronteira e uma nova casa onde quer que nos encontrássemos no final, e quem iria saber a forma que eles nos tratariam quando chegássemos lá. Tínhamos ouvido histórias suficientes sobre o que aconteceu com nosso povo em outros países, sobre reis e bispos que queriam que *suas* dívidas fossem perdoadas, e para encher suas bolsas com riqueza confiscada. Um dos meus tios-avós veio de um país de verão, de uma casa com laranjeiras dentro de um jardim murado; alguém agora pegou aquelas laranjas, que sua família tinha plantado e tomado conta cuidadosamente, e tiveram a sorte de terem chegado aqui.

E mesmo em um país de verão, eu não achava que poderia escapar para sempre. Um dia o vento iria soprar e a temperatura iria baixar, e no meio da noite uma geada se arrastaria sobre minha soleira. Ele viria para cumprir sua promessa, uma vingança final depois de eu ter passado a minha vida

correndo pelo mundo sem fôlego e com medo, e ele me deixaria congelada em uma entrada do deserto.

Então eu coloquei as seis torres de moedas, dez em cada uma, de volta na bolsa. Sergey já tinha chegado a essa altura; eu o enviei a Oleg, para pedir que ele voltasse com seu trenó e me levasse a Vysnia naquela mesma noite: — Diga a ele que vou tirar um kopek de sua dívida, se ele me levar e me trouxer de volta no sábado à noite — eu disse com tristeza: era o dobro do custo da viagem, mas eu precisava ir imediatamente. O Staryk poderia ter me dado três dias, mas eu só tinha até o pôr do sol da sexta-feira para concluir o trabalho; não achei que ele aceitaria o Shabbat como desculpa.

Eu estava no mercado à primeira luz do dia seguinte e, no instante em que Isaac me viu na frente de sua banca, ele exigiu ansiosamente: — Você tem mais prata? — Então ele corou e disse: — Bem-vinda de volta — lembrando-se de que tinha boas maneiras.

— Sim, eu tenho mais — eu disse, e derramei a bolsa pesada em uma faixa brilhante sobre o seu pano de veludo preto; ele nem sequer tinha colocado sua mercadoria para fora ainda. — Eu preciso devolver sessenta moedas de ouro desta vez — eu disse a ele.

Ele já estava virando as moedas com as mãos, o rosto iluminado pela fome: — Eu não conseguia *lembrar* — ele disse, meio para si mesmo, e então ele ouviu o que eu tinha dito e me encarou. — Preciso de um pouco de lucro pelo trabalho que isso vai levar.

— Tem o suficiente para fazer dez anéis, com dez de ouro cada um — eu disse.

— Eu não conseguiria vender todos eles.

— Sim, você conseguiria — eu disse. Eu tinha certeza disso: agora que o duque tinha um anel de prata de fada, todos os homens e mulheres ricos da cidade precisavam de um anel igual, imediatamente.

Ele franziu o cenho sobre as moedas, mexendo-as com os dedos e suspirou. — Vou fazer um colar e ver o que podemos conseguir.

— Você realmente não acha que consegue vender dez anéis? — eu perguntei, surpresa, imaginando se eu estava errada, afinal.

— Eu quero fazer um colar — disse ele, o que não me pareceu muito sensato, mas talvez ele tenha pensado que isso mostraria seu trabalho e lhe daria um nome. Eu realmente não me importei, desde que eu pudesse pagar meu Staryk mais uma vez, e ganhar algum tempo.

— E isso tem que ser feito antes do Shabbos — acrescentei.

Ele gemeu: — Por que você tem que pedir coisas impossíveis!

— *Elas* parecem possíveis para você? — eu perguntei, apontando para as moedas, e ele realmente não podia argumentar com isso.

Eu tive que sentar com ele enquanto ele trabalhava e gerenciar as pessoas que vinham para a barraca querendo outras coisas dele; ele não queria falar com ninguém e nem ser interrompido. A maioria dos que vieram eram criados ocupados e irritados, alguns deles esperando que as mercadorias estivessem prontas; eles vociferaram e olharam, querendo que eu me encolhesse, mas eu conhecia as suas ameaças vãs e disse friamente: — Certamente vocês podem ver no que o mestre Isaac está trabalhando. Tenho certeza de que suas patroas ou seus mestres não gostariam que vocês interrompessem um cliente que não posso citar, mas que compraria uma peça dessas. — E acenei para enviar os olhos para a mesa de trabalho, onde a luz do sol brilhava na prata debaixo das mãos de Isaac. Seu brilho frio os silenciou; eles ficaram olhando um pouco e depois foram embora, sem tentar discutir novamente.

Isaac continuou trabalhando sem parar até os raios do sol finalmente desaparecerem e começou de novo na manhã seguinte ao amanhecer. Percebi que ele tentou guardar algumas moedas de lado enquanto trabalhava, como se quisesse guardá-las para não esquecer. Pensei em pedir a ele para guardar uma para mim; mas não adiantaria nada. Ao meio-dia, ele suspirou e pegou a última das que tinha guardado e a derreteu, e enfiou um último pedaço de renda de prata no desenho. — Está feito — ele disse, depois, e pegou-o nas mãos: a prata pairava sobre suas largas palmas como pingentes de gelo, e ficamos olhando silenciosamente juntos por um tempo.

— Você vai enviar uma mensagem ao duque? — Eu perguntei.

Ele balançou a cabeça e tirou uma caixa de baixo da mesa: quadrada e feita de madeira entalhada forrada de veludo preto, e colocou o colar cuidadosamente dentro: — Não — ele disse — Por isso, vou até ele. Você quer vir?

Fomos juntos aos portões do nosso bairro e caminhamos pelas ruas da cidade. Eu nunca tinha passado por essa parte da cidade a pé antes. As casas mais próximas das paredes eram pobres e baixas, degradadas; mas Isaac me levou às ruas mais largas, passando por uma enorme igreja de pedra cinza com janelas como jóias em si e, finalmente, às enormes mansões dos nobres. Não pude deixar de encarar as cercas de ferro forjadas em leões e dragões se contorcendo, e as paredes cobertas de vinhas e flores vivas

esculpidas em pedra. Queria me orgulhar, lembrar que era filha do meu avô, com ouro no banco, mas fiquei feliz por não estar sozinha quando subimos os largos degraus de pedra varridos pela neve.

Isaac falou com um dos servos. Fomos levados para uma pequena sala para esperar. Ninguém nos ofereceu nada para beber, ou um lugar para sentar, e um servo ficou olhando para nós com desaprovação. Fiquei quase agradecida: a irritação me fez sentir menos pequena e menos tentada a ficar boquiaberta. Finalmente, o criado que tinha vindo ao mercado na última vez entrou e exigiu conhecer nossos objetivos. Isaac pegou a caixa e mostrou o colar para ele; o criado olhou para Isaac e disse laconicamente: — Muito bem — E foi embora novamente. Meia hora depois, ele reapareceu e ordenou que o seguíssemos. Fomos conduzidos pelas escadas dos fundos e, em seguida, emergimos em um salão mais suntuoso do que qualquer coisa que eu alguma vez já tinha visto, as tapeçarias penduradas nas paredes em cores vivas e o chão coberto com um tapete com um bonito padrão.

O tapete silenciou nossos passos e nos levou a uma sala de estar ainda mais luxuosa, onde um homem com roupas ricas e uma corrente de ouro estava sentado em uma enorme cadeira coberta de veludo em uma mesa de trabalho. Vi o anel de prata de fada no primeiro dedo da mão dele. Ele não olhou para o anel, mas notei que ele o dedilhava de vez em quando, como se quisesse ter a certeza de que não tinha desaparecido de sua mão: — Tudo bem, vamos ver isso — disse ele, largando a caneta.

— Vossa graça. — Isaac curvou-se e mostrou-lhe o colar.

O duque olhou para a caixa. Seu rosto não mudou, mas ele mexeu o colar suavemente em sua cama de veludo com um dedo, apenas movendo os delicados fios de renda do colar. Ele finalmente respirou fundo e soltou o ar novamente pelo nariz: — E quanto você pede por isso?

— Vossa Graça, não posso vendê-lo por menos de cento e cinquenta.

— Absurdo — o duque rosnou. Eu mesma tive que lutar para não morder o lábio: foi ultrajante.

— Caso contrário, tenho que derreter e transformá-lo em anéis — disse Isaac, abrindo as mãos em tom de desculpas. Foi uma negociação bastante inteligente: é claro que o duque preferia que ninguém mais tivesse um anel como o dele.

— De onde você está tirando essa prata? — o duque exigiu — Não é algo comum. — Isaac hesitou e depois olhou para mim. O duque seguiu seus olhos. — Então?

Fiz uma reverência, o mais profundamente que pude e me recompus — Foi-me dado por um dos Staryk, meu lorde. Ele quer que seja trocado por ouro.

Temia que ele acreditasse em mim. Seus olhos pousaram em mim como pesos, mas ele não disse *absurdo,* nem me chamou de mentirosa. Ele olhou para o colar novamente e grunhiu: — E você gostaria de fazer isso através do meu dinheiro, pelo que entendi. Quanto mais dessa prata haverá?

Eu estava preocupada com isso, se o Staryk traria ainda mais prata da próxima vez e o que eu faria com a prata se ele trouxesse: a primeira vez seis, a segunda vez sessenta; como é que eu conseguiria seiscentas moedas de ouro? Engoli: — Talvez—talvez muito mais.

— Hm — disse o duque, e estudou o colar novamente. Então ele colocou a mão de lado e pegou uma campainha e tocou-a; o criado reapareceu na porta. — Vá dizer a Irina que eu a quero — disse ele, e o homem fez uma mesura. Esperamos um punhado de minutos, não muito tempo, e então uma garota apareceu na porta. Ela tinha quase a minha idade, magra e recatada em um vestido de lã cinza simples, com um pescoço alto e modesto, com um fino véu de seda cinza atrás da cabeça. Sua acompanhante veio atrás dela, uma mulher mais velha olhando zangada para mim e especialmente para Isaac.

Irina fez uma reverência, sem levantar os olhos abatidos. O duque se levantou e levou o colar até ela, e o colocou em volta de seu pescoço. Então ele deu um passo para trás, três passos e parou ali para olhá-la. Ela não era especialmente bonita, eu diria, apenas comum, exceto que seus cabelos eram longos, espessos e lustrosos; mas isso realmente não importava com o colar nela. Era difícil até desviar o olhar dela, com o inverno preso em sua garganta e o brilho prateado captando seu véu e seus olhos escuros enquanto ela se olhava no espelho na parede que tinha ali.

— Ah, Irinushka — a acompanhante murmurou, aprovando.

O duque acenou com a cabeça. Ele não desviou o olhar dela quando disse: — Bem, joalheiro, você está com sorte. Você pode ter cem moedas de ouro pelo o seu colar, e a próxima coisa que você irá fazer será uma coroa adequada para uma rainha, para ser o dote da minha filha: e você terá dez vezes cem moedas de ouro quando a vir na testa dela.

*

— Vossa graça quer ver você, milady — disse a criada, e até me fez uma reverência, mais do que os criados mais antigos costumavam fazer; *milady* para eles era minha madrasta. Ela própria era uma mensagem, com seu vestido cinzento e limpo: era uma das criadas superiores que podia polir móveis, não uma das humildes camponesas que lavavam o chão e cuidavam do fogo; foram essas que fizeram meu quarto. Não havia nada muito valioso para elas danificarem.

— Rápido, rápido — disse Magreta, largando a própria costura, e ela me levantou e tocou a trança em volta da minha cabeça que ela havia feito dois dias atrás; eu podia senti-la desejando que ela tivesse tempo de fazer tudo de novo, mas então ela balançou a cabeça e me fez tirar o avental, escovando meus sapatos e a parte de baixo das minhas saias. Fiquei parada e a deixei fazer isso enquanto considerava minhas poucas opções de fuga.

É claro que só havia uma razão pela qual meu pai me chamaria durante o dia para seu escritório, algo que ele nunca tinha feito, quando me veria no jantar naquela noite de qualquer maneira: alguém queria se casar comigo, afinal, e o assunto estava bem avançado. Ou já havia um dote prometido ou pelo menos uma negociação séria em andamento; eu tinha certeza disso, mesmo que não houvesse sequer um sussurro de algo assim quando jantei com ele pela última vez.

A pressa disso fazia muito sentido: se ele não pudesse evitar as despesas da visita do tsar, pelo menos economizaria as despesas separadas do meu casamento e muito mais; serviria sua consequência e seu dinheiro para ter o tsar e seus convidados da corte no casamento de sua filha. Eles teriam que brindar a mim e ao meu marido, e teriam que dar presentes cujo valor seria indiscutivelmente incluído no dote em discussão.

Mas eu não conseguia imaginar que houvesse algo que me agradasse no casamento. É claro que eu gostaria de ser dona da minha própria casa, protegida de todas aquelas alternativas sombrias que vi à minha frente, mas não com essa pressa e tão claramente em prol da conveniência de meu pai. Um homem que se casasse comigo assim não se casaria comigo de verdade; ele estaria fazendo uma barganha por um pedaço de barro em forma de menina que ele pretendia usar quando *lhe* fosse conveniente, e ele não precisaria me valorizar muito quando meu pai deixou tão claro que *ele* não me valorizava. Minha melhor esperança seria alguém de baixa patente, um menino rico e ambicioso que devia lealdade ao meu pai e estava disposto a levar a filha do duque a preço de banana para se tornar um homem

importante dentro do ducado; então eu teria pelo menos valido isso para ele. Mas não consegui pensar em nenhum candidato. Depois de sete anos de invernos ruins, os boyars de meu pai passavam mais tempo pensando em suas bolsas magras do que em sua posição na corte. Provavelmente nenhum deles desejaria uma esposa cara.

De qualquer forma, um homem assim não seria tão útil. Provavelmente, meu pai havia encontrado um nobre que não conseguiria arranjar uma jovem esposa da mesma categoria: alguém desagradável o suficiente para que pelo menos alguns pais hesitassem antes de entregarem as filhas. Um homem cruel, talvez, que estaria ainda mais ansioso por uma garota com um pai que não se oporia muito ao que poderia lhe acontecer.

Desci as escadas mesmo assim, é claro; eu não tinha escolha. Magreta estava quase tremendo quando descemos as escadas. Ela entendia tão bem quanto eu o que estava para acontecer, mas ela não gostava de pensar em problemas antes que eles aparecessem, por isso ela estava sonhando com um casamento bom e feliz para mim e sendo a velha ama aposentada da senhora da casa em vez de ficar nos quartos do sótão com uma filha negligenciada. Eu a deixei entusiasmada enquanto me perguntava se eu estava prestes a conhecer o homem, e se sim, como eu poderia dizer se valia a pena enfurecer meu pai tentando parecer uma pechincha. Era um desagradável pedaço de esperança a que se agarrar.

Mas quando a porta se abriu, não havia nenhum noivado à minha espera, ninguém que pudesse ser o representante de um marido em potencial; apenas dois judeus, um homem e uma mulher, magros, morenos e de olhos escuros, e o homem estava segurando uma caixa cheia de inverno. Eu esqueci de pensar em qualquer outra coisa: o colar brilhava como prata fria no veludo preto, e eu estava na janela do jardim novamente com o sopro do inverno nas bochechas e o gelo rastejando sobre o peitoril da janela embaixo dos meus dedos, desejando algo fora de alcance.

Eu quase fui em direção ao colar com as mãos estendidas; agarrei minhas saias de lã cinza e fiz uma reverência com esforço, forçando meus olhos a baixarem por um momento, mas quando me levantei novamente, olhei mais uma vez. Eu ainda não estava entendendo; mesmo quando meu pai foi e pegou o colar da caixa eu não estava entendendo, e quando ele o trouxe para mim, olhei para ele surpresa: estava tudo errado. Ele não podia querer me dar uma coisa dessas. Mas ele gesticulou com impaciência, e depois de

um momento virei lentamente as costas e inclinei a cabeça para deixá-lo colocar o colar no meu pescoço.

A sala estava quente, mais quente do que meus estreitos quartos no andar de cima, com um fogo saudável crepitando. Mas o metal estava frio contra a minha pele, frio e maravilhoso, refrescante como a sensação de colocar as mãos molhadas nas bochechas em um dia quente. Eu levantei minha cabeça e me virei, e meu pai estava olhando para mim. Todos eles estavam olhando para mim, me encarando: — Ah, Irinushka — Magreta murmurou ternamente. Levantei meus dedos para roçar os elos finos. Mesmo deitado na minha pele, ainda parecia frio ao toque, e quando me olhei no espelho, no vidro, não estava no escritório de meu pai. Eu estava em um bosque de árvores escuras de inverno, sob um céu cinza pálido, e eu quase podia sentir a neve caindo sobre minha pele.

Fiquei ali por um longo momento intemporal, respirando o ar doce e frio que enchia meus pulmões, cheio de ramos de pinheiro recém-cortados, neve pesada e bosques profundos ao meu redor. E então, distante, ouvi meu pai prometer aos judeus que lhes daria mil moedas de ouro, se eles fizessem uma coroa para ser meu dote, então eu tinha razão: ele tinha um noivado em mente e os preparativos eram de fato muito urgentes.

Ele não me deixou ficar com o colar, é claro. Depois que os judeus foram embora, ele me chamou e, embora tenha parado por um momento, olhando para mim novamente, ele passou a mão em volta do meu pescoço e tirou o colar e o colocou de volta na caixa. Ele olhou para mim depois de muito tempo, como se tivesse que se lembrar do que eu realmente era sem o colar, e então ele balançou a cabeça e me disse com firmeza: — O tsar estará aqui na próxima semana. Pratique sua dança. Você vai jantar comigo todas as noites até então. Veja as roupas dela — acrescentou ele a Magreta. — Ela deve ter três vestidos novos.

Fiz uma reverência e voltei para o andar de cima com Magreta girando em minha volta, como uma nuvem de pássaros ansiosos que explodem e voam loucamente antes de voltarem para a árvore: — Eu tenho de conseguir que algumas criadas me ajudem — disse ela, tentando agarrar seu tricô, para segurar. — Tantas coisas pra fazer! Nada está pronto. Seu peito não está meio cheio! E tem três vestidos para serem feitos!

— Sim — eu disse — Você deveria falar com a governanta imediatamente — e Magreta disse: — Sim, sim — e voou para fora da sala novamente e finalmente me deixou sozinha, para sentar junto à lareira com

minha própria costura, uma camisola branca sendo elaborado com bordado para depois do casamento.

Eu conheci o tsar uma vez, sete anos atrás, quando seu pai e irmão acabaram de morrer; meu pai viera a Koron para a coroação, para homenagear o novo tsar ou mais precisamente o novo regente, o Arquiduque Dmitir. Eu vi Mirnatius primeiro na igreja, enquanto o padre estava falando durante a cerimônia, mas não lhe dei muita atenção; eu estava tão entediada que estava assentindo com a cabeça ao lado de Galina com minha roupa quente e espessa, até que eu despertei de sobressalto e saltei de pé quando eles finalmente o coroaram, com a sensação de estar sendo cutucada com uma agulha, um momento antes de todos se levantarem para que pudéssemos aclamá-lo.

Mais ninguém prestou muita atenção nele depois. Os grandes senhores jantaram e conversaram à mesa do tsar, fazendo corte para Dmitir, e Mirnatius saiu sozinho para os jardins atrás do palácio, onde eu também estava brincando, sem nenhuma importância. Ele tinha um pequeno arco e flecha e atirou em esquilos, e quando os atingiu, ele foi até eles e olhou para os pequenos cadáveres com prazer. Não da maneira comum que um garoto orgulhoso de ser um bom caçador olharia: ele segurava as flechas e as balançava, para fazer os corpos estremecerem e sacudirem, olhando com um grande fascínio vazio nos olhos.

Ele me pegou olhando para ele, indignada. Eu era jovem demais para ter aprendido a ser cautelosa: — Por que você está olhando assim? — ele perguntou. — Ainda resta um pouco de vida neles. Não é bruxaria.

Talvez ele soubesse a diferença: sua mãe era uma bruxa, que seduziu o tsar depois que sua primeira tsarina morreu. Ninguém aprovou o casamento, é claro, e depois de apenas alguns anos ela foi morta por fogo quando foi pega tentando matar o primeiro filho da tsarina, para fazer de seu filho o herdeiro. Mas agora o tsar e o príncipe mais velho haviam morrido de febre, e assim o filho da bruxa havia se tornado tsar de qualquer maneira, o que, como Magreta costumava dizer, era uma lição para todos que ser bruxa não era a mesma coisa que ser sábia.

Eu também não era sábia na época, embora tivesse a desculpa de ser uma jovem menina. Mesmo ele sendo o tsar, eu disse: — Você já os matou. Por que você não pode deixá-los em paz? — O que não era muito coerente, mas eu sabia o que eu queria dizer: não gostava dele espancando os corpinhos, fazendo-os recuar por seu prazer.

Seus lindos olhos verdes se estreitaram, pequenos e zangados, e ele ergueu o arco e apontou uma flecha para mim. Eu tinha idade o suficiente para entender que era a morte olhando para mim. Eu queria correr, mas em vez disso simplesmente congelei, meu corpo inteiro parou no lugar e meu coração com ele, e então ele riu e abaixou o arco e disse de modo zombeteiro: — Todos saúdem a defensora de esquilos mortos! — E me fez uma grande reverência formal como em um casamento antes de ir embora. Durante o resto da semana, sempre que eu brincava no jardim, tinha a certeza que encontraria um esquilo morto — sempre escondido em algum lugar fora da vista dos jardineiros, e, ainda assim, minha bola rolava para lá, ou se eu brincava de esconde-esconde com Magreta, eu me agachava em um arbusto apenas para encontrar um esquilo aberto, esperando ali por mim.

Pensei em contar sobre ele: tinha certeza de que todos teriam acreditado em mim, porque Mirnatius era muito bonito e por causa de sua mãe. As pessoas até já sussurravam sobre ele. Mas eu contei a Magreta primeiro e, quando ela me contou toda a história, ela me disse que havia um problema para aqueles que tentaram contar a outros, como os esquilos deveriam ter me mostrado, e eu não deveria mais mexer. E então ela me manteve dentro do palácio em nosso quarto, tecendo fios pelo resto de nossa visita, exceto por refeições apressadas.

Nós nunca falamos sobre isso desde então, mas eu sabia que Magreta não tinha esquecido mais do que eu. Voltamos a Koron, quatro anos atrás, para o funeral luxuoso do Arquiduque Dmitir. Mirnatius ordenara a presença da maior parte da nobreza, presumivelmente para deixar claro que ele já não tinha e nem precisava de um regente, e ele fez todos jurarem lealdade novamente a ele pessoalmente. Nós já estávamos lá por duas semanas. Magreta me manteve por perto o tempo todo, e nunca me deixou sair do meu quarto sem o véu sobre o rosto, mesmo que eu ainda não fosse uma mulher, e ela me trouxe todas as minhas refeições da cozinha com as próprias mãos. Mirnatius estava como governante de luto: ele tinha dezesseis anos, alto, crescido e ainda mais bonito, com cabelos pretos e olhos claros que pareciam jóias brilhando em sua pele escura tártara e boca cheia de dentes brancos, e com a coroa e suas vestes douradas, ele poderia ter sido uma estátua ou um santo. Eu o observei através da tênue névoa do meu fino véu, até que a cabeça dele virou na minha direção, e então

rapidamente abaixei os olhos e me certifiquei de que era pequena e insignificante na terceira fila de princesas e filhas dos duques.

Mas dentro de duas semanas ele chegaria à casa de meu pai e não haveria camuflagem. Meu pai não daria três bons jantares, levaria-o à caça de javalis na floresta escura e minimizaria seus gastos. Em vez disso, ele faria um banquete extravagante que duraria todos os três dias, com malabaristas, mágicos e dançarinos para manter o tsar e sua corte entretidos dentro de casa, e ele me daria três vestidos novos, afinal, e me faria uma oferta. Parecia mesmo que meu pai queria tentar apanhar o tsar para sua filha, com um anel, um colar e uma coroa de prata mágica para o atrair à sua armadilha.

Olhei para o meu rosto no reflexo da janela e me perguntei o que os olhos duros de meu pai tinham visto, com aquele colar em volta da minha garganta, para fazê-lo pensar que era uma chance que valeria a pena. Eu não sabia. Eu não consegui ver meu próprio rosto quando o usava. Mas não tive o conforto de considerá-lo um tolo.

Eu ainda estava de pé junto à janela, minhas mãos descansando na pedra fria e minha costura abandonada, quando Magreta voltou para a sala, para pressionar uma xícara de chá quente e doce nas minhas mãos. Ela até trouxe uma fatia grossa do meu bolo favorito de sementes de papoula, que ela deve ter persuadido a cozinheira a dar; eu não recebia essas delícias todos os dias. Uma criada a seguia com alguns troncos extras para o fogo. Deixei que ela me atraísse de volta à lareira, agradecida pelo que estava tentando fazer e não disse a ela que estava tudo errado. O que eu realmente queria era o colar de prata, frio ao redor do pescoço, mesmo que estivesse trazendo minha destruição; eu queria colocá-lo, encontrar um espelho comprido e deslizar para dentro de um largo e escuro bosque de inverno.

*

Era sábado à noite depois do pôr do sol, quando subi no trenó de Oleg. Eu havia colocado mais vinte moedas de ouro no cofre do meu avô e carregava comigo a bolsa branca e inchada do Staryk, o couro esticando com o peso do ouro. Meus ombros se comprimiram quando mergulhamos na floresta, e eu me perguntava a cada momento quando e se o Staryk me encontraria de novo, até que em algum lugar no meio da floresta, o trenó começou a diminuir e parou sob os galhos escuros. Fiquei quieta, procurando algum

sinal dele, mas não vi nada; o cavalo relinchou e respirou fundo, e Oleg não caiu, mas pendurou as rédeas no estribo.

— Você ouviu alguma coisa? — Eu perguntei, minha voz abafada, e então ele desceu e tirou uma faca debaixo do casaco enquanto se aproximava de mim, e percebi que tinha esquecido de me preocupar com outras coisas que não fossem magia. Empurrei os cobertores empilhados e a palha em sua direção como uma barricada muito frágil enquanto saía do outro lado do trenó: — Não — eu disse — Oleg, não — Minhas saias pesadas arrastando na neve quando ele veio em minha direção. — Oleg, por favor — Mas seu rosto estava cerrado, mais frio do que qualquer inverno. — O ouro não é meu! — Eu chorei em desespero, segurando a bolsa entre nós. — Não é meu, eu tenho que pagar de volta—

Ele não parou. — Nada disso é seu — ele rosnou — Nada disso é seu, pequeno abutre, que arranca dinheiro das mãos de trabalhadores honestos — Cada palavra de sua boca era familiar como uma faca: era a história novamente, apenas um pouco diferente; uma história que Oleg tinha descoberto para se convencer de que não estava fazendo nada de errado, que tinha direito ao que tiraria ou trapacearia, e eu sabia que ele não iria me ouvir. Ele deixaria meu corpo para os lobos, e voltaria para casa com o ouro escondido debaixo do casaco e diria que eu tinha me perdido na floresta.

Larguei a bolsa e agarrei dois punhados grandes das minhas saias e me contorci para trás, cambaleando pela neve profunda, mais alta que minhas coxas. Ele pulou e eu me joguei para longe, caindo para trás. A crosta no topo da neve cedeu sob o meu peso, e galhos da vegetação rasteira arranharam minha bochecha. Eu não conseguia me levantar. Ele estava em cima de mim, sua faca em uma mão e estendendo a outra para me agarrar, e então ele parou; seus braços afundaram nos lados do corpo.

Ele não estava me mostrando misericórdia. Um frio mais profundo estava entrando em seu rosto, deixando seus lábios azuis, e geada branca subia sobre sua barba grossa. Lutei para ficar de pé, tremendo. O Staryk estava de pé atrás dele, com uma mão na parte de trás do pescoço, como um dono segurando um cachorro.

Depois de um momento, ele largou a mão. Oleg ficou branco entre nós, sem sangue como a geada. Ele se virou e lentamente voltou ao trenó e subiu no banco do motorista. O Staryk não o viu partir, como se não se importasse com o que havia feito; ele apenas olhou para mim com os olhos tão brilhantes quanto a lâmina de Oleg. Eu estava tremendo e enjoada. Havia

lágrimas congelando nos meus cílios, fazendo-os grudar. Eu pisquei meus olhos e apertei as mãos com força até que parassem de tremer, e então me abaixei e peguei a bolsa da neve profunda e a puxei para fora.

O Staryk se aproximou e a pegou de mim. Ele não derramou a bolsa: estava cheia demais para isso. Em vez disso, ele mergulhou a mão dentro e tirou um punhado de ouro para deixar cair na bolsa entre os dedos, até que houvesse apenas uma última moeda entre os dedos de luvas brancas, brilhando como a luz do sol. Ele franziu a testa e olhou para mim.

— Estão aí, todas as sessenta — eu disse. Meu coração desacelerou, porque acho que foi isso ou estourou.

— Como deve ser — disse ele — Porque me falharás, e deverá partir em gelo; embora minha mão e coroa deverá ganhar, se suceder — Ele disse isso como se quisesse, e também com raiva, embora ele próprio tivesse estabelecido os termos: senti que ele quase teria preferido me congelar do que conseguir seu ouro. — Agora vá para casa, donzela mortal, até eu chamá-la novamente.

Olhei impotente para o trenó: Oleg estava sentado no banco do motorista, olhando com o rosto congelado para o inverno, e a última coisa que eu queria era entrar com ele. Mas não conseguiria caminhar daqui até em casa, ou mesmo para alguma vila onde poderia contratar outro motorista. Oleg saiu da estrada para nos trazer aqui: não fazia ideia de onde estávamos. Eu me virei para discutir, mas o Staryk já tinha sumido. Fiquei sozinha debaixo de galhos de pinheiro, pesados de neve, com apenas silêncio e pegadas ao meu redor, e o buraco profundo esmagado onde eu caíra, a forma de uma garota delineada na neve, como uma criança brincando poderia ter feito.

Começou a nevar, mesmo enquanto eu estava lá, uma neve espessa e constante que forçou minha mão. Voltei cuidadosamente até o trenó e escalei de volta para dentro. Oleg sacudiu as rédeas silenciosamente e a égua começou a trotar novamente. Ele virou a cabeça na direção das árvores, longe da estrada, e dirigiu mais fundo na floresta. Tentei decidir se tinha mais medo de chamá-lo e ser atendida, ou não receber resposta, e se deveria tentar pular do trenó. E então, de repente, passamos por um estreito espaço entre as árvores para uma estrada diferente: uma estrada cuja superfície era pálida e lisa como uma camada de gelo, cintilante e branca. Os trilhos do trenó sacudiram uma vez, entrando na estrada, e depois ficaram perfeitamente silenciosos. Os cascos pesados do cavalo subiram rapidamente no gelo, o trenó patinando atrás deles. Ao nosso redor, as

árvores se estendiam altas e brancas como bétulas, cheias de folhas farfalhantes; árvores que não cresciam em nossa floresta e deveriam estar nuas com o inverno. Vi pássaros e esquilos brancos disparando entre os galhos, e os sinos do trenó formavam uma música estranha, alta, brilhante e fria.

Não olhei para trás para ver de onde vinha a estrada. Encolhi-me nos cobertores e fechei os olhos e os mantive assim, até que de repente voltou a nevar em nós novamente, e o trenó já estava do lado de fora do portão do meu próprio quintal. Eu quase pulei para fora e corri pelo portão até a porta, antes de olhar em volta. Mas eu não precisei fugir. Oleg foi embora sem nunca olhar para mim.

# CAPÍTULO 8

— Wanda — Miryem me chamou, na manhã seguinte ao seu retorno. — Você vai levar isso para a casa de Oleg? Perdoei-lhe um kopek por me esperar, em Vysnia — Ela me deu um recibo por escrito, mas não olhou nos meus olhos quando perguntou. Havia arranhões vermelhos na parte de trás de sua mandíbula e bochecha, como se um galho a tivesse ferido ali, ou algo com garras.

Eu disse: — Sim, eu irei — Coloquei meu xale e peguei o recibo, mas quando cheguei à casa de Oleg, descendo a rua e dobrando a esquina, parei do outro lado da rua e fiquei olhando. Dois homens estavam carregando seu corpo para a igreja. Eu vi o rosto dele por um momento. Seus olhos estavam abertos e fixos, e sua boca estava azul. Sua esposa estava sentada, encolhida perto dos estábulos. Os vizinhos estavam se dirigindo para a casa com pratos cobertos. Um deles parou na minha frente. Eu tinha conhecido Varda: ela ainda devia uma pequena quantia quando comecei a cobrar e pagou o saldo com três galinhas poedeiras jovens. Ela me disse rispidamente: — Então? O que você quer nesta casa? A carne dos mortos?

Kajus também estava indo para a casa com sua esposa e filho, carregando um grande jarro fumegante de krupnik: —Vamos lá, Panova Kubilius, é domingo. Certamente Wanda não está cobrando — disse ele.

— Ele ganhou um kopek a menos na sua dívida por ter levado Miryem para Vysnia — respondi — Vim trazer o recibo.

— Está vendo? — disse Kajus a Varda, que fez uma careta para ele e para mim.

— Um kopek! — ela disse — Um a menos para a pobre esposa tirar da boca dos filhos para engordar a bolsa dos judeus. Me dê isto! Eu vou levar para ela, não você.

— Tudo bem, Panova — eu disse, e dei a ela o papel. Então voltei para Miryem e disse a ela que Oleg estava morto, fora de seus próprios estábulos, encontrado deitado congelado e olhando cegamente para cima, seu cavalo e seu trenó guardados.

Ela me ouviu em silêncio e não disse nada. Fiquei com ela por alguns instantes e, como não conseguia pensar em mais nada, disse: — Vou alimentar as cabras — E ela assentiu.

No dia seguinte, eu estava cobrando fora da cidade, na estrada leste. A essa altura, todos já tinham ouvido falar. Eles me perguntaram se era verdade e lamentaram quando eu disse que era. Oleg tinha sido um grande homem alegre que comprava cerveja e vodka para amigos na casa redonda durante o inverno, e levava para uma viúva uma carga de lenha quando trazia uma para si. Até meu pai, quando cheguei em casa e contei a ele, exclamou com pesar. Quando o enterraram na terça-feira, sua viúva foi a única dos enlutados que voltou do cemitério com os olhos secos.

Todo mundo falou sobre isso, mas não como uma coisa que o Staryk havia feito. O coração dele explodiu, disseram eles, balançando a cabeça. Era triste quando isso acontecia com um homem forte, um homem grande e saudável. Mas não era estranho para ninguém que ele tivesse sido congelado como um bloco durante uma noite profunda de inverno.

Não disse nada sobre isso a ninguém, exceto a Sergey, quando estávamos na estrada juntos, com a floresta silenciosa e brilhante ao luar. Ele estava a caminho de passar a noite novamente. Miryem não tinha dito para ele parar de vir, embora ele não pudesse fazer nada para parar o Staryk. Ela não tinha parado de nos pagar nossos centavos também. Na maioria das vezes, conseguimos esquecer, convencer-nos de que Sergey só vinha cuidar das cabras. Então ele continuou indo, e comeu duas refeições por dia em sua casa, e nós enterramos os centavos na árvore branca a caminho de casa.

— Você se lembra? — Eu perguntei a ele, e ele ficou parado. Nunca tínhamos falado sobre o que havia acontecido com ele na floresta, nunca.

Ele não queria falar sobre isso, eu percebi, mas fiquei com ele, meu silêncio pedindo por mim e, por fim, ele disse: — Eu estava limpando um coelho. Ele saiu das árvores. Ele me disse que a floresta era dele e eu era

um ladrão. Então ele disse… — Sergey parou, ficou estranho e com o rosto vazio e balançou a cabeça. Ele não se lembrava e não queria se lembrar.

— Ele montava em alguma coisa com garras nos cascos? E usa sapatos com um dedo comprido? — Eu perguntei, e Sergey assentiu uma vez.

Então, era o mesmo: não apenas um Staryk, mas um lorde Staryk, e se ele não tivesse mentido, ele era o lorde de toda a floresta. Eu tinha ouvido as pessoas dizerem no mercado que ia até às margens do mar do norte. Um grande Lorde do Staryk estava vindo até Miryem em busca de ouro, e se ela não pudesse dar a ele, eu sabia que a encontraríamos morta em *seu* quintal, com pegadas de botas com dedos enrolados ao seu redor.

E então não haveria mais dívidas a pagar. Assim que soubesse que ela tinha morrido, meu pai me diria que eu tinha acabado com os pagamentos. Ele estaria pronto para gritar com o pai de Miryem, mas nem precisaria fazê-lo. Sua mãe estaria com olhos vermelhos de choro, mas mesmo em sua dor ela pensaria em mim. Na próxima vez que eu chegasse, ela me diria que a dívida foi paga, que eu já tinha feito o suficiente. Para continuar trabalhando, eu teria que dizer ao meu pai que eles estavam me pagando, e então ele pegaria a moeda. Todo dia ele voltaria para casa da cidade, bêbado, pegaria meu centavo e me bateria para ir buscar o seu jantar. E seria assim todos os dias depois, para sempre.

— Poderíamos dizer a ele que estávamos sendo pagos, mas em menor quantia — eu disse a Sergey, mas ele parecia duvidoso, e eu entendi. Nosso pai não suspeitava de nada agora. Por que alguém nos pagaria, quando ele estava nos enviando de graça, e eles não precisavam pagar? Mas se disséssemos a ele que estávamos sendo pagos, ele nos deixaria continuar, e então ficaria desconfiado. Ele iria exigir do pai de Miryem o quanto nos pagava e Panov Mandelstam iria lhe responder honestamente. Não poderíamos pedir que ele mentisse por nós. Ele só olharia para nós com angústia, porque queríamos mentir para nosso pai e lamentaria que ele não pudesse nos ajudar.

E assim que o nosso pai soubesse que nós tínhamos mentido sobre o quanto estávamos recebendo, então ele perguntaria o quanto *tinha* sido pago. E então ele saberia que havia dinheiro em algum lugar, que nós tínhamos escondido. E por esconder dinheiro dele, ele não iria nos bater com o cinto ou com sua grande mão, ele nos bateria com o atiçador, e talvez nem parasse quando disséssemos a ele onde estava.

*

Os sinos da igreja tocando para Oleg, quando o enterraram três dias depois, soaram como os sinos do seu trenó, tocando muito alto em uma floresta de árvores brancas. Eles *me* encontrariam congelada como ele, se eu não desse ao Staryk seu ouro, mas eu também tinha que temer o que aconteceria se eu desse. Será que ele me colocaria em seu cervo branco atrás dele e me levaria para aquela floresta branca e fria, para viver ali sozinha para sempre com uma coroa de prata de fada? Eu nunca tinha sentido pena da filha dos Miller's antes, na história que os aldeões contavam; eu senti pena do meu pai, e de mim e estava com raiva. Mas quem realmente gostaria, afinal, de se casar com um rei que tão alegremente teria cortado sua cabeça se você não fiasse a palha dele e transformasse em ouro? Eu não queria ser a rainha do Staryk, tal como não queria ser sua escrava, ou ser congelada no gelo.

Eu não conseguia mais esquecê-lo. Ele estava agora o tempo todo no canto da minha mente, rastejando mais sobre ela todos os dias, um pouco mais como a geada em uma janela. Eu acordava na minha cama, ofegando todas as noites, tremendo com um calafrio dentro de mim que os braços de minha mãe não conseguiam afastar, e a memória de seus olhos prateados.

— Você consegue arranjar o ouro para ele? — Wanda me perguntou naquela manhã, de forma tão abrupta quanto antes.

Eu não precisava perguntar a quem ela se referia. Estávamos cuidando das cabras, e minha mãe estava no quintal, a apenas alguns metros de distância, por isso não pude chorar, mesmo que quisesse; ela e meu pai já estavam desconfiados, me olhando com um olhar confuso e preocupado. Eu pressionei as costas da minha mão na minha boca para não soltar meu barulho de protesto: — Sim — eu disse brevemente — Sim, eu posso conseguir o ouro.

Wanda não disse nada, apenas me encarou com a boca em uma linha dura e reta, e minha garganta se apertou: — Se, — eu disse a ela — se alguma coisa me levar pra longe de casa por um tempo — você vai ficar e vai ajudar o meu pai? Ele continuará te pagando. Ele vai pagar o dobro — acrescentei, desesperada de repente. Eu pensava em minha mãe e meu pai sozinhos na aldeia sem mim, mas com toda a raiva que eu tinha produzido em todas as casas contra eles. Por um momento eu estava na clareira novamente, tropeçando na neve com o rosto retorcido de Oleg acima de mim, não congelado, mas corado, vermelho e odioso.

Wanda não me respondeu por um momento, e depois disse devagar: — Meu pai vai querer me manter em casa — Ela levantou a cabeça da calha e olhou para mim de lado. Eu olhei para ela com surpresa, mas eu entendi, é claro. Ela não estava dando o dinheiro para o pai; ele nunca iria querer que ela ficasse em casa se ela estivesse lhe trazendo um centavo por dia. Ela própria estava guardando.

Continuei escovando a cabra, pensando sobre isso. Todo esse tempo eu pensei que estava negociando com o pai dela, e não com ela, e tudo que eu precisava fazer era dar a ele um pouco de dinheiro, mais do que ele poderia obter do trabalho de uma filha na fazenda. Não me ocorreu que ela própria iria querer o dinheiro. — Você quer o dinheiro para um dote? — Eu perguntei a ela.

— Não! — ela disse, muito ferozmente.

Caso contrário, não conseguia entender por que ela iria querer esconder o dinheiro. Eu já lhe pagara doze centavos, por ela e pelo irmão, e ela ainda usava seu velho vestido esfarrapado e seus sapatos de tecido de cesto, e quando eu fui à casa de Gorek, pela primeira vez, para cobrar, toda a fazenda parecia tão pobre quanto a terra. Eles poderiam ter gasto doze centavos dez vezes mais. Lentamente, perguntei: — O que seu pai fez com os seis kopeks que ele pegou emprestado?

Então ela me disse. Saber não ajudou muito, é claro. Ele era o pai dela. Ele tinha o direito de pedir dinheiro emprestado a alguém que o emprestasse, e o direito de gastá-lo da maneira mais estúpida que ele quisesse, e o direito de colocar sua filha para trabalhar para pagar sua dívida e o direito de receber qualquer dinheiro que ela ganhou. Se ela não queria se casar, não havia nada que pudesse fazer para se libertar dele. Ela não disse o que estava fazendo com o dinheiro, mas não poderia estar fazendo nada com ele, exceto empilhando-o como um tesouro de dragão em algum lugar. Ele já a teria pego agora, se ela o tivesse gasto em alguma coisa: era por isso que não havia comprado um vestido decente ou botas. Ela teve sorte de seu pai não ter vindo à cidade ultimamente: se ele tivesse dito alguma coisa para mim, se tivesse falado alto sobre como estávamos tirando vantagem de um homem pobre, eu teria respondido calorosamente, sem nem pensar, e ele teria descoberto então. Não gostei de pensar no que teria acontecido. Parecia-me que o tipo de homem que apostaria e beberia quatro kopeks que ele não tinha esperança de retribuir era também o tipo de homem que

espancaria a filha até tirar sangue, sem sequer pensar no dinheiro que ela lhe traria se ele a mantivesse trabalhando.

— Você pode dizer a ele que eu fui me casar com um homem rico — eu disse a ela. Seria verdade, afinal. — Diga a ele que assim que eu chegar em casa, vou verificar todos os livros novamente — E isso também seria verdade. — E... e quando a dívida for paga, você pode dizer a ele que oferecemos pagar um centavo por semana em moeda, para que vocês dois continuem vindo. A ser pago uma vez por mês. E então dê a ele os quatro centavos imediatamente. Depois de gastá-los, ele vai voltar a se endividar e não vai poder recusar enviar vocês. E no próximo mês, faça isso de novo.

Wanda me deu um aceno de cabeça, com uma única sacudida. Estendi minha mão para ela de repente, sem pensar, e me senti tola com ela pairando no ar entre nós, enquanto ela olhava para minha mão, mas pouco antes que eu a abaixasse, ela estendeu sua mão grande e larga com dedos ásperos vermelhos e pegou a minha. Ela agarrou minha mão com um pouco de força demais, mas eu não me importei.

— Eu voltarei para Vysnia amanhã — eu disse, mais calma. Eu não achava que as muralhas da cidade impediriam o Staryk, mas eu poderia tentar. Pelo menos eu não estaria em casa. Ele não iria deixar pegadas por todo o quintal dos meus pais, para o resto da aldeia criar uma história cruel. — De qualquer forma, vou precisar estar lá quando ele chegar — e contei a Wanda sobre Isaac, e como estava conseguindo o ouro para o Staryk.

Mas eu não contei à minha mãe sobre isso; não a lembrei do Staryk, mesmo quando ela disse: — Você vai voltar cedo? — Fiquei feliz por ela não se lembrar, por estar confusa em vez de ter medo de mim.

— Quero trazer mais alguns aventais — eu disse. Naquela tarde, verifiquei se o livro de contabilidade estava em ordem e, quando terminei, saí e olhei para a nossa casa, aconchegada agora atrás das persianas que o carpinteiro havia colocado para mim, com o pequeno bando de galinhas e o punhado de cabras fazendo uma confusão no quintal, então peguei minha cesta e caminhei lentamente pela cidade. Não sei porque. Não era um dia de mercado, e Wanda fizera a ronda. Eu não tinha nada para fazer na cidade, e nada havia mudado, exceto que todos me encaravam agora quando eu passava, em vez de sorrirem como no tempo em que me viam com os meus sapatos remendados e as minhas roupas esfarrapadas como um lembrete agradável do dinheiro em seus bolsos que eles nunca quiseram pagar.

Talvez foi por isso que fiz: andei até o outro lado da cidade e voltei e, quando voltei para casa, não me arrependi de estar deixando-os. Eu não gostava de nada da cidade ou de qualquer um deles, mesmo agora quando o terreno pelo menos era familiar. Não lamentava que eles não gostassem de mim, não lamentava que tivesse sido difícil para eles. Fiquei feliz, ferozmente feliz. Eles queriam que eu enterrasse minha mãe e deixasse meu pai para trás para morrer sozinho. Eles queriam que eu fosse uma mendiga na casa do meu avô e vivesse o resto dos meus dias como um rato quieto na cozinha. Eles teriam devorado minha família e roubado os dentes com os ossos, e nunca se arrependeriam de nada. Melhor ser transformada em gelo pelo Staryk, que não fingiu ser um vizinho.

Não havia mais Oleg para contratar, então, na manhã seguinte, fiquei na estrada do mercado. Quando um provável cocheiro passou dirigindo com um grande trenó carregado de barris de arenque de sal do mar, acenei para ele e lhe ofereci cinco moedas de um centavo se ele me levasse até Vysnia. Eu poderia ter pago mais, mas tinha aprendido minha lição. Dessa vez, esperei por um homem mais velho em uma carroça mais velha, e meu vestido bom com a sua gola e punhos de pele estava escondido: eu vesti o velho sobretudo de lã desgastado do meu pai, que pretendia transformar em trapos agora que eu tinha comprado para ele um novo feito de pele.

O velho cocheiro falou sobre suas netas comigo enquanto dirigíamos e queria saber minha idade; ele ficou satisfeito com o fato de sua filha um ano mais nova do que eu já ser casada enquanto eu não era, e me perguntou se eu estava indo para a cidade para arranjar um marido. — Vamos ver — eu disse, e então ri alto em um alívio repentino, porque era tão ridículo. Eu sentada em uma carroça de peixe com minhas botas enlameadas, parecendo um espantalho no sobretudo remendado do meu pai: o que um lorde Staryk iria querer comigo? Eu não era uma princesa, nem mesmo uma camponesa de cabelos dourados. Suponho que para ele não faria diferença nenhuma que eu fosse judia, mas eu era baixa e ossuda e pálida, e meu nariz tinha um caroço no meio e era grande demais para o meu rosto. Na verdade, eu ainda não era casada de propósito: meu avô me dissera, judiciosamente, que esperasse mais dois anos para ir ao casamenteiro, para que eu ficasse um pouco mais gorda e, enquanto isso, meu dote engordaria junto comigo, para me ajudar a me trazer um marido com o bom senso de querer uma esposa que trouxesse mais ao casamento do que a beleza, mas não tão gananciosa que nem se importasse com a aparência dela.

Esse era o tipo de homem para mim, um homem sensato e com os olhos bem abertos que poderia me querer honestamente; eu não era um prêmio para um lorde élfico. Certamente o Staryk tinha dito isso apenas como uma piada, porque ele pensava que eu não conseguiria cumprir sua tarefa. Ele não podia querer casar comigo de verdade. Quando eu lhe desse o seu terceiro saco de ouro, ele só se jogaria no chão com raiva — ou, mais provavelmente, pensei, lamentando novamente, ele me transformaria em gelo de qualquer maneira, apesar de eu ter provado que ele estava errado. Esfreguei os braços e olhei através da floresta: hoje não havia sinal da estrada do Staryk, apenas as árvores escuras, a neve branca e o gelo sólido do rio deslizando sob os corredores.

Cheguei tarde na casa do meu avô, pouco antes do pôr do sol. Minha avó disse três vezes como era bom me ver de volta tão cedo e perguntou um pouco ansiosa pela saúde de minha mãe e se eu já havia vendido todos os meus produtos. Meu avô não fez nenhuma pergunta. Ele me olhou com força por baixo das sobrancelhas e apenas disse: — Bem, chega de barulho. Está quase na hora do jantar.

Guardei minhas coisas e conversei durante o jantar sobre os aventais que havia vendido e a carga de lã que acompanhava a barcaça de meu avô, quando o rio finalmente derreteu: trinta fardos, não uma quantidade enorme, mas algo para começar. Fiquei feliz por ter as paredes de tijolos da casa do meu avô ao nosso redor, sólidas e prosaicas como a nossa conversa. Mas naquela noite, enquanto eu tricotava com minha avó na acolhedora sala de estar, atrás de nós a porta da cozinha chocalhava nas dobradiças e, embora o barulho fosse alto, minha avó não levantou a cabeça. Eu lentamente deixei de lado meu próprio trabalho, levantei-me e fui até a porta. Eu a abri e recuei: não havia um beco estreito atrás do Staryk, nenhuma parede de tijolos da casa ao lado e nenhuma lama endurecida sob seus pés. Ele ficou do lado de fora em uma clareira cercada por árvores pálidas, e atrás dele a estrada branca de gelo fugiu para longe, sob um céu cinzento, banhado por uma clara luz fria, como se um passo através da soleira me levasse para fora de todo o mundo.

Havia uma caixa em vez de uma bolsa sobre a varanda, um pequeno baú feito de madeira branca pálida como osso, amarrada com grossas tiras de couro branco, com dobradiças e fechaduras de prata. Me ajoelhei e abri: — Sete dias desta vez eu lhe concedo, para devolver a minha prata trocada por ouro — disse o Staryk em sua voz como se estivesse cantando, enquanto eu

olhava para a pilha de moedas dentro. Prata o suficiente para fazer uma coroa para segurar a lua e as estrelas, e não duvidei por um momento que o tsar se casasse com Irina, com isso para compor o seu dote.

O Staryk estava olhando para mim com seus afiados olhos prateados, ansiosos e cruéis como um falcão: — Você achou que as estradas mortais poderiam fugir de mim ou as paredes mortais me mantinham afastado? — ele disse, e eu realmente não tinha achado, afinal. — Pense em não fugir de mim, garota, pois em sete dias eu irei atrás de você, para onde quer que você tenha fugido.

Ele disse sorrindo para mim, cruel e satisfeito, como se tivesse certeza de que havia me colocado em uma tarefa impossível, e isso me deixou com raiva. Fiquei de pé, levantei o queixo e disse, friamente: — Estarei aqui, com o seu ouro.

O rosto dele perdeu o sorriso, o que foi satisfatório, mas eu paguei por isso; ele disse em resposta: — E se você fizer o que disse, vou levá-la comigo e torna-la minha rainha. — E isso não parecia brincadeira aqui, com a pedra da soleira de meu avô branca com a geada que rastejou do seu bosque, e a fria luz prateada brilhando do peito.

— Espere! — Eu disse, quando ele começou a se virar. — Por que você me levaria? Você deve saber que não tenho magia, na verdade: não posso trocar prata por ouro em seu reino, se você me levar embora.

— É claro que você pode, garota mortal — disse ele por cima do ombro, como se eu fosse uma idiota. — Um poder reivindicado e desafiado e três vezes realizado é verdadeiro; a provação faz com que seja — E depois ele deu um passo à frente e a pesada porta se fechou na minha cara, deixando-me com um baú cheio de moedas de prata e uma barriga cheia de consternação.

*

Isaac fez a coroa naquela semana febril, trabalhando nela em sua barraca no mercado. Ele mergulhou xícaras de prata e martelou grandes folhas finas para fazer a coroa em forma de leque, alta o suficiente para dobrar a altura de uma cabeça, e então com muito cuidado adicionou gotas de prata derretida em imitação de pérolas, colocando-as em graciosos padrões em espiral que se voltavam para si mesmos e desapareciam novamente. Ele pediu emprestado moldes de todos os outros joalheiros do mercado e verteu

pequenos elos achatados às centenas, depois pendurou correntes brilhantes ligadas de um lado da coroa ao outro e franjou ao longo do resto da larga borda inferior do leque. No segundo dia, homens e mulheres estavam vindo apenas para vê-lo trabalhar. Sentei-me, silenciosa e infeliz, e os mantive afastados. Toda noite ele levava o trabalho para casa e eu levava de volta o baú iluminado, os dois criados de meu avô o carregando para mim. Ninguém nos incomodou. Até os pequenos batedores de carteira, com a ambição de deslizar uma única moeda de prata da mesa, foram capturados pela luz do inverno; quando eles se aproximaram demais, suas bocas suavizaram-se com espanto, seus olhos intrigados, e quando eu os olhei, eles se assustaram e se dissolveram na multidão.

No final do quinto dia, o baú estava vazio e a coroa estava terminada; quando Isaac reuniu o todo, ele se virou e disse: — Venha aqui — E colocou-a na minha cabeça para ver se estava bem equilibrada. A coroa estava fria e leve como uma camada de neve na minha testa. Em seu espelho de bronze, eu parecia um estranho reflexo de mim mesma em águas profundas, estrelas prateadas à meia-noite acima da minha testa, e todo o mercado ficou quieto em uma onda ondulante ao meu redor, silencioso como a clareira com o Staryk em pé. Eu queria irromper em lágrimas ou fugir; em vez disso, tirei a coroa da cabeça e a coloquei de volta nas mãos de Isaac, e quando ele a envolveu cuidadosamente com linho e veludo preto, as multidões finalmente se afastaram, murmurando umas para as outras.

Os criados de meu avô nos escoltaram por todo o caminho até o palácio do duque. Nós o encontramos cheio de agitação e de barulho dos preparativos: o tsar chegaria em dois dias e toda a casa estava cheia de excitação reprimida; todos sabiam alguma coisa dos planos do duque, e os olhos dos criados seguiram o contorno da coroa coberta enquanto Isaac a carregava pelos corredores. Fomos colocados em uma antecâmara melhor para esperar dessa vez, e então a acompanhante veio me buscar: — Traga com você. Os homens ficam aqui — ela disse, com um olhar agudo e desconfiado.

Ela me levou para cima, para um pequeno par de quartos, não tão grandes quanto os de baixo: suponho que uma simples filha não tivesse merecido algo melhor antes. Irina estava sentada rígida como um cabo de ancinho diante de um espelho feito de vidro. Ela usava um vestido de seda cinza prateada sobre saias brancas simples, o corpete com o corte muito mais

baixo dessa vez para fazer uma moldura ao redor do colar. Seu cabelo longo e bonito tinha sido trançado em várias cordas grossas, prontas para serem colocadas para cima, e suas mãos estavam agarradas firmemente à sua frente.

Seus dedos se movimentavam ligeiramente um contra o outro, nervosos, enquanto a acompanhante prendia as tranças, e então eu desembrulhei a coroa e cuidadosamente a coloquei em sua cabeça. A coroa ficou brilhando sob a luz de uma dúzia de velas, e a acompanhante ficou em silêncio, os olhos arregalados enquanto eles descansavam sob sua responsabilidade. A própria Irina levantou-se lentamente e deu um passo para mais perto do reflexo no espelho, a mão estendendo-se para o vidro quase como se quisesse tocar a mulher lá dentro.

Qualquer que fosse a magia que a prata tivesse para encantar os que estavam à sua volta, ou enfraqueceu com o uso ou não podia mais me tocar; eu desejava que pudesse, e que meus olhos pudessem estar deslumbrados o suficiente para não me importar com mais nada. Em vez disso, observei o rosto de Irina no espelho, pálido e magro e levado enquanto ela se olhava em sua coroa, e me perguntei se ela ficaria feliz em se casar com o tsar, em deixar seus pequenos e silenciosos aposentos para um palácio distante e um trono. Quando ela soltou a mão e voltou para o quarto, nossos olhos se encontraram: nós não nos falamos, mas por um momento eu a senti como uma irmã, nossas vidas nas mãos dos outros. Não era provável que ela tivesse mais escolha do que eu.

Então a porta se abriu: o próprio duque veio examiná-la. Ele parou na porta. Irina fez uma reverência para o pai, depois se endireitou novamente, o queixo subindo um pouco para equilibrar a coroa; ela já parecia uma rainha. O duque olhou para ela como se ele mal pudesse reconhecer sua própria filha; ele se sacudiu um pouco, se libertando, antes de se virar para mim: — Muito bem, Panovina — disse ele, sem hesitar, embora eu não tivesse dito uma palavra. — Você terá seu ouro.

Ele nos deu mil moedas de ouro: o suficiente para encher o baú do Staryk novamente, com centenas de outras moedas sobrando: uma fortuna, pelo bem que isso me faria agora. Os criados do meu avô carregaram o baú e os sacos para casa. Ele desceu as escadas, ouvindo as exclamações da minha avó e examinou todo o tesouro; depois, tirou quatro moedas de ouro dos sacos, destinadas ao cofre, e deu duas para cada um dos criados antes de dispensá-los. — Gaste uma e guarde uma; vocês se lembram da regra do

homem sábio — ele disse, e ambos se curvaram, agradeceram e correram para se deleitar, dando cotoveladas um no outro e sorrindo enquanto iam.

Então ele enviou minha avó para fora da sala com um pretexto, pedindo-lhe para fazer seu cheesecake para comemorar minha boa sorte; e quando ela foi para a cozinha, ele se virou para mim e disse: — Agora, Miryem, você me conta o resto. — E eu caí em prantos.

Eu não tinha contado aos meus pais ou à minha avó, mas disse a ele: confiei em meu avô para suportar isso, pois não tinha confiado neles, para não partir seus corações querendo me salvar. Eu sabia o que meu pai faria, e minha mãe, se descobrissem: eles fariam um muro com seus próprios corpos entre mim e o Staryk, e então eu os veria cair de frio e congelados antes que ele me levasse embora.

E eu acreditava agora que ele me levaria embora. Eu não tinha conseguido entender isso antes: que utilidade teria uma mulher mortal para um senhor élfico e por qual razão a vanglória faria a pena casar comigo, mesmo que de alguma forma eu tivesse juntado seiscentas moedas de ouro por um dote? Mas é claro que um rei Staryk iria querer uma rainha que realmente pudesse fazer ouro com prata, mortal ou não. Os Staryk sempre buscavam ouro.

Mas meu avô apenas escutou enquanto eu chorava, e então ele disse: — Pelo menos ele não é um tolo, este Staryk, por querer uma esposa por esse motivo. Isso faria a fortuna de qualquer reino. O que mais você sabe sobre ele? — Eu olhei para ele, ainda com o rosto molhado. Ele encolheu os ombros — Não é o que você procuraria, mas há coisas piores na vida do que ser uma rainha.

Ao falar assim, ele me deu um presente: tornando-o um jogo comum, para ser discutido e considerado, mesmo que não fosse isso realmente. Engoli em seco e enxuguei minhas lágrimas, e me senti melhor. Afinal, em termos duros e frios, *era* um problema para a filha de um homem pobre. Meu avô assentiu enquanto eu me acalmei: — Ainda bem. Pense nisso com a cabeça limpa. Senhores e reis geralmente não pedem o que querem, mas podem se dar ao luxo de ter más maneiras. Não existe mais ninguém, existe?

— Não — eu disse, com um pequeno movimento. Não havia, embora eu tivesse voltado da casa do duque ao lado de Isaac, e quando ele se separou de mim com sua parte, quatro sacos de ouro cheios de ouro, ele me disse com alegria: — Diga ao seu avô que eu irei falar com ele amanhã. — O que

significa que ele tinha dinheiro suficiente para não esperar mais para se casar, e eu estava com tanta inveja de Basia que poderia ter explodido em chamas. No entanto, não era realmente Isaac: estava pensando nela casada com um homem com mãos cuidadosas e olhos castanhos escuros, e em sua própria casa, onde o amor poderia crescer na terra enriquecida com o ouro que meu trabalho colocara ali.

— Você irá ao seu marido com riqueza em suas mãos — disse meu avô, com um gesto para o baú de ouro, como se soubesse o que estava no meu coração. — E ele é sábio o suficiente para valorizar o que você traz para ele, mesmo que ele ainda não conheça o resto do seu valor. Isso não é nada, ser capaz de manter sua cabeça erguida — Ele colocou a mão embaixo do meu queixo e o agarrou com força. — Mantenha sua cabeça erguida, Miryem — E eu assenti, minha boca apertada sobre o choro que eu não deixaria escapar novamente.

*

Mirnatius chegou em um grande trenó fechado, pintado de preto e dourado, puxado por quatro cavalos pretos ofegantes e batendo as patas no ar frio, com soldados pendurados nas costas e mais deles cavalgando em nítidas fileiras marciais ao seu redor. Também devia haver outras pessoas, outros trenós, mas era difícil prestar atenção a mais alguém quando ele abriu a porta e desceu em uma rajada de ar que embaçava no frio. Ele também usava preto, com delicados bordados em fios dourados brilhando por todo o seu casaco de lã pesado. Seus cabelos pretos eram longos e encaracolados, e todos se viraram para ele um pouco, mariposas ansiosas pela chama.

Ele cumprimentou meu pai, superficialmente, e quando perguntado sobre sua viagem, disse algo queixando-se levemente sobre o vigor do inverno, e quão escassa e fraca estava a caça. O comentário teria diminuído muito o entretenimento de meu pai, se ele tivesse investido a visita do tsar em caçadas—o que, é claro, ele pretendia fazer, e Mirnatius pretendia claramente convencê-lo a fazê-lo. Mas, em vez disso, meu pai fez uma mesura e disse: — De fato, a caça se tornou tristemente monótona, Vossa Majestade, mas espero que a hospitalidade do meu salão não o desaponte — e o tsar fez uma pausa.

Eu estava quase inteiramente escondida atrás de uma cortina, mas recuei de qualquer maneira quando o tsar olhou para cima e varreu seu olhar pelas

janelas da casa como um falcão atravessando um campo, tentando expulsar algumas presas. Felizmente, ele olhou para o andar principal da casa, e não para a minha pequena janela no alto. Meu pai não me deu novos aposentos. Havia muitos convidados na companhia do tsar que ele queria impressionar e, de qualquer maneira, esperava que eu fosse embora em breve.

Então Mirnatius sorriu para meu pai, com o prazer de um homem que espera se divertir ricamente às custas de outra pessoa e disse: — Também espero. Diga-me, Erdivilas, como está sua família? A pequena Irina deve ser uma mulher crescida agora. Uma beleza, ouvi dizer, certo? — Era mais escárnio: ele não ouvira nada disso, é claro. Eu tinha viajado com meu pai; a corte e seus conselheiros sabiam que eu não era nada fora do comum, e dificilmente uma garota para revirar a cabeça de um jovem tsar — se ele estivesse em perigo de virar a cabeça, exceto, talvez, como uma coruja.

— Todos estão bem, e Irina é saudável, Senhor, isso é tudo que um pai pode pedir a Deus — disse meu pai. — Eu não apontaria ela como uma beleza para outros homens. Mas não vou mentir: acho que tem algo a mais nela do que na maioria das meninas. Você a verá enquanto estiver aqui e me diga se concorda. Eu gostaria de receber seu conselho, pois ela tem idade para se casar, e eu encontraria um homem digno dela se eu pudesse arranjá-lo.

Uma declaração grosseira, quase rude pelos padrões de conversa da corte, onde era uma questão de honra sempre falar ao lado e não ao coração da coisa, mas serviu ao propósito de meu pai: Mirnatius perdeu o olhar de malícia. Ele seguiu meu pai até a casa com um olhar pensativo, franzindo a testa. Ele havia entendido a mensagem—que meu pai realmente pretendia me oferecer como noiva, apesar dos termos extremamente ruins de acordo, e também que ele não era um tolo que pensou em levar uma garota feia para a cama do tsar como uma beleza com a ajuda de luzes fracas e bebidas fortes; portanto, algo incomum estava para acontecer.

Então todos foram para dentro, para serem recebidos pela minha madrasta e pela minha família, fora do frio. Eu fiquei atrás da cortina sem me mexer enquanto o resto da comitiva do tsar era descartada, soldados, cortesãos e criados correndo para todos os cantos e recantos da casa e estábulos. Não havia mais nada para ver, e em meus pequenos e lotados aposentos as outras mulheres que haviam se agrupado em torno da outra janela voltaram para seus lugares e a sua frenética costura, e as criadas com

seus baldes voltaram a esvaziar as banheiras ainda paradas antes de toda agitação: uma para me lavar e uma segunda só para lavar meu cabelo.

— Desculpe, milady — uma delas me disse timidamente, perguntando se ela poderia usar a janela em que eu estava, que tinha uma calha útil abaixo dela que pegaria o escoamento, para não chover nas janelas abaixo. Recuei, abrindo espaço para ela. Meu cabelo ainda estava úmido, comprido e solto nas minhas costas. Cheirava ligeiramente a murta, porque Magreta havia colocado galhos na água. — Eles dizem que protege contra os males e a feitiçaria — ela disse, num tom pragmático — Mas na verdade é apenas um cheiro agradável.

O fogo foi aceso, rugindo para manter o frio longe de mim, então todas as outras mulheres estavam suando e com o rosto vermelho enquanto costuravam com urgência. Eu me afastei da agitação animada delas. Elas eram todas meio estranhas para mim; eu conhecia seus rostos e seus nomes, mas nada realmente sobre elas. Minha madrasta fazia questão de contratar todas as mulheres da casa, conhecê-las e falar com elas, para que fizessem um bom trabalho para ela, mas ela nunca me levou para supervisionar o trabalho da casa. Ela poderia ter tido uma filha, afinal.

Mas ela nunca foi cruel comigo; ela até enviou suas melhores mulheres para ajudar na minha costura, embora ela tivesse gostado de ter a visita do tsar como desculpa para ter novos vestidos. Claro, ela viu o valor de me ter instalada num lugar assim — se pudesse ser conquistado. Quando as outras mulheres voltaram para seus assentos, depois de terem espiado o tsar, todas elas olharam para mim de relance e pareceram duvidosas. Eu gostaria de poder ter me sentido assim. Mas elas não me viram no colar, na coroa. Apenas Magreta tinha visto, e ela torceu as mãos quando pensou que eu não via, e me deu um brilhante sorriso encorajador quando pensou que eu via.

As mulheres estavam trabalhando em roupas de cama agora. Meus próprios vestidos já estavam prontos e me esperavam, em três tons de cinza, como o céu do inverno. Meu pai ordenou que fossem feitos quase sem ornamentos, de seda fina, com apenas um pequeno toque de bordado branco. Eu estava provando um deles ontem, quando a mulher do joalheiro me trouxe a coroa; ela dera a Magreta, que a colocara na minha cabeça, e no espelho eu me tornara rainha em uma floresta escura feita de gelo. Eu tinha me aproximado do vidro e senti o frio mordendo as pontas dos meus dedos com dentes afiados. Eu me perguntava se eu realmente conseguiria fazer isso, fugir para o mundo branco no espelho. O frio nos meus dedos parecia

um aviso; não me pareceu que algo mortal pudesse viver naquele lugar congelado.

Quando me afastei, ansiosa e com medo, a mulher do joalheiro—que tinha apenas a minha idade ou um pouco mais, apesar de magra e de rosto duro—estava me encarando como se soubesse o que eu tinha visto no espelho. Eu gostaria de fazer mil perguntas a ela—como a coroa foi feita, de onde a prata veio—mas por que ela saberia? Ela era apenas uma serva. Então meu pai entrou para me inspecionar, e eu não poderia ter falado com ela de qualquer maneira. Ele a pagou sem pechinchas, um trono seria barato pelo preço; ele não gastara metade daquele grande cofre que minha madrasta havia trazido com ela.

Minha madrasta Galina chegou ao quarto pouco depois, assim que a corte foi dissolvida. Sua placidez cuidadosamente mantida foi agitada por baixo, como ondulações de peixes correndo para lá e para cá. — Que barulho — disse ela. — Piotr não dormiu por uma hora. Seu cabelo está seco? Quanto tempo demora! Eu sempre esqueço o quanto demora. — Ela claramente pensou em estender a mão e acariciar minha cabeça, mas em vez disso, apenas sorriu para mim. Eu teria ficado irritada se ela tivesse feito isso, e ainda assim eu sentia muito que ela não fez. Mas o que realmente lamentei foi que ela não fez isso há dez anos, quando eu era pequena, irritante e sem mãe, filha de outra mulher—a mulher que seu marido amava mais do que ela, percebi, e foi por isso que ela não o fez, apesar de ter sido sensato.

Mas ainda bem que ela não me amou e me fez amá-la, porque ela não poderia ter feito nada para me ajudar de qualquer maneira. Não era que meu pai não me ouviria ou acreditaria em mim, se eu dissesse a ele que o tsar era um feiticeiro. Todo mundo sabia que sua mãe tinha sido uma bruxa. Mas meu pai só me diria para me apressar e ter um filho antes que o tsar se consumisse em magia negra, e então eu seria a mãe do próximo tsar. Que seria seu neto—outra ferramenta útil em suas mãos, e ainda mais se seu pai morresse convenientemente enquanto ele ainda era jovem o suficiente para precisar de um regente. Se era difícil ou desagradável me casar com um homem assim, muito bem; afinal, foi difícil e desagradável para ele ir para guerra. Ele havia elevado a nossa família, e era meu dever nos elevar ainda mais, se eu pudesse; ele não hesitaria em me gastar como ele próprio se tinha gasto.

E por que Galina iria querer me defender contra esse destino? Ela também se gastara. Ela própria era uma viúva, sem filhos, que poderia viver

próspera e rica, sozinha, mas, em vez disso, trouxera a meu pai aquele baú cheio de ouro, para poder ser duquesa. Agora ela pode ser sogra do tsar: um excelente retorno de seu próprio investimento.

Magreta disse: — Sim, você está certa, senhora, os cabelos de Irina estão secos. É hora de escová-lo. — Ela me puxou para uma cadeira no canto e colocou as mãos na minha cabeça. Ela era lenta e gentil com os emaranhados, como normalmente não era, e cantava muito suavemente sobre o meu cabelo, a música que eu sempre amei quando criança, a garota inteligente que escapava da casa de Baba Yaga na floresta.

Demorou uma hora para ela escovar meu cabelo como ela queria, e depois outra hora para trançar tudo, e então ela enrolou as tranças em volta da minha cabeça como uma coroa. O mordomo do meu pai apareceu e bateu na porta sem entrar, carregando a caixa de jóias. Hoje à noite eu só usaria o anel, amanhã colocaria o colar e, na terceira noite, a coroa, para decidir as coisas se ainda não tivessem sido decididas. Eu tinha pensado em tentar colocar um substituto; minha mãe deixou algumas pequenas bugigangas de prata que Galina não se preocupou em reivindicar, entre elas um anel. Era bonito e bem polido, mas ninguém olharia para ele na minha mão e me acharia bonita por causa disso.

Mas meu pai saberia a diferença e amanhã haveria o colar, pelo qual eu não tinha substituto. Esta noite, o tsar deveria apenas olhar para mim, franzir a testa e olhar de novo, e me ter como uma coceira na parte de trás de sua cabeça durante todo o dia seguinte, como o polegar do meu pai correndo o anel várias vezes na sua própria mão. Amanhã à noite, eu realmente seria levada ao mercado, e na terceira noite, meu pai esperava, seria uma manobra conjunta, ele e seu genro prometido me exibindo para um triunfo compartilhado.

Mas a verdade era que eu queria o anel. Eu queria colocá-lo na minha mão e sentir a prata fria contra a minha pele, meu. Levantei-me e fui com Magreta para o meu quarto, para vestir meu vestido. Ela amarrou minhas mangas e puxou as grandes nuvens da camisa de seda embaixo, e quando eu estava vestida, voltei para a sala de estar e chamei o mordomo. O anel, que meu pai usara na grande e grossa junta da espada, deslizou facilmente para a base do meu polegar direito, e encaixou-se ali confortavelmente. Eu segurei minha mão diante de mim, a prata fria brilhando e a conversa das mulheres sentadas ao meu redor caiu, ou talvez minha própria audição

estivesse emudecida. Lá fora, o sol estava afundando rapidamente, e o mundo estava ficando azul e cinza.

# CAPÍTULO 9

Na noite de quarta-feira na casa do meu avô, minhas tias e suas famílias vieram jantar, todos reunidos em volta da mesa em uma multidão barulhenta. Minha prima Basia estava lá, é claro, e quando todos levamos a louça para a mesa, ela me pegou de lado e me abraçou com força, sussurrando no meu ouvido: — Está tudo maravilhoso! Obrigada, Miryem, obrigada, obrigada — Beijou minha bochecha antes de voltar para a cozinha. E oh, por que Basia parecia tão feliz? Eu teria preferido se ela tivesse me dado um tapa na cara e rido de mim, para que eu pudesse odiá-la. Eu não queria ser a fada boa da história dela, espalhando bênçãos em sua lareira. De onde vem todas essas fadas, e quão ricas elas poderiam ser, passar o dia se aproximando de garotas mais ou menos merecedoras e lhes dando desejos? A velha solitária ao lado que morreu sem ninguém para lamentar e deixou uma casa vazia para roubar, com um bando de galinhas e um baú de linho cheio de vestidos para reformar: esse é o único tipo de fada madrinha em que eu acreditava. Como Basia ousa me agradecer, quando eu não queria dar nada a ela?

Já na mesa, cortei uma grande fatia de cheesecake para mim e o comi sem falar nada, rude, faminta e zangada, tentando dizer a mim mesma que ficaria feliz em me afastar de todos e ser uma rainha entre os Staryk. Eu queria me sentir insensível o suficiente para querer. Mas eu era filha do meu pai. Eu queria abraçar Basia e me alegrar com ela; eu queria voltar para casa para minha mãe e pai e implorar para que eles me salvassem. O cheesecake era familiar, doce e macio na minha garganta apertada, e quando

terminei, me afastei e fui para o quarto da minha avó e pressionei a água da bacia sobre o meu rosto. Eu segurei o pano contra ele e respirei através do linho por um tempo.

Houve um grande barulho de comemoração vindo do andar de baixo e, quando voltei, descobri que Isaac veio com sua mãe e pai para beber uma taça de vinho conosco; os pais de Basia tinham acabado de anunciar o noivado, embora todos na casa já soubessem, é claro. Bebi no brinde e tentei me alegrar de verdade, mesmo quando ouvi Isaac contando ao meu avô seus planos, segurando a mão de Basia: havia uma casinha que acabara de ser vendida a duas portas dos seus pais, ele comprou imediatamente, com o ouro que eu trouxera para ele. E em uma semana—uma semana!—eles se casariam, tão rápido como se uma varinha mágica tivesse sido balançada sobre suas cabeças.

Meu avô assentiu e disse que, como a casa era pequena, de bom tamanho para uma família jovem, talvez eles gostariam de se casar nessa casa, uma marca de sua aprovação; ele gostou que eles não estavam gastando muito dinheiro em algo mais grandioso. Minha avó já havia reunido as duas mães para começar a discutir em voz baixa os convites a serem enviados, as pessoas a serem convidadas, quando Isaac e Basia vieram até mim juntos, ambos sorrindo, e Basia estendeu a mão para mim e disse: — Prometa-nos que você estará lá para dançar no nosso casamento, Miryem! É o único presente que lhe pedimos.

Eu consegui sorrir de volta e disse que sim. Mas as velas estavam queimando e aquele não foi o único noivado a ser finalizado naquela noite. No meio do barulho alegre, comecei a ouvir sinos de trenó tocando alto demais e com um tom estranho. Eles ficaram cada vez mais altos, ouvi o som de cascos batendo com força para cima e para baixo e, em seguida, um baque de punho na porta, batendo. Ninguém mais notou. Eles continuaram conversando, rindo e cantando, mesmo que suas vozes me parecessem abafadas sob aquele enorme som de eco.

Eu lentamente os deixei na sala de estar e caminhei pelo corredor. A urna cheia de ouro ainda estava na entrada, meio escondido debaixo dos casacos e embrulhos empilhados na prateleira, todos tínhamos esquecido de alguma forma. Abri a porta e do lado de fora, na estrada branca, havia um trenó aberto, estreito e elegante, de madeira clara, com quatro das criaturas semelhantes a cervos vestidas com couro branco, com um motorista no banco e dois criados pendurados atrás, ambos pálidos e altos como—*meu*

Staryk, suponho que tivesse que comparar com ele, embora não fossem tão grandiosos. Eles usavam seus cabelos brancos em uma única trança, apenas algumas miçangas brilhantes aqui e ali, e suas roupas estavam todas em tons de cinza.

O senhor deles estava no limiar, e ele havia chegado de forma elegante: desta vez usava uma coroa, uma faixa de ouro e prata em volta da testa, com pontas que se desenrolavam como folhas afiadas de azevinho, com joias claras no centro da cabeça. Ele usava couro branco e uma capa branca enfeitada com pelo branco, mais cristais transparentes pendurados na borda como uma franja de vidro. Ele olhou para mim do alto, com um ar zangado e insatisfeito, a boca abaixada, como se não gostasse do que viu. O que havia para ele gostar? Eu estava usando meu melhor vestido, minhas mangas bordadas nos pulsos em vermelho e minha saia na mesma cor, meu colete de lã e avental estampado em laranja, mas nada disso era extravagante: roupas da filha de um comerciante, nada mais, até os pequenos botões dourados no meu colete e a gola de pelo preto eram apenas a marca de um pouco de prosperidade. Pequena, escura e de cor marrom, e completamente absurda como uma esposa para ele. Eu soltei antes que ele falasse: — Você não pode querer se casar comigo. O que vão pensar?

Sua mandíbula se apertou e ele me encarou, algo brilhava em seus olhos. — O que eu prometo, eu faço — Ele sussurrou para mim. — Embora o mundo acabe por isso. Você transformou minha prata em ouro?

Desta vez, ele nem parecia malicioso, como se tivesse perdido a esperança de que eu falhasse. Abaixei-me, agarrei a tampa da urna e a abri onde estava, entre os casacos e os envoltórios de lã. Era tão pesado que eu não poderia nem ter empurrado para seus pés sozinha. — Aí! — eu disse. — Pegue e me deixe em paz, não faz sentido, casar comigo quando você não quer, e eu não quero. Por que você não me prometeu menos?

— Apenas um mortal poderia fazer, oferecendo moedas falsas e retornando pouco por muito. — disse ele, com o desprezo pingando, e eu o olhei, feliz por estar com raiva ao invés de ter medo.

— *Minha* consciência está limpa — eu disse. — E não chamo de recompensa ser arrastada de minha casa e de minha família.

— Recompensa? — o Staryk disse. — Quem é você para que eu te recompense? *Você* é quem exigiu um retorno justo por um presente comprovado de alta magia, você achou que eu me humilharia fingindo ser um dos baixos, acha que é capaz de se igualar? Sou o senhor da montanha

de vidro, não sou um homem sem nome, e não deixo dívidas não pagas. Você é três vezes comprovada, três vezes verdadeira—não importa por qual motivo antinatural — acrescentou, soando irracionalmente amargo. — E não me provarei falso, custe o que custar.

Ele estendeu a mão para mim e eu disse em desespero: — Eu nem sei o seu nome!

Ele olhou para mim com indignação tão enorme como se eu tivesse exigido que ele cortasse sua própria cabeça. — O meu *nome*? Você acha que tem direito a meu *nome*? Você terá minha mão e minha coroa e vai se contentar com ela, como se atreve a exigir ainda mais de mim?

Ele agarrou meu pulso, queimando frio onde seus dedos enluvados me puxavam, e então ele me empurrou pela porta. O frio sumiu de mim como um nascer do sol atravessando o rio largo, mesmo estando naquela floresta branca com neve sob as botas macias e nem mesmo um xale em volta dos ombros. Eu tentei me livrar dele. Seu aperto era monstruosamente forte, mas quando joguei todo o meu peso contra ele, ele só me deixou ir. Caí na neve e me levantei, virando logo em seguida, pronta para correr.

Mas não tinha para onde ir. Havia apenas a estrada que se estendia para árvores brancas atrás de mim e continuava na minha frente, não havia visão da porta do meu avô ou das muralhas da cidade. Apenas a urna branca como osso que permaneceu aberta na minha frente. Na luz fria da floresta, o ouro que estava nela brilhava como se a luz do sol estivesse presa dentro de cada moeda, e elas poderiam escorregar como manteiga derretida se você as pegasse.

Os dois criados passaram por mim e fecharam a tampa com cuidado, quase com reverência. Na cara deles, vi o mesmo anseio que havia visto no mercado, os olhos das pessoas capturados pela fada prateada. Eles levantaram o caixão com o mesmo cuidado, mas com facilidade, embora os dois homens robustos do meu avô o tivessem levado com um enorme esforço. Eu me virei, seguindo-o com os olhos enquanto eles o carregavam para o trenó, e voltei para o meu lorde Staryk. Ele me estendeu uma mão, rigorosamente.

O que eu deveria fazer? Fui até ele, pisando na neve profunda, e subi no trenó atrás dele. O único conforto que eu tinha era que ele se mantinha rigidamente reto e separado de mim o máximo que podia, sem se mexer nem a um dedo do centro do trenó. —Vá — ele disse bruscamente para o motorista, e com um rápido movimento dos sinos do chicote, estávamos

descendo a estrada branca e larga, voando. Havia uma colcha de peles brancas ao pé do trenó, e eu a puxei sobre os joelhos, me envolvendo no pequeno conforto de pelos macios, os prendendo dentro dos meus dedos cerrados. Eu não senti frio.

*

Magreta e eu estávamos sentadas juntas no escritório de meu pai, esperando o momento em que seríamos convocadas. Eu já ouvia a música lá de baixo, mas ele queria que o entretenimento da noite continuasse um pouco antes de eu fazer minha entrada, não grandiosa, mas sutil, entrando em silêncio para me sentar ao lado da minha madrasta. Magreta ainda estava costurando, falando brilhantemente de todos os artigos de linho que ainda eram necessários para o busto do meu vestido de noiva, a voz dela desaparecia em silêncio por alguns instantes, sempre que eu movia minha mão e seus olhos pegavam o anel de prata. Quando Galina veio me dizer para ir esperar no escritório, ela parou e olhou para mim, ligeiramente intrigada.

Eu não tentei costurar. Eu tinha um livro da prateleira do meu pai no meu colo, um raro prazer que eu não podia desfrutar. Eu olhei para a pintura do contador de histórias e do sultão, uma criatura sombria que se formava na fumaça do braseiro entre as mãos de tecelagem, e eu não conseguia nem chegar ao final de uma frase. Do lado de fora da janela eu podia ver a neve ainda caindo. Começara a surgir repentinamente no final da tarde, muito espessa, como se me provocasse, tornando impossível uma fuga, uma alternativa já absurda.

Um estrondo de risada subiu levemente pelo chão, e quase cobriu o barulho da maçaneta da porta, mas eu ouvi e quando ela girou, dobrei o livro no meu colo com a mão com anel embaixo, rapidamente a escondendo. Era muito cedo para meu pai ter enviado alguém para mim e, de alguma forma, não me surpreendeu ver Mirnatius parado na porta, sozinho no corredor, escapando do banquete. Magreta ficou calada e congelada como um coelho ao meu lado, as mãos fechadas sobre o trabalho. Meu véu ainda nem estava desenhado sobre o meu rosto, e estávamos sozinhas, então ela deveria tê-lo perseguido para sair. Mas é claro, ele era o tsar, e se ele não era o tsar, ela sabia o que ele era também.

— Ora, ora — disse ele, entrando na sala. — Minha pequena protetora de esquilos, cresceu um pouquinho. Acho que não podemos chamá-la de bonita, infelizmente. — acrescentou ele, sorrindo.

— Não, Senhor — eu disse. Eu não conseguia me fazer abaixar os olhos. Ele *era* bonito e ainda mais visto de perto: uma boca macia e sensual, com a barba aparada curta como uma moldura ao redor, e seus olhos sobrenaturais como joias. Mas não foi por isso que mantive meus olhos em seu rosto. Eu estava simplesmente sendo muito cautelosa com ele para desviar o olhar, um roedor observando o gato passeando.

— Não? — ele disse suavemente, e deu outro passo.

Eu me levantei da minha cadeira para que ele não se elevasse sobre mim. Magreta, tremendo, levantou-se e ficou ao meu lado e, quando ele começou a levantar a mão em minha direção, ela soltou: — Sua Majestade, vai tomar um copo de conhaque? — Ou seja, a garrafa no aparador, com seu copo de cristal, em uma defesa desesperada.

—Sim — Ele disse imediatamente. — Não esse. O conhaque que eles servem no andar de baixo. Vá buscá-lo.

Magreta trancou no lugar ao meu lado, seus olhos correndo para o lado. — Ela não tem permissão para me deixar sozinha — Eu disse.

— Não é permitido? Absurdo. Eu dou permissão a ela. Eu guardarei sua honra pessoalmente. *Vá*. — Ele disse a ela, o comando roçando contra mim como um ferro queimado fresco do fogo, e Magreta fugiu da sala depois disso.

Apertei meus dedos com força em ambos os lados do meu anel quando ele virou os olhos para mim, puxando sua frieza para dentro de mim, agradecida. Ele deu outro passo e segurou meu rosto na mão, empurrando-o para cima. — Então, o que você disse ao seu pai, meu bravo esquilo cinza, para fazê-lo pensar que poderia me forçar a faze-la esposa?

Ele pensou que meu pai quis dizer chantagem, então. — Senhor? — Eu disse, ainda tentando me apegar à formalidade, mas seus dedos se apertaram.

— Seu pai está gastando ouro como água em entretenimentos, e ele nunca esteve solto com suas cordas .— Ele acariciou o polegar sobre a linha da minha mandíbula, inclinando-se; eu pensei que podia sentir o cheiro da feitiçaria nele, uma mistura forte e pungente de canela e pimenta e resina de pinheiro, e bem embaixo dela queimava fumaça de lenha. Era tão adorável e sedutor quanto o resto dele, e eu senti como se pudesse sufocar. — Diga-

me — ele disse suavemente, as palavras aquecendo meu rosto como respirar em um painel frio de vidro no inverno para cobri-lo com névoa.

Mas meu anel ficou frio e o rubor desapareceu de mim. Eu não precisava responder, mas não responder, seria sua própria resposta. — Nada. Eu não teria — Eu disse, dando-lhe tanta honestidade, tentando arrancá-la de mim.

— Por que não? Você não quer ser tzarina, com uma coroa de ouro? — ele disse ironicamente.

— Não — eu disse, e dei um passo pra longe dele.

Ele ficou surpreso, afrouxou seus dedos e os tirou do meu rosto. Ele olhou para mim, e então uma ansiedade aterrorizante surgiu em seu rosto, distorcendo a beleza por um momento como a ondulação do ar acima de uma fogueira. Eu pensei que havia quase um brilho vermelho em seus olhos quando ele deu outro passo em minha direção e então a porta se abriu e meu pai entrou na sala, alarmado e também zangado: seus planos estavam sendo estragados e ele não podia fazer nada para parar isso.

— Senhor — ele disse, e seus lábios se estreitaram quando viu que minha mão estava escondida embaixo do meu livro. — Eu estava chegando para trazer Irina lá embaixo. Você é gentil por ter ficado de olho nela.

Ele veio até mim e estendeu a mão para o livro, e relutantemente eu o entreguei, a prata do meu anel brilhando entre nós quando ele o pegou. Olhei para Mirnatius e esperei sombriamente uma careta de perplexidade aparecer em seu rosto, para ver a mágica capturá-lo, mas seus olhos já estavam iluminados por fome e prazer, e sua expressão não mudou. Ele estava me observando, só eu, e ele não tinha um olhar de sobra para o anel.

Depois de mais um momento olhando, ele piscou uma vez, o brilho cintilante clareando seus olhos e virou-se para meu pai. — Você deve me perdoar, Erdivilas — Disse ele depois de um momento. — Suas palavras despertaram um desejo irresistível em mim de ver Irina novamente, sem o barulho do corredor entre nós. Você não falou falsamente. De fato, há algo incomum nela.

Meu pai parou, surpreso; como se o coelho tivesse virado de repente e pulado no cão. Mas sua determinação o levou além desse momento inesperado. — Você honra minha casa dizendo isso.

— Sim — disse Mirnatius. —Talvez ela possa cair sem nós. Acho que deveríamos discutir o casamento dela imediatamente. Ela está destinada a um noivo muito particular, eu acho, e devo adverti-lo de que ele não está inclinado à paciência.

# CAPÍTULO 10

Todos os dias da semana o pai de Miryem me perguntava, um pouco intrigado: — Wanda, você viu Miryem? — e todos os dias eu o lembrava que ela tinha ido a Vysnia. Então ele dizia: — Oh, é claro, que tolice minha esquecer. — Todos os dias no jantar, a mãe de Miryem colocava um quarto prato e o enchia, e então os dois pareciam surpresos novamente ao vê-la desaparecida. Eu não disse nada sobre isso, já que eles sempre me davam o prato cheio.

Fiz a coleta, escrevendo cuidadosamente nas linhas do livro. Sergey e eu cuidamos das cabras e das galinhas. Mantemos o quintal arrumado, a neve dura sempre e está escovada. Na quarta-feira, fui ao mercado e fiz as compras e um homem que veio do norte vendendo peixe me perguntou se Miryem ainda tinha aventais: ele havia visto outros usando-os e os queria para suas três filhas. Restavam três aventais em casa. Um enorme nó surgiu na minha garganta. Eu disse a ele: — Eu posso ir buscá-los, se você quiser. Dois kopeks para cada um.

— Dois kopeks! — ele disse — Não posso pagar mais de um

— Não posso mudar o preço — disse — Minha ama está fora. Ela não os vendeu a ninguém por menos — acrescentei.

Ele franziu o cenho, mas disse: — Bem, vou levar dois. — Quando assenti e disse que iria buscá-los, ele me chamou e disse para trazer os três. Fui e peguei os aventais e os trouxe de volta. O homem os inspecionou de trás para frente, procurando por fios soltos ou cores desbotadas. Então pegou sua bolsa e contou o dinheiro na minha mão: um, dois, três, quatro, cinco, seis. Seis kopeks, brilhando na minha palma. Eles não eram meus, mas eu fechei minha mão neles e engoli dizendo: — Obrigado, Panov —

Depois peguei a cesta e saí do mercado. Quando ninguém mais estava olhando, corri todo o caminho de volta para casa e explodi em falta de ar. A mãe de Miryem estava colocando o jantar na mesa. Ela olhou para mim surpresa.

— Vendi os aventais — eu disse. Pensei que poderia chorar. Engoli em seco e mostrei o dinheiro para ela.

Ela estendeu a mão e pegou, mas nem olhou para as moedas. Ela colocou a mão no meu rosto—tão pequena e delicada, mas quente. Ela sorriu para mim e disse: — Wanda, o que seria de nós sem você? — E assim se virou para colocar o dinheiro em uma jarra na prateleira. Escondi meu rosto nas mãos e enxuguei os olhos com o avental antes de me sentar à mesa.

Ela havia feito muita comida, de novo. — Wanda, você poderia comer um pouco mais? É uma pena que a comida seja desperdiçada. — disse o pai novamente, deslizando o quarto prato para mim. A mãe de Miryem estava olhando pela janela com uma expressão estranha no rosto, um pouco confusa. — Há quanto tempo Miryem se foi? — ela perguntou devagar.

— Uma semana — eu disse.

— Uma semana — repetiu sua mãe, como se estivesse tentando consertar isso em sua cabeça.

— Ela estará em casa antes que você perceba, Rakhel — disse o pai, de uma maneira calorosa, como se estivesse tentando se convencer.

— É um longo caminho — disse a mãe. Esse estranho olhar ansioso ainda estava em seu rosto. — É tão longe para ela ir — então se virou e sorriu para mim. — Bem, Wanda, estou tão feliz em ver que você gosta da comida.

Não sei por que, mas o pensamento me veio à mente muito claro: *Miryem não está voltando.* — É muito boa — eu disse. Minha garganta estava estranha. — Obrigada.

Ela me deu o centavo do dia e eu caminhei lentamente para casa. Eu pensei, Miryem sempre estaria voltando. Eles esperariam e esperariam por ela. Todos os dias eles colocariam um lugar. Todos os dias eles ficariam intrigados por ela não ter vindo. Todos os dias eles me dariam sua parte da comida. Talvez eles me dessem sua parte de outras coisas também. Eu cuidaria do trabalho de Miryem. A mãe de Miryem voltaria a sorrir para mim do jeito que ela fez hoje. O pai dela me ensinaria mais números. Eu tentei não querer essas coisas. Parecia que desejava que ela não voltasse.

Eu enterrei meu centavo na árvore, depois fui para a casa e parei perto da porta. Havia pegadas na estrada o tempo todo enquanto eu caminhava. Isso não foi tão estranho. Haviam outras pessoas que moravam ao longo da estrada. Mas agora eu vi que as pegadas saíram da estrada e foram até a porta da minha casa: dois homens, com botas de couro e isso foi muito estranho. Não era hora do cobrador de impostos. Eu lentamente fui mais perto. Quando cheguei perto da porta, ouvi risos e vozes masculinas, fazendo um brinde. Eles estavam bebendo. Eu não queria entrar, mas não havia jeito para isso. Eu estava com frio pela longa caminhada, eu precisava aquecer meus pés e mãos.

Eu abri a porta. Eu não tinha ideia do que encontraria. Qualquer coisa teria me surpreendido. Era Kajus e seu filho Lukas. Eles tinham um grande jarro de krupnik na mesa e três xícaras. Meu pai estava com o rosto vermelho, então eles já estavam bebendo há um tempo. Stepon estava encolhido no canto perto da lareira, fazendo dele pequeno. Ele olhou para mim. — Aqui está ela! — Kajus disse, quando entrei. — Feche a porta, Wanda, e venha comemorar conosco. Continue, Lukas, vá ajudá-la!

Lukas se levantou e veio até mim e se espreguiçou para tentar me ajudar a tirar meu xale. Não entendi por que ele se incomodou. Tirei-o e o pendurei perto do fogo, e meu cachecol com ele. Eu me virei. Kajus estava radiante para mim o tempo todo. — Tenho certeza de que será uma pena para você perdê-la — disse ele ao meu pai. — Mas esse é a perda de um homem com uma filha! E a casa dela não vai ser longe — fiquei parada e olhei para Stepon. — Wanda — continuou Kajus. — Nós resolvemos tudo! Você vai se casar com Lukas.

Eu olhei para Lukas. Ele não parecia muito satisfeito, mas também não parecia muito triste. Ele estava apenas me dando um olhar pensativo. Eu era um porco no mercado que ele havia decidido comprar. Ele esperava que eu engordasse bem e lhe desse muitos leitões antes da hora de fazer bacon.

— Claro, seu pai me contou sobre esse negócio com a dívida — disse Kajus — Mas eu disse a ele que não terá que pagar mais. Em vez disso, colocaremos na minha conta e você trabalhará a partir daí. E toda semana você vai trazer um pote do meu melhor krupnik para ele, para que não esqueça como é a filha. Para sua saúde e felicidade! — Ele brindou com o copo e umedeceu os lábios, e meu pai também levantou o dele e bebeu a coisa toda. Kajus encheu seu copo de volta imediatamente.

Então, meu pai nem me comprou uma cabra que pudesse produzir leite ou alguns porcos. Ele não ganhava quatro centavos por mês. Ele me vendeu para beber. Para um jarro de krupnik por semana. Kajus ainda estava sorrindo. Ele deve ter imaginado que eu estava sendo paga em dinheiro. Ou ele pensou que, se eu estivesse em sua casa, Miryem reduziria sua dívida. E se ele fosse falar com o pai de Miryem, ele estaria certo. A dívida iria embora. Seria um presente de casamento que eles me fizeram. Então, talvez Kajus me manteria trabalhando para eles, mas ele exigiria mais e mais dinheiro deles. Miryem se foi. Ela não podia vir e lutar com ele. Eram apenas o pai e a mãe, e eles não podiam lutar contra Kajus. Eles não podiam lutar contra ninguém.

— Não — eu disse.

Todos eles olharam para mim. Meu pai estava piscando. — O que? — ele disse, se arrastando.

— Não — eu disse novamente — Não vou me casar com Lukas.

Kajus parou de sorrir. — Agora, Wanda — ele começou, mas meu pai não estava esperando que ele dissesse alguma palavra. Ele se levantou rapidamente e me bateu com tanta força no rosto que caí no chão.

— Você diz não? — meu pai berrou. — Você diz que não? Quem você acha que é o mestre nesta casa? Você não diz não para mim! Cale a boca! Você vai se casar com ele hoje, sua vaca estúpida! — Ele estava tirando o cinto, tentando, mas não conseguia abrir a fivela.

— Gorek, ela só ficou surpresa — dizia Kajus, estendendo a mão, sem se levantar. — Tenho certeza que ela pensará melhor em um momento.

— Vou ensiná-la a pensar melhor! — meu pai disse, me agarrou pelos cabelos e arrastou minha cabeça. Eu tive um vislumbre de Lukas. Ele se afastou em direção à porta. Ele parecia assustado. Meu pai era um homem grande, maior que ele e Kajus. — Você diz não? — ele estava repetindo, de novo e de novo, atingindo meu rosto de ambos os lados, de um lado para o outro. Eu tentei cobrir minha cabeça, mas ele deu um tapa em minhas mãos.

— Gorek, ela não ficará bem em seu casamento assim — disse Kajus, como se estivesse tentando fazer de tudo uma piada. Sua voz estava um pouco assustada nos meus ouvidos.

— Quem se importa com o rosto dela! — meu pai disse — Ele terá uma mulher que faz o seu papel. Não levante suas mãos para mim! — ele gritou comigo. — Você diz não? — Ele havia desistido do cinto. Ele me jogou com força na lareira e pegou o atiçador ao lado da lareira.

E então Stepon disse: — Não! — e pegou o outro lado do atiçador. Meu pai parou. Mesmo meio cega de tanto chorar, levantei minha cabeça para olhar. Stepon ainda era pequeno e magro como uma árvore de um ano. Meu pai poderia tê-lo levantado do chão do outro lado do atiçador. Mas Stepon ainda pegou o atiçador com as duas mãos segurou-o e disse: — Não! — novamente para o meu pai.

Meu pai ficou tão chocado que não fez nada por um momento. Então ele tentou afastar o atiçador, mas Stepon o segurou com força, e ele simplesmente o acompanhou. Meu pai o agarrou pelo ombro e começou a tentar empurrá-lo para fora, mas o atiçador era mais longo que o braço dele, e ele estava bêbado demais para pensar em largá-lo, então começou a sacudir para frente e para trás, apenas empurrando Stepon tropeçando por toda a casa com ele, ainda pendurado no outro lado. Meu pai ficou cada vez mais irritado, e então ele rugiu um barulho que não eram palavras e finalmente jogou o atiçador no chão, agarrou Stepon e o acertou na cara com o punho grande.

Stepon caiu, com sangue saindo de seu rosto, ainda segurando o atiçador rápido, e soluçou — Não! — novamente.

Meu pai estava com tanta raiva que ele não podia mais gritar. Ele pegou seu próprio banco e o esmagou nas costas de Stepon, quebrando-o em pedaços. Stepon caiu no chão. Meu pai veio com a perna esquerda levantada e apertou com força em suas mãos, até que ele gritou e finalmente seus dedos saltaram do atiçador e meu pai o agarrou.

Havia uma raiva quente e vermelha no rosto do meu pai. Os olhos dele estavam vermelhos. Seus lábios foram afastados dos dentes. Se ele começasse a acertar Stepon com o atiçador agora, ele não iria parar. Ele o mataria. — Vou me casar com Lukas! — eu disse — Pai, eu vou casar com ele! — Mas então eu olhei do meu rosto inchado e Lukas já tinha sumido, e Kajus estava tentando rastejar até a porta.

— Onde você vai? — meu pai berrou para ele.

— Bem, se a garota não gosta, é o fim! — Kajus disse — Lukas não quer uma garota que não o queira. — O que ele quis dizer é que ele não queria isso em sua casa. Ele veio com seu krupnik e seus planos inteligentes, embebedou meu pai e construiu essa raiva nele como um fogo, e agora estava queimando tudo e ele queria fugir disso.

E ele poderia fugir. Ele estava indo e Lukas já tinha ido. Meu pai não poderia obrigá-los a fazer o que queria, mesmo que ele gritasse com eles.

Eles eram homens da cidade, ricos que pagavam bons impostos. Se ele tentasse atingi-los, eles mandariam o boyar para o chicotear. Meu pai sabia disso. Ele gritou comigo: — Isso é por sua causa! Que homem quer uma mulher que não sabe obedecer!

Ele estava vindo para me acertar com o atiçador, e Kajus estava abrindo a porta, Sergey estava lá fora. Ele nos ouviu gritando. Correu para dentro e pegou o atiçador antes que atingisse minha cabeça. Meu pai tentou afastá-lo dele, mas não conseguiu. Sergey segurou-o. Ele era tão alto quanto meu pai agora e já havia ganhado um pouco mais de peso, comendo duas vezes por dia na casa de Miryem. E meu pai estava magro com o inverno e bêbado. Papai tentou novamente e, em seguida, tentou acertar Sergey com um punho, Sergey afastou o atiçador e o balançou e bateu *nele* com ele.

Acho que surpreendeu papai mais do que tudo, ser o único atingido. Ninguém jamais lutou com ele, nem mesmo na cidade. Ele era muito grande. Ele tropeçou para trás e tropeçou em Stepon ainda enrolado na lareira, e foi para trás. Sua cabeça bateu contra a borda do pote de kasha e soltou o bastão. Ele passou direto pelo fogo e a coisa toda fervendo caiu em seu rosto.

Kajus ofegou e saiu correndo de casa enquanto papi ainda estava gritando e se debatendo. Eu queimei minhas mãos pegando o pote dele e o tiramos das cinzas, mas seu cabelo estava pegando fogo e suas roupas também. Todo o seu rosto estava cheio de bolhas e os olhos estavam inchados como cebolas grandes sob as tampas. Apagamos o fogo com nossas roupas. Até então, ele parou de gritar e se mover.

Nós três estávamos ao redor dele. Nós não sabíamos o que fazer. Ele não parecia mais uma pessoa. Sua cabeça inteira era uma coisa grande e inchada, branca, exceto onde estava vermelha. Ele não estava dizendo nada ou se mexendo. — Ele está morto? — Sergey disse finalmente. Papai não se mexeu, nem disse nada, e foi assim que sabíamos que ele estava morto.

Stepon se virou e olhou assustado entre Sergey e eu. O rosto dele ainda estava ensanguentado e o nariz estava torto. Ele queria saber o que faríamos. O rosto de Sergey estava pálido. Ele engoliu em seco. — Kajus dirá a todos — disse ele — Ele dirá a eles. . .

Kajus diria a todos que Sergey havia matado nosso pai. Os homens do boyar viriam e o pegariam e iriam enforca-lo. Não importava que Sergey não pretendesse fazê-lo. Não importava que nosso pai estivesse pronto para nos matar. Você não poderia matar seu pai. Eles podem me levar também.

Kajus diria a todos que eu havia me recusado a casar com seu filho, e então Sergey matou meu pai para impedir que ele me espancasse. Então, nós fizemos isso juntos. Enfim, eles enforcariam Sergey com certeza. E mesmo que não me pegassem e me enforcassem, o boyar pegaria a fazenda e a entregaria a outra pessoa. Stepon era jovem demais para cultivar sozinho, e eu era uma mulher.

— Temos que ir embora — eu disse.

Fomos para a árvore branca. Desenterramos os centavos. Havia apenas vinte e dois deles, mas era tudo o que tínhamos. Nós olhamos para eles. Eu sabia agora quanto vinte e dois centavos comprariam. Não compraria muita comida ou bebida para três pessoas, e teríamos que percorrer um longo caminho para conseguir trabalho em qualquer lugar.

— Stepon — eu disse — você deve ir a Panova Mandelstam — Stepon lançou um olhar para mim. Ele estava assustado. — Você é pequeno. Ninguém vai dizer que você fez isso. Ela vai deixar você ficar.

— Por que ela vai? — Sergey disse — Ele não pode ajudá-la.

— Ele pode cuidar de suas cabras — eu disse. Mas eu só disse isso para fazer Stepon e Sergey se sentirem melhor. Eu sabia que a mãe de Miryem o deixaria ficar, mesmo que ele não pudesse fazer nada. Mas ele realmente seria uma ajuda. Stepon era muito bom com cabras. Portanto, mesmo que ninguém mais saísse coletando dinheiro, não passariam fome. E ele seria sua companhia, todos os dias que Miryem não voltava para casa. Depois de um momento, Stepon esfregou os olhos e assentiu. Ele entendeu. Sergey e eu podíamos andar rápido e por um longo tempo. Poderíamos fazer um trabalho a ser pago. Ele ainda não podia. Seria mais seguro para todos nós. Mas isso significava dizer adeus, talvez para sempre. Sergey e eu não podíamos voltar. E Stepon não saberia onde estávamos.

— Mamãe, desculpe — eu disse para a árvore. O dinheiro tinha causado problemas, afinal. Deveríamos tê-la ouvido. Houve um som de vento através das folhas brancas como um longo suspiro profundo. Então a árvore lentamente dobrou três galhos baixos em nossa direção, cada um nos tocando em nossos ombros. Parecia alguém colocando uma mão na minha cabeça. E a do ombro de Stepon tinha uma única fruta branca pálida pendurada, uma noz madura. Ele olhou para ela e para nós.

— Pegue — eu disse. Foi justo. Mamãe me salvou uma vez, e Sergey, de qualquer maneira nós dois criamos esse problema. Stepon não pediu nada disso.

Então Stepon pegou a noz e a colocou no bolso, e então Sergey me perguntou. — Para onde iremos?

— Vamos primeiro a Vysnia — eu disse depois de um momento. — Podemos encontrar o avô de Miryem. Talvez ele nos dê trabalho. — Eu sabia que o nome do avô dela era Moshel, mas não achava que realmente poderíamos encontrar Vysnia ou ele. Mas tivemos que caminhar em direção a algo. E lembrei-me de que Miryem havia falado em enviar lã para o sul, quando o rio derretesse. Se fizéssemos isso, iriamos para o sul no rio, passando por Vysnia, seria o fim das pessoas que nos procuravam. Ninguém nos caçaria tão longe.

Sergey assentiu quando eu disse a ele. Fomos até nosso curral e desamarramos nossas quatro cabras magras que tínhamos deixado em uma corda. Stepon as pegou e lentamente foi andando com elas, olhando para nós a cada poucos passos até que ele sumiu de vista. Em seguida, dividimos os centavos entre nós, metade e metade, e cada um colocou nossa parte no bolso mais forte. Não queríamos entrar na casa novamente, porque nosso pai ainda estava deitado lá, mas finalmente entramos e pegamos o casaco de meu pai de onde estava pendurado na parede, e o pote vazio das cinzas para podermos cozinhar. Então nós fomos para a floresta.

*

Mirnatius e eu nos casamos na manhã do terceiro dia de sua visita, eu usava meu anel, meu colar e minha coroa. Meu pai havia oferecido as jóias como meu dote, alegando que eram da minha mãe. Mirnatius dissera superficialmente: — Sim, isso serve — não se importando. Acho que ele teria me levado por nada, mas mesmo assim meu pai ficou um pouco surpreso com a facilidade de sua própria vitória, incomodado por ela: ele queria acreditar que vencera com suas maquinações. A corte olhou para mim ansiosamente quando entrei na igreja, como se eu carregasse todas as estrelas do mundo na minha garganta e na minha testa, mas a prata das fadas poderia ter sido de bronze, meu noivo não parecia se importar ou perceber. Por toda sua insistência na velocidade, ele fez seus votos como se eles o entediassem, e depois ele soltou minha mão tão rapidamente como se fosse feita de fogo. Eu só podia imaginar que ele achou delicioso ter a chance de se casar por desgosto, uma garota que não o queria, quando todas

as donzelas do reino suspiraram e teriam cortado os dedos dos pés para terem a chance de ser sua esposa.

Saímos imediatamente depois. Meu báu de noiva semi-pintado estava embalado na parte de trás de um trenó pintado em prata e branco—parecia ter sido pintado muito recentemente: foi o presente apressado de um dos boyars do meu pai, que simplesmente deu um dos seus próprios—e eu estava sozinha na parte de trás. Não havia ninguém vindo comigo. Mirnatius havia dito a meu pai que não havia espaço em sua casa para outra velha, então Magreta foi deixada para trás, infeliz e chorando na varanda, escondida atrás de todas as outras damas da casa.

Mirnatius beijou as bochechas de meu pai, como um parente próximo, e subiu ao meu lado. Só fiquei agradecida por não estar fechada com ele dentro do trenó: não era grande o suficiente para dois, principalmente se um deles fosse o tzar de Lithvas. Mas nosso trenó estava quase quente demais; havia peles pesadas empilhadas sobre nós e aquecedores cheios de pedras quentes aos nossos pés e debaixo dos assentos. Ele reclinou de volta de uma maneira ágil e estendeu uma bolsa para mim — Jogue moedas para o povo à medida que avançamos, minha amada, para que todos possam compartilhar nossa alegria — ele falou — E pareça tão feliz quanto eu sei que você deve estar. *Sorria para eles.* — acrescentou ele, outro comando que entrou em mim como as ondas de calor subindo dos aquecedores, mas o anel estava embaixo das minhas luvas, e a prata me esfriou de volta. Só estendi a mão cautelosamente para pegar a bolsa e joguei punhados de brilhantes kopeks e tostões sobre a lateral do trenó sem olhar; ninguém nas ruas notaria que eu não sorria para eles quando havia moedas a serem arrebatadas, não conseguiam tirar os olhos delas. Ele franziu a testa e continuou me olhando, olhos encobertos, e não disse mais nada.

O trenó voou pela estrada congelada do rio, parando para trocar de cavalo quatro vezes, até que, pouco antes do anoitecer, paramos para passar a noite com o Duque Azuolas. Ele era um senhorio rico, com vastos campos, mas seu lugar era uma cidade menor, mais protegida contra invasores Staryk. Era um lugar tranquilo que não podia acomodar toda a comitiva do tsar, e Mirnatius ordenou que quase todo o trem seguisse em frente e se juntassem a pequenos boyars e cavaleiros ao longo da estrada, para serem reunidos amanhã. Fiquei nos degraus da casa do duque enquanto eles saíam, todo mundo que me viu casar, e o frio correu pela minha espinha. Havia espaço na casa para alguns deles, pelo menos, e muitos dos cavaleiros pareciam

azedos e indignados por serem enviados adiante. Os criados estavam tirando meu báu do trenó e levando-o para dentro de casa. Eu olhei para Mirnatius. Poderia ter sido apenas o pôr do sol, mas seus olhos olharam para mim com um breve brilho vermelho.

Fui jantar com todos os pedaços da minha prata brilhando à luz das velas: não tirei nem a coroa e, ao redor da mesa, os homens me encaravam com os rostos curiosos como crianças, perplexos e ao mesmo tempo invejosos ao tzar, sem saber direito o porquê. Falei com tantos daqueles homens deslumbrados com prata quanto pude. Mas eu mal comi alguns pedaços do prato final quando Mirnatius se desculpou por mim e me mandou para as mãos das servas, com dois de seus guardas para me seguir — Vigie atentamente a porta da minha tzarina. Eu não quero que ela fuja — ele disse a eles, e todos riram de sua pequena piada. Quando saí da mesa, ele se virou abruptamente e pegou minha mão, empurrou-a em direção a sua boca e a beijou, o calor de seus lábios queimando — Eu irei buscá-la *em breve* — ele sussurrou severamente, uma promessa quente e devota, antes de me deixar ir.

O beijo trouxe uma onda de cor às minhas bochechas, e as criadas me esperavam, rindo, pensando que eu estava ansiosa pelo meu lindo noivo. Fiquei grata pelo erro delas. Assim que a porta do meu quarto foi fechada eu as mandei embora, em vez de deixá-las me ajudar a despir. — Meu senhor vai me ajudar, eu acho — eu disse, abaixando meus olhos timidamente para impedir que elas vissem que era medo e não emoção falando. Todos riram novamente e se afastaram sem discutir, me deixando sozinha, ainda usando meu vestido pesado

Dois dias atrás, eu disse a Galina: — É uma viajem longa e fria de ir e vir de Koron, e minhas peles velhas são muito pequenas. — Sabia que haveria uma disputa louca entre os cortesãos que vieram com o tsar e os boyars e cavaleiros de meu pai, tentando encontrar presentes de casamento com pressa frenética, e pensei que provavelmente eles consultariam minha madrasta. Então agora eu tinha um belo conjunto pesado de peles de arminho, esplêndido o suficiente para uma tzarina usar. Eu os deixei em um amontoado branco e macio no canto da sala, e assim que as criadas fecharam a porta, eu vesti o casaco de pele, depois o manto pesado e a capa. Eu não podia usar o chapéu de pele e a coroa juntos, mas não queria deixar o chapéu ali, tornando o resto notável por sua ausência, então coloquei-o no meu manto.

Fui para o espelho alto que estava pendurado na parede e me olhei, parada na neve rodopiante da floresta escura. Fui até o vidro, um frio intenso irradiando contra o meu rosto. Fechei os olhos e dei um passo, aterrorizada com todos os resultados: encontrar apenas vidro duro contra a ponta do nariz e não escapar, ou atravessar e me encontrar sozinha à noite, em outro mundo, onde eu poderia nunca ser capaz de voltar.

Mas nenhum vidro encontrou meu rosto, apenas o inverno, mordendo minhas bochechas. Abri meus olhos novamente. Eu estava sozinha, em uma floresta de pinheiros escuros cobertos de neve, me cercando infinitamente em todas as direções. O céu estava cinza escuro no alto, um crepúsculo no fim da noite sem nenhum brilho de estrelas, e estava tão amargamente frio que tive que segurar minha capa contra meus lábios para impedir que minha respiração congelasse meu rosto. Flocos finos de neve flutuavam ao meu redor, picando minha pele como pequenas agulhas. Não era apenas uma noite fria de inverno ou mesmo uma nevasca; foi um frio desagradável e antinatural que tentou rastejar diretamente para meu coração e pulmões, que perguntou o que eu estava fazendo aqui.

Não havia sinal de abrigo em lugar algum—nenhuma casa onde eu pudesse pedir refúgio. Mas me virei e vi que estava na margem de um rio profundo congelado, quase sólido, brilhando como vidro, e quando olhei para a superfície, em vez de um reflexo, vi o quarto vazio em que fugi, como se estivesse olhando do outro lado do espelho.

A porta se abriu enquanto eu observava, e eu me estiquei como uma corda de arco, mas um instante foi suficiente para ter certeza: Mirnatius não me viu. Ele entrou na sala sorrindo largo e com fome, e brilhou quando viu a sala aparentemente vazia. Ele fechou a porta atrás de si e encostou-se nela, apoiando-se. Ele se abaixou com uma mão, sem sequer olhar, e trancou-a deliberadamente, o clique vindo até mim levemente distorcido, como se eu o tivesse ouvido debaixo d'água. — Irina, Irina, você está se *escondendo* de mim? — ele disse suavemente, uma alegria quente em sua voz quando ele puxou a chave e a colocou no bolso — Eu vou te encontrar . . .

Ele começou a me procurar—atrás da cortina da lareira, debaixo da cama, dentro do guarda-roupa. Ele até veio ao espelho, e eu recuei quando ele veio diretamente em minha direção, mas ele estava apenas olhando para ver se havia um espaço atrás dele. Quando se afastou, o sorriso estava finalmente desaparecendo; ele foi até a janela e empurrou as cortinas, havia

escolhido o quarto com cuidado, apenas uma pequena janela existia e ela estava bem fechada.

Ele se virou, com raiva começando a aparecer em seu rosto. Eu passei meus braços em volta de mim, o frio me mordendo, enquanto ele começou a destruir a sala. Finalmente parou, ofegante, com os lençóis arrancadas da cama e metade dos móveis virados, com raiva confusa. — *Onde você está?* — ele gritou, uma terrível raspagem desumana em sua voz. — *Saia e me deixe ver! Você é minha, Irina, você me pertence!* — Ele bateu o pé com tanta força que a enorme cama entalhada tremia. — *Ou então eu vou matá-los, matar todos eles! Sua família, seus parentes, para mim eles cairão!* A menos que você saia agora. . . Eu não vou te machucar. . . — ele acrescentou, num tom repentino, como se realmente pensasse que eu acreditaria nele. Ele fez uma pausa, esperando mais um momento, mas quando eu não apareci, ele explodiu em um paroxismo violento, não procurando mais, apenas esmagando e rasgando coisas como uma besta louca que assolava o mundo e a si mesma ao mesmo tempo.

Ele continuou e continuou, até que ele gritou repentinamente de fúria e se jogou no chão, batendo contra ele, seu corpo inteiro convulsionando com espuma em volta dos lábios. A violência durou apenas um momento, e então, de repente, ele ficou mole no chão, a boca frouxa e os olhos vazios. Eles pareciam olhar diretamente para mim, sem ver. Eu olhei de volta pelo que pareciam longos minutos se arrastando antes que eles piscassem.

Mirnatius rolou de bruços e se ajoelhou primeiro e depois estremeceu. Suas roupas estavam rasgadas e caíam dos ombros, e ele olhou em volta para a cama destruída e o quarto que ele havia destruído. A luz faminta desapareceu de seu rosto; ele apenas olhou desconfiado. — Irina?— ele disse, e até levantou a colcha rasgada para olhar embaixo, como se achasse que eu poderia ter aparecido de repente nesse meio tempo. Ele deixou-a cair e foi até a janela e olhou para ela novamente, como se não se lembrasse de ter se assegurado disso apenas um pouco antes.

Ainda com uma expressão confusa no rosto, Mirnatius atravessou a sala em direção à lareira e disse em voz alta na frente dela, como se esperasse uma resposta: — Agora você realmente se foi e me colocou no meio. Filha de um duque! E você nem deixou um corpo. O que você *fez* com ela?

As chamas rugiram alto e violentamente, um toque de faíscas arremessou para dentro da sala. Ele os ignorou e, onde caíam em sua pele, as pequenas marcas queimadas desapareciam tão rapidamente quanto o estragavam. —

*Encontre-a!* — as chamas disseram, com uma voz toda de assobios e estalos e devoradores. — *Traga-a de volta!*

— O que? — Mirnatius disse — Ela não estava aqui?

— *Eu devo tê-la!* — disse o fogo. — *Eu vou tê-la! Encontre-a para mim!* — Chegou à mesma nota estridente que tinha saído de seus lábios apenas alguns momentos antes.

— Oh, esplêndido. Ela deve ter subornado os guardas para deixá-la ir. O que você quer que *eu* faça sobre isso? Você é quem insistiu em me casar com a única garota do mundo que fugiu de mim! Eu já teria o suficiente para fazer tendo que acalmar o pai dela por algum acidente trágico e inesperado; será um pouco mais difícil se ela *desaparecer*.

— *Mate ele!* — o fogo cuspiu. — *Ela é minha, eles me deram! Mate todos eles se eles a ajudaram a fugir!*

Mirnatius fez um gesto impaciente. — Não seja tolo! Ele ficou encantado em entregá-la, em primeiro lugar; ele mesmo não a teria esquecido. Ela corre por conta própria. Para o próximo reino agora, provavelmente. Ou um convento: isso seria maravilhoso, não é?

O fogo fez um barulho como água espirrando em brasas. — *A velha* — assobiou, e o horror ficou preso na minha garganta. — *A velha, você não queria que ela visse. Busque ela! Ela sabe! Ela vai me contar!*

Mirnatius fez uma careta, como se estivesse desgostado, mas ele apenas disse: — Sim, sim. Vai demorar um dia para chamá-la. Enquanto isso, suponho que você *me permita* convencer todos a acreditar em uma história sobre minha querida nova esposa fugindo no meio da noite? E o que dizer dessa incrível ruína? Você vai ter que me dar um mês de poder para consertar tudo, e eu não me *importo* com o quão ressecado você está.

As chamas rugiram tão alto que encheram a lareira e subiram na chaminé, a luz laranja saltando sobre o rosto do tsar, mas ele cruzou os braços e olhou de volta para elas, e depois de um momento uma mecha de fogo relutante se rompeu do fogo e estendeu-se para ele. Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, separando os lábios e, com um chicote repentino, a mecha mergulhou em sua garganta, um calor brilhante iluminando todo o seu corpo por dentro, de modo que, por um momento, vi formas estranhas acesas dentro dele e um traçado de linhas brilhando sob sua pele.

Ele ficou tenso e tremendo sob o fluxo de chamas, até que finalmente cortou o fogo e a última mecha desapareceu em sua garganta e a luz

desapareceu lentamente. Ele abriu os olhos, balançando em um êxtase impotente e bêbado, corado e bonito. — Ahh — ele suspirou.

O fogo estava morrendo daquela altura estrondosa. — *Encontre-a, encontre-a* — ele ainda estava lá, mas baixo, como brasas em ruínas. — *Eu tenho fome, tenho sede. . .* — depois desmoronou e desapareceu em silêncio, as chamas se apagando e deixando apenas brasas na lareira.

Mirnatius voltou-se para a sala, ainda sorrindo um pouco, com as pálpebras pesadas. Ele levantou o braço e preguiçosamente o varreu em um gesto amplo, e por toda parte lascas saltaram de volta para móveis quebrados e fios desgastados começaram a se tecer de volta em um pano inteiro, tudo dançando e gracioso sob sua mão. Ele estava sorrindo enquanto observava tudo, do jeito que sorria enquanto cutucava os pequenos esquilos mortos na terra.

Quando ele finalmente deixou a mão afundar languidamente ao seu lado, tão suavemente como se estivesse em um palco, pareceu que talvez a sala nunca tivesse sido tocada, exceto pela mão de um artista: as esculturas na cama ficaram mais complexas, e a colcha remendada tinha um padrão bordado em prata, verde e ouro que ecoava nas cortinas. Ele olhou em volta com satisfação e depois assentiu e saiu da sala novamente, cantando baixinho para si mesmo e esfregando os dedos da mão levemente um contra o outro, como se ainda sentisse o poder fluindo dentro deles.

A sala ficou vazia e silenciosa quando ele se foi. O fogo furioso havia morrido; não restava nada além de carvão comum, seu brilho quente irresistível, mesmo enquanto o terror pairava ao seu redor. Eu não queria voltar para lá—como eu poderia ter certeza de que o demônio ainda não estava à espreita nos carvões? Mas meus pés estavam dormentes em minhas botas, e apenas meu polegar, com o anel de prata, tinha algum sentimento. Eu tremia, mas não demoraria muito e não havia para onde ir. Eu tive que voltar para me aquecer por um momento, pelo menos.

Eu precisava, mas minha mão tremia quando me forcei a me ajoelhar e alcançar o copo liso do rio congelado. Minha mão mergulhou através da superfície tão facilmente quanto na água de um banho, e eu a vi entrando na sala do outro lado. Parei com apenas meus dedos ali, esperando, meus olhos no fogo; mas eu mal podia esperar por muito tempo. Minha mão estava quente, tão quente que fez o resto de mim sentir mil vezes mais frio, e quando nenhuma chama imediatamente saltou e veio em minha direção, respirei fundo e me inclinei para a água.

Eu tropecei para fora do espelho e caí no chão em um calor adorável e encantador. Eu pulei de uma vez com a mão no espelho, pronta para pular de volta, mas o fogo não estalou ou assobiou. O que quer que tenha sido, foi embora. Esgueirei-me para a lareira e, depois de outro momento cauteloso, tirei minhas peles geladas, minhas mãos desajeitadas e tremendo, para deixar o calor voltar para mim. Mas não tirei minhas jóias, minha prata, mesmo com os piores arrepios que me atingiram, impelidos pelo medo e não apenas pelo frio. Eu sabia que ele não me desejava nada de bom, mas não imaginava *isso;* eu não temia que Baba Yaga planejasse me colocar no forno para me comer e colher meus ossos do mundo. E eu só tinha um lugar frio para me esconder.

Quando finalmente meu corpo se acalmou e depois ficou quente demais com meu vestido fino, pressionei minhas mãos ainda frias nas bochechas e me forcei a ficar firme, a pensar. Levantei-me e me virei para a sala e o horror de sua perfeição arrumada: outra mentira, Mirnatius e seu demônio estavam dizendo ao mundo, encobrindo a verdade de móveis arruinados e as cortinas rasgadas e queimadas sob esse verniz de beleza. Ele pegou a chave, mas eu coloquei uma cadeira embaixo da maçaneta da porta, para que eu tivesse pelo menos um momento de aviso se alguém tentasse entrar. Então voltei para o espelho.

Tirei a coroa e coloquei-a cuidadosamente no chão. Eu ainda podia ver o lugar onde acabei de ficar, a margem fria do rio agora com uma pequena corrente de neve amassada onde eu estava, já sendo suavizada com mais neve à deriva. Quando toquei no vidro, senti como se estivesse empurrando cortinas pesadas, mas quando me inclinei com força, finalmente minhas mãos mergulharam, mesmo com apenas colar e anel. Então o anel e o colar juntos foram suficientes. Então tirei o colar e tentei mais uma vez. Mas desta vez, minhas mãos pararam no vidro, embora eu ainda visse a neve e senti o frio penetrar no mundo em volta dos meus dedos. A superfície do espelho tinha uma espécie de suavidade, em vez de uma impenetrabilidade suave, mas não me deixava passar. Eu tentei todos eles, e nenhum deles me deixaria passar sozinho; eu precisava de dois juntos para atravessar. E eu podia manter um anel na minha mão a cada hora do dia e usá-lo na cama também, e ninguém imaginaria, mas colares e coroas seriam estranhos o suficiente para chamar a atenção. E se Mirnatius adivinhasse como eu tinha escapado dele, ele garantiria que eu não tivesse outra chance.

Fui e olhei de volta no espelho, na margem do rio nevado. Eu me aqueci novamente. Eu podia vestir todas as minhas saias, meus três vestidos novos um sobre o outro, todas as minhas meias e os grossos de lã sobre as botas. Eu poderia passar pelo espelho e partir novamente. Se eu andasse ao longo do rio, talvez encontrasse algum abrigo. Havia um punhado de bugigangas na minha caixa de jóias, mais presentes de casamento; Eu poderia colocá-los nos bolsos e tentar comprar ajuda ou um lugar para ficar, se alguém morasse naquele bosque. Eu não sabia como a mágica funcionaria, mas estava pronta para correr o risco de morrer congelada na neve para ficar longe daquela coisa no fogo.

Mas de manhã o tsar mandaria chamar Magreta. Ela viria sem hesitar. Ela ficaria tão feliz por todo o caminho até aqui; seu coração esperançoso pensaria que eu havia convencido meu marido a me deixar em sua companhia, e que ele não deve ser muito mau, afinal, e certamente já se apaixonara por mim e estava pronto para ser gentil. E então ele a daria ao seu demônio para torturar-lhe o conhecimento que ela não tinha, para descobrir para onde eu tinha ido.

*

O trenó do Staryk nos levou voando rapidamente pela estrada prateada. Corria entre duas fileiras de altas árvores brancas, sua casca acinzentada desbotando-se em galhos mais claros cobertos com folhas da cor de leite, com veias translúcidas. Pequenas flores de seis pontas, como enormes flocos de neve caíam sobre nossos ombros e no colo enquanto os cascos dos cervos iam adiante, a superfície da estrada lisa como uma lagoa congelada. Eu não via nada além do inverno por toda parte. Tentei quebrar o silêncio algumas vezes, perguntar para onde estávamos indo e quanto tempo duraria a viagem, mas eu poderia muito bem ter tentado conversar com o cervo. O Staryk nem sequer olhou para mim.

Mas, finalmente, uma montanha ficou visível no final da estrada: perdida na neblina e difícil de ver a princípio por causa da distância, pensei, mas não ficou mais fácil, mesmo quando se aproximou e ficou maior. A luz passou por ela e cintilou nas bordas, mas apenas por um momento, e então encontrou uma nova parte da montanha para brilhar, como se toda ela fosse feita de vidro cortado em vez de pedra e terra. A estrada reta se tornou uma rampa, avistei um alto portão prateado.

A viagem se tornou estranhamente lenta quando a vimos. Os cascos relampejaram tão rapidamente e as árvores deslizaram como um passado constante, mas a montanha não chegou mais perto, apenas parada ali cortando a mesma parte do céu. Não parecia que estávamos nos aproximando. Ao meu lado, o Staryk estava quieto, sempre olhando para a frente. Então o motorista virou a cabeça um pouco: ele não olhou exatamente em volta, mas fez um pequeno gesto nessa direção, e os lábios do Staryk se apertaram minuciosamente. Ele não fez outro sinal e não disse nada, mas a montanha de repente começou a se mover em nossa direção novamente, como se apenas sua vontade a tivesse impedido.

Nós emergimos da floresta, e o dossel de árvores brancas terminou. A estrada Staryk caía com um rio correndo na direção oposta, vindo da montanha e coberto por uma fina camada de gelo rangente, grandes blocos delineados em águas escuras, gradualmente deslizando rio abaixo. Quando nos aproximamos, vi que uma cachoeira estreita da montanha alimentava o rio, um longo véu fino caindo ao lado da montanha de vidro que terminava em uma poça de névoa antes de o rio surgir. Não entendi de onde vinha a cachoeira: não havia neve repousando naquelas estranhas encostas cristalinas para derreter e alimentá-la, nenhuma terra da qual pudesse ter sido drenada. Mas nós passamos perto o suficiente para eu sentir um borrifo na minha bochecha antes da estrada subir, e os portões de prata se abriram para nós quando chegamos.

O trenó mergulhou dentro da montanha sem diminuir a velocidade, movendo-se como um piscar de uma luz para outra, um estranho brilho que parecia preso nas paredes, com linhas retorcidas de prata através delas, e aqui e ali um flash de cristal brilhante em cores vivas. Bocas mais escuras de túneis ramificados se separavam em torno de nós, mas nossa estrada continuava subindo e curvando-se, ganhando luz até que finalmente emergiu em um vasto prado branco como gelo. A princípio, pensei que tínhamos atravessado a montanha inteira e voltado para fora, mas não tínhamos: estávamos *dentro* de um grande espaço oco perto do pico, com facetas de cristal brilhantes no alto. O cinza pálido e sem fim do céu aqui foi quebrado em um brilho de jóias, linhas finas e deslumbrantes do arco-íris esboçadas sobre ele, e no centro do prado sob o teto de diamante, um bosque de árvores brancas cresceu.

Mesmo doente de medo, raiva e meu próprio desamparo, a maravilha impossível do lugar me pegou. Eu olhei para o cofre da montanha com

meus olhos ardendo pelo brilho do inverno, e quase consegui me convencer de que estava sonhando. Eu não conseguia me colocar na imagem disso. Eu poderia mais facilmente me colocar de volta na minha cama estreita na casa do meu avô, talvez até doente de febre. O trenó diminuiu a velocidade e parou, quando o motorista parou o cervo do lado de fora das árvores, e uma multidão de rostos de Staryk se virou para me olhar por baixo dos galhos.

Depois de um único momento, meu Staryk se levantou e saiu do trenó rigidamente. Ele ficou de costas para mim, rígido e imóvel, até que eu lenta e cautelosamente saí atrás dele. O chão triturou um pouco embaixo dos meus pés quando eu pisei nele, cheio de grama cinza prateada, cheia de padrões brancos de gelo. Parecia muito real. Ele ainda não me deu uma palavra de explicação. Falou secamente para o motorista: — Leve-o para a despensa. — apontando a mão em direção ao baú de ouro ainda sentado na parte de trás do trenó. O motorista assentiu, virou a cabeça do cervo e foi embora, atravessando a campina e contornando o bosque, até que desapareceu de vista. Então o senhor Staryk se virou e partiu instantaneamente para o bosque de árvores, e tive que me apressar para acompanhar seus longos passos.

As árvores brancas do bosque eram plantadas em anéis ampliados e, dentro desses anéis, os outros Staryk haviam se organizado por posição, ou pelo menos por esplendor. Os que estavam nos anéis externos, os mais apinhados, usavam roupas cinza e toques de prata; algumas jóias em cores profundas apareceram nos próximos anéis. À medida que os círculos diminuíam, as jóias e as roupas ficavam cada vez mais claras, e as dos círculos menores brilhavam com jóias de rosa pálido, amarelo e branco nublado, com as roupas todas em branco e cinza claro.

Mas somente quando atravessamos o círculo mais estreito eu consegui ver até pequenos brilhos de ouro e, mesmo assim, apenas uma ponta de ouro sobre um fecho de capa ou um anel de prata, como se fosse quase tão raro aqui quanto a prata Staryk no meu mundo próprio. Entre todos, apenas meu Staryk usava roupas todas em branco e jóias claras, e havia uma sólida faixa de ouro ao redor da base de sua coroa de prata. Ele me levou por todos eles sem parar até um monte elevado no centro do bosque. Um grande aglomerado irregular de vergas congeladas de gelo ou cristais transparentes estava lá, brilhando, e a pequena e estreita ondulação de um riacho congelado serpenteava ao redor da base e gotejava como uma linha prateada entre as árvores.

Ao lado do aglomerado, um criado ficou tão quieto que poderia ter sido esculpido em gelo, com os olhos abatidos. Ele estava segurando uma almofada branca, e sobre ela uma coroa alta feita toda de prata, estranhamente familiar aos meus olhos: Isaac poderia ter usado isso como um padrão. O Staryk fez uma pausa quando ele chegou, olhando para a coisa delicada e fantasiosa, e quando ele acabou encarando a multidão de seu povo, seu próprio rosto também ficou mortalmente parado. Ele não olhou para mim e sua voz estava fria. — Vejam minha senhora, sua rainha — disse ele.

Eu olhei para aquele mar cintilante, aqueles rostos congelados olhando para mim sem expressão, mas ainda conseguia ver a desaprovação: eles também não podiam me colocar nessa foto e não queriam. *Havia* alguns sorrisos nos círculos mais próximos, cruéis e familiares: eram os mesmos sorrisos que cresci vendo a vida toda, os que as pessoas usavam quando me contaram a história da filha do moleiro, os sorrisos quando eu bati nas portas deles pela primeira vez. Só que desta vez eles nem estavam sorrindo para *mim:* : eu era pequena demais para isso. Estavam sorrindo para *ele,* um pouco incrédulos, nobres, satisfeitos por ver seu próprio rei ser abatido e se casar com uma garota mortal.

Ele pegou a coroa da almofada de uma só vez: movendo-se rapidamente para acabar com isso e terminar sua humilhação. Eu quase não queria estar lá, sendo ridicularizada por todos, mas sabia o que meu avô teria me dito: aqueles rostos iriam sorrir para sempre se eu deixasse. Eu não sabia como poderia fazê-los parar. Os cavaleiros altos, com maçãs do rosto brancas e barbas de gelo, usavam espadas de prata e punhais nas laterais, arcos brancos pendurados nos ombros, arcos que costumavam caçar homens mortais por prazer, e eu tinha visto o rei deles roubar a alma viva de um homem com o toque da mão dele. Qualquer um deles certamente poderia ter me derrubado.

Mas quando o rei se virou para mim, com a coroa nas mãos e o rosto frio de descontentamento, estendi a mão com ousadia e a segurei antes que ele pudesse simplesmente enfiá-la na minha cabeça. Ele olhou para mim por cima, assustado pelo menos em algum tipo de expressão, e eu olhei com determinação de volta para ele. A raiva antiga estava crescendo em mim, mas aqui eu não senti frio com ela; senti calor o suficiente para o vapor subir das minhas bochechas, brilhar através das palmas das mãos. Onde minhas mãos tocaram a coroa, ela começou a esquentar, e ao meu redor os

sorrisos afiados da lâmina começaram a derreter quando as linhas finas de ouro rastejavam de debaixo dos meus dedos e foram correndo pela prata, alargando-se, curvando-se sobre cada torção frágil de rendas, todos as ligações separadas.

O rei Staryk ficou imóvel, com a boca em linha reta enquanto observava a prata mudar, até que entre nossas mãos toda a coroa brilhou dourada como o nascer do sol, estranha e viva sob aquele céu nublado. Toda a multidão suspirou quando terminou, um suave sussurro. Ele a segurou no lugar por mais um momento, mas logo a colocou em minha cabeça.

Era muito mais pesada que a coroa de prata; senti seu peso no pescoço e nos ombros, tentando me dobrar. E lembrei, tardiamente, que esse era o próprio poder que ele vinha buscando de mim, o porque ele me queria o tempo todo, e agora eu mostrei a eles tudo o que realmente tinha. Certamente não havia chance de ele me deixar ir agora. Mas eu mantive minha cabeça erguida e virei para encarar todos eles. Não havia sorrisos entre eles agora, e a desaprovação agora era cautelosa. Eu os olhei em seus rostos frios e decidi que não iria me arrepender mais uma vez.

Não trocamos nenhum voto e não houve festa e, certamente, nenhum parabéns. Alguns rostos de vidro lapidado olharam de soslaio para mim, mas na maioria todos se viraram e deslizaram para longe do bosque ao nosso redor, deixando-nos sozinhos no monte. Até o criado se curvou e desapareceu, e quando eles se foram, o rei Staryk ficou ali um momento antes de *se* virar abruptamente e se afastar também, pelo espelho polido e vidrado do pequeno riacho congelado.

Eu o segui. O que mais eu deveria fazer? Quando nos aproximamos da parede de vidro brilhante daquele espaço abobadado, vi outros Staryk entrando em aberturas, portas e bocas de túneis, como se vivessem dentro das paredes de cristal como casas ao redor de um prado. A corrente de gelo aumentava constantemente enquanto caminhávamos ao seu lado; perto do final do bosque abobadado, onde chegamos à parede brilhante, a superfície congelada ficou mais fina, para que eu pudesse ver a água se movendo profundamente abaixo dela, e onde alcançou a parede, ela rachou na superfície para mostrar água em movimento embaixo antes de mergulhar em uma boca escura do túnel e desaparecer.

Ao lado da boca do túnel, uma longa escada começava, cortada na encosta da montanha. O rei Staryk me levou pelas escadas, uma subida tonta e dolorida que nos levou ao alto das copas das árvores brancas.

Quando olhei para baixo por acidente—fiz o possível para evitá-lo, com medo de cair; não havia corrimão nas escadas—eu podia ver os anéis com mais clareza, e o resto do prado se espalhava branco ao redor deles. Eu mantive minha mão na parede da montanha ao meu lado e coloquei meus pés com cuidado. Ele estava muito à minha frente quando finalmente cheguei ao topo, mas a escada me levou a uma única câmara grande, e ele estava esperando lá com os punhos cerrados ao lado do corpo, de costas para mim.

Era imensamente longo e com toda a espessura da parede da montanha: terminava em uma fina parede de vidro do outro lado perfeitamente clara, que dava para a montanha. Fui devagar e olhei para longe, para baixo da encosta. Abaixo de mim agora, a cachoeira estava drenando diretamente de uma grande fenda na encosta da montanha, com bordas esfumaçadas como um vidro rachado no fogo. Ela caiu em uma nuvem enevoada que era tudo que eu podia ver de cima, o rio meio congelado emergindo para fugir para a floresta escura, as árvores verde-abeto polvilhadas de branco. Não via a estrada das árvores brancas em lugar algum. Tínhamos dirigido apenas algumas horas, mas não havia sinal de Vysnia à distância, nem sinal de nenhuma vila mortal. Apenas a floresta de inverno sem fim se estendendo em todas as direções.

Eu não gostei de ver, aquela enorme extensão escura coberta com seus guardanapos brancos de neve; eu não gostava de ver onde Vysnia deveria estar e não estava, e a estrada mortal que volta para minha própria aldeia. Eles sentiram minha falta em casa? Ou eu simplesmente tinha escapado de suas mentes, do jeito que o Staryk saiu da minha sempre que eu não estava olhando para ele? Será que minha mãe esqueceria por que eu ainda não tinha chegado em casa, ou *me* esqueceria, esqueceria que ela já teve uma filha, que ganhou muito dinheiro e se gabou disso e foi roubada por um rei?

Nas paredes da câmara estavam penduradas tapeçarias de seda que brilhavam prateadas, e não havia lareira reconfortante, mas a intervalos regulares grandes estandes de cristais elevavam-se acima da minha cabeça, capturando luz e refletindo dentro de si. Não havia nenhum banquete abaixo, mas havia uma pequena mesa de pedra branca posta esperando por nós, e um par de taças já vazias, prateadas e esculpidas, uma com um veado e outra com uma corça. Eu peguei aquela, mas antes que eu pudesse beber, o rei Staryk se virou e pegou a taça da minha mão e a jogou contra a parede em um barulho barulhento, tão forte que o metal amassou onde rolou. O

vinho se derramou em uma poça larga no chão, e onde os restos escorriam, havia um estranho resíduo branco espumante, de algo colocado no copo.

Eu olhei para ela — Você ia me *envenar*!

— Claro que eu ia envenenar você! — ele disse ferozmente — Já é ruim o suficiente ter que me *casar* com você, mas me submeter a… — Ele lançou um olhar de ódio pelo quarto, onde percebi que as cortinas de filme escondiam uma espécie de caramanchão, um lugar para dormir.

— Você não teve que se casar comigo em primeiro lugar! — eu disse, no momento quase mais perplexa do que com medo, mas ele fez outro gesto irritado de desprezo, como se eu estivesse apenas raspando um lugar já cru. Então, a honra ditava que ele tinha que se casar comigo, porque ele prometeu que iria, mas isso não o impedia de me matar logo depois? Afinal, ele não me fez nenhum tipo de voto; ele apenas disse que eu era sua rainha e colocou uma coroa na minha cabeça, nenhuma promessa feita para me cuidar ou proteger.

E então ele me trouxe aqui para me matar. Lentamente, fui e peguei a taça do chão. Chamei de volta a sensação da coroa mudando sob minhas mãos, o brilho quente, e onde apertei minha mão ao redor do caule, o ouro foi derramado através da prata. Eu me virei para ele com a taça já completamente mudada em minhas mãos, e ele olhou para ela, sombrio como se eu tivesse lhe mostrado sua destruição em vez de uma xícara de ouro. Ele disse severamente: — Não preciso de mais um lembrete. Você terá seus direitos sobre mim — e ele estendeu a mão e jogou a capa de pele branca sobre a cadeira. Depois, desabotoou os punhos e a garganta da camisa; claramente ele pretendia se despir de uma vez e—

Eu quase disse que ele não precisava, mas percebi, alarmada, que não adiantaria: ele já se casou comigo e iria me ter porque *devia*, por mais que eu tentasse recusar, e embora ele tivesse prazer em me alimentar com veneno, ele não me *enganaria*. Nosso casamento me deu direito aos prazeres do leito do casamento, então eu os estava recebendo, querendo ou não. Era como se eu desejasse uma fada ruim para um cliente que sempre pagava suas dívidas exatamente na hora certa.

— Mas por que você quer tanto ouro? — eu perguntei desesperadamente. — Você tem prata, jóias e uma montanha de diamantes. Realmente vale a pena para você? — ele me ignorou tão completamente quanto no trenó: eu era apenas algo a ser suportado. Ele tinha o que parecia cinquenta botões de prata para desatar, mas os últimos deslizaram rapidamente entre os dedos.

Ao vê-los partir, soltei uma tentativa frenética final: — O que você vai me dar em troca?

Ele se virou instantaneamente em minha direção, a camisa pendurada quase aberta sobre o peito nu, a pele revelada como um branco pálido como o piso de mármore no palácio do duque. — Uma caixa de jóias do meu tesouro.

O alívio quase me fez concordar instantaneamente, mas me obriguei a respirar profundamente três vezes, como fazia quando alguém me fazia uma oferta no mercado que eu queria muito aceitar. O Staryk estava me olhando com olhos estreitos, e ele não era estúpido; embora ele não quisesse dormir comigo, ele sabia que eu também não o queria. Ele me faria uma oferta baixa, que não lhe custaria nada e ver se eu aceitaria rapidamente.

Claro, eu ainda queria aceitar, agora não conseguia *parar* de ver a cama atrás daquelas cortinas e tinha certeza de que ele seria cruel; por acidente e pressa, mesmo que não deliberadamente. Mas pensei no que meu avô teria me dito: melhor não fazer barganha com alguém ruim e ser pensado sempre como uma marca fácil. Fortalecei-me contra a agitação no estômago e disse: — Eu posso fazer ouro com prata. Você não pode me pagar em *tesouro*.

Ele franziu a testa, mas não houve uma explosão. — O que você quer então? E pense com cuidado antes de pedir demais — ele acrescentou, um aviso frio.

Eu cuidadosamente soltei o ar que estava segurando. É claro que agora eu tinha uma nova dificuldade: não queria me aproveitar, mas agora também não queria pedir muito, e como eu poderia saber o que ele iria ou não considerar? Além disso, eu sabia que ele não me deixaria ir, e agora eu sabia que ele também não me mataria, e não havia muito mais que eu pudesse pensar no que queria dele. Exceto respostas, eu percebi. Então, eu disse: — Todas as noites, em troca dos meus direitos, farei cinco perguntas e você responderá a elas, por mais tolas que possam parecer para você.

— *Uma* pergunta — ele disse — e você nunca pode perguntar meu nome.

— *Três* — falei, me senti corajosa: ele não reagiu com indignação, pelo menos. Ele cruzou os braços estreitando os olhos, mas não disse não. — Bem? Você precisa agitar as mãos para fazer uma pechincha aqui?

— Não — ele disse instantaneamente. — Pergunte mais duas vezes.

Apertei meus lábios com irritação e depois disse: — Então, como você faz uma barganha aqui? — porque eu pude ver que isso seria importante.

Ele olhou para mim estreitamente. — Uma oferta feita e firmada.

Claro, eu ainda não queria brigar por causa disso, mas eu poderia dizer que ele estava me testando novamente e, com três perguntas por noite, eu sempre receberia qualquer coisa dele em pequenos dribles monótonos como esses. — Isso realmente não responde à pergunta, e se suas respostas são inúteis para mim, amanhã eu não perguntarei — eu disse enfaticamente.

Ele fez uma careta, mas alterou sua resposta. — Você estabelece seus termos e negociamos, até que eu não procure fazer você alterá-los ainda mais. Foi, portanto, sob esses termos que você fez suas perguntas, e eu respondi em troca; quando você perguntar uma terceira vez e eu o responder, a barganha estará completa e não lhe devo mais nada. O que mais é necessário? *Não* precisamos das falsas armadilhas de seus papéis e gestos, e não há garantias para aqueles que não são dignos de confiança.

Então, ele fechou a barganha, respondendo à minha primeira pergunta como parte dela—o que *me* pareceu uma trapaça. Mas não estava disposta a discutir sobre isso. Isso significava que eu só tinha uma pergunta até amanhã e mil respostas que eu queria em troca. Mas eu perguntei o mais importante primeiro: — O que você levaria para me deixar ir?

Ele deu uma risada selvagem — O que eu ainda não dei para ter você? Minha mão, minha coroa, minha dignidade, e você me pede que ainda lhe imponha um preço mais alto? Não. Você deve se contentar com o que já recebeu de mim em troca do seu presente, e menina mortal, estou avisando — acrescentou ele, com um assobio frio, os olhos estreitando-se em sombras azuis como uma fenda profunda em um rio congelado, um aviso — é apenas esse presente que a mantém em seu lugar. *Lembre se disso*.

Com isso, ele pegou sua capa e a jogou sobre os ombros, e saiu do quarto batendo a porta atrás de si.

# CAPÍTULO 11

Eu gosto de cabras porque sei o que elas irão fazer. Se eu deixar o portão aberto, ou se houver um pino solto, elas saem e fogem, comendo as colheitas, e se eu não tomar cuidado com as pernas delas, elas me chutam quando eu as ordenho, e se eu as acertar com um galho, elas correm, mas se eu bater com muita força, elas *sempre* correrão quando me virem, a menos que estejam com muita fome e eu tenha comida. Eu posso entender as cabras.

Tentei entender papai, porque pensei que se o fizesse, ele me bateria menos, mas eu nunca consegui, e por um longo tempo não entendi Wanda, porque ela estava sempre me dizendo para ir embora, mas ela me fazia comida junto com todo mundo e às vezes me dava roupas. Sergey era gentil comigo a maior parte do tempo, mas às vezes ele não era, e eu também não sabia o porquê disso. Uma vez pensei que talvez fosse porque eu havia matado nossa mãe nascendo, mas perguntei a Sergey e ele me disse que eu tinha três anos quando nossa mãe morreu e foi um bebê diferente que a matou.

Naquele dia, fui à árvore e vi o túmulo dela e o túmulo do bebê, e disse que lamentava que ela estivesse morta. Ela me disse que também sentia muito, e para ficar longe de problemas e ouvir Wanda e Sergey, assim o fiz, o máximo que pude.

Mas agora Wanda e Sergey se foram e papai estava morto, e éramos apenas eu e as cabras e a longa caminhada para a cidade diante de nós. Eu só tinha ido à cidade uma vez antes, no dia em que o Staryk pegou Sergey, e eu quase não fui. Quando o encontrei, primeiro pensei que ninguém iria me ajudar, mas depois pensei que talvez estivesse errado sobre isso da mesma

maneira que estava errado sobre outras coisas e, portanto, deveria pelo menos tentar. Então me perguntei a quem eu deveria perguntar, papai ou Wanda. Papai estava muito mais perto, ele estava no campo trabalhando, e Wanda estava longe na cidade e não voltaria para casa por horas e horas, e todo esse tempo Sergey ficava deitado na floresta. Mas ainda não tinha certeza, então corri e perguntei à mamãe, e ela me disse para ir a Wanda, e foi o que fiz. E essa foi a única vez que estive na cidade.

Eu não podia ir tão rápido agora liderando as cabras, mas eu realmente não queria ir rápido de qualquer maneira. Eu sabia que Wanda gostava de Panova Mandelstam, e ela às vezes nos dava ovos, mas ela era outra pessoa que eu não conhecia e que não entenderia, e eu não sabia o que faria se ela me dissesse para ir embora. Não achei que pudesse voltar e pedir mais ajuda à mamãe na árvore; caso contrário, ela não teria me dado a noz, porque a noz era para ser levada embora. Então, eu tinha medo de chegar à cidade, caso Panova Mandelstam não me deixasse ficar, e então eu estaria na cidade com quatro cabras e só eu, e eu não saberia o que fazer.

Mas Wanda estava certa, porque quando eu finalmente cheguei na casa, Panova Mandelstam saiu imediatamente e disse: — Stepon, por que você está aqui? — Como se ela soubesse quem eu era, mesmo que eu só tivesse ido à casa uma vez e nunca tivesse falado com ela, apenas Wanda. Eu me perguntei se talvez ela fosse uma bruxa. — Sergey está doente? Ele não pode vir hoje à noite? Mas por que você tem as cabras?

Ela estava dizendo tantas coisas e fazendo tantas perguntas que eu não sabia qual responder primeiro. — Você vai me deixar ficar? — eu disse desesperadamente, porque não pude deixar de querer saber disso primeiro. Eu pensei que ela poderia me fazer todas as suas perguntas depois. — E as cabras?

Ela parou de falar e olhou para mim e depois disse: — Sim. Coloque-as no quintal, entre e tome um chá.

Fiz o que Panova Mandelstam me disse e, quando entrei, ela me deu uma xícara de chá quente muito melhor do que qualquer chá que já tomamos em casa, e ela me deu um pouco de pão com manteiga e, quando eu comi tudo, ela me deu outro pedaço e quando comi tudo isso ela me deu outro com *mel.* Meu estômago estava tão cheio que eu podia senti-lo com a mão.

Panov Mandelstam entrou enquanto eu estava comendo. No começo, fiquei um pouco preocupado, porque naquela época achava que tudo estava bem porque Panova Mandelstam era uma mãe. Eu realmente não entendia o

que as mães eram, porque a minha estava em uma árvore, mas eu sabia que elas eram coisas muito boas e você ficaria muito zangado e triste se as perdesse, porque Wanda estava e Sergey também, e de qualquer maneira, sempre que papai entrava em nossa casa, eu sempre quis fugir, como as cabras. Mas não foi como quando o papai entrava em casa, quando Panov Mandelstam entrou: não fazia barulho. Ele apenas olhou para mim e depois foi até Panova Mandelstam e disse-lhe baixinho, como se não quisesse que eu ouvisse: — Wanda veio com ele?

Ela balançou a cabeça. — Ele trouxe as cabras. O que é, Josef? Houve problemas?

Ele balançou a cabeça e aproximou a cabeça dela, para que eu não pudesse ouvir as palavras que ele estava sussurrando, mas eu não precisava, porque é claro que eu sabia qual era o problema, eram Wanda e Sergey indo embora, porque papai estava morto em nossa casa. Panova Mandelstam pegou seu avental e cobriu a boca enquanto ele lhe dizia, e então ela disse ferozmente: — Não acredito! Nem por um minuto. Não a nossa Wanda! Aquele Kajus sempre foi tão bom quanto um ladrão, sempre foi. Está causando problemas para aquela pobre garota… — Panov Mandelstam a estava silenciando-a, mas ela se virou e me disse: — Stepon, eles estão dizendo coisas terríveis sobre Wanda e seu irmão Sergey na cidade. Eles dizem que... eles mataram seu pai.

— Eles o fizeram — eu disse, e os dois me encararam. Eles se entreolharam e, em seguida, Panov Mandelstam sentou-se ao meu lado à mesa e me perguntou em voz baixa, o modo como eu conversava com uma cabra quando estava assustada: — Stepon, você nos contará o que aconteceu?

Fiquei preocupado quando pensei em contar a ele tudo isso, todas as palavras que seriam necessárias, porque eu não era bom em falar. — Vai demorar muito tempo para eu dizer — eu disse. Mas ele apenas assentiu, então eu fiz o meu melhor, e eles não disseram nada para me interromper, mesmo que eu tenha demorado muito tempo. Panova Mandelstam também se sentou depois de um tempo, com as mãos ainda sobre a boca.

Quando terminei, eles ainda não disseram nada por um tempo e, em seguida, Panov Mandelstam disse: — Obrigado por nos contar tudo, Stepon. Estou muito feliz que Wanda mandou você pra cá. Você terá uma casa conosco pelo tempo que quiser.

— E se eu quiser ficar para sempre? — eu disse, para ter certeza.

— Então você terá um lar conosco sempre que tivermos um — disse ele. Panova Mandelstam estava chorando ao meu lado, mas ela enxugou os olhos e depois se levantou e me deu mais pão e chá.

*

Era uma maneira estranha de passar minha primeira noite como tsarina. Fiz uma cama com minhas peles brancas em frente ao espelho e dormi ali em cima delas, para poder agarrá-las em meus braços e pular através do vidro em instantes. Eu dormi mal, levantando a cabeça de vez em quando para ouvir. Mas ninguém veio à noite. Eu finalmente acordei com o céu empalidecendo e os sinos da manhã tocando, e depois de um momento, levantei-me e peguei a cadeira debaixo da maçaneta da porta, e então bati na porta até que os guardas bocejando do lado de fora a abrissem—dois homens diferentes do que os guardas que me trouxeram para cima na noite anterior. Eu me perguntava o que teria acontecido com aqueles homens. Nada bom, imaginei, se Mirnatius realmente pensasse que eu os havia subornado.

— Devo ir às orações da manhã — disse aos novos guardas, com tanta certeza quanto pude colocar nas palavras: *devo* ir; — Você vai me mostrar o caminho? Eu não conheço a casa.

Com um demônio querendo me devorar, eu estava me sentindo inclinada a ser devota, e não havia ninguém para dizer aos guardas que eu estava menos em casa, para que eles não pensassem em nada. Eles me levaram para a pequena igreja, e eu me ajoelhei lá com a cabeça inclinada, deixando meus lábios se moverem através das orações. Não havia muitas pessoas, apenas o padre e algumas mulheres mais velhas da casa que olhavam para mim com aprovação, o que poderia ser útil. O frio fora de estação soprou através das paredes de madeira. Mas não me importei, um eco pálido do frio daquele reino de inverno do outro lado do espelho, meu refúgio. Isso me ajudou a sentir frio, a pensar.

Havia uma estátua de Santa Sofia em um nicho ao meu lado, presa em correntes com os olhos voltados para o céu. Um tsar pagão a amarrou naquelas correntes e cortou sua cabeça por pregar, mas ela venceu a guerra, se não a batalha, e agora as correntes eram mantidas com as relíquias sagradas na catedral de Koron e trazidas à tona quando eles coroavam os tsares e em outras ocasiões especiais. Eles foram usados quando a falecida

tsarina, mãe de Mirnatius, foi pega tentando matar seu irmão mais velho com feitiçaria; e mesmo que ela tivesse um demônio familiar, eles a prenderam por tempo suficiente para queimá-la na fogueira.

Então, Mirnatius tinha boas razões para não exibir seus poderes na frente de uma multidão. Ele simplesmente não pulou em mim no meio da sala de jantar ou no trenó, e ele não queria o inconveniente de convencer a todos que eu fugiria. Tentei me animar com isso, mas era pouco para me animar. Eu poderia tentar traçar fronteiras em torno de seu poder, mas elas eram terrivelmente amplas: ele era meu marido, e ele era o tsar, e ele era um feiticeiro com um demônio de fogo, um demônio que me *queria*. E o único poder que eu tinha era fugir para um mundo de gelo e morrer de uma maneira um pouco menos horrível.

Mas eu não podia ficar na igreja para sempre. A missa terminou. Eu tive que me levantar e ir com as velhas senhoras de volta para casa, e quando chegamos ao salão para o café da manhã, Mirnatius estava lá, dizendo à esposa do duque: — Alguém viu minha amada esposa esta manhã? — Como se ele não tivesse ideia do que poderia ter acontecido comigo, e havia um olhar duro em seus olhos, onde eles se fixavam nela, como se ele quisesse empurrar algo em sua cabeça.

As mulheres estavam à minha volta, e havia criados servindo o café da manhã, e o próprio Duke Azuolas entrando; eu me consolava com a presença deles e disse claramente, do outro lado da sala: — Eu estava orando, meu senhor.

Mirnatius quase pulou de sua pele e girou para me encarar como se eu fosse um fantasma ou um demônio. — Onde você foi na noite passada? — ele deixou escapar, mesmo na frente de nossas testemunhas.

Mas o que ele não fez foi convocar seu demônio, ou pular em cima de mim e me arrastar para longe gritando, e soltei um suspiro de alívio silenciosamente entre meus lábios e abaixei os olhos timidamente: — Dormi muito bem depois que você foi embora, milorde — falei — Espero que você tenha feito também.

Ele estava me olhando de cima a baixo e depois para os guardas de ambos os lados, que agora estavam sorrindo um pouco para ele em forma de congratulações, obviamente sem suspeitar; todos ao nosso redor esconderam seus sorrisos ao meu entusiasmo de recém-casada. Quando os olhos do meu marido voltaram para o meu rosto, ele já estava cauteloso. Os destroços que ele fizera do meu quarto incluíam meu enxoval de noiva e

todos os meus vestidos, e sua magia tinha reparado todos eles também. Eu pude perceber pelo seu olhar quando ele reconheceu o trabalho de sua própria imaginação nos elaborados padrões de detalhes do meu vestido de renda. Ele claramente não tinha ideia do que fazer com isso.

Eu me fortaleci e atravessei a sala para pegar seu braço. — Estou com muita fome — acrescentei, como se não o notasse endurecendo um pouco para longe de mim. — Vamos entrar para quebrar o nosso jejum?

Eu não estava mentindo. Ele não me deixou fazer um jantar de casamento e o frio me deixou faminta. Na mesa, eu comi o suficiente para duas de mim, enquanto meu marido só pegava sua comida e ocasionalmente olhava para mim com os olhos estreitos, como se quisesse ter certeza de que eu estava realmente lá. — Percebo, minha querida, que na minha paixão eu estava um pouco apressado em trazê-la para longe da casa de seu pai — ele me disse finalmente. — Você deve se sentir sozinha sem ninguém da sua casa com você.

Não olhei para ele, mas disse em tom límpido: — Amado marido, não posso querer companhia agora que tenho você ao meu lado, mas confesso que sinto falta da minha querida velha enfermeira, que esteve comigo desde que minha mãe morreu.

Ele abriu a boca para me dizer que estava enviando para ela e depois fez uma pausa. — Bem — ele disse, ainda mais cauteloso. — quando nos instalarmos em Koron, vamos chamá-la aos poucos. — então eu ganhei uma segurança para Magreta, pelo menos, fazendo-o pensar que eu queria ela. Agradeci-o sinceramente.

A neve pesada caíra durante a noite, mantendo-nos em casa outro dia, e eu aproveitava todas as chances para escapar da companhia de meu marido pelo resto do dia: meu antigo catequista ficaria chocado com a diferença que o casamento fez em meus hábitos religiosos. A esposa do duque pareceu um pouco surpresa quando eu pedi para fazer as orações novamente após o café da manhã, mas confiei a ela que minha mãe havia morrido no parto, e eu estava pedindo a intercessão da Santa Madre por mim, e então ela aprovou meu sólido entendimento do meu dever.

Ninguém gostou, é claro, de que o tsar ainda não tinha nenhum sinal de herdeiro, especialmente quando ele era tão delicado. Na mesa do meu pai, seus convidados balançariam a cabeça e diriam que ele deveria ter se casado há muito tempo. Nós não poderíamos permitir uma luta pela sucessão. Se pudéssemos, já haveria um, sete anos atrás, quando o tsar

velho e o filho mais velho morreram e deixaram apenas um garoto de 13 anos como herdeiro, tão suspeito quanto uma flor, e todos os grandes arquiduques e príncipes olhando um para o outro como leões sobre sua cabeça.

Alguns deles chegaram a Vysnia ao longo dos anos, cortejando o apoio de meu pai, e eu fiquei em silêncio na mesa de meu pai com os olhos no prato, ouvindo suas respostas. Eles nunca falavam diretamente, e ele nunca respondeu, mas ele lhes entregava uma travessa cheia de bolos recém-assados feitos com a pequena geléia azeda que veio de Svetia e dizia à toa: — Vemos muitos comerciantes da Svetia nos mercados aqui. Eles sempre reclamam das tarifas — com o que ele quis dizer que o rei de Svetia tinha uma grande frota e um olho faminto em nosso porto do norte. Ou ele dizia: — Ouvi dizer que o terceiro filho de Khan demitiu Riodna no mês passado, no leste. — com o que ele quis dizer que o Grande Khan tinha sete filhos ansiosos por saques, todos eles guerreiros comprovados com grandes bandos de assaltantes em seu comando.

Ainda no ano passado, nós próprios tínhamos feito uma visita ao Príncipe Ulrich. À noite, depois de Vassilia e os seus amigos sussurrantes terem saído da mesa, dando-me olhares satisfeitos porque eu não ameaçava ser bonita, eu ficava sentada ao lado do meu pai. Ulrich, cuja filha ainda não era casada com o tsar, embora deveria ter sido, falou do preço crescente do sal, que o tornou rico, e de como os seus jovens cavaleiros estavam a se dar bem na sua equitação. Na última noite da nossa visita, o meu pai estendeu o braço sobre a mesa para tirar algumas avelãs da tigela, e comentou distraidamente: — Staryk do monastério um dia de cavalgada para Vysnia este inverno — enquanto as rachava e apanhava as nozes e deixava as cascas ocas espalhadas no seu prato.

Todos aqueles senhores tinham compreendido seu significado: que mesmo a vitória, que dificilmente viria rapidamente, deixariam-nos presas fáceis para os animais maiores fora das nossas fronteiras, ou para o inimigo dentro delas. Até agora, todos eles tinham levado a peito esse conselho. Apenas o Arquiduque Dmitir talvez pudesse ter tomado o trono sem provocar uma luta mais ampla: ele tinha sido o governante das Marchas Orientais e de cinco cidades, com uma multidão de cavaleiros tártaros ao seu serviço. Mas até ele se tinha estabelecido cautelosamente para se tornar regente, até Mirnatius ter idade suficiente para casar com a sua filha.

Naturalmente, assim que um herdeiro tivesse sido produzido, o delicado tsar teria sofrido uma doença lamentável, e Dmitir teria continuado a ser regente com o seu neto no trono. Mas, em vez disso, três dias antes do casamento, ele tinha morrido inesperadamente de uma febre bolhosa—uma dose saudável de magia negra, eu presumia agora, e as mortes do velho tsar e seu filho pareciam também notavelmente convenientes—e depois do funeral, Mirnatius tinha anunciado que estava demasiado dominado pela dor para que o seu amado regente pudesse contemplar o casamento em breve. A princesa tinha desaparecido num convento e nunca mais se ouviu falar dela, e as cinco cidades tinham sido dadas a cinco primos diferentes.

Desde então, Mirnatius tinha estado a governar por direito próprio, e ainda ninguém tinha assumido o risco de o derrubar. Mas mesmo assim os grandes lordes vinham à mesa do meu pai, ou enviavam-lhe os seus convites, e mais frequentemente de tarde. Tinham passado quatro anos desde o casamento fracassado, e Mirnatius não tinha casado com Vassilia nem com ninguém, e as fofocas diziam que a sua cama estava fria. Tinha ouvido uma vez um barão indiscreto de Koron queixar-se, tarde e bêbado, de que não haveria bastardos, mesmo, da forma como as coisas estavam acontecendo. É claro que os senhores não sabiam que o tsar tinha um demônio para ser consultado no processo. Mas sabiam que se Mirnatius não fosse produzir um herdeiro, a luta pela sucessão iria acontecer mais cedo ou mais tarde. E havia muitos deles dispostos a que fosse mais cedo.

O meu pai tinha mais do que uma razão para querer ver o tsar casado: caso contrário, em breve teria de tomar uma decisão sobre onde lançar a sua sorte, com todo o risco que isso implicaria. Ele também não foi o único senhor que viu uma guerra no horizonte com muito poucas hipóteses de ganho. O próprio Duque Azuolas estava na mesma posição: não tinha força suficiente para lutar pelo trono, e era demasiado forte para se permitir que a luta fosse suspensa. Portanto, ninguém na sua casa se opôs quando eu rezei vezes sem conta, e todas as mulheres ficaram contentes por me ajudarem quando depois lhes perguntei qual era a melhor comida para encorajar a fertilidade. No final do dia, tinha um grande cesto cheio das coisas que todos me tinham encorajado a tirar das cozinhas. — Você precisa ser mais gorda, dushenka — disse a mãe do duque, dando-me palmadinhas na bochecha: só as suas opções encheram metade do cesto.

Esperou ao lado do espelho enquanto eu colocava a minha prataria para o jantar. Tinha uma multidão de senhoras atrás de mim, e quando pus a minha

coroa, tirei-a de novo e queixei-me a elas de que tinha uma dor de cabeça, e que talvez, em vez de descer, eu ficasse em silêncio no meu quarto, para descansar melhor quando o meu marido se juntasse a mim. Eles acenaram com a cabeça e foram embora, e rapidamente puxei os meus três vestidos de lã e as minhas peles e voltei a colocar a coroa na minha cabeça. Depois peguei o meu cesto e entrei no espelho.

Ao mesmo tempo: Mirnatius tinha disparado lá para cima assim que lhe disseram que eu não ia descer. Ele tinha a intenção de não me tirar os olhos do jantar até ter me arrastado para o quarto com as suas próprias mãos, imagino. Mas eu escorreguei com o meu cesto tal como a sua chave se agitava na fechadura, e eu estava sentada à beira da água com a minha refeição de ostras e pão camponês marrom e cerejas quando ele arrombou a porta e me encontrou fora de novo.

Olhou à volta do cômodo vazio e levantou os braços em frustração. Desta vez ele não entrou num uivo, embora tenha andado por aí a empurrar cobertores e cortinas e a olhar por baixo da cama durante alguns minutos; depois foi e ficou no meio do quarto a olhar pela janela para o pôr-do-sol com a mandíbula e os punhos cerrados. O último raio de sol laranja escorregou do seu rosto e, de repente, as suas feições transformaram-se em fúria selvagem e distorcida, raiva frustrada, e eu pensei que ele poderia voltar a esmagar os aposentos.

Mas ele arfou com uma voz estrangulada: — Vai me dar o poder de consertar tudo de novo? — Ele fechou bem os olhos e estremeceu por todo o lado, depois, abruptamente, o fogo estalou até ao crepitar de raiva, e Mirnatius afundou-se de joelhos e caiu para a frente sobre as suas mãos no chão. Ele se agarrou tremendo ali, ofegante, com a cabeça pendurada, e então ele, de bruços, se empurrou de volta para os calcanhares e disse para o fogo: — É por *isso* que você a queria? Ela é uma bruxa?

O fogo sibilou: — *Não! Ela é como as do inverno, fria e doce; como um poço, ela corre tão fundo. Eu vou beber muito tempo antes de chegar ao fim dela... Eu a quero! Encontre-a!*

— O que espera que eu faça? — exigiu Mirnatius — Como é que ela desaparece se não é uma bruxa? Os homens à porta *não* foram subornados, nem ontem à noite, nem agora. Não há outra forma de sair por aqui... ou entrar de novo.

O fogo resmungou para si próprio. — *Não sei, não consigo ver* — assobiou. *A velhota, conseguiu-a para mim?*

— Não — disse o tsar após um momento, cautelosamente. — Irina queria que eu a chamasse. E se foi ela que lhe ensinou todos estes truques espertos?

— *Faça-o!* — disse o fogo. — *Traga-a! E se Irina ainda estiver fugida, eu vou beber a velha no seu lugar. . . mas oh, eu não a quero! Ela é velha, é frágil, ela irá tão depressa! Eu quero* Irina!"

Mirnatius mal-humorado: — E depois vai me deixar para explicar como minha esposa e sua velha enfermeira morreram misteriosamente de um dia para o outro? Vai perceber a lógica? Não posso fazer com que todos se esqueçam!

Em seguida, ele se estremeceu, aterrorizado, enquanto o fogo rugia da lareira. Um rosto tomou uma forma horrível, com a boca oca e as órbitas dos olhos, e inchou por toda a sala e se empurrou para ele: — *Eu a quero!* — gritou-lhe na cara, e depois tornou-se um sólido taco de chamas que o açoitava violentamente de um lado para o outro como um gato grande e monstruoso a bater à volta de um rato antes de se retirar e se afundar novamente nos troncos em chamas, deixando o tsar atirado ao chão com a sua roupa a fumegar e queimado onde o fogo o tinha tocado.

O fogo desceu lentamente, assobiando e murmurando. Mirnatius ficou ali amontoado e, ainda assim, com um braço sobre a cabeça, enrolado protetoramente à sua volta. Quando, finalmente, o fogo caiu em brasas silenciosas e tediosas, e ele se moveu, foi lentamente, como o vento, como se alguém tivesse sido muito espancado. Mas ele ainda era perfeitamente lindo: as ruínas da sua roupa desfizeram-se da sua pele em cinzas e restos de trapos enquanto ele se levantava, e não havia uma única marca sobre ele. O demônio gostava de preservar as aparências a toda a volta, suponho eu. Ele balançava com fraqueza, no entanto, e depois de um momento olhando para a porta, ele rastejou para a cama—a *minha* cama—e caiu quase de repente no sono.

Na margem do rio, fechei bem as mãos uma junto da outra. O meu corpo não estava tão frio como na noite anterior, graças às minhas camadas de vestidos e ao cesto de comida. Receava que tudo congelasse quase ao mesmo tempo, mas, em vez disso, a cada mordida vinha-me uma recordação como um toque suave na mente da mulher que me dava todos os seus conselhos e encorajamentos sussurrados, e cada gosto me aqueceu até ao fim. Mas não conseguia tocar no gelo de medo na minha barriga. Amanhã Mirnatius *mandaria* chamar a Magreta, independentemente das

coisas inteligentes que eu dissesse à mesa do café da manhã, e eu ainda não tinha como salvá-la, nem a mim mesma.

*

Durante muito tempo, depois de o rei Staryk me deixar, andei no meu novo aposento com raiva e com medo. A taça dourada amassada ficou sobre a mesa, zombando de mim com a lembrança que ele me tinha dado desnecessariamente. Isto era o que a minha vida seria a partir de agora: presa entre estas pessoas de coração gelado, enchendo de ouro as suas arcas do tesouro do rei. E se eu alguma vez o recusasse—haveria outro cálice de veneno para mim em breve, certamente.

Dormi desconfortavelmente atrás das cortinas finas de seda que sussurravam misteriosamente quando se entreolhavam, e de manhã percebi que afinal não tinha feito a pergunta mais importante: não sabia como sair do meu quarto. As paredes não tinham qualquer sinal de qualquer porta. Tinha a certeza que tinha entrado em frente à parede de vidro e que ele tinha saído da mesma maneira, mas passei as mãos por cima de cada pedaço da superfície e não consegui encontrar vestígios de qualquer abertura. Não tinha maneira de conseguir nada para comer ou beber, e ninguém apareceu.

O único conforto frio que eu tinha era que ele cobiçava ouro o suficiente para casar comigo, por isso ele não iria deixar eu morrer de fome; e eu tinha estipulado que ele respondesse às minhas perguntas todas as noites, mas ele ainda poderia me deixar desconfortável por muito tempo. E quando seria de noite? Eu andava pela sala em rajadas até me cansar, e depois fui e sentei-me junto à parede de vidro e olhei fixamente para a floresta sem fim, esperando, mas passavam horas, ou pensava que passavam, e a luz lá fora nunca mudava. Apenas um pouco de neve ainda estava à deriva; o cobertor colocado sobre os pinheiros tinha ficado mais espesso da noite para o dia.

Fiquei cada vez com mais fome e sede, até que bebi a bebida no seu cálice abandonado, o que me deixou tonta e gelada e furiosa quando ele finalmente apareceu, por uma porta que não tinha estado lá um momento antes—e eu tinha a certeza de que não estava no mesmo lugar em que tínhamos entrado ontem. Havia dois criados seguindo-o, carregando uma arca substancial, que se agitava enquanto a pousavam aos meus pés. Mas eu coloquei o meu pé na tampa quando eles a teriam aberto e dobrado os meus braços. — Se você tiver a sorte de pegar um ganso que põe ovos de ouro —

eu mordi, olhando para o rei. — e você gostaria que eles fossem entregues com regularidade, é melhor ver que a tendência é satisfatória, *se* você tiver algum senso: *você tem*?

Os servos, ambos hesitaram em alarmar, e ele endureceu até à altura de uma mordaça, brilhando por todo o lado com a sua própria raiva: os gelos saíram-lhe dos ombros como punhais cintilantes, e as suas maçãs do rosto ficaram com a face afiada como pedra cortada. Mas eu endureci as costas com raiva e mantive o queixo erguido, e ele passou bruscamente por mim até à parede de vidro. Ele ficou ali a olhar para a floresta com as mãos cerradas de lado, como se estivesse a dominar o seu temperamento, e depois virou-se e disse calmamente: — Sim—se as suas exigências forem *razoáveis*.

— Neste momento, o que eu exijo é um *jantar* — passei-me. — Ao seu lado, servida como você é servido, como se eu fosse uma rainha preciosa com quem você estava muito contente por casar. Por mais difícil que seja esticar a sua imaginação tão longe.

Ele ainda brilhava, mas atirava a mão com força para os criados; eles curvaram-se e saíram rapidamente da sala, e logo entrou uma multidão deles; em breve tinham posto um banquete sobre a mesa que eu tinha de me esforçar para não achar impressionante: pratos de prata e vidros transparentes, um pano de linho com neve espalhado, duas dúzias de pratos oferecidos, todos frios, a maior parte deles nada que eu pudesse reconhecer, mas, para meu alívio, ainda podia comê-los. Peixe rosa picante, fatias de uma fruta branca pálida com pele amarelo-esverdeada, uma geleia clara prendendo pequenos quadrados de algo duro e salgado, uma tigela de algo que parecia neve mas que cheirava a rosas e tinha um sabor doce. Pensei ter reconhecido o prato de ervilhas verdes, mas eram minúsculas e congeladas, quase sólidas. Havia também carne de veado, crua mas cortada em fatias tão finas que se podia comer de qualquer maneira, servida em blocos de sal.

Quando terminamos, os criados limparam os pratos, e depois ele escolheu duas das mulheres e informou que elas iriam ser minhas acompanhantes. Ambas pareciam descontentes com a perspectiva, e eu não fiquei muito mais feliz. Ele também não me disse os nomes *delas*, e eu mal conseguia distingui-las de qualquer uma das outras; uma tinha o cabelo muito mais comprido, com uma única trança muito fina com pequenas contas de cristal à esquerda, e a outra tinha uma pequena marca de beleza branca debaixo do olho direito; essa era toda a diferença que eu conseguia

ver. Os seus cabelos eram brancos e cinzentos, e usavam a mesma roupa cinzenta que todos os outros criados reais.

Mas com botões prateados descendo pela frente, subi até eles e toquei os botões com o dedo, um após o outro, e os transformei em ouro brilhante. Todos os servos se atreveram a olhar para eles, enquanto eu o fazia. Quando terminei e disse, friamente: — Para que todos saibam que vocês são *meus* servos. — elas pareceram mais resignadas com o seu destino, e o rei Staryk parecia descontente, o que *me* agradou. Suponho que isso foi mesquinho, mas não me importei. — Como te convoco, quando precisar de alguma coisa? — Eu as questionei, mas elas não disseram nada e ousaram olhar para o seu senhor—e eu percebi imediatamente, é claro, que ele lhes tinha dito para não responderem às minhas perguntas, para me obrigarem a usar a minha com *ele.* Mordi o lábio e depois perguntei-lhe friamente: — Bem?

Ele sorriu muito pouco, satisfeito: — Com isto — Inclinou a cabeça para a que tinha a marca da beleza, que me deu um pequeno sino para tocar. Depois dispensou-as; quando saíram da sala, disse-me friamente: — Você tem mais uma pergunta.

Eu tinha mil coisas para fazer, especialmente se ninguém mais me dissesse nada—onde é que eu ia tomar banho, como é que eu ia buscar roupa limpa—mas a impraticável e urgente inchou-me na garganta, aquela cuja resposta eu já sabia que não queria realmente. — Como é que eu volto para Vysnia? Ou para a minha casa?

— *Você?* Abrir caminho do meu reino para o mundo iluminado pelo sol? — O seu desdém deixou claro que ele pensava que eu tinha tantas chances de chegar lá como a lua. — Não tem, exceto se eu a levar lá. — E então ele se levantou e saiu da sala, e eu entrei no meu abrigo e puxei as cortinas fechadas contra o crepúsculo sem fim e enterrei o meu rosto nos meus braços com os dentes cerrados e algumas lágrimas quentes queimando atrás das minhas pálpebras.

Mas de manhã levantei-me e toquei o meu sino, determinada. As minhas novas criadas vieram de imediato e, em vez de lhes fazer perguntas, tentei simplesmente fazer exigências. Serviu razoavelmente bem: trouxeram-me um banho, enchendo uma enorme e graciosa banheira de prata mais comprida do que a minha altura. Tinha uma camada de gelo à volta da borda, e congelava por todo o lábio da banheira, mas quando, com cuidado, pus a mão nela, a água, de alguma forma, pareceu-me boa, logo eu, com um pouco de fôlego, subi, esperando a qualquer momento gritar, mas,

evidentemente, o que quer que o Staryk tivesse feito para me trazer para o seu reino tinha-me tornado capaz de suportar o frio do mesmo.

Trouxeram-me também comida e roupa fresca, toda vestida de branco e prata, que eu mudei categoricamente para dourado: Eu queria continuar como tinha começado, e me colocar na cara de todos o máximo que pude. Mas mesmo me servindo toda a manhã, nenhuma das mulheres me disse os seus nomes, e eu não queria desistir de fazer uma pergunta ao meu lorde por isso. Em vez disso, quando finalmente me sentei para almoçar, disse à que tinha a marca da beleza: — Vou te chamar de Flek, e a você de Tsop — disse para a de trança. — A menos que prefiram que eu use outra coisa.

Flek assustou-se e quase entornou a bebida que estava derramando no meu copo, me atirando um olhar de espanto, e trocando outro com a Tsop, que estava olhando para mim igualmente surpreendida. Tive um momento de alarme que as tinha ofendido, mas ambas coraram um delicado azul-cinzento no rosto. Flek disse: — Estamos honradas — baixando os olhos, e ela parecia estar sendo sincera. Eu não teria pensado que houvesse algo muito bonito nos nomes que lhes tinha dado—eu não tinha nem me esforçado, uma vez que só tinha tentado pescar os seus verdadeiros nomes.

Mesmo assim, eu me senti razoavelmente satisfeita, até que terminei de comer e meu dia se estendeu à minha frente, vazio agora, exceto por aquela arca de prata, esperando no meio do chão. Eu não tinha nada melhor para fazer; não tinha absolutamente nada para fazer. E ao menos o rei *sabia* das minhas exigências. Eu não gostava de dar a ele nada do que ele queria, muito menos o ouro que ele cobiçava com tanta ganância, mas também via claramente que este era o negócio que comprou minha vida, e se eu não quisesse fazer isso, mais valeria esmagar a parede de vidro e me jogar nas pedras da cachoeira abaixo.

— Derrube tudo no chão — eu disse com rancor a Tsop e Flek. Elas fizeram isso, sem grande esforço, e colocaram o baú vazio de volta na vertical, no final de uma torrente de prata. Então elas se curvaram, e me deixaram com ele.

Eu peguei uma das moedas de prata. No meu mundo elas pareciam desmarcadas, mas na estranha e brilhante luz que filtrava através das minhas paredes de cristal, uma imagem brilhava em traços pálidos: uma daquelas árvores esbeltas brancas de neve em uma face, e do outro lado, a montanha de vidro com os portões de prata em sua base, só que na imagem não havia cachoeira. Mas na minha mão, com apenas um leve esforço de

querer, o ouro deslizou sobre seu rosto, um brilho amarelo-manteiga brilhando contra meus dedos.

Isso me irritou novamente, ou eu tentei que me irritasse, o contraste entre aquele calor ensolarado apanhado como um prisioneiro na minha mão, e a interminável luz cinza fria lá fora. Eu a joguei na caixa, com força, e depois outro depois dele, e outro depois dele. Peguei um punhado de moedas de prata e me diverti deixando-as escorrer para o baú, cada uma tombando em ouro enquanto caíam. Não foi difícil, mas eu não me apressei. Ele só me fez trocar outra quando eu terminasse.

Quando eu tinha enchido talvez um quarto do baú, eu fui até a parede de vidro e sentei lá olhando para o meu novo reino. Ainda mais neve tinha começado a cair. A fina serpente de prata preta do rio, que se enrolava sob suas jangadas de gelo, era a única quebra na floresta em qualquer lugar, e logo a neve a escondeu. Nenhum sinal de fazendas, estradas ou qualquer outra coisa que eu entendesse, e o céu era o pesado nublado cinza que não deixava nenhum sinal de nuvens individuais. A montanha brilhante era uma ilha solitária de brilho, como se pegasse toda aquela luz refletida da dispersão da neve e gelo e a recolhesse com ciúmes para si mesma, para fazer seus lados improváveis. Nas paredes, milhares de graus de luz que se deslocavam suavemente, brilhavam e desbotavam, e quando pressionava meus dedos com força na superfície fria, por um momento eles se dividiam em cores ao redor do meu toque.

— De onde—aponte para o lugar que vem a comida. — eu disse para Flek, depois que ela me trouxe a refeição do meio-dia, uma simples travessa de fatias finas de peixe e frutas delicadas, colocadas uma sobre a outra em círculo. Ela hesitou com confusão no rosto, mas quando eu fui até a parede de vidro e acenei para o campo, ela ousou um rápido e ansioso olhar para a floresta e não veio para se juntar a mim; ela balançou a cabeça e depois apontou direto para baixo.

Eu franzi o cenho e olhei para a bandeja de comida: — Leve-me ao lugar de onde vêm os peixes, então. — Eu tinha uma ideia meio formada para escapar, de nadar rio abaixo pela encosta da montanha, e de qualquer forma eu queria estar fora do meu quarto. Eu era uma rainha, supostamente; eu deveria ter permissão para contornar meu domínio.

Flek parecia muito duvidosa, mas ela foi até a parede e a abriu para mim. Eu não vi nada do que ela fez; ela não tocou nenhuma alavanca, nem fez nenhum gesto, nem disse uma palavra mágica; ela apenas caminhou em

direção ao muro e se voltou para mim, e de repente ela estava esperando em um arco, como se ele sempre tivesse estado lá. Eu saí atrás dela para um corredor que poderia ter sido um túnel; as paredes eram lisas como vidro, e eu não vi nenhuma ruptura onde vidros tinham sido unidos. Ela se inclinava para baixo, e ela me levou muito hesitante, com muitos olhares para trás; passamos por câmaras enquanto andávamos, o que percebi foram cozinhas, embora não tivessem uma única chama: longas mesas com criados Staryk vestidos de cinza preparando pratos com o uso cuidadoso de facas, fora de caixas de frutas de cor pálida e peixes de pele prateada e lajes de carne vermelha purpúrea.

Fiquei meio contente de vê-los, porque eles fizeram um pouco mais de senso comum do lugar para mim: ao menos havia algumas pessoas aqui fazendo algo que eu podia entender. Mas sempre que um deles me olhava e me via, eles me olhavam com espanto aberto, e olhavam para Flek, que evitava o olhar. Eu suponho que uma rainha não estava destinada a vir vagando pelos aposentos dos criados, e eu estava fazendo um espetáculo estranho de mim mesma. Eu só mantinha o queixo erguido e marchava no seu rastro, e depois de outra curva, passamos pela última porta da cozinha e chegamos a um trecho inquebrável. Flek parou ali e me olhou de volta, como se ela esperasse que as cozinhas tivessem sido suficientes para me satisfazer; mas o túnel viajou em frente, e eu estava curiosa, então eu disse: — Continue — e ela se virou e continuou mais acentuadamente para baixo.

A luz nas paredes crescia cada vez mais fraca à medida que descíamos, até que eram apenas pequenos brilhos cintilantes que perseguiam uns aos outros, um brilho suave que subia e diminuía ligeiramente, como se tivéssemos descido abaixo da superfície da terra e apenas os reflexos de luz vindos de cima ainda pudessem nos alcançar. Caminhamos muito tempo; algumas vezes descemos escadas estreitas e curvas, até que Flek saiu abruptamente do túnel e através de um outro arco, entrou numa sala de cavernas, com suas paredes de cristal recortadas, com um estreito passadiço ao redor de uma lagoa profunda de água escura.

A superfície era tão lisa e intacta como uma folha de vidro, mas redes em cabos longos descansavam cuidadosamente contra a parede, e depois de ficar de pé procurando por vários minutos eu peguei um vislumbre cintilante do lado prateado de alguns vastos peixes cegos movendo-se no escuro antes de desaparecer novamente lá embaixo. Eu ajoelhei e toquei a superfície. Mesmo que agora eu pudesse colocar minha mão em gelatina e

pensar que era água do banho, a água estava dolorosamente fria na ponta do meu dedo. Eu vi ondulações se espalharem para longe do meu toque em círculos largos: elas eram a única agitação até que atingiram a extremidade distante e voltaram para mim novamente, quebrando umas às outras até que desvaneceram de volta em perfeita quietude.

Eu me perguntava mais quantas águas assim haviam nas profundezas, e quantos pomares crescendo dentro das paredes de cristal; quão longe tudo isso foi, esse mundo impossível contido dentro da montanha, uma fortaleza de luz joiada. Flek ficou silenciosamente ao meu lado, esperando. Ela tinha feito como eu havia ordenado, mas não me deixou melhor. Não havia escapatória aqui para mim, exceto outra morte, por afogamento, e ela não respondia a nenhuma das minhas perguntas. Eu me levantei. — Tudo bem — eu disse. — Leve-me de volta para o meu quarto. Por outro caminho — acrescentei. — Eu queria ver mais, se pudesse.

Ela hesitou, parecendo ansiosa novamente, mas virou para o outro lado depois que saímos da lagoa, e me levou para baixo, como se tivesse que ir mais longe antes que pudesse encontrar outro caminho. A luz ficou ainda mais fraca, e passamos por arcos que olhavam para dentro de mais daquelas lagoas escuras. Ainda mais para baixo, onde só o brilho mais forte se mostrava, passamos por outra câmara da lagoa; mas quando olhei para dentro, não havia nenhuma pitada de luz na água. Passei pelo arco para olhar para baixo: havia apenas um poço vazio de cristal grosso descendo e com uma grande fenda ao longo do fundo como se uma lagoa uma vez aqui tivesse escorrido para algum lugar. Quando olhei para trás, Flek estava de pé junto à porta, olhando para a piscina vazia com os braços rígidos ao lado e o rosto branco.

Passamos mais algumas câmaras secas antes de chegarmos a uma junção entre as passagens, e Flek virou-se com avidez em um túnel que se inclinava para cima, como se ela estivesse feliz por estar voltando para cima. Eu logo me arrependi de tê-la feito me levar tão para baixo: Quase não tinha noção do tempo a passar, mas minhas pernas notaram a subida, e eu estava cansada muito antes da luz começar a brilhar nas paredes novamente. E ainda tínhamos um longo caminho a percorrer. Flek me levou por um caminho que passava por uma câmara tão grande que eu não conseguia ver os lados na penumbra, cheio de uma ponta à outra com um campo de cogumelos violeta-pálidos estranhos, suas cabeças balançando em caules altos como estranhas flores silvestres. Passamos por dois criados

Staryk com cestas de ajuntamento, em roupas um único tom de cinza mais escuro do que as outras que eu tinha visto. Eles não me olharam com surpresa; eles apenas ousaram olhar para Flek antes de olhar para baixo novamente. Ela olhou para eles, igualmente rápido, e então manteve o rosto dela olhando direto ao longo do caminho até sairmos da câmara.

De lá entramos em uma escada em espiral alta, estreita e giratória, em torno de um eixo de cristal. A luz ficou mais brilhante, então eu senti nosso movimento para cima, mas nada mais mudou, e parecia que poderia continuar para sempre: — Nos tire desta escada se você puder — eu disse, quando eu não aguentava mais. Flek só olhou para mim e baixou a cabeça e continuou subindo, mas a próxima curva nos levou a um patamar.

Eu não sabia se tinha estado lá à nossa frente esperando ou não, e não me importava; só estava grata por deixar os limites daquela escada. Mas saímos para um vinhedo que primeiro pensei ser apenas outro tipo de estranheza, e então entendi que estava morto: estreitas treliças de madeira de cinza pálido visíveis sob os paus secos das videiras cinzentas escuras que haviam secado até as raízes, de pé em solo rachado, ressecado, com pequenos pedaços duros e escuros de frutas que haviam secado nos galhos, espalhados entre as poucas folhas cinzentas escuras de papiro que restaram agarradas. Flek apressou-se pelo bosque morto, e eu fiquei feliz em me apressar com ela; senti como se estivesse caminhando por um cemitério.

Havia mais três escadas para subir, nenhuma delas tão confinada, e então finalmente estávamos em uma passagem mais brilhante que se inclinava mais suavemente para cima, até que estávamos virando inesperadamente através de um arco e de volta ao meu quarto. Eu não tinha sentido que estávamos em algum lugar perto dele.

Eu estava feliz em parar de andar. Eu me sentia tão cansada como se tivesse caminhado até as aldeias mais distantes ao redor da minha casa e voltado, quilômetros e quilômetros, só que aqui eu tinha subido e descido, tudo dentro da profunda solidez da montanha deles. Mas eu não podia estar feliz em voltar para o meu quarto. Não era nada além de uma cela de prisão, e toda esta montanha era o calabouço ao redor dela. Flek me trouxe o copo d'água que eu exigi, e então se curvou e me deixou com uma pressa visível, certamente feliz em fugir antes que eu pudesse ordenar que ela me levasse para qualquer outro lugar tolo e desconfortável, porque eu não sabia para onde estava indo, e não podia perguntar, e nem podia ser *avisada* quando eu estava exigindo ir direto por lugares que eles próprios evitavam.

Um momento depois que ela se foi, não havia mais como sair da sala. Mas não havia mais para onde ir de qualquer maneira. Sentei-me ao lado do baú, peguei alguns punhados de prata e os lancei como ouro, rancorosamente. Eu não trabalhei devagar de propósito, apenas com a velocidade da repetição monótona, e me vi raspando a última mão cheia de moedas de prata para cair dentro mesmo quando Tsop entrou, carregando uma bandeja com meu jantar. Pensei em insistir que o rei Staryk viesse comer comigo novamente, só para castigá-lo, mas *eu* não merecia aquele castigo, então sentei e comi minha refeição sozinha, e ele só fez sua aparição quando eu estava terminando.

Ele passou instantaneamente pela mesa até o baú e atirou a tampa. Ele não disse nada por muito tempo, só ficou lá olhando para baixo com o brilho do nascer do sol refletindo seus olhos brilhantes e famintos e limpando todas as linhas de suas bordas de gelo com luz dourada. Eu terminei e empurrei minha bandeja para trás e fui até ele. — Os criados se comportaram bem, e fizeram tudo o que eu ordenei — eu disse docemente a ele: Eu queria que ele soubesse que eu tinha me comportado perfeitamente bem, e que estava confortável, muito pouco graças a ele.

Mas ele nem sequer desviou o olhar do baú, e apenas disse: — Como eles deveriam ter feito. Faça suas perguntas — totalmente desdenhoso, e eu fiquei imediatamente ciente de que só me tinha tornado mais conveniente para *ele.* Agora ele não precisaria nem pensar em mim uma vez por dia; eu me sentava aqui no meu quarto, trocando prata por ouro e torcendo os polegares, ficava fora de sua vista, e um pedágio diário de três perguntas dificilmente era oneroso.

Apertei meus lábios com força: — Quais são os deveres de uma rainha de Staryk? — Eu perguntei friamente, depois de um momento de reflexão. Claro que eu não queria ser *mais* útil a ele, mas o trabalho fez o seu lugar no mundo. Se eu tivesse improvavelmente me tornado esposa de um arquiduque, rodeada de criados, teria adivinhado o que havia para eu fazer —uma casa para administrar, e filhos quando eles viessem; e bordados finos e tecelagem e fazer a corte. Aqui eu não tinha idéia do que eu deveria fazer, e se eu não gostasse, ainda assim, eu queria negligenciar meus deveres deliberadamente, e não apenas porque eu era uma garota estúpida que não sabia o que eles eram.

— Eles dependem dos dons dela, dos quais você só tem um — disse ele. — Ocupa-te com isso.

— Eu poderia ficar tão entediada sem nenhuma variedade que pararia de fazer isso — eu disse. — Você pode muito bem me dizer quais são os outros, e deixar que eu decida quais vou tentar.

— Você vai fazer cem anos de inverno em um dia de verão, ou acordar novas árvores de neve da terra? — ele disse, e estava zombando. — Você levantará sua mão e consertará o rosto ferido da montanha? Quando você tiver feito essas coisas, então você será verdadeiramente uma rainha Staryk. Até lá, cesse a loucura de se imaginar diferente de você mesma.

Havia um zumbido profundo em sua voz enquanto ele falava, quase um canto, e eu tinha a desagradável sensação de que ele estava zombando de mim com a verdade e não com bobagens. Como se uma rainha Staryk *pudesse* levar na cabeça para fazer inverno em meio ao verão, e fazer aquela montanha rachada inteira de novo com uma onda da mão. E aqui eu me sentei no lugar de uma grande feiticeira ou de uma bruxa de gelo, uma garota morta e seca sem nada para fazer a não ser fazer um vasto rio de ouro para ele se vangloriar.

Eu tinha certeza que ele queria que eu me sentisse pequena, com sua zombaria, e eu não queria que ele tivesse sucesso. Então, quando ele terminou de zombar, eu disse friamente: — Como ainda não aprendi a fazer a neve cair para me agradar, vou me contentar em ser o que sou. E minha próxima pergunta é, como saber quando o sol se pôs, no mundo mortal?

Ele franziu o cenho para mim. — Você não sabe. Que diferença isso pode fazer, quando você não está lá?

— Eu ainda preciso comemorar o Shabbat — eu disse. — Começa ao pôr-do-sol desta noite...

Ele encolheu os ombros impacientemente, interrompendo. — Isto não me diz respeito.

— Bem, se você não me ajudar a descobrir quando o Shabbat realmente *é,* terei que tratar todos os dias como Shabbat de agora em diante, já que tenho certeza de perder a noção dos dias, sem pôr-do-sol e sem nascer do sol para marcá-los — eu disse. — É proibido fazer trabalho no Shabbat, e tenho certeza que transformar prata em ouro conta como trabalho.

— Talvez você encontre uma razão em torno disso — disse ele, sedutoramente, e eu não precisei trabalhar duro para encontrar a ameaça em suas palavras. Claro que se eu retivesse meu dom, eu deixaria de ser valiosa para ele, e ele não me manteria por muito tempo.

Eu o olhei diretamente no rosto. — É um mandamento do meu povo, e se eu não o quebrei para cozinhar comida quando tinha fome, ou para acordar o fogo quando tinha frio, ou para aceitar dinheiro quando era pobre, você não precisa esperar que eu o quebre para *você*.

Claro que isso foi um absurdo, e eu *teria* feito isso se ele tivesse colocado uma faca na minha garganta. Meu povo não fez uma virtude especial de morrer por nossa religião—nós a achamos desnecessária—e você deveria quebrar Shabbat para salvar uma vida, incluindo a sua própria. Mas ele não precisava saber disso. Ele me olhou com desconfiança, e então ele saiu da sala novamente e voltou alguns minutos depois com um espelho em uma corrente, um pequeno redondo em uma moldura prateada como um pingente. Segurando-o em sua mão, ele o encarou atentamente, e um clarão de luz quente do pôr-do-sol saiu dele, não muito diferente do ouro que brilhava da arca. Ele virou e balançou o espelho no ar em frente ao meu rosto, e foi como espreitar um buraco de fechadura em uma fatia do horizonte, luz laranja pintando o céu com azul frio escuro caindo sobre ele, a noite se aproximando. Mas quando eu estendi minha mão para pegá-lo, ele o puxou de volta e disse friamente: — Peça, então, se você quer tanto.

— Posso ter o espelho? — Eu disse através dos meus dentes. Ele segurou sobre minhas mãos e o deixou cair, então não havia chance de nos tocarmos, e instantaneamente ele virou e me deixou.

*

Sergey e eu não chegamos ao caminho de Vysnia. Começamos a caminhar por ali, pela floresta, mas depois de caminharmos talvez uma hora, começamos a ouvir vozes vindas da mata, e cães latindo. Não havia mais muitos cachorros na aldeia. A maioria das pessoas os tinha comido porque o inverno que estava passando era tão longo. Apenas os melhores cães de caça haviam sido mantidos. Agora eles estavam nos caçando. Nós paramos. Sergey disse depois de um momento: — Eu podia... ir até eles.

Se eles o tivessem, provavelmente parariam. Eles não continuariam me perseguindo sozinhos, a maioria deles de qualquer forma. Então pelo menos eu escaparia. Se continuássemos juntos, se tivéssemos que correr, eu me cansaria primeiro. Sergey era mais alto e mais forte que eu, e minhas saias não eram boas para correr na floresta. Mas eu pensava neles pendurando Sergey, colocando uma corda no pescoço dele e puxando-o para cima do

chão, pernas chutando no ar até ele estar morto. Eu os tinha visto enforcar um ladrão uma vez que eles levaram para o mercado. — Não — eu disse. Então nós voltamos juntos para a floresta.

Por um tempo ficou quieto novamente, mas depois os sons voltaram aos nossos ouvidos. Primeiro uma casca de árvore longe, depois outra. Eles se aproximaram. Nós nos apressamos, e ficou tudo quieto novamente, mas depois ficamos cansados, e fomos mais devagar, e ouvimos uma casca de novo, de um lado de nós, e do outro lado. Eles estavam subindo ao nosso redor como cabras de pastoreio para dentro de uma cerca. Ainda havia neve no chão que ainda não tinha derretido, e estávamos deixando pegadas. Não podíamos evitar.

Então de repente começou a ficar escuro. Ainda não era o sol se pondo. Era como se estivéssemos caminhando há muito tempo, mas isso era só porque estávamos cansados. Ao invés disso, havia uma grande nuvem cinza escura vindo sobre o céu. Uma rajada de vento veio em nossos rostos, cheirando a neve. Eu não me deixei pensar que a neve viria. Já era tarde demais para uma nevasca. Era quase junho. Mas vieram os flocos, primeiro alguns, e depois mais que alguns, e depois estávamos sozinhos numa clareira na floresta com uma cortina de branco ao nosso redor.

Não ouvimos mais latidos ou barulhos. A neve vinha rápida e grossa, e havia um intenso peso no ar que dizia que iria cair por um longo tempo. Todos teriam voltado para a aldeia o mais rápido que pudessem. Fomos o mais rápido que pudemos, apesar de não termos para onde ir, apenas para longe. A neve nova estava cobrindo a neve velha para que não pudéssemos ver os lugares gelados ou as cavidades de lama ou a neve solta. Meu joelho se machucou quando caí sobre uma pedra dura escondida, e uma vez Sergey tropeçou e foi para frente no frio e molhado e então havia neve agarrada à sua cabeça em tufos que cresciam enquanto continuávamos indo.

Eu estava acostumada a caminhar um longo caminho, mas já tínhamos chegado muito mais longe do que era da minha casa para a casa de Miryem, e isso era na estrada. Mas tínhamos que continuar caminhando. Nós não estávamos tentando caminhar em direção à estrada. Eu não sabia mais para que lado a estrada ficava. Nós poderíamos estar andando em círculos. O frio rastejou dos meus dedos até os braços e dos meus dedos dos pés até as pernas. Meus sapatos estavam molhados e algumas tiras estavam quebrando. Eu podia senti-lo de uma pequena distância, embora meus pés estivessem ficando dormentes. Sergey tinha que parar e esperar por mim às

vezes. Finalmente o meu sapato saiu do lugar e eu tropecei novamente e caí, e a panela saiu voando.

Levamos um longo tempo para encontrá-la. Deveríamos ter continuado, mas só pensamos nisso depois de termos cavado todos os bancos de neve ao nosso redor, e nossas mãos estavam quase congeladas e dormentes. Continuamos procurando até que finalmente eu encontrei um buraco indo até o fundo de um alto monte de neve e eu o desenterrei. Havia um pequeno amassado na lateral. Olhamos para ela e era apenas uma panela em que não tínhamos nada para cozinhar. E então nós dois sabíamos que deveríamos ter continuado, mas não o dissemos em voz alta. Sergey pegou a panela e nós nos levantamos para continuar.

Mas então eu olhei para o monte de neve. Parte da neve tinha saído de cima, e debaixo da neve havia uma parede, tão alta quanto a minha cintura, mas uma parede de verdade que alguém tinha construído de pedras. Não era muito longa. Do outro lado, a maior parte era clara, exceto por um grande monte de neve, duas vezes a altura de Sergey. Poderia ter sido apenas algumas árvores e arbustos cobertos de neve, mas quando subimos a parede e nos aproximamos, vimos que era realmente uma pequena cabana, feita de pedras no fundo e paus acima. Uma velha cortina morta de hera pairava sobre toda ela, sobre as paredes e janelas e sobre o buraco onde a porta havia estado. O gelo havia congelado sobre as folhas secas e a neve havia se amontoado sobre o gelo. As videiras se quebraram imediatamente e caíram quando as empurramos.

Entramos imediatamente, sem sequer esperar que nossos olhos pudessem ver. Não importava o que estava dentro; era melhor do que fora. Mas depois de alguns momentos pudemos ver que havia uma mesa, uma cadeira e uma cama feita de madeira, e um forno. As ripas tinham apodrecido da cadeira e da cama, e também do colchão, mas o forno ainda estava bom e sólido. Havia uma pilha de lenha velha sentada ao seu lado.

Eu escovei algumas ripas esfarrapadas debaixo da cama e um pouco de palha do colchão para me aconchegar, e então me sentei ao lado do forno e comecei a fazer uma fogueira com alguns bastões pequenos. Eu sabia como fazer bem porque às vezes ficávamos sem lenha e nosso fogo morria e tínhamos que começar de novo. Sergey pousou nosso caldeirão amassado e se aqueceu um pouco com estamparia. Então ele saiu de novo. Quando ele voltou, eu tinha conseguido acender um pouco o fogo. Ele tinha dois braços cheios de madeira molhada e um milagre: batatas. — Tem um jardim —

disse ele. As batatas eram pequenas, mas ele tinha cavado dez delas, e não havia ninguém para comê-las a não ser nós.

Eu alimentei o fogo com a lenha velha até ficar forte. Espalhamos a lenha molhada que Sergey havia trazido por cima do forno e em frente a ele para secar. Colocamos as batatas no forno e colocamos nossa panela cheia de neve para derreter e ficar quente. Sentamos junto ao forno nos aquecendo até a água ferver, e depois fizemos copos de água quente e os bebemos para esquentar por dentro. Depois cozinhamos mais água e eu cortei as batatas e as coloquei na água para cozinhar o resto do caminho. Assim, comíamos as batatas e bebíamos também a água da batata. Parecia que levava muito tempo para as batatas cozinharem, mas depois elas estavam prontas e nós as comemos, quentes e fumegantes, queimando nossas línguas e tão boas.

Não pensamos em nada durante todo esse tempo, e enquanto comíamos. Estávamos com tanto frio e com tanta fome. Eu estava acostumada a sentir frio e fome, mas não tão forte quanto isso. Era pior que o inverno, quando a comida acabou. Então eu não pensava em nada, a não ser em aquecer e conseguir algo para comer. Mas então nós terminamos de comer e estávamos quentes e quando eu derramei copos de água de batata para nós fora da panela, eu pensei sobre a panela caindo sobre papai com todo o kasha fervente nela, e eu tremi todo o meu corpo e não foi pelo frio.

Depois disso, eu estava pensando novamente. Eu não pensei em papai, eu pensei em nós. Eles não tinham nos pegado, não tinham enforcado Sergey e eu. Nós não tínhamos congelado até a morte na floresta. Ao invés disso, estávamos aqui, nesta casinha sozinhos na floresta, e estávamos aquecidos por uma fogueira e tínhamos encontrado batatas, e eu sabia que não estava certo.

Sergey sabia, também. — Ninguém mais vive aqui, não por muito tempo — disse-me ele. Ele disse muito alto, como se quisesse ter certeza de que alguém por perto o ouviria.

Eu queria acreditar nisso. Mas é claro que nenhuma pessoa de verdade jamais viveria aqui. A floresta pertencia ao Staryk. Não havia estrada que viesse para cá. Não havia fazenda ou campo. Apenas uma pequena casa vazia na floresta para uma pessoa morar sozinha. Ela tinha que pertencer a uma bruxa, e quem sabia se a bruxa estava morta ou não, e quando ela poderia voltar.

— Sim — foi o que eu disse, no entanto. — Quem vivia aqui agora se foi. Olhe para a cama e a cadeira. Elas estão apodrecendo há muito tempo.

De qualquer forma, vamos embora em breve. — Sergey acenou com a mesma avidez que eu tinha.

Nós ainda tínhamos medo de dormir naquela cabana de bruxas, mas não tínhamos para onde ir, então não adiantava pensar sobre isso. Nós protegemos o fogo e depois nos levantamos no topo do forno, onde estava quente. Eu pensei em dizer ao Sergey que um de nós deveria assistir, mas eu estava dormindo antes de poder formular as palavras com a minha língua.

# CAPÍTULO 12

Sozinha no meu quarto de vidro e gelo, com o sol se pondo no meu espelho, parti o pão que Flek tinha me deixado e bebi um gole de vinho. Eu não conseguia acender a vela; ela e Tsop só tinham me olhado intrigadas quando eu lhes disse para me trazerem uma. Eu cantava as orações, fina nos meus ouvidos sem meu pai e minha mãe cantando ao meu lado, ou meus avós. Pensei naquela última noite em Vysnia, a casa cheia de gente e todos tão felizes ao redor de Basia e Isaac. Ela estaria comemorando amanhã novamente com minha avó e sua mãe, minhas primas e suas amigas: o Shabbat antes de seu casamento. Minha garganta estava seca de lágrimas quando eu me deitei.

Eu não tinha nada para ler e ninguém com quem conversar. Eu mantive o Shabbat no dia seguinte, dizendo a mim mesma o Torá em voz alta, tanto quanto pude lembrar. Eu confesso que nunca estive muito apegada ao Torá. Meu pai adorava, profundamente; acho que em seu coração ele sonhava em ser um rabino, mas seus pais eram pobres, e ele não lia muito bem; ele tinha que lutar por palavras e letras, embora os números chegassem facilmente. Então eles o colocaram como aprendiz de um agiota, e o agiota conhecia Panov Moshel, e seu aprendiz conheceu a filha mais nova de Panov Moshel, e assim foi a história de meus pais.

De qualquer forma, meu pai tinha passado quase todos os Shabbat lendo para nós, as palavras finalmente ficaram suaves pela repetição. Mas eu tinha passado a maior parte do tempo pensando em qualquer trabalho que eu não podia fazer, ou tentando imaginar um pouco de fome, ou em tempos melhores, fazendo as perguntas mais difíceis que eu podia, como um jogo,

para fazer meu pai ter que trabalhar para respondê-las. Mas as memórias ficaram mais profundas do que eu imaginava, e quando fechei meus olhos e tentei ouvir sua voz, e murmurei junto com ela, descobri que podia mais ou menos tropeçar no meu caminho. Eu estava com Joseph na cela do faraó quando o sol se pôs novamente, e Shabbat tinha acabado, e meu marido voltou para mim.

Eu não abri imediatamente meus olhos, feliz por fazê-lo esperar, mas ele me surpreendeu por não dizer nada, então olhei para cima antes que eu quisesse e encontrei *satisfação* em seu rosto. A mudança da resignação amarga foi notável. Fez minha mandíbula se apertar. Eu me sentei de volta da mesa e perguntei: — Por que você está satisfeito?

— O rio ficou parado mais uma vez — disse ele, mas no início isso não significou nada para mim. Então eu me levantei e fui até a parede de vidro. A fenda na encosta da montanha tinha sido remendada grosseiramente com curvas salientes de gelo, e a fina cachoeira tinha congelado em seus trilhos. Mesmo o rio abaixo era uma estrada sólida e brilhante, não mais fluindo. Uma pesada neve havia caído, tanta que as árvores da floresta escura estavam todas cobertas por baixo dela.

Eu não sabia porque lhe agradava tanto, ter seu mundo congelado, mas havia algo terrível e sinistro naquele branco cintilante e sem características. Algo deliberado, em todo aquele verde e terra varrida do mundo, que me fez pensar em todos os nossos longos invernos duros, no centeio morto nos campos e nas árvores frutíferas murchando, e quando ele veio para ficar ao meu lado, olhei para a alegria quase extasiante em seu rosto e disse lentamente: — Quando neva em seu reino… também neva no *meu*?

— *Seu* reino? — disse ele, olhando para mim, com um leve desprezo por tal presunção. — Vocês mortais gostariam de fazê-lo assim, vocês que constroem suas fogueiras e seus muros para me fecharem e esquecerem o inverno assim que ele se for. Mas ainda assim é o *meu* reino.

— Bem — eu disse. — então é *meu,* agora também — e tive a satisfação de vê-lo franzir a testa em desagrado com o lembrete horrível de que ele tinha casado *comigo.* — Mas vou reformular a pergunta se você quiser: há neve no mundo iluminado pelo sol hoje, embora devesse ser primavera?

— Sim — disse ele. — A nova neve só vem aqui quando vem no mundo mortal; assim tenho me esforçado muito para trazê-la.

Eu olhava para ele, quase em branco no início para sentir o horror disso. Sabíamos que o Staryk veio no inverno, que as tempestades os tornavam

fortes, e eles varreram de seu reino congelado em ventos de nevasca; sabíamos que o inverno os tornava poderosos. Mas não me tinha ocorrido—a ninguém que eu conhecesse—que eles pudessem *fazer* o inverno. — Mas —todos em Lithvas morrerão de fome, se não congelarem primeiro! — eu disse. — Você vai matar todas as colheitas—

Ele nem sequer olhou para mim, era o quão pouco que ele se importava; ele já olhava novamente com aqueles olhos brilhantes, olhando com satisfação para o infinito cobertor branco de seu reino, onde eu só via fome e morte. E não havia nada além de triunfo em seu rosto, como se isso fosse exatamente o que ele queria. Minhas mãos fecharam se em punhos. — Acho que você está *orgulhoso* de si mesmo — eu disse através dos meus dentes.

— Sim — disse ele instantaneamente, voltando-se para mim, e eu percebi tarde demais que poderia ser levado a uma pergunta. — A montanha não sangrará mais enquanto o inverno se mantiver, e eu estou justificadamente orgulhoso; tenho me mantido verdadeiro, embora o custo tenha sido grande, e todas as minhas esperanças foram respondidas.

Tendo completado seu trabalho, ele se virou imediatamente e estava prestes a ir embora da sala, e então ele parou e olhou para mim de repente. — Mas eu fui tão longe — ele disse abruptamente. — Embora você não seja um poder deste mundo, nem do seu, você ainda é um recipiente da alta magia, e eu devo honrar isso como ele merece. De agora em diante você terá todo o conforto que desejar, e eu enviarei mais servos adequados, senhoras da alta estação, para servi-la.

Soou extraordinariamente desagradável: estar rodeada por um bando daquelas nobres sorridentes, que certamente me odiavam ou desprezavam tanto quanto ele. — Eu não as quero! — eu disse. — Os meus atuais servirão. Você pode dizer a elas que elas podem responder minhas perguntas, se você quiser ser gentil comigo.

— Eu *não* — disse ele, com uma leve mágoa de mau gosto, como se eu tivesse sugerido que ele poderia querer chutar um pequeno animal indefeso. Provavelmente ele teria feito *isso* com prazer. — Mas você fala como se eu as tivesse barrado. Foi *você* que escolheu desejar respostas de mim, quando poderia ter pedido quase qualquer outro presente em seu lugar. Que voz deveria dar agora para nada, quando você colocou um valor tão alto nelas? E como pode um servo baixo ousar te fixar um preço?

Eu poderia ter jogado minhas mãos em frustração quando ele saiu. Mas eu estava tão feliz por ele ter ido embora. Eu não gostava muito mais da sua satisfação e prazer do que da sua irritação e raiva fria. Sentei-me olhando pela janela para o pesado cobertor de neve que ele havia jogado sobre o mundo, mesmo enquanto o pequeno espelho ficava escuro com a noite. Eu não ligava muito para o bem do duque, e eu não ligava muito para o bem do povo da cidade. Mas eu sabia o que aconteceria com o *meu* povo, quando as colheitas falharem todas, e os homens com dívidas crescessem desesperados o suficiente.

Pensei só na minha mãe e no meu pai, escalando a neve até o beiral da casa deles, e o ódio mais frio pressionando tão de perto quanto eles. Será que eles iriam para Vysnia, para o meu avô? Será que eles estariam seguros lá? Eu tinha deixado para trás uma fortuna que afinal poderia comprá-los passagem para o sul, mas não conseguia me fazer acreditar, agora quando eu mais queria, que eles me esqueceriam tão longe. Eles não iriam embora sem mim. Mesmo que meu avô pudesse lhes dizer para onde eu tinha sido levada, eles nunca iriam; eu poderia enviar-lhes uma carta e enchê-la de mentiras: *Sou uma rainha e estou feliz, não pensem mais em mim,* mas eles não iriam acreditar. Ou se acreditassem, eu partiria o coração deles pior que morrer, minha mãe que chorou ao me ver recolher um manto de peles de uma mulher que cuspiu no chão a seus pés. Ela pensaria que eu tinha sido congelada, para escolher deixá-los e ser rainha de um Staryk assassino, um rei que congelaria o mundo só para fortalecer sua fortaleza na montanha.

Na manhã seguinte, quando Flek e Tsop limparam meus pratos do café da manhã, eu anunciei: — Eu quero sair dirigindo — Foi um tiro no escuro em algo que uma nobre Staryk poderia fazer, e mais uma pequena esperança de fuga. Um golpe de sorte desta vez; Flek acenou sem hesitação, pela primeira vez, e me levou para fora do meu quarto na longa e vertiginosa escada que voltava para aquele grande espaço oco abobadado no centro da montanha.

Foi muito mais alarmante descer do que subir: Senti-me muito mais consciente dos degraus frágeis que pareciam ser feitos de vidro, e de quão longe estava debaixo do chão. Vi mais claramente do que queria as delicadas árvores brancas em seus anéis perfeitos aninhados uns dentro dos outros, as do anel central mais altas e mais cheias de folhas, e as da borda externa mal as mudas, algumas delas sem folhas.

Mas finalmente chegamos ao chão, e então Flek me levou através do bosque ao longo do que encontrei um confuso labirinto de trilhas, todas elas lisas como um lago congelado com bordas de mosaico feitas de pedras claras. Eu não poderia ter contado uma virada da outra se eu tivesse tido o dia inteiro para trabalhar. Aqui passamos por outros Staryk de maior categoria, em cinza mais claro do que Flek usava, alguns até em marfim e quase brancos, com seus próprios servos de arrasto, e eles me encaravam abertamente; alguns deles com sorrisos curiosos para o meu cabelo escuro e pele escura e ouro brilhante: Eu coloquei minha coroa novamente, pois parecia valer a pena lembrar a todos que me viam que eu era a rainha deles.

Do outro lado, seguimos outro túnel até a parede da montanha, mas um largo, facilmente grande o suficiente para um trenó descer, que emergiu em outro prado interior onde uma manada de veados pastava em flores translúcidas, e o trenó se destacava simplesmente ao ar livre—não precisavam de galpões ou estábulos, suponho. O mesmo cocheiro que nos levou à montanha estava sentado ao lado dela segurando algumas correias de arreios—trabalhando neles talvez, embora eu não visse nenhuma ferramenta em suas mãos. Quando Flek lhe disse que eu queria conduzir para fora, ele se levantou silenciosamente e foi buscar um par de cervos e os atrelou rapidamente. Então ele abriu a porta do trenó para mim, assim sem mais nem menos.

O que foi o mesmo que dizer que não havia chance de eu fugir dirigindo, e foi uma perda de tempo. Mas eu entrei de qualquer maneira. Ele falou com os cervos e jogou as rédeas, e eles saltaram levemente para frente e, com um olhar de abandono, mergulhamos em outro túnel e começamos a correr sobre os caminhos nevados. Eu agarrei o lado do trenó para me agarrar. Parecia-me que estávamos indo muito mais rápido do que quando viemos, mas talvez fosse porque estávamos descendo, descendo para o túnel escuro que levava aos portões prateados, os cascos dos cervos fazendo os *tap-tap-tap* pés baixos de sapateado dos dançarinos na superfície gelada, até que uma deslumbrante linha de luz rachou a escuridão à minha frente enquanto os portões se abriam para fora do nosso caminho e viemos correndo para fora do lado cintilante da montanha e descendo a estrada para a floresta nevada.

Eu ainda estava agarrado ao lado da grade, mas quando o ar frio encontrou no meu rosto, eu respirei fundo e me vi ainda feliz por estar em

*movimento,* por estar *saindo,* mesmo que eu não fosse capaz de chegar a nenhum lugar útil. Ainda valeu a pena tentar.

— Shofer — eu disse. O motorista se assustou como Flek e Tsop, olhando em volta para mim como se eu estivesse falando com ele. — Eu quero ir para Vysnia. — ele me encarou em branco, então eu acrescentei: — O lugar onde você veio me buscar, antes do casamento.

Ele estremeceu como se eu tivesse pedido para ele me levar até os portões do inferno. — Para o mundo iluminado pelo sol? Essa não é uma distância a ser percorrida, salvo na estrada do rei, e à sua vontade.

Quando ele disse isso, só então percebi que não havia sinal das árvores brancas e do caminho branco prateado que tínhamos percorrido para chegar à montanha. Eu me virei e olhei para trás. Era a mesma vista: a montanha de vidro se elevava ali, alta e brilhante, e duas pistas de corrida fugiam atrás do trenó através da neve profunda até os portões prateados. Eu podia ver a cachoeira, agora congelada, e a linha brilhante do rio indo em direção às árvores. Mas a estrada Staryk estava faltando como se nunca tivesse estado lá, e todas as árvores que eu podia ver à nossa frente eram pinheiros escuros, tornados brancos apenas com suas pesadas cargas de neve.

Eu afundei de volta no banco, pensando, e como eu não disse nada para virá-lo de volta, o motorista continuou. Também não havia *outra* estrada: ele dirigiu para a superfície congelada do rio, o único caminho que vi entre as árvores. O cervo não parecia ter problemas para correr mesmo no gelo; talvez as garras em seus cascos o ajudassem.

O reino de Staryk parecia uma floresta sem fim, caso contrário. Não vi nada ao nosso redor, nenhum outro prédio, e quando me esqueci e perguntei ao motorista se algum deles vivia fora de sua montanha de gelo, ele não respondeu, apenas olhou de volta para mim tanto quanto para dizer: "*Pergunte ao rei*." Nós dirigimos por muito tempo e nada mudou. O dia deveria ter ido em direção ao meio-dia, mas ao invés disso só ficou mais escuro quanto mais nos afastávamos da montanha, o cinzento não marcado do céu desbotando para uma penumbra, e as árvores e a neve ao nosso redor começando a ficar turvas e difíceis de ver.

Ao longe, uma linha de preto mais profundo apareceu no horizonte, na estreita abertura entre as árvores onde o rio encontrava o céu. O cervo diminuiu a velocidade, e Shofer olhou de volta para mim. Ele não queria continuar, da mesma forma que Flek não queria continuar descendo para as profundezas da montanha, e minhas pernas doloridas me lembravam do

castigo por forçar. Mas se eu os deixasse decidir por mim para onde eu deveria ir, certamente nunca faria uma fuga.

— Devemos voltar? — eu disse, fazendo uma pergunta, um pouco maliciosa, para ver se ele poderia ser picado. Ele hesitou, e então voltou para os cervos sem me responder e falou uma palavra afiada para eles em vez disso. Continuamos nos movendo em direção ao horizonte escuro, e logo era noite cheia sob os ramos, e eu mal podia ver os troncos ao longo das margens. Não havia lua, nem estrelas para quebrar o céu escuro; as folhas eram apenas uma sombra mais escura contra o cinza-carvão. Os cervos estavam jogando as cabeças, resignados; eles também não gostavam daqui, eu podia dizer, e não achava que eles se importassem de uma maneira ou de outra com quem estava no trenó que estavam puxando. O rio congelado continuava a ir para a escuridão, desaparecendo lá na frente.

— Tudo bem, vire — eu disse finalmente, desistindo, e o Shofer virou a cabeça deles rapidamente, com enorme alívio. Mas eu olhei para trás mais uma vez enquanto ele virava o trenó, e os vi: duas pessoas aparecendo na margem do rio, saindo do escuro, duas pessoas enroladas em peles pesadas, e uma delas uma rainha.

*

Mirnatius nem se mexeu quando o frio finalmente me levou de volta através do espelho. Rastejei até a lareira o mais devagar que pude, e me aqueci no fogo, ainda o observando com cuidado por quaisquer sinais que ele pudesse acordar. A magia dele tinha feito da cama um cenário para sua própria beleza, e mesmo na inconsciência espalhada, ele era uma obra de arte. Ele suspirava e se movia durante o sono, murmurava em tênues e ininteligíveis arfadas, um braço nu atirado para fora das cobertas e sua cabeça virada para mostrar a linha do pescoço, seus lábios separados.

Eu pertencia àquela cama com ele, uma noiva com medo de coisas comuns, sem jeito e egoísta. Elas teriam sido suficientes para ter medo; nunca imaginei mais do que aguentar, e encontrar caminhos fora do quarto que eu pudesse ser útil o suficiente para ganhar respeito, aquela moeda inestimável. Mas certamente com um marido tão belo eu deveria ter tido o direito de ter também algumas esperanças cautelosas, pois o que quer que fosse que fizesse as mulheres se meterem nos problemas que apenas ouvi em rumores.

Em vez disso, aquela concha perolada segurava um monstro que queria me beber como uma taça de bom vinho, drenada para as trevas e colocada vazia, e eu teria que ser mais esperta que ele todos os dias só para viver. Eu não tinha mais certeza de quem era mestre e quem era servo, mas aquele demônio havia colocado Mirnatius em seu trono há sete anos, e o alimentava com poder mágico desde então, e ele estava claramente pronto e disposto a me entregar em pagamento, com apenas algumas pequenas reclamações sobre o inconveniente de arrumar o que quer que fosse que ele tivesse deixado para trás de mim, como os trapos de suas roupas meio queimadas descartadas no chão.

Eu joguei os restos na fogueira e dormi um pouco junto ao coração, em boa forma. Assim que a manhã chegou, levantei e corri para dentro da minha camisa de dormir como se a tivesse usado a noite toda, e então toquei a campainha para que os criados entrassem imediatamente. Mirnatius começou a acordar, olhando ao seu redor com desconfiança para o barulho inesperado, mas eles já estavam na sala. Pedi a eles que preparassem um banho e nos trouxessem o café da manhã, e para outra pessoa me ajudar a me vestir, então eles começaram a se movimentar ao redor do quarto sem nos deixar sozinhos, e então perguntaram ao meu marido em tons doces: — Você dormiu bem, meu senhor?

Ele me encarou com indignação desconcertada, mas havia quatro pessoas na sala. — Muito bem — disse ele após um momento, sem nunca tirar os olhos de mim, e também, eu podia ver, sem pensar no que ele estava dizendo, e o que significaria para a minha posição na sua corte quando seus servos disseram a todos que o tsar, tão preocupantemente desinteressado nos prazeres da carne, definitivamente dormiu no quarto de sua esposa ao invés do seu próprio, e dormiu bem.

Não imagino que ele pensasse muito em manter o favor de seus cortesãos, já que ele podia simplesmente hipnotizá-los quando eles estavam inclinados a discordar. Ele só preferia racionar o descontentamento deles, para não desperdiçar muito de sua magia demoníaca. Mas eu precisava de todas as armas que pudesse pegar, qualquer coisa que pudesse ser útil, e então subi na cama com ele—ele desviou um pouco para trás, me olhando de lado—e quando trouxeram a bandeja eu servi seu chá, que eu tinha notado que ele gostava de tomar muito doce, e acrescentei várias colheres de cerejas antes de eu lhe apresentar o copo. Ele parecia alarmado depois de prová-lo, como se achasse que isso também fosse mágico.

Ele não podia me dizer nada com todos os criados ali—e eles não iam a lugar nenhum quando havia tantas fofocas para serem reunidas, já que eu lhes tinha dado uma desculpa para ficar. Especialmente nenhuma das serviçais. Mirnatius não tinha roupa, depois do estrago que o demônio tinha feito disso ontem à noite, e as capas escorregaram de seus ombros descalços e do peito magro. As garotas todas se atreveram a flertar com ele quando pensaram que eu não estava olhando para elas, e pegaram todas as desculpas para pairar perto dele. Elas poderiam muito bem ter poupado o esforço: ele nunca tirou os olhos de mim, apenas mordeu minhas mãos com cuidado, e respondeu toda a minha pequena conversa gentilmente, até que o banho estivesse cheio, e então eu me levantei e disse: — Eu irei às orações enquanto você toma banho, meu senhor — e escapei.

Mas quando saí da igreja desta vez, o trenó estava esperando no pátio com nossa bagagem indo para ele. — Estaremos a caminho de Koron, minha pomba — disse-me Mirnatius no salão, de olhos estreitos, e eu não tive escolha: teria que entrar no trenó sozinha com ele e dirigir para o bosque escuro, e para o seu palácio, cheio de seus próprios soldados e cortesãos.

Entrei e coloquei meu colar de prata e meus três vestidos de lã e minhas peles e desci carregando minha própria caixa de jóias: nada de muito incomum nisso; minha própria madrasta sempre se encarregava dos seus também, sempre que viajava, e ninguém sabia que não havia nada dentro a não ser minha coroa, ou que todo o resto das minhas bugigangas tinha sido enfiado entre minhas roupas para fazer a caixa mais leve. Eu a coloquei entre o meu lado e o trenó. Se fosse preciso, eu pularia com a caixa, e correria para a floresta para encontrar um reflexo de água gelada para fugir.

Mas o faminto demônio não brilhava vermelho nos olhos de Mirnatius quando partimos, e eu me lembrei que nunca tinha visto isso de dia, só depois que a noite tinha caído. Ao invés disso, ele esperou até que estivéssemos bem longe da casa—todas as mulheres dela me acenando despedidas com seus lenços—e depois me disse com sua própria voz humana: — Eu não sei para onde você está fugindo toda noite, mas não pense que eu vou deixar você continuar fugindo.

— Você vai ter que me perdoar, querido marido — eu disse, depois de um momento, considerando cuidadosamente: o que eu queria que ele pensasse, ou que soubesse que eu sabia? — Eu fiz meus votos para você,

mas outra pessoa continua vindo para o quarto em seu lugar. Os esquilos correm por instinto quando um caçador se aproxima demais.

Ele se endureceu de volta de mim para o canto do trenó e se instalou em um silêncio vigilante, seus olhos em mim. Sentei-me cuidadosamente tentando parecer normal, relaxada contra as almofadas e olhando em frente. Estávamos deslizando rapidamente pelo profundo silêncio da floresta, os galhos das árvores se curvavam sob o peso da neve fresca, e deixei a paisagem constante e imutável me acalmar; poderia ter sido frio, mas não comparado com o reino de inverno onde passei minhas noites, e meu anel era um conforto frio no meu dedo.

Nós dirigimos por um longo tempo, e então Mirnatius disse abruptamente: — E *para* onde os esquilos correm, quando querem se esconder?

Eu olhei para ele, um pouco confusa. Eu tinha acabado de dizer a ele que sabia sobre seu demônio possuidor e seus planos para mim, então ele não podia esperar que eu lhe contasse nada, ou que cooperasse com ele. Mas quando eu não respondi, ele me olhou de frente, amuado como uma criança, e se inclinou e gritou: — *Me diga aonde você vai!*

O calor de sua energia passou por cima de mim e correu para o meu anel faminto, deixando-me intocada. Quase lhe perguntei porque desperdiçava suas forças: ele já sabia que não ia funcionar. Mas eu suponho que ele tinha vindo a confiar tanto na sua magia que nunca tinha aprendido a pensar. A única coisa que me tinha feito bem na casa do meu pai era pensar: ninguém tinha se importado com o que eu queria, ou se eu era feliz. Eu tinha que encontrar meu próprio caminho para qualquer coisa que eu quisesse. Eu nunca tinha sido grata por isso antes, quando o que eu queria era a minha vida.

Mas eu podia dizer que, se eu apenas ficasse ali sentada sem dizer nada, Mirnatius provavelmente perderia a calma. As nuvens de tempestade já estavam se juntando em sua testa, e mesmo que seu demônio só aparecesse depois do anoitecer, ele ainda poderia ter seus guardas perfeitamente comuns me jogando em uma cela de prisão para esperar por ele. As pessoas ficariam realmente chocadas, é claro, se ele tivesse sua nova esposa jogada em uma cela e ela desaparecesse sem explicação, e meu pai sem dúvida faria uso disso—mas Mirnatius estava me dando pouquíssimos motivos para pensar que ele olharia para a frente o suficiente para ter cuidado com essas consequências.

A menos que eu o obrigasse a fazer isso — Por que você não se casou com Vassilia há quatro anos? — eu pedi a ele com muita atenção, mesmo quando ele abriu a boca para gritar comigo novamente.

Isso teve o efeito útil de interromper a ascensão de seu temperamento. — O quê? — disse ele, em branco, como se até mesmo a pergunta não fizesse sentido para ele.

— A filha do príncipe Ulrich — disse eu. — Ele tem dez mil homens e a mina de sal, e o rei de Niemsk de bom grado o deixaria jurar fidelidade se você fosse morto— Você precisava segurá-lo, depois de ter mandado matar o Arquiduque Dmitir. Por que você não se casou com ela?

Rabugice e desconcerto lutavam pelo controle do seu rosto. — Você soa como uma daquelas galinhas velhas que cacarejam no conselho.

— Que você nunca ouve, e encanta quando eles te importunam demais — eu disse, e o rabugento venceu; mas não foi o mesmo tipo de raiva: ouvir sermões sobre política deve ter ser um aborrecimento familiar para ele. — Mas eles não estão errados. Lithvas precisa de um herdeiro, e se você não vai providenciar um, você pode muito bem ser derrubado mais cedo ou mais tarde. E agora que você se casou *comigo,* ao invés de Vassilia, Ulrich pode decidir fazer isso antes que você tenha a chance.

— Ninguém vai me *derrubar* — ele estalou, como se eu estivesse insultando ele.

— Como você vai detê-los? — eu perguntei. — Se Ulrich casar Vassilia com o Príncipe Casimir, eles não virão visitá-lo em Koron para que você possa usar magia para ordenar que não marchem um exército sobre a cidade. Você pode controlar a mente deles a 300 milhas de distância? Você pode impedir que mil arqueiros atire em você através de um campo de batalha, ou fazer dez assassinos soltarem suas espadas de uma só vez, se eles invadirem sua casa determinados a te apunhalar?

Ele me encarou como se nunca tivesse tentado responder tais perguntas, nem mesmo para si mesmo. Provavelmente ele pensava que todos os seus conselheiros eram tolos e preocupados que não sabiam de sua magia, o que o salvaria de tudo e qualquer coisa que pudesse ameaçar. Mas seu demônio não parecia todo-poderoso, e a feitiçaria de sua mãe não *a salvara* da fogueira. Ele parecia se sentir menos invencível diante de uma pergunta pontiaguda, e ele certamente não disse que eu estava errada sobre os limites do seu poder.

— Por que *você* deveria se importar? — ele me atirou em vez disso, como se pensasse que eu estivesse fingindo uma profunda preocupação com o seu bem-estar. — Certamente você ficaria encantada.

— Meu prazer duraria apenas até que eles me apunhalassem ao seu lado — eu disse. — Ulrich e Casimir prefeririam meu pai como aliado em vez de inimigo, mas eles não *precisam* tê-lo, e não vão me arriscar inconvenientemente produzindo um herdeiro depois de te tirarem a cabeça. Claro — acrescentei. — isso só se *você* não me matar primeiro, de alguma forma suspeita, e dar a todos eles juntos uma magnífica desculpa para marchar sobre você. — que era o ponto que eu *realmente*queria fazer.

Mirnatius desistiu, remoendo, de volta ao seu canto, mas tomei como uma pequena vitória o fato de ele não se sentar mais olhando para mim, porém olhava para fora do trenó, franzindo o cenho sobre as ideias que eu havia enfiado em sua cabeça, o que, evidentemente, ele havia feito tão bem em evitar antes de agora.

Dirigimos ao longo do dia frio; algumas vezes o cocheiro parou para descansar os cavalos, e duas vezes os trocou nos estábulos de um ou outro garoto mediano, as pessoas se curvando energeticamente. Eu me certifiquei de subir as duas vezes e caminhar pelo pátio e falar gentilmente com nossos anfitriões, dizendo algumas palavras positivas sobre as crianças que trotavam para fora para fazer seus arcos. Eu queria ser memorável para o maior número de pessoas que eu conseguisse, se ele fosse tentar fazer com que todos me esquecessem. Mirnatius se manteve distante e só passou o tempo todo me encarando com os olhos encapuzados, o que fez muito bem em me fazer parecer uma noiva querida.

A noite foi longa: estranha em um dia tão frio e invernal, com a neve não natural tão espessa no chão. Fiquei grata por isso, mas mesmo assim, o pôr-do-sol começava a acender o brilho vermelho nos olhos de Mirnatius quando nos aproximamos do pátio de seu palácio em Koron. As muralhas estavam cerradas com seus soldados, e Magreta estava de pé nos degraus, suas mãos agarradas ao peito, pequena e velha em seu manto escuro entre os guardas de cada lado dela, como se ele tivesse mandado homens de volta para Vysnia ontem à noite, e os tivesse feito arrastar sua pele-vermelha para chegar aqui antes de escurecer.

Quando subi os degraus, ela me abraçou e chorou um pouco, dizendo: — Dushenka, dushenka. — Ela me agradeceu por lembrar de uma mulher velha e mandar buscá-la, mas eu tinha sido injusta com ela: sua voz tremia,

e suas mãos me agarraram com muita força. Ela entendeu que estávamos em perigo mortal.

Eu mesma fiz um show, agradecendo ao meu marido pela sua gentileza e a maravilhosa surpresa de encontrá-la aqui, e eu mesma me dirigi e o beijei nos degraus em frente aos seus guardas, surpreendendo-o; ele só pensou nisso como uma arma para *ele* usar, eu suponho. Então, ele não se mexeu quando eu pincelei sua boca quente com a minha e então rapidamente me afastei dele novamente, como se eu estivesse envergonhada pela minha própria ousadia. Virei-me para os guardas, e perguntei a Magreta se eles tinham cuidado bem dela, e agradeci quando ela acenou e disse que se sentia tão segura, mesmo na longa estrada de Vysnia.

— Digam-me seus nomes, para que eu me lembre deles — disse eu, e tirei a mão do meu cachecol para lhes dar, com o meu anel brilhando sobre eles, e eles se agarraram a ele e gaguejaram de volta para mim, embora certamente tivessem recebido ordens para ir buscar a velha mulher, não importando o que alguém lhes dissesse, ou como ela lamentasse, e tivessem pensado em si mesmos como carcereiros, não como acompanhantes. Algumas das tagarelices eram mágicas do anel, mas o resto, suspeitava eu, era a magia mais sutil do contraste; não imaginava Mirnatius mostrando muita cortesia para com seus servos. — Matas e Vladas — eu repeti. — Obrigado por seus cuidados com minha velha nanushka, e agora deixe-nos entrar: vocês devem tomar uma bebida de krupnik quente na cozinha depois de sua longa viagem.

Mirnatius dificilmente poderia retirar uma gentileza tão pequena sem parecer tão peculiar quanto mesquinho, mas é claro que ele não gostava que seus homens tirassem qualquer tipo de ordem de mim. — Você e sua enfermeira irão aos meus quartos e esperarão por mim — disse ele friamente, assim que me seguiu até os corredores, e acenou bruscamente para outros dois guardas à porta. — Leve-as para cima e espere no quarto com elas até eu chegar — ordenou ele, a própria armadilha que eu temia, e se afastou para dentro do grande salão. Segurei a mão da Magreta com força enquanto subíamos as escadas. Ela agarrou com igual força, e não me perguntou se meu marido era gentil comigo, ou se eu era feliz.

— Você vai me dizer, se eu fiz algo errado, para dizer aos guardas para irem beber krupnik? — Eu perguntei a um dos guardas, enquanto subíamos as escadas. — O meu lorde desaprova a bebida?

— Não, minha senhora — disse o guarda, dando um olhar para mim.

— Oh — eu disse, fazendo um show de estar um pouco abatida, desapontada com o humor amargo do meu marido. — Acho que alguns assuntos de Estado devem estar preocupando ele — Bem, eu vou tentar tirar da mente dele esta noite. Talvez jantemos na sala. Magreta, você vai escovar meu cabelo, e renova-lo.

O quarto era tão grande quanto o salão de baile do meu pai e absurdo em seu esplendor dourado e impraticável. Dificilmente precisei estudar para ver de olhos arregalados ao meu redor, no vasto mural de quase vinte metros acima da cabeça de Eva tentada pela serpente, o que me pareceu particularmente injusto nas circunstâncias—e a própria cama, que poderia ter servido bem como um quarto por si só, sendo construída em uma grande alcova na parede e emoldurada com pergaminho dourado e pilares e ricas cortinas de damasco de seda sutilmente estampadas com fios mais leves. As janelas foram colocadas em caixilhos de portas que podiam ser balançadas para uma varanda externa de delicado ferro forjado. Árvores do jardim sobre a borda da varanda, atualmente cobertas com neve.

Havia quatro lareiras separadas na sala, todas enegrecidas com fumaça e rugindo mesmo no meio do dia, em maio: havia um criado alimentando-as mesmo quando eu entrava. Era um quarto para um duque em Salvia, ou em Longines, algum país onde o inverno só se vislumbrava por breves momentos e de passagem. Ninguém de bom senso teria construído este quarto aqui em Lithvas, e de fato eu não via ninguém de bom senso: *havia* rachaduras tênues nas paredes onde o próprio Mirnatius certamente os havia ordenado a derrubar o chão acima e os quartos ao lado, para tornar este espaço ridículo.

Mas apesar de todo o seu excesso, a atmosfera ainda era linda—extravagante e inconveniente e desconfortável, sim, mas, levada em conjunto, de alguma forma contornou o limite do gosto para ser exuberante e não simplesmente ridícula. Era de um livro de contos de fadas pintado por uma mão inventiva, e tudo harmonizado. Por pouco, mas isso só o tornou de alguma forma mais impressionante, como ver um malabarista manter sete facas afiadas no ar de uma só vez, sabendo que um deslize as derrubaria todas em desastre. Acho que qualquer um teria dificuldade em ficar naquela sala e não ser conquistado por ela com rancor. Os próprios guardas ficaram olhando à sua volta quando entraram conosco, esquecendo-se de olhar austeros e inflexíveis.

Eles não disseram nada quando eu peguei meu porta-jóias e levei a Magreta atrás da tela do banho. Outra lareira estava indo para o outro lado também, aquecendo o ar ao redor de um banho verdadeiramente magnífico - que também estava dourado, e tão grande que eu poderia ter esticado nela todo o meu comprimento. Mas, mais importante, ao lado dele havia um espelho ainda mais magnífico, como se Mirnatius gostasse de admirar a obra de arte que ele era quando saía do banho.

Chamei os guardas de trás da tela para pedir-lhes que fossem pedir um chá, enquanto Magreta rapidamente, em resposta às minhas mãos em movimento, colocou o colar e a coroa sobre mim. Ela parecia confusa mesmo quando obedeceu, e ainda mais quando envolvi meu manto de reserva ao redor dela, e me ajoelhei para arrastar o pêlo pesado para cima antes da lareira, para enrolar em volta dos ombros dela. Ela se agarrou quando eu coloquei as pontas em suas mãos, e não disse nada em voz alta, mas a boca dela se abriu e se moveu, silenciosamente formando as perguntas que ela queria fazer. Eu coloquei meu dedo nos lábios para mantê-la em silêncio, e a acenei para o espelho.

A floresta escura ficava do outro lado, coberta de branco com neve profunda. Eu não sabia se funcionaria, se eu poderia levá-la comigo, mas eu não tinha outra esperança. Mesmo quando alcancei a mão da Magreta, ouvi um barulho no corredor, passos vindo, e quando a porta se abriu violentamente ouvi o assobio do demônio, na voz de Mirnatius. — *Onde está Irina, onde está minha querida?*

Mas a Magreta tinha dado um pequeno suspiro: Eu tinha pegado na mão dela, e ela estava a olhar para o espelho, a cara dela pálida, e a puxar contra a minha mão instintivamente. Eu me segurei com mais força. — Não me largue — sussurrei para ela, e depois de um único olhar assustado atrás do ombro, ela sacudiu a cabeça com um aceno. Eu me virei para o espelho e entrei, puxando-a comigo, para a margem congelada do rio.

# CAPÍTULO 13

De manhã, Panov Mandelstam entrou e tirou a neve de suas botas e disse a Panova Mandelstam calmamente: — Eles não os pegaram. A neve chegou primeiro. — Nesse caso fiquei feliz pelos flocos de gelo. Embora não soubesse se deveria, porque Wanda e Sergey poderiam estar congelados até a morte em algum lugar, mas então, decidi que continuaria feliz com a neve, porque ficava com frio trabalhando nesse tempo e com sono, e papai me batia na cabeça para acordar-me e dizer se eu queria morrer congelado, e não queria, mas estava apenas adormecendo, e isso não doeu e você não estaria assustado. Me perguntei se papai estava assustado quando morreu. Parecia que estava.

No café da manhã, Panova Mandelstam me deu duas tigelas de mingau com um pouco de leite por cima e alguns mirtilos secos, também colocou um punhado de açúcar mascavo no topo e eu comi e estava muito bom e doce. Depois fui cuidar das cabras, porque era isso que Wanda havia dito para fazer. — Elas deveriam tomar um café da manhã quente também, em um dia tão frio. — disse Panova Mandelstam, e me ajudou a preparar uma grande panela de purê. Fiz questão de dar generosas porções às minhas cabras. Elas pareciam magras ao lado das que pertenciam aos Mandelstams, e ontem tinham sido mordidas e atacadas por suas companheiras. Mas agora as outras cabras estavam contentes por mais parceiras, porque seus pelos já haviam sido tosados, e as minhas ainda tinham os delas, embora possuíssem vários carrapichos e sujeira. Todas se aconchegaram no galpão depois de comerem todo o purê quente.

Havia muita neve no quintal. Eu as separei em grandes montes para que as cabras e galinhas pudessem chegar à grama. O chão estava congelado, mas tirei a noz da árvore branca, olhei-a e me perguntei se talvez devesse plantá-la aqui. Mas não tinha certeza e não queria cometer um erro. Coloquei-a novamente no bolso e voltei para dentro. No almoço, Panova Mandelstam me deu três pedaços de pão com manteiga e geléia, dois ovos e algumas cenouras e ameixas secas cozidas juntas. Isso foi muito bom também.

Depois a tarde chegou e não sabia o que deveria ser feito. Panova sentou-se em sua roca de fiar, mas eu não tinha ideia de como fazer isso, e ela estava lendo um livro e não sabia como fazer aquilo. — O que devo fazer? — perguntei.

— Por que você não brinca, Stepon? — respondeu, mas eu também não sabia como fazer isso, e mesmo assim Panov Mandelstam disse a ela: — Os outros garotos. . . — a mesma apertou a boca e acenou de volta para ele, e eles queriam dizer que os meninos da cidade seriam maus comigo, porque talvez eu tivesse ajudado a matar meu pai, ou apenas porque era uma cabra nova.

— O que Wanda fez quando estava aqui? — questionei, mas lembrei assim que falei. — Ela fazia a coleta.

Mas você é jovem demais para isso — disse Panova Mandelstam. — Por que não vai ver se consegue encontrar bons cogumelos na floresta? Você sabe quais são os bons para comer?

— Sim — assegurei, e ela me deu a cesta, mas hoje havia muita neve na floresta, então não fazia sentido colher-los. E saí e olhei para todos os cristais de gelo e não vi cogumelos. Então pensei em tentar fazer a coleta mesmo sendo muito jovem, porque se os Mandelstams não estavam fazendo isso e Wanda também não, então não vi quem mais havia para fazê-lo. Alguém mais morava na casa, lembrei-me de Wanda falando sobre eles, mas não conseguia lembrar dos nomes. Me fez sentir estranho tentar lembrar quando o nome não veio, porque sempre vinham quando eu queria. Mas, de qualquer maneira, tinha certeza de que não havia mais ninguém na casa ou no celeiro agora, porque procurara por todos os lados. Se eu os encontrasse, poderia ter perguntado seus nomes e pararia de me sentir assim. Até olhei no interior do galinheiro para o caso de alguém ter se arrastado para dentro, mas havia apenas galinhas. Então realmente não tinha mais ninguém além de mim.

Era o dia após o dia do mercado na quarta semana do mês, o que significava que Wanda iria coletar das duas aldeias ao longo da pista de carruagem que ia para o sudeste da cidade e os nomes para a coleta eram Rybernik, Hurol, Gnadys, Provna, Tsumil e Dvuri. Disse-os para mim mesmo no caminho, porque eles fizeram uma música legal na minha cabeça. Quando cheguei lá, bati em todas as portas que vi e perguntei seus nomes. Se diziam que era um deles, eu estendia a cesta. Olhavam-me e depois colocavam suas coisas dentro. Panova Tsumil me disse suavemente: — Pobre criança! — e colocou a mão na minha cabeça. — E os judeus já estão colocando você para trabalhar!

— Não? — respondi, mas ela apenas balançou a cabeça e colocou algumas bolas de fio na cesta e depois me deu uma coisa para comer que foi chamada de biscoito. Wanda havia trazido para casa uma vez que Panova Mandelstam lhe deu e eles eram muito gostosos. Então, não discuti com Panova Tsumil, apenas comi o biscoito, que também era muito bom e falei: — Obrigado — e continuei.

Então devolvi a cesta a Panova Mandelstam e disse-lhe: — Eu não sou muito jovem, afinal — ela olhou na cesta e ficou muito chateada. Eu não sabia o porquê, mas Panov Mandelstam colocou a mão no meu ombro com muita delicadeza e disse: — Stepon, deveríamos ter explicado. É muito importante não cometer erros durante a coleta e manter uma conta cuidadosa. Você acha que, se com muito esforço, pode se lembrar e nos dizer exatamente para onde foi e exatamente quem lhe deu cada coisa?

— Sim — respondi — Neste dia do mês, Wanda vai para Rybernik, Hurol, Gnadys, Provna, Tsumil e Dvuri. — Depois, apontei para cada coisa e disse a ele quem me deu. Pensei que Panova Mandelstam ainda estava infeliz depois, mas ela me deu alguns bolinhos com um molho grosso com cenouras e batatas e carne de frango de verdade, e uma xícara de chá com duas colheres grandes de mel, então devo estar errado.

*

Sergey e eu não gostamos de ficar na casinha, mas não poderíamos sair imediatamente. No primeiro dia em que acordamos, havia neve flutuando acima do limiar e em todos os peitoris da janela e embaixo deles em grandes montes. Quando saímos, toda a floresta era branca, apenas pequenos troncos escuros aparecendo e todas as árvores curvadas. Elas

começaram a perder folhas antes que a neve chegasse, e agora estavam ficando vazias. Não sabíamos onde ficava a estrada.

Nós olhamos por toda a casa. Encontramos muitas coisas. Havia batatas e cenouras no jardim, e um galpão onde as cabras moravam com um monte de palha velha e outro monte de lã de tosquia do tamanho da minha cabeça. Não havia sido lavado e as camadas inferiores estavam manchadas e com bolor, mas ainda tinha lã boa no topo. Em uma prateleira, estava uma cesta e, em um canto, uma pá que tornaria mais fácil cavar batatas. Dentro da casa, encontramos um cobertor dobrado em outra prateleira.

O sol estava lá fora o dia todo e estava quente, embora a neve ainda estivesse no chão e começou a derreter rapidamente. Sergey saiu para pegar lenha, coloquei as batatas e as cenouras para cozinhar e depois comecei a nos fazer sapatos novos com palha. Um dos meus já estava perdido, e o resto estava desmoronando. Também usei um pouco de lã, para que os calçados não fiquem tão duros, pois não tínhamos casca de sapato real. A lã estava cheia de carrapichos, urtigas e espinhos. Peguei uma panela com água e a lavei lá dentro, mas não tinha pente. Os espinhos prenderam nas minhas mãos e as fizeram pinicar enquanto eu trabalhava, mas tínhamos que ter sapatos.

Terminei um par para Sergey no momento que ele voltou com a lenha. Ele experimentou e não ficaram tão ruins. Coloquei mais lã dentro deles e isso ajudou. Nós comemos batatas e cenouras. Depois, fiz meus sapatos e, quando terminei, fiz cortinas para as janelas. Sergey encontrou um ninho de pássaro em uma árvore com ovos manchados de marrom, para que pudéssemos pegá-los. Nós comemos e logo estava escuro, então fomos dormir novamente.

De manhã, encontramos uma caixa de grãos, porque a neve havia derretido dos lados, meio cheia de aveia. Nós olhamos dentro. Havia o suficiente para ficarmos e comermos por um longo tempo. Sergey e eu nos entreolhamos. A bruxa não voltou, e isso me fez pensar que talvez ela nunca voltasse. Mas não gostei da maneira como estávamos achando tantas coisas.

— Talvez devêssemos ir — disse a ele com relutância. Eu queria e não queria ir. Quem sabia se encontraríamos a estrada? Mas então olhamos para cima, e o sol estava indo embora. Já começara a nevar novamente. Não podíamos ir a lugar algum.

Sergey não disse coisa alguma por um momento. Também estava infeliz. Então ele falou: — Podemos arrumar a cadeira e a cama. Caso alguém volte.

Pareceu-me uma ideia muito boa. Se estivéssemos apenas pegando batatas, cenouras, lã e aveia e ficando nesta casa sem devolver nada, então seríamos ladrões. Alguém que voltasse para cá ficaria zangado e teria razão em fazê-lo. Tínhamos que compensá-los.

Então, levei a aveia para dentro e, enquanto cozinhava, fizemos um novo assento para a cadeira: Sergey saiu na neve e puxou alguns galhos finos de árvores jovens e fez um molde, e teci a palha e a lã em volta dela, do mesmo jeito que fazia com nossos sapatos, até que ficou bom o suficiente para ser amarrado e sentar. Então a cadeira foi arrumada.

Tudo o que pretendíamos fazer era colocar novos tapetes como esse na cama, mas quando Sergey saiu para procurar lenha depois de comermos, voltou quase imediatamente. Ele encontrou uma pequena carga de madeira enterrada sob a neve atrás da casa, ao lado de um bloco de desbastar, e havia um machado que alguém havia deixado enfiado ali. Estava enferrujado e o cabo estava um pouco podre e cheio de lascas, mas Sergey raspou a ferrugem com uma pedra e portanto poderia usá-la para cortar madeira, mesmo que machucasse suas mãos. Então agora poderíamos fazer um novo quadro para a cama, não apenas um novo tapete.

Tínhamos medo de ficar, mas, neste momento, também tínhamos medo de ir embora e deixar o trabalho por fazer. Parecia que estávamos destinados a cumprir o que prometemos. Enfim, continuava nevando. Então Sergey começou no quadro enquanto eu trabalhava nos tapetes.

Pela manhã, a neve estava com sessenta centímetros de profundidade novamente. Pelo menos tínhamos comida e a casa estava quente. Sergey trabalhou na cama, enquanto teci seis grandes tapetes como o assento da cadeira para descansar sobre eles. Nós os amontoamos com palha e lã limpa. Então pensei que finalmente tínhamos terminado e poderíamos ir se quiséssemos. Durante todo o dia estivera ensolarado de novo e mais neve derretia. Concordamos que iríamos no dia seguinte.

Na outra manhã, saímos para procurar mais comida no jardim para levar conosco e encontramos um campo inteiro de morangos. As plantas estavam morrendo de frio e as bagas estavam congeladas, mas ainda assim seriam bons para comer. Entrei e procurei algo para carregá-los. Em uma prateleira em um canto escuro ao lado do forno, encontrei alguns frascos velhos que

não havia notado antes, embora tivesse quase certeza de que havia olhado ali. Um grande estava vazio e era perfeito para guardar os morangos. Outro estava cheio de sal e mais um com um pouco de mel que ainda estava com o gosto bom.

Isso já era ruim o suficiente, mas na prateleira ao lado da jarra maior, havia um eixo de madeira velho e algumas agulhas de tricô. Então isso significava que não tínhamos terminado, porque agora eu podia girar a lã e tricotar o fio que fazia, ou seja, que podíamos fazer um colchão de verdade como o que estava na cama e apodreceu. Mostrei para Sergey. — Quanto tempo vai demorar? — ele perguntou, inquieto. Balancei minha cabeça. Eu não sabia.

Passei o resto do dia girando fios enquanto Sergey lavava mais lã para mim. Fiz seis grandes novelos de lã o mais rápido que pude, mas pensei que seria preciso mais para fazer uma capa de colchão. Então Sergey saiu e pegou mais lenha. Trouxe bastante, e eu fiz uma panela grande de mingau, então no próximo dia não teríamos que sair. Nós poderíamos comer da panela o tempo todo. Depois fomos dormir perto do forno novamente.

— Wanda — disse ele na manhã seguinte. Estava olhando para a mesa. Também olhei. Tudo parecia bem. A mesa estava limpa. A cadeira estava cuidadosamente inclinada contra ela para mantê-la fora do caminho. Então pensei, mas ontem a colocamos contra a parede. Talvez tivéssemos mudado de volta antes de irmos para a cama. Mas acho que não. — Vamos comer — falei, finalmente.

A panela de mingau ainda estava quente no forno. Tirei a tampa e parei, olhando para dentro. Eu tinha deixado todo o pote cheio. Não era uma panela muito grande e comíamos tudo em um dia. Mas alguém já tinha devorado uma grande porção. Eu não conseguia nem pensar comigo mesma que talvez eles não tivessem, ou talvez Sergey tivesse tomado um pouco, porque havia uma colher grande de madeira espetada na panela, e ontem à noite, eu pensei no meu íntimo: gostaria de ter uma colher grande, e não havia uma assim em qualquer lugar da casa.

*

Quando disse — Pare! — Shofer parou o cervo, mas olhou por cima do ombro, alarmado, para as duas figuras na margem do rio, e falou, urgente e baixo: — Somente as criaturas chegariam a esse lugar.

Mas eu sabia quem ela era, a garota ali de pé, com suas peles brancas, com a familiar coroa de prata na cabeça, a coroa que me trouxe a minha: Irina, a filha do duque. E se ela tinha encontrado um caminho até aqui, havia outro de volta. — Vá até elas, ou me responda, por que não podemos? — eu disse impiedosamente, e depois de um momento Shofer, relutantemente, nos virou de volta e dirigiu ao longo do rio até chegarmos ao lado delas. Irina usava a coroa, o colar brilhando, o anel de prata no dedo e a respiração não gelava no ar. Ela estava com os braços em volta da outra, uma velha que tremia terrivelmente, embora tivesse um casaco pesado ao seu redor, a respiração pendendo em brumas espessas ao redor da cabeça.

— Como você chegou aqui? — exigi.

Irina olhou para mim, sem nenhum reconhecimento em seu rosto. — Não queremos fazer mal — respondeu. — Você vai nos dar abrigo? Minha enfermeira não aguenta o frio.

— Entre no trenó — falei, embora Shofer tenha se encolhido, estendi minha mão. Ela hesitou apenas por um momento, olhando para o rio, depois impulsionou a velha para o trenó e subiu atrás. Tirei minha própria capa e a coloquei sobre a senhora como um cobertor. Ela estava tremendo ainda mais, e seus lábios estavam ficando azuis. — Leve-nos para o abrigo mais próximo — disse a Shofer.

Ele se encolheu novamente, mas depois de um instante virou o cervo e dirigiu até a margem e entrou nas árvores escuras. À nossa esquerda, havia uma noite sólida e, à direita, o crepúsculo pálido brilhava ao longe, como se estivéssemos no limite da escuridão. Irina virou a cabeça para olhar o rio desaparecendo atrás de nós e depois me fitou. Seus longos cabelos escuros estavam grudados no branco de sua pele e sob a coroa de prata, e flocos de neve que caíam das árvores e brilhavam em seu comprimento, como pequenas joias. O crepúsculo atrás dela pegou sua pele pálida, e brilharam juntos, então percebi de repente que ela devia ter sangue Staryk, em algum lugar na sua linhagem; em sua prata brilhante, poderia ter trocado de lugar comigo e se encaixar neste reino como se fosse o seu. — Como você chegou aqui? — perguntei novamente.

Mas ela estava me encarando de volta, franzindo a testa e disse lentamente: — Eu conheço você. Você é a esposa do joalheiro.

É claro que não sabia mais do que devia: ninguém teria dito a ela meu nome ou o de Isaac. Era uma princesa, e nós não importávamos. Desejei amargamente que ainda não o fizesse, que ela estivesse certa; que eu estava

em casa no lugar de Basia ou no meu próprio. — Não — eu disse — Eu só dei a prata para ele. Meu nome é Miryem.

Shofar se encolheu no banco à minha frente, seus olhos encarando-me chocados por um momento. Irina apenas assentiu um pouco, ainda franzindo a testa, e estendeu a mão para tocar o colar na garganta. — Prata *daqui* — disse.

— É assim — falei, entendendo. — A prata trouxe você?

— Através do espelho — disse Irina — Isso me salvou, nos salvou ... — mas então estava inclinada sobre a velha. — Magra! Magra, não durma.

— Irinushka — a idosa murmurou. Seus olhos estavam semicerrados e tinha parado de tremer.

O trenó parou bruscamente: Shofer puxou com força as rédeas e o cervo levantou a cabeça, inquieto. Ele estava olhando à nossa frente, com as costas muito retas e os ombros rígidos. Chegamos a um muro baixo do jardim, quase enterrado na neve, e do outro lado, vi um brilho laranja fraco e familiar: a cintilação do fogo de um forno dentro de uma casa, calorosa e acolhedora. Por sua expressão, poderia ter sido a chegada de uma multidão enfurecida.

— Quem mora ali? — perguntei sem pensar, mas Shofer apenas me lançou um olhar angustiado e, de qualquer maneira, não vi nada demais nisso; a velha estava piorando rapidamente. — Ajude-nos a tirá-la daqui — eu disse, e com enorme relutância, ele colocou as rédeas no assento e desceu. Levantou Magra tão facilmente, como se fosse uma criança pequena, embora ela choramingasse com o seu toque, mesmo através das camadas de suas roupas e pelos.

Ele se afastou com ela, suavemente, por cima da neve, mas Irina e eu vagamos pela crosta e caímos no desvio profundo abaixo. Nós lutamos para alcançá-lo até que, de repente, ele diminuiu quando chegamos à parede do jardim. Era apenas uma casa muito pequena, quase uma cabana de camponês, mas havia um cheiro de mingau quente e o brilho do forno vinha através de finas rachaduras nas coberturas das janelas e da porta. Shofer havia parado bem atrás da cabana, e seu medo me deixou desconfiada, mas Irina foi direto para a porta e a abriu sem hesitar: era apenas um painel fino de ripas e palha tecida sobre eles, para impedir o vento e caiu no chão com um estrondo.

— Não há ninguém aqui — disse ela, depois de um momento, olhando para nós.

Entrei logo atrás: era fácil ver que estava tudo vazio. Havia apenas o quarto, com uma única cama pequena amontoada com um acúmulo de palha. Irina cobriu-o com a capa que eu vestira Magra, e Shofer entrou com muita relutância e colocou a velha em cima, seus olhos sempre na porta fechada do forno, o pequeno lampejo de luz ao seu redor, e assim que ele deitou-a, se retirou rapidamente para o limiar. Havia uma caixa cheia de lenha ao lado do forno, e eu abri a porta do mesmo encontrando uma panela dentro, cheia de mingau quente e fresco.

— Deixe-me lhe dar um pouco — disse Irina, e em uma prateleira encontramos uma tigela e uma colher de pau. Coloquei uma boa porção do mingau dentro, o vapor subindo no ar e ajoelhei-me junto à cama. Ela alimentou Magra, que se mexeu e despertou com o cheiro, o suficiente para comê-lo em pequenas colheradas. Shofer se encolheu a cada mordida, como se estivesse assistindo alguém deliberadamente comer veneno. Olhou para mim e abriu a boca, como se quisesse dizer alguma coisa e apenas um medo pior parou sua língua. Fiquei esperando que algo terrível acontecesse: olhei em todos os cantos da sala para ter certeza de que não havia nada escondido ali, depois saí e olhei ao redor do quintal também. Alguém *deveria* estar por perto, com um fogo aceso e comida quente pronta, mas eu nem vi pegadas na neve por toda a casa, exceto a trilha que voltava para o trenó onde Irina e eu tínhamos percorrido os montes de neve. Um Staryk não teria deixado uma trilha, é claro. Mas . . .

— Esta não é uma casa Staryk — disse a Shofer, uma declaração e não uma pergunta. Ele não assentiu, mas também não olhou para mim confuso ou surpreso, como Flek e Tsop fizeram quando entendi algo errado. Fitei o jardim mais uma vez. A casa ficava diretamente na linha: metade do jardim estava no crepúsculo e a outra na noite inteira, presa entre os dois. Encarei ele e falei: — Vou fechar a porta.

— Eu vou ficar lá fora — declarou instantaneamente, o que me deu esperança. Entrei, peguei a porta e a coloquei de volta no lugar. Esperei um pouco e, com um puxão rápido, empurrei-a para o lado novamente—

Mas eu estava apenas observando o quintal vazio, com Shofer ali esperando e ansioso. Ele se retirara ainda mais para o outro lado do muro do jardim. Voltei para dentro, decepcionada. Magra abriu os olhos e estava segurando as mãos de Irina. — Você está segura, Irinushka — ela sussurrou. — Eu rezei para que você estivesse segura.

Irina olhou para mim. — Podemos ficar aqui?

— Não sei se é seguro — falei.

— Não é menos seguro do que onde estávamos.

— O tsar se recusou a casar com você? — indaguei. Pensei que o duque poderia ter ficado bravo com ela se ele o tivesse feito: ele não parecia um homem satisfeito se seus planos dessem errado.

— Não — ela respondeu. — Eu sou tsarina. Enquanto viver — disse secamente, como se não esperasse que isso durasse muito. — O tsar é um feiticeiro preto. Ele está possuído por um demônio de fogo que quer me devorar.

Eu ri; não pude evitar. Não era alegria, era amargura. — Então a prata fada trouxe para você um monstro de fogo como marido, e para mim um monstro de gelo. Deveríamos colocá-los juntos em uma sala e deixá-los fazer de nós duas viúvas.

Proferi isso de forma selvagem, uma piada de escárnio, mas Irina falou lentamente: — O demônio disse que eu saciaria sua sede por um longo tempo. Me quer porque. . . eu sou *fria*.

— Porque você tem sangue Staryk e prata Staryk. — eu disse, tão lentamente. Ela assentiu. Inclinei-me para a porta e espiei através de uma fresta: Shofer ainda estava longe da casa, longe do alcance da voz, sem nenhum sinal de que estivesse inclinado a se aproximar. Respirei fundo e voltei-me. — Você acha que o demônio barganharia? Pela chance de devorar um rei Staryk?

*

Irina me mostrou como a prata Staryk a deixava ir e vir: juntas, saímos e encontramos uma grande banheira atrás da casa. Colocamos água quente nela, sobre a neve acumulada no interior, para fazer uma piscina com um reflexo. Ela olhou para a banheira e disse: — Vejo o mesmo lugar de onde viemos: um quarto no palácio. Você vê? — Me perguntou, mas eu só vi nossos rostos flutuando pálidos na água movediça, e no momento que pegou minha mão e tentou colocá-la, molhei meu pulso, mesmo quando Irina puxou sua própria mão seca e sem nenhuma gota. Ela balançou a cabeça. — Eu não posso trazer você comigo. — Como se eu tivesse parado de existir no mundo real, como se o rei Staryk tivesse me arrancado dele pelas raízes.

— Preciso *persuadi-lo* a me trazer — falei sombriamente: exatamente como ele me disse. Não me importava em estar deste lado da água quando e se meu marido for apresentado com sucesso ao seu fim prematuro. Não achei que o resto dos Staryk me aceitassem como rainha em seu lugar, pelo menos, não até eu aprender a fazer invernos sem fim e a levantar árvores de neve da terra ou o que mais eles exigissem.

Concluímos nosso plano rapidamente: não havia muito *o que* planejar, apenas uma hora e um local, e todo o resto era só uma investida desesperada na única esperança que qualquer uma de nós tinha. — O demônio não pode aparecer durante o dia — disse Irina. — Só aparece à noite. Não sei por que, mas se ele pudesse, certamente já haveria tentado me levar antes: ele me teve sozinha hoje ou perto o suficiente. — Ela fez uma pausa e acrescentou, pensativa: — Quando a mãe do tsar foi condenada por feitiçaria, eles a levaram e a queimaram em um dia, antes do pôr do sol.

— À noite, então — fiquei em silêncio, pensando que desculpa poderia dar a um rei Staryk que ele aceitaria, do porquê que eu queria que ele me levasse de volta. — Você poderia convencer o tsar a voltar para Vysnia? — perguntei lentamente. — Dentro de três dias?

— Eu posso convencê-lo a fazer qualquer coisa, exceto me matar — me garantiu.

Quando terminamos, Irina voltou para a enfermeira e eu para o trenó. Shofer não fez perguntas; estava ansioso demais para ir embora. Fiquei sem ver o caminho todo de volta, minha cabeça correndo em círculos e meu estômago revirando e quente de bile.

Claro que fiquei aterrorizada. De tentar, de falhar, até de conseguir. Parecia assassinato—não, não mentiria para mim mesma; *era* era assassinato, se funcionasse. Mas, afinal, o Staryk parecia pensar que era perfeitamente razoável *me* matar, e eu também não fiz promessas para ele; não tinha certeza se era realmente casada. Ele me deu uma coroa, mas seguramente não havia um contrato de casamento, e não nos conhecíamos. Eu perguntaria a um rabino, se tivesse a chance de conversar com ele novamente. Mas casada ou não, tinha quase certeza de que os rabinos me diriam que eu poderia aceitar Judith como exemplo, e tirar a cabeça do Staryk se ele me desse a oportunidade. Ele era o inimigo do meu povo, não apenas meu. Mas isso só me deixou a enorme dificuldade de fazê-lo.

Shofer parou o trenó ao pé da íngreme passagem para meus aposentos: Tsop estava sentada em uma pedra baixa ali, como se estivesse esperando que eu voltasse o dia inteiro—ansiosamente, a julgar pelo olhar de alívio que atravessava sua cara quando me viu. Saí rigidamente: havia sido muito tempo dirigindo e meu corpo inteiro estava dolorido. Tsop levou-me de volta ao meu quarto em um ritmo rápido o suficiente para me deixar sem fôlego, e recuou para frente e para trás com visível impaciência, quando teve que fazer uma pausa. Ela continuou olhando para baixo, e eu segui a linha do seu olhar para o bosque de árvores: as flores brancas estavam se fechando suavemente, como se fosse isso que marcou a noite chegando. Suponho que o rei ficaria chateado se eu não estivesse em casa a tempo para ele entregar suas três respostas. Então me ocorreu que poderia se sentir obrigado a prestar serviços conjugais, afinal, se perdesse sua chance da noite, então eu apressei meus passos o máximo que pude.

Ele estava esperando na minha sala com os braços cruzados e a raiva brilhando em seu semblante, a luz irradiando nas bordas das maçãs do rosto e nos olhos . — *Pergunte* — exclamou, no instante em que entrei: o sol estava no meio do espelho que havia me dado.

— Quem mora na casa à beira da noite? — eu disse. Não tinha muita escolha, mas esperava não ter deixado Magreta lá para ser devorada por alguém que voltaria mais tarde.

— Ninguém — respondeu instantaneamente. — Pergunte.

— Isso não é verdade — declarei, e Tsop, que estava saindo do quarto, sobressaltou-se, como um cavalo que foi atingido por um chicote do nada. Os olhos de Staryk se arregalaram de choque e seus punhos se fecharam; deu um passo em minha direção, como se quisesse me *bater*. — Havia mingau no forno! — soltei em um alarme instintivo.

Ele parou. Seus lábios se apertaram com força, e depois de um momento disse: — *Que eu saiba* — terminando sua frase. — Pergunte.

Quase perguntei novamente. Ele estava *brilhando* brilhando de raiva, uma leve iridescência, se deslocando de um lado para o outro na pele e eu não pude deixar de pensar em Shofer depois de pegar Magreta, como se fosse um saco de lã e não uma pessoa, Tsop e Flek virando facilmente a urna cheia de prata; se algum Staryk comum podia fazer isso, o que *ele* poderia fazer comigo? Queria aliviar o momento passado. A tentação era familiar: seguir adiante, me tornar pequena o suficiente para passar por um perigo iminente. Por um instante, estava de volta na neve com Oleg vindo

para mim, seu rosto contorcido e seus grandes punhos cerrados. Queria me afastar, pedir misericórdia, medo correndo quente por toda a minha espinha.

Mas era sempre a mesma escolha, toda vez. A escolha entre a única morte e todos as pequenas. Staryk estava olhando para mim, sobrenatural e aterrorizante. Mas qual era a utilidade de ter medo dele? Por toda sua magia e força, ele não poderia me matar mais do que Oleg, esmagando o fôlego da minha garganta na neve. E se o deixasse zangado o suficiente para fazê-lo, ele não se conteria por todos os pedidos do mundo, assim como Oleg não teria parado porque pedi misericórdia na floresta. Não pude comprar minha vida no último momento, com as mãos em volta da garganta. Eu só podia comprá-la cedendo mais cedo, cedendo o tempo todo; como Scheherazade, humildemente pedindo ao meu marido assassino que me poupasse noite após noite. E eu sabia disso perfeitamente, mesmo que não fosse garantido que funcionasse.

Eu não faria essa barganha. Eu tentaria matá-lo, mesmo se tivesse quase certeza de que falharia, e também não teria medo dele agora. Eu endireitei meus ombros e o olhei em seus olhos brilhantes. — Eu diria que me deve um palpite, se você puder fazer um. Se você soubesse quem a construiu, por exemplo.

— *Eu devo?* — cuspiu. Pelo canto do olho, Tsop estava voltando muito lenta e cuidadosamente para trás, manobrando-se mais alguns centímetros, e agora se afastava do resto do caminho da câmara. — *Eu devo?*

De repente, ele estava bem diante de mim, como se tivesse se movido tão rapidamente que meus olhos não o viram fazê-lo; colocou a mão na minha garganta, o polegar no buraco embaixo do meu queixo, empurrando-o para que eu ainda o olhasse no rosto, meu pescoço dobrado para trás. — E se eu disser o que lhe *devo,* são mais duas respostas? — perguntou suavemente, brilhando para mim.

— Você pode dizer o que quiser — respondi sem ceder, minha voz pressionada contra a pele da minha garganta, forçando o seu caminho.

— Vou perguntar mais uma vez: você tem *certeza*? — ele sibilou.

Havia um profundo aviso ameaçador em sua voz, como se eu estivesse empurrando-o para um duro limite. Mas já fiz a minha escolha. Fiz isso no inverno antes do último, sentada ao lado da cama de minha mãe, ouvindo-a tossir sua vida. Fiz isso parada em uma centena de portas semi-congeladas, exigindo o que eu devia. Engoli o gosto forte de bile de volta na minha

garganta. — Sim — afirmei, tão frio quanto qualquer lorde do inverno poderia ter sido.

Ele deu um grunhido de raiva e girou para longe de mim. Caminhou até a beira da câmara e ficou de costas para mim e os punhos cerrados. — Você se *atreve* — disse à parede, sem se virar para olhar-me. — Você se *atreve* a se opor a mim, fingindo ser minha igual—

— *Você* fez isso quando colocou uma coroa na minha cabeça! — eu disse. Minhas mãos queriam tremer, com triunfo ou raiva, ou os dois ao mesmo tempo. Segurei-as apertadas. — Eu não sou sua súdita ou sua serva, e se quer um rato encolhido como esposa, encontre *outra* pessoa que possa transformar prata em ouro para você.

Ele deu um silvo de frustração e descontentamento, e ficou lá por mais um momento, respirando furiosamente, os ombros subindo e descendo. Mas então falou: — Uma bruxa poderosa se cansou dos mortais pedindo-lhe favores e construiu para si uma casa na fronteira do mundo iluminado pelo sol, para que eles não a encontrassem lá quando ela não desejasse companhia. Mas foi embora há muito tempo e não voltou, pois eu saberia se um poder tão grande voltasse ao meu reino.

Estava respirando com tanta dificuldade, ainda enfurecida, e não fez sentido para mim a princípio como vitória, como resposta à minha pergunta; parecia que tinha surgido do nada. — O que seria *muito tempo*? — questionei, apressadamente.

— Você acha que eu me importo com os momentos decisivos com os quais você conta a passagem de suas vidas no mundo iluminado pelo sol, exceto por quando devo? — ele disse. — As crianças mortais nascidas há muito tempo morreram, e as crianças de seus filhos agora são velhas, é tudo o que posso dizer. Pergunte *mais uma vez*.

Uma boa resposta até o momento: pelo menos eu esperava que nenhuma bruxa monstruosamente poderosa aparecesse e decidisse fazer de Magreta seu jantar no lugar do mingau que ela havia comido. Gostaria de saber um pouco mais de onde a comida poderia ter vindo e quem havia acendido o forno, mas não podia me dar ao luxo de perguntar; tinha uma questão mais urgente. — Prometi à minha prima que dançaria no casamento dela — falei. — E ela se casará em três dias.

Pensei que teria que continuar a partir daí, mas ele já se virou para me encarar, um brilho nos olhos: suponho que, tão sério quanto eles levaram a palavra dada aqui, ele soube imediatamente que tinha um barril sobre mim.

O que ele fez, mas não exatamente do jeito que pensava. — Então parece que você deve pedir minha ajuda — disse suavemente, com alegria visível. — E espera que eu não recuse.

— Bem, você não vai fazer isso para me ajudar — argumentei, e o mesmo deu um pequeno bufo, divertido. — E você deixou claro que há apenas uma coisa pela qual sou boa aos seus olhos. Então, quanto ouro você quer que eu faça, em troca de me acompanhar até o casamento de Basia?

Ele fez uma careta de arrependimento, como se estivesse ansioso para me ver cair e implorar por sua ajuda, mas era prático o suficiente para não deixar que isso o impedisse. — Tenho três depósitos de prata. — respondeu. — Cada um maior que o anterior, e você transformará todas as moedas em ouro antes que eu te leve para lá: e você deve trabalhar rapidamente, pois se não terminar o trabalho em tempo, não te ajudarei e você será prejudicada. — Terminou em triunfo, como se estivesse me ameaçando com um machado na minha cabeça, o que talvez estivesse; eu tinha a péssima suspeita de que, se soubesse que tinha conhecimento disso, ele consideraria um crime mortal.

— Tudo bem — assegurei.

Ele estremeceu e olhou para mim repentinamente consternado. — *O que?*

— Bem! — eu disse. — Você acabou de exigir—

— E *agora,* pela primeira vez, você não faz nenhum esforço para negociar ... — levantou-se, seu rosto ficou vermelho de novo, e tive uma sensação profunda de afundamento, mesmo quando ele falou amargamente: — Estamos de acordo. E que você complete o máximo possível da sua tarefa.

— Qual exatamente o tamanho desses depósitos? — exigi, mas ele já estava saindo da sala, sem uma pausa.

Também não parei. Toquei a campainha com urgência e Tsop voltou timidamente para dentro, lançando os olhos sobre mim para ver se eu estava, não sei, estrangulada ou espancada ou castigada por minha terrível temeridade. — Existem três depósitos de prata no palácio. — declarei. — Eu preciso que você me leve até eles.

— Agora? — ela disse duvidosa.

— Agora — eu disse.

# CAPÍTULO 14

Eu assisti Miryem ir embora e depois voltei para dentro. Magra estava encolhida junto ao forno, embrulhada em todas as suas capas e mantos. Pedi que se deitasse, mas apenas balançou a cabeça: não havia nada na cama estreita além de um monte de palha e ela confessou que era muito difícil para seus ossos velhos. — Durma, dushenka — disse. Ela que já havia encontrado algum trabalho para as mãos, uma agulha e uma bola de lã; nunca gostou de ficar parada. — Deite-se e descanse, eu cantarei para você.

A cama era estreita, rígida e desconfortável, mas eu não dormia bem desde a noite de núpcias e meus ossos não estavam velhos. Com a voz rangente familiar de Magreta em meus ouvidos, adormeci rapidamente. Ainda estava escuro do lado de fora da cabana quando sentei novamente, me sentindo muito revigorada por ter acordado no meio da noite. Magra estava dormindo profundamente na cadeira. Coloquei meu casaco de pele e saí.

A linha de sombra entre a noite e o crepúsculo não se moveu de onde cruzava o jardim. A floresta ficava espessa e silenciosa do outro lado da parede, sem quaisquer sinais de seres vivos; eu sentia falta dos sons de pássaros e animais no silêncio pesado. Dei a volta por trás para procurar pela grande banheira. Miryem me ajudou a empurrá-la contra a parte traseira do forno, do lado de fora da casa, e não havia congelado por enquanto. Quebrei a crosta com um pedaço de pau e lá, na água escura, vi a luz do sol no quarto do tsar, brilhando em todas as extensões douradas. Mirnatius estava acordado, vestido e andando pela sala, mancando um pouco, como se estivesse dolorido. Os criados com a cabeça inclinada e os

ombros curvados estavam correndo para preparar o café da manhã. Eu não sabia o que eles imaginavam que havia sobrado de mim.

Voltei para dentro e beijei a bochecha de Magra, que ainda estava inclinada perto do fogo. — Irinushka, você não deve voltar — disse ela trêmula, agarrando-se às minhas mãos. — É muito perigoso, esse plano que você fez. Essa coisa profana quer devorar sua alma.

— Não podemos ficar aqui para sempre — eu disse.

— Então espere até que ele não esteja assistindo — insistiu Magra. — Espere e vamos voltar e fugir.

— Para longe do tsar? Nos esgueirarmos para fora do palácio sem ninguém nos ver? — balancei minha cabeça. — E então o que?

— Vamos voltar para o seu pai. . . — ela disse, mas sua voz sumiu. Meu pai pode vingar meu assassinato, mas não pode me afastar de meu marido. Ele não tentaria.

Não puxei minhas mãos, estava pensando. — Se eu desaparecer agora, seja qual for a causa — falei. — será guerra. Meu pai irá à Ulrich e Casimir e dará a desculpa que precisam. E Mirnatius e seu demônio não serão fáceis. Eles queimarão metade de Lithvas, *sem pensar* duas vezes. Não importa quem vai vencer, o reino estará em ruínas. E Staryk enterrará todos nós no gelo.

Magra disse, inquieta: — Dushenka, isso não é coisa para você se preocupar.

— Quem mais existe para pensar nisso? Eu sou tsarina. — O que tecnicamente significava que eu deveria produzir um tsarevitch e permanecer quieta e discreta, mas poucas tsarinas o fizeram e, de qualquer maneira, não era uma opção aberta para mim — Eu tenho que voltar.

— E se o demônio não quiser esse rei Staryk? — ela disse. — Você nem deveria tentar fazer barganhas com essa criatura.

Eu não discordo, mas solto minhas mãos com delicadeza e digo suavemente: — Arrume meu cabelo de novo, Magreta. — Tirei a coroa e dei as costas para ela e sentando no chão, para facilitar o seu trabalho. Ela colocou as mãos nos meus ombros por um momento. Então pegou o pente de prata e a escova da bolsa e começou a trabalhar, a força e o peso das mãos tão familiares quanto o pão. Quando terminou, juntas colocamos minha coroa de volta na cabeça e depois fui para a água.

Os criados haviam deixado Mirnatius. No momento, ele estava sentado lá sozinho e de costas para a água fervendo, bebendo apenas goles da xícara

em intervalos; seu prato estava intocado. Entrei na banheira o mais lenta e cuidadosamente que pude, e saí de um dos enormes espelhos emoldurados na parede atrás dele. Dei alguns passos para longe e suavemente estendi a mão atrás de mim para abrir uma daquelas portas da varanda, como se eu tivesse acabado de entrar. — Bom dia, marido. — proferi, ao mesmo tempo, e ele caiu da cadeira, deixando tombar a xícara com uma mancha fumegante de vinho tinto no chão enquanto se virava para me encarar.

Eu estava a uma boa distância dele, poderia agradecer ao seu quarto extravagantemente enorme por isso, o que salvou meu pescoço de ser instantaneamente torcido. No momento em que ele me alcançava, eu colocava minha mão de volta na porta e dizia bruscamente: — Devo sair de uma vez e você pode ver como seu demônio gosta *disso,* ou está disposto a discutir a situação?

Parou e olhou-me pelas portas da varanda—a neve já havia chegado em volta dos meus pés, como se tivesse sido soprada pelo vento do inverno do nada, e pudesse voltar com facilidade. — O que há exatamente para *discutir*? — ele mordeu selvagemente. — Por que você continua voltando?

— Os impostos do meu pai — respondi. Pensei que o comoveria ele—ele e não seu demônio, eu precisava dele como intermediário e estava razoavelmente certa de que só queria que seu demônio zangado fosse alimentado, para que não entrasse em erupção e o vencesse. — Você sabe o que eles são? Você sabe o que são os *seus*? — eu adicionei, no caso.

— Claro que sei o que são os meus! — ele retrucou, o que significava que não fazia ideia do que meu pai era, embora devesse ter. — Eu deveria acreditar que você quer que eu corte os *impostos* de seu pai—

— O que está acontecendo com seus impostos? — o ataquei bruscamente. — Eles estão diminuindo?

— Sim, é claro, eles diminuem ano após ano. Eu ia aumentar as taxas, mas o conselho fez um barulho infernal sobre isso—por que estamos falando de *impostos*? — ele explodiu. — Você está tentando me fazer de bobo?

— Não — eu disse. — *Por que* seus impostos estão ficando mais baixos? Por que o conselho não permitiu que você aumentasse as taxas?

Ele começou a gritar comigo: — Porque o... — Então parou e terminou mais devagar: — Porque os invernos estão piorando.

Ele não era estúpido, pelo menos. Falava enquanto me olhava na varanda, coberta de neve no último dia antes de junho, com alguns flocos

esvoaçantes ainda vindo atrás de mim para desaparecer no branco de minha pele, e ele não via mais um estranho acidente do tempo. E assim que parou de vê-lo como uma única chance de azar, ele também começou a ver o resto: mais nevascas e plantações fracassadas, camponeses famintos, lordes levantando rebeliões, os exércitos bem alimentados de seus vizinhos se aproximando, seu palácio reluzente destruído em torno de seus ouvidos enquanto caía no fogo faminto que o esperava. Eu os vi rastejando um por um no seu rosto, e ele começou a ter medo, como eu queria que tivesse.

— São os Staryk — falei. — Os Staryk estão fazendo o inverno durar.

Ele ainda não estava satisfeito, mas me ouviu depois disso. Se jogou em um de seus divãs dourados e aveludados quando me sentei em outro na sua frente. Entre nós, uma mesa grande com um espelho prateado brilhava com o céu noturno profundo e a neve caindo, uma lagoa quadrada em que eu poderia ter mergulhado. Quando inclinei-me para trás, para que meu próprio reflexo não entrasse no vidro, a imagem desapareceu no teto acima, o brilho da serpente verde serpenteando em torno da maçã entre nós, enquanto Mirnatius reclinava-se com a mão sobre os lábios e ouvia minha proposta cuidadosamente em silêncio sombrio.

Concordei com Miryem, por outro lado: precisávamos trazer o rei Staryk aqui, e não o contrário. Deste lado do espelho, eu tinha o nome e o poder do meu pai nas costas e uma coroa de tsarina na cabeça. Se tivéssemos sorte e nossos dois monstros se destruíssem, provavelmente até os soldados de Mirnatius me ouviriam primeiro, por falta de mais alguém para obedecer, e meu pai tinha dois mil homens para ficar atrás de mim. Ele ainda não se importaria com o que eu queria mais do que ele jamais desejou, porém gostaríamos da mesma coisa: preservar meu pescoço.

Não compartilhei esses detalhes do meu planejamento com Mirnatius. Só contei a ele um pouco mais sobre como os Staryk estavam esticando o inverno para fortalecer seu próprio reino. — Seu demônio me quer pelo meu sangue Staryk — terminei. — Será que gostaria mais de um Staryk de sangue puro e seu rei? Se concordar, eu o trago até você, e assim pode salvar seu reino e alimentar seu demônio de uma só vez.

— E por que exatamente eu deveria acreditar em você?

— Por que *você* acha que eu continuo voltando? Já deve estar claro que não preciso, e que você também não pode me impedir de ir. Você realmente acredita que empilhar ainda mais guardas ao meu redor vai melhorar? Se sim, por que eu correria o risco?

Ele sacudiu os dedos por muito tempo e desdenhou no ar. — Eu não tenho ideia do porquê você faria isso de qualquer maneira! Por que *você* se importa se os Staryk congelaram o reino? Você é quase um deles.

Era uma boa pergunta: Magreta também havia perguntado. Eu não tinha uma resposta para ela. — Os esquilos também morrem de fome quando as árvores morrem — declarei.

— Esquilos! — ele me encarou, mas, embora eu quisesse dizer isso de maneira irreverente, as palavras pareceram estranhamente verdadeiras quando saíram da minha boca.

— Sim, esquilos. — falei, e realmente quis dizer isso. — E camponeses, crianças e mulheres idosas, e todas as pessoas que você nem vê porque são inúteis para você, todos aqueles que morrerão antes de você e seus soldados. — eu não sabia o que estava sentindo que fez essas palavras aparecerem. Raiva, eu acho. Não me lembrava de ter estado com raiva antes. Sempre me pareceu inútil, como um cachorro circulando atrás de seu próprio rabo. De que adiantava ficar zangada com meu pai, ou minha madrasta, ou com os criados que eram rudes comigo? Às vezes, as pessoas também estavam zangadas com o tempo, ou quando acertavam o dedo do pé em uma pedra ou cortavam a mão em uma faca, como se isso tivesse acontecido de propósito. Tudo parecia igualmente inútil para mim. A raiva era um fogo em uma lareira, e eu nunca tinha madeira para queimar. Pelo menos até agora.

Mirnatius estava me olhando irritado exatamente tão petulantemente quanto no jardim sete anos atrás, quando eu o disse para deixar os esquilos mortos quietos. Como ouso pensar que valem algo próximo ao prazer dele? Isso me deixou ainda mais zangada e minha voz afiada. — Você realmente se importa com as minhas razões? Você não estará pior do que agora, se eu estiver mentindo.

— Eu *posso* ficar, se você não estiver me dizendo toda a verdade, e você não está — ele respondeu. — Você ainda não me contou como desapareceu, ou para onde vai, ou onde escondeu sua velha. E certamente não está sendo informada sobre os detalhes de como vai fornecer esse senhor Staryk.

— Claro que não — eu disse. — Por que eu confiaria em você? Não fez nada desde que trocamos votos além de tentar me enfiar na garganta do seu demônio.

— Como se eu pudesse dar opinião. Você realmente acha que eu queria casar com *você*? *Ele* queria você, então fui para o altar.

— E meu pai me queria no trono, então *fui* para o altar. Você não pode se desculpar comigo alegando que foi forçado a isso.

— O que? Você não fez nada de propósito para salvar os esquilos e os camponeses manchados de lama? — zombou, mas não encontrou meus olhos e, depois de um momento, disse: — Tudo bem. Hoje à noite vou perguntar se ele aceita um rei Staryk e deixar você em troca.

— Bom. Enquanto isso — acrescentei. — Você escreverá para seus duques e ordenará que todos venham e celebrem nosso casamento conosco. E quando escrever para o príncipe Ulrich, certifique-se de dizer a ele que eu insisto em ver minha querida amiga Vassilia. Quando ela vier, a farei minha dama de companhia chefe.

Ele franziu o cenho para mim. — O que isso tem a ver com—

— Não podemos deixá-la se casar com Casimir — lembrei-lhe um pouco impaciente; nós já *falamos* sobre isso.

— Se Casimir e Ulrich querem roubar meu trono, você acha que eles se importarão que a filha deles seja sua dama de companhia? — ele demandou.

— Eles se importam em não ter um laço de sangue para uni-los — eu disse. — E seria melhor se houver um que ligue Ulrich a *você.* Casaremos ela assim que chegar. Você tem algum parente adequado na corte—alguém jovem e bonito, se possível? Não importa. — acrescentei, vendo sua hesitação. Ele tinha duas tias, e eu sabia que eles haviam produzido uma dúzia de filhos. Não conhecia todos para lembrar, mas pelo menos um deles seria um solteiro ou viúvo conveniente. — *vou* procurar alguém. Você precisa me apresentar hoje à corte.

— E por que exatamente? Garanto que você não gostará da experiência. Minha corte tem um padrão de beleza bastante elevado

Estava claro que ele não esperava que eu durasse o suficiente para ser apresentada. Talvez ele também não o fizesse. — Eu sou sua tsarina, então terão que se acostumar com minhas deficiências — afirmei. — Precisamos reprimir quaisquer rumores antes mesmo que comecem. Os criados já devem ter falado em todo o castelo que eu desapareci durante a noite, e não podemos *arcar* com sussurros. As safras serão ruins este ano, mesmo se conseguirmos parar o inverno. E você já deixou muitos de seus nobres com raiva.

Ele queria continuar protestando, pude ver, mas olhou inquieto para a neve amontoada na varanda e não disse nada. Não era estúpido, afinal; só

até onde eu sabia, ele nunca pensou por um momento na política. Imagino que tudo o que sempre desejou foram as armadilhas do governo, a riqueza, o luxo e a beleza, e nenhum trabalho por trás disso: ele não era nada ambicioso.

É claro que, se *alguma* alguma vez pensou em política, estaria se fazendo uma pergunta muito mais importante do que com quem *Casimir* se casaria. E a resposta era *eu*—assim que Mirnatius e seu demônio forem congelados ou queimados na fogueira ou, pelo menos, expostos a toda a corte e forçados a fugir, será concedida uma anulação do meu não consumado casamento.

Não gostei particularmente do príncipe Casimir. Ele ficou na casa de meu pai uma vez, e eu estava sob sua atenção na época, então o mesmo não estava no seu melhor comportamento. Fez uma criada sentar-se em seu colo e sorrir para ele, como se ela gostasse quando apertou seu peito e lhe deu um tapa em seu traseiro; mas quando partiu três dias depois, a mesma tinha um colar de ouro que não poderia ter comprado com seu salário, então, pelo menos, ele lhe deu algum retorno por isso. O príncipe tinha praticamente a idade de meu pai e era um homem que viveu quase inteiramente na superfície. Mas não era um tolo ou cruel. E mais ao ponto, estava razoavelmente certa de que não tentaria devorar minha alma. Minhas expectativas para um marido diminuíram.

Eu teceria uma rede para manter todos os Lithvas. Casimir casaria comigo e o trono o satisfaria. Vassilia, casada com um sobrinho do tsar tardio, pelo menos recusaria Ulrich, e eu coloquei um sussurro em seu ouvido que seria melhor que minha querida amiga começasse a ter seus filhos ao mesmo tempo que os meus, e prometer a ele um neto no trono, afinal. Isso o satisfaria e também aos parentes de Mirnatius. Tudo o que precisava para colocá-lo era um lugar como o espaço onde Mirnatius agora se encontrava e, convenientemente, ele se colocaria em cima de um alçapão indo diretamente para as entranhas do inferno, se eu pudesse apenas encontrar o caminho para abri-lo.

Mas primeiro, precisava do demônio dele para matar um rei Staryk para mim, ou não haveria Lithvas para salvar. Levantei-me do divã e parei, franzindo a testa levemente, como se estivesse tendo uma nova ideia. — Espere — acrescentei abruptamente. — Devemos voltar para a casa do meu pai para a celebração. Quando você escrever para os príncipes e arquiduques, diga a eles para virem a Vysnia, em vez daqui.

— Por que deveria—ah, deixa pra lá. — murmurou, erguendo a mão no ar, gracioso como um pássaro voando, com o punho de renda na cauda longa e emplumada. Fiquei satisfeita; tinha algumas desculpas prontas, mas elas eram um pouco falhas, e seria melhor se eu não precisasse usá-las. Não quis dizer a ele com antecedência que, esperançosamente, o rei Staryk estaria em Vysnia dentro de três dias, para ser o convidado em uma celebração diferente.

*

Na segunda-feira à tarde, quando estava voltando para a casa de Panova Mandelstam após a coleta, conheci dois meninos da cidade brincando na floresta. Eu não era grande como Sergey, mas ainda era maior que os meninos, então não tentaram brigar comigo, mas Panov Mandelstam estava certo de qualquer maneira, porque também não queriam brincar comigo. Um deles gritou: — Como é ter matado seu próprio pai?

Eles fugiram para as árvores e não esperaram que eu respondesse, mas pensei nisso o resto do caminho. Eu não tinha certeza se havia matado meu pai, porque só queria que não batesse em Wanda com o atiçador; eu não queria que ele caísse sobre mim. Mas, mesmo assim *tinha* acontecido e isso era parte do motivo de estar morto, então talvez não importasse que eu não quisesse. Não sabia.

Eu sabia que era bom morar com Panov e Panova Mandelstam. Parei, um pouco, de sentir fome. Mas sempre que pensava em Sergey e Wanda, mesmo estando sentado à mesa, sentia como se tivesse engolido pedras em vez de comida. Me sentiria muito bem se Sergey, Wanda e eu morássemos com Panov e Panova Mandelstam. A casa era pequena, mas eu e Sergey podíamos dormir no celeiro. Mas não conseguimos, porque Sergey havia empurrado meu pai e ele estava morto.

Então, pensei se era melhor apenas morar com os Mandelstams ou se todos nós morássemos com meu pai. Decidi que seria melhor morar com meu pai, afinal, se Sergey e Wanda estivessem lá, tudo bem. Também não poderíamos ter feito isso, mesmo que meu pai não estivesse morto, porque ele faria Wanda se casar com o filho de Kajus. Então, tive que pensar se seria melhor estar aqui com os Mandelstams ou melhor estar em outro lugar que poderia não ser tão bom, mas com Sergey e Wanda. Era difícil refletir sobre isso, porque eu não sabia como seria em outro lugar, mas depois de

muito tempo, decidi lentamente que ainda queria estar com Sergey e Wanda. Não poderia estar feliz com pedras no estômago.

A noz da árvore branca estava no meu bolso. Fiquei pensando em plantá-lo no quintal dos Mandelstams, mas ainda não o fiz. Peguei e olhei para ela e depois disse em voz alta: — Mamãe, não posso plantar a noz, porque Sergey e Wanda não podem voltar aqui nunca mais. Não vou plantar até encontrar um lugar onde nós três possamos todos viver juntos e estar seguros. — Então a guardei novamente. Lamentando não poder plantá-la, porque sentia falta de mamãe por perto, mas ainda assim parecia a decisão certa. Sergey e Wanda me deram a noz para plantar, mas mamãe iria gostar que eles pudessem visitar.

Voltei para casa com a cesta. Enquanto Panov Mandelstam escrevia cuidadosamente tudo, perguntei-lhe: — Alguém sabe onde estão Sergey e Wanda?

Ele parou e olhou para mim. — Os homens saíram para procurá-los novamente hoje. Não encontraram nada.

Fiquei feliz por isso, mas depois pensei e percebi que era ruim também. — Mas *tenho* que encontrá-los — aleguei. Se ninguém mais poderia, mesmo muitos homens grandes, então como eu faria?

Panov Mandelstam colocou a mão na minha cabeça. — Talvez eles enviem uma mensagem para você quando estiverem em algum lugar seguro. — disse ele, mas muito gentilmente, do jeito que se diz coisas boas a uma cabra quando está tentando fazê-la aparecer para que você possa amarrá-la. Isso não significava que ele queria me machucar. Só queria me manter em um lugar quente e seguro, para que não morresse na neve em algum canto. Mas se eu ficasse neste lugar seguro e quente, nunca mais seria capaz de ver Sergey e Wanda.

— Eles não podem enviar cartas — eu disse. — Se o fizessem, todos aqui saberiam onde estão e iriam capturá-los.

Panov Mandelstam não respondeu nada, apenas encarou Panova Mandelstam, que havia parado de fiar e estava olhando para ele. Então, eu sabia que estava certo, porque se não estivesse, eles teriam me dito.

Eu disse: — Sergey e Wanda estavam indo para Vysnia. Queriam pedir trabalho a alguém. — tive que pensar sobre isso, porque ele era o avô de alguém, e eu não sabia quem, o que era estranho. Mas eu sabia o nome do avô. — Panov Moshel.

— Esse é meu pai — informou Panova Mandelstam. Então disse a Panov Mandelstam: — O casamento de Basia é na quarta-feira. Nós poderíamos ir. E ... — parou de franzir a testa de maneira confusa. — E ... — tentou novamente, como se esperasse que algo saísse de sua boca, só que não estava vindo. Ele estava franzindo a testa para ela, intrigado também. Ela levantou-se da roda de fiar e andou pela sala segurando suas mãos, encarando o nada, até que parou na frente da prateleira sobre o forno. Olhou para um pequeno grupo de bonecas de madeira esculpidas ali. — *Miryem* está lá — disse ela de repente. — *Miryem* está visitando meu pai.

Falou como se estivesse empurrando contra uma parede até o nome sair. Panov Mandelstam ficou de pé tão rapidamente que sua caneta caiu no chão, seu rosto empalidecendo. Eu ia perguntar quem era, mas quando abri a boca, não consegui mais lembrar o nome que havia sido pronunciado. Panova Mandelstam virou-se, estendendo a mão. — Josef — disse. A voz subia e descia. — Josef, quanto tempo–? — Ela parou de falar e não gostei de olhar para seu rosto. Isso me fez pensar em meu pai no chão fazendo barulhos e depois morrendo.

— Vou contratar um trenó — comunicou Panov Mandelstam. Já estava ficando tarde, mas ele vestia o casaco de qualquer maneira, como se quisesse dizer que iríamos imediatamente. Panova Mandelstam correu para o pote secreto na lareira e colocou seis moedas de prata em uma sacola para dar a ele. Que a pegou e saiu.

Ela pegou um saco e foi para o quarto e começou a fazer as malas rapidamente. Fiquei feliz por procurarmos Sergey e Wanda, mas não gostei da pressa. Parecia que ela estava com medo de que algo ruim acontecesse caso parasse de se mover. Ajoelhou-se e começou a tirar as roupas da caixa. A ajudei segurando a bolsa aberta para cada peça ficar dentro, mas então parou. Estava sentada nos calcanhares, olhando para a caixa. Havia alguns vestidos pequenos demais para ela e um par de pequenas botas de couro preto. Eles estavam gastos e tinham alguns remendos, mas ainda eram bons. Ela os tocou com a mão trêmula.

— Aqueles eram seus? — eu perguntei. Não houve palavras, apenas balançou a cabeça. Colocou mais algumas coisas na bolsa e fechou a caixa. Eu pensei que tínhamos terminado, mas ela continuou ajoelhada ali com as mãos em cima da caixa, e então olhou para mim e abriu-a novamente. Tirou as botas e as deu para mim. Eu tentei calçá-las. Ficaram um pouco grande

nos meus pés, mas pareciam tão macias. Nunca tinha tido sapatos de couro antes.

— Coloque outro par de meias — me alertou, e deu um par fora da caixa, de malha e grossa, também pequenas. As botas caíram muito bem depois. Meus pés estavam quentes, mesmo quando saí para cuidar das cabras. Eu podia andar através da neve e não sentir.

— Quem alimentará as cabras e as galinhas enquanto estivermos fora? — perguntei quando voltei.

— Vou conversar com Panova Gavelyte — ela disse, e vestiu o casaco e o lenço, pegou algumas moedas do pote e saiu. Eu assisti da soleira quando foi para a casa do outro lado da rua e bateu na porta. Panova Gavelyte não a convidou para entrar. Ela cruzou os braços sobre o peito, formando uma parede, e a manteve na porta conversando. A mesma não cedeu até Panova Mandelstam estender as moedas de um centavo; depois as pegou e rapidamente entrou e fechou a porta em sua cara.

Panova Mandelstam parecia cansada quando voltou, como se estivesse viajando para muito longe ou trabalhando o dia todo nos campos, mas não disse nada. Pegou uma cesta e a encheu com comida para viajar. Então mexeu os carvões no forno e virou cinzas sobre eles até o fogo se apagar. Quando terminou, o trenó já estava chegando à porta. Panov Mandelstam estava sentado no banco. Ele saiu e pegou a cesta e o saco e a ajudou a entrar na parte de trás do trenó. Sentei-me ao lado dela e ele colocou duas capas de pele e alguns cobertores grossos sobre nós, e então fechou a porta da casa e o portão logo depois, e entrou no trenó do meu outro lado.

O motorista era um jovem magro da idade de Sergey. Estava vestindo um casaco para um homem grande e, no entanto, acho que outros dois casacos embaixo daquele, então parecia grande no banco. Ele agarrou seus enormes cavalos e o trenó deu um salto para a frente e começamos a andar. Descemos a estrada pela cidade, que estava cheia. Acho que todo mundo terminou de trabalhar pelo dia. De qualquer forma, não haveria muito o que fazer nos campos, porque a neve ainda não havia derretido. As pessoas nos assistiam passando com rostos duros e irritados. No final da estrada, alguns homens saíram de uma casa enorme com uma notável chaminé e uma placa com a imagem de uma grande caneca de krupnik fumegante pintada nela. Eles pararam o trenó na estrada e disseram a Panov Mandelstam: — Não pense que não ouviremos sobre isso, judeu, se você ajudar os assassinos a escapar da justiça.

— Vamos a Vysnia para um casamento — respondeu Panov Mandelstam em voz baixa.

O homem bufou. Encarou o nosso motorista. — Você é o filho de Oleg, não é? Algis? — disse ele. O motorista assentiu. — Você fica com os judeus. Fique de olho neles. Você entende? — Algis assentiu novamente.

Olhei para a casa. Kajus estava parado na porta com os braços cruzados sobre o peito e o queixo erguido, como se estivesse orgulhoso de alguma coisa. Eu me perguntei o que. Fitei-o. Ele olhou para mim e fez uma careta, mas parou de parecer tão orgulhoso. Se virou e entrou muito rapidamente. Algis sacudiu as rédeas e os cavalos partiram novamente. Estávamos todos quietos na parte de trás do trenó. Já tínhamos ficado em silêncio antes, mas agora não era um tipo agradável. Mesmo que estivéssemos em um trenó aberto, senti como se estivéssemos presos com ele. As árvores surgiram ao nosso redor rapidamente quando saímos da cidade. Quando virei a cabeça para vê-las passarem, todas se reuniram em uma parede de madeira construída ao redor da estrada, mantendo-nos fora.

*

Eu já sabia o que veria quando Tsop me levasse para as despensas, mas havia algo de terrível em ver as portas abertas para a primeira pequena câmara, que já era três vezes o tamanho do cofre do meu avô, baús e sacos de prata empilhados do teto ao longo de cada parede. Desanimada, andei pelo caminho deixado aberto entre eles para o segundo quarto, que era três vezes o tamanho do primeiro, embora pelo menos houvesse pequenos caminhos entre as pilhas e prateleiras de madeira para guardar o tesouro.

Mas a porta do terceiro cômodo ficava do outro lado: duas pesadas portas de madeira branca amarradas com prata, e quando as empurrei, do outro lado, encontrei uma câmara que, certamente, havia mil anos que estava esculpida lentamente do lado de fora da montanha; enorme, com colinas inclinadas de sacos e moedas brilhantes e soltas amontoadas mais alto que minha cabeça. O próprio rio serpenteava pelo meio da sala, uma estrada congelada e brilhante saindo de um arco escuro para o outro: como se atravessasse as profundezas da montanha por todo o caminho, vindo do bosque de árvores brancas, e seguindo em frente até a cachoeira da montanha. Passei um dia trocando um único baú. Não conseguia imaginar

quanta mágica seria necessária para transformar tudo isso em ouro e quanto tempo. Mais do que eu tinha.

Tsop estava parada ao meu lado, me olhando de soslaio. — Vá me trazer algo para comer e beber. — disse sombriamente, e depois voltei para o primeiro quarto.

Já tive um longo dia, e o que eu queria era minha cama. Em vez disso, esvaziei os sacos e enchi minhas mãos com moedas de prata e as coloquei de volta como ouro. Tentei enfiá-las em uma bolsa e trocar tudo de uma vez, mas não funcionou corretamente: as moedas mudaram de maneira desigual e, quando as derramei, havia uma dúzia ainda prateadas. Eu não iria mudar todas as moedas do lugar e depois ter minha garganta cortada pelo rei por uma que rolou para o canto. Estava perfeitamente certa de que, se por engano deixasse alguma sobrando, ele a *encontraria*. Foi mais prático fazer isso com cuidado do que ter que verificar minuciosamente depois. O que não quer dizer que foi rápido. Eu só tinha feito alguns sacos quando Tsop voltou com uma bandeja de comida e bebida.

Quando terminei de engolir alguns bocados, olhei para o guardanapo na bandeja e o espalhei pelo chão. Peguei o saco seguinte e entornei metade dele no guardanapo, uma camada grossa de prata se derramou, para que eu pudesse ver quais haviam sido modificadas. Depois de algumas tentativas, encontrei uma maneira de mudá-las apenas passando a mão sobre elas—não muito rapidamente, ou a alteração não seria completa, mas se me movesse em um ritmo constante e continuasse impondo minha vontade acima delas, todas se transformariam.

— Traga-me uma grande toalha de mesa escura, a maior que você puder encontrar — disse a Tsop, e quando trouxe, comecei a despejar os sacos e baús nela. Eu poderia colocar dois ou três de uma vez no pano e, quando terminei com um lote, o puxei por baixo, derramando as peças douradas e espalhando o pano novamente sobre elas.

Tornou-se chato, o que parece ridículo de se dizer. Estava esparramando magia pelo balde, transmutando prata em ouro brilhante com meus dedos, mas com muita rapidez deixou de ser mágico. Gostaria de transformar parte em pássaros, ou simplesmente incendiá-la. Parou até de ser uma benção, do mesmo jeito que você pode dizer uma palavra muitas vezes seguidas e reduzi-la a bobagem. Estava cansada e rígida e meus pés e dedos doíam, mas continuei trabalhando. Sentei-me em ouro e escorreguei sob os pés enquanto pegava mais prata das prateleiras e deixava fantasmas de sacos

vazios e caixas viradas para cima em uma pilha crescente no canto. O tempo passou sem marca, até que joguei o baú final naquele primeiro quarto, e troquei as últimas peças de prata nele. Fui cambaleando para todas as prateleiras da sala, procurando por algo que restava para mudar, e quando não encontrei nada depois de dar três voltas, fiquei parada estupidamente por mais alguns momentos e depois me deitei na minha montanha de ouro como um dragão improvável e adormeci, sem querer.

Acordei com um empurrão e olhei para cima, encontrei o lorde Staryk em pé sobre mim, examinando o tesouro que fiz; ele pegou um punhado de moedas e estava encarando o brilho quente com uma fome avarenta e brilhante no rosto. Lutei para me levantar em um sobressalto, tropeçando no ouro alterado. *O mesmo* não teve nenhum problema em manter o equilíbrio. Até estendeu a mão para pegar meu braço e me firmar, embora o gesto fosse menos gentil do que me impedir de debater-me ao lado dele. — Que horas são? — eu soltei.

Ele me ignorou ao invés de responder à minha pergunta, o que significava que pelo menos não era noite; não perdi um dia inteiro. Também não senti como se tivesse dormido muito tempo: meus olhos ainda estavam arenosos e cansados. Respirei fundo. Ele foi fazer uma pesquisa na sala, olhando para baús e sacos vazios, ainda segurando aquele punhado brilhante. — Bem? — eu o desafiei. — Se eu perdi alguma coisa, diga agora.

— Não — respondeu, deixando as moedas escorrerem de sua mão para tilintar entre as outras no chão. — Você mudou todas as moedas nesta primeira despensa. Ainda restam duas. — Parecia quase educado sobre isso, e ele realmente inclinou a cabeça para mim, o que me surpreendeu o suficiente para que só o olhasse até que saísse novamente. Então, com um empurrão, me arrastei e deslizei pela pilha dourada até a porta, e subi correndo as escadas para os meus próprios aposentos.

Mas na minha cama encontrei o espelho que ele fez para mim com o nascer do sol subindo rosa e dourado dentro dele. Sentei-me na cama com um baque, sem esperança, e o olhei na minha mão. Passei uma noite inteira ou quase toda na menor dispensa. Eu poderia esperar terminar a segunda, se não dormisse novamente, mas mal conseguiria trocar uma única moeda na terceira antes que meu tempo acabasse.

Pensei em fugir. Poderia chegar até a cabana na floresta, talvez, mas que bem isso me faria? Não conseguiria sair do reino dele. Mas também não

desci as escadas. Em vez disso, toquei a campainha e disse a Tsop e Flek para me trazerem o café da manhã e não me apressei. Sentei-me ressentidamente comendo pratos cheios de peixe e frutas frias, como se não me importasse com o mundo, muito menos uma enorme espada de prata pendurada sobre minha cabeça. A polidez do meu marido me deixou ainda mais certa de que isso significaria minha morte se eu não tivesse sucesso, e Tsop e Flek trocaram olhares quando pensaram que não estavam sendo observadas por mim, como se estivessem se perguntando o que eu estava fazendo. Mas por que tentar, se tudo que eu podia fazer era deixar uma pilha de ouro maior para trás para ele cortar minha cabeça? Sua lei parecia não permitir erros, e se você não pudesse fazer o que disse, eles repariariam a falha no mundo te colocando para fora dele.

Estava prestes a beber outro copo de vinho–por que não ficar bêbada afinal, para falar a verdade–mas então parei abruptamente e o coloquei novamente na mesa. Levantei-me e disse a Tsop e Flek: — Desça comigo às depensas. E peça para Shofer nos encontrar lá. Diga a ele para pegar o maior trenó nos estábulos, e quero que o traga para mim.

Tsop me encarou. — Para *dentro* da despensa?

— Sim — assegurei. — Agora o rio está congelado, afinal. Então diga a ele para descer o bosque até chegar lá.

O cervo parecia bastante duvidoso saindo do túnel e abrindo caminho delicadamente entre as vastas colinas de prata: ele tinha que vir e liderá-los pela cabeça. Flek, Tsop e Shofer pareciam ainda mais duvidosos do que isso quando contei o que queria que fizessem. Eu cuidadosamente não pedi para eles fazerem, apenas disse. — Mas . . . onde você quer que a *levemos*? — Tsop disse depois de um momento.

Apontei para a boca escura do túnel do rio, do outro lado da despensa. — Dirija o trenó até lá e jogue fora. Certifique-se de deixar espaço suficiente para tudo isso.

— Apenas*deixar* lá? — disse Flek. — No túnel?

— Alguém vai roubá-lo de lá? — eu perguntei friamente. Todos se encolheram e, apressadamente, evitaram sequer olhar para mim, caso eu devesse ler uma resposta em seus rostos. Na verdade, não me importava se era seguro. O que interessava era: prometera trocar cada peça de prata *dentro desses três depósitos*. Então tinha que ter muito menos aqui, muito rapidamente. E se meu marido não gostasse da nova localização do seu dinheiro, ele poderia movê-lo depois que eu terminasse.

Após um momento, Shofer silenciosamente pegou três sacos em cada mão e os jogou no trenó. O cervo sacudiu as orelhas para trás com as pancadas. Depois de outro momento, Flek e Tsop começaram a ajudá-lo.

Uma vez que vi que estavam realmente fazendo isso, me virei e voltei para o segundo quarto e comecei a trabalhar com meu pano escuro outra vez. Foi ainda mais entediante do que ontem: todos os meus membros estavam doloridos, e eu não estava tão exausta, por isso era mais chato e torturante. Mas continuei despejando um saco atrás do outro e trocando-os de prata para ouro, prata para ouro, e enfiando as peças de ouro nos espaços vazios enquanto trabalhava. Não parei para comer ou beber novamente; pendurei o espelho na corrente em volta do meu pescoço e o sol estava brilhando nele com uma velocidade agora alarmante. Haviam seis prateleiras enormes segurando incontáveis baús de prata, e eu nem tinha terminado uma metade antes do brilho dourado do meio-dia começar a desaparecer mais uma vez. Acabei de iniciar a segunda prateleira quando o primeiro brilho do pôr do sol começou a cintilar na borda do vidro. O primeiro dos meus três dias se foi.

Meu marido apareceu alguns momentos depois, em seu cronograma de relógio assassino. Pegou um punhado de peças douradas da pilha bagunçada na porta e deixou-as escorrerem por seus dedos enquanto olhava ao redor para o meu progresso; ele comprimiu os lábios e balançou a cabeça, como se estivesse irritado ao ver o quanto ainda restava para fazer. — A que horas é o casamento? — ele exigiu.

Eu estava me concentrando muito—achei que podia gerenciar com segurança as peças, se trabalhasse bastante nisso–mas a pergunta me interrompeu. Recostei-me com um suspiro. — O que prometi foi dançar no casamento deles, e os músicos vão até a meia-noite — falei friamente. — Eu tenho até lá. — Apesar de toda a minha bravata, não pareceu tanto tempo: duas noites restantes e dois dias, para abrir caminho através de uma montanha com uma colher.

— Você não terminou aqui e ainda há todo o terceiro depósito a ser trocado — disse ele, amargamente, quando era sua culpa por exigir o impossível em primeiro lugar. Fiquei feliz pelas portas estarem fechadas, para que não pudesse ver o que estava acontecendo dentro da última sala do seu tesouro. — Bem, você mudará o que puder antes de falhar — encarei-o. Se eu não tivesse nenhuma perspectiva de sucesso, certamente teria parado de tentar naquele instante.

Ele ignorou meus olhares e apenas falou friamente: — Faça suas perguntas.

Eu desejava mais tempo ao invés de respostas. Suponho que poderia ter perguntado o que faria comigo se eu não tivesse sucesso, mas não queria muito saber e tinha algo mais a temer com antecedência. — Como posso fazer isso mais rápido, se você souber de uma maneira? — perguntei. Não tinha muita esperança, mas ele certamente sabia mais sobre magia do que eu.

— Você apenas pode fazer isso o mais rápido que conseguir. — esclareceu, olhando-me quase desconfiado, como se a pergunta fosse tão ridícula que não conseguia acreditar que tinha sido feita por mim. — Por que eu saberia, se você mesma não sabe?

Balancei minha cabeça em frustração e esfreguei as costas da minha mão na testa. — O que existe além do limite do seu reino? Onde a luz acaba.

— Escuridão — respondeu.

— Eu podia ver isso por mim mesma! — afirmei com aspereza.

— Então por que pergunta? — ele disse, em igual resposta de irritação.

— Porque eu quero saber o que está *no* escuro! — expliquei.

Ele fez um gesto impaciente. — Meu reino! Meu povo e nossa força profunda, isso que fortalece a montanha. Através das eras de suas vidas mortais, elevamos nossos muros brilhantes e juntos conquistamos essa estabilidade do escuro, para que possamos habitar no inverno. Você acha que isso é levemente feito, que você pode passear cegamente pelas fronteiras do meu reino e encontrar seu caminho para outro? — então olhou ao redor da sala e a pilha de prata com uma acidez reduzida. — Talvez agora se arrependa da sua promessa mortal e apressada, e se pergunte, para onde pode *fugir,* de um juramento quebrado em meu reino? Não imagine que você encontrará algum caminho para os reinos de Dwarrow, ou que eles a abrigariam contra retribuição.

Ele zombou de mim, como se eu tivesse vergonha de fugir dele. Bem, teria fugido sem a menor hesitação, mas não tinha mais noção de como encontraria esse reino Dwarrow do que a lua, e tinha certeza de que ele estava inteiramente certo sobre as boas-vindas que receberia de quem vivesse lá. Mas isso me deixou sem uma pergunta para fazer. Não me importava mais com seus costumes ou seu reino: de um jeito ou de outro, eu estava deixando o assunto, e a única coisa que desejava era continuar meu

trabalho. — Existe alguma utilidade que você possa ter para mim nisso tudo ? — perguntei.

Ele fez um gesto impaciente. — Não consigo ver nada e, se conseguisse, você não tem mais nada para trocar por minha ajuda em todo caso — respondeu. — Você prometeu seu presente muito alto na insensatez, e tenho pouca esperança de que possa resgatá-lo.

Ele se virou e me deixou, e eu olhei para as montanhas venenosas de prata ao meu redor, e pensei que provavelmente estava certo.

# CAPÍTULO 15

Estava tão frio naquela pequena casa depois que Irina partiu, e do lado de fora as árvores brancas pareciam ter se aproximado mais nas janelas, como se quisessem alcançar seus galhos. Eu mantive o tapete de pele pesado agarrado aos meus ombros e arrastei a cadeira até a lareira e fiquei lá tremendo enquanto comia outra porção de mingau, meus ossos doíam de modo que eu podia sentí-los esfregarem um contra o outro a cada articulação, um pouco de dor toda vez que me movia. Mas o pior de tudo era estar sozinha, com o inverno terrível lá fora. Coloquei outro pedaço de pau no fogo e o agitei para fazer uma chama mais forte saltar, como um pouco de companhia, e evitando aquela escuridão fria do lado de fora que não mudaria. Não era um lugar para uma velha estar, uma velha cansada. — Fique fora da floresta ou o Staryk irá arrebatá-la e levá-la para o reino deles — dizia minha mãe, quando eu era pequena. E agora aqui estava eu escondida no reino deles como um rato, e quando o fogo se apagou e quando o mingau se foi? Pelo menos havia muita madeira na caixa ao lado do forno.

Era uma empregada peculiar que morava lá. Enquanto Irina conversava com aquela estranha judia, encontrei morangos, mel, sal e aveia e seis bolas enormes de fios ásperos, irregulares como mingau granuloso, ao lado de um eixo à moda antiga. Ele pegou nos meus dedos, mas a lã por baixo era boa; só tinha sido girado sem cardagem ou cuidado, por alguém com pressa demais para fazê-lo corretamente. Minha senhora duquesa teria rachado minha mão nas juntas dos dedos com a bengala se eu tivesse feito uma bagunça aos seus olhos. Agora não mais a duquesa, é claro—Galina era

uma boa administradora, mas girava muito indiferente; nem a mãe de Irina antes dela, que quando ela girava fazia fios que brilhavam como alabastro em seu eixo enquanto olhava pela janela e cantava baixinho para si mesma, e nunca olhava para o trabalho das mãos de outras pessoas. Mas era a duquesa, antes de qualquer um deles.

Ela tinha ido ao convento há muito tempo, é claro; dez anos morta agora, eu ouvi, Deus a mantenha à vista dele. Eu a vi pela última vez naquele dia terrível em que o pai de Irina quebrou a muralha da cidade, na batalha que o tornara duque, ajudou a colocar o pai do tsar em seu trono. Observamos a fumaça dos combates juntas do palácio, todas nós, suas mulheres juntas, até que a fumaça começou a se mover para a cidade. Então ela se afastou da janela e disse: — Venha — para mim e para as outras meninas, as seis de nós que não somos casadas, e nos levou para os porões para um pequeno quarto nos fundos, com uma porta aberta das pedras do muro, e nos trancou nele. Essa foi a última vez que a vi.

Estava tão frio e escuro e fechado. Aquele lugar parecia novamente para mim agora, na cabana escura e fria, com o inverno mortal pressionando. Nos abraçamos, choramos e trememos. E eles nos encontraram de qualquer maneira lá, os soldados. Encontraram tudo na casa—jóias, móveis, a pequena harpa dourada que Lady Ania tinha tocado antes de morrer de febre; eu vi esmagada no corredor. Havia muitos deles, como formigas que encontram qualquer migalha que alguém deixou sem varrer.

Mas quando eles abriram a porta do quartinho, já era muito tarde da noite; eles já estavam cansados, e eram apenas alguns deles; a maioria dos homens adormeceu. Eles só nos encontraram porque estávamos tão assustadas até então, nós pensamos que já fazia dias, embora fossem apenas horas, e uma das meninas começou a balançar e dizer que ninguém jamais nos encontraria e que morreríamos ali murados acima. Todos nós pegamos o terror dela, de modo que, quando ouvimos vozes passando, primeiro uma, e depois o resto começou a gritar por ajuda. Então, quando eles nos trouxeram para fora, caímos nos braços deles, chorando, e eles foram gentis conosco, e nos deram um pouco de água quando nós os imploramos por isso, e um deles era um sargento, que nos levou até seu lorde e disse a ele que nós estávamos trancadas nos porões.

Erdivilas, o Baron Erdivilas que ele era na época, estava no escritório do duque, já em casa, seus próprios documentos por toda parte e seus próprios homens entrando e saindo. Também não parecia muito diferente para mim.

Eu só tinha ido uma ou duas vezes lá. Eu não era tão bonita para que o duque me chamasse, nem tão feia para que a duquesa me mandasse embora, quando ela queria lhe enviar uma mensagem. O novo duque tinha um rosto mais duro que o antigo. Mas depois que ele nos olhou, ele disse. — Leve-as para os aposentos das mulheres e diga aos homens para deixá-las em paz; nem sempre precisamos ser brutos. Faça o que puder pelos outros — ele nos disse. Tentei o melhor que pude e, quando não pude fazer mais nada, fui e girei a lã que restava nos quatros da minha senhora, e fiz muitos novelos de fio fino enquanto na cidade apagavam o fogo, e assim por diante quando as coisas foram resolvidas um pouco mais, ele me manteve em sua casa, pois não mantinha ninguém que não se tornasse útil o suficiente.

Fiquei grata por isso, como se tivesse saído daquele porão esmo por soldados inimigos. Eu não tinha marido, nem dom, nem amigos. Minha mãe tinha sido esposa de um pobre cavaleiro que perdeu sua pequena terra para o jogo e para os judeus. Ele conseguiu um lugar para ela com a duquesa e partiu para a Cruzada para morrer, e a duquesa me manteve com suas mulheres por bondade quando minha mãe também morreu—a mesma febre, naquele ano de inverno, e ela estava triste por Ania; eu era apenas alguns anos mais jovem. Mas eu não era mais jovem quando a cidade caiu, e ela foi para irmãs sagradas antes mesmo de eu sair do porão.

Não havia mais ninguém para mim. Não havia ninguém para mim, não havia desde que minha mãe morreu. Fiquei nos aposentos das mulheres e girei, e ainda assim os anos foram passando e minhas mãos começaram a doer se eu girasse demais, e meus olhos começaram a ver bem menos para costurar bem. Então, quando Silvija, a mãe de Irina, morreu com o menino morto, eu não fiquei com as outras senhoras chorando obedientemente. Eu me arrastei para o berçário onde a pequena dormia. Ninguém gostava dela, como ninguém gostava de sua mãe, porque elas não pareciam gostar de ser amadas. Ela estava quieta demais o tempo todo e, embora não tivesse os olhos estranhos de sua mãe, ainda parecia estar pensando demais por trás deles. Irina estava sentada na cama quando entrei, como se tivesse sido acordada pelo o soluço. Ela não estava chorando. Ela só olhou para mim com aqueles olhos escuros e eu me senti desconfortável, mas sentei-me ao seu lado e cantei para ela e disse que tudo ficaria bem, de modo que quando Erdivilas chegou ao quarto, já me encontrou cuidando dela, e me disse para continuar fazendo isso.

Fiquei feliz por ter um lugar seguro novamente, mas depois que ele saiu da sala, Irina ainda me olhou pensativa, como se entendesse porque eu vim cuidar dela. Claro que vim a amá-la muito em breve. Eu não tinha mais ninguém para amar, e mesmo que ela não fosse minha, eu fui emprestada a ela. Mas eu nunca tinha certeza do que ela sentia por mim. Outras crianças corriam para suas enfermeiras e suas mães de braços abertos e beijos. Ela nunca fez. Eu disse a mim mesma todos esses anos que era apenas o jeito dela, fresca e quieta como a neve recém-caída, mas ainda em meu coração secreto eu não tinha certeza absoluta, até o tsar ter enviado homens para me fazerem machucá-la, e vi que teria funcionado. Oh, era uma maneira estranha de ser feliz.

Ela dormiu na cama aqui na cabana por um tempo, e eu tinha cantado sobre ela, sobre minha garota, sentada perto da lareira como todos esses anos, e agora eu sabia que ela era minha, e não apenas emprestada por um tempo. O fio que encontrei estava solto o suficiente para poder separar a lã com facilidade, mesmo agora com as mãos com as juntas dos dedos grandes, e eu tinha o pente e a escova de prata, o pente e a escova era tudo que a mãe de Irina havia deixado para a filha. Penteei a lã macia e virei-a desde o começo, enrolando-a em metades, e depois que cada uma delas foram terminadas, coloquei outra lenha no forno e fiquei sentada matando tempo, até Irina acordar.

Mas ela voltara a ele agora, àquela criatura monstruosa agachada no palácio, mau negra disfarçada de beleza. Se ele a machucasse, se ele não escutasse. . . Mas de que serve se preocupar? Eu não podia fazer nada, uma mulher idosa carregada tanto tempo aqui e ali no riacho da vida e lavada agora para esta beira estranha; o que eu poderia fazer? Eu a amava e cuidei dela o melhor que pude, mas não a protegi de homens ou demônios. Trancei o cabelo dela novamente, coloquei a coroa em sua cabeça e a deixei ir. E quando ela saiu, eu fiz o que pude, que era sentar e esperar e girar, até minhas mãos ficarem pesadas e eu as descansar no meu colo e fechar os olhos por um tempo.

Acordei com um sobressalto e o último tronco rachando. Do lado de fora houve um passo, e eu estava com medo e perdida, tentando lembrar onde estava, porque estava tão frio, enquanto os passos se aproximavam e Irina abriu a porta. Por um único momento terrível, eu ainda não a conheci—ela era tão estranha e prateada na abertura, com aquela coroa larga na testa e o inverno lá fora se amontoando atrás dela, e ela parecia parte disso. Mas

ainda era o rosto dela, e o momento passou. Ela entrou, fechou a porta e depois parou e olhou para ela. — Você fez isso, Magra? — ela me perguntou.

— O que? — eu disse, confusa.

— A porta — disse Irina. — está devidamente presa à parede agora.

Eu ainda não entendi: não tinha sido antes? — Eu só estava girando — eu disse, e pretendia mostrar a ela o fio, mas não conseguia me lembrar onde havia colocado os fios enrolados; eles não estavam sobre a mesa. Mas não era importante. Levantei-me e fui até minha garota e segurei suas mãos, suas mãos frias; ela trouxe uma cesta cheia de coisas para mim. — Você está bem, dushenka? Ele não te machucou? — ela estava segura por outro momento, mais um momento, e toda a vida eram apenas momentos, afinal.

*

Sergey e eu olhamos juntos para a panela de mingau e não dissemos nada. Então nos viramos e olhamos para o resto da casa. Lembrei-me de repente que havia guardado meu fio na prateleira com o eixo e as agulhas de tricô, mas agora estava tudo em cima da mesa. Ou eu pensei que era o meu fio, mas não era. Tinha sido enrolado em fios enrolados e quando peguei uma, era diferente, suave e macia e muito mais fina. Havia um pente de prata ao lado deles, um lindo pente de prata que parecia algo que uma tsarina teria, com uma foto de dois cervos com chifres desenhando um trenó no bosque nevado.

Procurei nas prateleiras meu fio, mas ele se foi. O fio fino e liso tinha a mesma cor. Quando olhei de perto, era a mesma lã. Só tinha sido girado de maneira diferente, como se quisesse me mostrar o que se queria.

Sergey estava olhando para a caixa de fogo. Estava meio vazio. Nós olhamos um para o outro. Tinha ficado muito frio novamente durante a noite, então um de nós poderia ter descido para colocar mais lenha no fogo. Mas eu sabia que não tinha feito isso, e pude ver pelo rosto de Sergey que ele não havia feito. Então Sergey disse: — Vou ver se consigo um esquilo ou um coelho. E vou buscar mais madeira enquanto estiver lá.

Ainda havia muita lã que Sergey havia lavado para mim. Eu nunca tinha fiado fios tão finos quanto os fios aqui, mas agora tentei fazê-lo melhor. Penteei a lã por um longo tempo com o pente de prata, com cuidado para não quebrar os dentes e, quando finalmente comecei a girar, lembrei-me de

repente de minha mãe me dizendo para apertar o fio. *Tente ir um pouco mais rápido que isso, Wanda.* Eu esqueci. Eu parei de tomar cuidado com a forma como eu fiava depois que ela estava morta. Não havia ninguém em nossa casa que soubesse melhor do que eu como deveria ser. Olhei para a minha própria saia, que era tricotada mais ou menos com o meu fio irregular. Antes de morrer, minha mãe fazia grandes fios enrolados de lã de nossas cabras e os levava para o vizinho, a três casas que tinham tear, e voltava com um pano. Mas o tecelão não pegava meu fio, então sempre tive que tricotar nossas roupas.

Levei muito tempo, horas, apenas para fiar uma bola de fio bom. Sergey voltou quando eu terminei. Ele pegou um coelho, marrom e cinza. Fiz outro pote de mingau para nós enquanto ele o esfolava. Coloquei toda a carne e os ossos na panela para fazer um ensopado com o mingau e algumas cenouras. Eu fiz o máximo que a nossa panela podia aguentar, mais do que nós dois comeríamos. Sergey me viu fazendo isso e ele não disse nada e eu não disse nada, mas nós dois estávamos pensando a mesma coisa: não queremos que quem estivesse comendo nosso mingau e girando o fio estivesse com fome. Se eles não comiam o mingau, quem sabia o que eles poderiam querer comer?

Enquanto cozinhava, pensei em começar a tricotar. Eu queria ver quanto da cama eu poderia cobrir com o que eu já tinha, para não perder tempo girando mais fios do que precisamos. Tricotei uma tira com o dobro da largura da cama, medindo-a até que fosse longa o suficiente, e depois continuei a partir daí. O trabalho não foi rápido. Tentei ser cuidadosa e mantê-lo calmo e suave. Mas eu também não estava acostumada a tricotar com tanto cuidado. Era difícil lembrar de não deixá-lo tão solto. E então, em um lugar, eu o tornei muito apertado, e não percebi a princípio até já tricotar três fileiras adiante e comecei a ter que me esforçar muito para colocar as agulhas. Depois, tentei continuar e apenas fazê-lo melhor a partir de então, mas eu tinha tornado a última linha tão apertada que estava indo muito devagar, como tentar andar por lama espessa, e finalmente desisti e desfiei essas três grandes fileiras e fiz a parte errada de novo.

Depois que terminei o primeiro novelo, parei e olhei o quanto havia ganho. Era um pedaço tão extenso como minha mão. Foi tão bem fiado e enrolado que havia mais fios do que eu pensava que poderia haver. Eu medi o comprimento da cama com as mãos e contei dez. Eu tinha cinco novelos e o novelo de lã que fiz hoje. Então, se eu fizesse apenas mais três novelos de

lã, isso seria suficiente. Dobrei meu tricô com cuidado, coloquei-o na prateleira e voltei a girar.

Eu fiei a tarde toda. Ainda estava ficando cada vez mais frio. Ao redor da porta e das janelas havia pequenas nuvens de neblina onde o ar do lado de fora entrava pelas rachaduras, e começava a haver geada rastejando por dentro. Sergey não pôde me ajudar, então ele fez dobradiças de madeira para pendurar a porta. Ele havia encontrado alguns pregos velhos e uma pequena serra enferrujada em um canto do galpão para fazê-las. No interior da casa, ele pregou mais alguns galhos nas bordas da porta, tornando a abertura menor que a porta, para bloquear o vento. Ele fez a mesma coisa em cada janela. Então ele cobriu tudo com palha e lama. Depois disso, o ar frio não pôde entrar e nós estávamos quentes e aconchegantes na casa. O forno e o mingau o encheram com um bom cheiro. Era estranho estar naquele lugar quente e quieto com comida. Parecia estranho porque eu já estava acostumada. Era tão fácil de se acostumar.

Paramos para comer depois que eu terminei de girar. — Acho que posso terminar em mais três dias — disse a Sergey, enquanto comemos o bom mingau de carne. Deixamos bastante na panela.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Sergey me perguntou.

Eu tive que parar e contar na minha cabeça. Comecei desde o dia do mercado. Eu havia vendido os aventais no mercado. Fiz isso de manhã e depois fui para casa e Kajus estava lá esperando. Mesmo na minha cabeça, eu me apressei para que o resto disso passasse, mas ainda era um único dia. Depois, corremos para a floresta e continuamos muito tempo no meio da noite. Até nós encontrarmos a casa. Nós tínhamos encontrado a casa naquele dia. Não parecia que tudo poderia ter sido no mesmo dia, mas tinha sido. — É segunda-feira — eu disse finalmente. — Hoje é segunda-feira. Estamos aqui há cinco dias.

Depois que eu disse isso em voz alta, nós dois ficamos quietos sobre nossas tigelas. Não parecia que estivéssemos naquela casa cinco dias. Mas isso não foi porque parecia que nós tínhamos acabado de chegar. Parecia que sempre estivemos aqui.

Então Sergey disse. — Talvez eles tenham mandado uma mensagem para Vysnia, sobre nós.

Parei de comer e olhei para ele. Ele quis dizer, talvez não devemos ir sempre. Ele quis dizer que devemos ficar aqui. — Teria sido difícil enviar com toda a neve — disse lentamente. Eu também não queria ir embora. Mas

também ainda tinha medo desse lugar onde as coisas saíam do nada e alguém girou para mim, comeu nosso mingau e queimou nossa madeira. E eu não vi porque estava tudo bem para nós ficar. Não havia problema em nós ficarmos quando congelaríamos até a morte. Nós tivemos que fazer isso. E temos pago pela comida. Temos arrumado a cadeira e arrumamos a cama. Fechamos as janelas e portas. Mas isso não a faz *nossa* casa, a possibilidade de ficarmos para sempre. Alguém construiu esta casa e não fomos nós. Nós não sabemos quem eles eram. Não podemos perguntar a eles se poderíamos ficar, mesmo que eles deixassem.

— Nós não podemos sair por três dias de qualquer maneira — disse Sergey. — Talvez a neve derreta até lá.

— Vamos ver — eu disse depois de um momento. — Talvez o tricô não me leve tanto tempo.

Mas depois que limpamos a mesa, voltei para a prateleira onde tinha deixado meu tricô e ele não estava lá. Em vez disso, na prateleira, havia meio pedaço de pão ainda fresco e, embaixo de um lindo guardanapo, havia um presunto pequeno, uma rodela de queijo e um pedaço de manteiga, com apenas um pouquinho de cada um. Havia uma grande caixa de chá e até um pote de cerejas em calda, como Miryem havia comprado para comer uma vez no mercado. Havia até uma cesta grande o suficiente para guardar tudo.

Fiquei olhando as coisas por tanto tempo que Sergey ficou preocupado e veio ver também. Nós não sabíamos o que fazer. Não era algo que nós pudéssemos acreditar que tivesse acontecido de alguma maneira real. Não podemos fingir que não tínhamos visto toda aquela comida. Não podemos fingir que alguém havia entrado em casa, colocado aquela comida lá e ido embora de novo. Nós não estávamos dormindo.

Claro que queremos comer um pouco dessa comida bonita. Minha boca lembrava o sabor daquelas cerejas, a calda doce e espessa como o cheiro do verão. Nós estávamos com medo, no entanto, ainda mais do que temos em relação à aveia e ao mel. Era comida que nem fingia vir com a casa. E nós tínhamos acabado de comer, então nós não estávamos com muita fome.

— Devemos guardá-lo para mais tarde — eu disse depois de um momento. — Não precisamos disso agora.

Sergey assentiu. Então ele pegou o machado. — Vou quebrar alguns troncos — disse ele, e saiu para o quintal, apesar de estar escuro. Nós precisamos de mais madeira. Nós não tínhamos colocado lenha no fogo o dia inteiro, mas a caixa estava quase vazia.

Encontrei o tricô deitado no berço. Era diferente, e quando eu a desdobrei, a peça tinha o mesmo tamanho que eu havia feito, mas tudo havia sido feito desde o início. Agora tinha um padrão, um design bonito como uma videira elevada com flores que eu podia sentir com os dedos. Eu nunca tinha visto nada assim, exceto à venda no mercado por dinheiro, e também não tão bem.

Desenrolei algumas delas para tentar ver como a imagem foi feita, mas cada linha era tão diferente que os pontos mudavam muito de uma para outra e não eu conseguia lembrar como era a próxima. Então pensei, é claro, que era mágico. Peguei um pedaço de pau da lareira com uma ponta carbonizada e usei a mágica que Miryem havia me ensinado. Comecei no início da videira na primeira linha e contei quantos pontos havia em uma linha e escrevi esse número e, se fosse um ponto à frente, coloquei uma marca acima e se fosse um ponto para trás, eu colocava uma marca abaixo. Eu tive que fazer algumas outras marcas também, quando os pontos foram reunidos ou adicionados. Eu tive que diminuir meus números como se estivesse escrevendo no livro de Miryem. Havia trinta linhas diferentes antes de eu voltar para a primeira.

Mas, quando terminei, eu tinha o quadro inteiro ali no chão, transformado em números. Parecia muito diferente. Eu não tinha certeza se acreditava que poderia realmente ser a mesma coisa. Mas lembrei-me de como aquelas pequenas marcas no livro de Miryem se tornaram prata e ouro, peguei o tricô e comecei a adicionar outra linha. Não olhei para a figura enquanto trabalhava. Eu pensei que tinha que confiar nos números. Assim fiz, e os segui, por todas aquelas trinta fileiras, e então parei e olhei para o que havia feito, e havia todas as videiras e folhas, igualmente bonitas, e eu consegui fazer. A mágica funcionou para mim.

Sergey voltou, batendo os pés. Havia um pó branco sobre seus ombros. Ele colocou seu braço grande cheio de madeira na caixa, mas ele só a encheu até a metade. — Eu preciso ir buscar mais — disse ele. — Está nevando de novo.

*

— Você está quente o suficiente, Stepon? — Panova Mandelstam me perguntou. Eu disse que estava porque, por mais quente que estivesse, tinha que estar quente o suficiente, porque não havia nada a fazer sobre isso se eu

não tivesse. Eu estava no melhor lugar do trenó, encolhido entre Panov e Panova Mandelstam sob os cobertores e pelos, mas eu estava ficando com mais frio o tempo todo. No começo, pensei que estava com muito frio porque Algis estava nos espionando, mas não era por isso. Ficou cada vez mais frio durante toda a tarde, e no alto havia nuvens cinza-escuras cada vez mais espessas. Nós não estávamos no meio do caminho de Vysnia quando finalmente começou a nevar. Foi só um pouquinho no começo, mas depois começou a ficar cada vez mais rápido, até que não conseguimos ver o que havia na frente das cabeças dos cavalos. Depois de um tempo, Panova Mandelstam disse. — Talvez devemos parar na próxima vila pelo resto da noite. Não deve estar longe.

Mas não chegamos a nenhuma casa, apesar de o trenó continuar por muito tempo. — Algis — disse Panov Mandelstam ao motorista finalmente. — Tem certeza de que ainda estamos na estrada?

Algis curvou-se um pouco em seus casacos e lançou um olhar para nós. Ele não disse nada, mas seu rosto estava assustado. Então ele sabia que havia perdido a estrada. Algum tempo atrás, quando a estrada havia mudado, os cavalos haviam passado por entre duas árvores que não estava em ambos os lados da estrada, eles estavam distantes uma da outra. A neve estava cobrindo a estrada e os arbustos, então Algis não havia notado. Ele apenas continuou. Agora estamos perdidos na floresta. A floresta era muito grande e não havia casas longe da estrada e do rio. O Staryk matou quem fez uma casa longe do rio.

Os cavalos não estavam mais andando muito rápido. Eles estavam cansados e se arrastaram. Seus pés grandes estavam cavando a neve nova e eles tiveram que puxá-los novamente a cada passo. Logo eles parariam. — O que nós fazemos? — eu perguntei.

Algis se virou de novo e estava apenas sentado curvado sobre as rédeas. Panov Mandelstam olhou para as costas e depois disse: — Está tudo bem, Stepon. Paramos em algum lugar onde não há muito vento, colocamos os cavalos sob os cobertores e damos a eles seus grãos e qualquer grama que encontrarmos. Vamos ficar entre eles e debaixo dos cobertores e nos aquecer até que esteja claro. Uma vez que o sol nascer, podemos dizer onde estamos. Tenho certeza de que você pode encontrar um lugar bom, Algis.

Algis não disse nada, mas em pouco tempo ele virou a cabeça dos cavalos e parou perto de uma árvore muito grande. Se não sabemos que estamos na floresta antes, sabemos então, porque não havia árvores tão

grandes em nenhum lugar perto da estrada. Alguém o cortaria para usá-lo se estivesse perto o suficiente para tirá-lo da floresta. Era quase tão grande quanto um dos cavalos, e havia um buraco podre em um lado da árvore que fazia um abrigo oco.

Panova Mandelstam e eu seguramos as rédeas dos cavalos, enquanto Panov Mandelstam e Algis pisaram na neve ao lado da árvore e fizeram uma parede de neve em torno de um local aberto. Os cavalos são muito maiores que as cabras. Eu estava com um pouco de medo deles, mas tive que ajudar a segurá-los, e eles só ficaram parados e não pularam como cabras, e percebi que estavam muito cansados. Finalmente, conduzimos os cavalos para o local aberto e pegamos todos os cobertores do trenó e os cobrimos com os cobertores. Panov Mandelstam tirou as sacolas do trenó e as colocou no pequeno buraco, e depois ajudou Panova Mandelstam a descer do trenó e sobre a neve para se sentar nelas.

Então ele se endireitou e olhou para Algis. Algis estava parado ao lado da parte de trás do trenó. A cabeça dele estava pendente. Ele disse baixo: — Eu não enchi o balde — ele quis dizer o balde de grãos. Portanto, não havia comida para os cavalos.

Panov Mandelstam não disse nada por um minuto. O silêncio foi muito longo. Finalmente, ele disse. — É uma sorte que esteja nevando tarde. Ainda haverá um novo crescimento abaixo. Precisamos cavar e pegar um pouco de grama e o que mais pudermos encontrar para eles comerem.

Ele ainda era gentil, mas eu pensei que ele não se *sente* gentil, e foi por isso que ele ficou quieto. Eu pensei que isso significava que ele deve estar muito preocupado. Então eu estava muito preocupado. Eu fiz o meu melhor para ajudar a cavar. Como Panova Mandelstam havia me dado as botas, eu podia chutar a neve e cair no chão. Mas eram principalmente agulhas de pinheiro secas aqui embaixo da grande e velha árvore.

Todos nós fomos em direções diferentes. — Não vão tão longe até não conseguirem ver a grande árvore — disse-me Panov Mandelstam. — A neve cobrirá seus passos e vocês não encontrarão o caminho de volta. A cada dez passos, virem e olhem.

A grande árvore era tão grande que eu podia vê-la por um longo caminho. Contei e olhei a cada dez passos até chegar a um lugar aberto ao céu. Havia uma grande árvore morta sob a neve fazendo uma protuberância. Já esteve aqui e depois caiu. Agora havia um lugar aberto. Eu cavei sob a neve com minhas botas e um galho quebrado e encontrei um pouco de

grama. Estava morrendo por causa da neve, mas não estava completamente morta, e também havia grama seca velha debaixo dela. Eu puxei o máximo que pude. Não parecia muito, mas mesmo um pouco de comida é muito boa quando você está com muita fome. Eu pensei que talvez fosse o mesmo para os cavalos como para as pessoas. Quando eu tinha um braço cheio, eu a carreguei de volta. Panova Mandelstam ficou com os cavalos. Ela estava acariciando suas cabeças e cantando para eles suavemente. Suas cabeças estavam baixas. Ela deu água pelo menos. Eu não sabia onde ela havia encontrado água que não era neve, mas depois vi que ela estava tremendo e então eu sabia. Ela colocou neve no balde de água e enrolou-se ao redor para derreter para eles.

Dei cada metade da grama que encontrei. Eles não começaram a comê-lo imediatamente, mas Panova Mandelstam pegou e deu a mão para eles. Então eles comeram tudo muito rápido. Panov Mandelstam e Algis também voltaram. Eles não encontraram grama, mas Algis trouxe um pouco de lenha para tentar acender o fogo. Estava molhado e acho que não funcionaria para iniciar um fogo.

— Havia mais grama onde consegui isso — eu disse.

— Eu irei com ele — disse Algis a Panov Mandelstam. Ele ainda não olhou para cima. Acho que ele tinha vergonha de ter se perdido e não enchido o balde de grãos, e agora estava tentando pedir desculpas. Eu realmente não queria ouvi-lo pedindo desculpas, mas não podia dizer que não queria que ele viesse comigo, então voltamos à clareira. Algis espalhou seu sobretudo na neve, e cavamos mais grama até formar uma grande pilha em cima do casaco, e então Algis pegou a pilha de volta enquanto eu continuava encontrando mais grama até que ele voltasse para ajudar novamente.

Era mais fácil com Algis do que se eu estivesse sozinho, porque ele era mais alto e mais forte que eu. Mas eu gostaria que Sergey e Wanda estivessem conosco. Ambos eram mais altos que Algis e mais fortes que ele, e conseguiriam mais grama e também não se esqueceriam de encher o balde de grãos em primeiro lugar. Talvez eles não enchessem o balde de grãos, mas isso seria apenas se não houvesse grãos para colocar nele, eles não apenas esqueceriam . Eles também não estariam nos espiando.

Eu não estava me sentindo nada gentil. Eu pensei que talvez todos nós morreríamos de frio. Pensei que talvez não morrêssemos de frio, mas os cavalos morressem por trabalhar tanto sem comida suficiente e nós estamos

na floresta sem cavalos e sem viajar, então seria como se estivesse construindo uma casa. Então talvez o Staryk venha atrás de nós. Não gostava de pensar no que o Staryk havia feito com Sergey, mas às vezes não conseguia deixar de pensar nisso. Eu estava pensando nisso agora.

Finalmente, Algis e eu chegamos com toda a grama que conseguimos encontrar. Agora, quando chutamos a neve, encontramos apenas lugares onde já tínhamos puxado toda a grama. Voltamos. Os cavalos devoraram tudo, mas suas cabeças estavam penduradas depois e ainda estavam com fome. Eles estavam com frio também porque não havia fogo. Panov Mandelstam havia tentado, mas a madeira e os gravetos estavam molhados demais para fazer uma faísca. Havia comida para nós, porque Panova Mandelstam havia empacotado a cesta. Ela também não esqueceria de encher um balde de grãos. Mas ela compartilhou a comida com Algis de qualquer maneira, e até deu a ele uma porção tão grande quanto a Panov Mandelstam.

Depois que terminamos de comer, um dos cavalos deu um suspiro muito grande e desceu lentamente para o chão. Estava muito frio no chão, mas estava cansado demais para se levantar novamente, embora Panov Mandelstam e Algis tentassem recuperá-lo. Panova Mandelstam estava segurando o outro e tentando convencê-lo a ficar acordado, mas depois de um tempo caiu também. Suas cabeças estavam ainda mais baixas. Eu pensei que talvez eles morressem. E então, mesmo se não morrêssemos, de manhã estaríamos sozinhos no meio da floresta. Como Sergey e Wanda estavam, mas não éramos tão fortes quanto Sergey e Wanda. Eles me deixaram para trás porque podiam ficar muito tempo na floresta e eu não. A menos que talvez eles não tivessem continuado. Talvez eles tivessem parado na floresta e morrido na neve como íamos fazer.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu nem era alto o suficiente para puxar as rédeas dos cavalos. Quando os outros desistiram, Panova Mandelstam me fez sentar ao lado dela contra a lateral de um cavalo, e nos cobrimos com um cobertor e uma capa de pele. O corpo do cavalo bloqueou o vento, e a árvore também bloqueou um pouco. Ainda estava frio, mas era tudo o que podemos fazer. Panov Mandelstam e Algis sentaram-se ao lado do outro cavalo da mesma maneira. Coloquei as mãos nos bolsos e me encolhi ao lado de Panova Mandelstam. A noz ainda estava no meu bolso e passei meus dedos em volta dela e a segurei firme.

*

Depois que o rei Staryk me deixou, levantei-me e voltei para a grande despensa para ver como estava o trabalho. Eu não tinha muita esperança— havia muita prata. Era apenas um pouco melhor do que *nenhuma* esperança e também tinha o benefício de ser um aborrecimento para meu marido, mesmo se ele se desfazer de mim também.

Mas Tsop, Flek e Shofer haviam feito mais do que eu esperava. Certamente foi mais rápido jogar dinheiro fora do que fazê-lo, e a força de Staryk fez pouco do trabalho: eles já haviam aberto um grande círculo no meio da sala e o trenó estava meio cheio novamente. Eles pegaram quase todos os sacos e só restaram moedas soltas. Havia uma grande quantidade de moedas soltas, no entanto. Todos se endireitaram quando entrei; força mágica ou não, eles pareciam cansados também. Eu não me sentia mal por jogar fora a prata do meu lorde, mas eu estava fazendo com que eles fossem escravos ao fazê-lo, e para ter alguma chance, eu precisaria que eles continuassem nisso até o fim. Durante toda a noite e no dia seguinte, e depois outra noite e no dia depois, a cada última hora que eu conseguiria sair antes que a dança terminasse. Felizmente, o casamento de Basia não começava até tarde, pois ela era uma garota da cidade. Sem dormir ou descansar, para eles tanto quanto eu, exceto que eu me meti nessa bagunça, e por que eles deveriam se importar?

— Eu preciso de algo para comer e beber — eu disse. — Tragam algo para vocês também. E se eu estiver viva no final disso — acrescentei. — vocês me trarão toda a prata que possuem ou podem pegar emprestado e farei ouro para vocês em agradecimento pelo trabalho que estão fazendo.

Os três ficaram perfeitamente silenciosos e quietos. Depois de um momento, eles se entreolharam—certificando-se de que eu tinha dito isso? — e então Tsop explodiu:— Somos *servos*.

— Prefiro que você tenha uma razão melhor do que essa para me ajudar — eu disse seria. Não ajudou. Eles ainda pareciam tão inquietos como se eu os tivesse convidado a andar por uma sala cheia de cobras. Flek estava com as mãos torcendo juntas diante dela, olhando para elas.

Então Shofer disse-me de repente: — De mãos abertas — dizendo-o como um nome. — Embora você não saiba o que faz, eu aceito sua promessa e me retribuirei por isso como uma medida justa, se você aceitar a troca. — ele apertou o punho na clavícula e se inclinou para mim. Tsop

engoliu em seco e disse. — E eu também — e inclinou-se também. Ela olhou para Flek, cujo rosto estava torto e infeliz. Depois de um momento, Flek sussurrou, quase inaudível. — Eu também vou — e apertou as duas mãos contra o peito inclinando também.

Bem, Shofer não estava errado, eu *não* sabia o que havia feito, mas certamente havia feito *algo,* and e valeu a pena fazer. — Sim — eu disse imediatamente, e Flek saiu correndo da sala para nos trazer comida, e enquanto isso, Tsop e Shofer começaram a atirar os últimos sacos no trenó, como se suas vidas dependessem disso agora, e não só a minha. Talvez eles tenham feito isso, pelo que eu sabia. Não parecia que o ouro seria uma recompensa suficiente por isso, mas se eles pensassem que era, eu não iria reclamar.

— Eu devo mudar o cervo. — Shofer me disse quando Flek voltou, e eu me juntei a eles na grande despensa para comer. Eu assenti. Todos nós devoramos algumas mordidas, e tomei um gole de água fria e voltei a trabalhar na segunda despensa.

Acho que adormeci uma ou duas vezes naquela noite, mas não por muito tempo; eu apenas caí no sono quando me sentei e voltei a acordar um pouco mais tarde quando ouvi o barulho de cascos na sala do outro lado, outra carga sendo retirada para despejar no túnel. Meus olhos estavam ardendo e cansados, minhas costas e meus ombros doíam, terminei de varrer minha mão sobre as moedas no pano e as derramei novamente.

As horas se arrastavam ao mesmo tempo, devagar e muito rápido. Era uma agonia que eu só queria terminar, exceto quando a linha do nascer do sol apareceu no espelho, meu coração começou a bater forte. Eu fiquei mais rápida depois de dominar o truque de fazê-los chegar a um nível mais profundo: eu estava em um bom caminho para a terceira prateleira. Mas havia mais três: eu teria que continuar trabalhando tão rápido assim até o fim, para conseguir. Eu tive que parar e comer: Tsop me trouxe um pouco de comida em um prato e um copo de água, e minhas mãos tremiam tanto que a água quase caiu pelos lados. Engoli tudo o que ela me trouxe sem provar e voltei ao trabalho terrível e definitivo.

Meu marido apareceu novamente quando o pôr do sol desapareceu do meu espelho. Sentei-me nos calcanhares e passei o braço pela testa. Eu não estava suando, mas senti como se *devesse* estar. Ele olhou ao redor da sala com frio desagrado, medindo o quanto eu tinha deixado de fazer. Eu já tinha terminado a quarta prateleira até então, mas havia apenas uma noite e um

dia, e até onde ele sabia, havia aquele terceiro quarto monstruoso ainda para fazer.

— O que significa pra você, dar um presente a alguém? — eu disse. Eu queria muito saber o que eu *havia* feito com meus servos.

Ele franziu para mim. — Um *presente*? Algo dado sem retorno? — ele fez parecer um assassinato.

Tentei pensar em como descrever o que eu havia feito. — Algo dado em agradecimento pelo que poderia ter sido exigido.

Sua expressão arrogante não mudou. — Somente os inúteis imaginariam uma coisa dessas. Um retorno deve ser feito.

Ele ficou perfeitamente feliz em me fazer mudar prata para ouro por ele sem nenhum retorno até que eu o cutuquei, mas não apontei isso. — Você me deu coisas sem retorno — eu disse.

Seus olhos prateados se arregalaram. — Eu lhe dei o que você tem direito e me exigiu, nada mais — disse ele apressadamente, como se pensasse que eu seria violentamente ofendida, e acrescentou: — Você já é minha esposa; você não pode imaginar que eu pretendia que você se tornasse minha serva.

Então, um presente que não podia ser pago, tinha que ser pago com— isso? — O que é uma serva?

Ele fez uma pausa, mais uma vez superado pela minha terrível ignorância sobre coisas perfeitamente óbvias. — Uma cujo destino está ligado ao outro — disse ele muito lentamente, como se estivesse falando com uma criança.

— Isso não é o suficiente para me explicar — eu disse com aspereza.

Ele levantou as mãos em impaciência. — Um cujo destino está ligado a outro! Onde um lorde se levanta, o mesmo acontece com seus servos; onde um lorde cai, então seus servos também; quando um lorde está manchado, eles também estão, e como ele, também devem limpar seus nomes com o sangue de suas vidas.

Eu olhei para ele, enjoada. Eu *realmente* não tinha pensado que Flek, Tsop e Shofer estavam colocando suas próprias vidas em risco, e por mais que eu suspeitasse que isso significaria minha morte ao fracassar, havia algo pior em ouvi-la claramente pela sua boca. *Manchado,* como um pano arruinado, apenas para ser reparado tingindo-o de vermelho com sangue. — Isso soa como um arranjo terrível. — eu disse através da minha garganta apertada, tentando convencê-lo um pouco mais; talvez eu tenha entendido mal. — Não consigo imaginar porque alguém concordaria em se tornar um.

Ele cruzou os braços. — Se sua imaginação falhar, isso não é sinal de que eu não consegui responder à pergunta.

Eu apertei meus lábios com força, eu entrei naquilo diretamente. Formulei minha pergunta final com mais cuidado: — Tudo certo. Então, quais são as várias razões esclarecedoras pelas quais alguém aceitaria ou recusaria tal oportunidade?

— Para subir a posição deles, é claro — ele disse imediatamente. — Um servo fica sempre, com apenas uma posição a menos que seu lorde. Seus filhos herdam o vínculo e a hierarquia, mas os filhos de seus filhos herdam a hierarquia sozinhos, e qualquer que seja a posição do servo, no momento de seu nascimento, eles têm isso por direito próprio. Quanto a quem recusaria, aquele cuja posição já está alta, ou suspeita que o lorde que pede seu vínculo provavelmente cairá: apenas um tolo ligaria seu destino com pouco lucro — Ele ficou visivelmente satisfeito em ganhar seu ponto de vista sobre a questão, mas fez uma pausa, do nada, sendo cuidadoso. — O que tanto preocupa você com os servos? — Ele demandou.

— *Eu* lhe *devo* respostas? — eu perguntei, no tom mais doce que eu consegui, com cuidado para fazer uma pergunta. Ele abriu a boca e depois a fechou novamente e olhou para mim irritado antes de sair sem dizer mais uma palavra: afinal, ele não podia me dar uma livre resposta.

Mas fiquei sentada sozinha e em silêncio depois que ele saiu, em vez de voltar ao trabalho. Eu não sabia o que tinha feito com Shofer, Tsop e Flek, e agora que sabia, tentei me convencer de que teria feito de qualquer maneira. Afinal, eu só fiz a oferta e eles escolheram aceitar, sabendo melhor do que eu o risco que corriam.

Mas eu não pude deixar de pensar nos círculos dentro dos círculos no casamento, e todos os criados vestidos de cinza em pé, muito distantes nos anéis externos, silenciosos e suas cabeças inclinadas. Eu não tinha acabado de lhes prometer riqueza. De repente, abri um caminho de ouro desde o anel externo direto para o posto mais alto da nobreza, como uma fada com uma fruta envenenada em uma mão e um sonho realizado na outra. Quem poderia se afastar dessa chance, mesmo que o risco fosse sua vida? Então um tremor lento e frio correu pelas minhas costas: Flek quase *tinha* voltado atrás. Shofer e Tsop estavam com medo, mas eles fizeram; ela realmente hesitou.

Eu não queria saber o porquê. Eu não queria pensar nisso. Eu não poderia perguntar a ela; tentei fazer disso como minha desculpa, mas minhas mãos

estavam tremendo quando as colocava sobre as moedas de prata, e elas não mudavam. Finalmente, levantei-me e empurrei as portas para a outra sala, a sala onde Shofer, Tsop e Flek estavam jogando prata no trenó o mais rápido que podiam, mesmo que as bordas afiadas de seus rostos estivessem opacas com o cansaço e o gelo azul de seus olhos nublavam como uma vidraça embaçada com fôlego. Eles esvaziaram quase metade da sala. Ainda havia uma chance, uma chance para mim: uma chance de torcer por sua força e coragem. Eles pararam para olhar para mim. Eu não queria dizer as palavras. Eu não queria me importar.

Eu disse, com minha garganta apertada: — Se vocês têm filhos, me digam quantos.

Tsop e Shofer ficaram em silêncio, mas eles olharam para Flek. Ela não olhou na minha cara. Ela sussurrou: — Eu tenho uma filha, apenas uma. — Muito suavemente, e então ela se virou cegamente e começou a trabalhar com a pá de novo, a prata derramando da pá e tocando no chão como uma terrível chuva metálica.

# CAPÍTULO 16

Eu não queria acordar, mas pensei ter ouvido mamãe me chamando com uma voz que soava como uma campainha tocando, então abri os olhos. Os cavalos tinham neve nas costas e havia neve nas cavidades do casaco de pele que Panova Mandelstam nos cobriu. Todo mundo tinha adormecido também. Pensei que talvez devesse acordá-los, mas ainda estava nevando e estava muito frio, e pensei que provavelmente não viveríamos até de manhã mesmo. Não parecia valer a pena acordá-los apenas para terem medo. Eu também estava com medo, mas depois ouvi um som. Foi o som do toque que me acordou. Não estava longe.

Depois de um minuto, me obriguei a sair debaixo do casaco de pele. Estava muito frio e comecei a tremer imediatamente, mas fui ao som do toque e, em pouco tempo, sabia que era um machado, então parei. Alguém estava cortando madeira, e eu não conseguia pensar em quem cortaria madeira no meio da noite na floresta quando estava nevando, porque isso era muito estranho. Mas se eles estavam cortando-a com um machado, provavelmente a queriam para o fogo, e se tivessem fogo e nos deixassem sentar junto a eles, não morreríamos.

Então eu continuei. O toque ficou mais alto até que vi o homem cortando madeira e primeiro pensei que fosse Sergey, mas é claro que eu sabia que não era Sergey, só parecia com ele. Então eu disse: — Sergey? — e ele se virou, e *era* Sergey, e eu corri para ele. Pensei por um momento que talvez estivéssemos todos mortos e isso era o Paraíso, como o padre falou na igreja quando papai nos levou, o que ele fazia de vez em quando se o padre

o visse na cidade. Mas não achei que sentiria frio ou fome no Paraíso. Eu esperava que não estivéssemos no Inferno por matar papai.

— Não, estamos vivos! — Sergey disse. — De onde você veio?

Peguei-o pela mão e o levei de volta à grande árvore e mostrei todo mundo dormindo. — Mas ele é um espião — eu disse, apontando para Algis. — Os homens da vila disseram a ele para contar se nós víssemos você.

Sergey deu de ombros depois de um momento. Ele quis dizer que não poderíamos deixar Algis congelar até a morte de qualquer maneira, mesmo que ele fosse um espião, e mesmo que ele tivesse esquecido de encher o balde de grãos e nos perder. Eu suponho que isso fosse verdade. Além disso, se ele não tivesse feito a gente se perder, eu não teria encontrado Sergey, então talvez eu não pudesse mais ficar com raiva de Algis.

Acordamos os Mandelstams e Algis, e todos ficaram muito surpresos ao ver Sergey, mas é claro que ficaram felizes, apesar de Algis também estar com medo, mas mesmo ele estava feliz por ter algum lugar quente para ir. Sergey foi para os cavalos. Um deles estava morto, e o outro não queria se levantar, mas Sergey colocou os braços sob as patas do cavalo e empurrou para cima enquanto Algis puxava as rédeas. Panov Mandelstam, Panova Mandelstam e eu ajudamos a empurrar por baixo, e finalmente o cavalo se levantou.

Sergey nos levou pela floresta de volta para onde ele estava cortando lenha e depois continuou, e em mais alguns passos eu pude ver um pouco de luz do fogo adiante. Todos nós andamos mais rápido quando o vimos, até o cavalo. Havia uma pequena casa lá com uma chaminé e um grande galpão com um monte de palha. Sergey colocou o cavalo no galpão e ele começou a comer a palha imediatamente. — Tem aveia lá dentro — disse Sergey. — Entrem.

Wanda estava dentro de casa, mas ela abriu a porta porque nos ouviu. Panova Mandelstam fez um barulho alegre quando a viu e correu para Wanda, abraçou-a e beijou-lhe o rosto. Eu sabia que Wanda não sabia o que fazer, mas ela parecia feliz de qualquer maneira, e ela disse: — Entrem — então entramos na casa, estava muito quente e havia um bom cheiro de mingau. Havia apenas uma cadeira e um tronco de madeira para sentar, mas tinha também um berço e um palete no topo do fogão. Demos a Panova Mandelstam a cadeira e a colocamos ao lado da lareira, e Wanda colocou um grande cobertor sobre ela. Panov Mandelstam sentou-se no toco ao lado

dela. Algis sentou-se no chão perto do fogo e se encolheu. Wanda me disse para subir no forno e eu subi e me senti muito quente.

— Vou fazer o chá — Wanda disse, e eu me perguntei como ela iria fazer chá, e de onde a casa tinha vindo, mas principalmente eu pensei em como seria bom beber chá quente, mas eu caí no sono novamente antes que ficasse pronto. Não acordei até que fosse de manhã cedo e ouvi um barulho de madeira sendo esfregado e senti o ar frio invadir minha cabeça. Eu levantei a cabeça. Eu ainda estava em cima do forno e Panova Mandelstam e Panov Mandelstam estavam dormindo ao meu lado. Wanda e Sergey estavam dormindo no chão em frente ao forno.

O som foi a porta sendo fechada. Algis estava saindo na neve. Abaixei minha cabeça novamente. Então levantei de novo e disse: — Sergey! — Mas era tarde demais. Quando saímos, Algis já tinha ido. Ele pegou o cavalo. Sergey havia o alimentado com aveia, esfregado as pernas e dado água quente para beber, para que melhorasse de manhã. Era um cavalo grande e forte, destinado a puxar um trenó. Com apenas Algis nas costas, pensei que seria rápido. Provavelmente, se ele deixasse o cavalo levá-lo, voltaria para casa, no estábulo. Ele contaria a todos na aldeia onde estávamos.

— Precisamos tentar chegar a Vysnia antes que a neve derreta — disse Panova Mandelstam, enquanto nos sentávamos em volta da mesa. Wanda fez chá e agora ela estava cozinhando mingau para todos nós comermos antes de sairmos. Sergey e Panov Mandelstam trouxeram mais alguns tocos para sentar. — Temos comida e casacos quentes. Vamos sair para a estrada e arranjar alguém para nos levar para a cidade. Ninguém vai nos dedurar, e há algum dinheiro no banco. Iremos subornar alguém para limpar seu nome, se pudermos. Meu pai saberá para quem pedir ajuda.

— Preciso terminar o colchão antes de partirmos — disse Wanda. Ela foi pegar o grande cobertor que estava tricotando e vi que não era um cobertor, mas uma capa de colchão. Era muito bonita. Havia um belo padrão de folhas.

— Wanda, este é um belo trabalho — disse Panova Mandelstam, tocando-o. — Você deveria trazê-lo com você.

Mas Wanda balançou a cabeça. — Precisamos arrumar a cama.

Eu não sabia o porquê, mas se ela disse, tinha que ser feito. Olhei para a cama e a capa do colchão — Está quase pronto, não está? — eu perguntei. — É do tamanho certo.

Wanda levantou o cobertor e tinha o tamanho certo. Era mais longo do que ela. Quando levantou as mãos sobre a cabeça, ainda alcançava quase todo o caminho até o chão. Ela colocou de novo e eu pensei que ela parecia um pouco assustada, embora eu não soubesse porque ela ficaria assustada, pois estava pronto, quando ela queria que estivesse pronto. — Sim — ela disse. — Eu posso terminar rapidamente agora.

— Wanda — Panov Mandelstam disse lentamente, como se quisesse fazer uma pergunta, mas Wanda balançou a cabeça ferozmente, porque ela não queria falar sobre isso, e embora Panov Mandelstam gostasse tanto de palavras, ele viu que sim, ela não queria conversar, então ele parou.

— Está tudo bem, Wanda — disse Panova Mandelstam depois de um momento. — Vá em frente e faça o que você precisa fazer. Vou fazer um pouco mais de mingau.

Wanda rapidamente costurou dois lados abertos do colchão e, em seguida, encheu-o com uma grande pilha de lã; depois, costurou o último pedaço do colchão e o colocou no berço. A cama parecia muito bonita com o colchão. Enquanto isso, Panov Mandelstam e eu ajudamos Sergey a arrumar o quintal e o galpão. Enchemos a caixa de madeira novamente. Ele ficou vazio da noite para o dia. Eu não sabia porque o forno consumia tanta madeira, mas agora eu sabia porque Sergey estava cortando madeira na floresta à noite, e era bom que ele estivesse fazendo isso. Panova Mandelstam me pediu para trazê-la uma vara comprida, amarrou um pouco de palha no fundo e varreu a casa.

O mingau estava pronto, então comemos. Saímos com nossos pratos, que eram apenas pedaços de madeira que Sergey havia cortado de uma árvore e os esfregamos com neve até ficarem limpos. Nós os colocamos em uma prateleira dentro da casa. Wanda preparou outra panela de mingau e colocou nas cinzas para cozinhar, mesmo quando estávamos saindo. Ela fechou a porta do forno e olhamos em volta. A casa parecia bonita e arrumada. Era quase do tamanho da nossa casa antiga, mas eu gostei mais. As tábuas estavam bem juntas, o forno era muito sólido e o telhado estava bem ajustado. Senti muito por me afastar, e pensei que Sergey e Wanda também sentissem muito.

— Obrigada por nos dar abrigo. — disse Wanda à casa, como se fosse uma pessoa. Então ela pegou a cesta e saiu. Todos nós a seguimos.

*

Minutos passaram deslizando por meus dedos com moedas de prata, desaparecendo enquanto elas mudaram para ouro. Eu estava perto o suficiente das portas agora que eu podia ouvir as pás tocando levemente na outra sala, indo rapidamente, chicoteadas pelo mesmo prazo fatal, mas eu não me permiti ir e olhar até onde eles conseguiram. Trabalhamos a noite toda sem parar. Quando o disco do espelho começou a brilhar com a manhã, tive que me obrigar a trocá-los sistematicamente: minha cabeça girava, nauseada, quando olhei para cima e a vi. Ainda havia uma prateleira inteira para mudar, e meu primeiro instinto aterrorizado foi despejar loucamente cada último baú e tentar mudá-los todos de uma vez. Fechei minhas mãos e olhos por um momento antes que eu pudesse continuar.

Não parei para tomar café da manhã. Fiquei muito agradecida por meu marido não ter conferido meu progresso novamente naquela manhã, tanto quanto eu poderia estar agradecida por qualquer coisa. Eu me senti dolorida como se estivesse realmente sendo espancada. Mas o horror me manteve nisso. Eu fiquei pensando como eles fariam isso, o que fariam. Colocariam uma faca na mão de uma criança pequena e esperariam que ela a colocasse na própria garganta ou matariam a criança? Eles a fariam assistir a mãe morrer primeiro ou o contrário? Eles fariam *Flek* fazer isso? Eu sabia que não importava o que, não haveria piedade, nenhuma gentileza permitida. Você não poderia devolver uma gentileza depois de morto.

No depósito do meio, derramei os baús um após o outro e os troquei, até que finalmente derramei o último e fiz tudo ficar dourado. Derramei a pilha final da toalha de mesa e me levantei. O azul do céu do espelho estava começando a escurecer com a aproximação do pôr do sol. Eu tinha talvez uma hora até o meu tempo expirar. Arrastando o pano atrás de mim, abri as portas.

O depósito estava quase vazio. O trenó estava na abertura mais distante, quase cheio novamente, e dentro da boca do túnel eu podia ver o brilho de prata empacotado da superfície do gelo até o teto. Flek e Tsop estavam trabalhando na última esquina do lado mais próximo do rio, e Shofer estava do outro lado. Eu corri para eles. — Vão ajudá-lo! — eu disse a Flek e Tsop. Eles nem acenaram; eles só foram para onde Shofer estava trabalhando e se juntaram a ele. Coloquei meu pano e enfiei prata nele com minhas próprias mãos e o troquei. Tudo o que restou foi uma pilha minúscula, quase patética naquele espaço enorme, apenas a casca de mel que você rasparia nas bordas de uma jarra vazia quando não restasse mais

nada. Mas era um pote grande, e mesmo esse pequeno bocado ainda tinha que ser ouro, não prata.

Minhas mãos tremiam quando eu troquei as últimas moedas. Shofer havia esvaziado outra carga no túnel e, enquanto o fazia, Flek e Tsop haviam jogado a última esquina em uma pilha à beira do rio, então, quando Shofer trouxe o trenó de volta, eles puderam carregá-lo rapidamente. Eu deixei eles fazerem isso, e andei pela sala procurando em todos os cantos qualquer brilho de prata, qualquer última moeda que restasse. Meu espelho estava quase escuro.

Mas eles haviam limpado a sala. Apenas em uma pequena saliência da parede, encontrei uma única moeda de prata presa. Os cascos do cervo bateram no gelo atrás das minhas costas quando Shofer girou o trenó, com apenas um pequeno monte no fundo. Eles haviam lotado tanto o túnel que tiveram que recuar para ter espaço para despejar a última pilha no gelo. Flek e Tsop vieram lentamente em minha direção. Peguei a moeda e segurei-a, e entre o polegar e o indicador o ouro varreu sua face, assim que as grandes portas duplas da despensa foram abertas e meu marido entrou na sala.

Ele tinha um olhar sombrio e cerrado no rosto que desapareceu instantaneamente. Ele parou de boca aberta, olhando para o depósito vazio. Eu tremia de cansaço e reação, mas me arrastei e disse com um rouco desafio: — Pronto. Troquei todas as moedas dos seus depósitos para ouro.

Ele sacudiu a cabeça para me encarar. Eu esperava que ele estivesse furioso; ao contrário, ele parecia quase — confuso, como se não tivesse ideia do que pensar disso, de mim. Ele virou lentamente a cabeça para olhar: para a prata empilhada dentro do túnel, para o Shofer parado ali, segurando as cabeças dos cervos no trenó, para Flek e Tsop, ambas hesitantes como brotos de salgueiro com um vento forte e, finalmente, eu de novo. Ele caminhou lentamente pela sala e tirou a moeda final dos meus dedos e olhou para ela, e a partiu ao meio com as mãos nuas.

— É ouro por toda parte! — eu rebati para ele.

— Sim — ele disse, inexpressivo. — É mesmo — ele ficou lá ainda mais um pouco antes de finalmente levantar a cabeça, atordoado. Ele colocou as duas metades da moeda na borda e curvou-se para mim, formal e cortês. — A tarefa que estabeleci está cumprida. Vou levá-la ao mundo iluminado pelo sol, como prometi, onde você deve dançar no casamento de sua prima. Faça suas perguntas agora, minha senhora.

A cortesia me confundiu; eu estava me recompondo para argumentar com ele. Eu olhei para ele inexpressivamente. Eu não conseguia pensar em uma única pergunta. Depois de um momento, eu disse: — Tenho tempo para tomar banho? — eu estava uma bagunça, depois de três dias e três noites mais ou menos inteiras gastas tropeçando, trocando a prata.

— Prepare-se como quiser. Você terá o tempo que precisar — ele disse. Não parecia exatamente uma resposta, mas se ele tivesse tanta certeza, eu não argumentaria. — Pergunte mais duas vezes.

Olhei para Flek, Tsop e Shofer e disse: — Prometi transformar toda a prata deles em ouro, em troca de sua ajuda. Eles aceitaram e fizeram o retorno de si mesmos. Eles são meus servos agora?

— Sim — ele disse, e inclinou a cabeça para eles, como se não tivesse o menor problema em pensar em três servos como nobreza, exatamente assim. Os três tiveram um pouco mais de dificuldade com isso; todos começaram a fazer reverências baixas e tiveram que parar no meio do caminho. Quando Flek voltou, ela percebeu de repente que tínhamos terminado, estava tudo acabado, e ela estremeceu como uma boneca, virou-se e colocou as mãos sobre o rosto com um grito abafado em algum lugar entre agonia e alívio.

Eu gostaria de me sentar e chorar. — Tenho tempo para trocar a prata deles agora? — eu perguntei. Eu não estava planejando voltar aqui se pudesse evitar.

— Isso você já perguntou e foi já respondida — disse ele. — Pergunte novamente.

Isso foi chato, quando pela primeira vez eu estava tentando usar minhas perguntas — O que isso significa? — eu exigi. — Por que é o mesmo se eu quero tomar um banho ou trocar a prata deles?

Ele franziu o cenho para mim. — Como você tem sido verdadeira, eu também serei, e em nenhum grau menor — disse ele, um pouco irritado. — Colocarei minha mão sobre o fluxo do tempo, se necessário, para que você tenha o quanto quiser. Vá, portanto, e prepare-se como quiser, e quando estiver pronta para partir, iremos.

Ele fez uma pausa para olhar ao redor da dispensa mais uma vez, enquanto eu lentamente confundia o que ele havia dito, mas quando explodi tardiamente: — Você poderia ter me levado para lá há tempo então, independentemente! — eu estava dizendo isso para uma porta vazia, que se importava tanto quanto ele, eu suponho.

Eu estava olhando para o espaço em que ele estava, quando Tsop disse um pouco timidamente: — Mas ele não poderia.

— O quê? — eu disse.

Tsop moveu sua mão pela despensa. — Você fez um ótimo trabalho. Então agora ele pode fazer outro em troca. Mas a alta magia nunca vem sem preço.

— Por que é um grande trabalho o fato de que nós jogamos mais da metade do tesouro dele em um túnel? — eu disse, exasperada.

— Você foi desafiada além dos limites do que poderia ser feito e encontrou um caminho para torná-lo realidade — disse Tsop.

— Oh — eu disse, e então percebi... — Você me respondeu! Duas vezes!

— Sou sua serva agora, De Mãos Abertas — disse ela, parecendo um pouco surpresa — Você não precisa me fazer barganhas.

— Então agora você *vai* responder minhas perguntas? — eu perguntei, tentando entender, e os três assentiram. Tudo quando eu não conseguia pensar em nada para perguntar. Ou melhor, havia várias perguntas que eu queria fazer, mas elas pareciam imprudentes dizer em voz alta, mesmo sob as circunstâncias: como você mata um rei Staryk, que mágica ele tem, ele vencerá se lutar contra um demônio? Em vez disso, eu disse: — Bem, se eu tenho todo o tempo do mundo, agora, *quero* um banho. E então vou trocar sua prata antes de partir.

*

Escrevi as cartas para o príncipe Ulrich e o príncipe Casimir, mas Mirnatius as assinou, e ele até me levou de má vontade para jantar em sua própria mesa—depois de certos preparativos — Você usou isso há dois dias — disse Mirnatius bruscamente, quando saí da alcova, e por um momento meu coração parou. Eu pensei que ele finalmente tinha notado minhas jóias Staryk, mas então percebi que ele estava reclamando do meu vestido cinza claro, o melhor trabalho de todas as mulheres da minha madrasta, que sim, eu pretendia usar novamente, sem sequer pensar nisso. Nem mesmo as arquiduquesas eram ricas o suficiente para ter um vestido para todos os dias.

Mas *ele* evidentemente insistia em usar um conjunto inteiramente novo a cada dia, uma extravagância tão ultrajante que ele certamente devia estar gastando magia com seus conselheiros apenas para impedir que uivassem

toda vez que olhavam para suas contas. E, aparentemente, ele agora queria que eu seguisse o exemplo — Você *deveria* saber mais sobre os impostos — eu disse, enquanto ele vasculhava meu baú nupcial, evidentemente para provar a si mesmo que eu apenas—*apenas*—tinha três vestidos adequados, todos os quais já tinham sido usados demais para ser aceitável para *sua* tsarina.

Ele se endireitou e olhou para mim, e então colocou rapidamente as mãos nos meus ombros, e embaixo deles meu vestido se desdobrou em veludo verde e brocado azul pálido como uma borboleta berrante saindo de um casulo cinza, mangas com faixas desenrolando até o chão com um baque de borla de prata. Ele estava usando azul claro e uma capa forrada em verde profundo, então fizemos um par combinado ao descermos na corte. Ele ainda estava longe de se contentar com a minha aparência. — Pelo menos o seu *cabelo* é bonito — ele murmurou, com um tom de insatisfação, olhando para a parte de trás da minha cabeça intricadamente trançada; ele claramente esperava ser ridicularizado por sua escolha.

Eu não estava em Koron há quatro anos, mas já ouvi resmungos suficientes na mesa do meu pai para saber o que esperar. Mirnatius fizera da corte o seu próprio espelho, o máximo que podia: é claro que muitos dos nobres mais poderosos de Lithvas mantinham casas na cidade, e eles eram os mais importantes, mas o resto, os cortesãos e preguiçosos que estavam ali por seu sofrimento, eram uma e todas belas e brilhantes. Metade das mulheres estavam de ombros nus e sem gola, mesmo com um pé de neve no peitoril da janela do lado de fora, e todos os homens usavam sedas e veludos tão impraticáveis para andar como os seus, sem o benefício da magia para mantê-las intocadas ou trocá-las novamente. Eles se entreolharam como lobos famintos procurando por algo errado, e eu teria sentido pena de qualquer garota que Mirnatius *tivesse* escolhido lançar diante deles, por mais bonita que fosse.

Mas eles se tornaram menos críticos ao brilho da prata de Staryk. Quando fizemos nossa entrada, eles me olharam com os olhos estreitos de todos os cantos da sala, e primeiro eles sorriram, depois olharam novamente, depois pareciam intrigados e depois me encararam perdidos e meio perplexos e esqueceram que eles tinham que ter uma conversa educada. Alguns dos homens me olhavam como dragões, cobiçosos, e continuavam me olhando, mesmo quando conversavam com o próprio Mirnatius. Depois que o quarto tropeçou no estrado real porque ele não conseguia parar de olhar, Mirnatius

virou seu próprio olhar perplexo para mim. — Você os está encantando? — ele exigiu, durante um curto intervalo entre cortesias; havia dois jovens nobres de posição exatamente igual discutindo violentamente com o arauto sobre qual deles deveria ter me apresentado primeiro.

Eu não queria que ele pensasse no que eu poderia estar usando para me tornar mais bonita. Inclinei-me de repente para perto. — Minha mãe tinha magia suficiente para me dar três bênçãos antes de morrer — eu disse, e ele instintivamente se inclinou para ouvi-la. — O primeiro foi sagacidade; a segunda beleza e a terceira—que os tolos também não devam a reconhecer.

Ele corou. — Minha corte está cheia de tolos — ele retrucou. — Então, parece que ela entendeu errado.

Dei de ombros. — Bem, mesmo se eu fosse, certamente não é mais do que você está fazendo. As bruxas sempre perdem a aparência no final, não perdem quando seu poder começa a desaparecer? Eu sempre pensei que era assim que ficavam o tempo todo, e elas apenas o cobriam de feitiços.

Os olhos dele se arregalaram. — Eu não estou *cobrindo* nada! — Mas quando ele pensou que eu estava olhando para outro lugar, ele disfarçadamente tocou o próprio rosto com as pontas dos dedos, como se temesse um troll feio escondido em algum lugar sob a máscara de sua própria beleza. Isso o distraiu, de qualquer forma.

— Qual desses homens é seu parente? — eu perguntei, para mantê-lo assim, e ele apontou irritadamente meia dúzia de primos. Eles eram principalmente do selo final do tsar: grandes e vigorosamente barbudos com botas sujas e um ar de terem sido relutantemente forçados à elegância da corte. Eles eram todos mais velhos que Mirnatius, é claro; ele era filho da segunda esposa de seu pai. Mas havia um jovem bastante esplêndido ao lado da tia de Mirnatius, uma velha de brocado luxuoso, banhada pelo fogo. Ele era evidentemente o filho mais cobiçado da idade dele, e se ele não era tão bonito quanto Mirnatius, pelo menos ele tinha levado seu tsar e primo como modelo quando se tratava de roupas, e ele era alto e de ombros largos. — Ele é casado?

— Ilias? Não tenho a menor idéia — disse Mirnatius, mas, para lhe dar um pouco de crédito, ele se levantou e me levou para me apresentar a sua tia, que remediou nossa falta de conhecimento muito rapidamente.

— Quem é o teu pai? — ela me perguntou em voz alta. — Erdivilas— Erdivilas—o quê? Oh, o duque de Vysnia? — ela olhou para mim um pouco duvidosa com isso—nem mesmo um arquiduque? — mas depois de um

momento de consideração, ela balançou a cabeça e disse a Mirnatius: — Bem o suficiente, bem o suficiente. Já era hora de você se casar. Talvez, em seguida, *este* dê um presente à velha mãe a alegria de um casamento — acrescentou ela, cutucando o irritado Ilias com uma junta incrustada no anel.

Ilias curvou-se sobre minha mão com uma notável frieza, apesar da minha prata, o que foi obviamente explicado quando ele olhou para Mirnatius em seguida. Mirnatius estava mais interessado em um exame crítico dos amplos painéis do casaco de Ilias, que eram bordados com dois pavões com pequenos olhos brilhantes de jóias. — Um design bonito — disse ele ao primo, que brilhava de apreciação e me lançou outro olhar de ciúmes violento e miserável.

— Ele seria leal a você, pelo menos — eu disse, quando voltamos para nossas cadeiras. Isso não era uma recomendação para mim, é claro, mas sua mãe de olhos perspicazes era: todo homem nobre de substância real estava parando para prestar-lhe seus respeitos, e metade dos primos que Mirnatius havia apontado eram seus filhos. Ilias pode estar infeliz ao ver Mirnatius cair, mas ela ficaria encantada em colocar seu amado filho na cama de Vassilia—por pouco que ele gostasse lá—e eu pensei que ela poderia aceitar o avanço de seu filho como pagamento pela queda do sobrinho.

— Por que você imagina isso? — Mirnatius disse amargamente. — Ninguém aqui é leal após cinco minutos do seu próprio interesse.

— Ele *está* interessado — eu disse secamente.

Eu pensei que ele poderia estar ofendido, mas ele apenas olhou para o céu com impaciência. — Estão *todos* interessados *nisso.* — ele zombou. Pareceu-me estranho e, depois de um momento, percebi que já ouvira a mesma coisa muitas vezes antes, mas sempre na boca de uma mulher e na maioria das vezes de uma criada: duas das empregadas mais jovens conversando enquanto poliam a prata no armário ao lado da escada dos fundos, que era a maneira mais fácil de eu subir ao sótão, ou outro acompanhante falando com Magreta em um baile, mãe de uma garota mais bonita com um pai menos poderoso. Havia um ressentimento que não combinava com sua coroa: como se ele sentisse o peso de olhos famintos nele e a sensação de ter que ser cauteloso.

Mas sua mãe fora executada pela sua feitiçaria quando ele ainda era jovem, e seu irmão ainda estava vivo na época, um jovem promissor pela opinião do tribunal; eu me lembrava vagamente dele, muito mais parecido

com aqueles grandes homens corpulentos espalhados pela sala. Mirnatius teria sido um descarte da corte depois disso, o filho muito bonito de uma bruxa condenada—até que uma febre devastadora conveniente levou seu pai e irmão de um dia para o outro, e fez dele o tsar. Talvez ele tivesse mais motivos do que uma simples ganância para fazer sua barganha e se entregar em troca de sua coroa.

Se sim, eu podia sentir um pouco de simpatia por ele, afinal, mas só um pouco. Seu próprio pai, seu irmão também e o arquiduque Dmitir: o demônio não *os* levou para um mero lanche. Mirnatius havia de propósito comprado suas mortes, sua coroa, seu conforto. E ele os comprou com todas as pessoas sem nome que ele alimentou o demônio nos anos desde que ele o deixou rastejar pela garganta e se estabelecer dentro de sua barriga. Eu sabia com fria certeza que não era a primeira refeição que ele havia oferecido àquela criatura fervendo na lareira, choramingando por sua sede e fome sem fim.

Eu levantei da minha cadeira enquanto a dança ainda estava acontecendo. Com o céu nublado, eu não sabia dizer exatamente quando o pôr do sol estava chegando. Eu não queria ser outra daquelas refeições e ainda não tinha o consentimento do *demônio*, mesmo que Mirnatius tivesse concordado com o plano. Eu não confiava particularmente em nenhum deles. — Eu pretendo ir e me encontrar com a criadagem antes de dormir—a menos que você queira me trancar em nossos aposentos novamente? — eu disse a ele, fazendo parecer que falava de uma loucura infantil.

— Sim, muito bem — disse ele muito breve, distraído com seu copo de vinho. Ele estava olhando através de mim, pelas altas janelas impraticáveis de seu salão de baile: flocos de neve frescos flutuavam suavemente além do comprimento, para se adicionar ao chão branco e gelado.

Nas cozinhas, pedi aos criados levemente confusos, mas obedientes, que me fizessem uma cesta de comida. Levei-o de volta para as salas de apresentação e encontrei uma delas vazia, uma harpa sozinha entre divãs de veludo à espera de uma ocasião. No espelho de arestas douradas na parede, vi o muro baixo do jardim e as árvores escuras do outro lado, o mesmo lugar que eu havia deixado, e entrei na pequena cabana na floresta com minha pesada cesta no braço.

Não estava nevando, pelo menos por um momento, mas neve nova caíra desde que eu saí, aqui como em Lithvas: estava subindo pelas laterais da casa. Meus pés trituravam sozinhos em uma espessa camada de gelo

congelada sobre os montes. Parei no quintal solitário à beira do crepúsculo, onde cortou a casa ao meio, e, por impulso, peguei um pedaço de pão da cesta e esfarelei sobre a neve. Talvez houvesse coisas vivas aqui, e não parecia que eles encontrariam muito mais para comer do que os esquilos de Lithvas.

Magreta estava dormindo quando entrei, rugas profundas sombreadas em seu rosto velho e linhas prateadas em seus cabelos. Suas mãos estavam ociosas em seu colo pela primeira vez, como se alguém a tivesse tirado de tricô. O fogo estava muito baixo, mas a caixa de madeira ainda estava cheia, pelo menos. Enquanto eu adicionava outro tronco e acendia o fogo, ela murmurou: — Ainda está escuro. Volte a dormir, Irinushka — do jeito que ela fazia quando eu era pequena, e acordava muito cedo pela manhã e queria sair da cama. Então ela acordou e me repreendeu para ficar longe do fogo, insistindo para ela mesma colocar água para ferver para o chá e cortar o queijo e o presunto. Ela nunca gostou que eu chegasse muito perto do fogo, ou que por acaso me cortasse com uma faca.

Eu bebi na cama durante as horas escuras novamente, vendo as agulhas de tricô de Magreta se moverem à luz do fogo, como eu costumava fazer quando criança na pequena sala em que cresci, perto do topo da casa: frio no inverno, sufocante verão. O frio do reino Staryk entrou na cabana do jeito que deslizou como uma faca em torno do parapeito das janelas e sob os beirais da casa de meu pai. Eu ainda preferia isso ao palácio do tsar.

# CAPÍTULO 17

Minha querida tsarina desapareceu novamente depois do jantar, em algum lugar entre as cozinhas e meu quarto. Eu já não me surpreendia mais. Também não me opunha. Depois de vários anos ininterruptos de sermões sobre a importância de escolher minha noiva e todos os muitos fatores tediosos a serem considerados, todos os velhos tontos do meu conselho caíram um sobre outro para me parabenizar por ter me acorrentado a uma garota sem nenhum dote ou valor político em que eles vinham insistindo, o que era irritante o suficiente, mas todos os *jovens* tontos em minha corte também haviam caído um sobre o outro para me parabenizar pela beleza surpreendente da minha noiva que parecia um ancinho pálido e tímido.

Até o meu cínico mais confiável, Lorde Reynauld, em quem eu teria, confiantemente, apostado mil peças de ouro para encontrar algo cruelmente ofensivo para dizer sobre qualquer nova esposa que eu tinha apresentado—naturalmente, em sua maneira magnificamente educada—vagou até meu trono no final da noite e me disse friamente que eu tinha feito uma escolha inteligente e inesperada, e *então* ele olhou ao redor da sala e perguntou para onde ela tinha ido, num tom tão artisticamente desinteressado que eu percebi com enorme indignação que ele estava *intensamente* interessado em olhá-la um pouco mais.

Foi o suficiente para me fazer pensar se ela estava dizendo a *verdade* sobre esse encantamento de sua mãe. Cegar tolos à sua beleza parecia mais uma maldição do que uma bênção, dado o número de tolos entre a nobreza, mas como eu tinha muitos motivos para saber, as mães não deviam,

necessariamente, ser confiadas para concedê-los, independentemente do que qualquer música e história goste de dizer sobre isso. Ou talvez eu estivesse certo, e a benção realmente fosse o contrário.

Exceto minha Tia Felitzja, que decididamente não era tola—eu descobri que ela era impossível de confundir sem gastar uma quantidade enorme de poder—fez Ilias ajudá-la a cambalear até mim antes de sair, e me disse em tons resignados: — Bem, você se casou como a maioria dos homens fazem, por um rosto bonito, agora faça valer a pena, e faça com que haja um batismo antes que outro ano se acabe — E isso enquanto Ilias, que tem tentado traçar seu caminho até minha cama, desde, antes mesmo, descobrir o que queria fazer quando chegasse lá—as quantidades de poesia horrível que ele me infligiu não merecem ser descritas—ficava parado ali e parecia que queria irromper em lágrimas.

Eu queria me levantar e gritar para todos eles que minha esposa não só não era divinamente bonita, ela nem sequer era interessantemente feia; a conversa dela consistia inteiramente em insultos, avisos terríveis, e palestras tediosas que eu nem podia ignorar; e todos *eles* eram idiotas extraordinários por imaginarem que eu poderia ter tido o mau gosto de me apaixonar por uma megera de expressão sombria, sem graça e tediosa. A única razão pela qual não cedi à tentação foi o fato de ter sido submetido à embaraçosa necessidade de explicar por que eu *tinha* me casado com ela. "Porque meu demônio me disse" não é um motivo comumente aceito, mesmo que você tenha uma coroa na cabeça. E eu *teria* levantado mais objeções se soubesse no que estava me metendo.

Em circunstâncias normais, quando meu amigo quer uma refeição, geralmente não dura muito. Eu apenas tampo meu nariz e mergulho fundo até que os gritos terminem, então encubro as coisas e, ocasionalmente, envio uma quantia compensatória para o destino apropriado. Eu *já* falei sobre arrebatar pessoas estranhas como homens nobres e pais de crianças pequenas, surtindo um efeito um pouco relutante, mas isso apenas porque ele não é muito exigente. A menos que eu faça algo estúpido, como sorrir encorajadamente para uma criada ou um lacaio gracioso, mesmo em plena luz do dia, nesse caso, tenho certeza de encontrar seu cadáver na minha cama algumas noites depois. "Por que você não se casou com a filha do Príncipe Ulrich?" de fato. É um prazer fazer esse tipo de coisa, o prazer adicional de surpreender o pobre tolo que pensa que está prestes a ter uma noite deliciosa e uma bela recompensa pela manhã. Estou com medo da

noite em que Ilias finalmente tomará a iniciativa e subornará seu caminho para dentro do meu quarto. Minha tia não ficará nem um pouco feliz. Quanto à filha de Ulrich, se eu *tivesse* deixado meus conselheiros me empurrarem para a sua cama, ela teria muitas objeções depois, se já não as tivesse antes.

Mas não a doce e inocente Irina, que evidentemente não se surpreendia com horrores flamejantes. Em retrospectiva, eu não deveria ter pensado por um instante que ela teria problemas com a corte; uma mulher que pode negociar friamente com um demônio que quer torturar sua alma, dificilmente se deixa intimidar pelo Lorde Reynauld D'Estaigne. Ou, mais precisamente, pelo seu *marido.*

Eu já podia ver o futuro terrível tomando forma à minha frente. Eu ficaria *preso* a ela. Meu maldito demônio ia arrebatar sua oferta com as duas mãos cheias de garras, Tia Felitzja ficaria encantada com a chance de casar Ilias com uma princesa rica, toda a minha corte já a considerava encantadoramente linda, e meus conselheiros realmente iriam *adorar* o fato de eu ter uma esposa que os ouve falar sobre impostos e depois vem discursar para mim por horas em seu lugar, já que eu não podia mandá-la embora. E todo mundo a amaria como absolutamente ninguém *me* amava.

Oh, e daqui a cinco minutos, sem dúvida, ela me informaria que esperava que *consumasse* esse relacionamento, para que ela pudesse gerar um herdeiro ou dois para aumentar a aclamação geral. Depois disso, não ficaria nem um pouco surpreso ao encontrar uma faca atravessando minhas costas em alguma manhã. Havia uma terrível inevitabilidade nisso tudo. Minha vida tem sido uma sequência de monstros, um após o outro, me jogando de um lado para o outro para se adequar aos seus caprichos; eu tenho um senso refinado para quando outra rodada de golpes chega.

E um estava certamente a caminho *agora.* Bebi metade de uma garrafa de conhaque enquanto o sol começava a aparecer de lado pelas janelas do salão de baile, e levei o resto comigo para meus aposentos. Eu não fazia ideia do que os criados pensavam de Irina *dessa* vez, e também não me importava. Ela mesma poderia se preocupar com os rumores que ela estava começando, se importava-se tanto.

Exceto—uma realização melancólica—os rumores, sem dúvida, acabariam sendo sobre *mim.* Eu seria o trasgo trancando minha pobre e inocente esposa em um armário em algum lugar, e se eu me recusasse a me deitar e ser montado quando ela decidisse que era hora de tomar posse, eu

seria o patético impotente que não conseguia gerar um filho na que todo mundo parecia achar ser a mulher mais bonita do mundo.

Eu estava de bom humor quando cheguei à privacidade dos meus aposentos, e para melhorá-lo, só tive tempo de tomar um gole final de conhaque enquanto o fogo saía do nó na base do meu crânio e me empurrava como um fantoche para ficar de pé. — *Para onde ela foi?* — sibilou com a minha língua e garganta, arranhando minha mente e memórias apenas o suficiente para descobrir que ela se fora novamente, e então gritou de fúria e saiu de mim para o ar livre, uma brisa de fogo girando em torno do meu corpo.

— *Por que você a deixou ir?* — ele rosnou, e não me deixou responder. Empurrou uma marca flamejante na minha garganta, queimando meus gritos antes que eles pudessem emergir no ar, me jogou no chão e me bateu selvagemente com chicotes de fogo, cada golpe um choque de dor brilhante contra a minha pele. Não havia nada a ser feito a não ser suportar. Felizmente, ele tinha me jogado de costas: descubro que ajuda de alguma maneira seguir o padrão interminável de sobe-e-desce da linha dourada contornando o teto, em toda a extensão da sala. O demônio estava em boa forma hoje à noite: eu tinha dado cinco voltas antes que o espancamento finalmente parasse e ele me jogasse para longe, com um aborrecido fim, no chão embaixo da lareira. Ele foi deslizando para as chamas crepitantes e cuspiu para mim: — *Que barganha?* — Então ele já havia conseguido extrair aquilo da minha cabeça, não que ele tenha sentido a necessidade de deixar isso atrapalhar o processo de uma surra adequada.

Eu não conseguia nem me contorcer sem agonia, e minha garganta estava áspera como se eu tivesse bebido vidro quebrado, mas é claro que isso não tinha nada a ver com algo realmente errado. O demônio parece sentir a necessidade de manter os termos da barganha original por beleza, coroa e poder, não importa como as circunstâncias mudaram, e suponho que me deixar enfeitado com cicatrizes não se encaixaria. Mas, ao longo dos anos, ele tornou-se bastante adepto a conseguir produzir a sensação de danos persistentes sem deixar marcas reais.

— O rei dos Staryk, em vez dela — eu disse, e minha voz soava perfeitamente normal. Foi necessário um esforço considerável para não deixa-la vacilar, mas o demônio gosta de lágrimas e miséria, por isso faço o possível para não produzi-las; a última coisa que quero é encorajá-lo a ampliar seus entretenimentos. Hoje em dia, eu me tornei mais uma

conveniência entediante do que um brinquedo emocionante. Eu encontrei a linha para trilhar entre o servilismo, do qual ele desfruta muito, e a provocação, que o faz voar em fúria. Fazia quase um ano desde que ele se dera ao trabalho de me bater. Até a querida Irina aparecer em cena, isso é. Se alguma *outra* coisa o leva a um frenesi, e eu sou o alvo mais próximo—como inevitavelmente sou—então não há muito o que fazer.

Eu estava mais do que um pouco relutante em me arriscar a cutucá-lo ainda mais, mas a oferta de Irina teve um efeito notável: o demônio voltou a sair da lareira e se enrolou em volta de mim como um gato ronronando. Suas chamas ainda vieram lamber minha pele, mas apenas incidentalmente; não estava mais tentando me machucar. Ainda assim, não havia nada para me proteger das gavinhas ardentes, que causaram danos muito permanentes às minhas *roupas.* Irina havia fungado severamente quando fiz questão de garantir que ela não usasse o mesmo vestido duas vezes. Suponho que ela preferiria espalhar esmola para os pobres ou doar para um bando de monges zumbidores em algum lugar; se encaixaria muito melhor com a bobagem de superioridade moral que ela tentava me alimentar. Mas me esforcei ao máximo para garantir que todos saibam que *eu* nunca apareço no mesmo traje duas vezes. A última coisa de que preciso é que alguém comece a se perguntar o que aconteceu com minhas calças favoritas ou aquelas caras botas de equitação que eu usei três dias atrás. Eu preferiria ser considerado um gastador louco do que um feiticeiro—e pareceria estranho se eu não insistisse em minha tsarina combinando comigo por questões de estilo.

— *Como?* — o demônio soprou sobre minha orelha, garras de chamas enrolando em volta do meu ombro, um aperto que disparou uma nova agonia ao longo das minhas costas. Cerrei os dentes com um uivo; ele me soltaria em um instante se eu não despertasse seu interesse — *Como ela vai dá-lo para mim...?*

— Ela não deu muitos detalhes — eu consegui dizer. — Ela diz que ele está tornando os invernos mais longos.

O demônio fez um barulho baixo de rugido na garganta e se afastou de mim novamente, deixando rastros de fumaça nos tapetes no caminho de volta para a lareira. Fechei os olhos e respirei algumas vezes antes de me recompor para levantar novamente. — Ela certamente está mentindo sobre várias coisas, mas ela tem se escondido em *algum lugar* — eu disse. — E duas nevascas desde o Dia de Primavera aumentam os limites do acaso.

— *Sim, sim* — estalou para si mesmo, roendo ociosamente um tronco. — *Sim, sim — estalou para si mesmo, roendo ociosamente um tronco. — Ele os trancou debaixo da neve, e é para lá ela foge, onde eu não posso ir... mas ela consegue trazê-lo para mim?*

Por menos que eu me importasse, em confiar nas explicações muito inteligentes de Irina—nem por um segundo imaginei que ela tivesse *meu* bem-estar em algum lugar remotamente próximo do coração—ela havia feito alguns excelentes argumentos. — Se ela não conseguir, nós não estamos em uma situação pior por ela tentar — eu disse. — Você tem certeza de que pode derrotá-lo, se ela *conseguir*?

Ele soltou uma gargalhada estridente. — *Oh, eu vou matar minha sede, vou beber tão fundo* — murmurou. — *Ele deve ser segurado com firmeza! Uma corrente de prata para prendê-lo com força, um anel de fogo para extinguir seu poder. . . traga-o para mim!* — ele sibilou para mim. — *Traga-o para mim e prepare-se!*

— Ela quer sua promessa, é claro — eu disse. Irina parecia bastante ansiosa para confiar na palavra de uma criatura profana, para toda a sua inteligência e santidade, mas então ela havia claramente decidido que eu tinha feito uma barganha para conseguir o trono, e certamente, aqui estava eu sobre ele, por todos os deleites que isso me proporcionava. Eu consideraria minha situação uma lição objetiva para se ter cuidado com o que você desejava.

— *Sim, sim* — disse o demônio. *Ela será tsarina com uma coroa de ouro, e o que ela desejar será dela, deixe que ela o traga para mim!*

Então, eu tinha razão: eu *ficaria* preso com a querida e encantadora Irina pelo resto dos meus dias, e eu não teria muito espaço para opinar em qualquer aspecto do assunto.

*

Minha Irina voltou para o demônio de manhã. Eu tinha tricotado a noite toda muito rápido. Depois que ela se foi, alisei minhas mãos sobre a lã, meus dedos tremendo como não o haviam feito enquanto eu trabalhava. Eu tinha feito flores e trepadeiras, uma colcha para uma cama de casal, e me parecia que sempre que fechava os olhos, elas continuavam crescendo por conta própria, mais rápido do que minhas mãos poderiam tê-las feito. Eu cochilei sob o peso da colcha no meu colo perto do fogo, até que a porta se

fechou e a mão de Irina estava no meu ombro novamente. — Irinushka, você me assustou. Já é noite novamente? — eu disse.

— Não — ela disse. — A barganha está feita, Magreta. Ele vai me deixar em paz e levar o rei Staryk em meu lugar. Venha. Estamos partindo para Vysnia imediatamente. Temos que estar lá dentro de dois dias.

Deixei o tricô na cama quando fui com ela. Talvez alguém viesse a esta casinha e precisasse dele algum dia. Eu não discuti. O pai dela estava em sua cara, naquele instante, embora ela não soubesse, e eu sabia que não havia qualquer utilidade. Ele parecera assim no escritório do velho duque, e parecera assim quando levou Irina à capela para se casar com o tsar: seus pés estavam em um caminho e ele estava andando, e se houvessem curvas, ele não se desviaria. Era assim que ela parecia, agora.

Eu só esperava que não estivesse mais tão frio, quando ela me trouxe para o palácio, em uma sala cheia de espelhos brilhantes e silêncio e uma harpa dourada que ninguém estava tocando. Mas tinha neve no alto da janela e não havia fogo naquele quarto escuro para aquecer minhas mãos. Não havia chance de encontrar outro aceso. A casa toda estava em frenesi quando saímos, criados correndo pelos corredores, exceto quando viram Irina, e então pararam e se curvaram para ela. Ela perguntou a cada um deles seu nome e, quando eles se foram, ela os repetiu três vezes para si— um truque que seu pai também usava, sempre que novos homens chegavam ao seu exército. Mas que bem copeiras e lacaios lhe fariam, com um demônio e um diabo de ambos os lados?

Eu a segui até o pátio: um trenó real fora preparado, uma grande carruagem recentemente pintada de dourado e branco, talvez naquela manhã, e o tsar estava ao lado dele em peles negras com borlas douradas e luvas de lã vermelha e pelo preto; oh aquele garoto vaidoso, e seus olhos estavam na minha garota, e eu não conseguia mais escondê-la dele.

— Magra, o tsar é um feiticeiro — ela me disse: dez anos, com seu cabelo já um rio corrente escuro sob a escova de prata, enquanto nos sentávamos perto do fogo em uma pequena sala no palácio do antigo tsar. — O tsar é um feiticeiro — de tal maneira que ela disse, calmamente, em voz alta, como se isso fosse algo que alguém poderia dizer a qualquer momento, sem que nada de mal viesse disso, como se uma garota pudesse dizer isso na mesa de jantar em frente à toda a corte, com a mesma facilidade com que ela disse isso logo após sair do banho para apenas sua

velha nanusha; uma menina que era apenas filha de um duque, cuja nova esposa já tinha uma enorme barriga.

Mas foi ainda pior do que isso: depois que eu dei um tapa em sua bochecha com a escova e falei para não dizer essas coisas, ela colocou a mão na bochecha onde a cor já estava desvanecendo, olhou para mim e disse: — Mas é verdade — como se isso importasse, e acrescentou. — Ele está deixando esquilos mortos para mim.

Eu não a deixei sair para os jardins novamente enquanto estávamos em Koron, embora sua pele tenha ficado ainda mais pálida e ela, apática e cansada de ficar sentada o dia inteiro junto à lareira, me ajudando a tecer. Com aqueles novelos de fios, subornei a garota que esfregava nosso chão para me dizer todos os dias quando o tsar deixava as mesas: ela sabia pela sua irmã, que era dois anos mais velha e encarregada de levar os pratos e por fios delicados, ela levava embora o prato do tsar e então subia rapidamente metade da escada e chamava sua irmã, que corria de volta para nós nos quartos do sótão, e só então eu levava Irina para comer nos últimos minutos de comida fria, antes das travessas serem levadas embora.

Foram sete semanas assim, sete semanas difíceis, pois o tsar vinha sempre muito tarde para a mesa e permanecia lá por muito tempo; mas todas as manhãs, enquanto sentávamos com fome e frio esperando no andar de cima, eu escovava os cabelos de Irina até que a garota servente viesse e nos dissesse que ele tinha saído, e toda noite eu a mantinha ocupada desembaraçando a lã e dando-a para mim em nuvens, até que fosse seguro rastejar até lá embaixo, para o que quer que tivesse restado para recolher.

Na última manhã, magra e branca, ela pulou da cadeira e correu para a janela: um vento frio estava soprando, a primeira geada do ano, e ela gritou: — O inverno chegará em breve e eu quero ir lá fora — e chorou. Meu coração se partiu, mas eu não era mais uma jovem garota, com medo de ficar presa atrás de uma porta para sempre. Eu sabia que a porta era a segurança, sabia que ela nem sempre estaria fechada, e não a deixei sair. Naquela noite, o criado de seu pai chegou, impaciente depois de subir as escadas, porque não estávamos nas mesas para ele nos encontrar; ele nos disse bruscamente que as estradas estavam congeladas, então iríamos pela manhã. Agradeci aos santos depois que ele se foi.

Os sete anos de segurança desde então, eu ganhei por ela, com aquelas sete semanas difíceis de paciência: isso não era nada. Mas eles pareciam nada quando o vi olhar para ela com olhos tão duros quanto pedra. Sete

anos se passaram, se passaram tão rapidamente, e eu não conseguia mais fechar uma porta contra ele. Alguém mais forte do que eu a abriu. Ele estendeu a mão enluvada e ela soltou meu braço; ela murmurou para mim: — Entre no trenó com os guardas, Magra. Eles cuidarão de você.

Eles eram homens jovens, soldados, mas ela estava certa de qualquer maneira; eu era uma mulher velha, de cabelos brancos e, minha senhora, era sua própria tsarina agora. Aqueles meninos brutos me ajudaram a entrar no trenó, e colocaram cobertores sobre mim e um aquecedor aos meus pés, e me chamaram de baba gentilmente, e velha nanusha, e não prestaram atenção em mim; eles estavam conversando sobre bons lugares para beber em Vysnia e resmungando porque as cozinhas do duque não eram generosas, e quando pensaram que eu estava dormindo, conversaram sobre essa garota e aquela.

Eles cutucaram e empurraram um deles, um sujeito jovem com um bigode, suficientemente bonito para ter garotas suspirando por ele, e que não havia falado de ninguém, até que outro riu e disse: — Ah, deixe Timur em paz. Sei onde está o coração dele: na caixa de jóias da tsarina — Todos riram, mas apenas um pouco, e não continuaram brincando com ele; quando me sentei e bocejei para deixá-los acreditar que realmente estava dormindo, eu o vi, os olhos feridos como se ele tivesse sido atingido por uma flecha. Ele estava olhando adiante do motorista, para o trenó branco correndo ao longe, e eu também pude ver os cabelos escuros de Irina sob o pelo branco de seu chapéu.

*

Mirnatius não falou comigo mais do que precisava na jornada, com a expressão facial mais azeda possível. — Faça o que você quiser — ele falou em poucas palavras, quando disse a ele que deveríamos partir para Vysnia imediatamente. — E quando exatamente esse Staryk vai se materializar? Não há um estoque infinito de paciência, eu acredito que você compreende.

— Amanhã à noite, em Vysnia — eu disse.

Ele fez uma careta, mas não discutiu. No trenó, ele me colocou ao seu lado no banco e olhou para outro lugar, exceto quando paramos na casa de outro nobre para pausar a nossa jornada. A família saiu e se curvou para nós, e o próprio Príncipe Gabrielius, orgulhoso e de cabelos brancos. Ele havia lutado ao lado do velho tsar e tido também uma neta candidatando-se

a tsarina, por isso tinha muitos motivos para o ressentimento frio e ofendido em seu rosto quando fui apresentada a ele pela primeira vez, mas este desapareceu enquanto ele permaneceu, por um longo tempo, com minha mão na dele, me encarando, e então ele disse em voz baixa: — Minha senhora — e curvou-se profundamente.

Mirnatius passou todo o jantar olhando para mim com desespero furioso, como se estivesse quase o deixando louco, imaginando o que o resto do mundo via em mim. — Não, nós *não* vamos passar a noite — disse ele com brutalidade selvagem ao príncipe depois, quase me arrastando para o trenó no que suponho que parecia uma agitação causada por ciúmes. Ele se jogou no canto violentamente, com a mandíbula cerrada e gritou com o motorista para fazer os cavalos se moverem, e enquanto avançávamos, ele lançou um olhar rápido e sem vontade para mim, como se achasse que talvez pudesse surpreender minha beleza misteriosa e pegá-la de surpresa antes que ela fugisse de seus olhos.

Não se passou uma hora, e então ele parou abruptamente no meio da floresta e ordenou a um lacaio que lhe trouxesse uma caixa de desenho: uma bela confecção de madeira incrustada e ouro que se dobrava em uma espécie de cavalete pequeno, e um livro de papel fino dentro. Ele acenou para o trenó seguir em frente e o abriu. Eu peguei vislumbres de dentro quando ele virou as páginas, desenhos, padrões e rostos olhando para mim, alguns deles lindos e familiares do deslumbre de sua corte, mas em uma página, um breve lampejo de outro rosto passou, estranho e terrível. Nem mesmo um rosto, pensei, depois que tinha desaparecido; era formado grosseiramente com algumas sombras aqui e ali, como mechas de fumaça, mas isso era suficiente para deixar a sugestão de horror.

Ele parou em uma página em branco, perto do fim — Sente-se e olhe para mim — disse ele bruscamente, e eu obedeci sem discutir, um pouco curiosa; eu me perguntei se a mágica se sustentaria quando os homens olhassem para um retrato meu. Ele desenhou com uma mão rápida e segura, olhando mais para mim do que para o papel. Mesmo enquanto deslizávamos para a frente, meu rosto tomou forma rapidamente em sua página e, quando terminou, ele olhou para o desenho e o rasgou com um puxão furioso e o estendeu para mim. — O que eles *veem?* — ele demandou.

Peguei e me vi pela primeira vez com minha coroa. Mais eu mesma na página em suas poucas linhas, pareceu-me, do que eu já havia visto em um

espelho. Ele não havia sido cruel, embora totalmente sem bajulação, e ele tinha me construído a partir de peças, de alguma maneira: uma boca fina e um rosto magro, minhas sobrancelhas grossas e o nariz de machadinha do meu pai, apenas não quebrado duas vezes, e meus olhos um deles um pouco mais alto que o outro. Meu colar era um rabisco na cavidade da minha garganta, minha coroa na cabeça e a trança dupla grossa do meu cabelo descansando em meu ombro, uma sugestão de peso e brilho nos traços. Era um rosto comum e pouco bonito, mas certamente era meu e de nenhum outro, embora houvesse apenas algumas linhas na página.

— Eu — eu disse, e o ofereci de volta para ele, mas ele não aceitou. Ele estava me observando, e o sol se pondo estava vermelho em seus olhos e, ao baixar, ele se inclinou e me disse com uma voz de fumaça: — *Sim, Irina; eles vêem, doce e fria como gelo* — carinhosa e horrível. — *Você cumprirá sua promessa? Traga-me o rei do inverno e eu farei de você uma rainha do verão.*

Minhas mãos se fecharam, amassando o papel, e eu estabilizei minha voz antes de falar: — Vou levá-lo ao rei Staryk e colocá-lo em seu poder — eu disse. — E você jurará me deixar em paz depois, e todos os que eu amo também.

— *Sim, sim, sim* — disse o demônio, soando quase impaciente. — *Você terá beleza, poder e riqueza, todos os três; uma coroa de ouro e um castelo alto; vou te dar tudo o que você deseja, só traga ele em breve para mim...*

— Não quero suas promessas ou presentes, e eu já tenho uma coroa e um castelo — disse. — Vou trazê-lo para você, para interromper o inverno, por Lithvas, mas meus desejos serão realizados por mim, uma vez que você tiver deixado a mim e aos meus, sozinhos.

Ele não gostou disso. Aquele vislumbre do caderno, a sombra de horror, olhou do rosto de Mirnatius para mim, carrancudo, e eu tive que me esforçar para não recuar. — *Mas o que você terá, o que eu lhe darei em troca* — disse ele, reclamando. — *Você levará a juventude para sempre, ou uma chama de magia na sua mão? O poder de obscurecer as mentes dos homens e dobrá-las à sua vontade?*

— Não, e não, e não novamente — eu disse. — Não vou levar nada. Você recusa?

Ele emitiu um som sibilante e se enroscou de forma não natural no assento do trenó, puxando as pernas de Mirnatius para cima e passando os braços sobre elas, a cabeça balançando para frente e para trás, como o fogo

agarrado a um tronco. Ele murmurou: — *Mas ela o trará... ela o trará para mim...* — e ele olhou para mim novamente, com os olhos vermelhos, e sibilou: — *Combinado! Combinado! Mas se você não o trouxer, um banquete ainda terei, de você e de todos os seus amados.*

— Me ameace de novo, e eu levarei todos eles para morarem comigo nas terras de Staryk — eu disse, uma demonstração da mais pura bravura. — E você pode passar fome sozinho no inverno sem fim, até que sua comida desapareça e seu fogo diminua para brasas e cinzas. Amanhã à noite você terá seu rei Staryk. Agora saia até então. Eu me preocupo com a sua companhia ainda menos que com a *dele,* e isso significa muito.

Ele sibilou para mim, mas eu havia pensado em uma ameaça com a qual ele não se importava, ou então não gostava da *minha* companhia também; ele encolheu de volta para dentro de Mirnatius como uma faísca desaparecendo, o brilho vermelho desapareceu, e ele afundou ofegante contra as almofadas com os olhos fechados até recuperar o fôlego. Quando ele o recuperou novamente, virou sua cabeça para me encarar. — Você o *recusou* — ele me disse, quase com raiva.

— *Eu* não sou tola, para aceitar presentes de monstros — eu disse. — De onde você acha que o poder dele vem? Nada daquilo vem sem preço.

Ele riu, um pouco estridente e afiado. — Sim, o truque é ter alguém que pague por você — ele disse, e gritou para o motorista: — Koshik! Encontre-nos uma casa para pararmos essa noite! — e afundou novamente com a mão no rosto.

Ele não havia ponderado a situação bem o suficiente ao nos apressar de volta para a estrada, e eu também não, enquanto fazia meus discursos grandiosos para o seu demônio. O único abrigo encontrado era uma casa modesta de um boyar, nada tão grandioso quanto se tivéssemos ficado com o Príncipe Gabrielius. Naturalmente, o boyar cedeu seu próprio quarto ao tsar e à tsarina, com uma cama envolta por cortinas, mas todos os outros estavam amontoados com dificuldade. Estava frio demais novamente, o suficiente para que todos os cavalos e gado tivessem que ser abrigados; ninguém conseguia dormir lá fora, e havia pouco espaço nos estábulos. Isso significava que alguns criados tinham que dormir no chão do nosso quarto, então eu não podia fugir e, embora o demônio não estivesse lá, meu *marido* ainda estava.

Minha noite de núpcias havia sido, por tanto tempo, um pavor terrível e anormal, que eu tinha me esquecido de ficar alarmada com o horror comum

de ter que deitar com um estranho. Eu disse a mim mesma, com alívio, que pelo menos ele não me *queria,* não importa o quão desagradável seria até mesmo deitar na cama juntos. Quando os criados começaram a despi-lo, e ele notou que eu ainda estava lá, ele também olhou para a cama com uma espécie de resignação neutra. E então, depois que as velas foram apagadas e nós estávamos deitados rigidamente um ao lado do outro, com as cortinas da cama fechadas ao nosso redor, o frio do inverno continuando a rastejar em torno delas, apesar das paredes de madeira e do fogo na lareira, ele soltou um suspiro raivoso e virou-se para mim, com a boca fechada como a de um prisioneiro indo para o bloco.

Eu o parei com minhas mãos em seu peito, olhando para ele na fraca luz rosa, com meu coração, de repente, batendo mais rápido. — Bem, minha amada esposa? — ele disse amargamente, e muito alto, uma paródia de ternura realizada para o nosso público, e eu percebi que ele queria me ter, afinal de contas. Eu não conseguia pensar; eu estava tão branca quanto uma página. Haviam quatro criados do lado de fora ouvindo: se eu dissesse *não,* eu dissesse *ainda não,* se eles me ouvissem—e então sua mão amontoou meu vestido e puxou o linho fino de alta qualidade sobre minhas coxas, e seus dedos percorreram minha pele.

Isso me fez pular, um arrepio involuntário, e minhas bochechas ficaram dolorosamente vermelhas e quentes. Então eu disse alto demais: — Oh, *amado.* — coloquei minhas mãos em seu peito e o empurrei de volta, o mais forte que pude.

Ele não esperava por isso, e estava apoiado na cama apenas em seus braços, então ele caiu; ele se levantou com uma expressão meio indignada, por tudo o que ele estava fazendo como um homem condenado, e eu me inclinei e sussurrei ferozmente: — Pule na cama!

Ele olhou para mim. Eu me movi na cama, o suficiente para fazer a madeira velha gemer audivelmente, para demonstrar, e com um olhar meio perplexo, ele se juntou a mim, até que eu dei outro pequeno grito, em benefício da nossa audiência, e ele pegou, abruptamente, um travesseiro e enfiou o rosto nele e começou a tremer com uma risada tão violenta que pensei por um momento que ele estava novamente possuído.

E então, de repente, ele estava chorando, tão abafado que nem ouvi um som, mesmo estando atrás das cortinas com ele; somente quando ele teve que se afastar, apenas o suficiente para dar um suspiro entre a agonia. Se o

tivessem ouvido na sala, não haveria nada que os fizessem duvidar do nosso teatro; ele apenas fez pequenos suspiros, todos os outros sons silenciados.

Eu sentei ali, imóvel como uma boneca; eu não sabia o que fazer. Eu não queria sentir nada, e a princípio apenas fiquei ressentida, que ele tinha o mau gosto de chorar na minha frente como se tivesse o direito de esperar que eu me importasse, mas eu nunca tinha ouvido alguém chorar tanto. Eu havia sentido medo, me machucado e ficado triste, mas não tinha choros assim dentro de mim. *Ele* teria me preenchido com eles, se tivesse me alimentado a seu demônio. Como ele mesmo estava sendo devorado, talvez.

A culpa era dele, eu teria dito, e disse a mim mesma, ferozmente, repetidas vezes, sentada ali com o corpo dele amolecendo ao meu lado como neve derretida, enquanto ele afundava na quietude frágil da exaustão. Mas ainda sentia pena dele, mesmo que não quisesse, como se ele estivesse conjurando simpatia de mim. Sentei-me com os joelhos dobrados sob o vestido e meus braços apertados em volta deles, tentando manter isso dentro de mim, até que pensei que talvez ele estivesse dormindo. Arrisquei um olhar por cima do ombro: seus olhos estavam abertos e sem brilho, mas o vermelho injetado de sangue já estava desaparecendo deles, e ele os fechou e virou o rosto um pouco mais para o travesseiro.

# CAPÍTULO 18

Eu estava com medo de que Stepon e a mãe de Miryem tivessem dificuldade em caminhar, depois que saíssemos da casa, com toda a neve. Mas a neve estava congelada, e ficamos sobre ela. Apenas Sergey caiu, duas vezes, e batemos a neve de suas roupas para que ela não derretesse e o deixasse com frio. E não foi por muito tempo. Nós estávamos andando por apenas meia hora, talvez, mesmo com ele caindo na neve, quando, de repente, Sergey disse:
— Acho que vejo a estrada — e ele estava certo. Saímos dentre as árvores e lá estava o rio, congelado, e a estrada ao lado, já com trilhas de trenó na neve.

Haviam casas e aldeias na estrada o resto do dia enquanto estávamos andando. Elas se aproximaram muito porque estávamos chegando mais perto de Vysnia, disse a mãe de Miryem. Não entendi como poderíamos ter estado tão perto de tantas casas. Tínhamos estado tão longe da estrada, tão fundo na floresta, quando encontramos a casinha. Era estranho que não tivéssemos ouvido sons de pessoas e que Sergey nunca tivesse visto ninguém enquanto estava procurando por madeira. Mas as casas e aldeias estavam lá. Fiquei com um pouco de medo quando vimos pessoas, mas ninguém prestou atenção em nós. Quando estava escurecendo, o pai de Miryem nos disse para esperar na estrada, e ele seguiu em frente para a próxima casa, uma casa de fazenda. Ele voltou com uma cesta de comida, e disse que havia lhes dado dinheiro para nos deixar dormir no celeiro acima dos animais naquela noite. De manhã, trilhamos o resto do caminho até Vysnia, e foram apenas algumas horas caminhando.

Eu pensei que Vysnia seria como a cidade, apenas maior, mas realmente era como um edifício. Tudo o que podíamos ver era uma parede que alcançava até onde você podia ver em qualquer direção. Era feita de tijolos vermelhos, construídos um sobre o outro, tão alto que você não conseguia enxergar, e então mais alto que isso, também. Não haviam janelas na parede, exceto pequenas janelas muito estreitas no topo, que pareciam tão pequenas que você teria que colocar o lado do seu rosto nelas e espiar com um olho. A única maneira de atravessar era uma porta no final da estrada, tão grande que um enorme trenó puxado por quatro cavalos e carregado de lã podia atravessá-lo.

Não havia outra maneira de se aproximar da parede. Uma grande vala havia sido cavada em toda a base da parede. Estava cheia de neve, mas podíamos perceber que estava lá, porque a neve era mais baixa ali, e haviam pontas afiadas saindo dela: grandes árvores que tinham sido despidas de galhos, com suas pontas afiadas agora. Parecia que eles não queriam que ninguém entrasse, jamais.

Mas haviam muitas, muitas pessoas esperando na porta da cidade para entrar. Eu nunca tinha visto tantas pessoas. Elas se estendiam pela estrada como galinhas andando em fila. Quando chegamos perto o suficiente para ver aquela parede e a fila de pessoas, eu me aproximei de Sergey, e Stepon colocou a mão na minha e puxou-a. Ele não diria nada até que eu abaixasse minha cabeça, para que pudesse sussurrar direto no meu ouvido: — Não poderíamos voltar para casa?

Mas os pais de Miryem não pareciam estar preocupados. — Será uma longa espera hoje — disse a mãe de Miryem. — Alguém importante deve estar vindo para ver o duque. Veja, estão mantendo o portão limpo até eles chegarem.

— O tsar está chegando, eu ouvi — disse uma mulher à nossa frente na fila, virando-se. Ela usava um bom vestido de lã, marrom, bordado na bainha, com um xale vermelho na cabeça e uma cesta no braço; o filho dela era um jovem alto e silencioso, com cachos atrás das orelhas, como Panov Mandelstam usava, então eles também eram judeus.

— O tsar! — a mãe de Miryem disse.

A outra mulher assentiu. — Ele se casou com a filha do duque, na semana passada. E já está de volta para uma visita! Espero que não seja um mau sinal.

— A pobre garota deve estar com saudades de casa — disse a mãe de Miryem. — Qual a idade dela?

— Oh, ela tem idade suficiente para se casar — disse a mulher. — Minha irmã apontou-a para mim na cidade no ano passado, andando com seus servos. Não há muito o que olhar, eu teria dito, mas eles dizem que o tsar se apaixonou por ela à primeira vista.

— Bem, o coração sabe o que quer — disse Panova Mandelstam.

Eu nunca a tinha ouvido falar com alguém assim. Eu pensei que elas deveriam se conhecer, mas depois de um tempo, a mãe de Miryem perguntou: — Você tem família na cidade? — e a mulher disse: — Minha irmã mora lá, com o marido. Temos uma fazenda em Hamsk. De onde você é?

— De Pavys — disse a mãe de Miryem. — Uma jornada de um dia. Viemos para um casamento: minha sobrinha, Basia.

A mulher soltou um grito feliz e a pegou pelos ombros — Meu sobrinho Isaac! — ela disse. Elas se beijaram nas bochechas e se abraçaram, e depois estavam falando de nomes de pessoas que eu não conhecia: elas eram amigas, fácil assim. Eu não entendia como elas haviam se encontrado naquela longa fila de tantas pessoas. Parecia mágica.

Nós estávamos esperando há um longo tempo. Eu teria pensado que seria mais fácil ficar de pé do que andar, mas não era. A mulher tinha comida em sua cesta, e insistiu para que comêssemos um pouco, e eu ainda tinha um pouco na minha, e dividimos tudo. Removemos a neve de alguns tocos e pedras maiores ao longo da beira da estrada, para que pudéssemos sentar por um tempo, pelo menos.

Enquanto comíamos, um tamborilar começou a passar pelo chão embaixo de nós e, em seguida, um tinido um pouco desafinado. Os homens saíram do portão da cidade e desceram à fila empurrando todo mundo ainda mais para fora da estrada, e quando eles vieram até nós, nos disseram em voz alta para levantar e estar prontos para se curvar. Eles tinham espadas nos cintos, espadas reais, não brinquedos. Continuamos de pé por um longo tempo novamente, esperando que o tinido se tornasse mais alto pouco a pouco, e então, de repente, ele estava próximo a nós. Vi cavalos pretos com dourado e vermelho, e um longo trenó baixo esculpido com grandes rampas e brilhando com ouro, e uma garota com uma coroa de prata sentada nele. Eles foram tão rápidos que estavam lá só por um momento e se foram. Aquele grande trenó atravessou a porta e entrou no grande edifício da

cidade e desapareceu sem diminuir a velocidade. — A tsarina, a tsarina! — eu ouvi algumas pessoas gritarem, mas esquecemos de nos curvar, até que eles se foram, e então nos curvamos tarde demais, mas tudo bem, porque ainda haviam pessoas para quem se curvar: trenós cheios de malas e caixas e pessoas, pessoas suficientes para fazer uma vila própria, todos seguindo o tsar, como se ele não fosse realmente uma única pessoa, mas todos eles juntos, algo feito de pessoas.

Depois que todos se foram, o tsar inteiro dentro da cidade, os homens começaram a nos deixar passar. Todo esse tempo estávamos esperando apenas para que o tsar pudesse entrar na cidade sem ter que esperar. A fila era ainda maior atrás de nós, do que na nossa frente. Mas uma vez que eles começaram a nos deixar entrar, levou talvez apenas meia hora antes de chegarmos à porta, mesmo que eles já tivessem nos mantido lá por horas. Eu estava tão cansada de esperar; eu só queria chegar à porta, mas Stepon andava muito devagar, tão devagar que as pessoas atrás de nós começaram a se aglomerar, impacientes. Ele estava olhando para a porta.

— E se não pudermos sair de novo? — ele me disse.

Eu não sabia a resposta. Então nos aproximamos e vi que as pessoas não estavam apenas entrando pela porta. Os homens com as espadas estavam fazendo perguntas e anotando coisas. De repente, senti medo. E se eles nos perguntassem quem éramos e de onde éramos e por que estávamos ali? Eu não sabia o que diria.

Mas Panova Mandelstam estendeu a mão e pegou a minha outra, a que Stepon não estava segurando, apertou-a e disse suavemente: — Apenas não diga nada — e quando chegamos à porta, Panov Mandelstam falou com um homem com uma espada, e então eu o vi dar uma moeda de prata a esse homem, e o homem disse: — Tudo certo, tudo certo — acenando para que continuássemos.

Eu estava tão feliz e confiante com o alívio que continuei indo sem pensar nisso, e então estava dentro da cidade. A parede era tão grande que levou vinte passos desde o início da porta até o final dela. Um ruído ficou cada vez maior enquanto percorríamos o caminho. Então chegamos ao outro lado e o céu estava aberto sobre nós, e ao nosso redor haviam outros edifícios, como se a cidade os tivesse engolido para dentro de sua barriga junto conosco e todas as outras pessoas.

Stepon parou e colocou as mãos sobre os ouvidos e não queria ir a lugar algum. Ele estava tremendo quando eu o toquei. Panova Mandelstam disse:

— Venha, vai ficar mais quieto quando sairmos das ruas movimentadas — mas ele não conseguia se mexer, então finalmente Sergey disse: — Vamos lá, Stepon, eu carregarei você nas minhas costas — embora ele não tivesse feito isso por um longo tempo, não desde que Stepon era muito pequeno, e Stepon era grande o suficiente agora que suas pernas com as botas que Panova Mandelstam lhe deu pendiam pelas laterais de Sergey, penduradas e chutando enquanto Sergey caminhava. Mas ele encostou o rosto nas costas de Sergey e não olhou para cima o tempo todo.

Não era fácil de andar. As ruas tinham estado cheias de neve por algum tempo, e para que as pessoas pudessem andar, elas tinham empurrado a neve para fora do meio, em duas grandes paredes de cada lado da rua, com buracos cavados em direção às portas de cada casa. Mas as ruas não eram muito grandes e então havia nevado ontem novamente, e agora as paredes eram maiores do que nossas cabeças, e havia um pouco de neve na estrada, para a qual não havia espaço nas paredes, e estava escura com sujeira e meio congelada e escorregadia sob nossos pés. Haviam casas grandes em todos os lugares, todas encostadas umas nas outras, sem espaço de ambos os lados, tão altas que eu senti que elas estavam inclinadas, olhando para nós na rua abaixo delas. Haviam pessoas em todo lugar que você olhava. Não havia nenhum lugar onde não houvesse ninguém.

Seguimos Panova Mandelstam. Ela sabia onde estava indo. Eu não sabia como. Cada esquina que ela virava parecia exatamente como as outras esquinas. Mas ela andava com muita firmeza e certeza, como se não precisasse pensar em que direção virar, e ela estava certa, porque finalmente chegamos a outra grande parede, não tão grande quanto a primeira, com uma porta, e mais dois homens com espadas. Panov Mandelstam também lhes deu uma moeda, e eles nos deixaram passar pela porta. Pensei que talvez agora estivéssemos saindo, mas havia mais cidade do outro lado daquela parede também. Só que nesta parte, todos ao nosso redor eram judeus.

Eu nunca tinha visto nenhum outro judeu além da família de Miryem, exceto a mulher na fila e seu filho. Agora eu não vi mais ninguém. Era um sentimento estranho. Eu pensei que quando Miryem tivera que ir para o reino Staryk, talvez fora assim para ela. De repente, todos ao seu redor eram iguais, mas não como você. E então pensei, mas já era assim para Miryem. Era assim para ela o tempo todo, na cidade. Então talvez não tenha sido tão estranho.

Então, eu estava pensando sobre Miryem, e me perguntando como era para ela, e foi por isso que, de repente, percebi que Panova Mandelstam tinha vindo aqui por Miryem. Eu parei na rua. Eu não tinha perguntado por que eles vieram. Eu estava tão feliz em vê-los na floresta, e Stepon, que eu só tinha espaço para a alegria e nenhum para perguntas. Mas é claro que foi por isso que eles vieram. Ela estava procurando por Miryem. Mas Miryem não estaria aqui.

Eu tive que continuar andando, porque Panova Mandelstam ainda continuava seguindo em frente e, se nos perdêssemos, Sergey, Stepon e eu não saberíamos o que fazer. Eu não sabia como voltar para fora desta cidade. Era como estar em uma casa que tinha mil quartos e todas as portas eram as mesmas. Passamos por um grande mercado barulhento em uma praça, cheio de pessoas comprando e vendendo, e então viramos em uma rua que parecia silenciosa após o barulho do mercado, mas ainda era muito barulhenta se comparada à floresta. Logo ficou ainda mais silencioso e as casas começaram a ficar grandes e largas, com grandes janelas cheias de vidro, e aqui a neve estava em pilhas mais limpas e escadas subiam em direção às casas, saindo da neve. Finalmente chegamos a uma casa muito grande, com um arco e um pátio ao lado, e haviam cavalos e pessoas carregando coisas, muito ocupadas.

A mãe de Miryem parou nos degraus dessa casa. Ela estava com seu braço no de Panov Mandelstam, e ele olhou para a porta, e eu pensei que ele não queria entrar naquela casa, mas então eles subiram as escadas juntos, e ela se virou e acenou para dizer, *Venham comigo,* então subimos atrás deles e para dentro. — Rakhel! — uma mulher estava dizendo; ela tinha cabelos, em sua grande maioria, grisalhos, prateados e brancos, e havia algo em seu rosto que me fez pensar em Panova Mandelstam, e elas estavam se beijando e pensei, essa era a avó de Miryem. A mãe de Miryem também tinha uma mãe, que ainda estava viva. — E Josef! Já faz muito tempo. Entrem, entrem, tirem suas coisas — ela estava dizendo, e beijando as bochechas de Panov Mandelstam.

Eu tinha medo que Panova Mandelstam lhe perguntasse sobre Miryem imediatamente, mas ela não o fez. Mais mulheres saíram da cozinha e houve um grande barulho de saudação e conversa entre elas. Eu pensei, inicialmente, que elas estavam conversando tão rápido que eu não conseguia entender, mas então percebi que eles estavam dizendo palavras que eu não entendia nem um pouco, misturadas com palavras que eu sabia.

Me fez querer, repentinamente, ir embora, voltar para aquela casinha na floresta. Sentada à mesa na casa de Panova Mandelstam, comendo do prato de Miryem, pensei um pouco secretamente em meu coração, sem realmente querer, que talvez pudesse tomar o lugar de Miryem, mas agora sentia que não conhecia realmente o lugar de Miryem. Eu já tinha visto parte dele, mas não tudo. Este também era o lugar de Miryem, e não era um lugar para mim. Eu não era desejada aqui.

Eu teria ido embora se soubesse para onde ir. Sergey estava ao meu lado, e Stepon tinha saído de suas costas e estava encolhido contra mim, com a cabeça em meu lado e puxando meu avental sobre o rosto. Eles teriam partido comigo. Mas não sabíamos para onde ir. E então ouvi o meu próprio nome: Panova Mandelstam havia levado a mãe para um lado, longe do barulho e das conversas, e ela estava dizendo algo sobre mim, sobre nós, suavemente para a mãe, que estava ouvindo, preocupada e olhando para nós. Eu queria saber o que elas estavam dizendo, para deixá-la tão preocupada, e me perguntei o que faríamos se ela dissesse que não nos queria aqui nem para dormir. Haviam problemas conosco, e ela não nos conhecia.

BMas ela não disse isso. Ela disse algo para a mãe de Miryem e, em seguida, a mãe de Miryem veio até nós com um sorriso que parecia dizer que tudo vai ficar bem, mas que não tinha certeza disso, e então ela nos levou para mais fundo naquela casa grande. Havia uma escada subindo e nós a seguimos para um grande corredor com um tapete no meio, e no final daquele corredor havia outra escada, e subimos aquela, e depois havia *outra,* degraus de madeira, e então estávamos em um pequeno corredor que não tinha tapete, apenas tábuas de madeira simples, e haviam apenas duas portas de cada lado e uma porta no teto com uma corda pendurada nela. Ela abriu a porta à esquerda e nos levou para um quarto que era do tamanho do quarto da casinha na floresta, e a casa era grande assim, que você podia subir e subir por ela e então encontraria outra casa inteira no topo, e a cidade era grande assim, que tinha tantas casas que você não poderia diferenciá-las uma da outra.

Mas havia uma janela no quarto, na parede em frente à porta, e Stepon afastou sua mão de mim e correu para a janela e pressionou todo o rosto nela com um grito. Eu pensei que ele estava chateado, mas ele disse: — Somos pássaros! Wanda, Sergey, olhe, somos pássaros — e eu fui até ele, com um pouco de medo, e olhamos através do vidro e Stepon estava certo:

éramos pássaros. Havíamos subido tão alto naquela casa que estávamos olhando para os telhados de outras casas, e olhando para as ruas. Lá de cima, podia ver o mercado em que tínhamos estado, só que tão pequeno que eu poderia cobri-lo com a mão se a colocasse na janela e pude ver a grande muralha da cidade e ela era apenas uma linha bem fina, como uma cobra laranja rastejando ao redor do lado de fora, uma cobra laranja com neve nas costas, e do outro lado havia a floresta com todas as árvores transformadas em uma grande coisa escura, e uma manta pesada de neve branca sobre tudo isso, que machucou meus olhos ao olhar. Também havia neve branca nos telhados de todas as casas, mas nas ruas estava tudo sujo e preto, mas desta altura até aquilo não parecia ruim.

— Venham, sentem-se e descansem — disse a mãe de Miryem. Eu nem tinha olhado para o quarto, por causa da janela. Haviam três camas, camas de verdade feitas de madeira, cada uma com um colchão, cobertores e travesseiros. Havia uma pequena lareira sem fogo, mas o quarto estava muito quente de qualquer maneira, e havia uma mesinha na frente da janela, e uma cadeira na mesinha, e outras duas cadeiras na frente da lareira. Elas tinham almofadas nos assentos que estavam só um pouco desgastadas. — Eu sei que vocês devem estar com fome. Vou trazer comida. Sinto muito por colocá-los em um lugar tão alto, nos quartos dos criados: todos os outros quartos no térreo já estão cheios de convidados. Mas alguns deles vão embora amanhã depois do casamento, e então não estará tão lotado.

Nós não sabíamos o que dizer, então não falamos nada, e, em seguida, ela nos deixou lá e cada um de nós sentou em uma cama e, do outro lado do quarto, nos entreolhamos. Eu sabia que o avô de Miryem era rico, mas não sabia o que rico significava antes. Rico queria dizer que este quarto com três camas, uma mesa, cadeiras e uma janela cheia de vidro era algo pelo qual se desculpar. Era ainda maior do que eu pensava que era porque, quando nos sentamos, havia um grande espaço aberto entre nós, onde não tinha nada para cozinhar e nenhuma grande pilha de lenha, e sem panelas, machado ou vassoura nas paredes. Havia uma pequena pintura na parede acima da minha cama, que alguém tinha feito da cidade do lado de fora da janela, só que era uma pintura da primavera, com as árvores verdes e os pássaros no ar.

Depois de um tempo, Panova Mandelstam voltou, e havia uma garota com ela, uma jovem alta e forte, com o cabelo embaixo de um lenço, carregando uma grande bandeja pesada com comida, e ela colocou-a sobre

a mesa e depois acenou com a cabeça para Panova Mandelstam e foi embora. Eu a segui com o olhar e pensei, aquela garota era eu; nem havia espaço aqui para eu carregar e trazer coisas. Eles já tinham alguém naquele lugar, também.

Stepon e Sergey foram comer imediatamente, mas eu não podia sentir fome. Eu estava com fome, mas senti uma dor em meu estômago quando olhei para a comida, e disse a Panova Mandelstam: — Nós não temos qualquer serventia para você aqui. — e eu quase disse, *Devemos ir,* mas não pude, porque nós não tínhamos para onde ir, a menos que nos tornássemos pássaros e voássemos para longe.

Panova Mandelstam olhou para mim surpresa. — Wanda! — ela disse. — Depois de toda a ajuda que você tem sido para nós? Devo dizer, *"Oh, mas de que serve ela para mim agora?"* — ela estendeu as mãos e pegou meu rosto e me sacudiu um pouco para frente e para trás. — Você é uma boa garota com um bom coração. Tanto trabalho que você fez sem uma palavra de reclamação. Desde que você entrou em minha casa, não precisei levantar uma mão. Antes de eu pensar em fazer uma coisa, já estava feita. Eu estava doente, mas porque você estava lá ajudando, eu melhorei novamente. E você nunca pede nada. Você só pega aquilo que pressionamos em suas mãos. Então agora você deve me deixar fazer isso.

— O que você pressiona em minhas mãos é mais do que tudo o que tenho! — eu disse, porque doía ouvi-la dizer aquelas coisas que não eram verdadeiras, como se eu só tivesse vindo e a ajudado para ser boa, e não porque eu queria prata, e queria estar segura.

— Então você não tem o suficiente, e eu tenho mais do que preciso — disse ela — Quieta, querida. Você não tem mais uma mãe, mas deixe-me falar com você com a voz dela por um minuto. Ouça. Stepon nos contou o que aconteceu em sua casa. Há homens que são lobos por dentro e querem comer outras pessoas para encher a barriga. Era isso que estava em sua casa com você, por toda a sua vida. Mas aqui está você com seus irmãos, e você não está devorada, e não há um lobo dentro de você. Vocês alimentaram um ao outro, e mantiveram o lobo longe. Isso é tudo o que podemos fazer um pelo outro no mundo, manter o lobo longe. E se houve comida em minha casa para vocês, então estou feliz, feliz com todo o meu coração. Espero que sempre haja.

— Quieta, não chore — disse ela, e seus polegares estavam enxugando lágrimas do meu rosto, embora elas estivessem vindo mais rápido do que

ela conseguiria levá-las embora. — Eu sei que você está com medo e preocupada. Mas haverá um casamento aqui hoje. É hora de se alegrar. Por hoje nós não deixamos que a tristeza entre nessa casa. Tudo bem? Sente-se e coma, agora. Descanse um pouco. Se você quiser, quando não estiver cansada, desça e me ajude. Ainda há trabalho a ser feito, e é um trabalho feliz. Vamos levantar o dossel para a noiva e o noivo, colocaremos comida nas mesas, e comeremos juntos e dançaremos, e o lobo não entrará. Amanhã, pensaremos em outras coisas.

Eu assenti sem dizer nada. Eu não pude dizer nada. Ela sorriu para mim, limpou mais de minhas lágrimas, e então desistiu de tentar enxugá-las e apenas me deu um lenço tirado de sua saia, e tocou minha bochecha novamente e saiu. Sergey e Stepon estavam sentados à mesa, olhando para a comida. Havia sopa, pão e ovos, e quando me sentei ao lado deles, Stepon disse: — Eu não sabia que era mágico, quando você trouxe para casa. Eu pensei que era apenas comida.

De repente, estendi minhas mãos para eles: estendi minha mão para Sergey de um lado, e para Stepon do outro, e eles estenderam suas mãos para mim e para o outro, e nos seguramos com força; fizemos um círculo juntos, meus irmãos e eu, em torno da comida que nos foi dada, e não havia lobo no quarto.

*

De manhã, Mirnatius abriu as cortinas cedo e pôs os criados para correr, antes que eu sequer tivesse sentado na cama; eles nos trouxeram chá quente em uma bandeja e pão quente com manteiga e geléia, outro prato de fatias grossas de presunto e queijo: comida saudável que certamente era a melhor que eles tinham, embora apenas um passo à frente da comida camponesa. Ele fez uma careta e só pegou. Eu me forcei a comer, mantendo os olhos baixos para não olhar para ele em seu roupão bordado luxuosamente, suas mãos e sua boca. O fogo estava quente contra minha bochecha, mas minha outra bochecha também estava quente. Eu ficava lembrando dos dedos dele na minha coxa, e meu anel não engoliria esse calor.

Ele exigiu um banho de banheira, e eu tive que suportar isso: eles a colocaram diante do fogo, e duas criadas o lavaram enquanto eu tentava não observar suas mãos se movendo sobre o corpo dele, tentava não sentir algo como ciúmes. Eu não estava com ciúmes dele, mas do que ele me tinha

feito sentir, aquela excitação que deveria ter pertencido a um homem que eu *deixaria* me tocar; um homem que *gostaria* de me tocar, que poderia realmente ser meu marido. Eu queria que esse arrepio na perna fosse um presente que eu nunca tinha esperado; eu queria poder olhá-lo em seu banho, corar e ficar *feliz* por isso. E, em vez disso, tive que desviar o olhar deliberadamente, porque se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito, hoje à noite eu o jogaria em uma cova com um rei Staryk, enterraria os dois, e me casaria com um homem bruto, tão velho quanto meu pai.

Magreta rastejou para dentro, tímida e corajosa, com seu pente e escova, para pentear meu cabelo; as mãos dela nos meus ombros fizeram uma pergunta trêmula que eu não conseguia mais responder. Ela me disse há algum tempo, em termos prosaicos rápidos, o que acontece entre um homem e uma mulher, quando eu ainda era jovem, o suficiente para pensar que parecia bobo e prometer, sem hesitação, nunca deixar um homem fazer isso até que nos casássemos. — Não que *você será* deixada sozinha com qualquer homem, dushenka — ela acrescentou, tardiamente, acariciando meu cabelo: ela estava passando um discurso que alguém havia lhe dado, há muito tempo; um discurso que ela tinha ouvido e obedecido durante todos os seus dias.

Alguns anos depois, quando eu já tinha idade suficiente para entender o que o *casamento* significava para a filha de um duque, e por que nunca seria deixada sozinha com algum homem por tempo suficiente para escolher qualquer coisa até que minhas escolhas se acabassem, ela havia me contado tudo de novo, de forma reconfortante, como algo a ser suportado: não é tão ruim, são apenas alguns minutos, não vai doer muito, e apenas na primeira vez. Eu estava velha demais para ser consolada, no entanto. Entendi que ela estava mentindo, sem saber exatamente *como* ela estava mentindo; talvez doeria toda vez e talvez doesse muito e talvez durasse eras—uma ampla gama de possibilidades desagradáveis. Eu até tinha lhe perguntado como ela sabia, e ela havia ficado corada e envergonhada e disse: — Todo mundo sabe, Irinushka, todo mundo sabe — e aquilo significava que ela realmente não sabia.

Mas ela nunca havia me falado sobre outras possibilidades, sobre por que ela me fez prometer em primeiro lugar. Agora eu me perguntava se ela já estivera faminta dessa maneira, e como ela havia sufocado essa fome; que pedaço de pão ela havia pressionado na boca para não engolir as sementes de um desastre. Sentei-me com as mãos dela trançando lentamente meu

cabelo e minhas mãos estavam entrelaçadas no meu colo, a prata do meu anel iluminou dourada pelos reflexos das chamas, como a pele do meu marido, brilhava com uma luz âmbar enquanto ele saía pingando do banho.

Ele ficou parado como uma estátua em frente à ampla lareira diante de mim, enquanto as criadas enxugavam as gotas dele com panos macios: amorosamente até demais, o que tentei não notar. As duas eram muito bonitas, é claro, escolhidas para agradar os olhos do tsar. Mas ele apenas contorceu os ombros como um cavalo espantando as moscas para longe e disse com forte impaciência: — Minhas roupas — elas pararam às pressas, enquanto seus criados do palácio as expulsavam e traziam para ele suas roupas, seda e veludo dispostas em camadas com o mesmo cuidado que a armadura de meu pai, sob um comentário crítico afiado dele o tempo todo, insatisfeito com esse vinco ou aquela protuberância.

Eu já estava vestida. Os criados curvaram-se para Mirnatius quando ele os dispensou, e depois se viraram para mim enquanto Magreta colocava a coroa em meus cabelos recém-trançados. Eles ficaram em silêncio por um momento diante de mim, olhando, e então todos se curvaram novamente, mais baixo; as duas criadas fizeram uma reverência profunda, e saíram do quarto de mãos dadas com seus cestos de panos e sabão nos outros braços, sussurrando uma para a outra melancolicamente. Mirnatius observou todos com mais indignação confusa e, de repente, pegou seu livro de onde a bolsa estava encostada na parede. Sem sequer se sentar, ele desenhou, grosseiramente, meu rosto novamente em linhas furiosas rápidas e virou-se para apanhar um dos criados ainda indo e voltando esvaziando baldes da banheira. — Veja isso! Isso é um rosto bonito? — ele demandou.

O pobre homem ficou muito alarmado, é claro, e olhou para o retrato tentando adivinhar a resposta que o tsar queria; ele olhou para o retrato e disse: — É a tsarina? — de uma vez, e então ele olhou para mim, olhou de volta para o retrato, e olhou impotente para o tsar.

— *Bem?* — Mirnatius disse, bravo. — É bonito ou não?

— Sim? — o homem disse fracamente, em desespero.

Mirnatius rangeu os dentes. —*Por quê?* O que sobre ele é bonito? *Olhe* para ele e me diga, não apenas dispare o que você acha que eu quero ouvir!

O homem engoliu, apavorado, e disse: — É bem semelhante?

—*É*? — Mirnatius disse.

— Sim? Sim, muito bom — disse o homem, apressadamente, de modo mais definitivo, quando Mirnatius se aproximou dele. — Mas eu não sou

juiz, Majestade! Me perdoe! — ele inclinou a cabeça.

— Deixe-o ir, — eu disse, com pena — em vez disso, pergunte ao boyar.

Mirnatius fez uma careta para mim, mas acenou para o criado sair, e ele levou o retrato para o boyar e o empurrou nas mãos dele na porta, enquanto toda a nossa comitiva se amontoava nos trenós novamente. O boyar e sua esposa olharam para ele, e ela o tocou com os dedos e disse. — Que lindo, Majestade.

— Por quê? — ele disse, irritado, instantaneamente se voltando contra ela. — Quais características te agradam, o que sobre ele?

Ela olhou surpresa para ele e olhou de volta e disse: — Por quê—nada específico, suponho, Vossa Majestade. Mas vejo o rosto da tsarina novamente quando olho para ele — ela sorriu para ele, de repente. — Talvez eu veja o que seus olhos vêem — disse ela, gentil e bem-intencionada, e ele se virou quase sem fôlego de raiva e se jogou no trenó, deixando a página solta ainda nas mãos dela.

Ele me desenhou mais uma dúzia de vezes naquele dia, um retrato após o outro de todos os ângulos que ele podia arranjar; ele agarrou meu queixo e empurrou minha cabeça em uma direção e outra em uma frustração louca. Eu o deixei fazer isso sem reclamar. Eu ficava pensando, sem querer, em seu choro silencioso. Seu livro estava cheio de retratos, e ele fez os criados olharem para eles, e o boyar, cuja casa paramos para passar a manhã. Chegamos a Vysnia um pouco depois do meio-dia, e o trenó parou diante dos degraus da casa de meu pai. Nós ainda não tínhamos parado completamente de nos mover antes de Mirnatius saltar para fora; sem sequer dizer uma palavra de saudação, ele empurrou o livro nas mãos do meu próprio pai e disse, quase selvagemente: — Bem?

Meu pai examinou os retratos vagarosamente, virando as páginas com a ponta do dedo grosso e calejado; uma expressão estranha estava surgindo em seu rosto. Eu desci, com a ajuda de um criado, e minha madrasta Galina estava estendendo as mãos para mim em saudação. Nós beijamos as bochechas, e eu me endireitei, e meu pai ainda estava no último desenho, um esboço do meu rosto olhando para árvores carregadas de neve, uma única curva para a borda do trenó e apenas o outro lado do meu rosto visível, apenas cílios e o canto da minha boca e a linha do meu cabelo. Ele disse: — Ela tem o olhar da mãe dela nesses — e devolveu o livro a Mirnatius abruptamente, a boca pressionada em uma linha, e se virou para beijar minhas bochechas.

Eu nunca havia dormido no maior aposento da casa de meu pai. Eu havia espiado algumas vezes como uma brincadeira ousada, quando não haviam convidados de honra na casa e Magreta deixava. Sempre me pareceu um quarto imponente e imenso. Os peitoris das janelas eram de pedra talhada, assim como a pesada e imprudente varanda que dava para a floresta e o rio.
— Eram os aposentos da antiga duquesa — Magreta me disse uma vez. Haviam tapeçarias nas paredes: Magreta havia ajudado a consertar algumas, mas minha própria costura não era boa o suficiente para ser permitida; eu tinha feito um pouco do bordado em dois dos travesseiros de veludo que cobriam a cama, com seus engraçados pés grandes cheio de garras que eu sempre tinha gostado: a insígnia do último duque havia sido um urso, e havia meia dúzia de móveis antigos ainda contendo os pés esculpidos.

Mas agora o quarto parecia subitamente pequeno, estreito e quente demais para mim, depois da delicada beleza do palácio do tsar. Fui para a varanda enquanto os criados traziam nossas coisas, movimentando-se ao meu redor, com o vento frio bem-vindo no meu rosto. Era um pouco tarde, o sol se pondo. Magreta entrou repreendendo os criados que trouxeram minha caixa de vestidos, mas então veio ficar comigo, silenciosamente, pressionando minha mão entre as dela, acariciando as costas dela.

Quando os outros saíram e ficamos sozinhas por um momento, eu disse baixinho: — Você pedirá a um dos outros criados para descobrir onde fica a casa de Panov Moshel? Fica no bairro judeu, em algum lugar. Haverá um casamento lá hoje à noite, e o motorista precisará saber o caminho. E me encontre um presente para levar.

— Oh, dushenka — disse ela, suavemente, com medo. Ela levou minha mão à bochecha e depois a beijou e foi embora para fazer o que eu pedi.

Um dos guardas de Mirnatius entrou, um dos soldados que vieram conosco do palácio. Ele não era realmente um lacaio, mas, ao contrário dos outros criados movendo-se no quarto, eu não era a filha do duque para ele; eu era a tsarina, e quando olhei para ele, ele se curvou profundamente para mim e parou ali em seu lugar, esperando. Eu disse: — Você dirá ao meu pai que eu gostaria de vê-lo?

— Imediatamente, Vossa Majestade — disse ele, uma nota em sua voz como a corda mais grave de um instrumento, e ele saiu.

Meu pai veio até mim. Ele parou na porta e eu me virei, ainda na varanda, e olhei para ele com as costas retas. Seus olhos estavam em mim, pesados e avaliando como sempre estiveram, medindo meu valor, e depois

de um momento ele atravessou o quarto e veio se juntar a mim na pedra fria. Abaixo de nós, o branco quase ininterrupto da floresta e o rio congelado se espalhava para dentro da área rural coberta. — Não será uma boa colheita este ano — eu disse.

Eu meio que esperava que ele estivesse irritado ou até bravo ao ser convocado, que falasse rispidamente comigo: para ele certamente eu era apenas o peão inesperadamente útil. Minha função não era começar a investigar, independentemente, sobre o conselho. Mas ele apenas disse: — Não. O centeio está arruinado nos campos.

— Lamento te fazer arcar com os custos, mas haverá um casamento enquanto estamos aqui — eu disse a ele. — Estamos casando Vassilia com o primo de Mirnatius, Ilias.

Ele fez uma pausa e olhou para mim por baixo das sobrancelhas por um longo momento. Ele disse lentamente: — Nós conseguimos administrar. Quanto tempo depois dela chegar?

— Na mesma hora — eu disse, e nos entreolhamos, e eu sabia que ele me entendia perfeitamente.

Ele esfregou a mão na boca, pensativo — Vou garantir que o Padre Idoros esteja pronto e esperando na capela quando os cavalos de Ulrich passarem pelo portão. A casa estará lotada, mas sua madrasta e eu deixaremos nosso quarto para eles. Ela dormirá no andar de cima com as mulheres dela, e eu fico no quarto ao lado, com seu primo Darius. Alguns outros homens da casa de seu marido podem compartilhar conosco para dar espaço.

Eu assenti, e sabia que não teria que me preocupar com Ulrich descobrindo uma forma de levar, secretamente, sua valiosa filha debaixo de seu novo noivo.

— O Príncipe Casimir estará visitando? — meu pai perguntou depois de um momento, ainda me estudando.

— Ele pode não vir até o dia seguinte, receio — eu disse. — Nosso mensageiro para ele estava atrasado para começar, alguns problemas com seu cavalo.

Meu pai olhou de volta para o quarto. Os criados ainda estavam trabalhando, mas nenhum deles estava perto da varanda. — Como está a saúde do seu marido?

— Em grande parte, bem. Mas ele tem... uma doença nervosa — falei. — Um problema que sua mãe tinha, eu acho.

Meu pai fez uma pausa e suas sobrancelhas se uniram. — Isso dá a ele... dificuldade?

— Até agora, sim — eu disse.

Ele ficou em silêncio, e então disse: — Terei uma conversa tranquila com Casimir quando ele chegar. Ele não é bobo. Um homem sensato e um bom soldado.

— Estou feliz que você gosta dele — eu disse.

Meu pai levantou a mão e segurou minha bochecha por um momento, tão inesperado que fiquei parada embaixo dela, assustada. Ele disse baixo, ferozmente: — Estou orgulhoso de você, Irina — e então ele me soltou novamente. — Você e seu marido vão descer para jantar hoje à noite?

— Hoje não — eu disse depois de um momento. Foi um esforço para falar, a princípio. Não havia pensando que queria que meu pai se orgulhasse de mim. Nunca tinha parecido possível, mas eu não sabia que isso importava para mim. Eu tive que me forçar a encontrar as palavras novamente. — Há mais uma coisa. Outra... coisa.

Ele estudou meu rosto e assentiu: — Conte-me.

Eu esperei em silêncio, até que o quarto tivesse esvaziado de criados novamente por um momento. — O inverno está sendo feito pelos Staryk. Eles pretendem congelar todos nós — Ele enrijeceu, e instintivamente estendeu o dedo até metade do caminho em direção às correntes pendendo da minha coroa de prata, olhando para elas. — O rei deles pretende trazer a neve durante todo o verão.

Seus olhos estavam duros e concentrados em mim. — Por quê?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sei. Mas há uma maneira de impedir isso.

Eu contei a ele sobre o plano naqueles poucos momentos de privacidade, simples e brutalmente rápido. Quando falei de política, eu sabia exatamente como contar mil coisas sem dizer uma única palavra traidora que qualquer outra pessoa entenderia, nunca temendo que ele não saberia o que eu queria dizer, mas não quando falei de senhores do inverno e demônios de fogo. Eles se moveram através de nossas palavras como se moviam através de nosso mundo, desastres além de seus limites. Falei rapidamente, não apenas para não ser ouvida, mas porque queria me apressar: a história não fazia sentido, além da dura realidade das paredes de pedra e do assassinato, e o sol reluzente no trilho brilhante como a neve.

Mas meu pai ouviu atentamente, e ele não disse *Não seja tola,* ou *Isso é loucura*. Quando terminei, ele disse: — Havia uma torre no extremo sul das paredes da cidade, perto do bairro judeu. Nós a invadimos no cerco quando chegamos à cidade. Nós reconstruímos a parede logo depois, e deixamos o porão e as fundações da torre do lado de fora, cobertos de terra, e meus dois melhores homens e eu cavamos um túnel que se estendia além dos porões do palácio, enquanto a cidade ainda estava parcialmente queimada — eu estava assentindo rapidamente, entendendo: ele havia feito um caminho de volta para fora da cidade, uma maneira de escapar de um cerco, como o antigo duque não havia precisado usar. — Uma vez por ano, à noite, desço o túnel e volto para verificá-lo. Hoje vou desenterrá-lo com minhas próprias mãos, e esperar por você lá, do lado de fora das paredes. Você tem a corrente?

— Sim — eu disse. — Na minha caixa de jóias. E doze grandes velas, para fazer um anel de fogo.

Ele assentiu. Mais criados entraram e ficamos em silêncio juntos. Ele não disse nada enquanto desempacotavam outras duas caixas de roupas luxuosas, veludo, seda e brocados. Seus olhos estavam no trabalho, mas ele não estava realmente vendo; eu podia ver sua mente desenrolando um fio emaranhado com lenta e cuidadosa paciência, seguindo-o de uma ponta a outra através de um matagal. — O que é? — eu perguntei, quando eles se foram novamente.

Ele disse depois de um momento: — Homens têm vivido aqui há muito tempo, Irina. Meu bisavô tinha uma casa de fazenda perto da cidade. Os Staryk governam a floresta, e cobiçam o ouro, e cavalgam nas tempestades de inverno para obtê-lo, mas eles nunca antes impediram a primavera — meu pai olhou para mim com seus olhos frios e claros, e eu sabia que ele estava me avisando quando disse: — Seria bom saber: *Por quê?*

*

Eu tinha a promessa do rei Staryk, mas não queria confiar nela; o pânico dos depósitos ainda me preenchia. Mas eu estava tão cansada que adormeci em meu banho assim que me colocaram nele. Suponho que poderia ter dormido o tempo que quisesse, mas, enquanto estava deitada, dormindo, eu tive metade de um sonho em que estava em pé na soleira do salão de baile

na casa de meu avô, o quarto inteiro vazio e as luzes diminuídas e o Staryk zombando ao meu lado: — Você confundiu a data.

Eu me levantei em um terror repentino, totalmente acordada, meu coração batendo forte. Fiquei olhando por um momento, confusa, a parede do meu quarto na minha frente, que não estava clara mais, mas branca, e então me arrastei desajeitadamente para fora da banheira, enrolando um lençol em volta de mim enquanto tropeçava. Não foi a parede que havia mudado: foi o mundo inteiro que tinha se tornado branco; a floresta enterrada tão fundo que os pinheiros mais próximos estavam cobertos até seus pequenos topos pontiagudos, revestidos espessamente, com nenhuma folha verde escura visível em qualquer lugar. O rio havia desaparecido completamente sob o cobertor, e o céu quase branco como pérola.

Fiquei olhando para fora com o lençol apertado em meus punhos contra mim, pensando em toda aquela neve caindo em minha casa, caindo em Vysnia, até que um dos criados atrás de mim disse timidamente: — Minha senhora, você vai se vestir?

Flek, Tsop e Shofer haviam desaparecido, o trabalho de meros criados evidentemente sob eles agora, mas eles haviam organizado tudo o que eu precisava antes de irem. Shofer foi pedir a um dos outros motoristas que preparasse o trenó para a minha jornada, e uma multidão de outros criados foi convocada, que me obedeceu com um tipo diferente de silêncio e rapidez, como se alguma palavra e sussurro já tivessem corrido através do reino, e sua visão de mim tivesse mudado.

Eles me trouxeram um vestido de seda branca pesada com um casaco de brocado branco bordado em prata, e uma gola alta de renda de prata e jóias claras para contornar meus ombros. Eles colocaram a pesada coroa de ouro sobre tudo isso—incompatível a princípio, mas eu mal olhei para mim mesma no espelho e notei, ouro disparou repentinamente por todas as linhas de prata até a bainha bordada. Ao meu redor, as mulheres soltaram a seda e tiraram seus olhos do meu rosto.

Eu estaria muito mais incompatível no casamento de Basia, uma boneca fantástica que alguém havia imaginado, desenfreado pelo custo ou senso. Mas eu não lhes disse para trazerem outro vestido. Eu estava trazendo um rei Staryk como convidado do casamento, e na esperança de matá-lo no meio das festividades; minhas roupas seriam o de menos. E se eu fosse sortuda o suficiente para escapar desta noite com a minha vida e o vestido intactos, eu o venderia a uma nobre para fazer um dote para um casamento

de verdade. Eu não acreditava que a prata fosse se transformar em ouro para mim no mundo iluminado pelo sol, mas continuaria sendo uma mulher rica até o fim dos meus dias sustentada por um único conjunto.

Então eu mantive minha cabeça erguida sob o peso da minha coroa e deixei o fardo dela me fazer deslizar com um passo imponente para a frente dos aposentos. Tsop e Shofer haviam voltado e estavam esperando ali por mim, cada um deles com uma pequena caixa cheia de prata: principalmente pequenas jóias, um copo ou dois, alguns garfos espalhados, facas, pratos e moedas soltas preenchendo em torno deles. Eles haviam trocado suas roupas, também, para roupas de marfim claro. Tsop havia colocado os botões de ouro das antigas roupas dela nas suas novas. Os outros criados curvaram-se para eles e os olharam de lado ao mesmo tempo.

Então Flek entrou, também em marfim e carregando sua própria caixa, e ao lado dela, uma garotinha a seguia, uma garota Staryk. Ela foi a primeira criança que eu vi aqui, e ainda mais estranha aos meus olhos do que um Staryk adulto era: ela era tão fina e pálida quanto um sincelo e quase tão translúcida, e tons e veias de um azul profundo eram visíveis sob sua pele, uma fina camada clara de gelo. Ao lado dela, a outra Staryk se parecia com encostas nevadas, e ela um núcleo congelado em que a neve ainda não havia assentado. Ela olhou para mim com uma grande curiosidade silenciosa.

— De Mãos Abertas, esta é minha filha, que agora é sua serva, também — disse Flek suavemente, e tocou seu ombro, e a garotinha me fez uma reverência cuidadosa. Ela estava carregando um pequeno colar de prata nas mãos, um simples adorno que ela, evidentemente, não quis colocar na caixa com o resto, e eu estendi a mão e o toquei, antes de tudo.

Dourado coloriu toda a sua extensão com o menor impulso da minha vontade, e a criança deu um delicado suspiro estridente, em deleite, que fez isso parecer mais mágica do que todo o trabalho que eu havia feito no tesouro abaixo. Lentamente, virei-me para a caixa de Flek e toquei o topo da pequena pilha de prata dentro. Tudo resplandeceu em ouro de uma só vez, da mesma maneira rápida e fácil, como se eu tivesse de alguma forma esticado os músculos do meu presente a novos comprimentos—como se agora eu *pudesse* ter ido e convertido três despensas cheias de prata em ouro, sem nenhum truque envolvido. Converti a prata de Tsop e a de Shofer também; nenhum deles parecia surpreso com o quão fácil foi. Eu terminei e

perguntei a eles: — É permitido dizer obrigada aqui, ou isso é rude de alguma forma?

— Minha senhora, nós não recusaríamos nada que você desejasse nos dar — disse Tsop um pouco impotente, depois que os três trocaram um olhar. — Mas sempre ouvimos dizer que no mundo iluminado pelo sol, os mortais dão *obrigado* uns aos outros para preencher o vazio onde eles falham em retribuir, e você já nos deu tanto que devemos responder isso com o serviço de nossas vidas: você nos deu nomes em sua voz, e elevou nossas posições, e encheu nossas mãos com ouro. O que são seus agradecimentos ao lado disso?

Quando ela colocou as coisas dessa maneira—embora não tivesse pensado nos nomes como um *presente* que eu estava lhes dando—eu tive que pensar no que eu *significaria* ao dizer obrigada, em vez de apenas a polidez automática. Eu tive que pensar um pouco nas palavras certas; eu havia sido sacudida de meu estado sonolento, mas ainda me sentia entorpecida, como se minha cabeça tivesse sido coberta com lã por dentro. — O que eu quero dizer—o que queremos dizer com isso é—é como crédito — eu disse, subitamente pensando em meu avô. — Presentes, e agradecimentos—nós aceitaremos de alguém o que eles podem dar, e retribuir a eles quando desejado, se pudermos. E existem alguns truques, e algumas dívidas não são pagas, mas outras são pagas com juros para compensar isso, e todos podemos fazer mais, paralelamente, por não termos que pagar. Então, eu lhes agradeço, — acrescentei abruptamente. — porque vocês arriscaram tudo o que tinham para me ajudar, e mesmo que vocês considerem a retribuição justa, ainda me lembrarei do risco que vocês correram e ficarei feliz em fazer mais por vocês, se eu puder.

— Eles me encararam, e depois de um momento, Flek estendeu a mão e a colocou na cabeça da filha e disse: — Minha senhora, então eu perguntarei, se você não achar que isso vai além do que nos deve: você dará a minha filha o nome verdadeiro dela? — devo ter parecido tão perplexa quanto me sentia; Flek baixou seus olhos. — Quem a gerou não aceitou o fardo quando ela nasceu e a deixou sem nome — disse ela suavemente. — E se eu perguntar novamente agora, ele concordará, mas ele tem o direito de exigir minha mão em troca, e eu não desejo mais dá-la.

Eu não sabia quais eram as leis entre os Staryk, sobre o casamento, mas sabia exatamente o que pensava de um homem que geraria uma criança e se recusaria a reconhecer isso: eu também não iria querê-lo. — Sim. Como eu

faço isso? — eu perguntei, e depois que ela me disse, estendi minha mão para a garotinha, e ela veio comigo até o final da varanda, e me abaixei e sussurrei em seu ouvido: — Seu nome é Rebekah bat Flek — que eu pensei que certamente daria a qualquer Staryk, que tentasse adivinhar, um grau significativo de dificuldade.

Seu corpo todo se iluminou, como se alguém tivesse acendido uma chama dentro dela. Ela correu de volta para a mãe e disse: — Mamãe, Mamãe, eu tenho um nome! Eu tenho um nome! Posso te contar? — e Flek se ajoelhou, puxou-a para seus braços, beijou-a e disse: — Durma com isso somente em seu coração esta noite, pequeno floco de neve, e me diga de manhã.

Fiquei contente ao ver a alegria delas: senti naquele momento que *dado* dado uma retribuição justa, mesmo para aquele dia e noite de terror que todos viveram comigo, e se nunca mais os visse, ainda esperava que eles se saíssem bem. Eu senti uma pontada de culpa, porque não sabia exatamente o que aconteceria se meu plano fosse bem-sucedido e deixasse o trono do rei vazio para alguém reivindicar. Isso significaria que minha própria posição havia caído, e a deles com a minha? Mas eu esperava que isso os colocasse apenas em algum nível mais baixo de nobreza, na pior das hipóteses. De qualquer forma, eu tinha que me arriscar, pelo bem do meu próprio povo, sendo enterrado vivo sob a neve sem fim do lado de fora da minha janela.

Eu respirei fundo — Estou pronta para ir — eu disse, e quase instantaneamente a parede de vidro se abriu e meu marido entrou: meu marido, a quem eu pretendia matar. Por justa causa e mais, mas ainda assim me senti um pouco enjoada, e não olhei para a sua cara. Eu tinha evitado olhá-lo antes porque ele parecia tão terrível e estranho, sincelos brilhantes trazidos à vida; agora eu o evitava porque, de repente, ele parecia muito *alguém,* como uma pessoa. Eu tinha segurado a mão daquela pequena estátua de gelo congelada em forma de garota, e ela era minha afilhada agora ou algo parecido com isso, e quando olhei para Flek, Tsop e Shofer, seus rostos estavam aquecidos pelo reflexo do ouro nos baús aos seus pés, e eles eram os rostos dos meus amigos, meus amigos que haviam me ajudado, e me ajudariam novamente se pudessem. O que importava que eles não *falassem* de bondade, aqui; eles me *fizeram* uma gentileza com suas mãos. Eu sabia qual deles escolheria.

Mas eles tornaram, subitamente, mais difícil ver apenas o inverno no rosto *dele*. Ele não era meu amigo, ele era as monstruosas extremidades afiadas do gelo, querendo me abrir e derramar ouro para fora de mim enquanto ele engolia meu mundo. Mas ele era um monstro satisfeito no momento: eu *tinha* me aberto e enchido duas dispensas de ouro, e ele teve que se *igualar* à minha realização para preencher seu próprio senso de dignidade, então ele veio a mim vestido com esplendor igual ao meu, como se ele pretendesse ser gentil para a ocasião, e ele se curvou para mim tão cortês como se eu realmente *fosse* sua rainha. — Venha, então, minha senhora, e vamos ao casamento — disse ele, até mesmo, de repente, educado comigo, agora quando eu mais queria que ele fosse frio, rancoroso e ressentido. Suponho que não deveria ter ficado surpresa: ele nunca havia me dado o que eu queria, a menos que o tivesse feito prometer antes.

Olhei para meus amigos uma última vez e inclinei minha cabeça para eles, dizendo adeus, e saí ao lado dele. Descemos juntos para o pátio. O trenó estava esperando, amontoado de peles brancas sem uma marca. Meu vestido e minha coroa eram tão pesadas para mim que alcancei as laterais para subir no trenó, mas antes que eu pudesse, ele me pegou pela cintura e me levantou sem esforço para dentro antes de se sentar ao meu lado.

O cervo saltou com o estremecer das rédeas do motorista, e a montanha foi desaparecendo ao nosso redor. O vento era forte e doce em meu rosto, não muito frio, enquanto corríamos pela passagem para os portões de prata e de volta ao mundo, as lâminas do trenó sussurrando sobre a estrada e os cascos do cervo um leve tamborilar. Levaram apenas alguns minutos antes de estarmos correndo rapidamente em direção à floresta. O cervo e o trenó voaram sobre a neve recém-caída sem deixar mais do que leves trilhas, e as árvores semi-enterradas pareciam estranhamente pequenas enquanto passávamos por elas.

Observei o que o Staryk faria, que feitiço ou encantamento ele usaria para abrir um caminho para o mundo iluminado pelo sol, mas tudo o que ele fez foi se virar e olhar para mim, quase da mesma maneira especulativa, como se ele estivesse se perguntando se *eu* não poderia lançar alguma mágica inesperada. E então ele me disse, abruptamente: — Não responderei perguntas para você hoje à noite.

— O que? — minha voz quase falhou com alarme; por um instante, pensei que ele tinha *adivinhado,* ele sabia o que eu havia planejado e nós não estávamos indo a nenhum casamento, mas para a minha execução.

Então eu entendi o que ele *realmente* quis dizer. — Nós temos uma barganha!

— Em troca apenas dos seus direitos. Você não me deu nada em troca dos *meus.* Não defini um valor a eles, e agora vejo que negociei falsamente... — ele se interrompeu abruptamente, virando-se para a frente, e então disse lentamente: — Foi por isso que você exigiu respostas para perguntas tolas como sua retribuição? Para mostrar seu desdém pelo meu insulto? — ele ficou ali por um momento de silêncio, e antes que eu pudesse corrigi-lo, ele riu, de repente, como um coro cheio de sinos cantando por longas distâncias sobre a neve, um barulho desconcertante; eu nunca tinha imaginado-o rindo. Parei de boca aberta, meio assustada e meio indignada, e então ele se virou e pegou minha mão e a beijou, o roçar de seus lábios contra a minha pele, algo como expirar vidro congelado.

Ele me pegou tanto de surpresa que eu não disse nada a princípio, ou até mesmo libertei minha mão, e então ele me disse ferozmente: — Vou fazer as pazes com você hoje à noite, minha senhora, e te mostrar que aprendi bem como valorizar você; não vou precisar de outra lição além desta — com um aceno de seu braço fora do trenó, sobre a vasta paisagem envolta em neve.

A princípio, olhei confusa, imaginando o que ele queria dizer, mas não havia nada à nossa volta, nada a ser visto, exceto seu inverno imensuravelmente profundo. Cem anos de inverno que tinham, de alguma forma, chegado, de repente, em um dia de verão, quando os Staryk deveriam ter ficado trancados atrás das paredes de vidro de sua montanha, esperando o inverno voltar. Embora os Staryk nunca tivessem sido capazes de segurar a primavera por tanto tempo.

Cem anos de inverno, em um dia de verão. Eu disse, através de uma garganta, de repente, obstruída e apertada: —*Você* não fez este inverno.

— Não, minha senhora — disse ele, ainda olhando para mim, com toda a vasta auto-congratulação de um homem que havia encontrado um tesouro escondido em uma manjedoura suja. Um tesouro de ouro, como os Staryk sempre cobiçaram; e quando eles começaram a nos assaltar mais, quando começaram a vir em busca desse ouro com mais frequência—foi quando os invernos começaram a ficar cada vez piores. E agora—e agora—haviam duas vastas despensas cheias de ouro brilhante e iluminado pelo sol; o calor do sol do verão aprisionado no metal frio para o Staryk esconder

profundamente dentro de suas paredes, enquanto ele enterrava meu lar sob uma parede de inverno.

Ele *sorriu* para mim, ainda segurando minha mão; ele sorriu para mim e depois se virou para o motorista e disse: — Vá! — e com uma guinada estávamos na estrada branca; a estrada do rei, como Shofer havia chamado; a estrada Staryk que havia conhecido e vislumbrado na floresta escura a vida toda. Ela corria à nossa frente como se sempre tivesse estado lá, e se estendia para trás de nós também, até onde eu podia ver, uma passagem abobadada sem fim. As estranhas árvores sobrenaturalmente brancas a alinhavam dos dois lados, seus galhos pendurados com claras gotas de gelo e folhas brancas, e a superfície dela era de um gelo branco-azulado liso, nublado. O trenó voou sobre ela, e de repente um forte cheiro repentino de folhas de pinheiro e seiva entrou no meu nariz, uma luta desesperada da vida. Através do dossel de galhos brancos acima, o céu começou a mudar: o cinza coloriu-se lentamente de um lado com azul e do outro com dourado e laranja, o céu de uma noite de verão sobre a floresta de inverno, e eu sabia que havíamos deslizado para fora de seu reino e de volta ao meu próprio mundo.

Ele ainda estava segurando minha mão na dele. Deixei-a lá deliberadamente, pensando em Judith cantando, em sua doce voz, para fazer os olhos de Holofernes ficarem pesados em sua tenda, e o que mais ela houvesse suportado lá primeiro. Eu poderia suportar isso. Eu estava com tanta raiva que tinha ficado fria imediatamente. *Deixe* ele pensar que me tinha, e podia ter meu coração com um levantar de seu dedo. *Deixe* que ele pense que eu trairia meu povo e meu lar apenas para ser uma rainha ao lado dele. Ele podia segurar minha mão o resto do caminho se quisesse, como uma retribuição justa pelo presente que ele havia me dado, a única coisa que eu queria dele depois de tudo: eu tinha até mesmo perdido o menor escrúpulo em matá-lo.

# CAPÍTULO 19

Havia alguns criados que iam ao bairro judeu às vezes: a empregada de Galina, Palmira, quando sua patroa queria algumas joias, ia ver suas barracas. Ela era muito elevada para falar comigo antes com qualquer coisa, menos impaciência, quando minha senhora era a filha pouco querida da esposa que tinha vindo antes; toda a dança que acontecia nos grandes salões de baile e nos quartos, dançamos novamente entre nós em nossos corredores estreitos. Mas agora eu era serva da Tsarina, que me valorizava o suficiente para me chamar, então, quando bati no vestiário da duquesa, Palmira levantou-se de onde estava sentada polindo joias e veio me beijar nas duas bochechas, e me perguntou, se eu não estava cansada da viagem, e me pediu que sentasse em sua cadeira ao lado da parede que estava do outro lado da lareira no quarto; ela enviou a empregada doméstica para trazer uma xícara de chá. Sentei-me alegremente diante da parede quente e bebi o chá: oh, estava cansada.

— O banqueiro? — ela disse imediatamente, quando eu disse a ela o nome Moshel. — Não sei onde ele mora, mas o mordomo saberá. Ula — disse ela à garota. — nos traga um pouco de kruschiki e algumas cerejas, e depois diga a Panov Nolius que a querida Magreta está aqui e pergunte se ele não se juntará a nós para tomar uma xícara de chá: não devemos fazer ela correr por toda a casa depois de tanto viajar. Outro pequeno passo de dança, porque ela gostava de fazer o mordomo chegar até *ela,* o que ele não faria, exceto se eu estivesse aqui. E aqui estava eu, e a parede estava quente nas minhas costas, e eu estava velha demais para continuar dançando. Eu só

sentei e bebi meu chá e tomei outra xícara com cerejas e comi um doce kruschik derretido e agradeci a Panov Nolius quando ele se dignou a vir sentar-se e tomar um chá conosco.

— Panov Moshel mora na quarta casa na rua Varenka — disse ele, calmo e rígido, quando lhe perguntei o nome. — Sua Majestade quer arranjar um empréstimo? Eu ficaria feliz em estar de serviço.

— Um empréstimo? A tsarina? — eu disse confusa; Irina havia dito um homem no bairro judeu, e eu pensei naqueles agiotas em suas pequenas barracas que olhavam através de seus pequenos óculos redondos um anel de prata que havia vindo de sua mãe e depois lhe tinham dado dinheiro por isso. Pouco de dinheiro, comparado com o que valia para você, mas o pouco dinheiro que você tinha que ter naquele momento, porque uma das meninas que estavam sentadas naquele quarto escuro com você, por horas, escapou para ver um daqueles soldados que deixaram você sair, e agora ela precisava de um médico que não viria, exceto por prata e no meio da noite. Foi isso que significou para mim, alguém que emprestou dinheiro no bairro judeu. Não era alguém para lidar com um duque ou uma tsarina.

Nolius gostou que eu não soubesse muito bem; eu poderia ser a serva da tsarina, mas ainda era uma velha tola que pensava que o mundo era feito de pequenas coisas, e ele era o mordomo de confiança do duque. Então ele se curvou um pouco, pegou um kruschik e me disse, satisfeito e cheio de conhecimento: — Não, não, Panov Moshel tem um banco: um homem de valor sólido, mais respeitável. Ele ajudou a conseguir os empréstimos para a reconstrução da muralha da cidade após a guerra, com grande discrição. Sua Graça o trouxe aqui para casa oito vezes a negócios e sempre ordenou que ele fosse tratado com grande respeito. E em nenhuma das vezes Moshel tentou negociar. Ele vem sempre a pé, não em uma carruagem; as mulheres de sua família se vestem sobriamente e ele mantém uma casa modesta. Ele nunca pediu um favor em troca.

Eu sempre pensei na muralha da cidade como algo construído por soldados, e não com dinheiro, mas é claro que você teria que pagar de alguma forma; pedras e argamassa e comida para os homens comerem e roupas para vestirem enquanto a construíam para você, mas mesmo se eu tivesse imaginado isso até agora, eu pensaria apenas que o dinheiro devia ter vindo de uma sala forte em algum lugar, um baú cheio de ouro como um duque teria ou um tsar. Eu não pensaria nisso vindo de homens calmos, de jaleco comum, que não andavam de carruagem.

Nolius se inclinou para ter certeza de que eu entenderia que ele estava me dizendo algo particular que apenas um homem de sua importância saberia, e acrescentou com muito significado: — Ele foi informado de que se ele se convertesse, portas poderiam ser abertas para ele — então ele se recostou e deu de ombros, abrindo a mão. — Mas ele não escolheu, e Sua Graça ficou satisfeita. Ouvi-o dizer: "Prefiro ter meus negócios nas mãos de um homem contente do que de um homem faminto. Prefiro me arriscar no campo de batalha" eu certamente o recomendaria se Sua Majestade desejasse fazer algum arranjo financeiro.

— Oh, não — eu disse. — Não, é uma questão diferente, uma questão de mulher. A neta dele deu a ela um presente que ela valoriza, e ela quer voltar na ocasião do seu casamento. Ela me pediu para arrumar um presente.

Nolius pareceu intrigado e olhou para Palmira: é claro que eles achavam que eu havia confundido a história, e eles estavam certos, eu sabia que havia entendido algo errado. Mas isso não importava. Que essa seja a história. Já era estranho o suficiente. — Foi um presente dado antes do casamento — acrescentei, para torná-la um pouco menos estranho para eles.

Palmira disse: — Ah! — muito delicadamente, e ambos decidiram de uma vez que não insistiriam mais na questão, afinal. Não fazia sentido trazer à tona os velhos tempos em que eles foram rudes comigo nos corredores quando passávamos; os dias em que Irina e eu morávamos em duas câmaras frias um pouco altas na casa para a filha de um duque, e quando ela podia estar feliz com o que quer que a neta de um judeu a enviasse: neta de um judeu de visão de futuro, que era mais sábio eles, e plantaram uma semente de gratidão que agora viria a florescer.

— Bem, é claro que deve ser algo notável — disse Nolius com firmeza: quem *reconheceu* minha senhora deve ser recompensado, pois, caso contrário, quem a negligenciou deve ser punido. — Sem jóias, é claro, ou dinheiro. Talvez algo para sua casa...

— Deveríamos pedir o conselho de Edita — disse Palmira, ou seja, a governanta, e Nolius também estava feliz por tê-la vindo, já que *ele* se rebaixou, então alguns minutos depois ela também veio, tomou chá com cerejas e me fez perguntas sobre o palácio do tsar.

— É muito frio para uma velha — eu disse. — Janelas em todo lugar! Mais alto duas vezes do que toda essa parede — Mostrei-os com a mão. — E a parede é tão longa quanto o salão de baile, e isso é apenas o quarto de dormir. Seis lareiras acesas ao mesmo tempo, para não congelar vivo, e tudo

em ouro, tudo: as janelas e as pernas da mesa e o banheiro, tudo. Seis mulheres para limpar o quarto.

Todos suspiraram de prazer e Edita disse a Nolius: — Não invejo quem administra sua casa! Muito para gerenciar! — ele acenou seriamente de volta para ela, os dois, é claro, cheios de inveja ardente, mas, como eles não podiam ter o problema, eles pelo menos se contentariam lembrando um ao outro com prazer que eles também tinham uma grande casa para administrar, e entendiam, como outros não podiam, o quão difícil era.

Mas a conversa não foi realmente tola: nos deu uma desculpa para sentarmos um pouco mais e descansarmos juntos na sala que estava quente com o fogo atrás de mim e nós quatro sentados perto e o chá quente, uma desculpa que tínhamos que ter, ou então seríamos maus empregados negligenciando nosso trabalho. A duquesa não mantinha maus servos. Edita tomou outro pequeno gole de sua xícara e me disse, num tom pensativo: — E aquela toalha de mesa, querida Magreta? Você se lembra do presente para o casamento da filha do boyar e nada aconteceu? Foi um trabalho tão adorável.

Lembrei-me disso, lembrei-me muito bem. Aquele boyar foi um homem que lutou pelo duque e, portanto, o duque queria um belo presente. E todo mundo tinha tanto trabalho quanto podia aguentar, a duquesa e suas damas, e ao longo dos anos, eu diminuí meu ritmo aos poucos e poupei minhas mãos, cautelosamente, enquanto Irina crescia; eu disse, ah, eu tenho todas as coisas dela para costurar, e me desculpei, e fiz as tarefas que Edita me enviou um pouco mais devagar do que ela gostaria, então ela me deu um pouco menos. Mas Irina tinha catorze anos naquele ano, então eles trouxeram os cestos de lã de seda para os nossos quartinhos, e Edita sorriu dizendo que era hora de Irina aprender a fazer um bom trabalho; eu poderia ensiná-la. E isso devia ser feito em um mês, querida Magreta.

Então, no final, ela recuperou todo o trabalho que eu tentei salvar de minhas mãos. Eu girava a seda sozinha com meus olhos e dedos doendo durante as horas da noite enquanto minha garota dormia, porque ela já não era bonita, com seu rosto pálido e fino, e nariz afiado, e eu tinha medo de fazê-la feia com os olhos semicerrados e curvados sobre o trabalho junto à lareira e sem dormir o suficiente. Não haveria um ótimo casamento para ela, pensei, mas poderia haver pelo menos uma casa em algum lugar; talvez um homem mais velho que não a incomodasse muito, e ela teria um quarto que não estava no topo da escada e seria a patroa de lá. E haveria um canto

para mim, onde eu poderia balançar pelo o se uma criança viesse e tricotar apenas pequenas coisas.

Fiei a seda e tricotei-a com as melhores agulhas nas videiras e flores do brasão do duque, para que todos os dias do banquete, quando a deitassem na mesa, olhassem para ela e pensassem em seu patrono, que mostrou-lhes tal favor. E então, sim, nada aconteceu; uma febre veio em seu lugar. A filha do boyar morreu antes do casamento, o menino se casou com uma garota bem menos relacionada, e todas as minhas horas e dores foram dobradas em papel e guardadas no armário da duquesa para quando ela precisasse de outro presente para dar.

— Obrigada, Edita, se você puder poupá-lo — eu disse. *Era* uma gentileza, uma gentileza e um pedido de desculpas, porque ela não tinha sido sábia o suficiente para me ajudar um pouco e fazer disso o *nosso* trabalho. Então, quando a duquesa seguinte precisasse de um presente notável, ela não teria uma toalha de mesa dobrada em papel para tirar, e era Edita que teria que ver um presente feito, sem um par de mãos livres no andar de cima, que ela pudesse facilmente usar. E agora Irina tinha um presente para dar, um presente que ela precisava, porque eu a tinha salvo o suficiente para que seu pai não a tivesse deixado lá em cima para se tornar um par de mãos livres para as esposas de seus irmãos; o pai dela colocou uma coroa nos cabelos escuros e brilhantes que eu penteei e a deu a um demônio para ser sua esposa.

— Bem, é claro, depois de todas as suas dores — disse Edita, mais facilmente agora que eu tinha aceitado seu pedido de desculpas; todos sorriram aliviados, porque eu estava velha e cansada demais para dançar com eles e ser arrogante como deveria ter sido com a tsarina como a patroa, e não aceitaria muito deles para pagar as dívidas antigas que possuíam comigo; era muito difícil de coletar. E, oh, eu queria subir de volta para os quartinhos, colocar minha cadeira dura perto da pequena lareira e fechar a porta novamente. Mas era tarde demais.

Terminamos o chá e ela me trouxe a toalha da mesa, e Nolius me fez um pequeno desenho das ruas onde ficava a casa, e eu os levei para o andar de cima. O duque estava na varanda com Irina. Seus rostos se entreolharam com formas escuras com o céu cinzento atrás deles, um padrão tricotado como espelho; ela era alta como ele e tinha o nariz dele. Eu mantive minha cabeça baixa e corri para um canto por alguns minutos até que ele a deixou.
— Obrigada, Magra — disse ela distraidamente quando voltou para dentro,

olhando para a toalha de mesa em seu papel meio desdobrado na cama. Ela pegou sua pequena caixa de jóias de madeira e a abriu: uma pesada corrente de prata e doze velas de cera branca pura jaziam no fundo, e ela colocou a toalha sobre o resto. Ela o tocou com os dedos, mas na verdade não o viu; ela não estava pensando em toalhas de mesa e fios e no momento em que eles se tornaram um. Ela não precisava. Eu a deixei dormir, e agora ela podia pensar em coroas e demônios, e precisava, ou ela morreria.

Ela fechou a caixa quando o tsar entrou na sala com uma onda de criados: ele veio trocar de roupa. Ele olhou para Irina friamente. — Você tem mais alguma coisa para vestir? — ele exigiu, quando se jogou em uma cadeira e estendeu as pernas uma após a outra; os criados tiraram suas botas, e então ele se levantou e se colocou no meio da sala e não fez nada enquanto saltavam para tirar o casaco, o cinto, a camisa e a calça, tudo.

— Tem o vestido azul — sussurrei para Irina, que eu vinha costurando para ela. Ele foi deixado de lado na correria antes do casamento: não poderia ter terminado a tempo de entrar em sua caixa e não era suficientemente grande para uma tsarina; eu estava fazendo isso para ela usar na mesa de seu pai, soltar a trança grossa e dar um pouco de cor ao seu rosto. Mas então ela foi embora com sua caixa em um trenó com o tsar, e eu fui deixada para trás sozinha nas câmaras frias. E eu sabia que logo eles colocariam pelo menos outras empregadas comigo, mas eu esperava que eles me deixassem ficar nelas, então eu tirei o vestido azul e trabalhei nele, embora isso machucasse minhas mãos, querendo fazer em vez disso, para a duquesa, algo que eu teria arrastado escada abaixo e dado a Palmira onde a duquesa podia ver, e eu esperava que o vestido fosse o suficiente para me manter costurando para ela. Então estava terminado.

Irina assentiu para mim. Eu não fui eu mesma. Saí e encontrei uma das outras criadas e disse-lhe para trazer o vestido das câmaras frias, e ela o fez porque agora eu era importante o suficiente para passar uma hora tomando chá com Palmira, Nolius e Edita. Voltei para dentro e Irina estava de pé na varanda novamente, olhando para a floresta enquanto o tsar estava todo nu diante do fogo, tirando o casaco, aquela camisa e este colete das sacolas e caixas empilhadas como um pequeno forte feito em sala. Nenhum de nós importava, é claro, mas não era que ele não se importava porque éramos servos: nem Galina, nem o duque ficariam ali sempre nus diante de um espelho enquanto vasculhavam cada camisa de seu guarda-roupa, como se não precisassem ter vergonha de sua nudez em seu próprio coração e se

cobrir. Mas o tsar ficou como se ele pudesse sair da sala e se colocar diante dos olhos de todos tão facilmente quanto vestir qualquer coisa; como se ele só se incomodasse com roupas pelo prazer de sua beleza, e se nada o satisfizesse, ele não se incomodaria e colocaria todo mundo no problema de desviar o olhar dele ou de fingir que não estava nu diante deles.

Mas para Irina, abri uma tela para fazer um lugar escondido no canto da sala, e então a garota desceu com o vestido azul, e nós ajudamos Irina a colocá-lo ali no pequeno canto escuro. Quando terminamos de colocá-lo nela, dobramos a tela e o tsar estava finalmente vestido ou quase: ele usava um casaco de veludo vermelho e um colete vermelho bordado em prata, e eles estavam calçando sapatos finos para ele com linhas de brilhantes jóias vermelhas costuradas ao longo das costuras. Ele se levantou e se virou e olhou para Irina com frio desagrado, e disse: — Saiam — para todos nós, e eu tive que ir. Eu olhei para ela por um momento da porta, mas ela não parecia com medo; ela ficou olhando de volta para ele, minha garota calma e fria, sem nada aparecendo no rosto.

Eles saíram novamente um pouco mais tarde, e o vestido não era o que tinha sido; era mais largo e mais cheio, e o azul sombreado de uma cor forte e profunda na cintura para cinza pálido na bainha com uma cascata de saias saindo por baixo, e bordados prateados traçando cada borda com jóias vermelhas piscando para mim que eu nunca tinha costurado. Ela carregava a caixa de joias nos braços, e as mangas compridas haviam se tornado finas como um véu de verão com mais jóias vermelhas em linhas retorcidas desenhadas sobre eles, como se ele tivesse jogado gotas de sangue nela, sangrado de seu casaco vermelho. Fechei minhas mãos uma na outra e baixei os olhos enquanto eles passavam, para não verem. Eu havia feito o vestido como havia feito a toalha de mesa, com dor e muito trabalho, e sabia o quanto de ambos foram necessários para fazê-lo. E então eu sabia quanto esse vestido teria custado, que ele a colocara, e eu não queria pensar em como tinha sido pago.

*

Wanda e Sergey desceram as escadas para ajudar no casamento. — Você vem, Stepon? — Sergey me perguntou, mas eu tremi, lembrando de todas aquelas pessoas amontoadas, nos quartos e nas ruas, mais pessoas do que eu sabia que havia no mundo inteiro. Então eu disse: — Não, não, não — e

eles não me forçaram, mas foram embora, e depois de um tempo o sol começou a se pôr, e eu comecei a não gostar de ficar sozinha no quarto. Eu estava sozinho com ninguém, nem mesmo cabras, e Wanda e Sergey se foram. E se eles realmente tivessem ido de novo? E se alguém tivesse vindo procurar por eles e tiveram que fugir? Abri a janela e enfiei a cabeça para fora e olhei para baixo; quando fiz isso, pude ouvir barulho todo o caminho até o chão. Havia muita gente do lado de fora da casa e alguns cavalos também, mas já estava escuro no chão, embora o sol ainda estivesse entrando pela janela e eu não conseguia ver o rosto de ninguém. Não pude ver Wanda ou Sergey. Havia uma mulher de cabelo amarelo, mas eu não tinha certeza se era ela.

Puxei minha cabeça para dentro, mas a casa estava ficando tão barulhenta e cheia de gente que ouvi o mesmo barulho mesmo quando fechei a janela. Veio pela lareira e por baixo da porta. Ficou cada vez mais alto e então a música começou a tocar. Era música alta e as pessoas estavam dançando. Eu‘senti isso nos meus pés, não apenas nos meus ouvidos. Sentei-me na cama e cobri meus ouvidos e ainda o sentia subindo por toda a casa.

Continuou subindo e aumentando. Estava tudo escuro lá fora e eu estava com muito medo agora, porque Wanda e Sergey ficariam no meio daquele barulho, a menos que algo ruim os fizesse? Eu tinha meu rosto pressionado contra meus joelhos e meus braços sobre minha cabeça, e então houve uma batida na porta. Eu não disse para entrar porque teria que tirar meus braços da minha cabeça, mas Panova Mandelstam entrou de qualquer maneira — Stepon, você está bem? — ela disse. Ela quis dizer isso, mas ela realmente não quis dizer isso, eu percebi. Ela estava pensando em outra coisa. Mas quando eu não disse nada de volta e não levantei a cabeça, ela começou a realmente querer dizer isso, e então ela foi buscar a vela que havia deixado na mesa para nós e tirou alguns pedaços grandes de cera e soprou sobre eles até que não estivessem quentes, e ela disse: — Aqui Stepon, coloque a cera nos seus ouvidos.

Eu pensei que iria tentar. Tirei minha mão um pouco e peguei a cera. Ainda estava quente e macia. Eu a empurrei no meu ouvido e ela se espalhou nas pequenas regiões e então parou de ser tão quente, e o barulho parou de ser tão alto daquele lado. Eu ainda podia sentir isso no meu corpo, mas não conseguia ouvir tanto. Então fiquei muito feliz e peguei o outro pedaço de cera e isso também ajudou.

Panova Mandelstam colocou a mão na minha cabeça e acariciou-a. Eu gostei da sensação. Mas ela já estava pensando em outra coisa novamente. Ela olhou ao redor da sala como se estivesse procurando algo e se preocupando com isso. — Wanda e Sergey estão bem? — eu perguntei, porque me fez lembrar que estava preocupado. Fiquei tão feliz que o barulho estava tão melhor que me esqueci por um segundo.

— Sim, eles estão lá embaixo — disse Panova Mandelstam. Ela parecia engraçada e distante por causa da cera em meus ouvidos, mas eu ainda podia entendê-la.

Então fiquei feliz de novo e não preocupado, mas ela ainda estava preocupada, então perguntei a ela: — O que você está procurando?

Ela ficou lá olhando ao redor da sala e depois olhou para mim. — Você sabe, eu esqueci. Isso não é bobo? — ela sorriu, mas não queria sorrir. Não era um sorriso de verdade. — Você quer descer e comer alguns biscoitos?

Eu não sabia o que era um biscoito, mas pensei que, se alguém se atrevia a comê-lo, então seria bom, e eu sentia muito por não poder ajudá-la a encontrar o que havia esquecido. — Tudo bem — eu disse. — Vou tentar.

Ela estendeu a mão para mim e eu a peguei e descemos juntos. O barulho ficou maior, mas não tanto quanto eu temia. Quanto mais perto chegávamos, mais deixava de bater nos meus dentes. Agora eu podia ouvir música e pessoas cantando palavras, embora a cera me impedisse de ouvir quais eram as palavras. Eles pareciam felizes. Panova Mandelstam me levou a uma sala grande: grande e lotada de muitos homens. Eu estava com medo novamente, porque alguns deles estavam com o rosto vermelho e barulhentos e cheiravam a bebida, mas não estavam com raiva. Eles estavam sorrindo e rindo alto e dançando juntos, de mãos dadas e fazendo um círculo, embora não fosse realmente um círculo, porque a sala não era grande o suficiente, então eles estavam amontoados e pisando um no outro, mas eles não pareciam ligar. Pensei em estar no andar de cima e de mãos dadas com Wanda e Sergey: era assim. Sergey estava com eles, e no meio desse círculo havia um jovem dançando e todo mundo se revezando no meio e dançando com ele.

Entramos no quarto ao lado, e estava cheio de mulheres dançando, com uma mulher no meio em um vestido vermelho e com estampas em prata brilhante, e ela estava com um véu pendurado que chegava quase no chão e ela estava rindo e era muito bonita. Panova Mandelstam me levou a uma mesa ao lado da parede com cadeiras vazias e havia um prato cheio de

biscoitos leves e doces e como uma nuvem que alguém tinha assado, e ela colocou na minha frente e me deu outra comida também, muita comida: fatias grossas de carne macia que eu nunca tinha comido antes, que ela disse que eram carne, e frango assado, peixe, batatas, cenouras, bolinhos de massa e pequenos vegetais verdes e um grande pedaço rasgado de pão doce amarelo. Eu sentei lá e comi e comi e todo mundo estava feliz e eu também estava feliz, exceto Panova Mandelstam que estava sentada ao meu lado e ela não estava feliz. Ela continuou procurando pela sala o que ela estava tentando encontrar, e não estava lá. As pessoas continuavam vindo e conversando com ela, e quando falavam com ela, ela ficava distraída por um tempo e esquecia que estava procurando alguma coisa, mas quando elas iam embora, ela se lembrava e voltava a procurar.

— Onde está Wanda? — eu perguntei a ela.

— Wanda está na cozinha, querido, ela tem ajudado a levar a comida — disse Panova Mandelstam, e eu a vi quando ela apontou, então não era Wanda que ela estava procurando. Ela estava olhando para a noiva, dançando no meio novamente, e estava tentando sorrir, mas parou.

Todos começaram a aplaudir juntos, e os homens estavam entrando na sala com o noivo na frente. Todos começaram a se levantar de suas cadeiras e empurrar todas as cadeiras e mesas para as bordas da sala, e as mulheres em seu círculo estavam abrindo espaço para que os homens pudessem estar lá dentro. O círculo deles também. Um dos homens tomou uma cadeira em que ninguém estava sentado e a colocou no meio do círculo, e o noivo sentou-se nela, e uma das mulheres estava colocando uma cadeira para a noiva no meio do círculo, também. Eu estava esperando para ver o que eles fariam, mas eles não fizeram nada. Eles pararam, de repente, porque alguém bateu na porta.

Era tão barulhento na sala. Todos estavam cantando, rindo e conversando tão alto que quase gritavam, porque, do contrário, não podiam se ouvir, e havia música tocando. Mas a batida foi mais alta que tudo. Foi tão alto e duro que entrou pela cera nos meus ouvidos e os dois pedaços caíram no chão. Mas o barulho da sala não me incomodou mais sem a cera, porque depois daquela batida, não havia mais barulho. Ninguém estava falando e a música parou.

Havia duas grandes portas no lado da sala, que saíam para o pátio, e era daí que a batida vinha. Depois de um momento, outra batida veio. Parecia a

música no andar de cima atravessando a casa. Batia assim. Ele bateu nos meus ossos e me deixou com medo.

Então Panova Mandelstam levantou-se e atravessou a sala repentinamente, empurrando todo mundo; Panov Mandelstam estava saindo dos homens, e eles agarraram as portas e as abriram. Ninguém os parou. Eu queria dizer *Não, não, não,* mas não sabia dizer nada. Eu queria esconder minha cabeça, mas pensei que eu poderia imaginar algo pior do isso era.

Mas eu não iria. Era o Staryk.

Sergey e Wanda estavam ao meu lado. Eles vieram até mim quando ouviram as batidas e agora estavam de pé comigo, e Sergey estava com a mão no encosto da minha cadeira. Ele era tão alto que podia ver sobre a cabeça de todos, e eu o ouvi respirar e pensei que ele estava com medo. Eu também estava com medo. Todo mundo estava assustado. Era o Staryk. Havia dois deles com coroas na cabeça, um rei e uma rainha. Eles estavam de mãos dadas também. O rei era tão alto quanto Sergey. A rainha não era, mas sua coroa era tão alta que quase compensava. Era toda dourada e ela estava em um vestido branco e dourado. Eles ficaram ali na porta e ninguém se mexeu.

Então, um homem saiu da multidão. Ele era velho e tinha barba branca e cabelos brancos. Ele parou em frente ao Staryk e disse: — Eu sou Aron Moshel. Esta é a minha casa. O que você quer aqui?

O Staryk recuou quando o velho disse seu nome e estava olhando para ele. Eu tinha medo que o Staryk fizesse algo ruim para ele. Eu pensei que ele poderia colocar a mão nele e tocá-lo e o velho cairia e estaria deitado no chão do jeito que Sergey estava deitado na floresta, como se não houvesse mais ninguém dentro dele. Mas, em vez disso, o Staryk respondeu: — Viemos por convite e por verdadeira promessa dada, para dançar no casamento da prima de minha senhora.

Sua voz soou como uma árvore rangendo quando está coberta de gelo. Então ele virou a cabeça em direção à rainha, e Panova Mandelstam fez um barulho. A rainha virou a cabeça e olhou para ela. Percebi que ela não era uma Staryk, afinal. Ela era apenas uma garota em uma coroa e estava chorando, assim como Panova Mandelstam, e então pensei que era a filha dela, e finalmente me lembrei de tudo: Panova Mandelstam tinha uma filha. Ela tinha uma filha e seu nome era Miryem.

Todo mundo estava quieto e, em seguida, aquele velho Panov Moshel disse: — Então entre e seja bem-vindo e se alegre conosco — e eu pensei

*Não, não, não* novamente, mas não era minha casa, era a casa dele e o Staryk entrou com Miryem. Havia duas cadeiras vazias voltadas para a dança, e eles se sentaram nas cadeiras. Mesmo depois disso, ninguém estava falando ou se mexendo. Mas Panov Moshel voltou-se para os músicos e disse: — Isto é um casamento! Toque! Toque a hora! — muito forte e feroz. Então os músicos começaram a tocar um pouco, e ele começou a bater palmas com eles, virando-se para o resto da sala e nos mostrando as palmas, e pouco a pouco todos os outros começaram a bater palmas também e animados, como se eles estivessem tentando fazer barulho grande o suficiente para resistir àquelas batidas na porta.

Não achei que algo pudesse fazer isso. Nós éramos apenas pessoas. Mas os músicos começaram a tocar mais alto e todos começaram a cantar, e a música ficou cada vez maior, e todos ao nosso redor estavam se levantando para se juntar às pessoas que já estavam de pé. Eles pegaram as mãos e todos começaram a dançar de novo, todo mundo: crianças que não eram tão grandes quanto eu, levantaram-se e foram dançar, assim como as pessoas mais velhas: ficaram do lado de fora batendo palmas, mas todo mundo estava fazendo grandes círculos novamente dançando rápido, um círculo de homens e um círculo de mulheres. A noiva e o noivo estavam dentro dos círculos, como se todos estivessem mantendo-os a salvo.

As pessoas nos círculos foram para o meio, todos levantaram as mãos ao mesmo tempo e depois voltaram a sair. Todo mundo estava dançando, exceto eu e Wanda e Sergey: estávamos do lado de fora assistindo e com medo, e do outro lado do círculo, o rei Staryk e Miryem estavam apenas sentados nas cadeiras assistindo também. Ele ainda estava segurando a mão dela na dele. O círculo passava por nós cheio de pessoas estranhas que eu não conhecia, mas então vi Panova Mandelstam vindo em nossa direção, e ela soltou a mulher ao seu lado para estender a mão e Wanda a alcançou.

Panov Mandelstam estava vindo em nossa direção no outro círculo. Mas eu não queria entrar em um círculo. Eu queria rastejar debaixo da mesa e ficar de fora. Mas Panova Mandelstam estava nos perguntando; ela queria que entrássemos e ajudasse a fazer esses círculos, e eu estava com medo e não queria, mas Wanda se levantou e entrou, e eu não podia deixá-la ir sozinha, então quando Panov Mandelstam estendeu a mão, eu peguei e dei a mão para Sergey, e também fomos dançar.

Então todos na casa estavam dançando, exceto o Staryk e Miryem. Mas o círculo continuou e Panova Mandelstam estendeu a mão para Miryem. Eu

não queria que ela quisesse, não queria dançar com o Staryk e sua rainha, mesmo que ela fosse filha de Panova Mandelstam. Mas ela estendeu a mão e Miryem a pegou, depois se levantou e estava sendo puxada para dentro do círculo, e o rei Staryk não soltou a mão dela. Ele também se levantou e veio dançar junto com ela.

Algo estranho aconteceu quando ele começou a dançar. Estávamos em dois círculos, mas, de alguma forma, depois que ele se juntou à dança, havia apenas um círculo, com todos nós, e eu estava segurando a mão de Wanda, mesmo que nunca tivesse deixado Panov Mandelstam. E enquanto continuávamos, todas as pessoas idosas do lado de fora do círculo começaram a entrar nele, e elas estavam dançando mesmo que fossem velhas, e as crianças estavam dançando mesmo que não fossem altas o suficiente para alcançar nossas mãos a partir do chão.

E havia espaço para todos, mesmo que já estivéssemos amontoados. Não estávamos mais lá dentro. Não havia teto sobre nossas cabeças. estávamos lá fora, em uma clareira nevada com árvores brancas ao nosso redor, árvores brancas que eram exatamente como a árvore da mamãe e um grande círculo cinza de céu sobre nossas cabeças, que não sabia se era dia ou noite. Eu estava muito ocupado dançando para ter medo ou frio. Eu não sabia dançar ou cantar a música, mas isso não importava, porque todo mundo no círculo estava me ajudando e me puxando, e o que importava era que decidimos estar lá.

Os noivos ainda estavam no meio do círculo em suas cadeiras. Eles estavam segurando firmemente as mãos um do outro. Dançamos em direção a eles, e dançamos novamente, e então alguns homens saíram do círculo, mas não paravam de dançar. Eles vieram para o meio e se abaixaram, pegaram nas cadeiras e as levantaram do chão com a noiva e o noivo ainda nelas, e começaram a carregá-los juntos, movendo-os para cima e para baixo, ainda cantando a música. Era tão grandioso e alto que ficou maior do que o Staryk batendo. Era tão grande que eu sentia tudo através de mim sem parar, mas não me assustava do jeito que o barulho tinha me assustado antes. Eu não me importei em sentir isso dentro de mim agora. Parecia que meu coração estava batendo junto e ao mesmo tempo, e eu não conseguia respirar, mas estava feliz. Tudo estava dançando. As árvores também dançavam, os galhos balançavam e as folhas faziam barulho como se cantassem.

Continuamos dançando e estávamos indo rápido, mas eu não estava ficando cansado. Os homens se cansaram de carregar as cadeiras, mas outros correram para ajudar em vez deles, e continuaram carregando a noiva e o noivo. Até Sergey foi ajudar uma vez, eu o vi partir e depois ele voltou. Todos nós continuamos, e nenhum de nós queria parar. Continuamos dançando sob aquele céu cinzento, e dançando, e pensei que talvez estaríamos dançando para sempre, mas o céu começou a escurecer.

Não ficou mais escuro como se o sol estivesse se pondo. Ficou mais escuro como nuvens clareando em uma noite de inverno, e primeiro um pouco delas soprou e deixou um pequeno vislumbre do céu claro, e depois um pouco mais delas, e mais depois disso, até que era penas o grande e limpo céu noturno, e nele todas as estrelas brilhavam acima de nossas cabeças, mas não eram as estrelas certas para a primavera; eram as estrelas do inverno, muito brilhantes e cintilantes naquele céu claro, e toda a neve embaixo de nós e as flores brancas nas árvores brilhavam de volta para elas. Todos paramos de dançar e ficamos lá olhando para elas juntos, e então não estávamos mais lá fora, estávamos de volta à casa e todo mundo estava rindo e batendo palmas, porque tínhamos terminado uma música. Apesar do Staryk, apesar do inverno, havíamos terminado uma música.

Mas então houve um grande barulho alto como um sino de igreja, apenas por perto, do outro lado da porta, e todos paramos de rir. Era uma campainha que começara a marcar meia-noite. O dia acabou e a música também. A música parou. O casamento terminou, e o Staryk ainda estava lá. Nós termianos a música apesar dele, mas não o fez ir embora. Ele estava parado no meio da sala e ainda estava segurando a mão de Miryem.

Ele se virou e disse a ela: — Venha, minha senhora, a dança está terminada — quando ele falou, todos se afastaram dele, tanto quanto puderam naquele quarto. Eu e Sergey também queríamos nos afastar, mas quando tentamos, paramos, porque Wanda puxou nossas mãos e não se afastou.

Panova Mandelstam ainda tinha a outra mão de Miryem, e ela a segurava com força e não estava se afastando. Ela ficou lá com Miryem e não a soltou, e Panov Mandelstam a segurava, e Miryem também não queria soltá-las. O Staryk olhou para eles e ele estava franzindo a testa com todo o rosto, e suas sobrancelhas pareciam pingentes de gelo afiados brilhando. Ele disse: — Deixe ir, mortais, deixe ir. Ela comprou de mim uma noite de

dança sozinha. Vocês não devem mantê-la. Ela é minha senhora agora e não pertence mais ao mundo iluminado pelo sol.

Mas Panov Mandelstam não se soltou e Panova Mandelstam não o fez. Ela estava olhando fixamente para o Staryk, e seu rosto estava branco e doentio, e ela não disse nada; mas ela balançou a cabeça um pouco. Ele levantou a mão e Miryem gritou: — Não! — e tentou soltar sua própria mão da de Panova Mandelstam, mas Panova Mandelstam ainda não a soltou, em seguida, as portas ao lado da sala se abriram novamente, com tanta força que todos perto delas tiveram que pular ou sair correndo do caminho. Elas bateram nas paredes com um estrondo.

Havia outro rei e rainha em pé na porta. Apenas a rainha estava usando uma coroa, mas eu sabia que ele era um rei, porque era o tsar e a tsarina que vimos naquele mesmo dia no trenó, passando pelo portão diante de nós, depois de termos esperado e esperado. E o tsar olhou para a sala e para Staryk e ele riu alto, uma risada como o fogo faz, e o Staryk ficou muito quieto.

— Irina, Irina — disse o tsar. — Você cumpriu sua promessa e ele está aqui! Me dê a corrente!

A tsarina abriu a caixa, tirou uma corrente de prata e deu a ele, e ele entrou na sala rindo mostrando os dentes. Nenhum de nós ficou no caminho dele. Estávamos todos pressionados contra as paredes, o mais longe possível.

Mas o Staryk disse repentinamente, ferozmente: — Você pensa em me pegar tão facilmente, devorador? Nunca vi seu rosto antes, mas sei seu nome, *Chernobog* — Ele pulou para frente e segurou a corrente no meio com as duas mãos. De repente, o gelo disparou ao longo de seu comprimento, longas pontas afiadas de pingentes de gelo crescendo como uma nevasca inteira acontecendo ao mesmo tempo, e o gelo foi até as mãos do tsar e passou por cima delas. Ele uivou e soltou a corrente. O Staryk jogou-a no chão atrás dele com um estrondo, e então ele atingiu o tsar com as costas da mão.

Papai me batia às vezes assim, ou Wanda ou até Sergey, e papai era muito grande e forte, mas mesmo quando ele batia em mim, eu apenas caía no chão. Mas quando o Staryk atingiu o tsar, era como se ele estivesse batendo em uma boneca de palha. Os pés do tsar caíram no chão e, mesmo depois que ele caiu no chão, todo o seu corpo deslizou por todo o chão até ele se

chocar contra o palco e alguns dos instrumentos acabarem com um grande e terrível som de zumbido ao seu redor.

Eu pensei que ele deveria estar morto, quando foi atingido assim. Quando papai pegou o atiçador para bater em Wanda, pensei que ele a mataria se a golpeasse, mas ele não podia atingi-la com força suficiente, mesmo com o atiçador, para fazer todo o corpo atravessar a sala. Mas o tsar não estava morto. Ele nem ficou deitado no chão, feliz por não estar morto e tentando se esconder de ser atingido novamente. Em vez disso, ele se levantou. Ele não se levantou apenas, ele se levantou de uma maneira estranha e contorcida, e havia sangue saindo de sua boca e vermelho por todos os dentes, e ele assobiou para o Staryk, e quando ele assobiou, o sangue começou a fumegar e queimar da boca e seus olhos estavam vermelhos.

— Saia! — a tsarina chamou de repente. — Todos, todos vocês, corram, saiam da casa!

Era como se ela tivesse deixado todo mundo solto. Todos começaram a sair da sala. Algumas pessoas passaram correndo por ela e saíram pelas portas abertas para o pátio, e algumas pessoas correram de volta pela porta para a outra sala onde os homens estavam dançando e algumas pessoas correram pela porta da cozinha. Os noivos corriam de mãos dadas. As crianças estavam sendo apanhadas e os idosos estavam sendo ajudados. Todo mundo estava indo.

Eu pensei que deveríamos ir também, mas Wanda não iria. Miryem estava tentando fazer Panova Mandelstam ir com todo mundo, mas ela também não ia. Ela estava segurando a mão de Miryem com as duas mãos e não a estava deixando ir.

— Pai, por favor! Mamãe, ele vai te matar! — Miryem disse.

— Deveríamos morrer, é melhor! — Panova Mandelstam chorou para ela.

— *Você* vai, *você* corre — dizia Panov Mandelstam. Ele estava tentando abraçá-la.

E Miryem sacudiu a cabeça, virou-se e gritou: — Wanda! Wanda, por favor, me ajude!

Então Sergey e eu não podíamos ir, porque Wanda correu para ela. Miryem empurrou a mãe na direção de Wanda e disse: — Por favor, afaste-a!

— Não! — Panova Mandelstam disse, ainda segurando firme.

Eu poderia dizer que Wanda não sabia o que fazer. Ela queria fazer o que Miryem desejava e queria fazer o que Panova Mandelstam queria. Ela queria tanto fazer as duas coisas que não podia sair daquele quarto, e eu também não, porque não podia deixar Wanda e Sergey lá.

Durante todo o tempo em que discutiam, o tsar e o Staryk estavam brigando. Mas o tsar não estava lutando como um tsar. Eu pensei que um tsar lutaria com uma espada. Sergey me contou histórias às vezes sobre cavaleiros que mataram monstros, que mamãe havia contado a ele. Certa vez, um cavaleiro desceu a nossa estrada. Eu estava com as cabras e o vi vindo de muito longe. Não o vi usar sua espada, mas caminhei pela estrada o máximo que pude para continuar vendo-o. Eu poderia fazer isso por um longo tempo, porque ele não foi muito rápido. Ele tinha uma espada e uma armadura e dois meninos que o acompanhavam, levando um cavalo de reposição e uma mula com bagagem. Depois que o vi e soube o que era um cavaleiro, às vezes lutei com uma espada no campo quando estava com as cabras, na verdade era apenas um graveto, mas fingi que era uma espada.

Eu pensei que um tsar seria como um cavaleiro, apenas sua armadura que seria mais esplêndida e sua espada seria maior, mas o tsar não tinha armadura. Ele usava um casaco de veludo vermelho e era esplêndido, mas estava rasgado, molhado e queimado agora. E ele não tinha uma espada. Ele estava lutando com as mãos, tentando pegar o Staryk, mas continuava errando. Eu não sabia como ele estava errando porque o Staryk estava bem ali, mas ele iria agarrar e, em seguida, o Staryk já não estava mais onde ele agarrava. E se ele pegasse uma cadeira ou uma mesa que estivesse no caminho ou colocasse a mão no chão, havia um cheiro de fumaça e, quando ele retirou a mão, havia uma marca queimada no formato da mão deixada para trás. Havia algo em seu rosto que eu não conseguia olhar por muito tempo, ou então me fazia sentir como se ele estivesse colocando aquela mão ardente em mim, dentro da minha cabeça.

Eu pensei que ele não era realmente um tsar. Ele era Chernobog, o nome que o Staryk havia dito, e esse era o nome de algo que era como o Staryk, apenas outro monstro. E eu não queria que o Staryk vencesse, mas também não queria que Chernobog vencesse. Eu esperava que eles continuassem lutando para sempre, ou pelo menos o tempo suficiente para que todos pudéssemos fugir. Mas pude ver que o Staryk venceria. Chernobog era um monstro, mas ele ainda estava dentro de uma pessoa. Cada vez que ele errava, o Staryk o revidava, como revezando-se, e o tsar estava começando

a ficar sangrento. Seu rosto estava ficando estranho e inchado, e isso me fez pensar em quando o kasha caiu no rosto de papai. Não queria olhar para o rosto dele, mas não conseguia parar. Eu tinha medo que, se escondesse meu rosto, o Staryk vencesse quando não estivesse olhando. Então os Staryk viriam matar Panova Mandelstam e Panov Mandelstam. Não achei que pudesse impedi-lo de fazer apenas olhando, e não queria ver se isso acontecesse, mas também não queria olhar para trás e ver que isso havia acontecido.

A Tsarina correu em torno dos combate para Miryem. — A corrente de prata! — ela disse. — Precisamos de uma corrente de prata para prendê-lo!

Então Panov Mandelstam virou-se e pegou a corrente de prata do chão. Foi quebrado em dois pedaços e esses pedaços pareciam curtos demais para percorrer todo o Staryk. Mas a tsarina colocou as mãos em volta do seu pescoço e tirou seu colar. Era feito de prata e estava brilhando e bonito como flocos de neve passando por uma janela. Ela colocou uma ponta através da primeira metade da corrente e, em seguida, ela colocou a outra extremidade na segunda metade da corrente, e depois apertou o colar, e era uma corrente longa novamente, do início ao fim. Panov Mandelstam pegou a corrente dela.

O tsar foi ao Staryk sibilando novamente, embora seu rosto estivesse todo vermelho agora com sangue, e não apenas seu rosto. Alguns de seus dedos estavam ao contrário, e suas pernas estavam afundando como um galho que estava quebrado no meio, mas ele ainda jogava os braços para frente. O Staryk saiu correndo do seu caminho como se você tentasse pegar uma mosca e acha que a tem, mas você abre a mão e ela não está lá, e então vibra ao lado do ouvido novamente. Mas ele não era uma mosca. Ele estava de pé junto à lareira. Quando começaram a brigar, estavam no meio daquela sala grande, mas agora haviam se movido por ela. O tempo todo em que estavam lutando, o Staryk fazia o tsar persegui-lo cada vez mais perto da lareira. Ele fez tudo isso de propósito e agora eles estavam lá, e quando o tsar o perdeu dessa vez, o Staryk agarrou *ele.*

Uma grande nuvem sibilante de vapor saiu das mãos de Staryk, e ele parecia machucá-lo, mas ele ainda agarrou o tsar, e então o jogou na lareira e disse: — Fique onde você pertence, Chernobog! Por seu nome, eu te ordeno!

Um horrível ruído crepitante saiu da boca do tsar e onde sua boca estava aberta e seus olhos estavam abertos havia fogo dentro deles, mas ele ficou

todo mole em qualquer outro lugar. O som crepitante fez uma voz e disse: — *Levante-se! Levante-se!* — como se ele estivesse falando com si próprio, mas ele não ouviu a si mesmo. Ele não se levantou. Ele ficou deitado na lareira e não se mexeu.

O Staryk estava de pé sobre ele, segurando as mãos juntas e observando para ver se ele sairia da lareira. E então Panov Mandelstam correu até ele e tentou jogar a corrente ao seu redor.

Não vi porque parei de olhar bem quando ele começou a correr. Eu pensei que o Staryk iria matá-lo e eu não queria ver, afinal. Então eu abaixei minha cabeça e passei meus braços em volta dela e, em seguida, Panova Mandelstam gritou: — Josef! — e Miryem disse: — Não! — e eu não pude deixar de olhar. Panov Mandelstam estava deitado no chão e ele não estava se mexendo. Eu pensei que ele estava morto, mas então ele se mexeu, então ele não estava morto, mas a corrente também não estava ao redor do Staryk. Estava no chão, longe dele. Panova Mandelstam correu para Panov Mandelstam e estava ajoelhada ao lado dele. Miryem correu para ficar em frente ao Staryk, e de repente ela tirou a coroa da cabeça e a jogou no chão com um grande estrondo de metal, e ela disse muito alto: — Eu nunca voltarei com você se você machucá-los! Eu vou morrer primeiro! Eu juro!

O Staryk levantou a mão como se fosse fazer algo com Panov Mandelstam, mas parou quando ela disse isso. Ele não queria parar; ele estava com raiva. — Você me incomoda como chuva de verão! — ele gritou com Miryem. — Ele veio até mim com uma corrente para me prender! Devo não responder?

— Você veio primeiro! — ela gritou de volta — Você veio primeiro e me levou!

O Staryk ainda estava bravo, mas depois de um momento ele fez um barulho de queixa e ele deixou cair a mão. — Oh, muito bem! — ele disse isso como se ainda não gostasse muito, mas talvez não se desse ao trabalho de matar Panov Mandelstam, e depois estendeu a mão para Miryem. — Agora venha! Já está tarde e o tempo acabou, e nunca mais vou trazê-la, a partir de agora, para ser insultado por mãos fracas que ousam achar que podem afastar você de mim!

Ele acenou com a outra mão para as portas. Eles se abriram novamente e do lado de fora não era o pátio. Era aquela floresta onde estávamos dançando, mas agora não havia estrelas. Havia apenas aquele céu cinzento e o trenó com os monstros puxando-o, esperando por eles.

Miryem não queria ir com ele. Eu também não gostaria de ir com ele, então sentia muito por ela, mas ainda queria que ela fosse. Eu queria que ela tomasse a mão dele, porque então ele a pegaria e iria e não voltaria. Então Chernobog ficaria preso na lareira e o Staryk desapareceria e todos estaríamos seguros. Panov Mandelstam e Panova Mandelstam não morreriam. Eu desejei e desejei que ela fosse.

Ela olhou em volta para os seus pais, então eu vi o rosto dela, e senti um grande alívio em mim porque pude ver que ela iria embora. Senti pena porque ela estava chorando, e isso fez meu estômago ficar enjoado e pensar por dentro, e se Panova Mandelstam fosse minha mãe e eu tivesse que me afastar dela com o Staryk, mas ainda estava feliz. Eu também estava com medo, e se ela mudasse de idéia, mas ela não mudaria. Ela só estava olhando em volta pela última vez para vê-los, e depois voltou-se para o Staryk, mesmo chorando, e deu um passo em sua direção.

— Não! — Panova Mandelstam chorou, mas não estava mais segurando a mão de Miryem, estava ajoelhada no chão com a cabeça de Panov Mandelstam no colo, muito longe. De qualquer maneira, ela estendeu a mão e chamou: — Miryem, Miryem!

O Staryk fez um barulho raivoso. — E você ainda ousa! — ele sussurrou para Panova Mandelstam. — Acha que você deve ligá-la? A vitória chegou às minhas mãos esta noite e o devorador é derrubado! Agora, para uma vida inteira de homens, fecharei a estrada branca e manterei meu reino firme, até que todos que sabem o nome de minha senhora tenham morrido, e não deixarei nem mesmo pedaços de memória para tentar pegá-la!

Então ele estendeu a mão para pegar a mão de Miryem e a puxou para a porta, e eu fiquei tão feliz que ele estava indo que eu nem percebi o que Wanda estava fazendo, a tempo de ter medo ou desviar o olhar, e então eu estava olhando quando ela jogou a corrente em torno dele.

Vi o que ele havia feito para fugir disso da última vez, porque ele quase fez de novo. Ele torceu para sair debaixo da corrente, mas desta vez, quando o fez, Miryem se jogou no chão e, como ele estava segurando sua mão, ela o desequilibrou um pouco, e Wanda abaixou os braços rapidamente e manteve a corrente ao redor dele. Então, quando ele se levantou de novo, ele ainda estava dentro da corrente. Seu rosto estava tão bravo que uma luz branca entrou nele. Ele não soltou a mão de Miryem, mas estendeu a outra mão e agarrou as pontas da corrente e as puxou.

Ele quase arrastou Wanda, mas Sergey correu para ela do outro lado da sala e agarrou a corrente também. Ele agarrou uma ponta da corrente e Wanda agarrou uma ponta da corrente e os dois estavam segurando com os pés com força, como tentar puxar um toco do chão, exceto que o tronco estava puxando contra eles, e estava prestes a derruba-los, em vez de puxá-los para cima. E eu estava com medo, estava com tanto medo, mas pensei que era o mesmo que dançar, e saí de debaixo da mesa, corri pela sala e agarrei o nó do avental de Wanda e as costas do o velho cinto de corda de Sergey e eu fizemos o círculo com eles.

Quando fiz isso, o Staryk deu um grito que era como o som quando o gelo no rio quebrou no final do inverno. Era um barulho terrível e fazia meus ouvidos doerem, mas eu continuei segurando e ele parou de fazê-lo. Ele ficou lá, bateu o pé e disse com raiva a Wanda: — Muito bem, você me amarrou! O que você quer para me deixar ir?

Ficamos ali e depois Wanda disse: — Deixe Miryem e vá! — Miryem ainda estava no chão tentando se libertar dele, mas ele ainda estava segurando a mão dela.

O Staryk olhou para ela, brilhando — Não! Você me pegou com prata, mas seus braços não têm forças para me segurar. Não entregarei minha senhora!

Então ele se jogou contra as correntes novamente e tentou soltar nossas mãos. Mas não éramos apenas nós que nos segurávamos mais: Panov Mandelstam havia levantado do chão e ele havia agarrado a corrente com Wanda, e Panova Mandelstam estava puxando o lado de Sergey, e ela e Panov Mandelstam estavam de mãos dadas nas minhas costas para me ajudar a ser forte. Estávamos todos puxando, e ele quase se soltou de qualquer maneira, mas não o fez, depois parou e ficou com raiva de novo, e disse a Wanda: — O que você gostaria para perder seu vínculo? Peça outra coisa ou tema o que farei quando você se cansar!

Mas Wanda balançou a cabeça e disse: — Deixe Miryem ir! — e ele gritou aquele horrível barulho de quebra de gelo novamente e sussurrou: — Nunca! Não vou deixar você, minha rainha, minha dama de ouro; uma vez que fui tolo, duas vezes não serei! — e ele lutou novamente, com tanta força que nos puxou pelo chão, todos nós com os pés deslizando e quase caindo. Eu pensei, pensei, não poderíamos segurá-lo por muito mais tempo. Pude ver que as mãos de Wanda e Sergey estavam escorregando na corrente. Eles colocaram os dedos nos elos, mas suas mãos estavam ficando

suadas e a corrente deslizou através de um elo de cada vez, e não corriam o risco de soltá-lo por tempo suficiente para segurá-lo mais uma vez, ou então ele se soltaria de uma vez.

Mas mais uma vez o seguramos, e ele parou. Ele respirou com dificuldade três vezes. Grandes nuvens de gelo escorreram de seus lábios quando ele ofegou. Então ele se levantou muito alto e o gelo começou a crescer nele. Ele rastejou de suas bordas em uma camada fina que você podia ver através dela e rastejou um pouco mais sobre ela. Houve outra borda fina aparecendo, mas a primeira era mais grossa e manteve acontecendo repetidamente e o gelo estava ficando afiado e espinhoso e eu podia sentir o frio terrível no meu rosto. Sergey e Wanda estavam ambos afastados, e ele descia a corrente na direção dos dedos.

O Staryk não voltou a gritar com Wanda. Quando ele falou desta vez, ele parecia suave, como quando a neve profunda parou de cair e você sai e tudo está muito quieto. — Solte, mortal, solte e peça um benefício diferente para mim — disse ele. — Darei a você um tesouro de jóias ou elixir de vida longa; eu até lhe devolverei a primavera, em troca de um bom retorno. Mas você chega longe demais e ousa muito alto quando me pede minha rainha. Tente-me assim mais uma vez, e saiba que colocarei o inverno em sua carne e esfolarei seus corações para congelar em sangue vermelho sobre a neve: você não tem grandes poderes, nenhum dom de magia verdadeira, e o amor por si só não pode lhe dar forças para se segurar a mim.

Quando ele disse isso, eu sabia que ele não estava mentindo. Todos nós sabíamos disso. E Miryem se levantou de novo. Ela parou de puxar a mão dele, onde estava em torno de seu pulso. Ela disse: — Wanda — e quis dizer que deveríamos deixar o Staryk ir.

Mas Wanda olhou para Miryem e ela disse: — Não — e foi o não que ela disse ao nosso pai, em nossa casa, quando ele queria destrui-la.

Eu não quis dizer não a ele naquele dia. Eu nunca tinha dito não a ele antes, porque sabia que se o fizéssemos ele nos machucaria, e ele já nos machucou de qualquer maneira, e então sabia que ele nos machucaria ainda mais se disséssemos não. Eu nem pensaria em dizer não a ele, não importa o que ele fizesse, porque ele sempre podia fazer algo pior. E quando Wanda disse não a ele, eu também disse que não, mas na verdade não decidi dizer não, apenas disse. Mas agora, pensei, eu tinha dito isso porque não havia nada pior que ele pudesse fazer comigo do que acertar Wanda com aquele atiçador repetidamente e fazê-la morrer enquanto eu estava lá apenas

assistindo. Se ele fosse fazer isso, então eu poderia estar morto também, e isso não seria tão ruim quanto ficar ali.

Agora Wanda estava dizendo não, porque não havia nada pior que o Staryk poderia fazer com ela, além de levar Miryem. E eu não tinha certeza se pensava assim, mas pensei: não poderia deixar de ir sem Panova Mandelstam e Panov Mandelstam também, porque seus braços estavam ao meu redor. E estar morto não seria tão ruim quanto ter que olhar para Panova Mandelstam depois que eu fiz isso com ela.

Mas o Staryk também não estava mentindo. Não era como com papai, onde havia Sergey para entrar e ser mais forte que ele e empurrá-lo para o fogo. Sergey já estava ajudando o máximo que podia, e nenhum de nós era tão grande e forte quanto o Staryk. Então, todos nós estaríamos mortos. Não havia nada que pudéssemos fazer a não ser deixar ir. E nós não estávamos deixando

Então uma voz rouca e terrível disse: — *Uma corrente de prata para prendê-lo com força, um anel de fogo para saciar sua força* — e ao nosso redor doze grandes velas acesas em chamas. Olhei em volta e o tsar estava de pé novamente: a tsarina havia colocado aquelas velas em um grande círculo ao nosso redor, enquanto tentávamos segurar o Staryk, e então ela foi ao tsar e o ajudou a ficar em pé na lareira. Ela o segurava, e ele dissera aquelas palavras da boca quebrada, mesmo que elas saíssem em bolhas vermelhas de sangue. Ele estava apontando a mão para fora: tremia e os dedos estavam dobrados de maneiras terríveis, mas com um dedo ele estava apontando, e todas as velas explodiram em altas chamas quentes tão grande quanto as velas eram altas.

Dentro da corrente, o Staryk deu um suspiro sufocado, e a armadura de gelo ao seu redor se partiu em grandes pedaços e caiu no chão com pequenos sons tilintantes. Ele ficou branco o tempo todo. E então o tsar riu alto, exceto que não era o tsar rindo, era Chernobog, era o monstro. Era um som terrível como fogo crepitando, e então ele deu um passo arrastando para fora da lareira e, quando o fez, alguns daqueles dedos que estavam dobrados errados se endireitaram. Quando ele deu outro passo, seu ombro que estava virado de maneira ruim se sacudiu e se consertou e, em seguida, seu nariz quebrado também se fixou, e pouco a pouco quando ele se aproximou, ele voltou a se acertar, até seu rosto ficar perfeito e até o casaco vermelho rasgado era liso e nem molhado. Mas ele não estava certo, não havia nada certo nele, e ele estava vindo em nossa direção.

Ele estendeu a mão e girou a mão no ar, e a corrente se soltou das mãos de Wanda e Sergey e enrolou-se firmemente ao redor do Staryk, puxando os braços contra os lados do corpo. Miryem soltou a mão dele e pulou para trás dele, e então todos nós voltamos, o mais rápido possível, para fugir de Chernobog. Mas ele não estava prestando atenção em nós. Ele estava parado na frente do Staryk e sorrindo para ele. O último elo da corrente no lado esquerdo se abriu como uma mandíbula e fechou-se em torno de um elo muito distante do outro, e o último elo da corrente no lado direito se ligou a um elo desse lado, e foi apertando e apertando ao redor dele.

— Eu tenho você, eu tenho você — Chernobog cantou. Ele estendeu a mão e tocou o rosto do Staryk com um dedo e puxou-o pela bochecha e pela garganta. O vapor subiu no ar e o Staryk apertou a mandíbula e o estava machucando. Chernobog fechou os olhos pela metade e fez um barulhinho estalado feliz, só que era felicidade com algo horrível. Eu queria a cera de volta nos meus ouvidos, mas não sabia onde estava. Eu estava segurando firme a mão de Wanda, e Sergey estava parado na nossa frente, e Miryem, sua mãe e pai estavam todos se abraçando com força.

"— Diga-me — disse Chernobog ao Staryk. — Me diga seu nome — E ele estendeu a mão e o tocou novamente..

O Staryk estremeceu por toda parte, mas ele sussurrou: — Nunca.

Chernobog estremeceu de raiva e apoiou a mão inteira contra o peito do Staryk. Uma nuvem branca horrível estourou ao redor de sua mão e se contorceu ao redor deles, e o Staryk gritou alto — Seu nome, seu nome! — Chernobog assobiou — Você está amarrado, eu tenho você; eu terei você inteiro! Me diga seu nome! Pela ligação eu te ordeno!

O Staryk fechou seus terríveis olhos e tremia na corrente de prata, e seu rosto estava elevado e parecia muito afiado em todas as extremidades, como se estivesse bem apertado. Ele estava respirando como se não pudesse fazer nada além de respirar, e isso era tudo o que ele conseguia pensar, mas quando ele parou de respirar, abriu os olhos novamente e disse com uma voz fina e fraca: — *Você* não me ligou, Chernobog; você segura minhas correntes, mas eu não lhe devo rendição. Nem por sua mão, nem por sua astúcia eu estou preso. Você não pagou por esta vitória, falsa fraude, e eu não lhe *darei* nada.

Chernobog deu um vasto silvo rosnado e girou sobre nós—na tsarina — Irina, Irina, o que você vai ter? Cite um presente, ele será seu, cite até dois

ou três! Pegue apenas um pagamento das minhas mãos e *dê ele verdadeiramente à mim.*

Mas a tsarina balançou a cabeça — Não — ela disse — Trouxe-o para você, como prometi, e foi tudo o que prometi. Eu não vou tirar nada de você. Fiz isso por Lithvas e não por ganância. Ele não está preso? Você não pode quebrar o inverno dele?

Chernobog estava muito zangado e andou rondando um grande círculo ao redor do Staryk, murmurando, estalando e sibilando para si mesmo, mas não disse não. — Eu festejarei com você todos os dias — ele murmurou enquanto se enrolava ao redor do Staryk, e ele levantou a mão e passou os dedos pelo rosto do Staryk, deixando linhas fumegantes. — Doce e frio serão cada rascunho. Cada um vai te queimar rapidamente. Quanto tempo você vai dizer não para mim?

— Para sempre — o Staryk sussurrou. — Embora você festeje comigo até o fim dos dias, eu nunca abrirei os portões do meu reino, e você não terá nada de mim que não roube.

— Eu vou roubar tudo! — disse Chernobog. — Eu tenho você acorrentado, eu te segurei firme. Eu roubarei todos os frutos das suas árvores brancas e as devorarei inteiras; beberei seus servos e sua coroa, derrubarei todo a sua montanha!

— E mesmo assim — disse o Staryk. — Mesmo assim eu vou recusar você. Meu povo entrará em chamas com seus nomes trancados rapidamente em seus corações; você não terá isso deles, nem de mim.

Chernobog rugiu furioso e agarrou-o com as duas mãos, em ambos os lados do rosto de Staryk, e o Staryk gritou como antes, ainda pior, como o som que papai fez quando o kasha veio em sua cabeça, e eu coloquei meu rosto na saia de Wanda e cobri meus ouvidos, mas eu não consegui impedir o som, mesmo que ela também colocasse as mãos nos meus ouvidos e me pressionasse. Quando parou eu estava tremendo. O Staryk estava de joelhos no chão com a corrente ainda enrolada em torno dele, e Chernobog estava de pé sobre ele e suas mãos estavam molhadas, e ele colocou uma na boca e lambeu-a com a língua, e para onde a língua passava depois, sua mão estava seca. — Oh, quão doce é o sabor, como o frio permanece! — ele disse. — Rei do inverno, rei do gelo, eu vou chupar você até que você seja tão pequeno que eu possa esmagar você com meus dentes, e qual será o seu nome? Você não vai me dar agora e entrar em chamas enquanto ainda é grande?

O Staryk tremeu por toda parte, e então ele disse, muito fracamente, apenas: — Não — e era o mesmo que o nosso *não,* era um não que dizia não importa o que Chernobog fizesse com ele, não era tão ruim assim como se o Staryk lhe desse o nome.

Chernobog fez um barulho desapontado. — Então eu te manterei preso em prata e preso em chamas, até que você mude de idéia e me dê seu nome! Chame-os! — ele gritou. — Ligue para eles, leve-o e esconda-o! — e de repente ele cambaleou e quase caiu, cambaleando, derrubando cadeiras e agarrando-as até ter uma que não caísse, e a segurou, mesmo que estivesse tremendo, e a cabeça caída. A tsarina subitamente atravessou a sala para ele, e ele olhou para ela, e era assim que uma pessoa olha para alguém, não era mais Chernobog lá. Ele disse depois de um momento, quase um sussurro: — Os guardas — e sua voz era muito bonita, como música, embora ele estivesse falando baixinho.

Ele se virou e apontou a mão para as portas, do jeito que as apontara para as velas, exceto que agora a mão era reta e perfeita, e elas se abriram. O trenó não estava mais lá fora. Era apenas o pátio vazio. — Guardas! — o tsar gritou alto e homens entraram correndo no pátio. Eles eram homens que tinham espadas e armaduras, mas quando viram o Staryk pararam, com medo e ficaram olhando. Eles fizeram sinais diante de si.

O tsar começou a apontar a mão para eles, da mesma maneira que apontou para a porta e as velas, mas de repente a tsarina estendeu a mão e colocou a mão no braço dele e a empurrou para baixo. Ela disse àqueles homens: — Tenham coragem! — todos olharam para ela. — Este é o senhor dos Staryk, que trouxe este maldito inverno amaldiçoado para nossa terra, e com a bênção de Deus ele foi capturado. Devemos trancá-lo para trazer a primavera de volta a Lithvas. Vocês são todos homens tementes a Deus? Abençoem-se, e cada um de vocês pegue uma vela nas mãos e mantenha-as perto dele! E precisamos encontrar uma corda para amarrar a corrente que o prende e puxá-lo.

Todos aqueles guardas pareciam muito amedrontados, mas um deles muito alto, tão alto quanto Sergey e com um bigode grande, disse à tsarina: — Vossa Majestade, ousarei, por sua causa — e ele foi e trouxe uma corda para fora do pátio e ele foi direto para o Staryk e amarrou a corda à corrente muito rápido; depois deu um passo para trás, estremecendo, e vi que suas mãos estavam machucadas nas pontas dos dedos, todas brancas e empalidas como se estivessem congelados. Mas ele tinha a corda, e alguns outros

homens vieram e o ajudaram agora e a puxaram. O Staryk se levantou para que não o arrastassem pelo chão. Os outros guardas vieram e pegaram as velas e estavam ao seu redor.

Mas quando eles tentaram puxá-lo, ele não foi apenas com eles. Em vez disso, ele se virou e olhou para Miryem. Ela estava de pé com os pais e o encarava. Eles a abraçaram, e seu rosto estava todo doente e preocupado, como se ela ainda estivesse com medo, mesmo que o Staryk estivesse preso. Mas ele não tentou alcançá-la. Ele apenas disse, como se estivesse muito surpreso: — Minha senhora, eu não achei que você pudesse responder, quando eu a tirei de sua casa sem a sua permissão, e só dei valor ao seu presente. Mas eu sou respondido verdadeiramente. Você deu um retorno justo pelo insulto três vezes e estabeleceu seu valor: superior à minha vida, a todo o meu reino e a todos os que nele vivem, e embora você envie meu povo ao fogo, não posso reivindicar nenhuma dívida para pagar. É feito com justiça.

Ele curvou-se profundamente e, em seguida, virou-se e foi com os guardas para onde o estavam puxando. Miryem colocou as mãos na testa e emitiu um som como se quisesse chorar e disse: — O que posso fazer? O que eu vou fazer?

# CAPÍTULO 20

Não foi realmente uma surpresa descobrir que o pai da minha amada tsarina tinha uma masmorra secreta escondida fora dos muros da cidade, enterrada sob um tapete de grama e palha. Era o mesmo tipo de preparação cuidadosa e bem pensada que eu estava começando a esperar da minha querida rainha; ele certamente a treinou bem.

Havia uma porta na parede ao redor do bairro judeu, uma porta estreita no final de um beco entre duas casas, não muito longe daquela onde o casamento fora realizado. Irina guiou todos nós até lá, o Staryk, uma figura silenciosa que poderia ter sido esculpida em sal, entre os guardas com suas velas, enquanto eu subia a retaguarda da procissão. Devemos ter parecido um retrato bastante impressionante da feitiçaria infernal. Na minha barriga, eu e o demônio—Chernobog, e que prazer finalmente ter um nome para meu passageiro; estávamos finalmente nos familiarizando depois de todos esses anos—ainda estava se contorcendo e ronronando de alegria. Era melhor que fosse tarde e ninguém saísse nas ruas além de bêbados e mendigos.

Na parede, Irina afastou uma cortina de hera, abriu a porta com uma chave de sua bolsa e, em sua direção, metade dos guardas cuidadosamente saiu um após o outro, mantendo o anel de velas em volta de nosso prisioneiro silencioso, antes que o alto, bonito e excessivamente corajoso, arrastasse a corda e o puxasse através dela. O Staryk foi sem resistência, mesmo que ele não pudesse ter sido puxado pela força. Eu ainda sentia ecos fantasmas por todo o meu corpo, de todos os lugares em que as mãos do

Staryk haviam me acertado, a cada golpe como um martelo na bigorna, como se eu tivesse sido um metal bem aquecido para ser espancado.

Mas o demônio continuou me arremessando contra ele, agarrando minhas mãos quebradas furiosamente ao ar livre, mesmo enquanto minhas costelas perfuravam meus pulmões, meus quadris se separavam de modo que minhas pernas balançavam, minha mandíbula solta com dentes caindo como pedras soltas. Eu poderia ter sido transformado em polpa de vinho e ainda acho que Chernobog estaria me escoando pelo chão para cobrir suas botas com meu sangue. Quando o Staryk finalmente nos empurrou para a lareira e disse ao demônio para ficar lá, eu teria chorado de gratidão, de alívio, se ele tivesse me dado a gentileza de um chute final para esmagar meu crânio e acabar com a agonia.

Mas ele me deixou lá. E então minha doce Irina veio e me abraçou, como uma paródia grotesca de conforto. Se ela quisesse me confortar, poderia ter cortado minha garganta. Mas ela tinha um uso para mim, ela também tinha um uso para mim, sou tão *infinitamente* útil; ela se ajoelhou e me disse com urgência: — O anel de fogo. Você pode acender as velas? — no começo, acho que apenas chorei um pouco, ou talvez ri, o máximo que pude fazer para sair algum som da minha boca. A experiência foi bastante nublada em minha memória. Mas então ela me pegou pelos ombros e disse ferozmente: — Você ficará preso aqui para sempre se não o impedirmos! — e acordei com a terrível certeza de que ela estava certa.

Ah, pensei que já conhecia um destino pior que a morte; quão absurda e ridiculamente ingênuo eu tinha sido. Eu não estava quebrado o suficiente para morrer, apenas para ficar deitado nas brasas e nas cinzas. Imaginei que os criados tinham corrido, que todos nas casas vizinhas fugiram do horror dos meus destroços na lareira. Eles fecharam as janelas e as portas, e talvez eles queimassem o prédio inteiro e me enterrassem em uma montanha de madeiras enegrecidas, e eu ficaria deitado debaixo dela para sempre, com o demônio ainda uivando nos meus ouvidos, me devorando porque não conseguia chegar a mais ninguém.

Então eu me levantei e, com um fraco feitiço coaxante e um fio da magia que meu demônio havia me dado, um pedaço de carne arremessado para um cão adequadamente obediente, capturei o rei Staryk para minha amada rainha e meu amado mestre. E agora aqui estava eu sendo recompensado: estava inteiro de novo! Eu podia respirar sem uma fonte de sangue borbulhando na minha garganta! Eu podia ficar em pé e andar e ver pelos

meus olhos, e oh, quão grato eu estava por isso, exceto que eu havia entendido que não tinha escapado de nada. Eu apenas havia adiado por um tempo. Esse destino estava me esperando, mais cedo ou mais tarde. Chernobog nunca me deixaria ir, nem mesmo para a morte. Por quê? Não precisava. Eu tinha sido assinado de forma abrangente; nenhuma cópia fina ou limitações no meu mandato. Tudo o que eu sou capaz de fazer era o que eu era capaz de fazer: nada. Nada além de pegar aqueles restos da vida quando eles vieram, devorá-los, lamber meus dedos gordurosos e tentar tornar a vida suportável quando tivesse a chance.

Então, deixei-me respirar o ar noturno e olhei para minhas belas mãos novamente formadas e segui minha rainha e meus guardas pelas ruas e pela porta estreita, porque enquanto Chernobog tivesse um Staryk para festejar, eu não precisaria temer. Parecia pesado e cheio dentro da minha barriga, um monstro bem alimentado, quase sonolento de satisfação. Então ele poderia dormir por muito tempo.

Do lado de fora do muro, Irina nos levou para a colina, para um lugar ao lado de uma pequena árvore enrolada, e disse aos guardas para colocarem as velas em círculo em volta do Staryk, e então ela disse: — Vocês serviram Lithvas e Deus hoje à noite. Vocês serão recompensados pelo que fizeram. Agora volte para a cidade e, antes de retornarem ao palácio, vão direto à igreja, agradeçam e não falem com ninguém do que viram hoje.

Todos eles fugiram prontamente, como os homens obviamente sensatos que eram, exceto nosso único herói corajoso, que largou a corda cuidadosamente dentro do anel de velas e perguntou a Irina: — Majestade, não posso ficar e servi-la?

Irina olhou para ele e perguntou: — Qual é o seu nome?

— Timur Karimov, Vossa Majestade — disse ele. Sim, ele estava *muito* ansioso para servi-la, isso era óbvio, embora ele quisesse ser pago por isso mais cedo ou mais tarde, imaginei. No entanto, assim que pensei nisso, me ocorreu — ele próprio tinha uma tensão tártara: de pele escura, bonito e de ombros largos, e a julgar pelo bigode, tinha cabelos escuros para combinar com os olhos claros. E se Irina não insistisse em fornecer serviços de garanhão, *alguém* teria que fazer o trabalho.

— Timur Karimov, você mostrou seu valor — eu disse, e o assustei ao fazê-lo perceber que sim, esse era o *marido* dela, o marido dela, o tsar de Lithvas, que podia ter os olhos esbugalhados, a língua cortada, a cabeça e as mãos cortadas e pregadas sobre o portão do castelo, e tudo pelo esforço de

dizer uma palavra. Eu teria ficado um pouco satisfeito ao vê-lo parecer um pouco nervoso, mas, em vez disso, ele só me viu e depois olhou— *amarrotado,* com inveja miserável, como se ele realmente não esperasse desfrutar de nenhum favor, afinal, ele apenas sonhava com saudade de seu ideal brilhante, e esquecera temporariamente que ela estava fora de seu alcance. Bem, talvez ele pudesse ser curado dessa falta de ambição. — Por meio deste, o nomeio capitão da guarda pessoal da tsarina, e talvez você possa demonstrar tanta coragem em proteger meu maior tesouro quanto você tem feito essa noite.

Evidentemente, eu exagerei; ele pulou para a frente para cair sobre um joelho aos meus pés e pegou minha mão e a beijou. — Vossa Majestade, eu juro pela minha vida — disse ele, em tom latejante, como se pensasse que estava atuando em uma peça, mas soou como se ele realmente estivesse prestes a explodir em lágrimas.

— Sim, muito bem — eu disse, afastando minha mão. Irina estava olhando para mim com uma carranca, como se não entendesse meus motivos; dei uma olhada aguda na encantadora cabeça inclinada da jovem galante e, em seguida, suas bochechas escureceram com um rubor de donzela completamente injustificado, quando eis que a luz repentina amanheceu! Como se ela tivesse motivos para não entender, em primeiro lugar, depois daquelas palestras para mim sobre sucessão dinástica. — Bem? — eu adicionei para ela. Eu me senti bastante confortável mantendo Timur por perto; ele não iria contar nossos segredos a ninguém, para não trair sua bela e amada Majestade.

Irina deve ter percebido isso também, porque depois de um momento ela o apontou para um ponto no chão em frente aos pés do Staryk e disse: — Cave.

Não foi preciso muito trabalho para descobrir as pedras e o alçapão; assim que o limpamos, Irina bateu nele e, um momento depois, ele foi aberto e vi o rosto do meu sogro nadando no escuro. Ele acenou com a cabeça para Irina e abriu espaço para trazer o Staryk. Ele próprio estava ocupado com algum objetivo: ele havia escavado um canal redondo no chão, entre as pedras, e o enchido com carvão. Havia outro anel de velas queimando ao redor do canal, como uma segunda fila de fortificações, e mais empilhadas em um carrinho de mão, esperando, contra a parede para reabastecer o suprimento. Tudo muito organizado.

Timur puxou o Staryk em sua trela para dentro do anel de carvão e depois subiu de novo e jogou a corda de volta para a piscina aos seus pés. O Staryk ignorou; ele estava no círculo olhando para nós com seu rosto frio e brilhante, a cabeça erguida e orgulhosa, mesmo com a corrente de prata ainda envolvida em torno dele, impossivelmente estranho: era o *inverno* que havíamos trancado no porão ali entre nós. Ele não parecia inteiramente uma criatura viva. Havia algo estranho no rosto dele que não permanecia o mesmo sempre que você olhava para ele duas vezes, como se as pontas dele estivessem constantemente se derretendo e reformando. Ele não era bonito, era aterrorizante; e então ele era bonito, e então ele era ambos, e eu não conseguia decidir de um momento para o outro o que ele era.

Isso fez algo na minha cabeça coçar; eu gostaria de desenha-lo, pegá-lo com caneta e tinta, e não apenas fogo e prata. Olhei para Irina lá no poço escuro: um pouco da fria luz azul refletia em seu rosto, em sua coroa de prata e nos rubis vermelhos de seu vestido de prata, e me ocorreu que era *isso* que eles viam quando olhavam para ela: eles a viam como uma Staryk, mas perto o suficiente para que um mortal pudesse tocar.

Lá dentro, Chernobog se mexeu e soltou um pequeno arroto interno, nada que eu já sentira antes, e terrivelmente desagradável, e me açoitou um pouco; eu cerrei os dentes e agitei os dedos no círculo de brasas, e o acendi com um brilho vermelho. Timur se encolheu de volta. O Staryk não *tremeu*, mas tive a impressão de que ele gostaria, se isso não estivesse muito além de sua dignidade. Eu reprimi o desejo de dizer a ele para tremer o tanto quanto quisesse. Chernobog nunca notou muito a dignidade de alguém ou a falta dela, tanto quanto eu já tinha visto, isso o agradava de qualquer maneira.

— Vamos sair? — eu disse a Irina — Sinto muito por abandonar os encantos deste lugar, mas *temos* outro casamento para comparecer amanhã, certo? Uma temporada movimentada deles.

Irina se afastou do Staryk — Sim — ela disse sombriamente. Ela não parecia particularmente feliz com o resultado final de seus excelentes planos, embora, tanto quanto eu podia dizer, eles tivessem funcionado sem problemas. A menos, claro, que houvesse um corolário para eles que ela não tinha compartilhado comigo—por exemplo, um lugar onde eu *havia* ficado escondido em segurança na lareira para sempre, talvez acorrentado em ouro e rodeado de gelo; isso parecia o espelho poético. Sim, quanto mais eu pensava nisso, mais eu tinha certeza de que algo assim estava na

agenda. Ah, que bobagem minha—*havia sido.* A facada nas costas ainda estava a caminho.

— Um homem de confiança? — o duque disse a Irina, gesticulando para Timur. Ela assentiu. — Bom. Ele virá comigo e ajudará a cobrir a porta novamente e manter a guarda. Caminhe direto pelo túnel. Não se revezem. Atravessa alguns esgotos antigos ao longo do caminho.

Isso transmitiu muito bem a qualidade cênica em perspectiva de nossa caminhada. Sorri para Irina com todo o carinho sincero que estava florescendo em meu coração por ela, e estendi meu braço formalmente. Ela olhou para mim, mais uma vez sem graça e sem expressão, como vidro, e colocou a mão na curva do meu braço. Deixamos o Staryk parado em silêncio e sozinho atrás de nós em seus laços de chamas e prata, e partimos juntos por um túnel fedorento e impenetrável, escuro e cheio de guinchos e raízes de árvores penduradas. Eu acendi um fogo na minha mão enquanto caminhávamos, a luz vermelha dançando sobre as paredes de terra.

— Que buraco conveniente — eu disse. — Devo ter isso em mente se seu pai se rebelar contra a coroa? Suponho que isso dificilmente seja mais provável—ou é? — ela apenas olhou para mim. — Suponho que você pense que sou um idiota — eu joguei para ela. Seu silêncio foi mais irritante do que suas palestras. Não pedi nada disso: não queria me casar com ela, não queria ajudá-la a sobreviver, não queria ser esmagado como casca de ovo por causa dela. Chernobog estava sentado na minha barriga como carvão engolido, uma presença espessa e satisfeita, *satisfeito* consigo mesmo—e ela, também, sem dúvida. Eu não conseguia nem empurrá-la para um desses túneis escuros e fugir, deixando-a para trás.

— Você está bem? — ela me perguntou abruptamente.

Eu ri; foi tão absurdo. — O que é um pouco de agonia e lesão mortal aqui e ali — eu zombei dela. — Realmente, eu não me importo. estou encantado por estar a serviço a qualquer momento. Hm, *encantado*—quero dizer isso, ou há outra palavra para isso? Vou ter que pensar um pouco. O que exatamente você espera de mim? Devo ser *grato* a você?

Ela fez uma pausa. Depois de um momento, ela disse: — O inverno vai acabar. Lithvas vai...

— Não fale sobre *Lithvas,*— eu cuspi para ela. — Estamos encenando para os vermes agora, ou isso é algo que você faz para manter sua mão em aparições públicas? Como se *Lithvas* significasse qualquer coisa, menos as linhas em que a última rodada de pessoas terminou de se matar. Por que me

preocupo com Lithvas? Os nobres cortariam minha garganta com prazer, os camponeses não sabem quem os governa, a sujeira não se importa, e eu não devo nada a nenhum deles *ou* a você. Não consigo fazer você parar de dançar comigo no tabuleiro de xadrez, mas não vou agradecer humildemente por me permitir ser útil para você, minha senhora, como aquele macaco rastejante lá em cima. Pare de tentar fingir que você não ficaria encantada em me deixar lá em pedaços sangrentos no chão. Você não tem o próximo tsar esperando por aí? Parece o tipo de coisa que você teria pronta para o caso.

Ela ficou em um silêncio abençoado por um tempo, mas não o tempo suficiente para me satisfazer. Chegamos ao fim do túnel e atravessamos uma arcada cortada em uma parede de pedra: ela nos deixava entrar em um pequeno armário escuro e apertado de uma sala, com uma parte da parede inteligentemente projetada que se direcionava para as adegas. Quando saímos e fechei novamente, você mal poderia dizer que o lugar estava lá. Passei meus dedos pelos tijolos e mal consegui encontrar as bordas, e isso apenas porque estava faltando argamassa. Chernobog cantarolava sonolento de satisfação: iria amanhã, festejaria novamente...

Eu me virei e encontrei Irina olhando para mim no escuro; eu fechei minha mão na chama, e havia apenas um pouco de luz brilhando nas escadas, refletida nas sólidas piscinas negras de seus olhos, para mostrar seu rosto para mim.

— Você não se importa com nada disso — disse ela. — E, ainda assim, você esperava ser tsar de qualquer maneira, no lugar de seu irmão...

Era como ter um monstro esmagando suas costelas diretamente em seu coração. Ah, como eu a odiava — Receio que *você* não teria gostado muito de Karolis, querida — falei entre dentes. — Quem você acha que me ensinou a matar esquilos? Ninguém mais teve um minuto para a bruxa chegar, até que ele estivesse...

Eu parei; eu ainda não podia ser inteligente sobre isso. Não sobre isso. Chernobog se mexeu um pouco e enfiou a língua na minha cabeça, lambendo preguiçosamente o inesperado deleite delicioso da minha dor. Que bom saber que eu ainda podia lhe dar satisfação, mesmo quando estava tão bem alimentado.

Ela estava me encarando. — Você o amava. E você barganhou de qualquer maneira?

— Ah, não — eu disse, cheia de raiva. — Eu nunca tive a chance de negociar uma coisa. Veja bem, minha mãe não teve a mesma sorte que você, doce Irina. Ela ainda não tinha uma coroa, não tinha uma beleza mágica e não tinha um rei Staryk para comprá-los. Então, em vez disso, ela pagou por eles com uma nota promissória, e a tinta do meu contrato estava seca antes mesmo que eu saísse do útero.

*

Quando Irina voltou, eu estava costurando no canto do quarto dela, o mais rápido que pude. Eu tinha ido a Palmira e disse a ela que o tsar não deixaria Irina usar o mesmo vestido duas vezes e, se ela tivesse um vestido que eu pudesse trocar para Irina usar amanhã, eu daria a ela o azul com rubis para compensar Galina. Galina não saberia de onde eles vieram; Palmira também não. Era melhor que não soubessem. Para elas, podiam ser jóias ricas e finas que alguém havia comprado e pago com ouro, e não com sangue. Eles teriam ido longe o suficiente da crueldade que os criou, e então eles poderiam ser apenas bonitos. E eu teria trabalho para fazer durante a noite, a longa noite, sentada ao lado de um abajur e imaginando se Irina algum dia voltaria.

— Mas deve ser esplêndido — eu disse — Caso contrário, não serve: você vê como *ele* se veste! Ele não a deixará ter menos que bem — então, Palmira me deu um vestido de brocado verde-esmeralda e seda verde-clara, com o bordado tão grosso em prata que eu precisava de uma jovem criada para ajudar a carregá-lo de volta para a sala, com pequenas contas de esmeraldas atadas: não tão valioso quanto os rubis, mas havia tantos que o vestido brilhava à luz. Galina o usara quando menina, antes de seu primeiro casamento. Era pequeno demais para ela agora, mas ainda assim fora mantido, para uma filha ou esposa de um filho. Não para uma enteada, até agora, mas caberia em Irina sem muito trabalho. Ele era apenas mais estreito no peito. Eu estava quase terminando de trazer o corpete quando ela voltou para o quarto, e seu rosto estava branco e cego acima daqueles rubis brilhantes de pingos de sangue.

O tsar foi ao fogo e estalou para seus servos enquanto eles acordavam para lhe trazer vinho quente, e ele estendeu os braços para eles lhe tirarem o casaco vermelho de veludo, como se nada tivesse acontecido. Fui e tentei pegar as mãos magras da minha garota, mas ela não me deixou vê-las ou

abrir a capa. Mas eu coloquei meu braço em volta dela e a puxei para minha própria cadeira e a coloquei nela. Ela não estava com frio, não tremia. Mas ela estava tão vazia como um campo de neve, e havia um cheiro espesso e terrível de fumaça em seus cabelos. Quando ela se sentou, vi sangue no vestido azul, sangue real, escuro e seco, nas palmas das mãos e embaixo das unhas, como se ela estivesse massacrando carne naquele vestido. Acariciei a cabeça dela. — Vou preparar um banho — eu sussurrei para ela. — Eu lavarei seu cabelo — ela não disse nada, então falei com os lacaios e os enviei para trazer o banho e água fria para lavar o vestido.

O tsar já estava em sua troca e bebendo seu vinho enquanto aqueciam a cama fresca para ele. Quando o banho tinha chegado e estava pronto, ele entrou e as cortinas foram fechadas. Enviei todos os outros criados para fora e tirei a coroa do cabelo de Irina—ela se encolheu e estendeu a mão para ela e só então olhou para a cama para ver que ele dormia, e então ela me deixou. O colar dela sumira e eu não perguntei o que havia acontecido.

Primeiro lavei suas mãos e braços na bacia. Estava escuro, então a água parecia suja e turva, não vermelha. Peguei a bacia e fui tremendo para a varanda para jogar a água para baixo, para as pedras lá em baixo. Os homens do duque se exercitavam naquela praça. Eles não notariam um pouco mais de sangue nas pedras. Tirei o vestido azul dela e coloquei-o de molho na bacia em água fria. As manchas não eram tão velhas; elas sairiam.

Depois ajudei Irina a tomar banho, e lá lavei os cabelos com murta seca que eu havia retirado do armário em nosso antigo quarto: um cheiro de galhos e folhas doces, eu o lavei três vezes, e, finalmente, quando coloquei o cabelo dela no meu nariz, cheirava apenas a murta e não a fumaça. Tirei-a do banho e a sequei com um lençol e a coloquei sentada perto da lareira enquanto penteava seus cabelos. O fogo estava ficando baixo, mas eu não coloquei outro tronco, porque ainda não estava muito frio na sala. Ela se sentou na cadeira e seus olhos estavam fechados à deriva. Eu cantei para ela enquanto penteava os cabelos dela e, depois que eu desfiz os últimos nós desde que a coroa estivera em sua cabeça, ela colocou a cabeça contra o lado da cadeira e dormiu lá.

O sangue saiu do vestido azul. Peguei-o pingando e levei a bacia para a varanda para jogar a água fora novamente. Mas eu não estava com frio quando saí dessa vez. O ar quente entrou no meu rosto e um cheiro de árvores frescas e terra entrou, um cheiro de primavera que eu quase tinha esquecido, porquê fazia tanto tempo desde que chegara. Fiquei ali com a

bacia cheia de água vermelha e respirei esse cheiro, sem pensar, até meus braços tremerem; a bacia era pesada demais para eu aguentar por tanto tempo. Consegui colocá-lo no corrimão de pedra, inclinei-a e voltei para dentro. Não fechei as portas, deixei a primavera entrar na sala. Minha garota, minha garota corajosa tinha feito isso. Ela foi embora e voltou sangrenta e nos trouxe de volta na primavera. E ela tinha voltado, ela tinha voltado, o que valeu toda a primavera e muito mais para mim.

Esfreguei o vestido azul até que as últimas marcas saíssem dele; tomei cuidado, é claro, mas de qualquer maneira os rubis foram costurados com tanta força que não saíram. Peguei o vestido, coloquei-o sobre uma cadeira e coloquei-o do lado de fora para secar; depois eu poderia dar a Palmira, e ela nunca saberia que ele um dia estivera manchado. Quando me virei para voltar, Irina estava de pé ao lado da cadeira, segurando o lençol ao redor do corpo, olhando pela janela; seus cabelos estavam pendurados em uma piscina ao seu redor, já quase secos. Estava brilhando lá fora, o sol estava chegando e ela saiu na varanda, descalça. Eu quase disse: *Você vai pegar um resfriado, dushenka,* mas eu segurei as palavras na boca e movi a cadeira, para que ela pudesse entrar e ficar de pé no parapeito. Eu fiquei ao lado dela e coloquei meus braços em volta dela para manter seu corpo magro quente. Um grande barulho de pássaros e animais tagarelando vinha de longe, aproximando-se a cada momento, cada vez mais perto, até que de repente estava ao nosso redor, totalmente ao nosso redor; vi os esquilos pulando como sombras nas árvores do jardim abaixo por mais um momento antes que a luz do sol tocasse as folhas, as folhas novas e macias, e juntos, Irina e eu e os alegres pássaros assistimos o sol subir ao mundo sobre campos verdes em vez de neve.

Acariciei sua cabeça e disse suavemente: — Está tudo bem, Irinushka, está tudo bem.

— Magreta — disse ela, sem olhar para mim. — ele sempre foi tão bonito, Mirnatius, mesmo quando menino?

— Sim, sempre — eu disse. Eu não precisava pensar nisso; lembrei-me. — Sempre. Uma criança tão bonita, mesmo em seu berço. Fomos para o batismo. Seus olhos eram como jóias. Seu pai esperava pedir a adoção dele —sua mãe ainda não tinha filhos, e ele pensou que talvez o tsar pudesse ser persuadido a pensar que era melhor do que a casa de um homem com muitos filhos. Mas sua mãe não seguraria o bebê. Ela só ficou lá como se

fosse feita de pedra e não levantou as mãos. A enfermeira não conseguiu nem colocá-lo em seus braços. Ah, quão bravo seu pai estava.

Balancei minha cabeça, lembrando-me: como o duque havia gritado, dizendo-lhe que de manhã ela iria segurar a criança, falar de sua beleza e dizer como estava triste por não ter uma criança para si; e Silvija ficava o tempo todo em silêncio, com os olhos abatidos diante dele, sem dizer nada —

E então, de repente, voltou a mim, como uma gota de óleo flutuando na superfície da água, que ele havia gritado e gritado, e quando terminou, Silvija olhou para ele com os olhos prateados e disse baixinho: — Não. Há outra criança vindo para nossa casa que usará uma coroa de inverno — ele parou de gritar e pegou as mãos dela e as beijou, e ele não falou mais em adotar o príncipe. Mas então Irina não nasceu por mais quatro anos. Eu tinha esquecido tudo quando ela veio.

Irina ficou olhando a primavera, minha tsarina com sua coroa de inverno e os olhos do pai de falcão, e seu rosto ainda estava muito pálido. Apertei-a um pouco, tentando confortá-la, o que quer que cicatrizasse sua ferida. — Entre, dushenka — eu sussurrei suavemente. — Seu cabelo está seco. Vou fazer tranças e você deve dormir um pouco. Venha deitar no sofá. Não vou deixar ninguém entrar. Você não precisa ir para a cama com ele.

— Não — ela disse. — Eu sei. Não preciso deitar com ele.

Ela entrou, e depois que eu trancei seus cabelos, ela se deitou no sofá e eu a cobri. Então entrei no corredor e disse aos lacaios que o tsar e a tsarina estavam muito cansados de sua alegria e não deveriam ser perturbados. Entrei e levei o vestido verde para a janela, para terminar minha costura no ar de primavera.

*

Quando acordei na casa do meu avô na manhã seguinte, o quarto estava sufocante. Eu tropecei, ainda meio adormecida na janela para deixar entrar um pouco de ar. Minha mãe e meu pai ainda estavam na cama e, enquanto eu caminhava, pisei com os pés descalços no vestido incrustado de ouro caído no chão. Ontem à noite, eu arranquei-o do meu corpo como uma pele de cobra e me arrastei para o pé da cama, mesmo enquanto meus pais ainda estavam conversando comigo. Suas palavras pararam de fazer algum sentido. Então eles pararam de falar e só colocaram as mãos na minha

cabeça. Caí no sono enquanto eles cantavam suavemente sobre mim, com o cheiro familiar de fumaça de lenha e lã no nariz, quente novamente, pelo menos isso.

Destranquei a janela e o ar quente soprou no meu rosto. Eu estava elevada o suficiente na casa do meu avô para ver a muralha da cidade e os campos e a floresta do outro lado, e todos os campos eram verdes, verdes, verdes: verdes com centeio tão alto, como se já tivessem tido quatro meses da primavera para crescer, verdes com folhas novas já escurecendo com o verão, e todas as flores silvestres abrindo de uma só vez. As árvores frutíferas no jardim da minha avó também estavam cheias de frutos, ameixa, cereja e maçã florescendo juntas, e mesmo na janela haviam flores abertas e um leve zumbido no ar, como se todas as abelhas nas mundo corressem para trabalhar juntas. Não havia nenhum vestígio de neve em nenhum lugar do chão.

Depois de um café da manhã, que não tinha gosto na minha boca, dobrei o vestido de ouro e prata e o embrulhei em papel. Havia multidões de pessoas na rua quando saí carregando minha encomenda. Na sinagoga, ao passar pelas portas, ouvi cantos, e estava cheio, apesar de estar na metade da manhã e no meio da semana. No mercado, ninguém estava fazendo nenhum trabalho. Todos estavam contando histórias sobre o que havia acontecido: sobre como Deus estendeu a mão e entregou o Staryk na mão do tsar e quebrou o inverno feiticeiro.

O vestido me fez passar pelos portões da casa do duque, quando mostrei um canto a um criado, mas ainda tinha que esperar sentada do lado de fora da entrada dos criados por uma hora, antes que alguém finalmente entregasse uma mensagem e Irina me trouxesse para dentro — porque ela era tsarina, a tsarina que salvou o reino, e eu era apenas uma pequena prestadora de empréstimos do bairro judeu em meu vestido de lã marrom. Mas quando a mensagem chegou, ela enviou alguém para mim imediatamente, sua antiga acompanhante Magreta, que me olhou ansiosa e de lado, como se pensasse que meu vestido e meu cabelo liso e trançado eram um disfarce, mas me levou para o andar de cima de qualquer maneira.

Irina estava em seu quarto. Quatro mulheres estavam sentadas juntas perto do fogo, costurando freneticamente para fazer um vestido quase tão esplêndido quanto a monstruosidade que eu havia trazido; ela estava indo para outro casamento naquele mesmo dia, parecia. Mas ela estava na varanda, espalhando pão para um banquete de pássaros e esquilos: todos

haviam saído novamente, assim como as pessoas nas ruas, magras e famintas após o longo inverno e dispostas a ousar companhia humana em troca de comida. Quando ela jogou fora um punhado, eles dispararam para perto de seus pés para pegar pedaços e depois se afastaram para comê-lo, antes de correr para outra ajuda.

— Eu preciso ver ele — eu disse a ela.

— Por quê? — ela me perguntou devagar.

— Fizemos mais do que simplesmente impedi-lo! — eu disse — Se você mantê-lo para... — Olhei por cima do ombro, para a agitação da sala, e não disse o nome. — Aquele que quer devorar, não terminará apenas o inverno, destruirá seu reino. *Todos* os Staryk morrerão, não apenas ele!

Irina terminou de espalhar o pão e depois estendeu a mão vazia para mim: sem adornos, exceto pelo anel de prata Staryk brilhando, sobre ele, uma fina faixa de luz fria, mesmo sob o sol brilhante. — Mas o que mais você quer que façamos? — eu a encarei. — Miryem, os Staryk invadiram este reino desde que os homens se estabeleceram aqui. Eles nos tratam como vermes se escondendo entre as árvores, apenas com mais crueldade.

— Um punhado deles! — eu disse. — A maioria deles não pode vir aqui, assim como não podemos atravessar para o reino deles sempre que quisermos. Somente os poderosos entre eles podem abrir um caminho... — parei, percebendo que não estava melhorando as coisas, e sim tornando pior.

— E esses também têm o poder de decidir pelo resto — disse Irina — Não penso com prazer sobre a morte de todo o povo Staryk, mas o rei deles começou essa guerra. Ele roubou a primavera; ele teria deixado todo o *nosso* povo, toda Lithvas, morrer de fome. Você está me dizendo que ele não sabia o que estava fazendo?

— Não — eu disse sombriamente. — Ele sabia.

Irina assentiu levemente. — Minhas mãos também não estão limpas depois da noite passada. Mas não vou lavá-los no sangue do meu povo. E não vejo mais nada que possamos fazer.

— Se eles nos oferecessem um tratado, em troca de sua vida, eles se agarrariam a ele. Eles nunca quebram sua palavra.

— De quem viria esse tratado? — Irina disse. — E mesmo se um vier... — Ela olhou para o quarto, seu quarto: um quarto que ela dividia com o tsar e com uma coisa negra de fumaça e fome, que vivia dentro dele. O rosto dela estava sombrio. — Eu não finjo estar feliz com a barganha que

fizemos. Mas hoje há primavera em Lithvas e haverá pão sobre a mesa na casa de todos os camponeses neste inverno — Ela olhou para mim. — Vou comprar isso para eles — disse ela calmamente. — Mesmo que custe mais do que eu gostaria de pagar.

Então saí sem nada para mostrar pela a minha visita, a não ser um vazio oco no estômago. Sua acompanhante me parou no quarto quando eu saí e me perguntou o que eu queria pelo vestido, mas apenas balancei a cabeça e fui embora. Mas sair não ajudou. Eu podia usar o vestido de uma rainha Staryk, mas tinha sido uma por muito tempo para esquecer. E, no entanto, eu não sabia dizer a Irina que ela estava errada, e nem mesmo dizer que ela era egoísta. Ela *pagaria*, o preço que eu não estava disposta a pagar: iria deitar-se com aquele demônio ao seu lado e, mesmo que não deixasse que colocasse seus dedos em sua alma, ela os sentiria rastejando sobre sua pele.

E com esse pagamento, ela nos compraria mais do que a primavera. Ela nos compraria primavera, verão e inverno também; um inverno em que nenhuma estrada Staryk brilharia entre as árvores e nenhum invasor de capa branca sairia para roubar nosso ouro. Em vez disso, nossos lenhadores, nossos caçadores e nossos agricultores entrariam na floresta, com machados e armadilhas para os animais de pêlo branco. Ela nos compraria a floresta e o rio congelado, e tudo isso iria para colheitas e madeira, e em dez anos Lithvas seria um reino rico em vez de um reino pequeno e pobre, e enquanto isso, em algum lugar, em um quarto escuro bem abaixo, Chernobog triturava as crianças Staryk entre os dentes, uma mordida de cada vez, para aquecer o resto de nós.

Voltei para a casa do meu avô. Minha mãe estava me esperando ansiosamente do lado de fora, sentada nos degraus, como se não tivesse sido capaz de suportar me ver fora de sua vista. Fui e me sentei ao lado dela, e ela colocou os braços em volta de mim e beijou minha testa e segurou minha cabeça contra seu ombro, acariciando meu cabelo. Havia muitas outras pessoas entrando e saindo da casa ao nosso redor: convidados do casamento saindo com rostos sorridentes comuns. Eles já estavam esquecendo uma noite dançando sob árvores brancas, com todo o inverno e uma sombra ardente entrando em casa conosco.

Apenas meu avô se lembrou um pouco. Saí do quarto naquela manhã, deixando meus pais dormindo, para tomar uma xícara de chá e uma crosta de pão na cozinha, perplexa, e tentando preencher o vazio frio dentro de mim. Ainda era cedo, e apenas alguns criados estavam se mexendo na casa,

começando a colocar comida nas mesas para os convidados que logo estariam acordando. Mas depois de um tempo, um deles veio e me disse que meu avô queria me ver. Eu fui até o escritório dele. Ele estava de pé junto à janela, franzindo a testa na primavera, e ele me olhou no rosto e disse abruptamente: — Bem, Miryem? — da mesma maneira que ele fez quando eu vim mostrar meus livros. Ele estava perguntando se eles estavam limpos e equilibrados, e eu descobri que não podia responder.

Então, eu fui ao palácio do duque e agora voltei com uma resposta melhor do que quando saí. Deveria ter sido fácil. O próprio Staryk me disse que sim: ele se curvou para mim, sem ódio ou mesmo censura, como se eu tivesse o direito de fazer o que ele fez, e incendiar seu reino por tentar enterrar o meu no gelo. E talvez eu o tivesse feito, mas eu também não era um Staryk. Eu disse *obrigada* a Flek, Tsop e Shofer, e nomeei a menininha em quem não queria pensar. Ela tinha uma reivindicação sobre mim, certamente, se mais ninguém naquele reino o fizesse.

— Nós vamos para casa amanhã — minha mãe disse suavemente no meu cabelo. — Vamos para casa, Miryem — era tudo o que eu queria, a única esperança que tinha para me dar coragem, mas eu não conseguia mais imaginar. Pareceu-me tão irreal quanto uma montanha de vidro e uma estrada de prata. Eu realmente voltaria para minha cidade estreita e alimentaria minhas galinhas e minhas cabras, com as carrancas das pessoas que eu salvara nas minhas costas todos os dias? Eles não tinham o direito de me odiar, mas o fariam de qualquer maneira. O Staryk era um conto para uma noite de inverno. *Eu* era o monstro deles, aquele que eles podiam ver, entender e se imaginar derrubando. Eles não acreditariam que eu tinha feito algo para ajudá-los, mesmo que eles ouvissem uma história sobre isso.

E eles estavam certos, porque eu não tinha feito isso por eles. Irina os salvou e eles a amariam por isso. Eu tinha feito isso por mim, pelos meus pais e por essas pessoas: pelo meu avô, pela Basia, pela minha prima de segundo grau, Ilena, que estava vindo descendo as escadas e nos beijou em nossas bochechas antes de ela subir no carrinho de espera para partir para sua própria casa em outra vila estreita, onde morava com outras sete casas ao redor dela e todas as aldeias ao redor delas, odiando todas elas. Eu tinha feito isso pelos homens e mulheres que passavam na rua em frente à casa do meu avô. *Lithvas* não significava um lar para mim; era apenas a água em que morávamos ao lado, meu povo se amontoava às margens do rio, e, às

vezes, a onda subia a encosta e arrastava alguns de nós para as profundezas, para o peixe devorar.

Eu não tinha um país para fazer isso. Eu só tinha pessoas, e *essas* pessoas: e Flek, Tsop e Shofer, cujas vidas eu tinha vinculado à minha, e uma garotinha que eu havia dado um nome judeu como presente, antes de partir longe para destruir sua casa?

Mas eu já tinha feito isso, e parecia ter passado o meu poder de desfazer. Eu não era ninguém aqui que importava. Eu era apenas uma garota, uma prestanista de uma cidade pequena com um pouco de ouro no banco, e, o que antes parecia uma fortuna para mim, agora parecia um punhado de moedas, nem mesmo um baú da despensa do meu rei Staryk. Peguei um garfo de prata naquela manhã e o segurei na mão, sem saber o que queria que acontecesse. Mas o que eu queria não importava. Nada aconteceu. O garfo continuou prateado, e qualquer magia que eu tivesse estava de volta naquele reino de inverno que nunca mais veria. Um reino que desapareceria para sempre em breve, sob a mesma onda. E eu não tinha mais nada a dizer sobre isso.

Então eu entrei com minha mãe. Em nosso quarto, arrumamos uma parcela das poucas coisas que meus pais trouxeram de casa e depois descemos para ajudar: ainda havia tantas pessoas na casa, pessoas que eu nunca havia conhecido, mas que ainda eram minha família e amigos, e havia comida a ser preparada e louça a ser lavada, mesas a serem arrumadas e limpas novamente, crianças a serem alimentadas e bebês chorando a serem segurados. Uma multidão de mulheres ao meu redor, fazendo o oceano do trabalho das mulheres que nunca diminuiu e nunca mudou e sempre engoliu o tempo que você deu e queria mais, outro corpo faminto de água. Mergulhei nele como um ritual de banho e deixei-o fechar sobre minha cabeça de bom grado. Eu queria parar meus ouvidos e meus olhos e minha boca com isso. Eu poderia me preocupar com isso, se havia comida suficiente, se o pão estava crescendo bem, se a carne cozinhou por tempo suficiente, se havia cadeiras suficientes à mesa; eu poderia fazer algo sobre essas coisas.

Ninguém ficou surpreso em me ver. Ninguém me perguntou onde eu tinha estado. Todos eles me beijaram quando me viram pela primeira vez e disseram que eu tinha ficado tão alta, e alguns me perguntaram quando dançariam no *meu* casamento. Eles estavam felizes por eu estar lá, e feliz por estar ajudando, mas, ao mesmo tempo, eu realmente não importava. Eu

poderia ter sido qualquer um dos meus primos. Não havia nada de especial em mim, e eu estava feliz, tão feliz por ser comum novamente.

Finalmente me sentei às mesas para encher meu próprio prato, finalmente cansada de carregar e cozinhar, cansada o suficiente para não pensar. Os convidados estavam saindo enquanto a refeição terminava, já se despedindo e saindo pela porta. Eu ainda estava embaixo d'água, um peixe em uma escola, indistinguível. Mas, de repente, o fluxo foi diminuindo. As pessoas saíram pela porta, e um lacaio entrou no uniforme do tsar, vermelho, dourado e preto, e olhou ao redor com o leve desdém da superioridade emprestada.

E quando ele entrou, eu me levantei. Não era o meu lugar, não era o lugar de uma garota solteira na casa do meu avô, mas eu me levantei e disse-lhe bruscamente do outro lado da mesa: — Por que você está aqui?

Ele parou e olhou para mim e franziu a testa, e então disse, muito friamente: — Eu tenho uma carta para Wanda Vitkus: você é ela?

Durante toda a tarde, Wanda estava nadando ao meu lado naquela multidão de mulheres; ela carregara pilhas pesadas de pratos e trouxera grandes baldes de água, e mal conversamos, mas nos olhamos e estávamos juntas no trabalho, no trabalho simples e seguro. Ela estava de pé no fundo da sala, logo dentro da cozinha, e depois de um momento avançou, limpando as mãos vermelhas e molhadas no avental, e o lacaio se virou e deu a carta em suas mãos: uma grossa folha dobrada de papel, um pergaminho pesado selado com um grande pedaço de cera vermelha enegrecida pela fumaça, com algumas gotas escorrendo como sangue que havia escorrido antes de endurecer.

Ela a pegou nas mãos, abriu-o e olhou dentro dele por um longo tempo; depois, colocou o avental para cobrir a boca, os lábios apertados e balançou a cabeça duas vezes em um aceno de cabeça e depois dobrou a carta de volta e segurou firme, pressionado contra o peito, ela se virou e foi para os fundos da casa, em direção à escada. O lacaio lançou um olhar de desdém para nós—não importávamos, não éramos importantes—e ele se virou e saiu de casa tão rapidamente quanto chegara.

Eu ainda estava de pé à mesa. Ao meu redor a conversa recomeçou, o fluxo recomeçou; *Quando você estará na cidade novamente, Quantos anos tem o mais velho agora, Como estão os negócios do seu marido;* as constantes ondas batendo, mas eu não voltei para a água. Afastei minha cadeira da mesa e subi as escadas para o escritório do meu avô. Ele estava

lá com alguns outros homens idosos, todos eles falando em suas vozes profundas; eles estavam fumando cachimbos e charutos e falando em trabalho. Eles olharam para mim franzindo a testa: eu não pertencia àquele lugar, a menos que estivesse vindo para trazer mais conhaque, chá e comida.

Mas meu avô não franziu a testa. Ele apenas olhou para mim, colocou seu copo e seu charuto de lado e disse: — Venha — e me levou para a pequena sala ao lado do escritório, onde mantinha seus documentos importantes trancados atrás de portas de vidro, e fechou a porta atrás de nós e olhou para mim.

— Eu tenho uma dívida. — eu disse — E eu tenho que encontrar uma maneira de pagá-la.

# CAPÍTULO 21

De manhã, havia marcas vermelhas de bolhas nas palmas das minhas mãos, onde eu tinha segurado a corrente de prata com Sergey e Stepon. Na noite anterior à partida da tsarina, ela me disse: "Como posso retribuir você?" Eu não sabia o que dizer a ela, porque era eu quem fazia isso; eu estava pagando. Miryem havia me tirado da casa de meu pai por seis kopeks, quando eu só valia três porcos para meu pai, que roubou dinheiro dela com mentiras. Sua mãe colocou pão no meu prato e amor no meu coração. O pai dela cantou bênçãos naquele pão antes que ele me desse para comer. Não importava que eu não conhecesse as palavras. Eles me deram mesmo quando eu não sabia o que eles queriam dizer com isso e pensavam que eram demônios. Miryem me deu prata pelo meu trabalho. Ela estendeu a mão para mim e pegou a minha, como se eu fosse alguém que pudesse fazer uma barganha por mim mesma, em vez de apenas alguém roubando do meu pai. Havia comida em sua casa para mim.

E aquele Staryk queria levá-la por nada. Ele a fez dar ouro apenas para viver, como se ela lhe pertencesse porque ele era forte o suficiente para matá-la. Meu pai era forte o suficiente para me matar, mas isso não significava que eu pertencia a ele. Ele me vendeu por seis kopeks, por três porcos, por um jarro de krupnik. Ele tentou me vender de novo e de novo como se eu ainda fosse dele sem importar quantas vezes ele me vendeu. E foi assim que Staryk pensou. Ele queria mantê-la e lucrar mais ouro com ela para sempre, e não importava o que ela queria, porque ele era forte.

Mas eu também era forte. Eu era forte o suficiente para fazer Panova Mandelstam melhorar, e era forte o suficiente para aprender magia, a magia de Miryem, e usá-la para transformar três aventais em seis kopeks. Eu era forte o suficiente, com Sergey e Stepon, para impedir meu pai de me vender ou me matar. E ontem à noite eu não sabia se era forte o suficiente para parar o Staryk, mesmo com uma corrente de prata, mesmo com Sergey e Stepon, mesmo com a mãe e o pai de Miryem. Mas eu não sabia que era forte o suficiente para fazer qualquer uma dessas coisas até que elas acabassem e eu as tivesse feito. Eu tive que fazer o trabalho primeiro, sem saber. Depois, Stepon afundou o rosto no meu avental e chorou porque ainda estava com medo, e me perguntou como eu sabia que a tsarina faria mágica e impediria que os Staryk nos matassem, e tive que lhe dizer que não sabia. Eu só sabia que o trabalho tinha que vir primeiro.

Então, quando a tsarina me perguntou como ela poderia me pagar, eu não sabia o que dizer. Eu não fiz isso por ela. Eu não a conhecia. Talvez ela fosse a tsarina, mas eu nem sabia qual era o nome dela. Um dia, quando eu tinha dez anos, um de nossos vizinhos veio à casa e disse que o tsar estava morto e quando perguntei o que significava, eles disseram que haveria um novo tsar. Então, eu realmente não vi por que um tsar importava. E agora que eu tinha visto um tsar, não queria ter nada relacionado a um. Ele era terrível e cheio de fogo. Eu teria dito a ela que, para me pagar, ela poderia fazer o tsar desaparecer, mas ele já havia saído de casa com os guardas que lideravam o Staryk.

Mas o pai de Miryem ouviu-a me perguntar e viu que eu não sabia o que dizer. Ele tinha um grande hematoma no lado do rosto, e suas mãos estavam todas machucadas e trêmulas, onde ele estava segurando firme aquela corrente de prata comigo, e ele estava sentado com Panova Mandelstam e estavam com os braços em volta de Miryem e estavam beijando a cabeça dela e tocando seu rosto como se ela lhes valesse mais do que kopeks de prata, mais do que ouro, mais do que tudo o que tinham. Mas quando ele viu que eu não sabia o que fazer, ele beijou a testa de Miryem, levantou-se e veio mancando pelo chão até a tsarina e disse-lhe: — Esta garota corajosa e seus irmãos vieram à cidade conosco porque eles estão com problemas em casa — então ele colocou a mão no meu ombro e me disse suavemente: — Vá e sente-se e descanse, Wanda, eu vou contá-la sobre isso.

Então fui embora, sentei-me com Sergey e Stepon e coloquei meus braços em volta deles, e eles me abraçaram. Estávamos longe demais para

ouvir o que Panov Mandelstam estava dizendo, porque ele falava em voz baixa. Mas ele conversou com a tsarina por um tempo e depois veio mancando até nós e nos disse que tudo ficaria bem. Nós acreditamos nele. Então a tsarina estava saindo da casa. Ela saiu por aquelas grandes portas para o pátio onde mais alguns guardas estavam esperando por ela. Dois deles chegaram e seguraram as portas e as fecharam. E nós estávamos dentro de casa sem eles.

Havia uma grande bagunça na sala. Nos cantos da sala, ainda havia comida nas mesas apodrecendo e as moscas já zumbiam ao redor. Cadeiras foram derrubadas em todos os lugares e, saindo da lareira pelo chão, havia marcas de queimaduras negras como as pegadas que um homem deixa andando na neve com botas pesadas. A grande coroa dourada que Miryem usava estava no chão perto da lareira e estava completamente torta e quase derretida. Ninguém poderia voltar a usá-la. Mas isso não importava. Nós olhamos para a família de Miryem, e eles olhavam para nós, todos nos levantamos e Panov Mandelstam passou o braço pelas costas de Sergey, e eu passei o braço em volta do de Panova Mandelstam, éramos um círculo todos juntos, nós seis: nós éramos uma família e mantivemos o lobo afastado novamente; por mais um dia, mantivemos o lobo longe.

Então subimos e fomos dormir. Não limpamos a bagunça. Dormi por muito tempo naquela sala bela e silenciosa no topo da escada, e quando acordei havia primavera lá fora, primavera por toda parte, e parecia que a primavera lá fora também estava dentro de mim. Embora minhas mãos tivessem bolhas, me senti tão forte que nem me preocupei um pouco com o que aconteceria conosco. Beijei Sergey e Stepon e desci para ajudar as outras mulheres da casa, não me importava mais por não entender o que elas estavam dizendo. Quando alguém me disse algo que eu não sabia, apenas sorri para ela, e ela sorriu para mim e disse: — Ah, eu esqueço! — e me disse novamente o que ela estava dizendo, exceto nas palavras que eu sabia.

Eu carregava a louça para as mesas: havia mesas em todos os cômodos para as pessoas se sentarem e comerem, não tantas pessoas como ontem, mas ainda tantas que tinham mesas em todos os cômodos e cadeiras amontoadas ao seu redor. Tinha mesas na outra sala de dança também. Alguém havia limpado a bagunça, e eu não conseguia mais ver as marcas pretas no chão porque alguém desenrolou um grande tapete no chão e

trouxe mesas, e não havia fogo na lareira porque estava tão quente que, em vez disso, eles abriram as janelas para o ar. O cheiro de fumaça se foi.

E tinha comida por toda parte, tanta comida que quase não conseguimos encontrar lugares para colocar comida, porque todos os lugares já tinham comida. Quando eu estava com fome, sentei-me à mesa e comi até ficar cheia, depois ajudei novamente a colocar mais comida para mais pessoas. Continuei fazendo isso. Mais tarde, Miryem e sua mãe vieram também, e ainda assim todos trabalhamos juntos.

Mas eu tinha acabado de abaixar um par de baldes, com a água que eu carreguei da fonte na cidade, quando ouvi um barulho na sala com as mesas e, em seguida, ouvi Miryem perguntando, com força e clareza: — Pra que você está aqui? — como se alguém tivesse vindo novamente para nos machucar. Saí da cozinha e entrei pela porta e havia um guarda com uma espada e roupas finas no quarto que tinha meu nome. Ele disse que tinha uma carta para mim. Então fiquei com medo por um momento, mas estava nesta casa, com todas essas pessoas, e pensei que também era forte o suficiente para isso; então dei um passo à frente e estendi minha mão e deixei que ele colocasse a carta nela.

Nessa carta havia uma coisa pesada de cera vermelha como sangue, pressionada com a forma de uma grande coroa. A quebrei e olhei para as palavras. Eu sabia como dizê-las, porque Miryem havia me ensinado. Então, em minha boca, silenciosamente, formei as palavras com a língua, uma após a outra, e o que dizia naquela carta era: *Seja conhecido por qualquer um que venha ao nosso domínio de Lithvas. Que, por Nosso comando imperial, a mulher Wanda Vitkus e seu irmão Sergey Vitkus e seu irmão Stepon Vitkus são perdoados de todos e quaisquer crimes dos quais são acusados. Não se levante a mão de ninguém contra eles, e cada um de nosso povo os honra pelo grande e corajoso serviço que prestaram por nós e por Lithvas. Além disso, são concedidos por Nossa permissão de entrar na Grande Floresta e nela tomar posse livre onde quer que desejem, em qualquer propriedade indesejável, e reivindicam o título de nossa mão qualquer terra que possam colocar nas plantações ou cercar para pastar, daqui a três anos, e eles terão para si e para seus herdeiros.*

E por baixo dessas palavras havia um grande rabisco de tinta que não era uma palavra, era um nome, *Mirnatius,* e depois*o Tsar de Lithvas e Roson, Grão-duque de Koron, de Irkun, de Tomonyets, de Serveno, Príncipe de Maralia, de Roverna, de Samatonia, senhor de Markan e as marchas*

*orientais,* e por último depois de toda essa lista, *Senhor e Mestre da grande floresta do norte.*

Olhei para a carta e então entendi por que um tsar importava. Era magia como a magia de Miryem. Aquele tsar, aquele tsar terrível, poderia me dar essa carta e agora estávamos a salvo. Eu não precisava mais ter medo. Ninguém da cidade olharia para essa carta e tentaria enforcar Sergey ou eu. Eles olhariam para o nome do tsar naquele papel e teriam medo dele, mesmo que ele estivesse longe.

Mas nem precisávamos voltar para a cidade. Não precisávamos voltar para a casa de nosso pai, onde talvez ele ainda estivesse deitado no chão, e não precisávamos voltar para aquela fazenda onde nada mais iria crescer e o cobrador de impostos vinha todos os anos. Essa carta dizia que poderíamos entrar na floresta e tomar qualquer terra que quiséssemos. Poderia ser a melhor terra que encontrarmos. Poderia estar cheia de árvores grandes que podíamos cortar e vender por muito dinheiro. Eu sabia que uma grande árvore valia muito porque no ano anterior à morte de minha mãe, havia uma árvore na propriedade do vizinho e um ano ela caiu e ele trabalhou muito e cortou-a rapidamente antes que os homens do boyar a levassem, e ele escondeu dois pedaços grandes na floresta. Papai viu e entrou e disse na hora do jantar o que viu e disse amargamente: — É um homem esperto, ele fará dez kopeks dessa madeira.

Mas mamãe balançou a cabeça e disse: — Não é propriedade dele, haverá problemas — e ele a deu um tapa e disse: — O que você sabe? — mas no dia seguinte os homens do boyar vieram com uma grande carroça e eles colocaram o pedaços da árvore nela, e havia um homem com eles que olhou para essas peças e de alguma forma sabia que faltava uma parte da árvore, e eles espancaram nosso vizinho com força até que ele lhes disse onde escondia as peças, e eles colocaram o peças no vagão e deixou-o no chão ensanguentado. Ele ficou doente por um longo tempo por causa disso, e sua esposa teve que tentar plantar as colheitas sozinha, porque ele não podia andar. Um dia, naquele inverno, ela veio implorar por comida, e mamãe lhe deu um pouco. Naquela noite, papai bateu nela por aquilo, mesmo que sua barriga já estivesse ficando grande.

Mas ninguém nos bateria por derrubar árvores, porque nesta carta o tsar disse que poderíamos. Ele disse que elas eram nossas. Ele disse que toda aquela terra, tanto quanto poderíamos cuidar, seria nossa. Poderíamos ter cabras e galinhas e plantar centeio. E nem precisávamos construir uma casa.

Poderíamos ir para a casinha, a casa que nos salvara, onde já havia um jardim e um celeiro, e poderíamos fazer uma fazenda à sua volta. Este papel dizia que estava tudo bem porque não havia ninguém morando nela. Pensei que iríamos lá, entraríamos na casa e prometeríamos cuidar dela, e prometíamos que, se alguém que já morou lá, quisesse voltar, daríamos a eles a melhor cama e toda a comida que eles quisessem, e poderiam ficar lá conosco o tempo que quisessem.

E então pensei: se alguém viesse para a casa – se alguém chegasse à casa com fome e problemas – nós os deixaríamos ficar. Haveria comida em nossa casa para eles, e ficaríamos felizes. Como Panova Mandelstam. Foi o que a carta disse. Poderíamos fazer uma casa como a casa dela e alimentar qualquer um que viesse.

Levei a carta para Sergey e Stepon. Sergey ajudou com os cavalos e Stepon o ajudou por um tempo também, apesar de ainda ser muito barulhento, mas ele teve que subir as escadas e ainda estava com medo, então Sergey subiu com ele. Subi as escadas, entrei na sala e mostrei a carta, e eles não sabiam ler as cartas, mas viram o grande selo vermelho, tocaram o papel macio e pesado e eu lhes disse cuidadosamente em voz alta o que dizia, e então perguntei se eles queriam fazer o que eu queria, perguntei se eles queriam ir para a pequena casa na floresta e fazer uma fazenda lá, e deixar alguém vir até nós em apuros. Eu não disse, *Nós vamos fazer isso,* mesmo que fosse o que eu queria. Perguntei se eles também queriam.

Sergey estendeu a mão cuidadosamente e pegou o papel nas mãos. Eu deixei ele pegar. Ele tocou levemente o formato de uma das letras no papel com o dedo apenas para ver se ele sairia. Não saiu nem um pouco. — Sim — ele disse suavemente. — Sim.

Stepon disse: — Podemos pedir que eles morem conosco? — ele quis dizer a família de Miryem. — Podemos pedir que eles venham? E eu posso plantar a noz e mamãe também estará lá. Então, estaremos todos juntos, e isso seria a melhor coisa.

Quando ele falou, eu comecei a chorar porque ele estava certo, seria a melhor coisa, seria tão bom que eu nem sequer conseguia pensar nisso. Sergey colocou o braço em volta dos meus ombros e disse a Stepon: — Sim. Vamos perguntar a eles para virem — e limpei as lágrimas do rosto com cuidado, para não cair nenhuma na carta.

*

Quando saí do escritório do meu avô, fui para o quarto dos meus pais. Estavam sentados junto à fogueira, e Wanda e seus irmãos haviam descido até eles; Wanda trouxe a carta do tsar e a entregou ao meu pai, que a olhou surpreso. — Podemos ir buscar as cabras — dizia Wanda, para ele e minha mãe. — E as galinhas. Está quente agora. Podemos construir mais da casa no inverno. Podemos cortar algumas árvores. Haverá espaço — e quando me virei e olhei para a carta, onde o próprio tsar havia assinado *Senhor e Mestre da Grande Floresta do Norte,* eu entendi: Irina já estava estendendo a mão. Ela dera a Wanda uma fazenda em troca de levar seus irmãos e seus braços fortes para a floresta para derrubar árvores e plantar e construir uma casa e um celeiro, o primeiro de muitos por vir.

— Sair de casa? — minha mãe disse devagar. — Mas vivemos lá por tanto tempo — e então eu entendi também que Wanda estava pedindo aos meus pais que fossem morar com eles, ali na fazenda que o tsar lhes dera; ela queria que eles deixassem nossa cidade, nossa casa, nossa pequena ilha estreita no rio que sempre corria o risco de ser inundada.

— E o que há lá para nos fazer ficar? — eu disse. — Não é nossa. É do boyar. Tudo o que já fizemos para melhorá-la, fizemos por ele, por nada; nem sequer podemos comprá-la, se quisermos. Mas, com a ajuda da casa, Sergey e Wanda podem limpar mais terras e tornar a fazenda mais rica. Claro que vocês deveriam ir.

Minha mãe parou; todos olharam para mim e ouviram o que eu não tinha dito, e ela pegou minha mão. — Miryem!

Engoli em seco. As palavras estavam em meus lábios: *Vá amanhã, fique mais um dia,* mas pensei em Rebekah, magra como uma lasca de gelo azul. Quanto tempo antes que ela derretesse? — Você deveria ir agora — eu disse — Hoje, antes que o sol se ponha.

— Não — meu pai disse categoricamente, levantando-se: meu pai amável e gentil, enfurecido finalmente. — Miryem, não. Este Staryk...ele estava certo! Ele *merece* o que lhe aconteceu! É a recompensa dos maus.

— Há uma criança — eu disse, minha garganta engasgada e dolorida. A mão de minha mãe apertou a minha — Eu dei um nome a ela. Vou deixar um demônio se deleitar com ela, por que *ele* era perverso?

— Todo inverno eles vêm do seu reino de gelo, para roubar e matar entre os inocentes — meu pai disse depois de um momento, exatamente como

Irina havia dito, mas então ele me perguntou, como um apelo: — Existem dez justos entre eles?

Respirei fundo, ainda com medo, mas meio aliviada também: tornava a resposta tão clara. — Sei que existem três — eu disse. Coloquei minha outra mão em volta da minha mãe e apertei de volta. — Eu preciso. Você sabe que preciso.

Levei a coroa dourada deformada para a barraca de Isaac, onde seu irmão mais novo estava cuidando das coisas para ele, e ele cuidadosamente derreteu tudo em barras de ouro planas e depois saí com elas escondidas em um saco, para o grande mercado no centro da cidade. Uma após a outra eu as negociava, não me importando se fizesse uma boa barganha, desde que fosse rápido. Troquei por uma carroça, por dois cavalos fortes para puxá-la, por uma caixa cheia de galinhas, por um machado, uma serra, martelos e pregos. Comprei um arado e sulcos e duas foices afiadas e sacos de sementes de centeio e feijão. Sergey e Wanda vieram comigo; eles carregaram tudo no carrinho e o empilharam alto. E, finalmente, no final, comprei duas capas compridas com capuz, exatamente iguais, um cinza opaco: aquelas *eram* uma boa pechincha, o preço delas caía longe do que estavam ontem, em uma mesa cheia de outras.

Levamos muito tempo para levar o carrinho cheio de volta à casa do meu avô: as ruas estavam cheias de tráfego e quase não se movia. Enquanto nos arrastávamos, Wanda disse: — Está havendo um casamento — e, olhando uma rua lateral em direção à grande catedral, vislumbrei uma princesa descendo os degraus, usando meu vestido Staryk de ouro e branco com uma coroa fina na cabeça; ela estava sorrindo e triunfante, e o marido a seu lado igualmente, entre uma multidão de esplêndidos nobres. O vestido se encaixou melhor lá do que na casa do meu avô. Procurei Irina: ela já estava no pé da escada, com o tsar ao seu lado, subindo em uma carruagem aberta. A luz do sol pegou sua coroa de prata, e ele apenas se sentou apoiado em um cotovelo, parecendo irritado com o tédio, e nenhum sinal do demônio à espreita sob sua pele. Eu desviei o olhar rapidamente.

Já era tarde quando voltamos, mas o sol ainda não havia se posto; era quase verão, afinal. Não esperamos para jantar. Era a nossa vez de sairmos, nos despedindo de uma multidão cada vez menor. Beijei meu avô e minha avó à mesa, e meu avô me puxou para baixo e beijou minha testa. — Você lembra?— ele disse calmamente.

— Sim — eu disse. — Na rua atrás da casa de Amtal, ao lado da sinagoga — ele assentiu.

Subimos no carrinho e nos afastamos da casa na frente de todos, acenando. Sergey e meu pai sentaram-se no banco da frente: os cavalos tinham sido caros, mas eram bons, cavalos bem treinados; não foi difícil conduzi-los. Eu usava a capa e puxei o capuz por cima da cabeça nas costas. Mesmo a essa hora, as ruas ainda estavam agitadas: os restaurantes estavam colocando mesas e cadeiras do lado de fora na rua para que as pessoas pudessem sentar juntas no ar quente, e tivemos que virar para uma rua mais estreita de casas, onde as crianças foram chamadas para dentro para jantar. No meio da rua, chegou um momento em que não havia ninguém lá; minha mãe espalhou a segunda capa sobre alguns sacos de grãos no fundo, como se eu estivesse dormindo lá. Stepon tirou as botas – minhas velhas – e as colocou enfiadas no fundo. Então eu escorreguei do carrinho.

Fiquei na sombra entre duas casas enquanto o carrinho dirigiu pelo resto da rua e virou-se para o portão do bairro judeu. Lá e nos portões da cidade, eles pediriam a meu pai pelos nomes de todos os passageiros, e ele escreveria o meu com os outros e pagaria o pedágio para cada um com algumas moedas extras para acelerar o caminho. Se Irina suspeitasse e mandasse homens me procurar amanhã, para perguntar se eu sabia para onde o Staryk tinha ido, todos diriam com toda a honestidade que eu havia deixado a cidade antes do anoitecer com minha família; eles encontrariam os registros nas mãos de seus próprios guardas, e ninguém admitiria ter sido imprudente quando foram subornados pra isso.

Depois que o carrinho ficou fora de vista, mantive meu capuz abaixado e meus ombros curvados como um velho baba, e percorri ruas estreitas até a sinagoga, pedi a um jovem que orava onde ficava a casa de Amtal; ele me apontou para onde ir. Os paralelepípedos da rua atrás eram velhos e desgastados, com sulcos profundos de rodas de carroça escavados neles e muitas pedras soltas e vazias de argamassa. Os fundos da casa tinham um pequeno local estreito no meio, apenas largo o suficiente para uma única pessoa entrar, e havia alguns velhos sacos de lixo bloqueando-o. Mas depois que eu desviei cuidadosamente e devagar deles, o velho gradeamento do esgoto no chão foi mantido limpo. Puxei-o com facilidade e havia uma escada esperando eu descer. Esperando muitas pessoas descerem, aqui perto da sinagoga, caso um dia os homens atravessassem a parede do bairro com

tochas e machados, como tinham no oeste, onde a avó da minha avó era uma menina.

Entrei e puxei a grade de volta sobre minha cabeça antes de subir o longo caminho até a poça úmida e fina do túnel de esgoto. Havia apenas o círculo redondo e escuro da luz do sol sobre minha cabeça, ficando cada vez menor quando desci. Não tinha lanterna nem tocha, mas não queria uma. Uma luz permitiria alguém me ver vindo de muito longe. Era uma estrada que precisava ser percorrida no escuro.

Virei-me para colocar as costas para a escada, estendi as mãos e senti as paredes, até encontrar o pequeno orifício lascado em forma de estrela, com seis pontos para os dedos apontarem. Coloquei minha mão sobre ela e comecei a caminhar lentamente direto para a escuridão, correndo meus dedos bem abertos nessa altura. Quando contei dez passos, descobri outra estrela.

Elas me levaram adiante pelo que pareceu um longo caminho, embora não pudesse ter sido: não estava tão longe da sinagoga até as muralhas da cidade. Mas a última luz da rede de esgoto desapareceu atrás de mim muito rapidamente, e me senti cega, sufocada e barulhenta, com a respiração ruidosa em meus próprios ouvidos. Mas continuei contando dez e, se ainda não encontrasse uma estrela, procuraria por cima do muro até encontrar, ou daria um passo para trás e procuraria por lá. Uma vez eu tive que dar dois passos para trás, com nada além de uma parede em branco debaixo das mãos, e então com medo dei quatro passos à frente antes de finalmente encontrá-la. E então as estrelas terminaram e a parede se afastou debaixo da minha mão enquanto eu tropecei sobre uma cadeia de terra no chão e caí, colocando minhas mãos no chão pegajoso. Levantei-me, limpando-me na capa e tateando para trás no escuro até encontrar o canto da curva com os dedos e a parede do túnel de terra.

— Havia uma torre na parede aqui, antes do cerco — meu avô me dissera baixinho, ali em sua pequena sala fechada. — Os homens do duque a quebraram quando entraram. E depois, quando o duque reconstruiu os muros, ele não queria que a torre fosse reconstruída. As fundações eram sólidas. Havia dinheiro suficiente para isso. Ele escolheu não fazer. Por que não? — Meu avô abriu as mãos e deu de ombros um pouco, com os ombros e a boca. — Uma torre para guardar a parte de trás da cidade, por que não? Então, depois que os muros foram construídos novamente, e todos os trabalhadores saíram, meu irmão Joshua e eu descemos pelos esgotos com

corda, para procurar sem nos perder. E encontramos o túnel que ele havia construído.

— Ninguém mais sabe. Apenas seu tio-avô, eu e sua avó, e Amtal e o rabino. Amtal mantém a grade limpa. Pago a ele por isso, pago o aluguel. Quando ele ficar velho, ele dirá ao filho. Nós nunca o usamos: nunca para contrabando, nunca para evitar o pedágio. Ninguém sabe que nós sabemos. É aí que eles o colocarão, esse seu marido, naquela torre no fim do túnel.

— Agora você deve me dizer, Miryem. Você entende o que é esse túnel. Este túnel é vida. Se o prisioneiro deles for, mesmo que você mesma não leve, esses grandes, o duque, o tsar, eles não darão de ombros e dirão: ah, bem. Eles vão perguntar como. Eles procurarão pegadas. Talvez eles bloqueiem as passagens de esgoto. Ou talvez eles os sigam e encontrem a grade. Talvez eles até saiam e vejam a casa de Amtal lá, e ponham uma faca na garganta de seus filhos, e Amtal lhes diga quem o paga para mantê-la limpa.

— Eu digo isso esperando que você entenda, essas não são certezas. Se eles vierem aqui, mesmo que Amtal tenha dito meu nome, haverá coisas que eu posso fazer. Tenho muito dinheiro e sou útil ao duque. Ele não se enfurecerá para me destruir, esse não é o tipo de homem que ele é. E há também a chance de que eles não façam nenhuma dessas coisas. Eles podem dizer que ele é uma criatura mágica, ele voou! Ele não passou por esgotos. Eles podem deixar tudo como está.

— Então eu não digo, coloque minha vida, a vida de sua avó, na balança. Eu digo para você, aqui estão os perigos. Alguns são mais prováveis que outros. Pese-os, junte-os e você saberá o custo. Então *você* deve dizer: é isso que você deve? Você deve muito a Staryk, que veio e a levou sem o seu consentimento ou o nosso, contra a lei? Está na cabeça dele, e não na sua, o que resultou de seus atos. Um ladrão que rouba uma faca e se corta não pode gritar contra a mulher que a manteve afiada.

Ele não esperava que eu respondesse. Ele apenas colocou a mão na minha bochecha e depois voltou novamente. Agora fiquei ali na curva por um momento, com a sujeira do túnel do duque sob meus dedos, um caminho para a segurança que eu poderia fechar para sempre para o meu próprio povo apenas para salvar os Staryk. Ou eu poderia ser pega por mim mesma, se houvesse guardas no final, e não fizesse nenhum bem a ninguém. Eu já tinha respondido à pergunta, mas teria que continuar respondendo a

cada passo que eu fiz nessa passagem, e não estaria pronta até que eu terminasse.

*

Depois que Miryem saiu do carrinho, tirei minhas botas e coloquei-as ali, enfiadas debaixo da capa. Eu não me importei em tirá-las porque estava quente e eu estava sentado em um carrinho de qualquer maneira. Fiquei tão feliz por estar saindo daquela cidade terrível. Foi ainda pior do que antes. As ruas estavam cheias de gente em todos os lugares porque agora não havia neve e eles queriam estar do lado de fora e todos queriam conversar ao mesmo tempo e fazer barulho. Deitei-me no fundo do carrinho ao lado dos sacos que estavam fingindo ser Miryem e eu tentei fingir que era um saco, mas eu não era um saco. Eu tinha que apenas ficar lá, tapar meus ouvidos e esperar até sairmos. Demorou muito tempo até chegarmos àquele grande portão da cidade e Panov Mandelstam descer para pagar ao homem no portão algum dinheiro, porque aquela cidade era um lugar tão terrível que tínhamos que pagar para sair.

Mas depois disso, Sergey sacudiu as rédeas e se agarrou aos cavalos como um condutor de verdade, e os cavalos começaram a andar rápido, e nós fugimos. Por um tempo, todos nós estávamos seguros. Sergey dirigiu pela estrada até virar tanto que você não podia ver o portão quando se senta na parte de trás do carrinho e olha para trás. Tentei quando ele parou os cavalos e não pude vê-lo, embora ainda pudesse ver fumaça saindo de todas as casas e de todas as pessoas ali. Então Sergey deu as rédeas a Panov Mandelstam, desceu e olhou para mim, Wanda e todos nós, e assentiu em despedida. Ele ia dar a volta por trás dos muros da cidade e se esconder e esperar até Miryem sair, se ela saísse.

Não gostei de deixar Sergey para trás. E se Miryem não saísse, e se o Staryk saísse sozinho? Ele poderia matar Sergey. Ele poderia deixar Sergey caído no chão, esgotado novamente. Ou o que aconteceria se o tsar saísse em vez disso? Isso seria tão ruim quanto, ou talvez pior.

Mas Panov Mandelstam queria ir em vez de Miryem, e depois queria ir com Miryem, e Miryem disse não e não a ele. Primeiro, ela disse que não, porque o Staryk não a machucaria, e então ela disse que não, porque uma pessoa sozinha seria mais silenciosa se houvesse um guarda, e então ela disse que não, porque não podíamos enganar os guardas sobre *duas* pessoas

desaparecidas, mas todas essas não eram as razões reais. O verdadeiro motivo foi que Panov Mandelstam ficou ferido. Havia hematomas por todo o lado.

Eu sabia por que havia algumas marcas roxas que você podia ver até o pescoço dele saindo da camisa, mesmo que o Staryk não o tivesse atingido lá. Eu sabia o quão forte alguém tem que bater em você para que você tenha hematomas em outro lugar. Foi assim o quão forte o Staryk o atingiu, então eu sabia que havia marcas roxas em todas as roupas dele também, e mesmo que eu não soubesse, eu ainda saberia que ele estava machucado, porque ele mancava e às vezes punha a mão ao lado do corpo e respirava com cuidado por um momento, como se isso o machucasse, e ele já havia adormecido duas vezes durante o dia.

Miryem não disse isso, porém, ela disse essas outras razões e, finalmente, Panov Mandelstam disse: — Vou esperar por você fora da cidade — e Miryem também disse não, mas Panov Mandelstam estava apenas balançando a cabeça com firmeza, e ele a deixara dizer não antes, mas ele não ouviria *não* mais e disse que ela nem sabia onde ficava a casa.

Foi quando Sergey disse a Panov Mandelstam: — Vou esperar por ela. Você não pode andar rapidamente. Eu posso trazê-la para casa — E Panov Mandelstam ainda estava preocupado, mas Sergey já era maior e mais forte do que ele, e também não se machucou, e Miryem disse: — Ele está certo, vamos gastar menos tempo — então foi decidido que Sergey iria esperar por Miryem. Enquanto isso, o resto de nós continuaria indo, de modo que, se alguém viesse à casa nos procurando mais cedo do que voltava, todos estaríamos lá nos mantendo ocupados e diríamos que Miryem e Sergey já foram embora para buscar as cabras.

Miryem disse: — Mas voltaremos muito antes disso — como se fosse tudo tão certo, como se tudo o que ela e Sergey tivessem que fazer fosse caminhar da cidade até a casa, mas ela não quis dizer isso. No começo, pensei que ela estava sendo tola, porque não sabia se iria sair. Mas ela não estava sendo tola; ela simplesmente não quis dizer isso. Descobri por que subimos para o quarto para arrumar as coisas e Miryem veio até nós e disse a Sergey: — Obrigada. Mas não venha para a muralha da cidade. Quando você descer do carrinho, apenas espere nas árvores perto da estrada. Vou te encontrar se eu puder.

Então eu sabia que ela não estava falando sério. Ela também não sabia se iria sair e estava feliz por Sergey ter dito que ele esperaria porque ela não

queria que seu pai se machucasse, e sabia que Panov Mandelstam não concordaria em ficar nas árvores. Mas ela disse a Sergey para ficar nas árvores, e fiquei feliz, mas Sergey olhou para ela e disse: — Vou esperar por você perto da parede. Talvez você precise de ajuda.

Miryem levantou as mãos e disse: — Se eu precisar de ajuda, vou precisar demais. Se não, não precisarei.

Mas Sergey deu de ombros e disse: — Eu falei que esperaria — e foi isso, e ele estaria esperando perto daquele muro de onde talvez saísse um Staryk ou um demônio ou mesmo apenas homens com espadas. Os homens com espadas na casa que levaram o Staryk eram todos grandes e fortes como Sergey, e eles tinham espadas e casacos pesados que não pareciam que você poderia cortá-los facilmente, por isso, mesmo que não fossem tão ruins quanto um tsar ou um Staryk, eles eram ruins o suficiente. Não queria que Sergey fosse morto por nenhum deles. Eu também não queria que Miryem fosse morta por nenhum deles, mas ainda não a conhecia tão bem e, principalmente, não queria que Panova Mandelstam ficasse triste, o que era uma razão importante para mim, mas não tão importante quanto querer para mim, e era assim que eu queria para Sergey.

E eu estava tão cansado de ter medo o tempo todo. Parecia que eu tinha medo e medo sem parar para sempre. Eu nem sabia o quanto estava com medo, exceto naquela manhã em que parei de ter medo de qualquer coisa por pouco tempo, quando Wanda chegou à sala com a carta mágica do tsar e pensei que tudo estava terminado e eu não precisava *mais* ter medo, poderia parar de ter medo de tantas coisas, e era tão bom e eu estava tão feliz, e agora estava com medo novamente.

Mas não dependia de mim. Dependia de Sergey, e ele não ia esperar nas árvores. Então, sentei-me no carrinho quando Panov Mandelstam o afastou e vi Sergey se afastar da estrada em direção às árvores, mas dentro das árvores do jeito que ele andaria para dar a volta nos arredores da cidade, aquela cidade terrível , e eu o observei até não poder mais vê-lo. E então me deitei no fundo do carrinho ao lado dos sacos. Eles não precisavam ser Miryem agora, então Panova Mandelstam colocou a capa sobre mim e me deixou colocar minha cabeça em um saco como travesseiro, e coloquei minha mão no bolso em volta da noz que mamãe havia me dado e eu disse a mim mesmo que ficaria bem. Nós chegaríamos em casa e Sergey voltaria, eu plantaria a noz e mamãe cresceria e ficaria conosco, e todos nós ficaríamos juntos.

O carrinho andava tão devagar quando estávamos na cidade lotada com todas aquelas pessoas, mas lá fora, na estrada, era muito rápido. Era estranho estar na estrada sem neve. Não havia neve em lugar algum. Vimos muitos animais, como esquilos, pássaros, veados e coelhos, todos correndo por toda parte, felizes com a primavera. Eles estavam comendo grama, folhas e bolotas e estavam tão animados que não se importavam conosco, com as pessoas. Até os coelhos apenas nos olhavam do lado da estrada e continuavam comendo; eles estavam com tanta fome que não podiam se preocupar em ter medo. Fiquei feliz em vê-los. Eu pensei, nós os ajudamos também. Era como Wanda havia dito sobre tornar nossa casa um lugar onde alimentaríamos outras pessoas. Nós até alimentávamos os animais.

Nós sabíamos quando chegamos perto da casa porque havia outra casa na estrada que nós lembrávamos, com uma grande roda de carroça presa na frente do celeiro e flores pintadas na lateral. Nós tínhamos visto apenas o topo das flores antes por causa da neve, mas agora a neve se foi e podíamos ver as flores inteiras. Elas eram altas e bonitas, vermelhas e azuis. O fazendeiro daquela casa estava parado ao lado do celeiro e apenas olhando para o centeio todo verde em seu campo, e ele olhou para nós e então eu acenei e ele acenou de volta e ele estava sorrindo também.

— Não seremos capazes de dirigir até a casa — disse Panov Mandelstam, porque não havia uma estrada e as árvores estavam tão próximas quando estávamos andando, mas acabou que ele estava errado, ou não havíamos lembrado direito. Vimos o lugar que havíamos saído e era entre duas grandes árvores e havia espaço para os cavalos se moverem. E então continuamos e ainda havia espaço, mesmo que não houvesse muito espaço. O carrinho não era muito grande e nós espremêmos. Estava começando a escurecer, e Panova Mandelstam disse: — Talvez devêssemos parar para passar a noite. Não queremos nos perder — mas naquele momento Wanda disse: — Eu vejo a casa — e eu também a vi, e pulei para fora da parte de trás do carrinho, embora Panov Mandelstam pudesse continuar dirigindo por todo o caminho, eu corri em volta dele, superei os cavalos e corri até o quintal, e a casa estava lá esperando por nós.

Se ao menos Sergey estivesse lá, já teria sido a melhor coisa, mas ainda assim era muito bom. Ajudei Panov Mandelstam a tirar o chicote dos cavalos e os limpamos e os alimentamos. Eu quase conseguia alcançar a parte de trás dos cavalos, mas não muito, mas eles ficaram imóveis mesmo quando eu estava esticando o corpo para escová-los. Puxei duas cenouras

do jardim e as entreguei aos cavalos, eles gostaram, e ajudei a desempacotar o carrinho com todas as coisas boas dentro dele, guardamos tudo e Wanda deixou as galinhas correrem e ciscarem. Amanhã nós faríamos para elas um galinheiro. Enquanto isso, Panova Mandelstam estava dentro da cozinha, e um bom cheiro quente saiu da casa e a luz saiu pelas janelas e pela porta que ela deixara aberta.

— Vá lavar as mãos antes do jantar, Stepon — disse-me Panov Mandelstam, e fui para os fundos da casa, onde havia uma grande banheira cheia de água. Peguei uma tigela e estava prestes a lavar as mãos, mas pensei que, se lavasse as mãos, não iria querer sujá-las novamente e depois comeríamos, e seria a hora de dormir. Já era tarde. E eu não queria mais esperar.

Então, em vez disso, peguei a tigela e voltei para a frente da casa, e logo na porta da casa abri um buraco no chão, tirei a noz do bolso e coloquei no buraco . Dei um tapinha na terra e disse: — Estamos seguros, mamãe. Agora você pode crescer e estar conosco — e eu estava prestes a colocar a sujeira de novo em cima e derramar a água, mas sabia que algo estava errado. Eu olhei para a noz branca. Ficou lá na terra marrom quente e não parecia certo. Parecia que eu estava tentando plantar uma moeda e fazer crescer uma árvore que teria dinheiro como fruta. Mas nenhuma árvore cresceria de uma moeda.

Peguei e limpei a sujeira e segurei em minhas mãos. — Mamãe? — eu disse para a noz e, depois de um momento, senti como se alguém estivesse colocando a mão na minha cabeça, mas muito levemente, como se não pudesse realmente me alcançar. Não ouvi nada de volta.

# CAPÍTULO 22

Vassilia chegou brava para seu casamento, é claro; quase tão brava quanto o pai. Ela esperava ser tsarina, com a justiça de todo o excelente senso por trás do casamento. Em vez disso, aqui estava eu triunfante em seu lugar, e o próximo candidato na fila para sua mão era um arquiduque desagradável de 37 anos que havia enterrado duas esposas diante dela, em vez de um belo tsar jovem que colocaria uma coroa em sua cabeça.

Isso já era ruim o suficiente, e agora eu a havia arrastado por toda a neve e gelo até Vysnia, uma pequena cidade atrasada ao lado da sede principal de seu pai no oeste, com sua grande cidadela de tijolos vermelhos com paredes grossas, e ela sabia exatamente o porquê, porque ela sabia exatamente como se comportaria em meu lugar. Ela teria orgulhosamente caminhado diante de todas as princesas e filhas dos duques do reino com a cabeça coroada; quando chegássemos para o banquete, ela teria inclinado a cabeça e se dignado com uma polidez fria e discreta para falar com um ou outro de nós que tinha sido particularmente bom em elogiar e agradecer a ela. Eu não estaria entre eles. Então ela sabia que eu a tinha arrastado aqui para que ela tivesse que se curvar para mim e me chamar de Majestade, para que eu pudesse pagar todas as minhas próprias dívidas de risadas e sorrisos ao nosso redor.

Ela imaginou isso tão bem que, enquanto olhava para mim em minha coroa de prata e subia as escadas para me encontrar, ela tinha as mãos fechadas em punhos, esperando ser humilhada, e ela não sabia o que fazer com elas quando eu desci do meu lugar para encontrá-la, muito cedo, e a peguei pelos ombros e beijei suas bochechas. — Minha querida Vassilia —

eu disse. — Faz muito tempo desde que nos vimos, estou tão feliz que você veio. Caro tio Ulrich — acrescentei, virando-me para ele, assustado no degrau acima de mim, onde ele estava encarando Mirnatius e meu pai, e ele olhou para o meu rosto enquanto eu estendi minha mão para ele e esqueci por apenas um momento estar com raiva. — Perdoe-me: é difícil para uma garota viver tão longe de suas amigas. Por favor, deixe-nos não participar da cerimônia? Vamos todos entrar e beber uma xícara de boas-vindas, e deixe-me roubar sua filha de você.

Levei-a para o grande quarto de dormir com a varanda aberta e mandei todos os criados embora, e disse-lhe baixinho que devia haver um herdeiro de Lithvas mais cedo ou mais tarde, e talvez não fosse suficiente Mirnatius se casar; eu a deixei tirar suas próprias conclusões. E então ele e meu pai vieram juntos, com Ilias se arrastando sombriamente para trás, e eu segurei a mão de Vassilia enquanto Mirnatius dizia, tão frio quanto o carvão cinza: — As alegrias do estado nupcial são tantas, que decidimos conceder-lhes mais amplamente; Ilias, querido primo, permita-me apresentar a você sua noiva.

Ele ficou ao meu lado na igreja com a boca torcida em diversão cínica o tempo todo. Vassilia estava feliz com a causa–eu lhe dera o vestido dourado de Miryem, tão esplêndido que ela parecia mais uma tsarina do que eu, e estava se casando com um jovem bonito que a deitaria naquela noite com pelo menos alguns cuidados. Meu pai viu os olhares sombrios de Ilias e, enquanto meus criados ajudavam Vassilia a se vestir, ele o levou para a varanda e contou a ele que se ele quisesse ser um tolo sobre o assunto, encontraríamos outro homem. E se, em vez disso, ele se comportasse como um homem sensato e se satisfizesse com a grande herdeira com quem estava prestes a se casar, ele poderia deixar de ser o cãozinho de sua mãe e ser um príncipe e um governante de homens quando Ulrich morresse. Quando eles voltaram para a sala, Ilias beijou a mão de Vassilia e fez um esforço razoavelmente bem-sucedido em elogios. Aconteceu que, mesmo grandes paixões poderiam ser satisfeitas por outros meios.

Ulrich assumiu a raiva dela e ficou lívido o suficiente pelos dois, é claro, mas ele não pôde fazer nada: nós os levamos do quarto direto para a igreja sem uma pausa, e Mirnatius reivindicou o privilégio de entregar a noiva ele mesmo. Enquanto isso, peguei o braço de Ulrich e falei com ele. Mesmo que ele quisesse fugir com ela pelas fileiras de seus soldados, prata brilhava na minha testa; enquanto olhava para mim, esquecia que estava zangado e

já havia sussurros viajando pela cidade até então, que seus próprios homens teriam ouvido: sussurros do inverno derrubados pela magia.

O banquete foi razoavelmente esplêndido. Mesmo que não houvesse mais nada, as verduras amontoadas nas mesas teriam satisfeito a todos: nem mesmo os arquiduques provaram alface fresca nos últimos meses. Havia torres de morangos reunidos às pressas da floresta por todas as mãos que meu pai pôde obter forçando em serviço, e, embora ainda pequenas, elas explodem vermelhas, doces e suculentas na língua. Mirnatius ordenou a um servo que lhe desse uma tigela inteira e os comeu delicadamente, um por um, enquanto examinava a sala com a boca dura virada para baixo. Ele não falou comigo e eu não disse nada. Tudo que eu conseguia pensar quando olhava para ele era a nota aguda em sua voz, nos porões.

Minha mãe não era real para mim. Não me lembrava do toque da mão dela ou do som da voz dela. Tudo isso em mim era Magreta. Mas minha mãe me trouxe para a segurança duas vezes; ela me carregou em seu coração até que eu pudesse respirar, e ela me deu uma última gota de magia quase reduzida a nada em nosso sangue, o suficiente para eu encontrar meu caminho para o inverno no vidro de um espelho. Eu tinha esses dons dela e os tinha dado tanto por certo que nunca me ocorrera antes agradecer por eles. E menos ainda, para meu pai afiado e ambicioso, que me entregaria a um marido brutal ou mesmo para um feiticeiro sem hesitação. Eu não acreditava que havia um limite no uso que ele teria feito de mim. Mas com a memória de Chernobog crepitando na lareira, fumaça e chamas vermelhas, encontrei em mim uma clara e nítida certeza de que meu pai, que me dissera estar orgulhoso de mim, não teria vendido minha alma a um demônio por uma coroa.

Não havia muita gentileza nesse limite estreito. Isso me deixou fria, toda a minha vida. Mas mesmo isso era mais do que Mirnatius havia sido dado. Eu mal podia culpá-lo por não se importar. Havia algo nele para se importar? *Ninguém mais teve um minuto para receber a bruxa,* ele disse, as únicas palavras gentis que ele já disse sobre alguém.

No curso normal das coisas, o filho de uma esposa executada teria sido escondido em um luxuoso mosteiro em algum lugar para não ter filhos estranhos, uma vez que seu irmão estivesse coroado em segurança e ele não fosse mais necessário como reposição. Eu imaginava que, como um destino que ele queria evitar, uma das razões pelas quais ele fez sua barganha teria sido um castigo para um homem ambicioso. Mas é claro que isso não era

verdade. O homem que gastou magia demoníaca para construir sua própria gaiola dourada e dedicou mais tempo a seus cadernos de esboços do que suas notas fiscais poderiam ter entrado naquele retiro sem arrependimento. Mirnatius teria passado seus dias com caneta, tinta e douraduras, moldando a beleza e se contentando. Em vez disso, seu demônio havia assassinado o irmão que ele amava, para colocar uma coroa que ele nunca desejou em sua cabeça.

E agora aqui estava eu, arrastando-o como uma criança descuidada batendo com uma boneca quebrada atrás dela, barganhando com o demônio que estava em sua barriga por causa do reino com o qual ele não se importava, como se ele nem estivesse lá. Como se ele não importasse, como se nunca tivesse importado para ninguém. Não é à toa que ele me odiava por isso.

Não podia me desculpar pelo que fiz. Eu já sentia muito por isso. Miryem gritou comigo por causa do horror naquela sala da torre abaixo, acorrentando uma vítima de sacrifício para ser devorada repetidamente por um demônio de fogo, e eu não precisava que ela me dissesse que era mau. Mas só podia me arrepender do tipo de arrependimento de meu pai. Tinha pena dos filhos de Staryk e teria parado seu rei do inverno de outra maneira, se pudesse. Eu teria libertado Mirnatius, se tivesse a chance, em vez de aumentar sua miséria de escravo acorrentado. Mas o mundo que eu queria não era o mundo em que vivia, e se eu não fizesse nada até que pudesse reparar todas as coisas terríveis de uma só vez, não faria nada para sempre.

Eu não podia nem pedir desculpas a ele. Ele não teria acreditado em mim e não deveria. Ainda havia uma linha de falha em Lithvas para ser curada, e um demônio sentado em nosso trono. Fiquei feliz por ter quebrado o inverno, não importando como tivesse sido feito, mas não era idiota por pensar que poderíamos fazer um aliado de algo como Chernobog. Na noite passada, tornou-se uma escolha entre ajudá-lo ou deixar o rei Staryk nos enterrar no gelo, então eu escolhi – não o mal menor, mas o menos imediato. Mas eu sabia que quando Chernobog terminasse de beber a vida de Staryk, ele se viraria e voltaria para nós, e eu não deixaria Lithvas nua diante dele.

Então, amanhã, quando Casimir chegasse, ainda mais enfurecido que Ulrich, meu pai sussurraria uma promessa de traição em seu ouvido. E quando finalmente o rei Staryk fosse devorado a nada, lá embaixo, eles e Ulrich iriam todos juntos e conversariam com os velhos padres que, vinte

anos atrás, haviam trazido as cadeias abençoadas por santos da catedral para prender uma bruxa-tsarina para as chamas. E naquele dia, ao amanhecer, quando o demônio se escondesse do sol, eles levariam meu marido à fogueira e o queimariam como sua mãe, para libertar todos nós do seu alcance.

Eu sabia que tudo isso iria acontecer e eu não estenderia minha mão para detê-lo, mesmo agora que eu sabia que o próprio Mirnatius era inocente. Eu ainda não o salvaria, em sua meia-vida, e condenaria Lithvas às chamas em seu lugar, assim como não tentaria salvar as crianças de Staryk com uma pechincha que usava a vida de meu próprio povo como garantia. Eu estava fria o suficiente para fazer o que tinha que fazer, para poder salvar Lithvas.

Mas isso me deixaria fria por dentro novamente. Olhei para Vassilia e para Ilias, que estava debruçado sobre ela, sussurrando e fazendo-a corar, e a invejei tanto quanto sempre ela poderia querer, agora quando eu não podia mais me permitir sonhar, ainda que sem vontade, com o calor na minha própria cama de casamento. Essa foi a única coisa que eu pude fazer por Mirnatius. Eu não fingiria oferecer a ele bondade. Eu não pediria novamente a ele gratidão, perdão ou civilidade. E eu não olharia para ele e quereria algo para mim, como outro lobo faminto lambendo minhas costeletas sobre um osso vermelho já exposto.

Então, fiquei em silêncio durante a refeição, exceto para falar com Ulrich do meu outro lado e oferecer o melhor para ele, de tudo, lisonjeando e acalmando-o tanto quanto eu podia. Quando ficou tarde e o sol começou a afundar sob as janelas, Mirnatius levantou-se e todos entregamos o casal feliz em uma procissão ao quarto de dormir do corredor. Ulrich viu os outros homens da família de Mirnatius se acomodando na sala do outro lado, e Vassilia sorrindo para Ilias, que passara o braço dela pelo dele e estava beijando as pontas de cada um de seus dedos, ambos corados de vinho e triunfo. E Ulrich pressionou a mandíbula, mas aceitou o convite de meu pai para ir ao escritório e tomar um brinde do bom conhaque para os dois futuros netos, então pelo menos ele desistiu, mesmo que ainda não estivesse reconciliado.

— Mas você, eu temo, minha querida noiva, se resigna a uma cama fria — disse Mirnatius em uma zombaria selvagem de nós dois, quando estávamos sozinhos em nosso quarto, enquanto ele jogava um anel de lado e espalhava os anéis dos dedos sobre a penteadeira. Os raios do sol estavam se pondo pela varanda. — A menos que você queira chamar aquele meu

guarda *entusiástico*; nesse caso, você terá algumas horas para se divertir. É um passeio cansativo para lá e para cá, e imagino que meu *amigo* deseje ficar com sua refeição.

Eu o deixei cuspir as palavras em mim e não disse nada. Ele fez uma careta para mim e, de repente, ele sorriu, vermelho e, oh, eu preferiria tê-lo fazendo uma careta. — *Irina, Irina* — Chernobog cantou para mim, rouco e baixo. — *Mais uma vez eu pergunto. Você não vai tomar um grande presente de mim em troca do rei do inverno? Me dê ele, indique o seu preço, eu te darei qualquer coisa!*

Não havia tentação nele. Mirnatius me salvou disso para sempre. Eu não acho que eu poderia querer algo o suficiente para tirá-lo de suas mãos, com um demônio sorrindo do seu rosto vazio para mim. Tentei imaginar algo que me obrigasse a fazê-lo: uma criança cujo rosto ainda não tinha visto morrendo em meus braços; guerra prestes a devorar Lithvas inteiras, as hordas no horizonte e minha própria morte terrível chegando. Nem mesmo então, talvez. Essas coisas tiveram um fim. Eu balancei minha cabeça. — Não. Apenas nos deixe sozinhos, eu e os meus. Não quero mais nada de você. Vá.

Ele sibilou, murmurou e olhou para mim vermelho, mas ele saiu fervilhando pela porta. Magreta entrou logo que ele partiu, como se estivesse escondida em algum lugar do lado de fora esperando. Ela me ajudou a tirar a roupa, colocou a coroa de lado e pediu chá, e depois que ela veio me sentei no chão ao lado de sua cadeira e descansei minha cabeça em seu colo, como nunca fiz quando menina, porque sempre teve trabalho lá. Mas hoje à noite ela não teve nada, nem costura ou tricô pela primeira vez, e acariciou minha cabeça e disse suavemente: —Irinushka, minha corajosa. Não fique triste. O inverno se foi.

— Sim — eu disse, e minha garganta doía. — Mas se foi porque eu alimentei o fogo, Magra, e ele quer mais madeira.

Ela se inclinou e beijou minha cabeça. — Tome um chá, dushenka — disse ela, e preparou minha xícara muito doce.

*

Não havia mais estrelas esculpidas nas paredes para eu seguir, apenas uma linha reta, mas eu ainda fui devagar. Tentei ficar bem no meio do túnel de terra e pisei o mais levemente que pude, e deixei minha capa arrastar-se

atrás de mim para suavizar minhas pegadas: era longa e sua bainha havia se arrastado no molhado do esgoto. Eu não tinha ido longe quando a escuridão começou a aparecer, uma luz fraca ao longe se aproximando de uma curva, fazendo com que as paredes de terra assumissem uma forma reconfortante, cheia de seixos e raízes de árvores: eu não estava mais andando às cegas e havia um forte cheiro de fumaça nas minhas narinas. Cem passos a mais, e eu estava olhando para uma estrela de luz de velas amarela ao longe.

Estava tão claro contra a escuridão do túnel que não conseguia mais ver mais nada. Comecei a caminhar em direção a ela. A luz aumentou e meus passos diminuíram; a pergunta estava ficando mais alta nos meus ouvidos a cada um. Era mais fácil dizer a meu pai e mãe que eu tinha que ser corajosa quando estava em segurança em um quarto com eles, com a mão de minha mãe segurando a minha. Foi até mais fácil ficar na frente do Staryk e se recusar a se curvar diante dele. Pelo menos eu estava com *raiva* naquele momento; eu tinha vingança e desespero do meu lado, e nada que eu valorizava a perder. Agora as balanças pesavam muito: meu povo, meu avô, minha família; Wanda e seus irmãos, que me salvaram. Minha própria vida, minha vida que lutei para recuperar. Eu não precisava fazer isso. Eu poderia voltar e sair deste túnel e ainda ser eu mesma, tão inteligente e corajosa quanto eu queria ser.

Mas quando me aproximei lentamente, tão perto que comecei a ver as paredes de pedra da sala no fim do túnel e a luz das velas brilhando nelas, de repente, nas minhas costas, veio um forte sopro de vento quente fluindo, e o a luz dentro da sala tremeluzia com ela. Minha pele arrepiou debaixo dela, e eu sabia o que havia atrás de mim. O que havia aberto uma porta atrás de mim, e agora estava descendo por esse túnel, chegando a esta sala.

Ainda havia um momento para fazer a pergunta mais uma vez. A essa altura, eu já estava parada do outro lado da cidade. Não estava muito longe do esgoto, e era um longo caminho daqui até o palácio ducal. Ainda tinha tempo de me virar e correr de volta. Ninguém jamais saberia que eu estava aqui. Mas, em vez disso, corri para o arco, o mais silenciosamente que pude. Espiei rapidamente pela borda e não vi um guarda, apenas a curva de um anel de velas, pingando em tocos, e além dela uma linha brilhante de brasas no chão. Havia fumaça no ar, embora não tanto quanto eu esperava: havia um traço de fumaça subindo.

Então respirei fundo e entrei na sala, e o Staryk se virou e me viu. Ele ficou muito quieto por um momento e depois inclinou a cabeça um pouco

para mim. — Senhora — disse ele. — Por que você veio?

Ele estava parado sozinho dentro do anel de carvão, chamas lambendo ao seu redor. A corrente de prata estava enrolada em torno dele, apertada o suficiente para pressionar impressões em suas roupas de prata. Eu ainda queria odiá-lo, mas era difícil odiar alguém acorrentado, esperando por aquilo no túnel. — Você ainda me deve três respostas — eu disse.

Ele fez uma pausa e disse: — Devo mesmo, ao que parece.

— Se eu deixar você ir — eu disse. — você promete não trazer de volta o inverno? Deixar meu povo em paz e não tentar matá-los todos de fome?

Ele se afastou de mim, endireitou-se brilhando e disse friamente: — Não, senhora. Não te darei essa promessa.

Eu olhei para ele. Eu pensei em minhas perguntas com cuidado, todo esse caminho no escuro. Uma para fazê-lo terminar o inverno, uma para fazê-lo me deixar em paz, uma para fazê-lo prometer parar a invasão para sempre. Eu tinha uma posição de negociação tão boa quanto eu poderia ter. Não me ocorreu nem uma chance de considerar que, mesmo agora–ele estava vinculado, vinculado à sua morte, a *todas* as suas mortes, e ele ainda não o faria. — Então você nos deseja mortos tanto assim — eu engasguei, horrorizada. — mais do que você deseja salvar seu próprio povo, você nos odeia, de modo que prefere morrer aqui, banqueteado...

— Para salvar meu povo? — ele disse, sua voz subindo. — Você acha que eu gastei minhas forças, gastei o tesouro do meu reino até a última moeda e entreguei minha mão para uma, como havia pensado, mortal indigna — e igualmente zangado, ele parou e inclinou a cabeça para mim como se em um claro pedido de desculpas. — por alguma causa menor do que isso?

Eu parei de falar. Minha garganta se fechou com as palavras. Ele olhou para mim e acrescentou amargamente: — E depois de tudo isso que eu fiz, agora você vem e me faz uma pergunta covarde, se eu comprarei minha vida, com a promessa de ficar de lado e deixá-lo levar todos eles? *Nunca,* — ele estava rosnando, lançando as palavras na minha cabeça como pedras. — Eu vou me segurar contra ele enquanto durar a minha força, e quando falhar, quando não puder mais segurar a montanha contra suas chamas, pelo menos meu povo saberá que eu fui adiante deles e guardei seus nomes em meu coração até o fim — Ele balançou a cabeça ferozmente. — E você *me* fala de ódio. Foi o *seu* povo que escolheu essa vingança contra nós! Foram

vocês quem coroaram o devorador, o nomeou seu rei! Chernobog não tinha forças para quebrar nossa montanha sem vocês atrás dele!

— Nós não *sabíamos*! — eu explodi, horror trazendo minha voz novamente. — Nenhum de nós sabiamos que o tsar havia negociado com um demônio!

— O seu povo é tão tolo que, involuntariamente, dá a Chernobog poder sobre vocês? — ele disse com desdém — Vocês serão bem servidos por isso. Você acha que ele será verdadeiro? Ele se apega às formas de proteção, mas quando vê uma chance de matar sua sede, as abandona novamente sem hesitar. Quando ele nos drenar para os restos, ele se voltará contra vocês e transformará seu verão em deserto e seca, e me alegro em pensar que você se abateu comigo e com os meus.

Coloquei as mãos nas têmporas, pressionei as palmas das mãos contra elas, minha cabeça latejando de fumaça e horror. — Nós não somos tolos! — eu disse. — Somos mortais, que não têm mágica, a menos que você a enfie em nossas gargantas. Mirnatius foi coroado porque seu pai era o tsar e seu irmão morreu; ele era o próximo na fila, só isso. Não podemos ver um demônio escondido em um tsar; não há mágica alta nos protegendo, se somos verdadeiros ou não! Você não precisava do meu nome para me ameaçar e me arrastar de casa. E você pensou que isso me tornava indigna, em vez de *você.*

Ele se encolheu como se eu o tivesse atingido, e ficou afiado e com arestas irregulares em sua prisão. — Você três vezes provou que estava errado — ele disse depois de um momento, rangendo os dentes como blocos de gelo raspando um contra o outro — Não posso te chamar de mentirosa agora, como quiser. Mas ainda assim eu mantenho minha resposta. *Não.* Eu não prometo.

Eu tentei pensar, desesperadamente. — Se eu deixar você ir — eu disse finalmente. — você promete parar o inverno assim que Chernobog sair do trono e nos ajudar a encontrar uma maneira de derrubá-lo? A tsarina vai ajudar! — adicionei. — Ela quer que ele se vá; você viu que ela não aceitaria nada dele. Ela ajudará, desde que não signifique todos nós congelados! Todos os senhores de Lithvas irão, para acabar com o inverno. Você nos ajudará a lutar com ele, em vez de apenas nos matar para matá-lo de fome de sua presa?

Ele não conseguia se mover dentro da corrente de prata; então, em vez disso, ele bateu o pé e explodiu: — Eu o derrotei! Eu o joguei no chão e o

amarrei com seu nome! É pelo seu ato que ele foi desencadeado de novo!

— Porque você tentou me arrastar para longe gritando para fazer mais inverno para você pelo resto da minha vida, e ameaçou matar todos que eu amo! — gritei de volta para ele. — Não *ouse* ouse tentar dizer que a culpa é minha; não ouse dizer que nada disso é culpa nossa! O tsar foi coroado apenas sete anos atrás. Mas você está enviando seus cavaleiros para roubar ouro desde que os mortais vieram aqui para viver, e quem se importava se eles matassem e estuprassem por diversão enquanto estavam nisso: não éramos fortes o suficiente para impedi-los, então você olhou pelo nariz da sua montanha de vidro e decidiu que não importava! Você merece ser amarrado aqui e comido por um demônio, e aqui está você! Mas a filha de Flek não merece! Vou te salvar por ela, se você me ajudar a salvar as crianças aqui!

Ele estava prestes a responder, depois hesitou e olhou em direção ao túnel. Olhei para trás nas profundezas do campo: havia um leve brilho vermelho ali perto, um incêndio, e ele se virou para mim e disse: — Muito bem! Liberte-me, e prometerei isso, não utilizar do inverno uma vez que Chernobog seja derrubado e meu povo salvo de sua fome e ajudá-la a derrotá-lo. Mas até que isso seja feito, não prometo nada!

— Certo! — eu explodi. — E se eu libertar você, promete? — e então parei, percebendo de repente que só tinha uma pergunta, não duas. Apressadamente mudei e terminei: — Você promete a si e a todos os Staryk, deixar eu e todo o meu povo–deixar Lithvas–em paz? Sem mais invasões, sem mais estupros e assassinatos por ouro ou por qualquer outra causa...

Ele olhou para mim e disse: — Liberte-me, e prometo: não haverá mais caça ao seu povo no vento do inverno; nós iremos, cavalgaremos na floresta e nas planícies cobertas de neve, e caçaremos os animais de pelo branco que são nossos, e se alguém for suficientemente tolo para entrar em nosso caminho ou invadir a floresta, eles podem ser pisoteados; mas não procuraremos sangue mortal e não levaremos tesouros, nem mesmo ouro aquecido pelo sol, exceto em vingança pelo dano igual dado em primeiro lugar, e não tomaremos nenhuma mulher que não queira, que tenha se recusado.

— Nem mesmo *você* — acrescentei intencionalmente.

— Como eu disse! — ele olhou em direção à porta novamente, e a luz estava ficando mais brilhante, vermelha e pulando nas paredes. Estava

chegando rapidamente agora. — Quebre os anéis de fogo!

Inclinei-me e tentei apagar uma das velas, mas a chama apenas pulou e não se apagou. Estava derretido tão espesso que eu nem conseguia arrancá-lo. Eu tive que correr até a boca do túnel, raspar a terra com as mãos e derramar, sufocando-a como um fogo de cozinha em óleo quente, e queimou minhas mãos no final antes de sair. Mas os carvões estavam tão quentes que toda a sujeira que eu conseguia segurar nas duas mãos não fez nada para impedi-los de queimar; então, tirei minha capa e a dobrei para que a parte úmida ficasse no fundo e a joguei no chão, sobre o anel.

— Você deve me tirar daqui! — ele disse, e eu estendi a mão sobre o anel escaldante, peguei a corda e puxei-o para fora, por cima da capa, bem a tempo; pegou fogo sob o pé dele quando ele saiu, chamas lambendo com tanta fúria que a ponta longa e ondulada de sua bota acendeu. A coisa toda queimou sua perna em uma explosão repentina de chamas e fumaça, e ele tropeçou em mim ofegante. Eu quase caí com o peso dele, e apenas consegui fazê-lo encostar na parede. Ele estava tremendo, os olhos quase fechados, e ficou translúcido de dor; linhas tênues e avermelhadas subiam como aranhas em teias por todo o pé e até o joelho, onde pendia a ponta queimada de suas calças, ainda vagamente fumegando.

Agarrei a corrente de prata e tentei puxá-la sobre a cabeça dele, e depois tentei empurrá-la para baixo, mas mesmo com todo o meu peso, ela não se mexia. Eu olhei em volta em desespero; havia uma pá ali, enfiada em um carrinho de mão cheio de carvões. Eu o peguei pelos ombros e inclinei-o no chão para poder colocar a ponta da pá em um dos elos de prata. Pisei na lâmina com o pé como alguém cavando, tentando empurrar o chão, pegando o elo entre o ferro endurecido e o chão de pedra: tinha apenas uma polegada de comprimento, não quase tão grossa quanto o meu dedo mindinho, mas não abriria: não abriria e, pelas minhas costas, ouvi um grito repentino e distante de raiva.

Eu não olhei: para que serviria olhar? Levantei a pá e enfiei-a novamente em desespero, depois a deixei cair e me ajoelhei e peguei a corrente de prata nas mãos. Eu tentei mudar isso; Fechei os olhos e lembrei dos baús nas despensas, lembrei da sensação de prata deslizando em ouro sob minhas mãos, o mundo ficou escorregadio em meus dedos porque assim o desejei. Mas a corrente só ficou quente em minhas mãos, quase queimando. Havia passos correndo em nossa direção, descendo o túnel, e todos os carvões

subitamente explodiram em chamas, mesmo os que estavam no carrinho de mão, com uma espessa e negra fumaça subindo ao nosso redor.

E então ele se mexeu nas minhas mãos e sussurrou: — A pá. Rápido. Coloque a lâmina na minha garganta. Me mate, e ele não pode devorar meu povo através de mim.

Eu olhei para ele horrorizada. Eu o queria morto, mas não sangrento pelas minhas próprias mãos; eu não queria ser *assim* tão parecida com Judith, arrancando a cabeça de um homem. — Eu não posso!— resmunguei. — Eu não posso olhar para você e enfiar uma pá no seu pescoço!

— Você disse que salvaria a criança! — ele me disse *acusadoramente.* — Você disse que salvaria! O fogo *vem para nós,* você será uma mentirosa até a sua morte?

Ofeguei em um suspiro de fumaça, fumaça preta queimando que queimou minha boca, nariz e garganta, e lágrimas caíram dos meus olhos. Eu não queria morrer e não queria matar; eu não queria matar um assassino com mãos ensanguentadas. Eu queria isso mais do que não queria ser uma mentirosa. Mas ele ia morrer de qualquer maneira, morreria *pior,* e todos morreriam com ele. Havia mil maneiras de morrer, e nem todas eram igualmente ruins. Eu sussurrei: — Vire o rosto — e peguei a pá novamente e levantei-a, meus olhos correndo com lágrimas, a fumaça o cobrindo quando ele se virou—

—e através da fumaça brilhava um único brilho claro no meio de suas costas aprisionadas: um brilho frio como o luar, azul na neve, onde Irina usara seu colar de prata Staryk para prender as duas pontas de uma corrente de prata quebrada. Larguei a pá e peguei. De repente, um punho agarrou meu cabelo por trás e puxou minha cabeça para trás, e senti chamas pegando no meu cabelo, um cheiro terrível de queimado, mas eu, esticando, peguei o colar com a ponta do dedo, e ele ficou dourado ao meu toque.

O aperto soltou meu cabelo. Caí no chão tossindo e enjoada e com o cabelo ainda ardendo quando outro rugido de raiva subiu. Mas de repente ficou fino e estridente e uma rajada de vento de inverno atravessou a sala, um frio tão cruel quanto as chamas tinham sido, e ao meu redor todo fogo na sala se apagou: as brasas ficaram mortas e negras, as velas sopraram no escuro, e a única luz que restou foi o brilho opaco vermelho de dois olhos selvagens acima de mim.

A respiração seguinte que eu puxei foi limpa e fria como o ar congelado após uma tempestade de neve, e esfriou minha pele queimada e minha garganta ardente. Do nada, o Staryk disse: — Suas amarras estão quebradas, Chernobog; por alta magia e barganha justa, sou libertado! — sua voz ecoava contra as pedras: — Você não pode me segurar aqui e agora. Você vai fugir, ou apagarei sua chama para sempre e deixarei você enterrado na terra? — E com outro uivo sufocante de raiva, os olhos vermelhos desapareceram. Passos pesados foram correndo, voltando pelo túnel, fechei os olhos e me enrosquei contra pedras frias, engolindo o ar fresco do inverno.

*

Dormi um pouco depois que Magreta me convenceu a deitar novamente; eu me senti cansada e terrivelmente dolorida. Mas me agitei quando um sussurro repentino de vento estremeceu através das portas abertas da varanda, e me levantei e fui olhar para fora. Não pude ver nada no escuro, as tochas acesas nas muralhas do castelo, mas o vento em meu rosto estava frio novamente e, de repente, tive certeza de que o Staryk havia se libertado. E de uma vez também tive certeza de que Miryem havia feito isso. Eu não sabia como ou o que ela havia feito, mas tinha certeza.

Não consegui encontrar raiva em mim, apenas medo. Eu entendi a escolha dela, embora não fosse minha: ela não queria alimentar a chama. Eu também não, mas ela tinha libertado o inverno para manter as mãos limpas. A neve voltaria novamente: se não hoje à noite, então de manhã, e todo o verde que crescera morreria.

Os outros cadáveres montariam rapidamente depois. Eu tinha visto os lados ocos dos animais que vieram até mim em busca de pão esta manhã; eles não tinham muito mais tempo para viver. Apenas a recompensa repentina de folhas e frutos realmente fez as mesas de festa de meu pai hoje à noite dignas de seu posto, com tudo o que ele foi capaz de fazer. Não havia nenhum porco ou boi inteiro trazido à mesa para exibição: caça e gado eram magros demais para fazer um belo espetáculo. Provavelmente houve o dobro de animais massacrados como de costume para fazer o mesmo banquete, e eu vi os músicos mergulhando suas crostas por muito tempo na sopa fina que receberam, porque o pão estava velho. Isso na mesa de um duque, para o casamento de uma princesa. Eu sabia o que aquilo

significava para as mesas mais pobres do lado de fora das muralhas da cidade.

Mas eu não sabia o que fazer. Só pegamos o rei Staryk com a ajuda de Miryem, e ele ainda quase nos derrotou. Ele não cometeria um erro tão tolo de novo. Eu gostaria de acreditar que Miryem fez uma barganha com ele, o tratado de que ela falara para parar o inverno—mas a neve e o vento diziam que ela não tinha, e não tínhamos tempo para negociações. Se a neve voltasse amanhã e matasse o centeio, toda a alegria da cidade de hoje se transformaria em tumultos assim que as ruas clareassem o suficiente. E se elas nunca voltassem a clarear, todos morreríamos de fome enterrados em nossas casas, chalés e palácios. Poderíamos fazer um espelho grande o suficiente para os nossos exércitos marcharem? Mas os caçadores Staryk, com suas lâminas de prata reluzentes, cortam homens mortais como trigo quando eles chegam. Podemos deixar uma música de nós mesmos, fazendo uma guerra no inverno, mas as pessoas que abandonássemos não podiam comer música.

Magreta colocou minha capa de pele em volta dos meus ombros. Eu olhei para baixo. O rosto dela estava triste e com medo. Ela também sentiu o frio.
— Sua madrasta gostaria que você pagasse a ela uma visita em seus quartos — ela disse suavemente.

Ela quis dizer, vamos sair desta sala; não vamos estar aqui quando o tsar voltar. Chernobog voltaria, é claro, quente, selvagem e zangado. Fogo e gelo, ambos no horizonte ao mesmo tempo, e meu pequeno reino de esquilos ficou entre eles. Mas ele também era minha única esperança de encontrar uma maneira de salvá-lo.

— Vá até o meu pai — eu disse. — Diga a ele que eu quero que ele mande Galina e os meninos embora, hoje à noite, imediatamente, para umas férias no oeste. Com corredores de trenó na carruagem. Diga a ele que quero que você vá com eles.

Ela apertou minhas mãos. — Venha.

— Não posso — eu disse — Eu tenho uma coroa. Se significa alguma coisa, significa isso.

— Então a deixe — disse ela. — Deixe isso, Irinushka. É apenas tristeza em tristeza.

Inclinei-me e beijei sua bochecha. — Ajude-me a colocá-la — eu disse suavemente, e ela foi e a pegou com lágrimas nos olhos e colocou-a de

volta na minha cabeça. Depois, eu a empurrei gentilmente em direção à porta. Ela se apressou, seus ombros dobrados.

O frio estava subindo rapidamente nas minhas costas. O fogo estava morto na lareira, mas um cheiro de fumaça começou a subir de todo modo, a princípio como um eco em uma sala que não era arejada por muito tempo, e depois o cheiro de alguém queimando muito pavio seco muito rapidamente, antes de ouvir os primeiros passos pesados no corredor, correndo, e a porta se abrir. Chernobog entrou na sala apenas com um ardor meio apagado, seus olhos vermelhos escuros e linhas tênues de calor crepitante brilhando na pele de Mirnatius; mas em um momento a porta se fechou atrás dele, e então ele estava rugindo para mim com força total, um vislumbre de chamas amarelas acendendo profundamente em sua garganta: — *Ele se foi! Ele escapou, ficou livre! Você quebrou sua promessa e o deixou fugir!*

— Não quebrei nenhuma promessa — disse. — Prometi trazê-lo, e o fiz; ele não está livre por mim, mas contra mim. Eu também não quero ele solto para pôr o inverno de volta em Lithvas. Como ele pode ser preso novamente ou parado? Diga-me o que pode ser feito.

— *Ele fugiu, fugiu, para onde eu não posso ir! Ele trancará seu reino atrás do gelo e da neve, e me impedirá de me banquetear!* — Chernobog apenas estalou para mim furiosamente; ele começou a andar de um lado para o outro em um movimento lento e contorcido, ao ritmo de uma chama. — *Ele está livre, e sabe meu nome, e já me confinou uma vez. . . Eu teria morrido de fome na pedra fria, não teria me alimentado de nada além de ossos. . . Não posso entrar no reino dele!* — Ele parou por um momento, tremendo, e então cuspiu como a quebra de toras no fogo: *Eu o provei profundamente. Ele é muito forte, ele é grande demais. Suas mãos estão cheias de ouro. Ele me sufocará no inverno, extinguirá minha chama no frio sem fim.*

E então ele se virou para mim com seus olhos brilhantes. — *Irina* — ele cantou. — *Irina, doce e prateada, você falhou comigo. Você não me trouxe meu banquete de inverno* — Ele deu um passo em minha direção. — *Portanto, cumprirei minha promessa e meu banquete em vez disso será* você *; você e todos os seus amores. Se eu não puder ter o rei do inverno, terei sua doçura na minha língua. Você vai me encher de força!*

— Espere!— eu disse bruscamente, quando ele deu outro passo em minha direção; Eu levantei minha mão. — Espere! Se eu te levar para o

reino Staryk, você pode derrotá-lo lá?

Ele parou, seus olhos brilhando como uma faísca alimentada com fios de palha. — *Finalmente você vai me contar seu segredo, Irina?* — ele respirou. — *Agora você vai me mostrar seu caminho? Abra o caminho e deixe-me entrar; que cuidado eu tenho de um único rei então? Vou me banquetear em seus salões até que suas forças caiam, e ainda terei todos eles no final.*

Respirei fundo, olhando para o espelho de vestir que estava perto de mim, meu último refúgio. Uma vez que ele soubesse, eu nunca mais teria um lugar para me retirar. Mas eu só tinha duas opções: eu poderia correr sozinha e deixá-lo se deleitar com todos atrás de mim, ou levá-lo até lá, e saber que ele poderia voltar para mim, com fome. Estendi minha mão. — Venha, então — eu disse. — Eu te levo lá.

Ele estendeu a mão como a mão de Mirnatius, os dedos longos e finos vindo para agarrar os meus, a pele quente, com a fumaça reunida como um grande punho em volta do pulso. Virei-me para o espelho de vestir e, quando ele virou a cabeça, respirou repentinamente e soube que ele viu o que eu vi: o reino de inverno brilhando no vidro, flocos de neve caindo densamente em meio a pinheiros escuros. Fui até o espelho e o puxei atrás de mim, e entramos na floresta coberta de neve.

Mas ele apareceu como uma figura de cinzas e chamas, linhas vermelhas brilhando entre os dentes e uma língua enegrecida por trás deles, como se Mirnatius fosse uma pele que ele pudesse tirar, e todo o seu corpo fosse um carvão vivo envolto em fumaça. O frio surgiu como uma explosão no meu rosto, um vento nevado, e ao meu lado Chernobog deu um pequeno grito e foi transformado em brasas escuras e úmidas por aquele vento selvagem. Mas depois de um instante de luta, o calor vermelho voltou a brilhar por baixo de sua pele: ele estava queimando muito fundo, muito calor, para ser apagado tão facilmente. O frio recuou ao seu redor, e um lugar cada vez mais livre de neve caindo se abriu ao nosso redor. Estávamos em pé nos fundos da casinha, o lugar que eu deixei pela última vez; mesmo quando olhei para a banheira cheia de água, o gelo nela se partiu e se partiu em pequenos pedaços que derreteram rapidamente.

Chernobog extraiu grandes tragos do ar com um olhar sonhador e glutão no rosto. — *Oh, o frio* — ele suspirou. — *Oh, os doces barris que eu vou beber. Que banquetes me esperam aqui... Irina, Irina, deixe-me recompensá-la, querida, antes de eu partir!*

— Não — eu disse, fria com desprezo. Ele parecia pensar que poderia trair repetidamente, e ninguém notaria. A mãe de Mirnatius não havia negociado muito com ele, mesmo que estivesse enterrada na coroa pela qual trocou o filho. — Eu ainda não aceitarei nada, além de você deixar a mim e os meus em paz.

Ele fez um barulho de queixa novamente, mas estava distraído demais para se importar: o vento soprou um guincho frio no rosto como uma ponta de faca, e ele se virou e saltou em direção a ele quase como se pudesse segurá-lo com as mãos. E talvez ele pudesse, porque, ao pular, estendeu os dois braços, como se quisesse abraçar o ar, e o vento que me veio onde eu estava atrás dele estava quente. Ele se apressou por entre as árvores em direção ao rio, e seus pés deixaram largas pegadas espaçadas, indo direto para a grama verde e fresca enterrada sob a neve, o cheiro úmido da primavera brotando do chão a cada passo. Mesmo depois que ele sumiu da minha vista, as pegadas derretidas continuaram crescendo, devorando a neve entre elas.

# CAPÍTULO 23

O Staryk me levou em seus braços, ou talvez um vento de inverno me embalasse; de qualquer maneira, fui carregada como um floco de neve soprado para cima e para fora de um alçapão quadrado em direção a uma encosta, com a muralha da cidade a menos de trinta metros de nós e as luzes da cidade brilhando do outro lado. O que quer que estivesse me carregando me derrubou novamente com um baque deselegante, fiquei deitada ofegante e com dor de garganta, na terra—a terra quente, luxuriante com grama verde e macia, e embora prateada com gelo em um círculo ao redor de onde o Staryk se ajoelhava, a pele dele reluzia úmida e brilhava por toda parte, como se estivesse derretendo.

Mas ele cambaleou, com um pé ainda descalço e ergueu os braços, com os olhos brilhando e o círculo de geada começou a se espalhar ao seu redor, as folhas da grama se curvando e se comprimindo quando os cristais de gelo as cobriam, o chão embaixo de mim ficando duro e frio, como se agora que ele estava livre, ele pudesse convocar de volta todo o inverno que havia sido arrancado dele. — Espera! — gritei em protesto, ajoelhando-me indignada.

Ele olhou para mim e disse ferozmente: — Ele já bebeu do meu povo! Eu não vou deixar...

Ele parou e deu meia-volta um instante tarde demais; eu gritei involuntariamente quando uma espada foi empurrada através dele, a lâmina o perfurando na frente por baixo das costelas e saindo pelas costas brilhando branca com o gelo e exalando a névoa fria no ar ao seu redor. Era um dos guardas do tsar, alguém corajoso o suficiente que pegara a corda

para levar Staryk para fora da casa do meu avô. Ele devia estar vigiando do lado de fora da torre: estava pálido de horror por baixo do bigode, mas determinado, os olhos arregalados e a mandíbula cerrada e as duas mãos em volta do punho da lâmina.

O guarda tentou puxá-la de volta para fora do corpo do Staryk, mas ela não saiu e o gelo estava correndo rapidamente em direção às mãos enluvadas. Seus dedos se afastaram quase por vontade própria quando o gelo os alcançou e o Staryk caiu pesadamente no chão, seus olhos ficaram enevoados e brancos. O soldado ficou olhando para ele, tremendo, torcendo as mãos; os dedos de suas luvas estavam com as pontas brancas. Eu também estava olhando, ambas as mãos sobre a boca, segurando outro grito. A espada atravessava o corpo do Staryk. Eu não via como ele poderia sobreviver; aquela ferida quase não parecia real e um estranho vazio me preencheu; eu não conseguia pensar.

Mas o Staryk, tateando às cegas, alcançou o punho da espada saindo para fora de seu corpo, que começou a ficar totalmente branco sob seu toque, camada sobre camada de formação de gelo. A espada inteira estava sendo congelada. O soldado e eu voltamos ao movimento; ele puxou uma adaga longa do cinto e eu gritei: — Espere — novamente, ofegante e me esforcei para ficar de pé, agarrando seu braço — Me escute! Temos que parar o *demônio,* não ele!

— Fique em silêncio, bruxa! — o soldado cuspiu em mim. — *Você* fez isso, *você* o deixou livre, para desfazer o trabalho da nossa abençoada tsarina — e então ele bateu no meu rosto com o outro punho fechado, um golpe perfeitamente comum que sacudiu meus dentes e abalou através meu corpo. Caí atordoada e enjoada e ele se virou para esfaquear o Staryk.

E então Sergey, saindo do escuro, agarrou seu braço e o deteve. Os dois ficaram de pé sobre o Staryk lutando por um momento: Sergey era um garoto alto e forte e agora eu estava agradecida por cada copo de leite, cada ovo e cada fatia de frango assado que minha mãe lhe dera. Eu resmungava sobre eles na minha cabeça, contando centavos e agora, tarde demais, queria ter sido mais generosa: se ao menos não tivesse sido mesquinha, se tivesse colocado ainda mais no prato dele, pedisse que ele comesse, talvez ele estivesse sendo forte o suficiente agora. Mas ele não estava; ele ainda era apenas um garoto e o soldado era um homem crescido, treinado para matar pelo tsar. Ele pisou nos pobres pés de Sergey em suas galochas de

palha com sua bota pesada, e o torceu jogando no chão, libertando a mão com a adaga.

Mas então o soldado parou onde estava. Uma estranha palidez serena saiu da armadura e subiu pelo seu pescoço e rosto. A espada no peito do Staryk havia se quebrado em pedaços imperfeitos de aço congelado, espalhados em branco-azulado sobre a grama ao redor dele. Ele estava deitado de costas, com os olhos fechados, os cílios congelados contra um tipo de cor violeta pálida nas bochechas, mas ele estendeu a mão e pegou a perna do soldado que estava ao lado dele. Gelo estava se espalhando com aquele toque; viajou por cima da bota e da perna do soldado e subiu por todo o seu corpo, congelando-o no lugar.

A cor se intensificou no rosto do soldado, a pele sobre as maçãs do rosto se partindo e se enroscando em preto por conta da ulceração pelo frio. Eu escondi meu rosto nas mãos e não olhei até terminar e não haver mais nada dele além de fragmentos de gelo por toda parte e a adaga curta caiu brilhando mortalmente no chão.

Eu me arrastei de joelhos, meu rosto doendo e sensível ao toque. Sergey sentou-se estremecendo também, tocando os pés com as mãos. O Staryk estava deitado no chão ainda brilhando. A geada o rodeava em um círculo cada vez maior, delicados padrões de flocos subindo pelas folhas da grama e ele estava respirando; o lugar em que a espada o perfurara estava coberto por uma camada grossa de gelo branco, como se ele tivesse empacotado com muita neve. Mas ele não se sentou. Sergey o encarou e olhou para mim. — O que nós devemos fazer? — ele me perguntou, em pouco mais que um sussurro, e eu olhei de volta para ele. Eu não fazia ideia; o que eu *deveria* fazer com ele deitado no chão, espalhando o inverno ao seu redor como tinta na água?

Inclinei-me sobre ele e ele abriu os olhos e olhou para mim vagamente, como se estivesse enxergando a névoa. — Você pode convocar a sua estrada? — eu perguntei a ele. — Seu trenó? Eles vêm para te levar de volta?

— Longe demais — ele sussurrou. — Muito longe. Minha estrada não pode correr sob árvores verdes. E então ele fechou os olhos novamente e ficou lá imóvel, impotente e ferido e talvez até morrendo, exatamente quando eu parei de *querer* que ele morresse. Então, ele estava determinado a permanecer com a mesma utilidade que esteve comigo o tempo todo. Eu queria *sacudi-lo,* fazê-lo se levantar, só que eu tinha medo que ele se

partisse ao longo da linha da fratura onde a espada o atravessara. Sergey ainda estava olhando para mim e eu disse sombriamente: — Teremos que carregá-lo.

Sergey não o tocaria diretamente e eu realmente não podia culpá-lo. Tirei minha capa molhada e manchada de cinzas e a deitei no chão e, cuidadosamente, uma após a outra, levantei as pernas do Staryk e depois seus ombros e depois o joguei pelo restante do caminho. Ele nem se mexeu. — Tudo bem — eu disse. — Pegue a parte de cima e eu pego a de baixo — e *então* o Staryk se mexeu, quando Sergey foi pegar o topo da capa e tentou fracamente atacá-lo.

Sergey recuou aterrorizado e eu larguei minha ponta da capa com um baque. — O que você está fazendo? — eu reclamei.

Ele virou a cabeça em minha direção e sussurrou: — Ele vem em meu auxílio sem ser solicitado, sendo indesejado! Devo permitir que essa criatura encolhida, esse ladrão furtivo, me sujeite a uma obrigação sem fim, para que ele possa pedir o que quiser de mim?

Eu poderia ter pego a adaga e esfaqueado ele eu mesma. — Chernobog ainda está sentado naquele castelo, pronto para devorar todos nós, você está meio morto no chão e ainda fica aqui pensando primeiro em seu orgulho. Tenha orgulho depois que ele se for!

Mas ele apenas olhou para mim com *reprovação.* — Minha senhora, serei orgulhoso então — ele disse. — e antes também; não estabeleci limites para o meu orgulho.

Cerrei os dentes e disse a Sergey: — Peça uma coisa para ele! — Sergey olhou para mim como se achasse que eu tinha enlouquecido. — O que você gostaria que ele lhe desse por sua ajuda? E não faça pechinchas — acrescentei vingativamente. — desde ele está tão ansioso para ser orgulhoso.

Sergey disse depois de um momento, bem devagar, como se não confiasse inteiramente em mim: — Para... para minhas colheitas nunca serem arruinadas pela geada? — Eu balancei a cabeça e o Staryk não começou imediatamente a tentar matá-lo novamente, então ele teve coragem e acrescentou: — E nenhum dos meus rebanhos jamais se perder em uma nevasca? E... — eu ainda estava acenando para ele. — caçar até os animais brancos na floresta?

O Staryk fez um pouco de careta, então Sergey parou apressadamente, mas eu achava que estava dando certo de qualquer maneira — Então! — eu

disse para ele — Isso serve? Você fará essa barganha em troca da ajuda de levá-lo em segurança? Ou você ficará aqui até as chuvas da primavera derreterem você completamente?

— Ele barganha alto, para um ladrão baixo — o Staryk murmurou. — Mas a sorte sorri para ele; muito bem, eu concordo — e então ele deixou a cabeça afundar na capa e ficou mole. Sergey avançou muito lentamente até as extremidades da capa e, mais lentamente, pegou-os novamente, com os olhos no Staryk o tempo todo. — Está tudo bem — eu disse a ele. — Ele disse que sim — mas Sergey apenas lançou um rápido olhar para mim como se dissesse que levaria seu tempo de qualquer forma, obrigado.

Finalmente o levantamos e cambaleamos com seu peso balançando entre nós na rede feita pela capa. Ele fez um embrulho desajeitado ao ser carregado, e depois de caminharmos dez minutos sem ele convocar uma tempestade de neve ou tentar outro assassinato, ou mesmo sentar para dizer uma palavra, Sergey me disse baixo: — Espere. Vou levá-lo nos meus ombros — Nós o levantamos e eu ajudei Sergey a jogá-lo sobre os ombros, ainda mantendo a capa em volta dele. Sergey cambaleou um pouco com o peso e estremeceu, mas depois disso fomos mais rapidamente.

O ar ao nosso redor era frio e cortante, não muito congelante, mas também não uma primavera quente e quando olhei para trás, estávamos arrastando geada branca pela estrada e as árvores acima estavam curvando novas folhas murchas pelo frio. Qualquer um poderia estar nos seguido. Eu temia o demônio, temia mais guardas, temia até mesmo um tumulto de homens comuns, desesperados para acabar com o inverno. Mas ninguém veio atrás de nós e, em vez disso, ouvimos um barulho de rodas de carroças vindo em nossa direção pelo outro lado; então paramos e corremos para as árvores ao lado da estrada para nos esconder: um esconderijo não muito eficaz, quando agulhas brilhantes de geada brotavam em torno de nós como uma flor, mas pelo menos ainda estava escuro. A carroça subiu e passou por nós, um brilho de luz passando entre as árvores e depois parou e meu pai chamou: — Miryem? — suavemente, no escuro.

Saímos e colocamos o Staryk na carroça. Sentei-me ao lado dele enquanto Sergey e meu pai se viraram e começaram a dirigir, as rodas da carroça rangendo com o gelo, deixando-as brancas e rastejando sobre as pranchas de madeira. Os cavalos sacudiram as orelhas inquietos para ouvir ao redor e atrás deles e apressaram o passo, mas não conseguiram fugir; nós carregamos o inverno conosco. Pelo menos a viagem foi muito curta: pelo

que meu pai havia dito, eu esperava que estivesse muito mais longe de Vysnia. Mas pareceu menos de uma hora antes de sairmos das árvores para uma pequena casa dentro de um jardim, cercada por um muro baixo de pedra, e eles puxaram os freios dos cavalos.

Wanda saiu para abrir o portão para nós e Sergey desceu e foi colocar os cavalos no pequeno celeiro. Eu balancei o Staryk até acordá-lo o suficiente para dizer: — A mesma barganha, para todos que moram aqui, para ajudá-lo.

Ele olhou para mim com os olhos brancos e murmurou: — Sim — antes de desvanecer.

— Vamos colocá-lo na cama? — meu pai perguntou, olhando para mim por trás do carrinho, mas balancei a cabeça.

— Não — eu disse. — No lugar mais frio que pudermos encontrar: existe um porão?

Sergey, que estava voltando, me ouviu perguntar, encolheu os ombros e disse: — Podemos procurar um — como se ele pensasse que um poderia aparecer inesperadamente de repente; e então ele pegou uma lanterna e foi olhar atrás da casa e depois atrás do celeiro e então sua voz chamou suavemente: — Tem uma porta aqui.

Meu pai segurou a lanterna para ele, enquanto Sergey puxou a porta plana de madeira e a abriu: uma rajada de ar frio veio nos encontrar, com um cheiro de terra congelada. Carregamos o Staryk escada abaixo. Era um grande espaço aberto, com paredes de terra e um piso de pedra ainda muito frio ao toque. Quando o deitamos e tiramos a capa, o gelo espalhou-se rapidamente ao seu redor e agora que paramos de movê-lo, ele começou a ficar mais densamente branco; meu pai deu uma pequena exclamação quando seus dedos foram pegos puxando a capa.

Recuamos e olhamos fixamente para o Staryk: seu rosto estava abatido e retorcido e as linhas afiadas de suas maçãs do rosto ainda brilhavam molhadas por um momento, mas o brilho da água endureceu em gelo enquanto observávamos e eu achei que ele respirou um pouco mais facilmente.

— Talvez um pouco de água — eu disse depois de um momento. Do lado de fora, Wanda abaixou um balde para nós com uma xícara de madeira. Mergulhei e levantei a cabeça do Staryk para colocá-lo em sua boca, ele se mexeu e bebeu um pouco. A xícara congelou com o toque de seus lábios e uma camada de gelo já estava se formando sobre a superfície da água

quando eu a tirei novamente. Olhei para o pé nu e queimado dele: em partes deformado como um boneco de neve meio derretido, apenas vagamente reconhecível. Peguei a camada de gelo da água e coloquei na pior parte, que afundou na carne dele e a levantei um pouco. Eu olhei para Wanda, que ainda estava olhando para nós de cima. — Existe gelo em algum lugar? Ou alguma parte do rio que ainda está congelada?

Mas ela tinha ido buscar água mais cedo e balançou a cabeça — Está tudo derretido — disse ela. — O rio inteiro está aberto, banco a banco.

— Nós poderíamos embalá-lo em palha — meu pai sugeriu duvidosamente — Como guardamos gelo para o verão.

— O que precisamos é levá-lo de volta ao seu reino — eu disse. Se Chernobog nos encontrasse aqui, não precisaria de ajuda para colocar correntes de prata e um anel de fogo em volta do Staryk. Faria tudo por si só desta vez e então talvez *fosse* capaz de forçá-lo a desistir de seu nome e de todo o seu povo. Mas eu não sabia o que fazer. A estrada dele não corria sob árvores verdes e o único resquício de inverno que restava em Lithvas era em nossa adega. Quando saímos de lá, Wanda me deu a mão para me ajudar, o corrimão da escada e a borda de ferro ao redor da porta estavam todas cobertas de branco e dolorosamente frias ao toque e a grama acima havia morrido devido à fria crepitação; a terra estava fria e congelada sob nossos pés.

Mas, enquanto eu estava lá no escuro, olhando para ele no porão, parecendo uma estátua sepulcral pálida caída em um anel de gelo, uma repentina rajada forte de vento quente atravessou as árvores, agitando meus cabelos e quando olhei para a estrada, a trilha de gelo que deixamos para trás nela já havia desaparecido como orvalho. E de manhã, um sol de verão nasceria.

Eu tinha desejado que ele morresse e ainda queria ficar com raiva dele: tudo o que ele tinha feito comigo e ele nem se sentia mal por ter feito isso; ele só estava arrependido por não acreditar que eu poderia fazê-lo *pagar.* Mas eu andei naquele túnel para salvar Rebekah, Flek, Tsop e Shofer e ele também foi para as trevas para fazer isso. Ele se apresentou como um sacrifício por eles; e ele dobrou seu orgulho de ferro e se casou com uma mortal, não para guardar tesouros para si ou conquistar, mas para salvar seu povo de um inimigo terrível. E agora ele estava deitado ali meio morto e o pensamento revirou meu estômago, de vê-lo derreter em nada, ele e todos

eles que se foram como se nunca tivessem conquistado seu reino de inverno das trevas.

*

A coroa de prata parecia estranhamente quente em minha cabeça. Eu segurei minhas peles brancas em volta de mim e observei o fraco brilho vermelho de Chernobog viajando ao longe: o fogo que eu havia desencadeado sobre este reino gelado que me protegera. O vento soprando no meu rosto estava cheio de cinzas em vez de neve e do cheiro de madeira queimada e eu sentia tanto quanto Miryem. Mas eu sabia que tinha que fazer isso e sabia o que ainda tinha que fazer agora. Eu tinha que voltar ao meu próprio reino, chamar meu pai e chamar os sacerdotes e as correntes abençoadas. Eu não sabia quanto tempo as vidas de todos os Staryk satisfariam Chernobog, mas quando quer que ele terminasse, ele voltaria. E durante as horas do dia, enquanto ele dormia enrolado e repleto na barriga de Mirnatius, nós colocaríamos as correntes nele e o queimaríamos, acendendo um fogo com outro.

Quanto mais cedo eu fosse, melhor; precisávamos estar prontos quando ele voltasse. Mas eu ainda estava lá, assistindo o fogo subir, e disse: — Sinto muito — embora ninguém a quem eu pudesse me desculpar estivesse lá. Eu estava sozinha em um jardim com meia neve e meia grama verde. Não havia criança Staryk diante de mim acusadoramente e nem mesmo meu próprio marido preso; a única criatura viva em qualquer lugar à vista era um único esquilo que tinha saído para mexer nas migalhas que eu havia espalhado alguns dias antes. E se mais alguém estivesse lá, eu ficaria em silêncio. Não importava se eu me preocupava, que eu sentisse muito; o que importava era o que eu tinha feito, o que eu faria.

— Eu também salvaria seu reino, se pudesse — disse ao esquilo, que não prestou atenção em mim: estava interessado apenas nas migalhas, que eram pelo menos úteis para uma criatura, pois minhas desculpas não eram. Voltei para a banheira cheia de água. Olhei para dentro e vi meu quarto de dormir, com a penteadeira diante do espelho coberto pelos anéis que Mirnatius havia espalhado e o casaco fino que ele jogara descuidadamente. Um fogo mortal que eu havia acendido atrás de mim e outro ainda à frente e fechei os olhos por um momento enquanto lágrimas inúteis deslizavam das minhas bochechas e pingavam na água.

Cegamente, coloquei minha mão na água para passar através dela, mas em vez do ar quente do quarto de dormir, minha mão entrou em água fria e, abaixo da superfície, outra mão encontrou a minha e colocou algo nela. Eu pulei de volta, assustada com o toque e olhei na minha mão. Era a noz de uma árvore estranha, oval, lisa e branca como o leite fresco. Um pouco de terra havia se agarrado em seus lados. Eu olhei para a água novamente; o quarto ainda estava lá, esperando. Resolvi experimentar, colocando minha outra mão e, desta vez, não senti a água e a vi saindo do outro lado.

Mas eu puxei minha mão para trás em vez de percorrer todo o caminho. Olhei para a noz na minha mão novamente. Lentamente, me virei e voltei para a frente da casa. Havia um pedaço de terreno aberto perto da porta, logo acima da linha entre o crepúsculo e a noite, onde a neve havia derretido: o chão parecia como se alguém estivesse cavando lá, revolvendo o solo. Eu pensei que talvez valesse a pena tentar plantá-la. Eu não sabia nada melhor que eu pudesse fazer e tinha sido enviada aqui, para o reino Staryk; eu não acho que deveria levar isso de volta comigo.

Coloquei a noz no chão e comecei a abrir um pequeno buraco na terra, mas antes que eu pudesse terminar, abruptamente, o esquilo veio certeiro em minha direção e a agarrou — Não! — eu disse. Eu realmente não sabia se estava fazendo a coisa certa plantando a noz, mas *tinha* certeza de que não era para alimentar um esquilo. Tentei pegar o esquilo pelo rabo, tolamente, quando saltou de novo e é claro que errei. Mas o esquilo só fugiu para o portão semienterrado do jardim, parou ali e começou a cavar o monte de neve.

Levantei-me e tentei me aproximar sem sobressaltá-lo, embora estivesse lutando para superar os desvios; onde não havia derretido, a neve estava molhada e pesada e grudando nas minhas saias e nas minhas peles. No portão, ainda estava mais alta que meus joelhos. Mas quando cheguei perto, o esquilo jogou a noz no buraco que havia feito e fugiu para a floresta. O esquilo não tinha feito muito progresso cavando através da neve profunda, mas naquele pequeno buraco nevado, a noz brilhava com um brilho ao luar quase como prata Staryk, algo vital lá embaixo da superfície.

Coloquei a noz com segurança no bolso desta vez e comecei a empurrar a neve para o lado, cavando à deriva. Meus dedos ardiam e queimavam com gelo e meus pés e joelhos estavam encharcados e molhados, atraindo o frio para a minha pele enquanto eu cavava e cavava. Tentei envolver minhas mãos na minha capa de pele, mas isso me deixou lenta; desisti e continuei

cavando enquanto minhas mãos ficavam dormentes e sentia meus dedos engrossarem, embora eu pudesse ver que eles ainda eram do mesmo tamanho, apenas congelados de um branco pálido.

Finalmente cheguei ao solo: congelado e compactado com força, cheio de pedras. Eu tive que pegar um pedaço de pau da caixa de madeira da casa para arrancar as pedras grandes e quebrá-las e minhas unhas quebraram e sangraram na terra enquanto eu cavava. Mas continuei trabalhando até fazer um buraco no chão congelado, não muito profundo e então tirei a noz branca com minhas mãos ensanguentadas, coloquei-a no buraco e cobri-a novamente, com a terra e a neve congeladas.

Levantei-me e esperei que algo mais acontecesse. Mas nada aconteceu. A floresta estava silenciosa novamente e eu não vi mais esquilos ou pássaros se movendo. Até o brilho vermelho da chama de Chernobog desapareceu ao longe. Eu não sabia o que isso significava. Eu queria que isso tivesse significado alguma coisa; queria que alguém ou alguma coisa ouvisse minhas desculpas e me desse alguns meios para fazer as pazes. Eu queria pelo menos ter satisfeito meu único esquilo. Mas talvez apenas esperasse que uma árvore de noz crescesse, para que se deleitasse algum dia; ou talvez não era para eu saber o que havia feito. Eu não tinha o direito de exigir respostas e explicações: vim aqui com um exército invasor.

Minhas mãos e pés estavam doendo e congelados e eu não podia mais ficar. Eu me virei e me arrastei com minha capa molhada de volta para os fundos da casa e voltei para a banheira e quando saí do espelho, do outro lado, Magreta veio correndo para mim, exclamando horrorizada por minhas imundas, sangrentas, mãos congeladas e me levou para a bacia para derramar água sobre elas, repetidamente, lavando-as.

*

Enquanto eu olhava para meu rei Staryk adormecido, Wanda segurou meus ombros gentilmente e disse: — Entre e coma. Vamos colocar algo frio em seu rosto. Isso vai ajudar.

Fomos juntas para a casa. Eu estava tentando pensar no que fazer e então diminuí a velocidade e parei no quintal, encarando-a. Eu me virei e olhei de volta para o galpão—o pequeno e familiar celeiro—e de volta para a casa. O telhado inclinado de palha não estava mais pesado com neve, mas a forma era a mesma e a luz do fogo brilhava para dar as boas-vindas.

Os outros continuaram andando alguns passos além de onde estava antes de verem que eu não estava com eles; eles me olharam intrigados. Mas eu me virei e me apressei de repente para a parte de trás e encontrei a banheira profunda ali cheia de água, que Irina havia tentado me levar e olhei para o reflexo do meu rosto. — É a mesma casa — eu disse em voz alta. Wanda veio e olhou para a água e depois para mim. Eu disse a ela: — Esta casa também fica no reino Staryk. Está nos dois mundos.

Ela ficou calada. Então ela disse: — Encontramos coisas aqui todos os dias. Coisas que precisávamos, que não estavam lá na noite anterior. E alguém fiou o fio para mim e comeu a nossa comida.

Pensei na acompanhante de Irina, Magreta, a quem acolhemos para escondê-la de um demônio — *Você* fez o mingau? — eu perguntei a ela e Wanda assentiu.

Eu não sabia se isso era bom. Havia neve lá do outro lado; haviam pingentes de gelo pendurados nos beirais. Mas não consigo alcançar minhas próprias mãos para agarrá-los. Voltei para o porão. O Staryk parecia um pouco melhor; os fracos sinais de cor desapareciam de suas bochechas. — Esta é a casa — eu disse a ele, quando seus olhos se abriram em mim. — A casa da bruxa que você me contou. Aquela que fica nos dois reinos. Existe alguma maneira de atravessar daqui?

Ele olhou para mim por um tempo antes de compreender, e depois sussurrou: — Eu fechei o caminho; restam apenas rachaduras. Eu não queria mais mortais vagando. Deve ser aberto novamente...

— Como? — perguntei. — Com o que?

Ele fechou os olhos. Então respirou fundo, abriu-os novamente e disse: — Ajude-me a ficar de pé.

Juntos, nós o levamos à escada. Ele olhou para o retângulo de ar livre permanente sobre nossas cabeças, as estrelas brilhando contra o céu escuro da noite e estremeceu um pouco. — Você não vai piorar se sair? — perguntei. — Está quente.

— E estará mais quente em breve — disse ele. — A partir de agora minha força diminuirá, não crescerá. Devo usar o pouco que me resta enquanto durar.

Ele desceu em passos lentos e mancou lentamente até a casa, uma mão pressionada ao lado do corpo, mas parou do lado de fora da porta, olhando para a luz laranja do fogo, o rosto pálido e sem expressão e eu lembrei como Shofer olhou para ele com medo. — Espere — eu disse e entrei,

jogando rapidamente uma pilha de cinzas sobre as chamas para apagá-las e fechei a porta do forno. Então me virei e parei, olhando ao redor da sala: minha mãe e meu pai estavam de pé segurando as mãos um do outro olhando pela porta, Wanda ao lado deles e Sergey havia pegado um atiçador. Stepon já estava encolhido em cima do forno sob a capa como um cobertor, mas até ele levantou a cabeça. Todos eles observaram o Staryk quando ele inclinou a cabeça para caber sob a verga e entrou na casa.

Mas ele não olhou para nenhum deles. Em vez disso, olhou ao redor da sala, levantou as mãos e deixou-as cair um pouco frouxas, como se estivesse em desespero e depois foi para um armário no canto à esquerda e abriu. Minha mãe ficou olhando. — Havia um armário... — ela disse ao meu pai, mas o Staryk já havia aberto as duas portas e estava cavando através dela, jogando coisas impacientemente no chão enquanto as pegava das gavetas: um colar de contas verdes, uma capa vermelho escuro, rasgada e manchada de sangue, um buquê de rosas desbotado, um pequeno saco de ervilhas secas que estouraram e rolavam pelo chão por toda parte...

Ele se virou e nos viu todos olhando e perdeu a paciência: — Me ajudem! Ou vocês não me darão a ajuda que barganharam!

— O que você está procurando? — eu exigi.

— Algo do meu reino! — ele disse. — Algo de inverno, para me ajudar a abrir o caminho.

Wanda fez uma pausa e depois foi olhar ao redor da lareira, onde havia prateleiras, mas não havia muita coisa sobre elas. — Não há outro lugar para procurar — disse ela.

Ele fez um barulho impaciente. — Lá! — ele disse: — E lá — e apontou para duas portas nas paredes esquerda e direita do forno.

Todos nós olhamos: não poderíamos ter esquecido deles. Mas o Staryk voltou-se para o armário e continuou jogando xícaras, lenços e colheres com pressa frenética. Depois de um momento, Wanda foi e abriu a porta à esquerda. Havia outro quarto em pé do outro lado que não poderia caber dentro da parte externa da casa. Uma grande cama de madeira com cortinas penduradas estava lá com dois guarda-roupas pesados de cada lado. Atrás da outra porta, ouvia-se um barulho fraco: quando meu pai a abriu com cuidado, do outro lado havia uma despensa, com cordas de alho antigo e seco pendurado no teto entre cachos de lavanda em ruínas e uma pesada mesa de madeira parada no meio com um almofariz e um pilão e o

almofariz estava rolando fracamente na tigela como se tivesse acabado de ser usado, com um leve cheiro de ervas esmagadas no ar.

— Uma pessoa deve segurar a porta — minha mãe disse, cautelosamente, enquanto entramos procurando. Wanda ficou junto à porta do quarto para mantê-la aberta enquanto procurávamos no guarda-roupa e no baú de madeira ao pé da cama: todos amontoados com roupas de cama inúteis e comidas por traças e vestidos com bolsos cheios de poeira; botas velhas apodrecidas, capas e cobertores. Mas no bolso de um vestido que parecia pesado, encontrei um punhado de pedrinhas lisas e pretas que brilhavam estranhamente; eu corri com elas, mas o Staryk disse impaciente: — Não! De que serve isso? Eu poderia vagar dez mil anos nas profundezas dos duendes e nunca mais encontrar uma saída; guarde-as!

Debaixo do travesseiro, minha mãe encontrou uma velha moeda de cobre opaca, que ele rejeitou dizendo: — Também não consigo sonhar meu caminho de casa! — Na despensa, encontramos em uma prateleira um lindo pote de perfume com rolha, que ainda tinha algumas gotas no fundo; isso apenas o fez encolher os ombros. — Veneno ou elixir; o que isso importa agora? — ele disse, abrindo outra gaveta; três ratos cinzentos saltaram dela e fugiram pelo chão e pela porta. O céu estava ficando um pouco mais claro ao longe e sua perna nua e ferida deixava uma marca molhada nas tábuas de madeira do chão onde ele estava.

— Talvez não haja nada! — eu disse.

Sua cabeça estava caída e ele parou e se encostou na porta. — Tem alguma coisa! — ele disse. — Há sim. Sinto o vento do meu reino no meu rosto, ele murmura nos meus ouvidos e nos cantos, embora não possa dizer de onde veio. Precisamos encontrá-lo.

— Não sinto nada além de calor — eu disse — mesmo que o fogo esteja quase apagado.

Ele ficou em silêncio e depois levantou a cabeça novamente e havia um olhar terrível e ferido no rosto. — Sim — ele disse com a voz vazia. — O vento está quente.

Eu olhei para ele. — O que isso significa? — eu disse cautelosamente.

— Chernobog está lá — disse o Staryk. — Ele entrou no meu reino. Ele está *lá*! — Ele se virou abruptamente e, com uma nova onda de desespero, começou a rasgar as pequenas gavetas ao longo do topo do armário, uma a uma, jogando-as no chão, metade delas quebrando, espalhando-se por toda parte: bolas de gude, canetas, lenços, uma boneca feita de trapos, cordas

desenroladas, um punhado de moedas de um centavo, balas velhas em uma bolsa, pedaços de lã cardada, mil e uma coisas desarrumadas enfiadas descuidadamente em um nó após o outro e nada disso do reino do inverno.

— Não conseguimos encontrar mais nada — minha mãe me disse suavemente, saindo empoeirada e cansada do quarto novamente. — Vimos três vezes em cada canto, a menos que ele possa nos mostrar outro lugar para procurar.

— *Está* aqui! — ele disse, girando nela ferozmente. — Está em algum lugar!

Levantei minhas mãos, impotente, quando ela se afastou assustada e então de onde ele estava encolhido em cima do forno, Stepon disse, muito baixo: — Eu tenho isso, mas não posso fazê-lo crescer.

Viramo-nos. Wanda e Sergey ficaram muito quietos, olhando para ele: na mão, Stepon segurava uma fruta branca pálida, com a forma de uma noz verde fresca. O Staryk viu e deu um grito, saltando para frente. — De onde você pegou isso? — ele disse acusadoramente. — Quem te deu?

Staryk estava estendendo a mão como se fosse arrancá-la da mão dele. Stepon enrolou os dedos ao redor, puxando-a para si e Wanda se colocou entre eles e disse ferozmente: — Mamãe deu a ele! Veio dela, da árvore dela e é dele, não sua!

O Staryk parou, olhando para ela. — Não há fôlego suficiente na vida mortal para dar frutos a uma árvore da neve! — ele disse. — Embora você o alimentasse com um, com dois, com três, você mal o teria trazido à tona. Com que sangue você levantou isso, que pode reivindicá-lo verdadeiro?

— Papai enterrou todos os cinco bebês lá — disse Wanda. Seu rosto estava pálido, duro e com raiva, como eu nunca tinha visto. — Todos os cinco dos meus irmãos que morreram. E mamãe no final. Ela deu a Stepon! Isso é dele!

O Staryk olhou para ela e depois para Sergey e Stepon, como se ele os tivesse usado para medir as seis vidas desaparecidas: cinco irmãos nunca cresceram e uma mãe se foi. Então ele deixou cair a mão para o lado dele. Seu rosto ficou desbotado e terrível, ele olhou para a noz branca enrolada meio escondida atrás dos dedos de Stepon e sussurrou: — É dele — concordando, soando como se estivesse concordando com sua própria morte.

Ele cedeu tão completamente que Wanda até parou de parecer zangada. Então estávamos todos juntos, junto com a fruta branca brilhando na casa

com o mesmo brilho pálido de sua prata e o Staryk continuava olhando para ela desesperado e, no entanto, sem dizer uma palavra, como se ele não pudesse imaginar como oferecer uma pechincha por isso. Como você poderia: o que você poderia dar a alguém que seria um preço justo por toda a sua dor, por todos aqueles anos enterrados de tristeza? Eu não teria tomado mil reinos por minha mãe.

Stepon olhou para ela na mão novamente e, em silêncio, ele a estendeu. Mas o Staryk olhou para ele, ferido; ele não a alcançou, como se não pudesse pegar, mesmo quando oferecido.

E então minha mãe se inclinou para frente e beijou Stepon na testa. — Ela ficaria orgulhosa de você — disse e, pegando-a da mão dele, ela se virou e estendeu para o Staryk. — Pegue e salve as crianças Staryk. O que melhor você pode fazer com isso?

Ele só ficou olhando para ela sem se mexer, até que eu estendi a mão e a peguei e ele se virou inexpressivo e desamparado para mim. — O que nós fazemos? — eu perguntei a ele. — Como usamos?

— Minha senhora — ele disse. — você deve fazer o que quiser. Não é minha.

Eu olhei para ele com certa indignação. — O que você *teria* feito, então, se *fosse* sua?

— Eu a colocaria na terra e o chamaria — ele disse. — e abriria minha estrada sob seus galhos. Mas isso eu não posso fazer. Não tenho direito a essa semente; não responderá à minha voz. E também não sei como você pode fazer isso. Uma árvore da neve não se enraíza na primavera e você segura o ouro quente do sol e não o inverno em suas mãos.

E então ele continuou olhando para mim—*com expectativa,* como se eu o surpreendesse tantas vezes que agora ele estava simplesmente esperando que eu fizesse isso de novo, quando eu não tinha a menor ideia do que fazer. — Vamos tentar plantá-la novamente — eu disse, por falta de algo melhor para fazer. — Você pode vir e congelar o chão?

Ele inclinou a cabeça. Mas quando abrimos a porta, ele estremeceu, quase caindo diante da onda de ar quente que soprava, mais quente que o interior da casa; cheirava a terra úmida e macia. De qualquer maneira, ele saiu da casa e se curvou como um homem que se encolhia para forçar o caminho com o ombro em uma nevasca uivante.

Ao lado da porta, encontramos o monte de terra onde Stepon já havia tentado plantar a noz, um bom lugar para uma árvore crescer e sombrear a

casa. Mas quando o Staryk tocou a terra, apenas um fantasma de geada deixou seus dedos e desapareceu rapidamente quando uma respiração soprou sobre o vidro frio. Coloquei a noz de volta no chão rapidamente e tentei pressioná-la com a mão; apenas um breve contorno prateado se espalhou por seus dedos e desapareceu novamente.

Ele afastou a mão e observamos a terra um pouco e ele balançou a cabeça. Desenterrei a noz e segurei-a na mão, tentando pensar: não iria crescer na primavera. E então pensei de repente—como Chernobog entrou no reino de Staryk, agora, quando ele só foi capaz de violá-lo à distância antes?

Levantei-me e corri para os fundos da casa, para a banheira profunda lá. Eu olhei para ela. Era apenas água em uma banheira de madeira, mas poderia ter algo mais do outro lado—se Irina estivesse do outro lado, com sua coroa de prata, depois de ter levado Chernobog deslizando através do reino de inverno, tentando novamente salvar Lithvas do rei Staryk que eu havia libertado.

Eu não sabia se ela estava lá, ou se ela tentaria me ajudar se estivesse. E se ela estava, e o faria, eu nem poderia explicar o que queria que ela fizesse. Mas eu sabia que não poderia fazer mais nada desse lado, sozinha. Pensei em portas que se abriam onde não haviam estado e quartos e armários aparecendo do nada, depois fechei os olhos e mergulhei a mão na água, buscando esperança, ajuda.

Minhas juntas não atingiram o fundo. Continuei abaixando-me profundamente e, por um momento, senti uma mão do outro lado, afastando-se. Peguei-a e apertei a noz branca nela, depois puxei meu braço para fora da água e olhei para a palma da mão vazia. Também olhei para a banheira e a noz sumira. Pude ver claramente o fundo da banheira através da água: não havia nada lá.

Olhei para a banheira por outro momento, meio incrédula de que tinha funcionado e então corri de volta para a frente da casa: todo mundo estava em círculo olhando fixamente para o Staryk e ele estava encostado na parede da casa, magro e brilhando quase como se estivesse suando, com uma cega agonia no rosto. Eu o peguei pelos braços. — Passou! Acabou! O que mais eu faço?

Ele abriu os olhos, mas acho que ele não me viu; eles estavam sujos e manchados de branco e azul. Ele sussurrou: — Convoque-o. Convoque-o se puder.

— Como? — eu disse, mas ele fechou os olhos e não disse nada e eu me sentei inexpressivamente.

Então meu pai disse: — Miryem — lentamente. Eu olhei em volta para ele em desespero. — É o mês errado, mas as árvores não floresceram antes e os frutos não estão cultivando. Podemos dizer a bênção — Ele olhou para Stepon, Wanda e Sergey e acrescentou gentilmente: — Alguns até dizem que ajuda aqueles cujas almas retornaram ao mundo em frutas ou árvores, a seguir em frente.

Ele estendeu a mão para mim e a outra para minha mãe. Nós nos levantamos do jeito que sempre fizemos na primavera, em frente a uma macieira em nosso quintal, e dissemos juntos: — *Baruch ata adonai, eloheinu melech haolam, shelo hasair b'olamo kloom, ubara bo briyot tovot v'ilanot tovot, leihanot bahem b'nai adam* — a bênção para as árvores frutíferas em flor. Eu sempre amei dizer isso: significava esperança, uma respiração profunda de alívio; significava que o inverno havia terminado, que logo haveria frutas para comer e o mundo cheio de fartura. Quando menina, no início da primavera, eu ia ao quintal todas as manhãs e olhava os galhos para o primeiro sinal de floração, para correr e contar ao meu pai quando podíamos dizer. Mas desta vez eu disse isso mais ferozmente do que nunca, tentando segurar cada palavra dela com força na minha cabeça, imaginando-as escritas em letras de prata que se transformavam em ouro enquanto eu as falava em voz alta.

Quando terminamos, todos ficamos em silêncio. Nada aconteceu a princípio, até onde vimos. Mas, de repente, Stepon deu um grito e fugiu de nós em direção ao portão da casa, acenando com as mãos para afugentar um pequeno pássaro que acabara de pousar no chão para bicar. Ele ficou olhando com as mãos cerradas até Wanda e Sergey e então todos nós fomos e nos juntamos a ele. Uma pequena muda branca estava saindo da terra, um pequeno rastejar contorcendo-se aparecendo de repente.

Nós o encaramos. Eu já tinha visto sementes estourando antes, feijão saindo da terra, mas esta veio mais rápido, uma primavera inteira passando diante de nossos olhos em instantes: endireitou-se numa muda de uma fina árvore branca e começou a balançar como alguém tentando escalar uma corda, parando de vez em quando para recuperar o fôlego antes de se levantar um pouco mais. Uma coroa de minúsculas folhas brancas se desenrolava como bandeiras no topo, fantasmagoricamente pálidas e elas começaram a bater e se esticar urgentemente, empurrando para cima.

Quando chegou ao meu joelho, começou a soltar galhos finos que se abriam dos lados como pequenos chicotes e mais folhas brancas se abriram. Tivemos que recuar para dar espaço, e ela ainda estava crescendo; agora sem problemas, de forma constante e crescente.

Eu me virei e corri de volta para o Staryk. Ele não acordou ou se mexeu; ele estava deitado contra a casa, muito magro e de um azul profundo, como se algum núcleo dele estivesse emergindo de uma camada de gelo e quando o toquei minhas mãos estavam molhadas, mas Wanda veio e me ajudou. Juntas, o puxamos para a árvore e o deitamos embaixo dela e de repente o gelo crepitava subindo por todo o chão, subindo a casca branca e sobre a pele dele, o azul profundo desaparecendo novamente sob a camada congelada. Ele respirou o ar do inverno, abriu os olhos e olhou para os galhos que se espalhavam da árvore e ele chorou, embora eu quase não pudesse dizer, porque suas lágrimas congelaram em seu rosto de uma só vez e houve apenas um brilho saindo ele.

Ele se levantou e, enquanto se levantava, a árvore já era alta o suficiente para ele ficar embaixo dela, embora não parecesse tão grande ainda um momento antes e quando ele colocou as duas mãos no tronco, ela explodiu em flores de prata atravessada com ouro. Ele estendeu a mão e tocou uma flor com as pontas dos dedos, olhando-a confuso.

— Cresceu, cresceu — dizia Stepon; ele estava engolindo soluços, chorando como se não soubesse se estava feliz ou triste, com minha mãe ajoelhada com os braços em volta dos ombros magros, acariciando sua cabeça.

E então o Staryk se afastou e colocou a mão no portão e quando ele o abriu, do outro lado havia uma estrada branca, uma estrada branca alinhada com outras árvores brancas, mas não corria um eterno inverno: havia uma escuridão do outro lado, uma nuvem de fumaça e ardor. Ele olhou para ela com o rosto fixo e então entrou e caminhou um pouco pela estrada e um veado branco veio saltando das árvores. Nós o tínhamos seguido até o portão, mas toda a minha família se afastou para o quintal quando ele saltou. Por um momento, vi com os olhos deles, as garras afiadas e as presas monstruosas pairando sobre o lábio superior e a língua vermelha, mas agora era apenas mais um dos cervos para mim. Ele foi em direção ao cervo e, enquanto montava, seu pé não estava mais nu; uma bota de prata fechou-se ao redor e então ele estava todo de prata, com armadura e pelo branco, olhando para baixo.

Então ele estendeu a mão para mim e disse: — Chernobog está no meu reino. Como prometi, então farei: se ele for expulso e meu povo for salvo, não trarei de volta o inverno. Você pediu à aliança para ver isso feito: você ainda virá e prestará sua ajuda, embora ele não exista mais em seu próprio mundo?

Eu olhei para ele e queria exigir, meio indignada, que bem ele pensava que eu faria contra um demônio de fogo em uma batalha direta. Havia sujeira sob minhas unhas; meu rosto doía e minha bochecha ainda estava inchada e vermelha onde o soldado havia me atingido e eu estava cansada e era apenas uma garota mortal que se gabava demais em seus ouvidos. Mas olhei para a árvore branca parada ao meu lado, com seus galhos altos e cobertos de flores, e sabia que não adiantava perguntar a ele. Ele apenas deu de ombros e olhou para mim com expectativa novamente, esperando por alta magia: magia que surgiu apenas quando você fez uma versão maior de si mesmo com palavras e promessas e então entrou e de alguma forma cresceu para preenchê-la.

— Sim — eu disse. — Eu irei e farei o que puder... *se* você me trouxer de volta depois!

— Minha estrada ainda não corre sob árvores verdes, minha senhora — disse ele. — e você já me fez prometer suspender o inverno, se formos vitoriosos. Mas o verão não vai durar para sempre, mesmo que eu levante minha mão e isso eu posso oferecer a você: no primeiro dia em que cair a próxima neve, vou abrir minha estrada e devolvê-la à casa da sua família.

Eu me virei: minha mãe e meu pai estavam de pé no quintal e não estavam sozinhos. Wanda, Sergey e Stepon estavam com eles e a casa atrás deles com muito espaço agora. Eles estariam a salvo, todos estariam a salvo, mesmo que eu nunca voltasse depois de um salto selvagem por uma estrada de inverno; eles tinham um ao outro para amar e viver, para sofrer e para se ajudarem no caminho.

Eles já pareciam estar longe de mim, a alguns passos de distância, e seus rostos pareciam quase oníricos quando me olhavam. Mas eu corri rapidamente para eles, beijei todos eles e sussurrei para minha mãe: — Procure-me no primeiro dia do inverno — e seus dedos escorregaram pelos meus quando eu me virei e passei pelo portão, e tomei a mão do rei Staryk, para ele me puxar para montar o seu cervo atrás dele.

# CAPÍTULO 24

Andamos pela estrada branca com neve e cinzas soprando juntas em nossos rostos. As manchas quentes ardiam em meus braços, mas estávamos indo rapidamente; a estrada borbulhava em prata embaixo de nós a cada salto do cervo, indo tão rápido quanto Staryk queria, o mais rápido que podia e com mais um salto estávamos sob pinheiros queimando, uma terrível chama vermelha rugindo acima de nossas cabeças e com outro salto depois disso a estrada explodiu debaixo deles e estava correndo ao lado do rio.

Mas um rio na primavera, rugindo, cheio de pedaços de gelo rachado balançando um contra o outro enquanto passavam por nós rio abaixo. Moedas de prata espalhadas brilhavam entre eles e o Staryk soltou um grito de horror ao ver a cachoeira viva novamente: uma torrente rugindo, explodindo do lado da montanha e caindo em nuvens de vapor. Na base, Chernobog dançou e girou com os braços no ar, gritando de alegria. Ele não estava mais queimando. Ele aumentou de tamanho, passando o de um humano e se tornou monstruosamente grande, uma figura imponente de brasas coberto densamente com cinzas, atado com rachaduras profundas onde veias vermelhas brilhantes de calor passavam, chamas abertas apenas queimando aqui e ali em seu corpo. Ele colocou o rosto na água que caía e bebeu sedentos goles e cresceu um pouco mais, como se estivesse, de alguma forma, fazendo mais de si mesmo para queimar. Moedas de prata Staryk brilhavam como uma carapaça sobre seu rosto e ombros, espalhados sobre ele por conta da queda.

Ele não estava lá sozinho: um grupo de cavaleiros de Staryk estava tentando lutar com ele, jogando lanças de prata na costa da lagoa em

cascatas, mas eles não conseguiram se aproximar. Havia uma floresta de lanças flutuando na água, espalhadas e chamuscadas e ele não se incomodou em se afastar de sua bebida sedenta. O rei Staryk saltou do cervo e gritou para mim: — A montanha deve ficar contra ele, faça o que puder! — então ele sacou uma espada de prata e correu para a lagoa e pôs o pé na superfície. Onde ele pisou, o gelo ficou sólido embaixo dele e ele correu direto para o demônio em uma brilhante estrada branca. Em sua fome extática, Chernobog não o viu chegando; o Staryk enfiou a espada na perna monstruosa, cavando profundamente e Chernobog rugiu furioso quando o gelo se espalhou em uma onda crepitante sobre a superfície.

Eu corri pela estrada até as altas portas prateadas na encosta da montanha e bati nelas. Elas estavam fechadas e barradas. — Me deixem entrar! — eu gritei e, abruptamente, houve um rangido do outro lado e Shofer estava lá, erguendo uma grande viga de prata que havia bloqueado a porta e abrindo-a apenas o suficiente para eu me espremer para dentro. Uma rajada de ar frio escapou, soprando fria o suficiente para me fazer perceber o quão quente já estava lá fora e, mesmo de pé na abertura, o rosto de Shofer instantaneamente começou a brilhar com o derretimento do gelo. Ele arrastou a porta novamente atrás de mim, abaixou a barra de volta no lugar e se afastou, pálido.

— Shofer! — eu disse, tentando segurá-lo. Ele não estava lá sozinho; atrás dele, guardando a porta, havia toda uma companhia de cavaleiros ou lordes de Staryk, todos segurando escudos compridos de gelo azul claro, delimitados em prata, se sobrepondo como uma parede. Eles recuaram da porta aberta, mas uma vez fechada, eles correram para a frente dela novamente e haviam mãos estendidas para nos ajudar a voltar atrás da parede de escudos de gelo. Atrás daquele abrigo, Shofer enxugou o rosto molhado e voltou a se levantar.

Eu peguei o braço dele com urgência. — Shofer, a montanha... onde a montanha é quebrada, onde a cachoeira sai. Você sabe onde é? Você pode me levar até lá?

Ele me olhou, úmido e sombrio, mas assentiu. Juntos, subimos a estrada no coração da montanha, deslizando um pouco a cada passo; a superfície ficou escorregadia e havia minúsculos filetes de água correndo pelo pavimento em alguns lugares. Quando finalmente chegamos ao grande espaço arqueado, ele parecia, de alguma forma, um pouco menor em cima, como se o teto tivesse se aproximado de nós e o bosque estava cheio de

mulheres Staryk amontoadas sob as árvores brancas, formando uma cidadela menor delas mesmas. Vi entre seus corpos os núcleos azuis profundos de crianças sendo protegidas do calor crescente. Elas olharam para cima enquanto eu passava correndo com Shofer, com desespero em seus rostos; o chão estava amolecendo sob os pés e os galhos das árvores brancas estavam caindo. O riacho estreito borbulhava da nascente e correndo pelo bosque até as paredes da montanha.

Ele me levou a um túnel paralelo ao lado dele, as profundas paredes cristalinas exalando uma névoa fraca ao nosso redor, cheia dos rangidos baixos de um lago congelado começando a se romper na primavera. E então o caminho terminou repentinamente em outro túnel, suas paredes muito lisas e o rio se tornou amplo descendo por ele. Ele parou na beira, olhando para a água corrente com tristeza e medo, e eu disse: — Eu posso segui-lo daqui! Vai!

Tirei os sapatos, mergulhei na água e corri pelo túnel escuro com a corrente, espirrando água ao longo, até sair novamente, dentro do vasto depósito vazio. Eu corri através dele e para o outro lado e continuei caminhando sobre o espaço estreito e sufocante deixado pela água e pela pilha abarrotada de moedas de prata, montes delas arrastadas pela água. A cachoeira estava rugindo à frente. Chernobog tinha uma forma turva no outro lado da montanha quando me aproximei, uma sombra brilhando em vermelho como a brasa. Consegui escalar uma ladeira maciça de moedas no final, que se acumularam do túnel até a fenda da montanha: uma grande e terrível boca de vidro quebrado que parecia ter sido alinhada com dentes que foram amolecidos nas bordas: sete anos desde que Mirnatius foi coroado e a montanha havia quebrado primeiro.

Imaginei um terremoto ou reverberação estremecendo através do reino Staryk e a rachadura se espalhando para deixar o calor do verão entrar. Eu podia até ver onde eles tentaram consertá-la ou bloqueá-la e a água rompeu de novo e de novo, aumentando a rachadura, a cada ano drenando um pouco mais da força que Chernobog podia dobrar de seu assento no trono. Assim, o rei deles lutava contra o verão todos os anos, desde que ele pudesse; ele nos roubou cada vez mais luz do sol, preso em ouro, para que pudesse convocar tempestades de neve e inverno no outono e primavera e manter o rio congelado, se não pudesse fechar a montanha. E finalmente ele veio atrás de mim, uma garota mortal que se gabava de poder transformar a prata que enchia suas salas de tesouro em um tesouro invencível.

Moedas de prata saíam com a água como peixes pulando, caindo entre os estilhaços, um tesouro que não era nada próximo da água em si: aquela água fria e limpa que era vida, a vida inteira, escoando para fora da montanha para matar a sede que não tinha fim. Chernobog bebia a montanha inteira e todos os Staryk nela e depois voltaria para Lithvas e sugaria todo mundo lá também. Mesmo se o rei Staryk não tivesse me dito, eu saberia. Reconhecia essa fome: uma coisa devoradora que engoliria vidas com prazer e que só fingiria se importar com a lei ou a justiça, a menos que você tivesse algum poder maior atrás de você que ele não conseguisse encontrar uma maneira de trapacear ou quebrar e ele nunca, nunca ficaria satisfeito.

O rei Staryk estava abaixo e todos os seus cavaleiros com ele, em um anel de gelo que o rei mantinha congelado em torno de Chernobog. Eles estavam lutando juntos, determinados e onde suas espadas de prata o atingiam, a geada se arrastava sobre seu corpo. Mas eles não conseguiram apagar o fogo dele. Ele gritou de raiva e a geada evaporou novamente em vapor quando surgiram ondas de chamas abertas das feridas. No entanto, eles não conseguiram chegar ao âmago dele. Ele cresceu muito e ainda estava crescendo; ele ainda estava drenando-os enquanto tentavam lutar contra ele. Ele colocou as mãos em concha embaixo da água que caía e trouxe tragos à boca, jogando a cabeça para trás e rindo com horríveis gargalhadas e com cada gole ele estava crescendo um pouco mais.

Segurei as bordas da rachadura com cuidado e me inclinei e gritei: — Chernobog! Chernobog! — Ele olhou para mim com olhos que brilhavam como metal fundido em uma forja, e eu gritei: — Chernobog, eu te dou minha palavra! Com muita magia, eu vou fechar essa fenda na montanha agora e te expulsar de vez!

Os olhos dele se arregalaram. — *Nunca, jamais!* — ele gritou para mim. — *É minha, minha, um poço para mim!* — e ele se jogou na encosta da montanha e começou a abrir caminho em minha direção.

Eu me afastei da abertura e voltei para o túnel, subindo pelas colinas e vales de prata e esperei até que ele me espiasse através escuridão. Ele riu de mim através da fenda e bateu nas arestas com o punho, quebrando mais a parede de cristal da montanha para abri-la. — *Eu vou entrar, vou beber até me saciar!*

Ele se arrastou e veio atrás de mim, gotas de vapor subindo ao redor de suas mãos e sua barriga enquanto ele se apertava no túnel. Ele colocou o

rosto no riacho e deu um grande gole, jogando a cabeça para trás com prazer para engoli-lo, sorrindo para mim quando ele deixou um pouco sair pelos cantos da boca e rastejou para frente. Eu continuei recuando pelo túnel, até que pulei a última colina de prata e a boca da despensa estava atrás de mim. Ele ainda estava vindo, um brilho vermelho subindo no túnel. A água estava fervendo e borbulhando ao seu redor, subindo pelas paredes; apenas um rio de moedas de prata ficou embaixo dele, grudando no corpo rastejante, no peito e na barriga e na frente das pernas; moedas de prata que mancharam nas bordas, mas não derreteram e ele riu de novo, o som ecoando e levantou uma mão coberta, como se fosse uma armadura, de moedas de prata para fora da água e a sacudiu. — *Rainha Staryk, garota mortal, você achou que uma corrente de prata poderia* me *parar?*

— Não de prata — eu disse. — Mas um amigo me disse que você não gosta muito do sol — Baixei minha mão para tocar a última pilha de prata diante de mim, as moedas que mal eram frias o suficiente para tocar, as moedas que faziam parte de todo aquele enorme tesouro; e tudo junto, até a última delas, eu transformei de uma vez em ouro brilhante.

Ele gritou de horror quando a prata mudou ao seu redor. As moedas embaixo dele começaram a derreter de uma só vez, borrando-se em um único riacho como gotas de água correndo juntas e, à medida que derreteram, o túnel se encheu de uma chama de luz do sol escapando, tão brilhante que meus olhos lacrimejaram. A chama brilhava através das paredes de cristal da montanha, iluminando tudo e ele gritou de novo e se encolheu por trás dos braços e começou a tentar desesperadamente voltar ao túnel para fugir.

Mas em todos os lugares em que a luz o tocava, as cinzas e o carvão começaram a se soltar, expondo a chama derretida por baixo. As moedas amontoadas em sua cabeça e ombros começaram a derreter em grossas correntes de teias de aranha, correndo por todo o corpo dele, deixando ainda mais luz do sol sair e poças de ouro cobriam sua barriga. Grandes pedaços inteiros dele foram cortados pela luz, seus membros se quebrando. Ele estava se encolhendo enquanto lutava, lamentava e se arrastava de volta pelo túnel. A água ainda estava chegando, passando pelas minhas pernas, mas não estava mais alimentando-o: estava esfriando a larga trilha de metal derretido que ele estava deixando para trás, irrompendo em nuvens de vapor que umedeceram as paredes sem nunca o alcançar.

Eu quase não conseguia mais vê-lo através da névoa. Ele já havia se encolhido o suficiente para se virar, seus braços e pernas crescendo esbeltos e compridos enquanto seu corpo afinava e se partia em pedaços, as pontas se dividindo em novos dedos das mãos e dos pés que quase imediatamente também começaram a se lascar e partir em pequenas explosões de chamas que os consumiram. Ele quase alcançou a rachadura à frente: ouvi-o chorar e gemer quando viu a encosta monstruosa de moedas de ouro empilhadas, mas o túnel ao seu redor era mais brilhante que o meio-dia—cem anos de sol de verão pagavam de volta de uma só vez, brilhando através das profundezas da montanha e voltando novamente, e ele estava encolhendo a cada momento.

Ele se atirou desesperado na encosta e subiu rastejando freneticamente em direção à fenda enquanto o ouro derreteu em um oceano de luz ao seu redor. Quando ele se contorceu de volta pelo buraco irregular, ele mesmo o tapou: os dentes de vidro rasparam enormes pedaços grossos de metal derretido de seus lados, pedaços mais maciços de seu corpo se separando deles e explodindo em chamas. A parede de vidro se derreteu em um líquido incandescente e brilhante, fios de mecha escorrendo sobre a fenda, fechando a abertura. Outro grande pedaço se separou e ele caiu da montanha gritando, um pequeno resto contorcido de si mesmo.

Eu estava respirando fundo em um leito de rio de metal opaco, alguns pedaços de ouro espalhados que não tinham derretido completamente grudados aqui e ali e a água escorrendo como chuva pelas paredes do túnel. Quando a luz do sol dourada desapareceu das paredes da montanha—fugindo de volta de onde tinha vindo, eu esperava—a água correndo por mim subiu a ladeira e alcançou a fenda em uma grande nuvem de vapor, e esfriou o vidro e o metal sólido novamente, selando a face da montanha em cristal entrelaçado com linhas de metal salpicadas de ouro.

O ar no túnel começou a esfriar rapidamente, o suficiente para esfriar o suor que pela primeira vez saía na minha pele. As linhas de água que escorriam pelas paredes do túnel já estavam congelando em um sólido branco e pingentes de gelo finos e brilhantes se estendiam, por baixo do teto, quando o gelo começou a formar crosta no rio. Virei-me e tive que lutar contra a corrente congelante que voltava para o depósito vazio: quando cheguei, todo o rio era uma massa de cacos de gelo escorrendo ao meu redor, como pedaços de vidro subindo e descendo em ondas e as portas da grande despensa se abriram de repente e o rei Staryk entrou correndo.

Ele se abaixou e me pegou pela cintura e me levantou na margem. Ele estava respirando com dificuldade; ele perdeu algumas de suas próprias pontas afiadas na luta, derreteu-se para suavizar as curvas com o azul aparecendo por baixo da superfície, mas novas camadas de gelo espesso já estavam se formando sobre sua pele tão rapidamente quanto sobre a superfície do rio e novas pontas brilhantes de gelo brotavam em seus ombros, cobertas de branco a princípio, mas já endurecidamente transparente.

Ele ficou lá me segurando pela cintura por mais um momento, seu rosto quase ferido enquanto ele olhava para o túnel, para a veia de metal que prendia a encosta da montanha. Então ele se virou e segurou minhas duas mãos nas dele, apertando-as com força enquanto olhava para mim, um brilho de luz foi apanhado em seus olhos quase como a luz do sol brilhando através das paredes da montanha. Eu olhei de volta para ele e por um instante pensei que ele iria... Então ele soltou minhas duas mãos e deu um passo para trás e, com uma profunda e graciosa cortesia, caiu sobre um joelho diante de mim e inclinou a cabeça e disse: — Minha senhora, embora você escolha uma casa no mundo iluminado pelo sol, você é realmente uma rainha Staryk.

*

Os cabelos da minha pobre Irina estavam meio soltos, uma grande bagunça emaranhada, gelados e molhados e baralhados de preto com a mesma sujeira das unhas quebradas, das mãos machucadas e congeladas. Tirei a coroa da cabeça dela e coloquei-a de lado e lavei as mãos dela até a sujeira e o sangue se soltarem e elas não parecerem mais pálidas. Ela estava caída, com os ombros dobrados, e eu estava colocando os curativos em torno de suas mãos quando ela levantou a cabeça de repente e olhou para o espelho, o rosto pálido.

— Irina, o que é isso? — eu sussurrei.

— Fogo — disse ela. — O fogo está voltando. Magreta, vá depressa...

Mas era tarde demais. Uma mão saiu do vidro, terrivelmente, como um peixe emergindo da água parada e pegou a borda da moldura do espelho com as pontas dos dedos. Parecia um tronco queimando baixo, cinzento e com cinzas e queimado de fuligem por baixo, com um núcleo de chamas brilhantes. Um segundo saiu também e juntos eles puxaram a cabeça e os

ombros do demônio de uma só vez. Eu não consegui me mexer. Eu era um coelho, um cervo, parado nas árvores, tentando ser pequena, imóvel e invisível; eu estava escondida em um porão escuro atrás de uma porta secreta, esperando não ser ouvida. Minha voz estava presa na minha garganta.

O demônio saiu tão rapidamente, revelado por qualquer ilusão de ser homem. Ele rastejou com velocidade terrível para fora do espelho e caiu no chão, a fumaça subindo em espirais pelas costas, as pernas arrastando e escuras atrás dele e apoiou com uma mão trêmula na mesa próxima para se levantar, a mesa onde a mágica coroa estava colocada. — *Irina, Irina querida, que traição você fez contra mim!* — sibilou para ela, mesmo quando vinha. — *Nunca mais posso me banquetear nos salões de inverno! Ele veio, ele veio, o rei do inverno; a rainha fechou a montanha contra mim! Eles me baniram, tiraram minhas forças, ela roubou minha chama para consertar a parede deles.*

Girou e, com um grande movimento de seu braço fumegante, afastou o espelho e a mesa; o vidro quebrou por toda parte, e a coroa rolou pelo chão para embaixo da cama. Irina se moveu para mim; ela me empurrou em direção à porta, mas o demônio disparou mais rápido que nós, em uma repentina corrida violenta pelo chão, apesar de arrastar seus pés e bloqueou o nosso caminho. Ele bateu forte no chão, e um pouco da chama brilhou vermelho novamente em suas coxas e desceu até algumas faíscas profundamente em seus pés, brasas sendo agitadas para despertar um incêndio. — *Estou com tanta sede, estou tão desidratado!* — o demônio disse, uma queixa estalada. — *Eu devo beber profundamente de novo! Eu queria ficar, Irina, em você! Por quanto tempo eu teria saboreado o seu gosto! Mas pelo menos chore por mim uma vez, Irina, querida, e me dê um pouco de dor.*

Eu estava chorando, estava com medo; mas Irina ficou na minha frente e disse, fria como gelo, mesmo diante do demônio: — Eu trouxe o Staryk para você, Chernobog, como prometi e deixei você entrar no reino de Staryk. E eu já chorei uma vez, pelo que você teria feito. Eu te dei tudo o que você pediu. Não te darei mais nada.

Ele rosnou para ela e se aproximou de nós. Eu afundei de terror quando minhas pernas cederam debaixo de mim, caindo de volta no sofá; eu não conseguia nem desviar o olhar quando ele se arrastou pelo quarto e agarrou Irina pelos braços, seu hálito quente soprou em nossos rostos, horror—e

então ele recuou com um uivo, como se fosse o único que foi queimado e saltou para trás embalando as suas duas mãos.

Pareciam frescas brasas frias da chaminé que nunca viram fogo. Ele gemia, assobiava e lamentava sobre as mãos, abrindo e fechando-as como se o machucassem após um dia de trabalho longo. Gotas de vapor subiram quando ele as esticou até que um estalo de chamas irrompeu pela superfície e elas estavam brilhando em forno novamente. Então ele olhou para Irina com fúria ardente e gritou de raiva: — *Não! Não! Você é minha! Meu banquete!* — e bateu, e então ele se virou—virou-se para mim e eu finalmente gritei, minha garganta se abriu, quando ele se lançou para me agarrar.

Por um momento, apenas senti o toque dos seus dedos terríveis no meu rosto: calor como uma febre sob eles, suando e enjoado. Mas era uma febre no corpo de outra pessoa e não entrou no meu; em vez disso, o demônio se afastou de mim com outro gemido crepitante, aquelas pontas dos dedos ficando frias mais uma vez. Ele olhou para mim com a boca aberta de raiva, chamas do inferno saltando dentro como uma fornalha profunda. Irina colocou a mão no meu ombro. — Eu e os meus — ela disse lentamente. — Você deve deixar em paz a mim e aos meus, Chernobog; você deu sua palavra e eu não tive mais nada de você.

Ele estava olhando para ela quando a porta da sala se abriu. Uma faxineira olhou para dentro timidamente, como se tivesse ouvido meu grito e veio ver o que estava errado. Ela olhou para o demônio e sua boca se abriu, mas era errado demais; ela também foi ao animal—ainda horrorizada. O demônio se virou e a viu; ele se lançou contra ela, embora tenha parado por um momento, ficou cauteloso e abaixou um dedo apenas para tocar sua bochecha macia e jovem enquanto ela virava o rosto, aterrorizada, as mãos levantadas para se proteger.

Cobri minha boca com as mãos; quase gritei de novo, mas ao meu lado Irina nem se mexeu. Ela ficou parada, reta e orgulhosa, olhando do outro lado da sala para o demônio com seus olhos frios e límpidos e não havia nenhuma surpresa em seu rosto quando o demônio afastou o dedo com um ruído rosnado e girou para trás e veio enfurecido em nossa direção novamente. Mas ele não era tão louco a ponto de colocar as mãos em nós novamente, embora quisesse: ele parou e pisou furiosamente. — *Não!* — ele gritou. — *Não! Prometi segurança apenas para você e o seus!*

— Sim — disse Irina. — E ela também é minha. Todos eles são meus, meu povo; toda última alma em Lithvas. E você não tocará em nenhum deles novamente.

O demônio ficou olhando para ela, os ombros arfando, a chama queimando baixa nas cavidades do crânio e os dentes sem brasas. Ele os trincou e cuspiu: — *Mentirosa! Traidora! Você me negou meu banquete! Você roubou meu trono! Mas este não será o meu fim. Vou encontrar um novo reino, vou encontrar um novo lar, vou encontrar uma maneira de me alimentar de novo!*

Ele estremeceu todo o corpo. A chama afundou dentro dele e a pele se fechou sobre sua carne novamente, o rosto de tsar se desenrolando como uma proteção sobre o horror embaixo, até mesmo suas belas roupas tomando forma, de seda, veludo e renda. Cobri meu rosto para não olhar e me encostei no sofá enquanto ele se virava para a porta, até Irina soltar meu ombro. Ela disse, bruscamente: — *Ele* também é meu, Chernobog. Você deve deixá-lo em paz também.

Eu olhei horrorizada: ela se colocou no caminho dele. O demônio parou, olhando-a com uma luz vermelha ainda brilhando nos olhos de joia do tsar. — *Não!* — ele cuspiu. — *Não, eu não vou! Ele me foi dado por promessa, por uma barganha justa, e eu não preciso dar ele a você!*

— Mas você já me deu — disse Irina. — quando você o fez se casar comigo. O direito de uma esposa vem antes da mãe — e ela puxou o anel de prata da mão e estendeu a mão para pegar a do demônio. Ele tentou se afastar, mas ela o segurou com força e empurrou o anel rapidamente em seu dedo até a articulação.

Ele olhou para baixo com fúria vermelha torcendo seu rosto, sua boca se abrindo em outro grito, mas não saiu e o corpo inteiro do demônio se curvou como um arco curvado. Havia uma luz brilhante no fundo de sua barriga, que começou a se mover para cima: a luz vermelha brilhava diante dela como uma vela vindo de uma esquina no escuro, ficando cada vez mais brilhante e então o tsar de repente convulsionou para frente e uma única enorme brasa brilhante de fogo saiu de sua garganta e caiu no tapete diante da lareira. Ele explodiu em um monte de chamas alaranjadas, esfumaçando-se e fervendo, que assobiaram, cuspiram e estalaram para todos nós com raiva, uma boca vermelha se abrindo para rugir.

Mas, ainda meio agachada contra a parede e com o rosto ainda alarmado, a faxineira balançou instintivamente o pote de ferro com areia, cinzas e

brasas ao lado da lareira. Ela o derramou diretamente sobre as chamas, sufocando-as e bateu o balde em cima de tudo.

Ela deixou lá, recuando apressadamente. Uma fina camada de fumaça vazava por baixo, um anel preto e fumegante escurecendo no tapete ao redor da base do balde, mas não foi longe. Depois de um momento, até a fumaça sumiu. Ela estava olhando para ele, respirando com dificuldade e então ela olhou para mim com os olhos arregalados, assustada e alcançou sua bochecha, onde ainda havia uma pequena mancha preta. Mas suas mãos estavam cheias de fuligem e, uma vez que ela tocou sua pele, você não poderia diferenciar das outras.

Eu estava tremendo por todo o meu corpo. Eu não conseguia desviar o olhar do balde por muito tempo. Só depois que o último fio de fumaça se foi, então, finalmente, com um empurrão, me virei para olhar para minha garota, minha tsarina. O tsar estava segurando as mãos dela contra o peito dele, o anel em seu dedo brilhando como prata pálida como as lágrimas escorrendo em linhas prateadas pelas bochechas; ele estava olhando para ela com os olhos brilhando como joias, como se ela fosse a coisa mais linda do mundo.

# CAPÍTULO 25

Sergey e eu voltamos a Pavys três semanas depois, quando Papa Mandelstam estava bem melhor, e ele e Stepon podiam cuidar das árvores frutíferas enquanto estávamos fora. Todas elas estavam crescendo muito bem de qualquer maneira. Sergey voltou para a estrada e chamou o fazendeiro que tinha o celeiro com as flores para vir e ajudá-lo a cortar algumas árvores, por uma parte da madeira, e limpar algumas terras. Levamos essa madeira para Vysnia e a vendemos no mercado de lá e compramos mudas de árvores: maçãs, ameixas e cerejas azedas. Todos elas estavam florescendo.

Enquanto Papa Mandelstam estava melhorando, ele nos escreveu muitas cartas, uma carta para todos com que ainda o deviam: — Nós tivemos sorte — ele disse — Então agora sejamos generosos. Foi um inverno difícil para todos — Eu acho que ele também pensou que se nós viéssemos com essas cartas, então todos na cidade ficariam felizes mais do que gostariam de nos enforcar. Também levamos a carta do tsar, mas, afinal, o tsar estava longe. Nós não precisávamos nos preocupar que eles viessem nos pegar, porque ninguém estava gastando tempo nos caçando: todo o trabalho que todos deveriam ter feito na primavera, eles tinham que fazer agora, com muita pressa, porque o verão já estava começando.

Mas ainda estávamos surpresos quando dirigimos para a cidade. Panova Lyudmila estava em seu quintal varrendo e ela nos chamou: — Olá, viajantes! Vocês precisam de uma refeição na estrada? — e nós olhamos para ela e então ela viu quem éramos e gritou e jogou as mãos para cima e alguns homens vieram correndo, e todos eles pararam e nos encararam e um

deles disse: — Vocês não estão mortos! — como se ele pensasse que deveríamos estar.

— Não — eu disse. — Não estamos mortos e fomos perdoados pelo tsar — peguei a carta, abri e mostrei a eles.

Houve um grande barulho por um tempo. Fiquei feliz que Stepon não estivesse conosco. Veio o sacerdote e o cobrador de impostos, que pegou a carta e a leu em voz alta, e todos na cidade ouviram. O coletor de impostos entregou a carta retornou para mim, inclinou-se e disse: — Bem, todos devemos brindar para sua boa sorte! — eles trouxeram mesas e cadeiras para fora da estalagem e fora da casa de Panova Lyudmila e jarros de krupnik e cidra, todos tomaram uma bebida para a nossa saúde. Kajus não veio, nem seu filho.

Fiquei muito intrigada o tempo todo por que eles pensavam que estávamos mortos, mas eu não quis perguntar. Em vez disso, trouxe as cartas de Panov Mandelstam e dei a todas as pessoas que estavam lá, e as de quem não estavam, eu dei ao sacerdote, para dar a eles. Então todo mundo estava muito feliz, e até brindaram à saúde de Panov Mandelstam.

Depois disso, fomos à casa dos Mandelstams e embalamos tudo na carroça. Panova Gavelyte foi a única que não ficou feliz em nos ver. Acho que ela tinha planejado dizer a Panova Mandelstam que as cabras e as galinhas eram suas agora e Panova Mandelstam não podia tê-las de volta. Mas ela sabia da carta do tsar como todo mundo até então, quando eu e Sergey viemos, ela apenas disse: — Bem, esses são deles — e apontou para algumas cabras doentes e magras.

Mas olhei na cara dela e disse: — Você deveria se envergonhar — eu fui e peguei todas as cabras certas, nossas e deles, e as amarramos até o fim da carroça. Fui buscar todas as galinhas também e as empacotei em uma caixa. Tiramos os móveis e as coisas das prateleiras e embalamos tudo cuidadosamente, e o livro que colocamos sob o assento da carroça, cuidadosamente coberto com um cobertor.

Então terminamos e poderíamos voltar, mas Sergey sentou na carroça silenciosamente e não comecei a dirigir; olhei para ele e ele disse: — Você acha que alguém o enterrou?

Eu não disse nada. Eu não queria pensar em papai. Mas Sergey já estava pensando nele, e então eu estava pensando também. E eu ficaria pensando nele ali, no chão da casa, não enterrado. E Stepon pode começar a pensar

nisso também. Então papai sempre estaria lá no chão, mesmo quando ele não estava mais. — Nós iremos — eu disse finalmente.

Dirigimos a carroça para a nossa casa velha. O centeio estava crescendo. Estava cheio de ervas daninhas porque ninguém estava cuidando disso, mas ainda era alto e verde. Paramos no campo para que as cabras e os cavalos pudessem comer e depois fomos para a árvore branca. Colocamos nossas mãos nela juntos. Foi silencioso. Mamãe não estava mais lá, e a árvore fora da nossa casa não falou conosco. Mas mamãe não precisava mais conversar conosco através da árvore, porque tínhamos Mamãe Mandelstam agora, e ela falaria por ela.

Havia flores de prata nos galhos das árvores. Nós escolhemos seis delas e colocamos uma no túmulo da mamãe e uma para cada um dos bebês. Então nós fomos para casa. Ninguém havia enterrado papai, mas não era tão ruim assim. Alguns animais haviam chegado, e restavam apenas alguns ossos e roupas rasgadas, e não tinha um cheiro ruim, porque a porta havia sido deixada aberta. Pegamos um saco e colocamos todos os ossos nele. Sergey pegou a pá. Carregamos o saco de volta para a árvore branca e cavamos um túmulo e enterramos papai lá, ao lado de todo as outras sepulturas que ele cavou, e coloquei uma pedra em cima.

Não tiramos mais nada da nossa casa. Voltamos à carroça e nos dirigimos a caminho da cidade. Estava ficando tarde, mas nós decidimos que iríamos continuar. Pararíamos para passar a noite na próxima cidade. Faltavam 16 quilômetros, mas a estrada estava livre e era uma noite agradável. O sol ainda não havia chegado ao fim. Ao sairmos de cidade, havia outra carroça chegando, com um cavalo. Estava vazia, então o motorista parou ao lado para nos deixar passar porque tínhamos uma grande carga, e quando nos aproximamos e passamos por ele, vi que aquele garoto era Algis, filho de Oleg, sentado lá no banco. Paramos um momento e olhamos para ele, e ele olhou de volta. Não dissemos nada, mas sabíamos que ele não disse a ninguém onde estávamos. Ele tinha acabado de ir para casa e não havia contado a ninguém que ele tinha nos visto. Nós assentimos para ele e Sergey balançou as rédeas, e continuamos. Nós fomos para casa.

*

As paredes da montanha de vidro estavam seguras agora, mas mesmo assim, dentro delas havia sido um verão e um outono magros: muitas das

piscinas abaixo haviam secado no ataque de Chernobog, e mais vinhedos e pomares morreram. Mas alimentamos as crianças primeiro e depois compartilhamos o que restou, e o rei Staryk me disse: — Eles se encherão novamente quando o inverno vier — quando andamos juntos pelas passagens inferiores, para ver que mal havia sido causado.

Nós enterramos os mortos e tratamos os feridos, colocando-os em fileiras silenciosas sob as árvores brancas: o rei cuidadosamente retirou lascas de gelo do manancial, e os deitou sobre suas feridas, e pôs suas mãos de ambos os lados e persuadiu-a a crescer e se fundir com seus corpos. Algumas das grandes cavernas se fecharam como tartarugas puxando para dentro suas conchas, e tiveram que ser abertas novamente, nos campos abaixo nós cortamos vinhas e árvores mortas, e começamos cortes do que havia vivido, para estar pronto para um novo plantio.

Pelo menos agora eu era capaz de encontrar o meu próprio caminho. Ou aprendi o truque sem perceber, ou a própria montanha estava grata a mim, porque quando eu fui procurar algum espaço ou caverna, as portas certas e passagens foram suavemente abertas para mim. E em meio a todo o trabalho, encontrei mais do que o suficiente para fazer um lugar para mim. O Staryk não sabia nada de manter registros: suponho que era de se esperar apenas de pessoas que não assumiram dívidas e estavam acostumadas a câmaras inteiras vagando e tendo que ser chamado de volta como gatos.

Mas com tudo desarrumado, precisávamos de algo melhor. Eu precisei pedir caneta e papel de seus poetas apenas para ter algo para manter controle de todos os campos e piscinas e em que estado estavam e quanto esperávamos ter, para durar até o inverno. Eu dividi os suprimentos e contei os dias, para que nenhum de nós passasse fome antes do fim.

A contagem daqueles dias parecia longa no começo, mas toda hora foi preenchida. No final, eles estavam passando que fui tomada pela surpresa no dia em que acordei e encontrei as árvores do lado de fora, montanha geada com a primeira neve nova, e eu sabia que a estrada do rei estava aberta mais uma vez. E eu sentia falta da minha mãe e do meu pai, doía por eles saber que eu estava bem, mas ainda fiquei lá olhando por um longo tempo antes de tocar a campainha para chamar os criados para ajudar a me arrumar.

Não demorou muito. Ensinei a Flek e Tsop como mantive meus documentos arrumados, e meus livros estavam limpos; meu avô não teria encontrado nenhuma falha. Eu empacotei um pequeno embrulho, apenas

algumas coisas mas queridas para mim: poucas flores prateadas prensadas, um par de luvas costuradas muito mal que Rebekah tinha feito para mim, e o vestido que eu usava para a dança de verão. Isto não era um grande vestido; a celebração tinha sido uma celebração pela sobrevivência, poucas semanas depois de enterrarmos nossos mortos, e não houve tempo ou força para qualquer coisa grandiosa. Não foi muito mais do que uma simples mudança, mas a seda prateada e fria que percorria os dedos como água e captava a luz entrando pela montanha. Eu usei com meu cabelo trançado com flores, e dançamos em círculo de mãos dadas com meus amigos, os novos e os velhos, que trabalharam ao meu lado, e no final o rei chegou para mim, se curvou e juntos lideramos duas linhas pelo bosque, dançando sob os galhos brancos enquanto derramaram suas últimas flores para descansar até a neve chegar.

Ele cumpriu suas próprias promessas, é claro; ele não fez mais reivindicações sobre mim, e no bosque o trenó estava esperando. Eu dei um último suspiro e virei-me e sai do meu quarto, e desci pela escada estreita. As árvores brancas voltaram a florescer esta manhã, cheias de folhas e flores. Lá ainda havia algumas lacunas nos círculos, onde alguns deles haviam morrido no ataque de Chernobog. Mas em cada um desses espaços, um dos cavaleiros caídos havia sido enterrado com uma fruta prateada sobre o peito e finas mudas brancas tinham saído do chão quando eu os chamei com a bênção. Elas continuaram crescendo aqui, mesmo depois que eu saí. Fico feliz em pensar nisso, que eu as deixei morando atrás de mim.

Mas quando eu me abaixei o suficiente para ver embaixo das folhas, parei, meus olhos ardendo: atrás do trenó, uma companhia cheia e deslumbrante de Staryk tinha reunido, montados nas costas de cervos afiados. Os cavaleiros e nobres carregavam falcões brancos em manoplas de joias e cães brancos agrupados em torno dos cascos de suas montarias, e prata e jóias brilhavam no couro claro: muitos deles vi nos portões, ou ajudei a cuidar embaixo das árvores. Mas não eram apenas eles; até alguns dos agricultores estavam lá, olhando ao mesmo tempo animados e com medo, claramente desconfortáveis em ir para o mundo iluminado pelo sol, mas vindo me ver com seu melhor estilo, seus cabelos presos com prata. E na fila da frente, logo atrás do trenó, estavam Flek e Tsop e Shofer, com Rebekah ali sentada nervosa e de olhos arregalados na frente de sua mãe, seus longos dedos enrolavam nas rédeas trançadas.

Toda a beleza e o perigo de uma noite de inverno em forma de vida, e quando desci e o rei Staryk estendeu a mão para mim e me ajudou a entrar no trenó, fiquei ali por mais um momento, segurando sua mão para me equilibrar, olhando para todos eles, e por último para ele, para ter uma imagem para guardar em meu coração quando as portas do reino de inverno se fecharem atrás de mim.

Sentei-me piscando para afastar as lágrimas, e ele sentou-se ao meu lado, e o trenó saltou sobre a neve. Quase imediatamente quando saímos da montanha, as árvores brancas se desenrolavam dos dois lados da estrada brilhante diante de nós, pingentes de gelo de prata pendurados no alto. Nós voamos para baixo com o vento frio correndo nossos rostos e a grande caçada reunida atrás de nós, soprando os chifres altos e fracos que cantavam como o canto de um pássaro de inverno. O povo de Lithvas não precisaria mais temer essa música. Staryk não viria a eles novamente com algo diferente de um sussurro sob árvores nevadas das quais eles se lembram apenas pela metade. Talvez eu tivesse uma filha um dia, e quando ouvisse aquele som melancólico pela janela numa noite de inverno, eu contaria a ela histórias de uma montanha de vidro brilhante e as pessoas que viviam dentro dela, e como eu estava contra um demônio com o rei deles.

Olhei para ele sentado ao meu lado. Nos últimos meses, ele tinha roupas gastas com mais frequência, ásperas como as de qualquer trabalhador, mesmo que ainda fossem as mais puras e brancas, enquanto trabalhava para reabrir câmaras e túneis mais profundos que desabaram, curando as feridas da montanha quando ele curou seu povo. Mas ele era tão esplêndido hoje quanto todo o resto, e ele se sentou orgulhoso e brilhante com a mão apertada no parapeito do trenó. Ele não se conteve; a jornada terminou muito rapidamente. Parecia que mal saímos quando um vento brilhante e fresco com pinheiros veio em meu rosto, e as árvores brancas abriram-se em um bosque onde ficava uma única árvore, ainda apenas uma jovem árvore, mas bonita e cheia de folhas brancas pálidas, atrás de um portão de madeira, com uma casa gentilmente coberta de neve atrás dela.

Não pude deixar de sorrir assim que vi: eles já fizeram muito. Meus olhos estavam molhados, borrando as finas lascas de luz dourada brilhando ao redor das rachaduras das janelas e da porta. Plumas amigáveis de fumaça saindo de três chaminés, lareiras nos quartos de ambos os lados, e o galpão estava preso ao lado de um celeiro apropriado agora. Eu vi um grande galinheiro, caixas para grãos; algumas cabras estavam vagando pelo quintal.

Logo atrás da casa, havia fileiras de pomares de pequenas árvores frutíferas e uma lanterna pendurada em um poste ao lado da porta, derramando luz sobre um ambiente acolhedor com passagem de pedras varridas até o portão.

O trenó parou diante do portão, perto da árvore. Staryk saiu, e me deu a mão para me ajudar. A caçada ainda estava reunida atrás de nós, mas Flek, Tsop e Shofer haviam descido; um dos outros estava segurando as rédeas de suas montarias. Todos eles se curvaram para mim. Respirei profundamente e fui até cada um deles e os beijei nas bochechas, estendi a mão e tirei o colar de ouro que estava usando e coloquei em volta do pescoço de Rebekah. Ela olhou para cima na palma da mão e disse: — Obrigada De Mãos Abertas — um pouco suave e hesitante, Flek estremeceu um pouco como se estivesse em alarme incerto; mas me inclinei e beijei sua testa e disse: — De nada, pequeno floco de neve — então eu me virei e andei até o portão e coloquei minha mão sobre ele.

Ele se abriu ao meu toque, uma das cabras, que estava navegando sob a leve neve dos postos, sobressaltou-se, fez um *béééé* alto de queixa e fugiu em direção ao celeiro, provavelmente infeliz por ter uma estranha misteriosa surgindo do nada em seu quintal confortável. A porta do a casa abriu de imediato e minha mãe estava ali, com um xale apertado ao redor dos ombros e esperança no rosto, como se estivesse esperando por isso; ela gritou e correu em minha direção pelo caminho com o xale voando atrás dela, vermelho em direção à neve, eu corri até ela, caí em seus braços rindo e chorando, tão feliz que expulsou arrependimentos. Meu pai estava bem atrás dela, Wanda, Sergey e Stepon atrás deles; todos eles vieram ao meu redor: meus pais, minha irmã e meus irmãos, e havia até um cão pastor de pelo grosso pulando em torno de nós com emoção que eu nunca vi, tentando lamber todos nós de uma só vez, e depois plantou os pés e latiu alto duas vezes e depois gritou e correu de volta aos pés de Sergey e espiou ao redor dele.

Eu me virei: eles ainda não haviam desaparecido, aquela caçada brilhante, e o rei Staryk entrou no quintal atrás de mim, um conto de fadas de inverno em pé lá, meio irreal na luz quente da lâmpada, apenas possível pelo brilho azul da neve atrás dele. As mão de minha mãe e meu pai apertaram um pouco em mim, olhando-o com cautela, mas eu tinha a palavra dele e não estava receosa. Engoli em seco e me obriguei a levantar a

cabeça e sorrir para ele: — Você vai me deixar agradecer, desta vez, por me trazer para casa?

Ele balançou a cabeça e disse: — Senhora, eu desprezaria usar tal truque — e depois virou, acenou, e Flek, Tsop e Shofer, um de cada vez, entraram no quintal, carregando um baú, e Rebekah os seguiu, segurando uma caixa pequena. Eles os colocaram no chão e os abriram: duas cheias de prata, uma de ouro e a caixinha cheia de jóias claras, e Staryk virou-se para meus pais e disse, enquanto o encaravam: — Vocês tem um filha solteira em sua casa, cuja mão eu estive procurando. Eu sou o senhor da floresta branca e da montanha de vidro, e vim aqui com meu povo reunido para testemunhar minha declaração a você de minha intenção, com esses presentes para que sua casa faça prova do meu valor, peço seu consentimento para que eu possa cortejá-la.

Meus pais me olharam alarmados. Eu não conseguia dizer uma palavra. Eu também estava ocupada olhando para ele: *seis meses,* ae ele não tinha dito uma palavra para *mim;* porque agora ele estava determinado a fazer tudo exatamente seguindo alguma regra louca que governava o cortejo formal de uma dama por um rei Staryk. Eu imaginei que missões de matar dragões e imortais deveriam estar envolvidas, e possivelmente uma guerra ou duas. Não, *obrigada.*

— Se você realmente queria me cortejar — eu disse. — Você teria que fazê-lo pelas leis da *minha* família, e você teria que se casar comigo da mesma maneira. Economize seu tempo!

Ele parou e olhou para mim, e seus olhos se acenderam de repente; ele deu um passo em minha direção, estendeu a mão e disse com urgência: — E se eu fizer? Quaisquer que sejam, eu me arriscarei, se você me der esperança.

— Oh, você vai — eu disse, cruzei os braços, sabendo que seria o final, é claro. E eu não estava arrependida; eu não ficaria. Eu não me arrependeria de qualquer homem que fizesse isso, não importa o que mais ele fosse ou me oferecesse; aquilo esteve em meu coração a vida toda, uma promessa entre mim e meu povo, que meus filhos ainda seriam de Israel, não importa onde eles morassem. Mesmo que em algum canto da minha mente eu possa ter pensado, uma ou duas vezes, por apenas um momento, que *valeria a pena* ter um marido que preferisse cortar a própria garganta do que mentir para você ou enganar você. Mas não se ele não a valorizasse tão alto quanto o orgulho dele. Eu não aceitaria menos, casar com um homem que me

amaria menos do que todo o resto que ele tenha, mesmo que o que ele tenha seja um reino de inverno.

Então eu disse a ele, sem tristeza, e quando terminei, ele ficou calado por um momento olhando para mim, e então minha mãe disse: — E uma maneira para que ela volte para casa, sempre que ela quiser visitar sua família! — Eu olhei para ela: ela estava segurando minha mão com força, olhando furiosamente para ele.

Ele se virou para ela e disse: — Minha estrada abre apenas no inverno, mas enquanto for assim, vou trazê-la sempre que ela quiser. Isso a satisfaz?

— Contanto que o inverno não acabe e desapareça para sempre quando você não quiser que ela venha! — minha mãe disse amargamente. De repente, eu queria chorar e agarrar-me a ela e, ao mesmo tempo, eu estava tão feliz que poderia começar a cantar em voz alta, e quando ele olhou para mim novamente, estendi a mão para ele e tomei a mão dele com a minha.

Nós nos casamos duas semanas depois: um pequeno casamento, naquela pequena casa, mas meu avô e avó vieram de Vysnia com o rabino na carruagem do duque, e eles trouxeram um presente, um alto espelho de prata em uma moldura dourada, que fora enviada de Koron. E meu marido segurou minhas mãos debaixo do dossel, e bebeu o vinho comigo, e quebrou o vidro.

E no contrato de casamento, diante de mim e meus pais e o rabino, e Wanda e Sergey como nossas testemunhas, em tinta prateada ele assinou seu nome.

Mas eu nunca vou te dizer qual é.



Naomi Novik é a aclamada autora da série Temeraire. Ela foi nomeada para o Hugo Award e ganhou o John W. Campbell Award como Melhor Roteirista, também o Locus Award como Melhor Roteirista e o Prêmio Compton Crook de Melhor Primeiro Romance. Ela também é autora da graphic novel *Will Supervillains Be on the Final*?

Fascinada por história e lendas, Novik é uma primeira geração de americanos criados com contos de fadas poloneses e histórias de Baba Yaga. As próprias aventuras incluem graus de pilhagem na literatura inglesa e ciência da computação de várias torres de marfim, projetando jogos de computador e ajudando a construir Archive of Our Own para fanfiction e outras obras de fãs. Novik é co-fundadora da Organização para Obras Transformativas.

Ela mora em Nova York com o marido e fundador do Hard Case Crime Charles Ardai e sua filha, Evidence, cercados por um número excessivo de computadores ronronando.

POR NAOMI NOVIK

Uprooted
Spinning Silver

THE TEMERAIRE SERIES

Temeraire
Throne of Jade
Black Powder War
Empire of Ivory
Victory of Eagles
Tongues of Serpents
Crucible of Gold
Blood of Tyrants
League of Dragons